PRELECÇÕES PHILOSOPHICAS

SOBRE A THEÓRICA

DO DISCURSO E DA LINGUAGEM, A ESTHÉTICA, A DICEÓSYNA, E A COSMOLOGIA.

POR

SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA.

RIO DE JANEIRO.

NA IMPRESSÃO REGIA.

M DCCC XIII.

Com Licença de S. A. R.

ADVERTENCIA.

HAzares da fortuna, cuja relação pertence a outro lugar, me levarão a consagrar á instrucção da Mocidade os momentos desoccupados dos deveres proprios do Emprego, que exercíto no serviço do Estado.

Era natural, que tendo de recorrer no ultimo quartel da vida á mesma honrosa Profissão, com que nos annos da juventude abri a minha carreira no mundo litterario, me valesse daquella Sciencia, a quem devi sustentação, amigos, e constancia sobranceira a todos os revezes da ventura.

Resolvi-me pois a annunciar nesta Corte hum Curso de Prelecções Philosophicas sobre a Theorica do Discurso e da Linguagem, a Esthetica, a Diceósyna, e a Cosmologia.

Mas oppunha-se á execução deste projecto a falta de hum Livro elementar, cuja lição fixasse e recordasse nos animos dos que assistissem ás Prelecções, as doutrinas de que nellas se houvesse tratado.

Não me restava outro recurso, senão o de pôr eu mesmo por escrito as proprias Prelecções: e deixar tirar copias dellas aos meus ouvintes, ou fornecer-lhas por via da Impressão.

A este ultimo expediente porém, que era sem duvida o mais acertado, encontrava a regra geral de se não deverem entregar ao Prelo, senão

Obras trabalhadas com descanço, perfeitas, e acabadas.

Com tudo pareceu-me, que se esta regra admittia algumas excepções, era certamente huma dellas o caso em que eu me achava, absolutamente destituido de Elementos para o uso das minhas Leituras.

He pois esta urgencia, e não cegueira de amor proprio, quem me move a deixar sahir á luz estas Prelecções com os numerosos defeitos, que são de esperar de obra, que deve ser composta, revista pelas competentes Autoridades, e impressa no curto espaço, que medeia entre Leitura e Leitura.

Debaixo do salvoconducto desta protestação espero conseguir a indulgencia do Publico; não sómente quanto á fórma tosca, e ao mal concertado estilo, mas até mesmo quanto a muitos defeitos intrinsecos, que a não ser a estreiteza do tempo, eu poderia ter evitado, e que por ventura emendarei, se estes Ensaios merecerem, como taes, a publica approvação.

PRELECÇÕES PHILOSOPHICAS.

Idea geral da Obra.

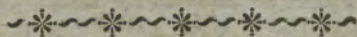
O presente Curso de Prelecções Philosophicas tem por objecto:

I. A *Theorica do Discurso e Linguagem*: em que se exporáõ os Principios da *Logica*, da *Grammatica geral*, e da *Rhetorica*:

II. O Tratado das *Paixões*: primeiramente consideradas como simples sensações, e versando sobre materias de *Gosto*; donde se deduziráõ as regras da *Esthética*, ou da Theorica da *Eloquencia*, da *Poesia*, e das *Bellas-Artes*: depois consideradas como actos moraes, comprehendidos nas ideas de Virtude ou de Vicio; donde se desenvolveráõ as maximas da *Diceósyna*, que abrangerá a *Ethica* e o *Direito Natural.*

III. O Systema do Mundo, ou a *Cosmologia*: em que se tratará das propriedades geraes dos Entes, ou da *Ontologia*, e *Nomenclatura das Sciencias physicas e mathematicas*; e daquellas mesmas propriedades se deduziráõ as relações dos Entes creados com o Creador, ou os Principios da *Theologia Natural.*

Depois de estabelecidos nas primeiras Prelecções os necessarios principios preliminares de Theorica; as outras serão acompanhadas da analyse de alguma Obra escolhida dos principaes Philosophos, Oradores, e Poetas, assim antigos, como modernos, sagrados, e profanos.

PRIMEIRA PRELECÇÃO.

ASSUMPTO.

§. 1. *Necessidade da Logica, Grammatica geral, Rhetorica, Cosmologia, e Diceósyna.* — §. 2. *Necessidade de conhecer as regras da Eloquencia, e os principios communs a todas as Sciencias, tanto physicas, como mathematicas.* — §. 3. *Necessidade da Esthetica.* — §. 4. *O que he Philosophia.* — §. 5. *Erro dos Philosophos em separarem a Theorica da Linguagem da Theorica do Discurso.* — §. 6. *Outro erro em considerarem as Bellas-Artes como estranhas á Philosophia.* — §. 7. *Reforma da Philosophia a este respeito.* — §. 8. *Razão desta reforma.* — §. 9. *Extensão da alçada da Philosophia.* — §. 10. *Dos cinco elementos communs a todas as Sciencias.* — §. 11. *O que são Factos?* — §. 12. *O que he Nomenclatura.* — §. 13. *O que he Classe, Nome e Carecter de Classe?* — §. 14. *O que he Especie, Genero, Secção, Familia, Ordem, Systema?* — §. 15. *Das tres vantagens dos Systemas.* — §. 16. *O que he Theorica?* — §. 17. *Defeito da maior parte das Sciencias.* — §. 18. *O que he Methodo?* — §. 19. *O que he Methodologia?* — §. 20. *Divisão generalissima das Sciencias.* — §. 21. *O que he Psychologia?* — §. 22. *A Theorica das Sensações abrange todas as faculdades do Es-*

4

pirito. — §. 23. *Da Esthetica, e da Diceósyna.* — §. 24 *Das Bellas-Artes.* — §. 25. *Da Ethica, e Direito Natural.* — §. 26. *Da Philosophia applicada á Sciencia dos corpos.* — §. 27. *O que são as Sciencias physicas, e o que as mathematicas.* — §. 28. *O que he Cosmologia?* — §. 29. *O que he Theologia Natural?* — §. 30. *Recopilação.* — §. 31 *Plano das seguintes Prelecções.*

PRIMEIRA PRELECÇÃO.

1. TODO o homem, qualquer que seja o seu estado e profissão, precisa de saber *discorrer com acerto* e *fallar com correcção.* Todos precisão de conhecer o *Mundo*, tanto o *physico*, como o *moral*, de que fazem parte: isto he, as Leis geraes dos corpos, que compoem o *Systema do Mundo*; e os *Deveres* que cada hum de nós, considerado como homem e como cidadão, tem para comsigo mesmo, para com a sociedade, e para com o *Ente Supremo*, de quem havemos recebido a existencia.

2. Alem disso necessita cada hum de conhecer, não sómente a theorica e a practica, mas tambem a philosophia da sciencia, que constitue a sua particular Profissão: E muitos ha, que necessitão de saber enunciar com elegancia, com graça e energia, e talvez com sublime estilo, verdades de que lhes cumpre persuadir a aquelles, que os escutão.

3. Já se a Natureza com especial liberalidade nos dotou do talento de imitarmos as suas obras com as cores do pinsel, com os ciseis da Escultura, com o buril, com o lapis, ou com o divino dom da Palavra; precisamos de saber as regras do *Bom Gosto*; pois que a experiencia nos mostra cada dia, que pelas ignorarem, ou por não attenderem a ellas, Artistas e Poetas, aliás sublimes e admiraveis nas suas concepções, em vez de imitarem a natureza, unica origem do *Bello*, tanto nas *Artes*, como na *Eloquencia*, só produzirão mostruosos partos de huma desconcertada phantasia.

4. O complexo destas differentes doutrinas que

todas tem por objecto dirigir o Espirito humano nas suas differentes operações, he o que se chama *Philosophia*.

5. Houve tempo em que os Philosophos julgarão, que assim como dos vestidos, com que nos cubrimos, o que os corta e coze, nada cura de saber como se tecem, e urdem; ao tecelão pouco importa conhecer, como se fião e torcem; do mesmo modo cumpria, que aquelle que ensinasse a Arte de pensar, ou a *Logica*, se não intrometesse com as regras da Arte de fallar, quero dizer da *Grammatica Geral* e da *Rhetorica*. Donde resultou, que estas duas ultimas Sciencias repudiadas pelos Philosophos, como que tambem da sua parte prescindirão da Philosophia: de modo que contentes com saberem o que havião dito os Mestres mais acreditados (que nem sempre forão os mais sensatos) os Grammaticos e os Rhetoricos pela maior parte, reputavão estranho á sua profissão o exame philosophico dos principios da Arte que ensinavão.

6. Excluida das Escolas de Philosophia a Arte de bem fallar, que sem questão se póde chamar a primeira de todas as *Bellas-Artes*; excusado fica o dizer, que as outras, menos puras, pôr isso que são mais dependentes de mechanica, forão consideradas como emprego de hum vulgo civilisado, superior na verdade ao rude, mas que na cadea dos seres intelligentes occupavão hum annel infinitamente distante do Philosopho que levantado á sublime esphera das abstracções olhava lá de cima com desdem para todas as outras profissões.

7. Mas estes tempos, que se podem chamar a infancia da sciencia, já não existem. Os Philo-

sophos, que hoje respeitamos como Mestres, assentão suas doutrinas sobre a baze de que a *theorica do raciocinio e do discurso* he inseparavel da *theorica da linguagem*: e que não podendo ser intelligente aquelle que não he intelligivel, a abundancia, a exactidão, e a clareza das ideas em toda e qualquer Sciencia, Arte, Profissão, ou Trato humano, está em rigoroza proporção com a abundancia, exactidão, e clareza da Linguagem ou Nomenclatura propria da materia de que se trata, e do uso, que della sabe fazer a pessoa que della se serve.

8. De tudo o que se deduz, que sendo impossivel fallar sem discorrer; e que quem discorre, raciocina: as regras que ensinão a conhecer os vicios e a arte de bem fallar, são as mesmas que constituem a arte de bem discorrer, e de raciocinar com acerto: assim a *Logica*, a *Grammatica Universal* e a *Rhethorica*, vem todas trez a não ser mais do que huma unica e mesma Arte.

9. Dividem-se os conhecimentos humanos em duas grandes classes, a saber: conhecimentos soltos e desligados: e conhecimentos reunidos em corpo de Sciencia. Ha palavras, e ha phrazes que se encontrão, tanto em huma, como na outra destas duas classes de conhecimentos; mas ha outras, que não se verificando senão naquelles conhecimentos, que se achão já reunidos em corpo de Sciencia, são communs a todas as Sciencias. Ora todas estas phrazes e expressões pertencem á Philosophia; porquanto a sua esphera comprehende tudo o que não he privativo de alguma determinada Sciencia em particular.

10. Para nós dizermos, que taes ou taes co-

nhecimentos constituem hum corpo de Sciencia, he preciso que nelles concorrão todos ou a maior parte dos seguintes cinco requisitos, que eu por isso denominarei *Elementos da Sciencia em geral*, a saber: *Factos*, *Nomenclatura*, *Systema*, *Theoria*, e *Methodo*.

11. Darei huma succinta idea do que entendo por estas denominações; porque a deducção da doutrina que aqui aponto, pertence a outro lugar, e exige principios, que farão a materia das seguintes Prelecções.

12. Os primeiros passos da nossa observação consistem no conhecimento de objectos individuaes, e de estados individuaes de cada hum delles. Estas observações individuaes são as que eu chamo *Factos*.

13. Para designar estes factos, para especificar cada huma das circunstancias de que elles vem revestidos, são precisos *Nomes e Phrases*, que se multiplicão e varião, á medida que se vae sentindo a necessidade de os ennunciar com clareza e distincção. E eis-qui a *Nomenclatara* da Sciencia.

14. Porém á medida que se vão accumulando aquellas observações individuaes dos differentes objectos, que se offerecem á nossa consideração, advertimos, que elles se vão dispondo por si mesmos no nosso espirito em differentes *Gruppos*: e em cada individuo de hum mesmo Gruppo notamos *certa propriedade*, ou *certo complexo de propriedades*, que he commum a todos os daquelle Gruppo, e que lhes serve como de ponto de reunião. Estes Gruppos chamão-se *Classes*: e o nome, que serve para designar que o individuo, a que elle se applicar possue a proprie-

dade commum do Gruppo chama-se *Nome da Classe*: á propriedade ou complexo da propriedade, que lhes he commum, chama-se, *Caracter da Classe.*

15. Mas assim como o primeiro golpe de vista nos apresenta reunidos nestes grandes Gruppos, que chamamos Classes, todos os individuos que tinhamos observado separadamente, assim tambem huma observação mais reflexa dos mesmos individuos nos mostra, que esses Gruppos se compoem de muitos outros, e estes ainda de outros: assim successivamente, até chegar a individuos que reunidos em maior ou menor numero, constituem hum só e simples *Gruppo*, que se não pode dividir em outros, e a que se chama *Especie.* Todos os outros Gruppos intermedios, desde a Classe até a Especie, tem seus nomes particulares, taes como *Ordem*, *Secção*, *Familia*, *Genero &c.*

Esta disposição, que os factos tomão por si mesmos no nosso espirito, constitue o terceiro elemento da Sciencia denominado *Systema.*

16. Tres são as vantagens que nos resultão do Systema, que assim distribue os objectos em differentes Gruppos, conforme as relações que elles tem huns com os outros; 1.ª podermos passar em resenha, com hum rapido golpe de vista, todos os individuos que tinhão sido successivamente objectos da nossa observação: 2.ª podermos facilmente achar qualquer objecto em outro tempo observado, procurando-o immediatamente na Classe, Ordem, Genero, e Especie, a que pertence; sem precisarmos de andar divagando pela multidão com que se confundiria, se o arranjo systematico lhe não tivesse assignado hum distincto e determinado lugar: 3.ª podermos saber á primeira

vista o lugar em que devemos pôr qualquer objecto que pela primeira vez se offerece á nossa observação; porque o primeiro effeito, que produz no nosso animo a sua simples vista, he despertar as ideas de todos aquelles entre os quaes deve ser collocado no Systema.

17. Comtudo conhecer hum grande nomero de *Factos*; possuir huma rica *Nomenclatura*, e saber classificar os objectos em *Systema*, não he tudo o de que precisamos para os usos da vida; unico motivo da nossa curiosidade. Temos além disso precisão de conhecer a *causa*, a *rasão*, e os *effeitos* dos phenomenos, que sem este triplo vinculo ficarião sendo meramente observações isoladas e inuteis Se temos diante dos olhos hum *effeito*, he preciso que saibamos descobrir a *rasão* delle, e achar a sua *causa*: bem como acontecendo não vermos senão a *rasão* ou a *causa*, he preciso sabermos adivinhar qual será o seu *effeito*. Os principios que conduzem á resolução destes tres problemas, he que o eu chamo *Theoria da Sciencia*.

18. Huma vez chegado a esta altura tem o Sabio adquirido o conhecimento de huma espantosa quantidade de entes da Natureza, cuja vasta extensão elle mede com hum só golpe de vista. Examina, nomea, classifica o prodigioso numero de objectos sujeitos á sua meditação. São-lhe conhecidos os *Factos*: he-lhe familiar a *Linguagem* da Sciencia: tem presentes no *Systema* todos os objectos da sua particular profissão: he em fim senhor de huma *Theoria*, com a qual pode pelo presente vir no conhecimento do passado e do futuro. Mas apezar de todos estes progres-

sos, ainda não tem preenchido os requisitos da Sciencia. Posto que o seu trabalho levado a este ponto de perfeição seja hum monumento eterno do seu talento genial; com tudo elle não apresenta aos outros homens mais do que hum labyrintho, cujos segredos só elle conhece: e mesmo elle, não tendo para se governar dentro deste intrincado edificio outra regra mais do que o instincto, que o conduzio durante a sua formação, muitas vezes se perde, e se confunde.

19. Não basta pois ter edificado, he preciso tambem saber o *como* se edificou: e depois de advertidos os acertos e os erros, he preciso conhecer, como se podem emendar estes, e aperfeiçoar aquelles. O complexo destas doutrinas comprehendem o que designei com o nome de *Methodo*, e prefaz os elementos de que qualquer Sciencia deve constar, para merecer este nome.

20. Cada Sciencia em particular tem seus Factos, sua Nomenclatura, seu Systema, sua Theoria, e seu Methodo, differentes dos das outras; porém em todas ellas ha certos factos, certas expressões, certas regras de arranjo no Systema e de deducção na Theoria, que são communs a todas: E portanto entrão todas ellas por esta parte na alçada da Philosophia, debaixo do nome de *Methodologia*.

21. Eu disse que ha factos communs a todas as Sciencias, e que estes são do alcance da Philosophia. Isto me conduz a observar que as Sciencias ou tem por objecto as faculdades do Espirito, ou as propriedades dos Corpos.

22. Todas as que se comprehendem na primeira destas duas. Classes, fazem parte da Philosophia, em razão do estreito vinculo, que as une,

e torna inseparaveis humas das outras : e portanto constituem hum Corpo indivisivel de Sciencia a que se tem dado o nome de *Psychologia.*

23. Quando tratarmos das differentes faculdades do Espirito, veremos que todas ellas se reduzem a *pensar* ou a *desejar* : e que, tanto huma como outra coisa, nada mais são do que differentes modos de *sentir*. A *Theoria das sensações* abrange por conseguinte todas as doutrinas que tem por objecto as faculdades do Espirio.

24. O *bom*, o *justo*, o *agradavel*, e o *bello*, são os objectos dos nossos *desejos* : e por isso aquella parte da Psychologia, que trata destas faculdades do Espirito se divide em *Theorica da Virtude* ou *Diceósyna* : e em *Theorica do bom Gosto* ou *Esthetica.*

25. As Artes do Desenho, Pintura, Gravura, Escultura, Architectura, Musica, Mimica, Poetica, e Eloquencia : as quaes todas se comprehendem de baixo do nome de *Esthetica*, sempre forão denominadas *Bellas-Artes* ; mas nem sempre os Philosophos conhecerão que a Theorica de todas ellas, derivando de hum só principio, constituia huma parte tão essencial da Psychologia, como a Arte de pensar.

26. Mais coherentes no que respeita á *Diceósyna*, todos os Phylosophos, tanto antigos, como modernos, desenvolverão em seus Tratados de Psichologia a *Theorica da Virtude* ; mas outra vez inconsequentes limitarão-se, pela maior parte, sómente ás Virtudes genericas e communs a todos os estados : doutrina a que derão o nome de *Ethica* ; e só nestes ultimos tempos he que, á imitação de Aristoteles e Platão, se começou a tratar como parte elementar da Philosophia, dos

Deveres do cidadão e das sociedades: Tratado que hoje se designa com o nome de *Direito Natural.*

27. Isto pelo que pertence ás Sciencias, que tem por objecto as faculdades do Espirito. Vejamos até que ponto são da alçada da Philosophia as que tratão das propriedades dos Corpos.

28. Todas as Sciencias, que versão sobre alguma das propriedades dos Corpos, taes como nolas mostra a experiencia, chamão-se *Sciencias Physicas.*

Aquellas porém, que considerão as propriedades dos Corpos sem affirmarem a sua existencia; antes reconhecendo talvez que são differentes das que nos são conhecidas pela experiencia: e por isso tem unicamente por objecto ponderar o que seria, se aquellas propriedades assim existissem, como se suppõe; chamão-se *Sciencias Mathematicas.*

29. Entre as propriedades dos Corpos que fazem o obejecto, tanto das Sciencias Physicas, como das Mathematicas, humas são particulares a alguns, outras são communs a todos elles. Definir, nomear, e classificar as propriedades particulares he obra das differentes Siencias em que se dividem tanto a Physica, como a Mathematica. Mas expor os principios da Nomenclatura, do Systema, e da Theoria das propriedades communs a todos os Corpos do Universo, tanto do real ou Physico, como do hypothetico ou Mathematico, he materia privativa daquella parte da Philosophia, que os modernos com rasão denominarão *Cosmologia*; porque envolve em si a exposição do *Systema geral do Mundo.*

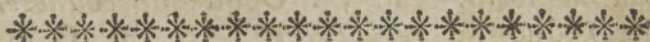
30. Mas quem diz *Mundo* diz *Creação*: e portanto os estudos do Philosopho ficarião mui-

to á quem do grão de perfeição, a que podem aspirar, se se não remontassem a contemplar as relações dos Entes creados com o *Creador*. E com effeito os Philosophos de todos os seculos e de todas as nações consagrarão sempre huma parte do curso de suas elucubrações a este objecto, que por versar na contemplação da *Divindade* conforme aos principios dictados pela luz da natural rasão, tem sido designado pelo nome de *Theologia Natural*.

31. Concluamos, Senhores, lançando hum rapido golpe de vista sobre o vasto campo que conforme ao que acabo de expor, temos de correr na litteraria tarefa a que hoje damos principio: a *Logica* ou a Arte de pensar: a *Grammatica Geral*, e a *Rhethorica* ou a Arte de fallar com clareza, e correcção: a *Esthetica* ou a Theorica da Eloquencia, da Poesia, e das Bellas-Artes: a *Diceósyna* ou o Tratado dos Deveres do homem e do cidadão, que comprehende a *Ethica* e o *Direito Natural*: a *Methodologia* ou os Principios elementares da *Nomenclatura* do *Systema* e da *Theoria* das *Sciencias Physicas* e *Mathematicas*: a *Cosmologia* ou a Exposição do *Systema do Mundo* e das propriedades geraes dos Corpos do Universo: e em fim a *Theologia Natural* ou o Tratado das relações dos Entes creados com o *Creador*: Eis aqui, Senhores, as materias, que vão a ser objecto das seguintes Prelecções.

32. As primeiras serão todas consagradas a fixar o sentido de certas expresões, e a estabelecer certos principios geraes de Theorica, que bastem para podermos analysar com acertada Critica algumas Obras escolhidas dos principaes Phi-

losophos, Oradores, e Poetas, assim antigos como modernos, cuja lição fará todos os dias huma parte essencial das Prelecções; já para assim podermos hir fazendo applicação pratica dos principios theoreticos, que se houverem successivamente expendido; já para que na lição de tão bons modelos encontreis huma indemnisação do que possa faltar de acerto, clareza, e interesse ás Prelecções mesmas; pois devo protestar (e com esta protestação terminarei a sessão de hoje) que bem longe de me deixar cegar do amor proprio em favor das doutrinas, que tenho de expor-vos; bem longe de as reputar como sentenças irrefragaveis da Philosophia, as reputo ao contrario como muito subjeitas a erro; não só porque muitas vezes tenho reconhecido haver errado ao mesmo tempo que me parecia incontestavel a minha opinião; mas tambem porque a maior parte das vezes conheço a insufficiencia do que digo; mas quando he forçoso dizer, he forçoso dizer o que occorre de melhor; porém com os principios, que em vós se forem desenvolvendo, supprireis ao que a estreitesa do tempo, e a mediania de meus talentos, ou em fim quaesquer outras circunstancias me não permittirem que exponha com a desejada exactidão e clareza.

****

PRELECCÕES PHILOSOPHICAS.

SEGUNDA PRELECÇÃO.

ASSUMPTO.

§. 32. QUE significa *entender*? — §. 33. E *não entender*? — §. 34. O que he *fazer-se entender*? — §. 35. O que he *definição*? — §. 36. O que he *descripção*? §. 37. Usos das definições. — §. 38. Criterio das definições. — §. 39. Os sentidos são a origem das idéas. — §. 40. Toda a sensação he idéa. — §. 41. O que he *julgar*? — §. 42. O que he *comparar*? — §. 43. O que he *qualidade*? — §. 44. O que he *substancia*? E *corpo*? — §. 45. Que quer dizer *objecto*? — §. 46. O que he *idéa simples*? E *idéa composta*? — §. 47. O que são *idéas abstractas*? E *intellectuaes*? — §. 48. O que he *ponto*? — §. 49. O que he *linha*? — §. 50. O que *superficie*? — §. 51. As idéas de *classe*, *ordem &c.* são abstractas. — §. 52. Tambem são *idéas geraes*. Que se entende por isso? O que he *generalisar*? —

§. 53. O que são *idéas associadas*? — §. 54. Theorica da *memoria*. — §. 55. O que he *conhecer*? — §. 56. O que he *reconhecer*? — §. 57. O que he *lembrar-se*? — §. 58. O que he *recordar-se*? — §. 59. Em que consiste a *ligação das idéas*? — §. 60. Ligação das idéas dos objectos com as dos seus nomes. — §. 61. Significação casual da palavra *lembrança*. — §. 62. O que he *imaginação*? — §. 63. Correctivo do abuso mencionado no §. 61. — §. 64. Dilucidação do §. precedente. — §. 65. O que he *talento* ou *genio das Bellas-Artes*? — §. 66. O que he *estro* ou *enthusiasmo poetico*? — §. 67. O que he *eloquencia*? — §. 68. O que he *sonho*? E *delirio*? E loucura? — §. 69. Que quer dizer objectos *ausentes*? — §. 70. Recapitulação. Idéa, comparação, juizo, lembrança, imaginação, nada mais são, que sensações.

SEGUNDA PRELECÇÃO.

32. QUANDO hum homem falla, e outro o escuta, dizemos que elles *se entendem*, todas as vezes que as palavras pronunciadas pelo primeiro suscitão no animo do outro as idéas que suscitarião no delle, se elle fosse o que as escutasse.

33. Quanto maior he o numero destas idéas communs, tanto *melhor* dizemos, que elles *se entendem*. Pelo contrario dizemos, que *se não entendem*, quando nenhumas idéas communs correspondem no animo de ambos elles a alguma das expressões do que falla.

34. E que faz neste caso aquelle que quer ser entendido? Diz ao outro o que elle *entende* pela palavra expressão, que he desconhecida; isto he: diz-lhe, refere-lhe, enumera-lhe as idéas que nelle mesmo costuma suscitar aquella expressão, quando a ouve em semelhantes circunstancias.

35. Este expediente chama-se *definir*. E daqui tiraremos, como primeira e importantissima observassão, que *definir huma expressão he, enumerar as idéas communs, que della costuma suscitar em todos os que della se servem em semelhante caso.*

36. Eu não fallo de huma minuciosa e inutil enumeração de todas as qualidades do objecto, conhecidas aos que delle fallão, mas sómente das qualidades independentes entre si. Por exemplo quando se definir a expressão *triangulo rectilineo*; seria inutil, depois de se haver dito, que he hu-

ma figura terminada por tres linhas rectas, accrescentar, que tem tres angulos: que estes juntos são iguaes a dous angulos rectos, &c.; por quanto todas estas, e as demais qualidades, que se enumerassem, já se achão ditas naquella, de serem os lados tres linhas rectas; pois he facil o deduzi-las todas desta só propriedade; todas dependem della. Semelhante individuação não seria pois huma definição; mas sim huma *descripção*.

37. O mais que cumpre ainda dizer sobre esta materia fica reservado para mais competente lugar. Por ora basta o ter-vos dado a este respeito as noções de que precisaes para terdes no decurso destas Prelecções huma infallivel pedra de toque para conhecerdes a verdade ou falsidade das doutrinas, que eu vos for successivamente expondo: e que pela maior parte consistirão em definições das palavras que constituem a nomenclatu[illegible]losophica; porquanto de todas as outras doutrinas achareis abundante massa nos escritos dos Philosophos: mas do que nelles achareis grande falta he de boas definições. Por isso será nestas que eu porei o meu principal cuidado: tanto mais que ellas he que vos devem servir como fio de Ariadna no immenso labyrintho das Sciencias, por que tendes de discorrer na serie dos vossos estudos: por ellas he que unicamente podereis distinguir o erro da verdade na lição dos livros, e nas conversações litterarias, sobre as materias que fizerem o objecto da vossa profissão.

38. Mas primeiro he preciso, que verifiqueis, á medida que as fordes ouvindo, cada huma des-

tas definições; a fim de procederdes com a certeza de que ellas vos não afastão da verdade, quando vos devem servir a conhecerdes o erro. Esta verificação, que sobre tudo vos recommendo, he extremamente facil. Tomai ao acaso quaesquer phrases usadas em casos semelhantes a aquelles de que se tratar, e nas quaes entre a expressão, cuja definição vós quereis verificar. Substitui nellas á expressão definida a definição que vos derão. Se depois desta substituição, o sentido da phrase ficar o mesmo que era dantes; tereis huma irrefragavel prova de que a definição he boa. Mas qualquer alteração que ella faça no sentido da phrase, he signal certo de ser defeituosa.

39. Suppondo nós por hum momento possivel nascer hum homem privado de todos os cinco sentidos, que em nós conhecemos, tanto ná superficie externa, como na interna do corpo, devemos concluir, que este homem nada poderia sentir: não poderia ter nenhuma sensação: de nada poderia ter idéa, ou (o que val o mesmo) não poderia ter nenhuma idéa.

40. Desta observação se segue, que *sentir*, ou ter *sensações*, he ter *idéas*; e que portanto huma *sensação* he sempre huma *idéa*.

41. Se ao mesmo tempo, que as pétalas de huma rosa me dão idéa de côr vermelha, as folhas me dão idéa de côr verde; vejo, que a côr de huma pétala he a mesma que a das outras: e que he differente da das folhas. Ver aquella identidade, ou esta differença, chama-se *julgar*.

Attender ao mesmo tempo a duas ou mais sensações, para julgar da sua identidade, ou da sua differença, chama-se comparar.

42. Ter ao mesmo tempo duas ou mais sensações identicas entre si, taes como as da côr de duas ou mais pétalas: ou entre si differentes, taes como a das pétalas e a das folhas, chama-se *comparar*.

43. Offerécem-se á nossa vista duas pedras prismaticas, ambas brancas, ambas transparentes, mas huma mais transparente do que a outra: desta reflecte huma massa de luz mais densa, que daquella: além disso he mais compacta, mais pesada, mais dura, e mais fria do que a outra.

A' medida que nós vamos experimentando esta serie de sensações, as iamos ouvindo nomear: *figura*, *côr*, *transparencia*, *reflexo*, *densidade*, *peso*, *frieza*: e a cada qual dellas se chamava *qualidade*.

44. A' primeira daquellas duas series de sensações de certa figura, certa côr, certa tansparencia &c. chamava-se-lhe *substancia do marmore* ou sómente *marmore*: á outra *substancia do alabastro* ou sómente *alabastro*: e a qualquer dellas *corpo*.

45. Querendo-se-nos dizer, haver-se sentido alguma das cousas designadas por qualquer destes nomes, chama-se-lhes *objectos*.

46. Em geral: quando qualquer objecto chega a fazer impressão nos nossos sentidos; notamos, que humas vezes a sensação resultante consta de varias sensações, humas differentes das outras, posto que simultaneas: outras vezes não sentimos taes differenças. Neste ultimo caso chama-se a sensação *idéa simples*: e no outro caso, chama-se-lhe *composta*.

41 e 42 não estão mais bem ordenados em ... sentimos confusamente, logo attendemos separadamente, reflectimos de hum em outro objecto, ou de huma em outra ... logo comparamos, logo julgamos, logo reflectimos de hum ... juizo, logo comparamos, unimos, formamos juizos mais ... deduzimos consequencias que são outros tantos juizos

47. Todas as vezes porém que em lugar de contemplarmos as idéas no estado de composição, em que ellas se nos apresentão, nós consideramos alguma ou algumas das componentes separadamente das outras; chama-se a esta consideração *abstracção*: e ás idéas, assim consideradas separadamente de todas as outras, *idéas abstractas* ou *intellectuaes*.

Darei alguns exemplos, que ao mesmo tempo sirvão de definir varias palavras, cujo sentido nos cumpre fixar.

48. Não ha corpo, que não tenha comprimento nas tres dimensões, longitudinal, de largura, e de grossura." Mas nós consideramos muitas vezes va-
„ rias qualidades de hum corpo, sem que resulte
„ erro notavel de deixar de attender ao seu com-
„ primento. Para designar, haver-se praticado com
„ elle esta abstracção, chama-se-lhe *ponto*."

49. „ Quando daquellas tres dimensões só ao
„ comprimento não podemos deixar de attender
„ sem erro notavel, chama-se-lhe *linha*."

50. " Chama-se-lhe *superficie*, quando sómente
„ á grossura se póde deixar de attender sem er-
„ ro notavel."

Estas tres definições, extrahidas dos incomparaveis Principios Mathematicos do nosso immortal José Anastacio da Cunha, bem como todas as que naquella sublime obra se encontrão, são outros tantos modelos, que recommendo á vossa attenção: como tudo o que conheço de mais abalisado neste genero.

51. Quando nós tratamos, nos §.§. 13. e se-

guintes, das idéas de *classe*, *ordem*, *familia*, *genero*, e *especie*, dissemos, que ellas denotavão o complexo das idéas communs a certos individuos; pela maneira, que alli expendemos.

Mas no §. 11. tinhamos advertido, que a experiencia não nos apresenta, senão individuos: e nestes, além daquelle complexo de idéas communs, que os faz entrar em tal classe, em tal ordem, &c., ha certas idéas, que são particulares a cada hum.

Ora aquelles idéas, que pertencem á classe, á ordem, á familia &c., são *idéas abstractas*; por isso que nunca se observão sós, mas sempre unidas, já com as particulares deste, já com as daquelle individuo.

52. E como estas mesmas idéas de classe, genero &c., vem deste modo a ser communs a differentes individuos, chamão-se tambem *idéas geraes*: donde vem, que *generalisar* huma idéa, he dizer que ella se encontra em varios individuos.

53. Mas assim como por abstracção consideramos separadamente idéas, que a experiencia só nos mostra reunidas a outras: do mesmo modo podemos contemplar reunidas idéas, que a experiencia só nos offerece separadas: e he o que se chama *associação de idéas*.

54. Esta associação de idéas porém não se deve confundir com a que existe entre as idéas do marmore e do alabastro, depois que as havemos contemplado juntas, como supposemos no §. 43. Com effeito se acontece tornar-se-nos a apresentar ou-

tra vez huma daquellas mesmas pedras, mas em distancia tal, que sómente lhe vemos a cor; não podemos dizer qual dellas he. Porém á medida que nos aproximamos, e que successivamente observamos as outras qualidades alli referidas; cada huma dellas suscita em nós a idéa da correspondente qualidade da pedra, que não está presente: depois desta serie de comparações, e juisos, dizemos, que *reconhecemos*, *que conhecemos* o objecto: que nos *lembramos* do seu nome: que nos *recordamos* ser esta a pedra, que na precedente observação estava, por exemplo, sobre huma mesa: e que a outra, de cujas qualidades, e de cujo nome esta nos suscita as idéas, estava então, por exemplo, no chão.

55. Destas considerações se segue primeiramente, que *conhecer* hum objecto significa ter idéa de todas as suas qualidades.

56. *Reconhecemo-lo*, quando elle suscita em nós a idéa daquellas qualidades, que bastem a distingui-lo de todos os outros.

57. *Lembramo-nos* delle, quando a sua idea se suscita em nós, estando elle ausente.

58. *Recordamo-nos*, ou (o que val o mesmo) temos *reminiscencia* delle, quando tambem nos lembramos de outros objectos, que então sentimos, quando elle nos foi presente.

Parece-me que a reminiscencia deve começar assim: mas depois não se distingue dos objectos entre os quaes vio pela primeira vez aquelle de que se recorda?

59. Voltando pois ao que diziamos no §. 54., já se ve, que tendo os Philosophos chamado *associação de idéas* ao que nós definimos no §. 53.; seria huma confusão chamar *associadas* as idéas do marmore e do alabastro, só porque a presença do

primeiro suscitou em nós a idéa do segundo, que estava ausente. Por onde obrão acertadamente, os que neste caso se servem do nome de *ligação*, e não do de associação.

60. A ligação de idéas, que mais digna se faz da nossa attenção e reparo, he a que existe entre as idéas dos objectos e as dos seus nomes: ligação que consiste, tanto na lembrança do nome pela presença do objecto; como na lembrança do objecto, pela presença de nome, que a alguem ouvimos, ou lemos escrito, ou outros objectos nos trouxerão á lembrança.

61. He em virtude desta ligação, quero dizer, por isso que a presença do nome, facil e frequentemente excita em nós a idéa do objecto, dizemos muitas vezes que nos havemos lembrado do objecto, quando só do seu nome nos temos lembrado.

62. Daqui vem, que a maior parte das vezes distinguimos hum de outro caso dizendo, havermo-nos lembrado do objecto, quando foi do nome que nos lembrámos: e quando he do mesmo objecto, dizemos have-lo *imaginado*.

63. He facil de reflectir, que tambem ás palavras mesmo compete o nome de objectos (§. 45.) quer seja o seu som que viesse ferir nossos ouvidos: quer sejão as figuras, com que a Pintura, a Gravura, ou a Esculptura as costumão representar, que fizessem impressão na nossa vista.

64. Podem pois as palavras, do mesmo modo que quaesquer outros objectos, ser *imaginadas*, quando temos as idéas do seu som ou da sua figura

sem que exista a correspondente impressão dos sentidos: e dizemos, que nos *lembramos* dellas, quando nos lembramos do nome de Especie, Classe, Genero &c. (§. 13.) a que ellas pertencem.

65. Estas considerações, e os differentes estados daquelle que *imagina*, dão origem a varias denominações, que importa conhecer. Por quanto se aquelle, em cuja imaginação se representão os objectos, no-los reproduz á nossa vista, ao nosso tacto, aos nossos ouvidos, com o lapis ou com o pincel, com o buril, com o cisel, com o gesto, ou com os sons, tanto da voz como dos instrumentos; denomina-se aquella imaginação o *talento*, o *genio das Bellas Artes*: isto he, do Desenho, da Pintura, da Gravação, da Escultura, da Mimica, ou da Musica.

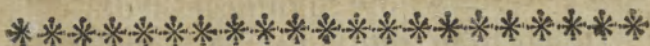
66. Porém se a imaginação, posto que occupada, pela maior parte, em representar-nos os proprios objectos, os abandona por intervallos, para representar unicamente os seus nomes: e em lugar de empregar os instrumentos mecanicos das Artes, se exprime com as vivas cores da Linguagem, toma o nome de *Estro* ou de *Enthusiasmo Poetico*.

67. Menos pittoresca, mas não menos sublime, a *Eloquencia* consiste mais na imaginação dos nomes, que na dos objectos: e da proporção com que se distribue entre estes e aquelles, nascem os differentes generos de Eloquencia, de que trataremos no seu competente lugar.

68. Vejamos as denominações, que derivão dos differentes estados daquelle que *imagina*.

Primeiramente deve-se distinguir o somno da vigilia; porque se he durante o somno, ou letargo chama-se a imaginação *Sonho*: e se durante a vigilia, então cumpre observar, se o que *imaqina*, reputa ausentes os objectos imaginadados, ou se os reputa presentes: no primeiro caso a imaginação entra em alguma das classes mencionadas nos tres §.§. precedentes; mas se elle os reputa presentes, então ou aquella imaginação he de curta duração, e chama-se *delirio*; ou dura tempo consideravel, e chama-se *loucura*.

69. Mas, perguntará alguem, que he o que se entende por objecto *ausente*? Respondo: he aquelle, cujas qualidades em todo ou em parte, são differenres das suas congeneres que estão obrando sobre os nossos sentidos externos (§. 39.).

70. Recopilemos, Senhores, o exposto nesta Prelecção. Sentir; ter sensações; ter idéas, noções ou percepções, são expressões synonymas. Comparar e julgar; conhecer; reconhecer; lembrar-se; recordar-se; imaginar: tudo isto significa ter idéas ou sensações de objectos presentes ou ausentes; logo todas estas expressões são synonymas de *sentir*. E ainda que no uso vulgar se applica o nome de sensação sómente á dos objectos presentes; a analyse que acabamos de fazer demonstra que a hypothese da presença ou ausencia dos objectos em nada altera a sensação, que he commum a ambos os casos: e que por conseguinte deve ser designada por huma denominação commum.

PRELECÇÕES PHILOSOPHICAS.

TERCEIRA PRELECÇÃO.

ASSUMPTO.

§. 71. O Que seja *accidente* ou *modificação*. — §. 72. O que he *qualidade essencial*? — §. 73. O que he *propriedade*? — §. 74. O que he *attributo*? — §. 75. O que he *essencia*? — §. 76. O que he *natureza*? — §. 77. O que he *estado*? — §. 78. A que se chama *circunstancias* ou *conjunctura*? — §. 79. Que póde *perecer* hum corpo sem perecer a sua substancia. — §. 80. Determinação comparativa das palavras; *corpo*, *substancia*, *essencia*, e *natureza*. — §. 81. O que seja *ente*, *entidade*, e *cousa*. — §. 82. Que significa *existir*? — §. 83. Que significão as expressões: *não existir*, *cessar de existir*, *acabar*, *perecer*? — §. 84. Que quer dizer: *aniquilar-se*, *reduzir-se* ou passar a *nada*, tornar-se em nada? — §. 85. Que significão as palavras: *nada*, *não*? — §. 86. Que significa

mudar ou experimentar *mudança* ou *alteração*, *transformar-se.* — §. 87. Significação das palavras: *rasão*, *rasão sufficiente*, *porque*, *modo*, ou *maneira*, *como*, *acção*, *força*, *poder*, *potencia*; *agente*, *causa*; *obrar*, *fazer*, *fabricar*, *executar.* — §. 88. Definição das palavras: *paciente*, *effeito.* — §. 89. Que significão as palavras: *resistencia*, *reacção*; e força, poder, potencia do paciente? — §. 90. O que he *relação*, ou *ligação* de agente e paciente? Que he o que se chama *modo*, *maneira*, *como*, ou *porque* do effeito? — §. 91. Significações das palavras: *faculdade*, *virtude*, *força virtual*, *potencial*, *morta*: *effectiva*, *actual*, *viva*? — §. 92. Resumo da *theorica das causas* e *effeitos*? — §. 93. Significações das palavras: *certo*, *infallivel*, *inevitavel*, *necessario.* — §. 94. *Necessario* synonymo de *preciso*, *indispensavel.* Definição destes nomes e da expressão usual: *sine qua non.* — §. 95. Que quer dizer: *impossivel*, *contradictorio*, *repugnante*, *absurdo*, *contrario*? — §. 96. Significações de *possivel*, *contigente*, *incerto*, *duvidoso.* — §. 97. Uso notavel da palavra *possivel.* — §. 98. O que sejão *causas principaes* e *secundarias*, ou *subalternas.* — §. 99. O que são *causas remotas*, *proximas*, e *immediatas.* — §. 100. O que se entende por *causa occasional*, ou *occasião*: *motor* ou *motivo.* — §. 101. O que seja *causa parcial*, e o que *causa total.* — §. 102. Significação da palavra *systema.* — §. 103. O que he *phenomeno* e *lei de systema.* — §. 104. Que se entende por *inercia*? — §. 105. O que seja *equilibrio* em geral. — §. 106. O que equilibrio de forças motrizes. Conclusão.

TERCEIRA PRELECÇÃO.

71. Nos §§. 43. e seguintes vimos como pela successiva observação das qualidades designadas pelos nomes de marmore e de alabastro adquirimos a idéa de cada huma destas duas pedras.

Supponhamos agora que hum Esculptor tomando qualquer dellas, formava huma estatua; nesta, encontramos as mesmas qualidades antes observadas no prisma e mencionadas nos citados §§., á excepção unicamente da fórma, que sendo antes igual em todo o seu comprimento, offerece agora varias partes differentemente configuradas, quaes são a cabeça, e os braços, o tronco, e as pernas da estatua.

He logo a fórma huma qualidade que (ao menos neste caso) póde mudar sem que mudem as outras qualidades que ficão referidas: e por isso se lhe dá neste, e em semelhantes casos o nome de *accidente*, ou de *modificação*.

72. Não acontece assim se reduzindo a pó a mesma pedra, lhe alteramos o gráo de densidade que antes tinha: porque com ella mudarão todas as demais qualidades acima referidas: por isso se chama a qualquer dellas *qualidade essencial*.

73. Aquella qualidade, quer seja essencial, quer accidental, que se verifica sómente em hum individuo, ou em huma só especie, ou em hum só genero &c, chama-se *propriedade* desse individuo, dessa especie, desse genero, &c.

47. Quando se quer significar que a proprieda-de he huma qualidade essencial, chama-se-lhe *attributo*.

75. O complexo das qualidades essenciaes de qualquer substancia, chama-se *essencia*.

76. O complexo não só das qualidades essenciaes, mas tambem de todas as accidentaes de huma substancia, chama-se *natureza* dessa substancia.

77. O complexo de todas as qualidades de huma substancia, em hum momento dado, chama-se *estado* dessa substancia, nesse momento.

78. E ao complexo dos estados das differentes substancias, a que nos cumpre attender em hum momento dado, chama-se-lhe *circunstancias* ou *conjunctura* desse momento.

79. Como a pedra reduzida a pó conserva a identidade de lugar; e continúa a excitar em nós a sensação de huma figura, de hum peso, de huma densidade, de huma dureza, de huma frialdade, de hum reflexo, de huma côr, de huma transparencia, posto que differentes todas estas qualidades, ou partes dellas, do que erão no primeiro estado; por isso dizemos, que a *substancia* do marmore ainda *existe*; posto que o *marmore já não existe*, *pereceu*, *acabou*.

80. No decurso dos vossos estudos, e mesmo no destas Prelecções, tereis frequente occasião de notar a extraordinaria e perniciosa confusão, que os Philosophos tem feito das palavras que acabamos de definir: e por essa rasão julgo dever fixar mais no vosso espirito as verdadeiras noções

dellas, confrontando debaixo de hum só golpe de vista o conteúdo destes ultimos tres §§. com o do §. 44.

Devemos portanto não perder jámais de vista, que a palavra *corpo* designa a reunião de algumas, ou de todas as qualidades referidas no §. 43., ou sós, ou juntas a algumas outras, segundo o caso de que se trata.

Já por *substancia* entende-se sómente o complexo daquellas qualidades que se observão em qualquer estado possivel.

Por *essencia*, porém unicamente o complexo daquellas qualidades actuaes, a quem compete o epitheto de essenciaes (§. 72.).

Mas a palavra *natureza* significa, não sómente o complexo das qualidades actuaes, mas tambem das futuras ou possiveis: e isto, tanto essenciaes, como accidentaes.

81. Tanto ás substancias, como aos corpos chama-se-lhes *entes*: e chama-se *entidade* ou *cousa*, tanto aos corpos e substancias, como ás essencias e qualidades quaesquer.

82. Dizer de hum corpo que elle *existe*, he dizer que estando nós nas circunstancias de que se trata, sentimos as qualidades que o seu nome designa.

83. Dizer, porém que elle *não existe*, que *cessou de existir*, que *acabou*, que *pereceu*, quer dizer, que estando nós nas circunstancias de que se trata, não sentimos as qualidades, que o seu nome designa, ou (o que val o mesmo) temos a sensação de qualidades differentes daquellas, que o nome dessa substancia designa.

84. Consequentemente dizemos, que se *aniquilou*, que se *reduzio* ou *passou a nada*, que *se tornou em nada*, querendo dizer que em nenhumas circunstancias sentimos as qualidades que o seu nome designa, ou (o que val o mesmo) que em quaesquer circunstancias, em que nos supponhamos, teremos sensação de qualidades differentes das que o seu nome designa.

85. Em geral qualquer que seja o verbo, a que se ajunte a palavra *nada*, ou a sua equivalente *não*; o que com isso se quer dizer, he, que a cousa (§. 7.) de que se trata, he differente daquella, que o mesmo verbo designa.

86. Do mesmo modo, qnerendo-se dizer, haverem cessado de existir huma ou mais qualidades de alguma substancia, diz-se que ella *mudou*, que *experimentou mudança*, ou *alteração*. E se aquellas qualidades são essenciaes, diz-se que se *transformou* em outra substancia.

Qualquer destas expressões significa, que o seu estado no momento de que se trata, he differente do momento antecedente.

87. Porém a observação, que nos mostra a mudança do marmore convertido em estatua, tambem nos mostra, que primeiro mudou o Esculptor do estado de quietação, em que antes se achava, para o da acção necessaria a formar a estatua.

Para denotarmos pois esta observação em detalhe, chama-se a aquelle complexo de acções que constituem o seu trabalho sobre o marmore, acções sem as quaes a experiencia nos mostra que

se não fórma a estatua, mas que postas ellas a estatua sempre se acha formada: a este complexo de acções, a esta mudança observada no Esculptor até então em socego, chama-se *rasão* ou tambem *rasão sufficiente* da mudança do marmore do estado de prisma para o de estatua: rasão *porque* elle mudou: *acção*, *força*; *poder*, *potencia* do Esculptor: e tambem *modo* ou *maneira*, *como*, ou *porque* elle *obrou*, *fez*, *fabricou*, *executou* a estatua: *modo* ou *maneira*, *como* aconteceu o effeito. E ao mesmo Esculptor chama-se-lhe *agente* ou *causa*.

88. Ao marmore que assim muda da fórma de prisma para a de estatua, chama-se *paciente*: e á sua mudança *effeito*, ou tambem effeito daquella àcção da causa.

89. Porém como esta mudança do paciente senão effeitua, sem se gastarem os instrumentos; sem se cançar o agente: e em geral, sem que o paciente produza em retorno, seus effeitos no agente: effeitos de que elle paciente vem a ser causa, e a sua mudança rasão; por isso a esta mesma mudança do paciente se lhe chama *resistencia*, *reacção*, *força*, *poder*, *potencia*, *rasão* e tambem *rasão sufficiente*, *porque* a primeira causa soffreu *alteração*: *modo* ou *maneira*, *como* ou *porque* aconteceu o effeito: ou tambem *como* ou *porque* o paciente *reagio*: E á *alteração* ou mudança que se seguio na causa chama-se-lhe *effeito da reacção* ou *da resistencia*.

90. Ao total das mudanças, tanto do agente, como do paciente, chama-se-lhe *relação* e *ligação* de hum com o outro: e tambem *modo* ou *maneira*,

como ou *porque* o agente obrou ; o paciente soffreu ou reagio ; e o effeito se verificou.

91. As palavras poder, potencia, força ; bem como ás suas synonymas *virtude*, *faculdade*, dão se os epithetos de *virtual*, *potencial*, ou *morta* : e de *effectiva*, *actual*, ou *viva*. Os tres primeiros denotão, que no caso, de que se trata, a força he nulla ; tendo aliás seu effeito em outros casos : nos quaes, para mais distinção, ella he designada pelos outros tres ultimos epithetos ; mas ommittemse ordinariamente tanto huns como outros epithetos, quando se julga que o contexto mostra sufficientemente em qual dos dous sentidos se tomão aquellas palavras.

92. Reflectindo no que fica dito sobre causas e effeitos, ve-se facilmente, que o uso destas expressões suppõe *duas substancias* (o agente e o paciente) : *tres mudanças* (a do agente, rasão do effeito : a do paciente, effeito da acção : e outra que se segue no agente, effeito da reacção) : e em fim *quatro distinctos momentos* (o que precede á acção : o da acção : o da reacção : e o que se segue a esta) : observação esta que convem ter diante dos olhos nas investigações e disputas sobre esta materia, que constitue a parte mais importante das sciencias tanto moraes, como physicas.

93. Como nós chamamos *rasão* de certa e determinada *mudança* ou effeito no *paciente* a aquella *mudança* do *agente*, que *sempre* he seguida desse effeito ; os epithetos de *certo*, *infallivel*, *inevitavel*, *necessario*, que se applicão a algum phenomeno, são synonymos, e significão, que a rasão delle já existe.

94. O epitheto de *necessario* tambem se applica ao agente, e á rasão de hum determinado effeito; por isso que hum effeito dado só póde ter huma determinada causa, e huma determinada rasão. Nestes casos *necessario* he synonymo de *preciso*, ou *indispensavel*, e tambem da phrase latina: *sine qua non*: que se tem adoptado em certos casos.

95. Se queremos dizer, que a rasão de hum phenomeno não existe, mas sim hum estado da causa differente daquella rasão; dizemos, que o phenomeno he *impossivel*, *absurdo*, *contradictorio*, *repugnante* com o que existe: e tanto a ambos esses phenomenos, como ás suas causas, e rasões, chama-se-lhes *contrarios* entre si.

96. Chama-se-lhe *possivel*, ou *contingente*, *incerto*, *duvidoso*, querendo dizer, que não vemos, que o estado da causa seja differente daquelle que he rasão do mesmo phenomeno.

97. Já se entende, que quando queremos dizer, como algumas vezes acontece, que não vemos que o estado da causa seja differente da rasão do phenomeno: porque de facto vemos ser identico com ella; *possivel* he neste caso synonymo das expressões definidas no §. 93.

98. Se o effeito que nós consideramos, he hum aggregado de qualidades, tanto essenciaes, como accidentaes: e a rasão delle he a mudança, não só de huma, mas de muitas substancias; de modo que de entre estas substancias humas venhão a ser causa dos effeitos essenciaes, outras dos accidentaes; chama-se ás primeiras *causas principaes*, e ás outras *causas secundarias* ou *subalternas*.

99. Se das mudanças daquellas substancias humas se verificarão em tempo anterior ao de outras; chama-se a aquellas *causas remotas*: e a estas *causas proximas* ou *immediatas*.

100. A causa que ao mesmo tempo he *remota* e secundaria chama-se-lhe *occasião* ou *causa occasional*, e algumas vezes *motor* ou *motivo*: e a sua mesma mudança, que a constitue causa, tambem se chama *occasião*, *motivo*.

101. Cada huma daquellas causas: principal, secundaria, proxima, ou remota chama-se *causa parcial*: e ao complexo dellas *causa total*.

102. Qualquer numero de substancias, que se considerão humas como agentes, outras como pacientes, entre si, chama-se *systema*.

103. Cada hum dos effeitos parciaes, especificamente distincto dos outros, juntamente com a sua respectiva rasão, constitue, o que se chama *lei do systema*: bem como cada hum dos mesmos effeitos tomado individualmente ou só, ou com a sua rasão, e mesmo esta rasão só por si, se chamão *phenomenos* do systema.

104. Querendo dizer que as leis e os phenomenos de hum systema são sempre os mesmos em quanto a elle não accrescem novos agentes; dizemos que o systema he dotado de força de *inercia*.

105. E querendo dizer, que se viessem a faltar alguns dos agentes do systema, os que ficassem mudarião as leis delle; dizemos que ha *equilibrio* entre esses agentes, e no systema: que elles se *equilibrão* huns aos outros em quanto ca existem; e quando vem a faltar algum delles ou ao

systema accresce algum agente congenere dos primeiros, sem que accresça nenhum congenere dos segundos; dizemos que se *quebrou* ou que se *rompeu o equilibrio*.

106. Como pelo que acabamos de expor, equilibrio nada mais he, do que o que resulta de duas forças iguaes e contrarias; generalisou-se a idéa de equilibrio, extendendo-se a todos os casos, em que se suppoem forças iguaes e contrarias: e por isso se diz have-lo todas as vezes, que hum movel he impellido por forças iguaes em direcções oppostas.

Esta consideração conduz-nos naturalmente a explicar as idéas que a palavra *movel* desperta no nosso animo: idéas que são transcendentes por todos os conhecimentos humanos. Mas como este Tratado só por si constitue hum corpo de doutrina consideravel: e de algum modo independente, ficará reservado para a seguinte Prelecção.

PRELECCÕES PHILOSOPHICAS.

QUARTA PRELECÇÃO.

ASSUMPTO.

§. 107. O QUE seja *linha recta.* — §. 108. O que se entende por *distancia* em geral? — §. 109. Significação ordinaria desta palavra. — §. 110. O que he *lugar*? — §. 111. O que he *espaço*? — §. 112. O que he *substancia composta.*? — §. 113. E *simples*? — §. 114. O que significa *contacto*, *tocar-se*, ser *contiguo*? — §. 115. O que he *mónade*, *átomo*, *principio*, *elemento*? — §. 116. Significação da palavra *massa.* — §. 117. O que se entende por *materia*, *material*, *parte componente*, *molecula*? — §. 118. Como a qualquer corpo he applicavel o que se diz dos systemas em geral. —

§. 119. O que se entende por corpos *fixos*, *quietos* e *moveis*? — §. 120. Que o movel ou he *virtual* ou *effectivo*. — §. 121. Que se entende por *espaço* [illegible] *rido* por hum movel? — §. 122. Significação [illegible] palavra *direcção*. — §. 123. O que he *tempo*? Significação da palavra *duração*. — §. 124. O que seja *momento* ou *instante*. — §. 125. Que duração se chama *infinita*? — §. 126. Quando se lhe chama *eternidade*? — §. 127. E quando *sempiternidade*? — §. 128. Definição da palavra *infinito*, ou *infinitamente grande*. — §. 129. E de *infinitessimo* ou *infinitamente pequeno*. — §. 130. O que se entende por *velocidade*, ou *celeridade*? — §. 131 Quando se chama *uniforme* o movimento? — §. 132. Quando *accelerado*? Quando *retardado*? — §. 133. O que se entende por *agente*, *acção*, e *effeito mechanico*? — §. 134. O que he *repulsão*, *força de repulsão*, ou *força repulsiva*? — §. 135. O que seja *attracção*, *força de attracção* ou *attractiva*. — §. 136. A que se chama *gravitação universal*? — §. 137. Significação da palavra *gravidade*. — §. 138. Não se deve confundir com *pezo*: Significação desta palavra. — §. 139. Sentido das expressões *pezo especifico*, *gravidade especifica*. — §. 140. Significação particular da palavra *attracção*. — 141. O que seja *cohesão* ou *coherencia*. — §. 142. Significação commum de corpos *molles*, *compressiveis*, e *elasticos*. — §. 143. Significação especial de *molles*, *compressiveis*, *ducteis*, *malleaveis*. — 144. Quaes se chamão *elasticos*? — 145. Quaes *duros*, *rijos*, *frageis*? — §. 146. Quaes *brandos*? — §. 147. Quaes *extensiveis*? — §. 148. Quaes *flexiveis* ou *faceis de do-*

brar? — §. 149. Quaes emfim *inflexiveis?* — §. 150. O que seja corpo *solido.* — §. 151. O que he *liquido?* — §. 152. O que seja *vapor*, *gas*, e *ar.* — §. 153. O que he *fluido*, e *fluido aeriforme?* — §. 154. Significação das palavras *expansão*, *expansibilidade*, *dilatação*, *dilatabilidade.* — §. 155. O que são *fluidos elasticos?* — §. 156. Das *attracções* e *repulsões mechanicas.* — 157. O que seja *collisão* ou *choque.* — §. 158. E *collisão central?* — §. 159. Significação das expressões: *quebrar*, *romper*, *cortar*, *partir*, *dividir*, *desunir*, *separar*, *apartar.* — §. 160. O que se entende por acção *agente*, e *effeito chimico?* — §. 161. O que seja *affinidade.* — §. 162. O que se chama *homogeneo?* — §. 163. O que he *heterogeneo?* E *aggregado?* — §. 164. Divisão geral dos corpos. — §. 165. Que quer dizer corpo *vivo?* — §. 166. E corpo *morto?* — §. 167. Significação da palavra *vida.* — §. 168. Que se entende por *vitalidade?* — §. 169. E por *orgão vital?* E por corpo *organico?* — §. 170. E por corpo *inorganico?* — §. 171. Divisão dos corpos inorganicos. — §. 172. O que sejão *corpos brutos.* — §. 173. E corpos *crystallisados?* — §. 174. O que seja animal? — §. 175. E *vegetal.* — §. 176. *Conclusão.*

QUARTA PRELECÇÃO.

107. ANTES de começarmos a tratar da materia propria desta Prelecção, será preciso definirmos algumas expressões subsidiarias, entre as quaes occupa o primeiro lugar a da linha recta.

Chamão-se pois *linhas rectas* aquellas das quaes não póde haver duas, que tendo dous pontos communs, deixem de ser communs todos os outros.

108. Qualquer linha que, se póde tirar entre dous pontos, chama-se *distancia* de hum a outro.

109. Mas de ordinario designa-se pela palavra distancia a menor distancia; isto he: se se falla de dous pontos, a recta tirada de hum ao outro; e se de hum ponto e huma superficie, a perpendicular tirada do ponto dado á superficie, de que se trata.

110. Qualquer ponto da distancia chama-se *lugar*.

111. Qualquer numero de distancias chama-se *espaço*.

112. Aquella substancia, cujo lugar he sempre multiplice de hum, chama-se *composta*.

113. Aquellas, cujo lugar he igual á unidade; chamão-se simples.

114. Quando a distancia entre dous pontos he tal, que de se não attender a ella, não resulta erro notavel; diz-se que esses dous pontos *se tocão*, ou que são *contiguos* entre si.

115. Se varias substancias simples (§. 113.) tocando-se (§. 114.) formarem hum systema

(§. 102.) chamar-se-ha a cada huma dellas *mónade*, *átomo*, *principio*, *elemento*, *principio elementar*, *elemento primitivo* ou *simples* do systema.

116. A collecção de todas as mónades reunidas, e formando o systema de que se trata, chama-se-lhe *massa*.

117. Mas consideradas independentemente desse systema, chama-se-lhes *materia*: E cada huma das mónades, ou qualquer numero de mónades, de per si, chama-se *material*, *parte material*, *parte integrante*, ou sómente *parte* ou *componente* do systema.

E quando são de hum tamanho inferior a aquelle, que o nosso tacto e a nossa vista podem distinguir, chama-se-lhes *moléculas*.

118. Já se vê, que como qualquer corpo (§. 44.) he hum systema, cujas partes estão em contacto humas com outras (§. 102.); tudo quanto desta expressão se affirma, se entende tambem daquella.

119. Escolhidos alguns pontos para se considerarem as distancias de todos os outros a elles; chamão-se *fixos* ou *quietos* aquelles, cujas distancias aos ditos pontos são constantes: e *moveis* aquelles, cujas distancias a algum dos mesmos pontos são variaveis.

120. Como a palavra *movel* he equivalente da expressão = *que pode mover-se* = applicão-se-lhes os mesmos epithetos, de que fallámos no §. 91, relativamente ás palavras *força* e *poder*, em geral.

121. A linha, de que se quer dizer, haver sido cada hum dos seus pontos lugar de hum movel, chama-se-lhe *espaço corrido* por esse movel.

122. E querendo-se dizer, que essa linha he dada de posição, chama-se-lhe *direcção* do mesmo movel.

123. O espaço T corrido pelo movel M considere-se como huma serie de termos dados, todos iguaes entre si: e o espaço S corrido pelo movel A, considere-se como outra serie de termos iguaes ou desiguaes, mas conforme a huma lei dada.

Se suppozermos, que o numero dos termos de S he sempre igual ao numero de termos de T, chamar-se-ha T *tempo*, em que o movel A corre o espaço S, ou tambem *duração* deste movimento.

124. A cada hum dos termos de T se chama *momento* ou *instante*.

125. Aquella duração, de que queremos dizer, que he maior, que qualquer outra, chamamos-lhe *infinita*.

126. E se além de infinita se especifica ser preterita ou futura, chamamos-lhe *eternidade*.

127. Mas se se diz ser preterita e futura reunidas, e tanto huma, como outra infinitas, chamamos a somma de ambas *sempiternidade*.

128. Generalisando a idéa de infinito (§. 125.) applicamo-la a toda a quantidade, querendo dizer com isso, que ella póde sempre admittir valor maior que qualquer outra. Tambem se lhe chama infinitamente grande.

129. Do mesmo modo chamamos *infinitamente pequena* ou *infinitessima aquella*, de quem queremos dizer, que póde sempre admittir valor menor, que qualquer outra.

130. Seja m qualquer termo infinitessimo de T: n o termo geral de S, e tambem infinitessimo; chamar-se-ha $\frac{m}{n}$ (isto he, a rasão em que o espaço corrido pelo movel, por mais pequeno que seja esse espaço, está para o tempo em que elle o correu) *velocidade*, ou *celeridade* com que o movel corre qualquer espaço S no tempo correspondente T.

131. Se $\frac{m}{n}$ for constante, chamar-se-ha o *movimento uniforme*.

132. Mas se $\frac{m}{n}$ for variavel; então, ou cada termo particular he maior, que o seu precedente: e nesse caso chama-se o *movimento accelerado*: ou cada termo he menor, que o seu precedente; e então chama-se o *movimento retardado*.

133. Se hum systema não produz em outro systema effeito algum mais, do que o de lhe causar hum certo movimento, sem alterar nenhum dos seus attributos; dá-se, tanto ao agente, e á acção, como ao effeito o epitheto de *mechanicos*.

134. Se a experiencia nos mostra, que a acção reciproca de dous systemas chegados a certa distancia hum do outro, he de começarem logo a mover-se para partes oppostas, afastando-se assim hum do outro, e augmentando a distancia entre elles; chama-se a esta relação (§. 90.) *repulsão*

ou tambem *força de repulsão* ou *repulsiva* daquelles systemas hum para o outro.

135. Porém se do mesmo modo quando se achão em certa distancia, começão a mover-se hum para o outro, a approximar-se, e por conseguinte a diminuir a distancia entre elles; chama-se a esta relação (§. 90.) *attracção*, ou tambem *força de attracção* ou *attractiva* entre os dous systemas.

136. A attracção, que se observa entre os grandes corpos ou astros, que compoem o mundo, entre si, e com as partes de que consta cada hum delles; chama-se *gravitação universal*.

137. Tambem se lhe chama *gravidade*; mas esta expressão applica-se mais particularmente á attracção, que existe entre cada hum dos astros e as partes de que elle se compõe.

138. Mas não devemos confundir *gravidade* com *pezo*; porque esta ultima palavra designa o effeito, que o corpo pela sua gravidade produz em outros corpos.

139. Nem tão pouco se deve confundir com *gravidade especifica*, que designa sómente a rasão em que estão, hum para com o outro, os pezos de dous corpos de igual volume: e por isso se lhe tem chamado com mais propriedade *pezo especifico*.

140. Tambem se chama ás vezes *attracção* á *força*, que se equilibra com a que repelliria qualquer dos dous corpos, se não fosse a acção do outro sobre elle.

141. E se estes dous corpos estão em contacto; chama-se a quella attracção *cohesão* ou *coherencia*.

142. Aquelles corpos, cujas partes se podem

afastar ou approximar humas das outras, ficando em cohesão; chamão-se *molles*, *compressiveis*, ou *elasticos*.

143. Se as partes componentes mudão facilmente de posição em qualquer sentido, e conservão a posição que tomarão; chamão-se *molles*: se difficilmente; chamão-se *compressiveis*, *ducteis*, *malleaveis*.

144. Se mudando facilmente de posição, a não conservão, mas voltão á primeira; chamão-se *elasticos*.

145. Se as moleculas se não podem approximar mais: e não se afastão, sem perderem a cohesão; então, ou esta separação he difficil; e chama-se o corpo *duro*: ou menos difficil; e chama-se *rijo*: ou facil; e chama-se *fragil*.

146. Chama-se *brando*, o que não he duro nem rijo.

147. *Extensivel* aquelle, cujas partes se afastão facilmente humas das outras, sobretudo ao comprido.

148. *Flexivel*, ou facil de *dobrar*, aquelle, cujas partes de huma banda facilmente se afastão humas das outras, ao mesmo tempo que as da banda opposta se approximão entre si.

149. Chama-se *inflexivel* aquelle, que por ser duro ou rijo, se não póde dobrar.

150. O corpo, cujas partes todas se attrahem, e se seguem, sempre em cohesão; chama-se *solido*.

151. Aquelle, cujas partes, sem perderem o contacto, se repellem com força não superior á da gravidade (§. 136.); chama-se *liquido*.

152. Se com força superior á da gravidade; chama-se *vapor*, em quanto he visivel: e *gaz*, ou *ar*, logo que se torna invisivel.

153. Tanto os liquidos, como os vapores e os gazes, são denominados *fluidos*: E os gazes, *fluidos aeriformes*.

154. A repulsão das partes dos fluidos, humas para com as outras, chama-se *expansibilidade*, ou *dilatabilidade*, se he *virtual* (§. 91.): e *expansão*, ou *dilatação*, se he *effectiva*.

155. Como a expansibilidade dos gazes e vapores he sempre proporcionada á sua compressibilidade; por isso se lhes dá o nome de *fluidos elasticos*.

156. Se a attracção, ou a repulsão entre dous corpos, ou dous systemas quaesquer, for tal que depois della se não reconheça nos mesmos systemas differença do que antes erão, se não for, quando muito, a de lugar; chama-se a essa acção *mechanica* (§. 133.).

157. Se o estado que precede á repulsão e termina a attracção, he o de contacto, chama-se-lhes *collisão* ou *choque*:

158. E se as rectas tiradas do ponto do contacto ao centro de forças de cada hum dos dous systemas (isto he, a aquelle ponto, no qual o systema fica dividido em duas partes igualmente fortes por qualquer plano que por alli passe); chama-se a collisão *central*.

159. Se da acção mechanica de hum corpo sobre outro resulta, que as partes deste, que antes estavão em cohesão (§. 141.) a perdem; diz-se que aquelle *separou*, *apartou*, *desunio* as partes

coherentes: e que *quebrou*, *partio*, *rompeu*, *cortou*, *dividio* o corpo que dellas se compunha.

160. Se vindo a contacto as partes de dous corpos humas com as outras, resultarem da attracção ou repulsão, que ellas entre si exercerem, outros corpos differentes do agente e do paciente; chamar-se-ha *chimica* a acção dos dous corpos hum sobre o outro.

161. A attracção chimica tambem se chama *affinidade*.

162. Se o systema que resulta da acção chimica, he hum composto de partes identicas em qualidades, chama-se-lhe hum *composto homogeneo*: e tambem as partes de que elle se compõe, se dizem *homogeneas*.

163. Se as partes componentes differem humas das outras em qualidades, dizem-se *heterogeneas*: e ao systema chama-se-lhe hum *aggregado*.

164. Todos os compostos e aggregados subjeitos á nossa observação se dividem em duas grandes classes, a saber: *vivos* ou *organicos*, e *inorganicos*.

165. Chamamos corpos *vivos*, aquelles, cuja duração, ou o que val o mesmo, a continuação da sua existencia) deriva de huma serie de acções chimicas das suas partes entre si e com outros corpos.

166. Aquelles corpos porém, que longe de tirarem a sua duração da acção chimica das suas partes entre si e com os outros corpos, são taes, que toda e qualquer acção chimica os altera, e até continuada, os faz perecer e acabar, chamão-se *mortos*.

167. Aquella serie de acções chimicas do corpo vivo, de que se trata, chama-se *vida* desse corpo.

168. O complexo das que entre ellas são essenciaes ao mesmo corpo, constitue o que se chama a *vitalidade* delle.

169. A cada huma daquellas partes de hum aggregado vivo, cada huma das quaes exercita huma funcção vital distincta, se dá o nome de *orgão vital*: e ao corpo ou aggregado (por isso que delles se compõe) chama-se-lhe *organico*.

170. Todos os outros são denominados *inorganicos*.

171. Dos corpos inorganicos, huns são *brutos*, outros são *crystallisados*.

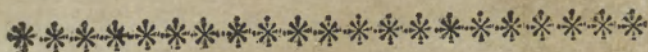
172. *Brutos* aquelles, que não presentão fórma externa regular.

173. Chamão-se *crystallisados* aquelles, que se offerecem debaixo de huma fórma regular, isto he, configurados conformemente a certas e determinadas leis.

174. Ao corpo organico, em quem reconhecemos movimentos mechanicos, que não são effeito de nenhuma causa externa, chamamos *animal*.

175. A todos os outros corpos organisados damos o nome de *vegetaes*.

176. Creio ter definido todas as expressões tomadas da Physica e da Dynamica, de que nos temos de servir nestas Prelecções: e das quaes por conseguinte era necessario que eu vos fizesse conhecer o sentido.

Portanto poderemos tornar a tomar na seguinte Prelecção o fio das nossas considerações cosmologicas.

PRELECÇÕES PHILOSOPHICAS.

QUINTA PRELECÇÃO.

ASSUMPTO.

§. 177. IMPORTANTE verdade cosmologica da *ligação de todas as partes do Universo entre si.* — §. 178. Prova deduzida da theorica das *marés.* — §. 179. Outra prova tirada da *respiração dos animaes*; e da *perspiração das plantas.* — §. 180. Terceira prova tirada da *acção dos oleos sobre as vagas do mar.* — §. 181. Asseveração do facto. — §. 182. *Theorica das acções e reacções successivas* para explicação do facto. — §. 183. Applicação destes principios geraes ao phenomeno de que se trata. — §. 184. Complemento daquella applicação, derivado da natureza da reacção dos corpos oleosos sobre as vagas. — §. 185. Conclusão da

mencionada lei cosmologica. — §. 186. O que se entende por *Natureza* : e por *leis da Natureza*. — §. 187. Significação usual, digna de nota, da palavra *Natureza*. — §. 188. Abuso que alguns Pseudo-philosophos tem feito da mesma palavra, relativamente á creação. — §. 189. O que seja *Creação*. — §. 190. Que quer dizer *Creador*, *Deos*? — §. 191. Que quer dizer *creatura*? — §. 192. Classificação dos phenomenos do Universo. — §. 193. O que seja *ordem*, *harmonia*, *conservação* de hum systema. — §. 194. O que seja *perfeição*, *augmento*, *augmento de energia* ou de *actividade*? — §. 195. O que se entende por *virtude* de hum systema. — §. 196. Significações das palavras: *deteriorar-se*, *degenerar*, *alterar-se*, *viciar-se*, *corromper-se*, *acabar*, *morrer*, *perecer*. — §. 197. O que seja *morte*, *destruição*, *aniquilação* de hum systema. — §. 198. Da *transmutação* ou *metamorphose* como synonymos de *transformação*. O que seja *resolução* e *dissolução*. — §. 199. Especial significação da palavra *transformação*. — §. 200. O que seja *alimentar-se*, *commutar*, *refazer-se*, *reparar as forças*. — §. 201. O que he *extus-suscepção*, e *intus-suscepção*? — §. 202. Definição que alguns Philosophos tem dado do corpo *organico*. — §. 203. Comparação desta definição com a do §. 165. — §. 204. Novos desenvolvimentos da *Theorica* das definições: e erro que nellas se costuma commetter. — §. 205. Outro erro em materia de definições. — §. 206. O que são *synonymos*? — §. 207. O que he *regeneração*? — §. 208. Da *regeneração* como synonymo de *renovação*.

QUINTA PRELECÇÃO.

177. A CONTEMPLAÇÃO do Universo, e particularmente a dos grandes phenomenos, que nelle observamos, facilmente nos conduzem ao conhecimento de huma verdade cosmologica, que he preciso tenhaes diante dos olhos no decurso da lição dos Philosophos que tem tratado destas materias; pois nem todos souberão apreciar toda a extensão das suas importantes consequencias.

O presente, dizia o grande Leibnitz, *está prenhe do futuro.*

Qualquer das mónades, de que o Universo se compõe, dizia outras vezes aquelle Philosopho, *he representativa do mesmo Universo.*

178. E na verdade consideremos, por exemplo, o phenomeno das marés.

Todos sabem, que este effeito tem por causas principaes o Sol, e a Lua.

Mas o em que nem todos tem advertido, posto que seja obvio e de facil comprehensão, he que este espantoso movimento das agoas não se póde operar, sem que produza correspondentes movimentos na atmosphera: E estes não podem deixar de causar variados effeitos, já nos animaes, cuja vitalidade tanto depende do ar ambiente, já na immensa variedade de phenomenos meteorologicos, que se devem seguir na mesma atmosphera.

179. Assim se acha ligado ao grande astro do

dia esse imperceptivel insecto, que escondido entre as folhas dessa planta se nutre dos succos della. Essa mesma planta inspirando, bem como o insecto, huma parte da atmosphora ambiente, expira aquella porção, de que não precisa, segundo a sua natureza, e que indo-se misturar com o ar da atmosphera, vae estender a reacção da humilde planta, do despresivel insecto sobre todo o Universo. Porque talvez vos não he desconhecido que as plantas expirão ao Sol hum ar purissimo, a que se chama oxygeneo, que he aquella parte do ar atmospherico, em que unicamente podem viver os animaes; que respirão, e sem o qual não póde haver combustão: e pelo contrario á sombra tornão o ar atmospherico menos proprio, tanto para a respiração, como para a combustão; porque expirão hum ar, que por isso se chama azoto, que quer dizer improprio para alimentar a vida.

Do mesmo modo o insecto, bem como todos os animaes, que na inspiração recebem dentro em si o ar atmospherico para delle separarem a porção de oxygeneo de que precisão, expirão hum gaz acido appellidado carbonico, que derramado na atmosphera produz em todos os tres reinos da Natureza, mas particularmente no Reino vegetal, phenomenos da mais relevante importancia.

180. Tormentosos ventos cahindo sobre a superficie dos mares levantão até ás estrellas encapelladas ondas, que ameação de sossobrar o fraco baixel, a que ousado navegante confiara a sua vida. Huma simples garrafa de azeite lançada jun-

to ao navio he bastante a quebrar a força dos vento. até huma certa distancia : e levado no meio de hum tranquillo remanso a travez de cavados mares ganha felizmente o porto, aonde a furia das ondas lhe não permittia abordar.

181. Esta observação, que he certamente huma das mais proprias para demonstrar, como a acção da causa aparentemente a mais insignificante se estende a todo o Universo, remonta a huma alta antiguidade: e depois de ter sido contestada por muito tempo, foi emfim verificada por experiencias feitas de proposito com todo o possivel cuidado por varios Naturalistas modernos, entre os quaes merece citar-se, como o mais distincto, o immortal Franklin.

Assentado pois este facto, como fóra de toda a duvida, darei a explicação delle, para melhor conceberdes como o mais pequeno phenomeno está ligado com todos outros phenomenos, ainda os mais apparatosos da natureza.

182. Com effeito por maior e mais espantoso que seja hum phenomeno, nunca he formado derepente. Essa montanha de agoa, que amedrenta ao mais animoso, a quem falta a experiencia, não se levanta com essa medonha grandeza no meio do mar estagnado. Foi preciso que o vento, soprando sobre a tranquilla superficie do mar, produzisse primeiramente pequenas ondulações insensiveis á vista do mais experto; ás quaes unindo-se logo depois outras igualmente insensiveis, já formão huma mareta, que o viajante sem experiencia não percebe, mas que á vista exercitada

do Piloto anuncia o grosso mar que cahirá sobre o navio ao cabo de algum tempo ; isto he , ao cabo do tempo necessario , para que accrescendo novas maretas igualmente fracas que aquelloutras , formem a final huma vaga, que se não póde encarar sem espanto.

183. Aqui, Senhores, como em todos os phenomenos da natureza, he só pela accumulação de pequenos e insensiveis phenomenos homogeneos, que se formão com o tempo essas commoções, que parecem hum transtorno geral do Universo.

Esta successiva formação das vagas não se verifica só antes da tormenta, mas continúa do mesmo modo durante toda ella. Sem esta continuação, com a queda das primeiras vagas acabaria a tempestade.

Portanto, se para destruir huma pequena força se requere pequena força, bastará para empedir que jámais apereça aquelle grande phenomeno o applicarmos huma pequena força, mas huma força sempre presente, que depois de destruir, apenas elle começa a formar-se, esse primeiro insensivel crespo do mar, invista e destrua o seguinte, e cada hum dos seguintes, que não achando o encosto dos precedentes se apresenta tão fraco e tão facil de destruir, como cada hum delles de per si.

184. Vós sabeis, que o azeite nada acima da agoa: e portanto ser-vos-ha facil de conceber, que apenas o primeiro crespo d'agoa formado pelo vento junto ao navio se levanta acima da superficie do mar, o azeite remontando-se acima delle o destroe com o seu proprio peso, e em virtude da co-

herencia que lhe he natural com o resto da lamina oleosa, que unida ao costado do navio se estende até huma grande distancia pela superficie do mar: não de outro modo que no serviço domestico observamos, que querendo-se transportar de huma para outra parte hum balde de agoa, se lhe lança dentro huma simples taboa, que sobrenadando a qualquer pequena ondasinha, que se forma á superficie, a rebate, e impede a formação de maior chapeleta, que a formar-se, saltaria por cima das bordas do balde: e repetindo-se continuadamente o mesmo, dentro em pouco tempo se teria extravasado a maior parte da agoa, á proporção da profundidade e da abertura do mesmo balde.

185. Demorei-me na exposição destes exemplos mais do que a natureza do nosso actual estudo pareceria permittir; mas assim era preciso, porque se fizerdes applicação das differentes advertencias que durante esta exposição tenho feito, a quaesquer outros phenomenos da natureza; em cada hum delles vereis huma nova prova da importante verdade, que com estes exemplos me propuz mostrar-vos; a saber: que qualquer phenomeno por mais pequeno que elle seja, assim como he effeito da reunião de todos os que lhe tem precedido na vasta extensão do Universo; assim tambem está ligado a todos os futuros, como rasão parcial de todos elles. E bem como o experto mareante pela inspecção da superficie do mar em apparencia tranquilla prediz, muitas horas antes, a futura tempestade: assim tambem facilmente se

concebe, que huma intelligencia da ordem superior á humana intelligencia, abraçando com a vista o estado presente de todo Universo, nelle, e em cada huma das suas partes, veria representados, como o effeito o he na sua causa, todos os futuros acontecimentos até á mais remota duração dos seculos.

186. Estão pois ligadas entre si, como agentes e pacientes, todas as substancias do Universo, que por este modo vem a formar hum systema (§. 97.). E como este seja composto de todos os complexos de qualidades, que contituem a natureza de cada huma das substancias existentes, deu-se-lhe por isso, em sentido collectivo, o nome de *Natureza*: E aos phenomenos e leis, que em alguma parte deste systema do Universo se patenteão, chamão-se-lhes *phenomenos* e *leis da Natureza*.

187. A observação acima mencionada, (§. 105) reduzida a huma expressão mais geral, demonstra, que cada hum dos phenomenos que acontecem em qualquer substancia, he hum effeito, que tem por causa (§. 87.) todas as substancias do Universo, collectivamente, ou (o que he identico) ao mesmo Universo ou á Natureza: a rasão daquelle phenomeno he o estado precedente do mesmo Universo (§. 92.). E pela sua parte este mesmo phenomeno considerado relativamente a todos os que depois delle tem de acontecer em todas, e em cada huma das substancias do Universo, he huma das rasões parciaes desses phenomenos: bem como a substancia, em que elle se verifica, he huma das causas parciaes de tudo o que posteriormente acontece nos corpos da Natureza.

188. He neste sentido, que fallando-se de algum daquelles phenomenos em particular, se diz ser *effeito* ou *obra da Natureza*: Expressão mui sensata e philosophica, com tanto que se não applique, como alguns Pseudo-philosophos o tem feito, ao facto da *Creação*: sobre o que dissertarei com a individuação que a materia merece, em seu competente lugar. Por ora conformando-nos com a ordem que nestas Prelecções vamos seguindo, lançaremos as bases para a deducção daquellas doutrinas assentando definições, que, como brevemente veremos, são em todas as Sciencias os principios da demonstração.

189. Entende-se pois por *Creação* o primeiro de todos os estados do Universo, remontando do actual para o passado.

190. O Ente, causa deste primeiro estado do Universo, chama-se *Creador*, *Deos*.

191. Relativamente a este primeiro estado da sua existencia, chama-se, tanto ao Universo, como a cada huma das suas partes, *creatura*.

192. Qualquer que tenha sido o estado do Universo, no primeiro momento depois da sua creação; as partes, de que elle se compõe, tinhão nas forças de attracção e de repulsão, de que erão dotadas, dous principios de conservação; de perfeição; de decadencia; de transformação; e de regeneração: expressões que abrangem todos os differentes phenomenos, que a observação do Universo nos offerece; e de que cumpre portanto conhecermos o valor.

193. Quando as qualidades das partes compo-

nentes do systema são taes, que os attributos do mesmo systema continuão a ser os mesmos durante hum tempo notavel; diz-se que aquelles componentes estão bem *combinados* ou bem *ordenados*, que estão em *harmonia*, ou tambem em *equilibrio* (§. 105.): e á continuação deste estado chama-se *conservação*.

194. Porém se o systema não só se conserva, mas adquire successivamente novos attributos além dos antigos, ou em vez de alguns destes, outros mais fecundos em effeitos essenciaes (§. 98.) tendentes a conservar, tanto o mesmo, como outros systemas, de que elle por ventura faz parte; diz-se que elle se aperfeiçoa: que *cresce* em *energia*: que *augmenta a esphera da sua actividade*: E ao maximo desta actividade, isto he, do total dos attributos em que ella consiste, chama-se o maximo da perfeição, ou simplesmente *perfeição* do systema.

195. O complexo dos attributos conservadores em qualquer systema, chama-se *virtude* (§. 91.) do mesmo systema: E distinguem-se neste tantas *virtudes*, quantos differentes complexos de semelhantes attributos nelle se podem distinguir.

196. Mas se o numero dos attributos do systema diminue; se diminue a sua actividade: qualquer que seja o estado de cada huma das suas partes componentes, considerada separadamente; diz-se que elle se *deteriora*; que *degenera*: que se *altera*; que *se vicia*; que *se corrompe*; que *se acaba*; que *morre*; que *perece* (§. 83.).

197. E portanto chama-se *morte*, *aniquilação*,

destruição, do systema, cessarem os seus attributos, tornar-se em nada a sua actividade: cessar a relação de agentes e pacientes que tinhão entre si as partes que o compunhão: mudarem estas mesmas partes de relação; as quaes expressões são todas synonymas, como pela definição de cada huma dellas se póde facilmente conhecer (§§. 79. — 86.).

198. Dous são os modos porque as partes de hum systema podem vir a mudar de relação: o primeiro, cessando toda e qualquer acção de humas sobre outras: e o segundo, quando a essas partes que já existião, vem accrescer outras, cuja acção faz variar a que ellas antes exercião entre si.

A este ultimo caso, chama-se *transformação*, *transmutação*, ou *metamorphose* (§. 86.). Ao primeiro, chama-se *resolução* ou *dissolução*: *resolução* quando as partes do antigo systema se separão em varios outros, de modo que, em vez do antigo systema, se achão reunidas em hum grande numero delles isolados huns dos outros. Se nem estes mesmos systemas menores ficão existindo, e as partes componentes ficão absolutamente isoladas humas das outras; chama-se a este estado *dissolução*.

199. Quando porém as partes, que se separão e poem fóra da acção do resto dos componentes, são em muito pequeno numero, de modo que, posto que differente nos seus attributos, o novo systema he identico, em componentes, com o precedente; entra este caso no segundo, e chama-se *transformação* &c.

200. E se esta transformação se opera de maneira, que accrescendo sempre novos elementos aos antigos (seja addiccional, seja substitucionalmente) as leis do novo systema são sempre identicas com as do precedente; tambem se diz ser o systema identico com os de todos os momentos precedentes: e a cada nova accessão de elementos, se diz que elle os *commutou na sua* propria *substancia*, que os *appropriou* a si; que os *assimilou* comsigo; que se *nutrio*; que se *alimentou* delles: E quando isto he substitucionalmente, diz-se, que se *refez*, se *reparou* com aquella commutação: ou tambem (porque se observa, que pela ausencia dos principios, agora substituidos, havia diminuido a força, a actividade do systema) se diz que elle, appropriando-se aquelles novos principios, *refez*, *reparou as suas forças*.

201. Dous são os modos porque esta assimilação de principios se opera: o primeiro he por *apposição*, a que tambem alguns chamão *extus-suscepção*; o outro he por *intus-suscepção*. Aquelle consiste em huma mera coherencia dos novos elementos a algumas das superficies externas do systema. Neste porém os novos principios penetrão por toda a massa do respectivo systema, e combinão-se com elle em todas as direcções.

202. Daqui vem que alguns Philosophos tem definido, conforme a esta distincção, os corpos *organicos* pelo caracter da *intus-suscepsão*, e os *inorganicos*, pelo da *extus-suscepção*: e então retrogradando definem *vivo* todo aquelle corpo que he organico.

203 Aproveitarei esta conjunctura, para dar hum novo desenvolvimento á doutrina das *definições*, comparando esta com as que ficão dadas nos §§. 165, e seguintes da precedente Prelecção. Se combinamos o §. 169. com o §. 173. vemos, que se consideramos os corpos organicos privados por hum momento da acção vital, nada mais são do que hum aggregado de corpos crystallisados, porém de tal modo entre si dispostos, que se cruzão e ramificão em todas as direcções.

Supponhamos agora, que no momento immediato começão a discorrer ao longo das superficies, quer sejão internas, quer externas destes crystaes, tão numerosos, quanto delicados liquidos nutridores, donde elles vão tomando os elementos, de cuja aggregação se segue a formação do todo.

He evidente que se entre este aggregado de crystaes e o que constitue hum gruppo de crystaes de nitro, que se forma nos apparelhos de hum Laboratorio, ha alguma differença; esta certamente não consta no modo de intus ou extus-suscepção; porquanto estas expressões são relativas á massa total dos crystaes: de modo, que hum elemento, que se diz ter accrescido ao gruppo por intus-suscepção por isso que se tem aggregado a hum dos crystaes internos do grupo: accresceu por extus-suscepção a esse crystal, se foi á sua superficie externa que se veio aggregar.

A differença, Senhores, consiste unicamente (como sem duvida tendes observado pela comparação dos §§. 165., e 166.) em que no corpo,

que não he vivo, a acção chimica de qualquer outro corpo, ou mesmo a das suas partes entre si, o altera, e a final o destroe inteiramente: entretanto que o corpo vivo só continua a se-lo (e a se-lo do modo que he proprio da sua natureza) em virtude do jogo de acções e reacções chimicas, que lhe são particulares.

204. Estas reflexões, que poderáõ parecer inuteis a quem se achava já inteirado do espirito das definições contidas nos citados §§. 165., e 166., são destinadas, como ha pouco observei, para vos despertar a attenção sobre dous erros que não são raros em materia de definições: e vem a ser que em vez de se dar a definição da palavra, de que se trata, dá-se a de hum dos seus synonymos: como acabamos de ver que em vez de se definir o que era corpo vivo, definio-se o que era corpo organico; posto que o corpo vivo só he organico quando he hum aggregado de orgãos (§. 167.) e não quando nelle se não podem distinguir partes que exercitem cada huma sua differente funcção: como acontece com a maior parte dos liquidos, tanto no animal, como no vegetal.

205. O outro erro consiste em metter na difinição, como caracter commum a todas as cousas definidas, hum que só he commum a algumas dentre ellas; e portanto he má a definição, porque não enumera todas as idéas que desperta a palavra definida, porém só algumas dellas (§. 35.) como na definição do corpo inorganico temos visto que se introduzio o caracter de extus-suscepção, por se não reflectir, que o que he extus-suscepção re-

lativamente a hum crystal do aggregado, he intus-suscepção relativamente ao aggregado, dentro em cuja massa elle se acha envolvido.

206. Mas perguntará alguem, reflectindo-se sobre o primeiro destes dous erros, que acabo de apontar, que entendeis vós por *synonymos*?

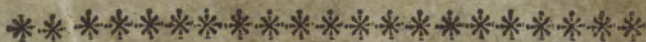
Respondo: chamão-se *synonymas* duas expressões, quando em algumas occasiões (posto que nem sempre) se póde usar de huma em vez da outra, sem que dahi se siga erro notavel.

207. Porém, voltemos a tomar o fio das nossas considerações cosmologicas, que fazem o particular objecto desta Prelecção: concluamos com o ultimo dos cinco grandes phenomeros do mundo mencionados no §. 189; quero dizer, a *regeneração*, que a Natureza costuma offerecer-nos em duas differentes maneiras. Humas vezes acontece, que depois de se haver destruido hum systema (§. 194.) e terem-se portanto separado os seus componentes, sahindo huns da esphera de actividade dos outros; tornão depois de algum tempo a voltar a ella, e torna por conseguinte a apresentar-se-nos o mesmo systema: não só identico nas qualidades, mas tambem nos componentes. E esta he a primeira especie de *regeneração*.

208. Mas em outras occasiões succede, que tendo-se destruido hum systema parcial de outro mais composto, se observa que pela acção do que ficou unido sobre outros corpos que vem successivamente entrando na esphera da sua actividade, se vae formando, e finalmente torna a apparecer completo hum novo systema parcial identico em qua-

lidades com o que havia perecido; mas formado de outros componentes: E esta he a segunda especie de *regeneração*; aquella que mais frequentemente acontece na Natureza; e que, para assim dizer, envolve em si todos os phenomenos do Universo. Tambem se lhe chama *renovação*.

Porém, antes de entrarmos no desenvolvimento desta importantissima verdade, he preciso assentar primeiro algumas doutrinas psychologicas que farão a materia da seguinte Prelecção.

****

PRELECÇÕES PHILOSOPHICAS.

SEXTA PRELECÇÃO.

ASSUMPTO.

§. 209. DETERMINAÇÃO comparativa das palavras: *sensação*, *percepção*, e *idéa* — §. 210. Em que consiste a *confusão*: e em que a *distincção* das idéas. — §. 211. O que seja *idéa imperfeita*, *incompleta*, *inadequada*? — §. 212. O que são *idéas obscuras*? E *claras*? — §. 213. Origem ordinaria da confusão e da obscuridade das idéas. — §. 214. O que seja *erro* ou *juizo falso*? — §. 215. Theorica dos erros. — §. 216. O que he *acer-*

SEXTA PRELECÇÃO.

209. CONCLUINDO nós a segunda Prelecção, observámos, como resultado de quanto nella haviamos ponderado, que *idéa*, *noção*, *percepção*, *comparação*, *juizo*, são todas expressões synonymas *de sensação*. Comtudo, os Philosophos, para maior distincção assentarão de appropriar o nome de *sensação* a aquella, que temos, estando o objecto presente, e querendo nós designar, que elle faz impressão sobre os nossos sentidos. Chamão-lhe *percepção*, quando querem designar, que a impressão feita nos nossos sentidos, foi com effeito, sentida. Quando se quer dizer, que não só he ou foi sentida, mas que póde ser recordada, chama-se-lhe *idéa*.

210. Se recordando-nos nós de idéas pertencentes a diversos objectos, nos não recordamos de quaes pertencem a huns e quaes a outros, chama-se a esta reminiscencia *confusão de idéas* ou *idéas confusas*. Quando acontece o opposto, chamão-se *distinctas*.

211. Mas se em vez de misturarmos com as idéas de hum objecto outras, que lhe são estranhas, nos não recordamos mesmo de todas as que nelle observámos: ou tendo-o presente, não observamos todas as que delle poderiamos ter, se o considerassemos melhor, chama-se a esta idéa *imperfeita*, *incompleta*, *inadequada*.

212. Se porém, as idéas, que temos do obje-

cto, quer sejão completas, quer incompletas, nos não occorrem dispostas na ordem, em que forão por nós observadas, chama-se-lhes *obscuras*: bem como pelo contrario se chamão *claras*, quando se nos representão na mesma ordem em que naturalmente nos entrarão pelos sentidos.

213. Tanto a obscuridade, como a confusão das idéas, provém ordinariamente de se não distinguirem, ou por se confundirem as qualidades accidentaes dos objectos com as essenciaes (§§. 71., e 72.). E como esta he a mais frequente origem dos enganos em que cahimos, tanto no trato commum da vida, como no estudo das Sciencias, he esta huma observação que particularmente cumpre que recommendeis á vossa memoria.

214. Quando as idéas de hum objecto se nos apresentão confundidas com as de outro, ou quando sómente se nos apresentão delle as que lhe são communs com esse outro: ou em fim pela obscuridade e desordem com que se nos apresentão as que o distinguem, não attentamos nellas, e nos limitamos a fixar as que são communs a ambos; segue-se o darmos a esse, que observamos, o nome do outro com quem o achamos identico. E eis-aqui o que se chama *erro*, ou *juizo falso*.

215. Consiste pois, o *erro* em concluirmos, pela identidade das qualidades, que contemplamos, serem identicas as que não contemplamos, e que se as observassemos, achariamos serem differentes entre si.

216. Como porém, nunca acontece, que nós observemos todas as qualidades dos objectos, que temos presentes; mas sómente huma parte dellas:

e comtudo as mais da vezes não erramos, quando assim concluimos da identidade das que observamos a daquellas que não observamos; chama-se a esta conclusão de identidade, que a observação confirmaria, *acerto*: e á identidade da mesma conclusão com a experiencia, *verdade*.

217. Nós temos visto nos §§. 71. e 72., que as qualidades ou são essenciaes, ou accidentaes: e nos §§. 13., 14., 51., e 52. advertimos, que destas qualidades, humas são proprias do individuo, outras da especie, outras do genero, outras da ordem, outras da classe &c. Donde resulta que a identidade, ou differença dos dous objectos, de que acabamos de fallar, póde ser individual, ou de especie, ou de genero, ou de ordem, ou de classe &c.

218. Qualquer que seja destas identidades, ou differenças aquella de que se trata; dizemos, que temos *certeza* da identidade dos dous objectos, querendo dizer: que as qualidades, que de facto observamos serem identicas em ambos elles, são do numero daquellas que se denominão propriedades (§. 73.).

219. Sendo grande o numero dos individuos de huma classe, a presença de qualquer qualidade essencial desta classe, que se offereça á nossa observação, desperta em nós a lembrança de todos, ou de muitos dos individuos que nessa classe conhecemos: e em quanto não descobrimos alguma propriedade que nos dê certeza de qual seja o individuo, que estamos observando, dizemos que estamos em *duvida* sobre qual elle seja de entre os mesmos individuos.

220 Comtudo acontece muitas vezes, descobrirmos a par destas qualidades essenciaes, que determinão a classe, outras, que apezar de poderem pertencer a varios individuos, as temos observado as mais das vezes em algum delles, e que por isso se lhes chama *qualidades habituaes*. Quanto maior he pois o numero destas qualidades ou circunstancias habituaes, tanto mais *provavel* ou verosimil dizemos ser a identidade do objecto, que contemplamos, com outro de que nos recordamos.

221. Quando a sensação produzida por hum objecto he tal, que ou não sentimos nenhum outro, ou se algum sentimos he tão rapidamente, que voltamos immediatamente ao primeiro, chama-se a esta sensação exclusiva *attenção*.

222. E se esta attenção dura tempo consideravel, chama-se-lhe *contemplação*.

223. Em geral dá-se o nome de *reflexão*, *applicação*, *estudo*, *indagação da verdade*, a aquella reiterada contemplação, de que unicamente póde resultar o conhecimento de qualquer objecto. Donde vem que a repetição de semelhantes actos se chama *apprender*.

224. He facil de reconhecer, que á medida, que nós repetimos mais vezes a resenha das qualidades de hum objecto, a fazemos com maior rapidez: e chegamos a faze-la em tão pouco tempo, que he obra de hum instante indivisivel. A esta facilidade ou promptidão, chama-se *golpe de vista*, *perspicacia*, *viveza*, *esperteza*, *habilidade*, *tacto*: expressões synonymas, cujas gradações (§. 206.) se irão apontando nos seus respectivos lugares.

225. Se quando chegamos a esta promptidão, nos recordamos de como a havemos adquirido, chama-se-lhe *habito*, *dexteridade*, *destreza*, *capacidade*: E a reiteração dos estudos por cujo meio a temos adquirido, chama-se-lhe *experiencia*, *uso*, *practica*, *exercicio*.

226. Mas se nos não recordamos do estudo que precedeu a semelhante promptidão, chama-se-lhe *habilidade*, *talento*, *capacidade*, *tacto*, *instincto*. E para melhor designarmos, que nos não lembramos de havermos apprendido os conhecimentos de que se trata, dá-se-lhes o epitheto de *innatos*.

227. Os Philosophos para distinguirem os casos, em que nós nos lembramos de cada hum dos passos do estudo que temos feito, daquelles em que nos falta esta lembrança; dizem no primeiro caso, que não só tivemos *percepção*, mas tambem *consciencia* das idéas, de que se trata.

Alguns para mais clareza, chamão-lhe *consciencia da percepção*: e outros, *appercepção*.

228. Nestes casos em que assim fixamos a nossa attenção sobre cada huma das partes do objecto, que estudamos, chama-se a este *cuidadoso* estudo, *meditação*, e tambem *contemplação* (§. 221.).

229. A aquelle que deste modo indaga a natureza dos objectos, chamamos lhe *profundo*. E pelo contrario aquelle, que ommitindo este estudo, se contenta com as idéas inadequadas, a que unicamente póde aspirar, chama-se *superficial*.

230. Reduzindo-se todos os nossos conhecimentos aos de individuos ou de classes (entendo aqui

por classes quaesquer gruppos de individuos (§§. 13. 14.)); tambem o estudo, por cujo meio nós adquirimos conhecimentos, se divide em estudo de individuos ou de classes.

231. Todas as vezes que nós fixamos successivamente a nossa attenção sobre cada huma das qualidades tanto individuaes como genericas, que nos importa conhecer em qualquer individuo; assentárão os Philosophos de chamarem a este estudo *analyse*: e ao *methodo*, pelo qual nos devemos ou costumamos guiar em semelhante caso, *analytico*.

232. Porém quando o nosso estudo se applica á analyse de classes, e por ella vimos no conhecimento dos individuos que nas mesmas classes se comprehendem; dá-se a esse estudo, bem como ao methodo, que nelle seguimos, o epitheto de *synthetico*.

233. Ao primeiro destes dous estudos chama-se *observação*; e ao segundo, *discurso*.

234. Posto que na ordem chronologica, primeiro *observamos* individuos, do que *discorramos* sobre classes; comtudo como o intervallo entre estas duas epocas he extremamente pequeno: e passado elle, a analyse discursiva predomina em todos os nossos estudos; cumpre que primeiro tratemos da *Theorica do discurso*, antes de fallarmos da *Arte de observar*. Ella será o objecto da seguinte Prelecção.

PRELECÇÕES PHILOSOPHICAS.

SEPTIMA PRELECÇÃO

ASSUMPTO.

§. 235. TODOS os objectos, tanto de nossa observação, como dos nossos discursos se dividem em tres rubricas. — §. 236. Os elementos do discurso reduzem-se aos seguintes, a saber: *Substantivos*. — §. 237. *Adjectivos*. — §. 238. O que sejão substantivos *proprios*, e o que *appellativos*. — §. 239. *Verbos*. — 240. O que são verbos *activos*? — §. 241. E activos de *acção transeunte*? — §. 242. E de *acção intranseunte*? — §. 243. E verbo

270. Das definições consideradas como hum dos principios do raciocinio. Da *observação* e da *abstracção* como principios dos nossos conhecimentos. §. 271 Que a observação tem por limites o alcance dos nossos sentidos: e que a abstração depende além disso da extensão da linguagem. — §. 272. Que a primeira ordem de nomes são os das substancias. — 237. Que os da seguna ordem são os das classes, em que se dividem as substancias, segundo as suas qualidades. — §. 274. Que os de terceira ordem são os das classes, em que dividimos as qualidades das substancias.

ERRATAS.

Pag.	§§.	*Erros.*	*Emendas.*
77	238	chamão-se *proprios.*	chamão-se *appellativos.* Todos os outros se chamão *proprios.*
79	254	chama se evidencia.	chama-se de evidencia.
82	257	por exemplo .... *parallelas*	por exemplo : *Cortadas por huma terceira duas rectas parallelas*
ib.	ib.	*menores, que*	*maiores que*
84	263	(§. 244.)	(§. 261.)
ib.	ib.	(§. 253.)	(§. 260.)
86	267	dados	dadas
ib.	ib.	esses	essas
88	269	transcre vem os	transtrevemos

SEPTIMA PRELECÇÃO.

235. TODAS as nossas observações e discursos versão sobre algum dos tres seguintes objectos, a saber: o *estado* (§. 77.), a *acção* (§. 87.) ou a *paixão* (§. 88.) de alguma cousa (§. 81.).

236. As palavras, que designão a cousa cujo estado, acção ou paixão he objecto da nossa observação, chamão-se *nomes substantivos.*

237. Aquellas, que só servem para especialisar os substantivos, chamão-se *nomes adjectivos.*

238. Os substantivos, que designão qualidades communs a varios individuos, chamão-se *proprios.*

239. As palavras, que affirmão ou negão a existencia real ou hypothetica de alguma cousa, em tempo determinado ou indeterminado, chamão-se *verbos.*

240. Se o facto, que o verbo significa, se considera, como rasão de outro facto, chama-se o verbo *activo.*

241. E diz-se além disso, que he de *acção transeunte*, se o effeito, de que esse facto he razão, se verifica em outro objecto, do que elle.

242. Mas se se verifica no mesmo, diz-se que o verbo he de acção *intranseunte.*

243. Chama-se passivo a aquelle verbo, cujo significado se refere ao objecto do agente.

244. O verbo, que nem he activo, nem passivo, mas só designa o estado de alguma cousa, chama-se *neutro.*

245. As palavras, que se empregão para especialisar a significação de algum verbo ou de algum adjectivo, chama-se *adverbio.*

246. As que são unicamente destinadas a estabelecerem a relação de differentes phrases, ou tambem ás vezes as de differentes partes de huma mesma phrase, entre si; chamão-se *conjuncções.*

247. As que só se usão para estabelecer a relação de algumas palavras de huma mesma phrase entre si; chamão-se *preposições.*

248. Aquellas, que não significando nada, ou além da sua significação, exprimem, só pelo tom com que se pronuncião, o sentimento daquelle que dellas se serve; chamão-se *interjeições.*

249. E se estas parecem suppor huma resposta; chamão-se *interrogações*: Se não; chamão-se *exclamações.*

250. Ainda que entre no plano destas Prelecções o tratar circunstanciadamente de cada hum destes elementos do discurso; seria necessario interromper o fio das idéas que vamos seguindo, para dar a cada hum destes artigos todo o desenvolvimento que lhe compete. Reservando pois para mais proprio lugar a deducção das doutrinas, que se seguem das precedentes definições, passo a fazer applicação dellas á theorica do raciocinio.

251. O complexo das palavras que além do estado, ou da acção ou da paixão, denotão o tempo, determinado ou indeterminado, desse estado acção ou paixão: e as entidades, em quem ellas se verificão; chama-se *proposição.*

252. Sendo o meu intento expor-vos aqui

as minhas idéas, sem me distrahir em refutar as dos outros, he me impossivel o deixar de advertir-vos neste lugar, que os Philosophos, ainda os mais distinctos entre os modernos, são todos de accordo em dizerem que toda a proposição he hum juiso enunciado com palavras. Entretanto que pela definição, que acabais de ouvir, as proposições podem exprimir juisos, mas tambem podem deixar de os exprimir. Torno a repetir, que apezar de ser contrario ao plano destas Prelecções o refutar as opiniões dos outros, visto estar isso reservado para quando fizermos a analyse das obras de cada hum delles; contudo a importancia da materia em si mesma, e pela occasião que offerece ao desenvolvimento de outros principios da Sciencia, exige, que eu vos demonstre, que nem todas as proposições são enunciados de juisos.

253. Já no §. 217. fica advertido, que usamos da palavra *certeza*, quando são identicas as impressões de dous objectos, que obrão sobre os nossos sentidos: cumpre accrescentar agora, que tambem usamos da mesma palavra *certeza* para designarmos, que tal ou tal qualidade de algum individuo, he identica com alguma outra qualidade, transcedente a todos os individuos da classe daquelle, de que se trata.

254. A *certeza* de que falla o §. 217. chama-se de *simples intuição*; e á que acabo de expender, chama-se *evidencia*, ou de *demonstração*; a saber: de *evidencia*, quando na proposição que enuncia a identidade da qualidade do individuo com a da classe, se achão ambas aquellas qualidades exprimidas pelo

mesmo nome; como por exemplo = O *animal* que ri, he *animal* = Porém quando na proposição, que enuncia a identidade das ditas duas qualidades, individual e generica, cada huma dellas se acha designada por seu nome differente do da outra: e só depois de certas praticas que logo expenderemos, e a que se chama *discurso*, he que vemos a identidade da qualidade individual com a generica, chama-se ao discurso *demonstração*: e á certeza, que por elle adquirimos daquella identidade, *persuasão* ou *convicção*: e á *proposição* mesma, *verdade de demonstração*; como por exemplo esta = O homem he animal = proposição, que enuncia a identidade entre as qualidades genericas designadas pela palavra *animal*, e algumas das qualidades individuaes designadas pela palavra *homem*. Como porém este nome, que significa as qualidades individuaes, seja differente do de *animal*, que significa as qualidades genericas, he preciso recorrermos a certa pratica para convertermos esta proposição em outra, que tendo a mesma significação, que a primeira, offereça as qualidades genericas designadas pelo mesmo nome que designar as individuaes, que lhe são identicas.

255. Esta pratica, a que se chama *discorrer*, como ha pouco observei, consiste em substituir ás palavras da proposição, que se quer demonstrar, as suas definições; até chegarmos a huma proposição, que significando o mesmo que a primeira, designe as qualidades genericas pelas mesmas palavras, que as individuaes que lhes são identicas. Tomemos por exemplo a proposição acima allega-

da = *O homem he animal* = O discurso, que nos deve demonstrar esta proposição, consiste em substituir ás palavras *homem* e *animal* as suas definições, até que em lugar destas duas expressões differentes se achem outras entre si identicas. Supponhamos por exemplo que tinhamos definido *homem* = *hum ente dotado das faculdades de rir e de querer* = E *animal hum ente dotado da faculdade de querer* = Substituindo na proposição = *O homem he animal* = estas difinições, temo-la convertida em estoutra = *O ente dotado das faculdades de rir e de querer he hum ente dotado da faculdade de querer* = Proposição, que significando o mesmo que a primeira, offerece as qualidades genericas designadas pelas mesmas palavras, que as individuaes, que lhes são identicas: e portanto produz evidencia da mesma identidade; ou, o que val o mesmo, *demonstra* a proposição, de que se tratava.

256. Aquellas proposições geraes de cuja verdade nós estamos certos, sem ser por demonstração; chamão-se *axiomas*.

257. Em tres casos acontece tomarem-se proposições geraes por certas, sem demonstração: donde resultão tres especies de *axiomas*. Primeira: aquellas cuja verdade he facil de conhecer; por exemplo, *o todo he maior do que a parte*: *dous e dous são quatro*. Segunda: aquellas cuja verdade he geralmente reconhecida, por exemplo, *hum corpo em quietação jamais se moveria, se não houvesse outro que o posesse em movimento*. Terceira: aquellas que por hypothese se tomão por certas, para dahi se deduzirem outras consequencias;

mas que se não podem demonstrar; por exemplo, *duas rectas parallelas* (isto he, que mesmo produzidas, nunca se encontrão) *tem os angulos internos para a mesma parte, juntos, menores que dous rectos.*

258. Esta terceira especie de axiomas não existe senão nas Sciencias Hypotheticas, taes como a Mathematica, e se bem reflectirmos, reconheceremos, que em taes Sciencias, aquelles axiomas finalmente se convertem em definições; e estas em axiomas; ou (o que val o mesmo) naquellas Sciencias ha palavras que tem mais de huma definição.

259. Com effeito chamão-se *Hypotheticas* aquellas *Sciencias* de cujas definições, ou todas, ou em parte, se não póde provar que sendo a enumeração das idéas, que nós ajuntamos á palavra definida, o sejão das idéas que a essa palavra ajuntão todas as pessoas que della se servem em semelhante caso (§. 35.); E aquellas definições de que isto se não póde provar, chamão-se *hypotheses* ou *supposições*: quer sejão definições genericas, quer sejão individuaes: quer sejão definições completas: quer sejão elementos de definição.

260. Estas ultimas advertencias me constituem no dever de observar-vos primeiramente, que assim como os nossos conhecimentos ou são de individuos, ou de generos (entendo aqui por generos quaesquer dos gruppos chamados *generos*, *classes*, *ordens &c.* (§§. 13. 14.)): assim tambem as definições ou são a enumeração das qualidades essenciaes de *individuos* ou das de *genero*. Digo das qualidades essenciaes; porque se além destas, se ad-

mittem na definição qualidades accidentaes, passa ella a ser *descripção* (§. 36.).

271. Em segundo lugar cumpre que eu fixe à vossa attenção sobre o que acabo de chamar *elementos de definição*; porque he este hum ponto essencial, que muito importa não perder nunca de vista: sobre tudo na analyse critica dos Autores. Huns delles por systema, outros pela difficuldade de bem definir, não fazem de huma vez a enumeração das idéas, que annexão a tal ou tal expressão; mas pelo decurso da obra vaõ apontando, ora humas, ora outras daquellas idéas, segundo lhes occorrem, ou elles julgão que vem mais a proposito na serie dos seus discursos.

262. Esta praxe, que sou obrigado a seguir nestas Prelecções pela necessidade de as publicar á medida, que as vou pondo por escrito, posto que não seja viciosa, he subjeita a graves erros, pela facilidade de se fazerem assim entrar successivamente na definição, idéas incompativeis ou heterogeneas com as precedentemente enumeradas. Assim he que os Mathematicos depois de terem definido *quantidade negativa aquella que he destinada a ser tirada de outra* (a que para distincção chamarão *positiva*); vindo a tratar das linhas, das superficies, e das outras quantidades geometricas, chamão *quantidade negativa a aquella que está situada para a parte opposta a outra* (a que para distincção chamarão positiva) Já se vê que esta disparidade de significações não póde deixar de tornar incerta toda a Sciencia. Embora seja muito exacta e rigorosa a marcha das suas demonstrações;

as consequencias ficarão sempre participando do vicio dos principios. As Mathematicas estão desfeadas por varios outros erros deste genero.

263. Deve pois ser huma e unica a definição de qualquer expressão: quer essa definição seja lançada de huma só vez: quer seja feita por partes (§. 244.). Mas nós temos observado (§§ 36. 253.) que não obstante deverem-se enumerar na definição as idéas que a expressão definida suscita nos animos de todos os que della se servem em caso semelhante ao de que se tratar; comtudo não se devem enumerar todas aquellas idéas, mas tão sómente as essenciaes independentes entre si. Cumpre explicar, que, no caso, de que se trata, chamão-se independentes entre si aquellas qualidades, que a experiencia nos mostra existirem separadamente em algumas substancias: ainda quando tambem no-las mostre reunidas em algumas outras. Bem como ha qualidades essenciaes de tal modo entre si connexas, que nunca humas dellas existem sem que tambem existão as outras. He pois desta segunda especie de qualidades essenciaes, que se diz não dever entrar na definição senão aquella ou aquellas que mencionadas bastão para se poder concluir, que tambem alli se verificão as outras, que consta serem dellas inseparaveis.

264. Poderia parecer, que, vista a inseparabilidade daquellas qualidades connexas, he indifferente qual dellas se menciona na definição; pois que, dada qualquer dellas, se póde sempre concluir a existencia de todas as outras. Muitos e grandes Escriptores tem cahido neste erro de methodo, que

não deixa de ser de consequencia: como mostrarei em mais competente lugar; bastando por ora ficardes advertidos da existencia delle, em quanto a ordem das materias me não permitte expender-vos as regras, que a observação me tem mostrado deverem-se seguir em semelhantes casos.

265. Voltemos pois agora a tratar da proposição em geral: e vejamos, como nem todas são enunciados de juisos (§. 252.). Das proposições, humas denotão *factos* dados pela experiencia, e se chamão *observações* (§. 11.): outras denotão esses factos despojados, por abstração, de algumas circunstancias, e se chamão *hypotheses* (§. 259.): outras são *definições* de alguma expressão, dadas pela linguagem dos homens, e se chamão *definições positivas* (§. 35.): outras são *definições hypotheticas* addiccionaes a aquellas primeiras, e se chamão *axiomas* (§. 256. e seguintes): outras emfim exprimem juisos por nós feitos (§. 41.) e que assentão sobre aquelles factos, definições, axiomas, ou hypotheses: e se chamão *theses* ou *asserções*.

266. Discorramos por cada huma destas seis especies de proposições.

Seja por exemplo huma rosa a substancia, que me deu pela primeira vez a idéa de cor encarnada. Se eu refiro este facto: e digo = *A roza he encarnada* = esta proposição exprime hum facto que me foi dado pela expriencia, ou (o que val o mesmo) pela observação; mas não enuncia nenhum juiso; porque eu não vejo identidade desta cor com nenhuma outra (§. 41.).

Não seria assim, se eu visse depois, por exem-

plo, huma flor de anastática (vulgarmente chamada rosa de Jericó); porque se então dissesse que esta flor he encarnada, envolvia a expressão do juiso, ou conhecimento da indentidade entre a côr desta flor e a da rosa.

267. Propõe se hum Astronomo descrever as leis da Mechanica celeste; mas entrevê a impossibilidade chegar a resultados exactamente conformes aos phenomenos da Natureza; já pela falta de sufficientes dados: já pela difficuldade de converter, esses que ha, em elementos do calculo. Que faz elle neste caso? Assenta como hum facto, por exemplo, que a Terra descreve no seu movimento annual huma certa ellipse. Tambem nesta proposição não ha enunciado algum de juiso; por quanto nella senão diz, haver-se comparado a orbita real, a que se não attende, com a ellipse que por hypothese se toma, como orbita para o calculo. Outra cousa seria, se observando successivamente os elementos da orbita, que a Terra effectivamente descreve, e comparando-os com as equações de differentes curvas, achasse ser huma certa ellipse: então havia juiso; porque havia comparação de dous objectos, e reconhecimento da identidade delles.

268. *Sancção*, define o Jurisconsulto a *comminação da pena necessaria para assegurar a observancia da lei.*

Se elle quer dizer, que isto he o que os homens entendem por *sancção*; ha aqui sem duvida hum juiso; pois que se affirma haver identidade das duas expressões em quaesquer phrases do uso

commum, aonde qualquer dellas se encontre. Mas quando Discipulo recebe esta definição de seu Mestre, sem cogitar de tal identidade, porém só como huma convenção arbitraria, que dará lugar para o futuro a juisos de identidade ou differença; não envolve nenhum juiso; pois que esta definição tambem unicamente nos dá o conhecimento da sancção: e portanto falta o segundo objecto que com ella comparemos Have-lo ha, se por exemplo, alguem sustentar *que a pena de morte não he sancção*; dizendo, *que não he necessaria para assegurar a observancia da lei.* Aqui sim, que se julga ser a pena de morte differente da pena necessaria para assegurar a observancia da lei.

269. E se isto acontece em definições, a que se não recusa o serem a expressão de identidade dos dous termos, fundada no uso de fallar dos homens: posto que se não affirme essa identidade; com muita mais rasão se verifica naquellas definições, que se dão já como hypotheticas: e que pelo simples acto de se denominarem axiomas, se reconhece, que se não póde mostar a sua identidade com a primeira definição, a que por direito da anterioridade se deu e conservou o nome de definição (§. 256. e seguintes). He assim, que Euclides, tendo definido no seu Primeiro Livro *linha recta aquella, que está igualmente collocada entre dous pontos*, poz entre os axiomas do mesmo Livro aquelle que he a verdadeira definição de linha recta, e que os seus Traductores e Commentadores nunca entenderão: a saber = *Que duas linhas rectas não podem ter em commum unicamente hum segmento* = Foi

grande incuria não se reflectir, que esta he que era a definição da linha recta: e não a outra; o que se prova com o mesmo Euclides, que precisando recorrer á definição de linha recta, o a que recorre, he á aquelle axioma: e foi o nosso grande José Anastacio da Cunha o primeiro que soube avaliar este defeito, elevando aquelle axioma a definição, pela simples suppressão da que ocupava aquelle lugar sem utilidade alguma para a sciencia; pois que *estar collocada igualmente entre os seus extremos*, nada póde significar, senão que tendo esses extremos communs com outra semelhante linha, não póde coincidir com ella em parte, e em parte não: que vem a ser o axioma do mesmo Euclides, ou a definição que do nosso incomparavel Mathematico transcrevem os no §. 107. E deste modo não só vem a assentar sobre huma definição na Obra do Geometra Portuguez as proposições subsequentes, que na Obra de Euclides se fundavão sobre hum axioma; mas tambem este axioma analysado em nada differe daquella definição.

270. Esta ultima reflexão nos conduz a huma questão grandemente debatida pelos Philosophos modernos, e para cuja resolução já no §. 37. adiantei algumas idéas: quero dizer, sobre o uso das definições para a acquisição de novos conhecimentos: e sobre os principios dos nossos raciocinios.

Para entrarmos nesta interessante discussão, convirá recordarmo-nos do rapido quadro, que nos §§. 11. e seguintes temos traçado da ordem com que adquirimos todos os nossos conhecimentos. Os

primeiros dentre elles, ou (o que val o mesmo) os principios de todos elles são os *factos* individuaes dados pela *observação*: os segundos, tambem dados pela observação, porém ja considerados por abstraçcão (§§. 47. 51. 52.) separadamente do que he proprio de cada individuo, são os conhecimentos geraes e abstractos presentes ao espirito nas expressões genericas, que constituem a *nomenclatura* de cada hum dos ramos da Sciencia humana: nomenclatura que se divide em nomes de classes, ordens, generos, especies &c., tanto das *substancias*, como dos *phenomenos* da natureza (§§. 11., e seguintes): e em definições desses mesmos nomes.

271. Desta theoria fundada na experiencia se segue, que o primeiro principio de todos os nossos conhecimentos, he a *observação*; e o segundo he a *abstracção*; mas que esta nada nos offerece de novo: e só nos apresenta separados os conhecimentos, que aquella nos havia ministrado reunidos. Na *observação* podem-se escusar até certo ponto as palavras: e o seu campo he tão extenso, como o alcance dos nossos sentidos (§. 39.). A *abstração* não pode progredir sem linguagem. Se não denominarmos esses complexos de qualidades, que constituem os caracteres das classes, ordens, generos &c. será impossivel o renovar a lembrança delles, só pelos esforços da nossa imaginação objectiva (§§. 62., e 64.).

272. Vejamos pois como os homens procedem na formação desta tão necessaria linguagem.

A primeira ordem de nomes, que se offere-

cem á nossa consideração, he dos de substancias: cada hum dos quaes he equivalente a huma certo numero de outros, que vem a ser os das qualidades da respectiva substancia; pois tendo cada huma dellas seu nome especial, o complexo de todas he designado por esse nome, a que se chama nome da substancia. (§. 44.) E por isso, quando queremos definir o nome da substancia, o que fazemos he referir os daquellas qualidades (§. 36.).

273. A segunda ordem de nomes não he, como a precedente, de equivalentes a certas series individuaes de nomes de qualidades; mas de equivalentes a series abstrahidas de aquelloutras, com as quaes se achão unidas em differentes individuos. São estes os que se chamão nomes de classe, ordem, genero, especie &c. (§. 11., e seguintes).

274. Assim como esta segunda ordem de nomes classifica as substancias: assim tambem ha huma terceira ordem de nomes, que classificão as qualidades: verificando-se nelles a este respeito, tudo o que sobre os precedentes temos advertido. Porque quanto ás suas outras propriedades, farão objecto de outras Prelecções, quando pelo methodo que vamos seguindo, se tratar da analyse mais individual da Linguagem. Por ora o que fica dito nos bastará para nas seguintes Prelecções proseguirmos na theorica do raciocinio.

PRELECÇÕES PHILOSOPHICAS.

OITAVA PRELECÇÃO.

ASSUMPTO.

§. 275. INTRODUCÇÃO. — §. 276. Significação de *principios* dos humanos conhecimentos. — §. 277. Outra significação synonyma de principios de raciocinio. — §. 278. Latitude desta ultima significação. — §. 280. Que as difinições entrão de necessidade em alguma destas especies. — §. 281. Como ellas figurão nesta qualidade. — §. 282. Combinação do §. precedente com a definição de raciocinio. — §. 283. Objecções de alguns Modernos. §. 284. Equivocações em que ellas laborão. Primeiro sentido das citadas objecções. — §. 285. Segundo sentido. — §. 286. Resposta ao primeiro. §. 287. Resposta ao segundo. — §. 288. Grave inadvertencia de Condillac. — §. 289. Eliminação do equivoco mencionado no §. precedente.

— §. 290. Conhecimentos devidos ás definições. — §. 291. Em que consiste a differença ent. principios de conhecimentos e principios dos humanos conhecimentos. — §. 292. Duvida sobre o §. 255. — §. 293. Casos em que esta duvida póde ter lugar. — §. 294. Como as theses e hypotheses podem vir a ser meras definições. — §. 295. Resposta á duvida exposta nos §§. 292. e 293. — §. 296. Que convem distinguir nos raciocinios as definições e os Equivalentes de definições. — §. 297. Exemplo tirado das palavras *Bem* e *Virtude*. — §. 298. Distincção usual do raciocinio em Enthymema e Syllogismo. Definições destas palavras. — §. 299. Reflexões sobre a Arte Syllogistica dos Antigos. — §. 300. Argumentos de Locke e de outros Modernos contra elle. — §. 301. O que seja *Inducção*. — §. 302. Quaes sejão os conhecimentos que nos provém da Inducção ou Analyse. — §. 303. Quaes os que devemos ao Syllogismo ou hypothese. — §. 304. Erradas idéas dos Modernos sobre a Dialectica dos Antigos. — §. 305. Contradicção dos Modernos, e nomeadamente de Condillac com os seus proprios principios a este respeito. — §. 306. Razão desta contradicção. — §. 307. Confusão frequente das idéas sobre Analyse e Hypothese, que se encontra nas Obras de Condillac. §. 308. Illustração tendente a aclara-la. — §. 309. Resposta a huma das objecções expostas no §. 300. Contra a utilidade dos syllogismos.

OITAVA PRELECÇÃO.

275. CONTINUEMOS, Senhores, a deducção de idéas, que temos começado sobre os principios dos nossos conhecimentos: e sobre o uso das definições, para o desenvolvimento delles.

276. Da analyse contida nos cinco ultimos paragraphos da precedente Prelecção se deduz, que se chamão *principios dos nossos conhecimentos* os conhecimentos de simples *observação*; ou os de *abstracção* (§§. 47. 51 52.) para cuja acquisição não precisamos de raciocinio (§. 255.).

277. Porém aquella denominação não lhes compete somente por serem na ordem chronologica os primeiros conhecimentos, que nós adquirimos; mas tambem porque nos nossos discursos devemos começar por elles para concluirmos a final a verdade, que nos temos proposto descobrir ou demonstrar. Neste segundo sentido tambem se lhes costuma chamar *principios da demonstração*, ou do *raciocinio* em geral.

278. Huma vez demonstrada qualquer verdade, já se vê que póde vir a ser empregada, como principio de outros raciocinios: E como nestes nos vem por conseguinte a servir para descobrirmos ou demonstrarmos novas verdades; dá-se-lhes nesse sentido o nome de principios dos nossos conhecimentos; posto que tal nome lhes não competiria, se o tomassemos no primeiro sentido, que só comprehende aquelles conhecimentos, que não são devidos a nenhum raciocinio (§. 276.).

279. Convem pois distinguir cuidadosamente estas tres especies de conhecimentos, que se designão com a denominação commum de *principios* quer seja do *raciocinio*, quer seja dos *humanos conhecimentos*; a saber: os dos factos dados pela observação ou pela hypothese; os que são obra da abstracção, sem concurso do raciocinio; e em fim as verdades que tendo sido deduzidas pelo discurso, servem depois como principios para a demonstração ou para o descobrimento de outras novas verdades.

280. Comparando a distribuição, que acabamos de fazer dos conhecimentos humanos, com a que fizemos no §. 265., vê-se que as definições, tanto as primarias, e propriamente ditas, como as secundarias que se dissimulão com o nome de axiomas (§. 256 e seguintes), podem vir a ser debaixo de qualquer das tres rubricas, que no §. precedente mencionámos, principios de raciocinio; e por conseguinte principios de tantos conhecimentos, quantas forem as verdades, que mediante esses mesmos raciocinios descobrirmos.

281. O modo, como as definições desempenhão nos raciocinios esta funcção de principios delles, fica exposto no §. 255., onde vimos que a theorica do raciocinio se reduz a substituir na phrase, cuja verdade se pretende demonstrar, definições, em lugar das palavras que obstão a conhecer-se a mesma verdade, até que depois de huma mais ou menos longa serie de semelhantes substituições, se chegue a reduzir a phrase, que se intenta demonstrar, a hum tal estado de expressão que nos seja

evidente a identidade dos dous termos que nella se comparão.

232. São pois as definições principios dos nossos discursos, por isso que não ha discurso sem palavras: e que só para aclarar as palavras escuras, que impedem ser a phrase de simples intuição ou de evidencia, he que se emprega o raciocinio: o qual em nada mais consiste, que na successiva substituição das definições, no lugar que occupavão na phrase primitiva, as palavras a que cada huma dellas corresponde.

283. Sendo tudo o que acabamos de dizer, não só muito evidente, mas até expressamente confessado por todos os Philosophos; como he possivel que muitos e por ventura os mais distinctos entre os modernos, tenhão posto grande empenho em negarem que as definições sejão principios dos nossos conhecimentos: e até dos nossos raciocinios?

284. Aqui ha huma confusão de idéas. Estes Philosophos não querem dizer, que póde haver discurso sem substituição de definições: ou que estas não conduzem ao descobrimento de novas verdades. Isso seria hum absurdo. Dois são os sentidos em que, segundo as occasiões, se deve entender aquella asserção. O que elles em primeiro lugar querem dizer, he que a pretenção em que tem entrado alguns de definirem todas as palavras, he erronea; porque depois de termos successivamente definido todas as expressões, á excepção das empregadas na ultima definição; nenhumas palavras nos restão para definirmos estas: e portanto não se podem definir. Donde concluem muito bem,

que o conhecimento do valor de todas estas palavras não depende de definições: e *logo* (accrescentão elles) *não se pode dizer, que as definições sejão o principio dos nossos conhecimentos.*

285. O que em segundo lugar elles querem dizer com aquillo, he, que bem longe de serem as definições principios de conhecimentos, nada mais são do que a exposição do que, em virtude de analyses bem ou mal feitas, sabemos dos objectos: e que o methodo praticado por certos Philosophos de darem definições independentes daquellas analyses, reputando-as arbitrarias; humas vezes os conduz a resultados inteiramente frivolos e ineptos: outras vezes, e pela maior parte, os faz cahir em hum inextricavel labyrintho de erros e absurdos.

286. Sendo estes dois os unicos sentidos em que os Philosophos modernos, taes como Condillac, e outros, contestarão ás definições a qualidade de principios dos nossos conhecimentos, (como a seu tempo veremos da analyse, que faremos das Obras daquelles Philosophos); he evidente que não procederão neste caso com a reflexão e madureza, que os carateriza; porque não se segue que as boas definições não são principio de conhecimentos, por isso que o não são as definições erroneas das palavras que se não podem definir; nem as definições arbitrarias; abortos da imaginação de seus Autores: que são os dois casos em que acabamos de ver; que com effeito taes definições só podem ser principios de equivocações e de erros.

287. Mas se aquella inferencia foi precipitada e contraria aos primeiros elementos da boa Logica,

mais improprio foi ainda de tão grandes Mestres o confundirem *principios dos conhecimentos* com *principios de conhecimentos*: duas phrases sobre cuja distincção o mesmo vulgo a cada passo está reflectindo, e que a hum Philosopho nunca he permittindo confundir sem incorrer na nota de supina negligencia.

288. Tem rasão Condillac, quando se empenha em mostrar, que os *principios dos humanos conhecimentos* somente o são as observações analyticas dos objectos da Sciencia. Mas confunde as especies quando diz: as *definições nada nos ensinão, além do que a observação nos mostrára: ou o que nos ensinão são entidades absolutamente imaginarias e chimericas.* Admira que hum tão grande Philosopho não advertisse que este seu argumento contra as definições he inteiramente applicavel contra o raciocinio e até contra as palavras: porque tambem dellas podemos dizer, que ou ensinão o mesmo, que a observação já nos tinha mostrado e então são inuteis: ou nos ensinão outra coisa; e nesse caso nada nos ensinão senão entidades absolutamente imaginarias e chimericas. Donde se seguiria, que se não deve em boa Philosophia considerar o raciocinio nem a linguagem como principios ou fontes donde derivamos huma parte dos nossos conhecimentos. Entretanto que huma das doutrinas de que elle mais se gloriava (e até parece, que queria fazer passar como hum dos seus inventos) he que as Linguas nada mais são*, do que analyses bem feitas, ou methodos analyticos muito proprios para o descobrimento da verdade.

289. Que as palavras, as definições, os raciocinios nada nos ensinão de novo, he asserção, que tomada em certo sentido, offerece huma verdade incontestavel, como nós mesmos dicemos, fallando das expressões abstractas no §. 211. Mas isto não he exacto, nem he verdade em todos os sentidos, de que aquella asserção he susceptivel. Quando eu experimento huma simples (§. 46.) sensação, por mim nunca experimentada (como quando pela primeira vez se me apresenta hum objecto encarnado) chamo-lhe certamente *nova*: Mas tambem chamo *nova* á sensação composta (§. 46.) de varias, e taes, que tendo experimentado outras vezes cada huma dellas separadamente, he agora pela primeira vez que assim as observo reunidas.

290. Estas varias reuniões ou complexos, filhos da observação (§. 11.) ou da abstracção (§. 47.) ou da composição (§. 53.) podem-me ser ensinadas por huma definição. E nesse caso posso e devo dizer, que aquella definição me grangeou hum novo conhecimento.

291. He verdade que se eu não tivesse adquirido pela observação cada huma das idéas componentes, de nada me serviria a definição; mas isso em nada obsta a que o conhecimento desta sua reunião, que eu nunca observei, seja hum novo conhecimento, de que só á definição sou devedor. E eis-aqui a differença, em que não advertirão o Philosophos de que tratamos, entre *principios dos conhecimentos*, e *principios de conhecimentos*. Os conhecimentos de facto, dados pela observação são os *principios dos nossos*; isto he,

de todos os nossos conhecimentos: todos os outros, taes como as hypotheses, as theses geraes (§. 265.), e as definições são *principios de conhecimentos*; isto he: de alguns dos nossos conhecimentos, que vem a ser os que adquirimos por via de raciocinios em que essas hypotheses, theses geraes ou definicões servirão de principios do raciocinio.

292. Não he sem particular reflexão, que concluindo as observações que tinha a communnecar-vos sobre o uso das definições consideradas como principios dos nossos conhecimentos, nomeei a par dellas no §. precedente as theses e as hypotheses, como aquellas, que servem, bem como as mesmas definições, de principios aos nossos raciocinios.

Talvez que meditando vós na theoria do raciocinio exposta no §. 255., tenhaes concebido duvidas sobre a sua exactidão. He mui facil, que a terdes tentado fazer applicação a varios exemplos, se vos tenha figurado, que nem todos os raciocinios consistem, como eu eu alli affirmo, na substituição de definições em lugar das palavras, cuja obscuridade obsta a que se veja com evidencia a identidade dos termos que se comparão.

293. Com effeito em vez da substituição de *definições* no lugar das palavras obscuras, achão-se frequentemente nos raciocinios *theses*, ou *hypotheses.* E he nestes casos que parece falhar a theoria exposta no §. 255. em que só se faz menção da substituição de definições, e não de theses nem de hypotheses.

294. Para satisfazer a esta duvida, que he natural se offereça ao vosso espirito, preciso de vos tra-

zer á memoria huma observação, que vos pedi recommendasseis a ella, e que fórma o objecto do §. 261. Nelle vos fiz notar, que como qualquer definição consiste na enumeração das idéas representadas pela palavra definida; esta enumeração se póde fazer de huma vez, ou por elementos, isto he: mencionando de cada vez sómente aquellas idéas elementares da definição, que parecem necessarias para o caso de que se trata. Ora qualquer these ou affirma de algum objecto todas as qualidades elementares da sua definição: ou sómente parte dellas. No primeiro cazo he a these ou hypothese huma definição geral: e no segundo he hum elemento de definição.

295. Quer seja pois huma these, quer seja huma hypothese que se substitua a alguma das expressões do raciocinio, verifica se sempre a theoria do §. 255.; pois que bem consideradas essas theses ou hypotheses nada mais são do que definições dessa mesma expressão.

296. Quando eu digo, que a definição debaixo de qualquer fórma, que ella se apresente, he a enumeração das idéas significadas pela expressão definida; já vós entendeis sem duvida que esta enumeração póde ser mediata, ou immediata: immediata, quando á expressão se substitue com effeito a enumeração de todas ou de algumas das idéas que ella significa: e mediata, quando á expressão se substitue, não já huma semelhante enumeração effectiva, mas outra expressão que aliás sabemos ser equivalente a essa mesma enumeração.

297. He assim por exemplo, que tendo eu de-

finido *Bem*: *aquella acção de que se costuma seguir huma maior somma de gostos que de dores*: E *Virtude*: *a acção moral de que se costuma seguir huma maior somma de gostos que de dores.* Se depois quero demonstrar: *que só da virtude se póde esperar felicidade*; tanto satisfaço á theoria do §. 255 pondo em lugar da palavra virtude a sua immediata definição = *acção moral de que se costuma seguir maior somma de gostos que de dores* = ou a definição mediata = *Bem moral* = porquanto familiarisados nós com a definição acima dada da palavra *Bem*, he facil de perceber a identidade dos dois termos *Virtude* e *Bem moral*, sobre que assenta a demonstração, que se tinha em vista.

208. Sendo pois o raciocinio a successiva substituição de definições em lugar das palavras que o precisão: e constando de dois termos qualquer phrase que se pretende demostrar; segue-se que a demonstração ou consiste em a substituição da definição de hum desses termos no lugar delle: ou na de ambos. Se he na de hum só; chama-se o raciocinio *Enthymema*: se de ambos, *Syllogismo.* Por exemplo: se querendo nós demonstrar a proposição mencionada no §. precedente dissermos: *A virtude*; isto he: *o complexo de acções moraes, que costumão produzir huma maior somma de gostos que de dores, he a unica donde podemos esperar a felicidade*; chama-se este meu argumento *Enthymema*; porque só houve substituição de hum dos dois termos (a virtude). Mas se além desta accrescento em vez do outro termo (felicidade) a sua definição, dizendo por exemplo: *A virtude*,

ou o que val o mesmo , o complexo das acções moraes que costumão produzir maior somma de gostos que de dores , he a unica , de quem podemos esperar felicidade; pois que esta consiste em huma maior somma de gostos que de dores ; chama-se-lhe *Syllogismo*.

Ao *Enthymema* , por isso que nelle só se substitue huma definição , tambem se tem chamado Syllogismo incompleto.

299. Tanto a natureza destas definições, como a relação dos dois termos entre si: e mesmo a collocação destas differentes partes do Syllogismo, offerecerão aos Philosophos occasião de escreverem largas dissertações, já sobre as differentes especies de Syllogismo , já sobre os casos em que elle he demonstrativo, ou aquelles , em que he sophistico. Houve nisto muito excesso entre os antigos ; mas por outra parte os modernos tem tratado com demasiado despreso os trabalhos da douta Grecia.

Alheio a todo o espirito de partido mostrarei nas Analyses que hirei dando das Obras daquelles grandes Mestres, o que entendo a respeito das suas fadigas sobre este ponto.

300. Entretanto não me he licito passar aqui em silencio huma questão capital , decidida , he verdade , no tribunal da Philosophia Moderna contra o parecer unanime dos Antigos ; mas sobre a qual espero se me não estranhe que eu appelle daquella sentença ; se eu mostrar , que além de errada . he contradictoria com os proprios principios de seus Autores. *O Syllogismo* dizem estes Modernos, *não he de nenhum prestimo* ; *porque a maior parte , ou*

antes quasi todos os homens ignorão as formas do Syllogismo, e com tudo discorrem com acerto: além de que pela propria confissão dos factores do methodo Syllogistico pode-se discorrer, e discorre-se frequentemente sem soccorro do Syllogismo, quando se discorre por meio da Inducção.

301. Para fazermos sobre estas reflexões hum juizo acertado, he preciso que entendamos o sentido da palavra *Inducção*. Vós estais lembrados, como primeiramente nos §§. 13. e seguintes, e depois nos §§. 47. e 51. tratando da formação das idéas geraes e abstractas, vimos que ellas são o resultado da analyse dos objectos particulares, em que se verificão as qualidades que pelo nome de qualquer delles se designão. De modo, que tendo nós de demonstrar a verdade de huma proposição geral, nenhum outro modo ha de o conseguirmos, senão o de mostrar que ella se verifica em cada hum dos individuos dessa classe. Ora esta successiva contemplação de cada hum dos casos particulares, para deduzir a conclusão geral, he o que se chama *Inducção*.

302. Desta definição se segue, que com effeito a *Inducção* ou a *Analyse* (§. 231.) he quem unicamente nos póde procurar os conhecimentos individuaes, sem cuja anterior existencia, os conhecimentos genericos são absolutamente impossiveis.

303. Mas de ser a *Inducção* ou a *Analyse*, quem nos fornece huma grande parte, e os primeiros dos nossos conhecimentos, não se segue que o *Syllogismo* ou a *Synthese* (§. 232.) não seja quem nos grangea todos os demais. Porquanto á excep-

ção da analyse e contemplação pura e rigorosamente individual, todos os outros nossos juisos são conclusões de raciosinios: e estes nada mais são, como tenho advertido, do que substituição de definições: artificio este a que se deu o nome de *Syllogismo inteiro*, quando ha substituição das definições a ambos os termos da proposição: e Syllogismo mutilado ou *Enthymema*, quando só se precisa de substituir em vez de hum dos termos a sua definição.

304. Foi logo por falta de advertencia sobre o que se chama Syllogismo que os Philosophos modernos tratarão de inutil este modo de discorrer. He verdade que a definição, que delle se acha em Aristoteles, e outros, não he a mesma que nós temos dado no §. 298. bem como igualmente acontece com as de Enthymema (§. 297.) e Inducção (§. 301.). Mas primeiramente ainda que não sejão as mesmas, são entre si compativeis: e em segundo lugar as conclusões que eu acabo de tirar da minha definição de Syllogismo em confirmação de seu uso para a aquisição de novos conhecimentos, essas mesmas se deduzem immediatamente da definição de Aristoteles, como mostrarei, quando na Analyse das Obras deste grande Mestre chegarmos a tratar desta materia.

305. Mas o que merece ser aqui apontado com muita particularidade he a contradicção em que os Philosophos detractores do Syllogismo incorrerão contra os seus proprios principios. Citarei unicamente o mais distincto entre elles, Condillac. Este grande Philosopho para dar huma clara idéa

do methodo analytico, que recommenda, como invenção sua e opposto ao Syllogistico dos antigos, serve-se de exemplos tirados da Mathematica, por isso que sendo a linguagem desta Sciencia mais simples que as das outras, era a mais apta a discobrir-nos nos discursos, que lhe são proprios, o em que consiste o verdadeiro methodo de discorrer. Hum destes exemplos (que envolve em si todos os outros) he o seguinte. Querendo-se provar que A he igual a C, escolhe-se huma quantidade B que se sabe ser igual tanto a A como C; e diz-se: A he igual a B; mas B he igual a C; logo A he igual C.

Ora o mesmo Autor, tratando da inutilidade dos Syllogismos, dá por exemplo o seguinte: *Os maos devem ser castigados; mas os ladrões são maos; logo os ladrões devem ser castigados.* Parece incrivel que hum homem tão perspicaz como Condillac não visse a identidade deste modo de discorrer que reprova, com aquelloutro que nos offerece por modelo. Quem não vê que se chamarmos A aos *maos*: B *aos que devem ser castigados*: e C aos *ladrões*; este exemplo se converte inteiramente no primeiro?

306. Na Analyse, que em seu lugar daremos das Obras de Condillac, se verá como esta e outras muitas circunstancias, que desfigurão os seus preciosos trabalhos sobre a Psychologia, derivão de dois principios: Primeiramente delle não conhecer a verdadeira doutrina dos antigos: talvez pela não ter estudado nas respectivas fontes, mas sim nos impuros lagos dos modernos. Expositores: Em

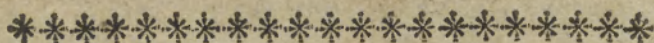
segundo lugar, porque tendo descoberto a verdade por effeitos do genio transcendente com que a natureza o dotára, como que se esquece dos seus proprios descobrimentos; e pagando, para assim dizer, humilde tributo á humana condição, emprega a tosca linguagem do vulgo: e confunde entre si idéas, que em outros lugares elle melhor do que ninguem, havia distinguido.

307. He assim que nas suas Obras a cada passo se acha confundida a *Analyse*, no sentido de *exame analytico de hum individuo* com a Analyse no sentido de *estudo analytico de varios individuos para deduzir os caracteres de classe*, *ordem*, *genero &c. a que todos elles pertencem em commum* (§. 231.) E em vez da *Synthese* no sentido de averiguação rigorozamente logica das qualidades não presentes á observação, mediante as genericas que estamos observando, ou que arresoadamente suppomos (se a Sciencia he hypothetica): elle entende as extravagancias de certos systematicos tão ignorantes de Logica como destituidos do senso commum, os quaes de proposições genericas, partos de suas esquentadas phatasias, deduzirão consequencias, ás vezes mais absurdas do que os mesmos principios, donde elles as querião derivar.

308. Mas deixando para quando tratarmos de Condillac o mais que a este mesmo respeito poderia agora accrescentar, concluirei esta Prelecção com a advertencia de que mesmo pelos seus principios a analyse só he completa, quando se termina com a synthese: de modo que no seu entender estes dois methodos por sua natureza insepa-

raveis, constituem hum só e mesmo methodo. Por conseguinte se analysando, acho que o homem, o boi, o leão, o tigre &c. respirão: e depois concluo: *que todo o animal dotado de bofes respira*; esta conclusão, que Condillac muito bem denomina Synthese, e quer que seja complemento insepa-ravel da analyse, constitue syllogistico o discurso de que se trata. Porque chame-se A qualquer dos enumerados (homem, boi, leão &c.): B o que respira: C o animal dotado de bofes; reduz-se o argumento a esto fórma: A he B: A he C; logo C he B: o que he hum rigoroso Syllogismo (§. 305.)

309. Finalmente devo observar ainda sobre a objecção citada no §. 300.: que se hum semelhante argumento valesse contra o Methodo Syllogistico, a observação citada no §. 300 *de que a maior parte dos homens discorre sem saber o que seja Syllogismo, nem conhecer as differentes fórmas de que elle he susceptivel*: se esta razão, digo, provasse serem inuteis os Syllogismos; provado ficaria serem inuteis as theorias em todas as Artes e Sciencias; pois que em todas ha muita gente que pratica com acerto, sem comtudo conhecer aquellas theorias.

* *

PRELECÇÕES PHILOSOPHICAS.

NONA PRELECÇÃO.

ASSUMPTO.

Categorias de Aristoteles. Exposição do primeiro Aphorismo.

§. 310. INTRODUCÇÃO á *Analyse dos Philosophos*. — §. 311. Primazia das Obras de *Aristoteles.* — §. 312. Excellencia do seu *Tratado das Categorias* : objecto daquella Obra. — §. 313. O que quer dizer *Categoria*? — §. 314. Importancia da *Nomenclatura* em qualquer Sciencia. — §. 315. Explicação do §. precedente. — §. 316. Applicação daquelles principios á citada Obra de Aristoteles. — §. 317. Juizo que della fizerão os Autores da *Arte de pensar*. — §. 318. Impugnação deste juizo. — §. 319. Inculpações dos mesmos Autores e de Destutt-Tracy contra aquella Obra. —

§. 320. Autoridade de Desttutt-Tracy. — §. 321. Que os AA. da *Arte de pensar* ignoravão o que he Sciencia. — §. 322 Que toda a Sciencia se comppõe de Definições, Axiomas, Theoremos, e Problemas. Definição destas duas ultimas expressões. — §. 323. Que qualquer Sciencia se reduz ao conhecimento da sua Nomenclatura. — § 324. Referencia aos citados Autores. — §. 325. Principio fundamental das Categorias. — §. 326. Primeira consequencia que delle deriva Aristoteles. — §. 327. Excepção que a elle fazem os *equivocos*. — §. 328. Primeira especie de equivocos. — §. 329. Abuzo que della fizerão os antigos Sophistas. Contitue os Logogryphos a que se chama *Charadas*. — §. 330. Outras duas especies de equivocos: e sua influencia nas opiniões dos homens. — §. 331. Erros occasionados pela *homonymia*. Significação presente desta palavra. — § 332. Distincção das *Metaphoras* em *homonymas* e *synonymas*. — §. 333. Definição geral de *metaphora*. — §. 334. O que são *metaphoras synonymas*? — §. 300. E as *hononymas*? — §. 335. Requisitos de huma boa metaphora. — §. 336. Erros pela falta do primeiro requisito. — §. 337. Inconvenientes de inobservancia do segundo requisito. O que sejão *metaphoras ineptas*, e *fracas*. — §. 338. Significações de metaphora *propria*, *elegante*, *expressiva*, *energica*, *brilhante*, *sublime*. — §. 339. Outros inconvenientes nascidos da inobservancia da segunda parte do segundo requisito. Significação da *metaphora mal escolhida e fraca*: de *estilo froxo*, *languido*, *de pouco gosto*. — §. 340. Erros a

NONA PRELECÇÃO.

311. Tendo-vos exposto nas oito precedentes Prelecções huma boa parte dos principios fundamentaes, em que as minhas idéas sobre as materias philosophicas, de que havemos tratado, differem das dos Escriptores que me precederão; pede a razão, e até mesmo a ordem, que neste Curso me propuz seguir, que começemos a tomar conhecimento do que sobre estas mesmas materias nos deixarão os principaes Philosophos dos antigos e modernos tempos.

312. Seria improprio deste lugar o applicar-me a demonstrar-vos, que Aristoteles, pela vastidão do plano, e sublimidade da execução, que se fazem admirar nas suas Obras, assim como he incomparavelmente superior a todos os Philosophos, cujos Escriptos nos são conhecidos, assim tambem deve ser o primeiro que figure nesta especie de Bibliotheca Philosophica, com que iremos acompanhando o Curso destas Prelecções. Só depois de havermos analysado os Tratados, que nos restão daquelle grande Philosopho, e os termos comparado com o que depois delle até agora sobre os mesmos objectos se tem escripto; he que de hum rapido golpe de vista poderei convencer-vos da justiça, com que acabo de tributar-lhe as homenagens, que o nosso seculo amigo das luzes lhe não teria negado, se a estulta idolatria de absurdos Escolasticos dos dois seculos precedentes não

tivesse indisposto os animos até mesmo contra o nome de Aristoteles, como aquelle em cujas Obras elles protestavão haverem copiado os delirios das suas desvairadas phantasias.

313. A primeira de entre aquellas Obras, que nos mostrará a sem-razão desta calumnia he o seu Tratado das *Categorias* ou da Distribuição Systematica das palavras, a qual serve de baze a todas as Sciencias em geral, mas particularmente á Grammatica philosophica de qualquer Lingua, e aos principios elementares da Arte de pensar.

314. Por *Categoria* entende Aristoteles qualquer daquelles Gruppos denominados classes, ordens, generos, especies &c., em que nos §§. 13. e 14. destas Prelecções, advertimos, que os objectos da nossa observação se distribuem, segundo as qualidades, que acontece terem de commum huns com os outros.

315. Tambem vimos nos §§. 7. 13. e 19., que á medida que qualquer Sciencia se approxima da sua perfeição, a Nomenclatura, que lhe he propria, se augmenta e enriquece com exacta e gradual proporção á massa dos nossos conhecimentos; porque seria contraditorio o dizer-se de alguem que he pessoa de grandes luzes e conhecimentos, porém estes confusos, e sem ordem nem systema: ora não podem ser distinctas as idéas se não forem designadas por distinctos nomes (§. 210.): nem podem estar arranjadas em ordem e systema senão for com o soccorro de expressões, que fixem e recordem no nosso animo os caractes de classe, ordem, genero &c.: sem o que se não póde conceber systema, nem arranjo (§§. 14.)

316. Lembra-me occorrer neste lugar a huma duvida, que talvez se vos tenha já offerecido, e que importa em todo o caso dissipar. Quando eu digo no §. precedente, e nos que nelle vão citados, que as palavras são indispensaveis para distinguirmos as nossas idéas e para executarmos com ellas os nossos raciocinios; deve-se notar, que as palavras entretanto são necessarias para ambos aquelles fins, em quanto são signaes por convenção equivalentes aos objectos, em todas as operações, que sobre elles tem de exercer o nosso espirito (§. 61.): e além de equivalentes, pela sua simplicidade nos tornão possiveis aquellas operações que sem o seu soccorro serião *as mais das vezes* impraticaveis. De tudo o que se segue, que quanto a este respeito dizemos *palavras*, se deve entender de quaesquer outros signaes das nossas idéas taes como os gestos, a esculptura, a pintura, jeroglificos, e a escripta.

317. Isto assim advertido, tornemos ao nosso objecto. Não se póde expender, dizia eu, o arranjo e systema dos nossos conhecimentos, senão expondo o systema da correspondente Linguagem: E por isso he que esta Obra de Aristoteles, destinada a classificar os conhecimentos humanos nas suas mais abstractas e genericas divisões, classifica as expressões mais geraes e abstractas, de que os homens se costumão servir: persuadido aquelle incomparavel Philosopho, que ficarião classificados tanto os objectos, como as idéas que delles temos, se se classificassem pelos nomes, e expressões, que os representão.

318. He pois desacertada a critica que os Autores da *Arte de pensar* fazem desta Obra de Aristoteles, dizendo: *Que as Categorias não são fundadas na razão, nem na verdade; mas que antes são absolutamente arbitrarias: nem tem outro fundamento, senão a imaginação de seu Autor: E que cada qual tem igual autoridade, que elle, para as distribuir segundo à ordem de suas idéas.*

319. Não, Senhores, as nossas idéas distribuem-se no nosso espirito em classes, ordens, &c. segundo as affinidades das suas semelhanças, independentemente da nossa imaginação e arbitrio (§§. 13. e 14). Ora essas classes, ordens, &c. independentes da vontade do homem, e resultantes da analogia effectiva das idéas, que temos dos objectos, he o que Aristoteles chama muito acertadamente Categorias; como acima fica observado (§§. 13. e 14.).

320. Porém não contentes aquelles Autores de assim haverem tratado de arbitrarias as Categorias de Aristoteles, accrescentão: *Que o estudo dellas he perigozo, em quanto acostuma os homens a contentarem-se com palavas e a imaginarem, que tem conhecimento de todas as cousas, entretanto que apenas sabem huns nomes arbitrariamente applicados aos objectos: e que delles nenhuma idéa clara nem distincta apresentão ao espirito.* Juiso este que hum Moderno (Destutt-Tracy) não só approva, mas diz: *que lhe parece de hum acerto, e de huma sagacidade admiraveis.*

321. Quanto a Destutt-Tracy bastará dizer, que não obstante não lhe ser a Philosophia devedora

do descobrimento de huma só verdade, pois na sua Obra (como se verá na Analyse que della faremos a seu tempo) nada mais se encontra do que doutrinas vulgares diluidas em tres grandes volumes de inuteis phrases: comtudo a cada passo se apregoa a si mesmo pelo primeiro que tratou dignamente esta Sciencia; porque no seu conceito quantos sobre ella escreverão, ou ignoravão a materia, ou apenas presentirão muito de longe as verdades de que estava reservado para elle o formar pela primeira vez hum corpo de doutrina. Quem assim se elogia a si proprio, tem a intima consciencia de não merecer os louvores dos outros.

322. Quanto ao Autores da *Arte de pensar*, posto que elles se dissessem reformadores da Philosophia, nada menos erão que Philosophos; pois ignoravão que as Sciencias nada mais são do que o conhecimento do valor das palavras e phrases, que constituem a particular Nomenclatura de cada huma dellas.

323. Com effeito Definições, Axiomas, Theoremas, Problemas abrangem todas as partes de hum Tratado de qualquer Sciencia. Ora as Definições o que fazem he expender a significação da palavra que se define (§. 35.). O *Theorema* (que quer dizer Proposição, que affirma ou nega alguma coisa) affirma a identidade dos dois termos de que consta (§. 254.): isto he, affirma que tal expressão he identica com tal outra; que significa o mesmo que ella. E aqui temos que tambem Theorema só versa sobre o valor das palavras. Quanto aos Axiomas, ou são Definições, ou Theore-

mas (§. 257.). E os Problemas nada mais são do que Theoremas enunciados em fórma interrogativa: E nesse caso chama-se á pergunta *Problema*: á resposta, *Resolução do Problema*; e ao complexo da pergunta e resposta chama-se Problema *resolvido*, ou sómente *Problema*.

Quando pois hum Autor nos dá hum Problema e a sua resolução: dá-nos hum Theorema deduzido e demonstrado por aquelle estilo particular de pergunta e resposta, mas hum verdadeiro Theorema; porque dizer = Qual he o valor da somma dos angulos do triangulo rectilineo? São iguaes a dos angulos rectos = val o mesmo que dizer = A somma dos angulos do triangulo rectineo he igual á de dois angulos rectos = No qual exemplo, bem como em qualquer outro, se vê que o que se affirma he, que a expressão = *somma dos angulos do triangulo rectilineo* = he identica com estoutra = *somma de dois angulos rectos*.

324. Logo, resumindo o que deixamos dito: toda e qualquer Sciencia se reduz a ensinar-nos o valor de taes e taes palavras, ou a identidade dos valores de hum certo numero de expressões successivamente comparadas, a duas e duas, humas com as outras.

325. Foi portanto ignorancia do que he Sciencia, a que induzio os Autores da *Arte de pensar* a censurarem o presente Tratado de Aristoteles sobre as Categorias *como Obra de huma Sciencia vã e perigosa, porque só nos dá conhecimento de palavras, e não de objectos*. Como se as Sciencias tivessem outro modo de nos darem conhecimento

dos objectos, que não seja pelo das palavras e phrases, de que a Nomenclatura de cada huma dellas se compõe!

326. Voltando pois a considerar a formação das Categorias ou classes em que as idéas se distribuem no nosso animo; he evidente que competindo hum so e identico caracter a todas as de huma mesma classe, deveremos inferir que são congeneres todos aquelles objectos a quem acharmos que se dá hum mesmo nome em commum.

327. He por esta consideração generalissima, que Aristoteles começa o presente Tratado: e sobre isto observa, que esse nome generico, commum a todos os individuos, a que elle se applica ou he *univoco*, ou *cognominado*: querendo dizer que as coisas de huma mesma classe ou são designadas por hum nome commum, e inteiramente identico para todas ellas, como por exemplo *animal*, que he o mesmo para todos os entes desta classe: ou o de humas differe do de outras em algum accidente grammatical, como na terminação, por exemplo: as idéas de *valor* e de *valoroso* pertencem a huma mesma classe: e isso se manifesta pela semelhança dos nomes; mas como aquellas idéas, apezar de semelhantes, não são absolutamente identicas, tambem apparece huma differença na terminação dos seus respectivos nomes.

328. Comtudo, adverte Aristoteles, ha hum cazo em que a identidade, mesmo absoluta, dos nomes não designa identidade de classe: e vem a ser o cazo dos *Equivocos*, ou *Homonymos*.

329. Tendo dado o nosso Philosopho huma bel-

64

la definição geral de *Equivocos*, accrescentou sómente, como exemplo, huma das especies de Homonymos, que vem a ser o *Nome* da classe e qualquer dos *Individuos* della; pois he certo que vendo nós escripta a palavra *Animal*, e perguntando-se-nos o que he que está escripto; respondemos = *que he animal* = bem como tratando-se de hum homem se diz = *que he animal* = Donde se segue, que tanto á palavra = *Animal* = como a qualquer Individuo desta classe compete o nome de Animal; mas por differente razão; porque quando da palavra = Animal = se diz = *que he animal* = quer-se dizer: que esta palavra nos traz á memoria as qualidades enumeradas na definição do §. 174.: entretanto, que quando se diz de hum homem = *que he animal* = quer-se dizer, que nelle observamos aquellas qualidades.

330. Alguns Sophistas do tempo de Aristoteles perdião o tempo em sustentarem com equivocos desta natureza proposições tão inuteis quanto extravagantes: e talvez foi essa a razão, porque elle escolheo esta especie com preferencia para exemplificar a sua definição. Hoje só se encontrão em certos logogryphos ou adivinhações para divertimento da sociedade, ás quaes se tem dado o nome de *charadas*, tomado dos Francezes entre quem he frequente esta especie de entretimento.

331. Eu disse, que Aristoteles unicamente citou huma das especies de Equivoco: e adverti-o, porque cumpre saber, que além daquella ha outras duas especies, de cujo abuso se tem seguido muitos e mui graves erros, tanto nas Sciencias,

como nas opiniões geraes dos homens, em materia de Religião, de Moral, e de Politica. E portanto convem que dellas se faça aqui huma circunstanciada menção.

332 Em todas as Linguas, tanto antigas, como modernas, se encontra hum grande numero de palavras, cada huma das quaes significa ao mesmo tempo coizas entre si absolutamente differentes, sem que se possa descobrir o motivo de se haver dado o mesmo nome a objectos tão disparatados. He assim por exemplo, que o nome de *Cão* se acha applicado a hum animal e a huma estrella. Desta homonymia resultou, que hum Poeta (Manilio) fallando daquella estrella dice que ella *ladrava*. Poder-se-hião encher volumes com exemplos de semelhantes abusos, e absurdos, que em virtude desta especie de equivocos se commettem cada dia. Huma boa parte dos erros das antigas Mythologias, da Moral dos Platonicos, e da Medicina da idade Media, deriva desta especie de homonymia.

333. Porém nenhuma tem sido tão fecunda em erros e enganos, como a terceira especie, que consiste nas *metophoras* a que darei o epitheto de *homonymas*, para as distinguir das *synonymas* que pertencem á classe de palavras que Aristoteles denominou *Univocos*, e de que trataremos na seguinte Prelecção.

334. Em geral chama-se *metaphora* a applicação que se faz de huma expressão, a algum objecto differente daquelle que por ella se costuma designar: com o fim de se significarem qualidades;

que sendo communs a ambos, segundo os seus nomes indicão, sobresahem comtudo naquelle, cujo nome tomamos emprestado.

335. Notão-se porém, como ha pouco adverti, duas especies de metaphoras. Porque se com effeito existem entre os dois objectos as qualidades communs que os seus nomes indicão, temos a metaphora, que eu chamo *synonyma*.

336. Mas se aquella identidade he meramente nominal, sendo inteiramente differentes entre si as qualidades dos dois objectos; temos a *metaphora*, a que por essa razão tenho dado o epitheto *homonyma*.

337. Qualquer que seja a metaphora, he preciso, para ella ser acertada, que satisfaça aos tres seguintes requisitos, derivados da propria definição que fica dada no §. 298. Primeiro, he preciso, que as qualidades communs ao objecto de que se trata, e a aquelle cujo nome tomamos emprestado, sejão as que com effeito se querem considerar com especialidade. Segundo, que essas qualidades não somente sejão as que sobresahem no objecto, cujo nome empregâmos; mas tambem que nelle sobresaião mais do que em qualquer outro. Terceiro, que pelas circunstancias, em que se falla, seja facil de perceber quaes são as qualidades communs aos dois objectos, que pelo nome de hum delles queremos designar no outro.

338. Frequentemente acontece, que em contravenção ao primeiro destes tres requisitos, não designamos por huma metaphora constantemente, durante todo o tempo que della nos servimos, o

mesmo complexo de qualidades communs aos dois objectos, mas antes admittimos alguma qualidade particular a aquelle cujo nome empregamos, ou alguma, que sendo-lhe communs com o objecto de que se trata, não he comtudo do numero daquellas, que nos havemos proposto designar com especialidade. E eis-aqui a origem dos muitos e graves erros a que o uso das metaphoras costuma dar lugar.

339. Quando as qualidades, que a metaphora designa, não são as que sobresahem no objecto, cujo nome empregamos: he a *metaphora inepta*: bem como se lhe chama *fraca*, se sobresahindo as ditas qualidades nesse objecto, ha comtudo algum outro em que ellas se offereção de hum modo mais sensivel, do que nelle.

340. Pelo contrario chama-se-lhe *propria*, *elegante*, *expressiva*, *energica*, *brilhante*, *sublime*, á medida que as qualidades por ella designadas sobresahem mais no objecto, cujo nome empregamos.

341. Já se ve, que isto se verificará tanto melhor, quanto melhor se cuidar em preencher o segundo dos tres requisitos acima mencionados (§. 297.) Mas se em vez de preencher aquelle requisito, empregarmos o nome de hum objecto, em quem apenas se fazem notar as qualidades que por esse modo queremos designar; diz-se que a metaphora he *mal escolhida* e *fraca*: E se o discurso abunda em semelhantes metaphoras, diz-se, que he composto em hum *estilo froxo*, *languido*, *sem correção*, *e de pouco gosto*.

342. Porém muito peior pelas suas consequen-

cias he a outra falta, que contra o mesmo segundo requisito se commette, quando as qualidades, que queremos designar, não são as que sobresahem no objecto cujo nome tomamos emprestado; porque primeiramente induzimos em erro os ouvintes, que naturalmente attribuem a metaphora ás qualidades eminentes do dito objecto e não a aquellas, que nós com *mal atilada escolha* queriamos significar por meio daquelle nome. Em segundo lugar nós mesmos esquecendo-nos muitas vezes do sentido em que por precipitação tomamos originariamente aquella metaphora, passamos por fim a dar-lhe o sentido que ella apresenta: e depois de termos induzido em erro aos outros, vimos a enganarmo-nos, e a confundirmo-nos a nós mesmos.

343. Este que eu denominei *mal atilado gosto* he o que na Lingua Franceza (que nestas materias offerece hum muito maior numero de expressões analyticas do que nenhuma outra) se chama com huma metaphora, que em Portuguez seria atrevida, *juizo vesgo* (*un esprit louche*).

344. Eu acabo de servir-me da expressão de *metaphora atrevida*: e a consideração do terceiro requisito das metaphoras (§. 297.) nos conduz a desenvolvermos o sentido deste novo epitheto.

Por dois modos póde acontecer, que o ouvinte encontre difficuldade em perceber quaes são as qualidades que a metaphora he destinada a significar. Primeiro, quando estas qualidades não são (ao menos para elle) as sobresalientes do objecto cujo nome nós empregamos: que vem a ser

o defeito que nos §§. precedentes fica expendido. O segundo modo he, quando a metaphora de que se trata, ou he huma metahpora homonyma (§. 300.) tal como a que citei no §. 296. do Poeta que fallando da Canicula, dice, que ella *ladrava*: ou deriva de outra e outras mais metaphoras, a ella anteriores, e ás quaes os nossos ouvintes ou não estão acostumados, ou não tem bastantemente attendido: E são estes mesmos os casos em que a metaphora se chama *atrevida*; porque presuppõe hum rapido vôo de metaphora em metaphora, ao qual o commum dos homens não alcança; e portanto se requere huma não ordinaria ousadia, tanto naquelle que o emprehende, como no que se atreve a expo-lo á censura ou á approvação do Publico.

309. Ainda que o methodo, que nestas Prelecções tenho adoptado não consente que eu me alargue em exemplos; ha cazos em que elles são indispensaveis: e como este me pareça ser hum delles; sirva-nos de exemplo da segunda especie de atrevidas metaphoras a de hum Poeta (Klopstock) que fallando de Orpheo disse: *que elle temperara a sua Lyra pelos acordes concertos dos astros que povoão a vasta região do firmamento*: querendo dizer que o seu espirito enthusiasmado pela contemplação da Natureza, e particularmente pelo estudo da Astronomia, foi quem lhe inspirou a sublimidade da Musica que immortalisou o seu nome entre todas as Nações.

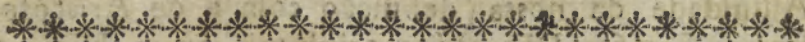
345. He com effeito atrevida a metaphora de temperar huma lyra pelos *concertos* dos astros: mas eis-aqui a serie das metaphoras que a ella

R

conduzirão aquelle grande Poeta, a quem eu não duvidarei chamar o Principe dos Poetas Allemães. Os Philosophos, observadores da Natureza, vendo que na immensa variedade de movimentos dos astros reinava aquella admiravel e encantadora ordem que brilha em todas e em cada huma das partes do Universo, servirão-se algumas vezes da palavra *harmonia* para designarem aquella mesma ordem e regularidade de movimentos dos astros. Mas *harmonia* tambem significa, e he propriamente destinada a significar a bem consertada combinação de sons, que lisongeia os nossos ouvidos, e a que por isso se chama *concerto*: particularmente quando essa harmonia resulta do concerto de muitos e variados instrumentos. Era logo *natural* a metaphora de chamar *concertos dos astros á harmonia dos astros*; posto que teria sido *dura* e *extravagante*, se immediatamente, se houvesse passado a chamar *concertos dos astros á ordem regular dos seus movimentos*.

346. Aquelles Escriptores, cujo estilo abunda em semelhantes metaphoras, dizem-se *alambicados*, *inchados*, *alcantilados*, *extravagantes*.

Perguntando eu huma vez ao celebre Herder o que pensava dos Poemas de Wieland; respondeu-me, que, quanto a elle, erão á Poesia o que são os Arabescos á Pintura.

347. Todas estas observações sobre o uso e os abusos das metaphoras, se verificão nas metaphoras synonymas, não menos que nas homonymas: E assim se manifesta a natural transição da doutrina dos Equivocos para a dos Univocos, de que trata o segundo Aphorismo, e que exporei na seguinte Prelecção.

PRELECCÕES PHILOSOPHICAS.

DECIMA PRELECÇÃO.

ASSUMPTO.

Categorias de Aristoteles. Segundo Aphorismo.

§. 348. RAzão das expressões *Equivoco*, e *Univoco*. — §. 349. Erro usual de Nomenclatura, de nos servirmos de expressões já usadas, em outro sentido, para significarmos idéas novas. — 350. Como esta pratica induz aos outros em erro. §. 351. E ainda a nós mesmos. — §. 352. Exemplos tirados das obras de Linneo. — 353. Outros das de Kant, Fichte, Schelling, &c. — §. 354. Conclusão da pratica contraria. — 355. Parallelo da definição, que Aristoteles dá de *Univoco*, com a que no §. 206. démos de *Synonymo*. — §. 356. Espirito daquella definição do Philosopho Grego. — §. 357. Analyse da mesma definição. Que ha tres modos de expressões congeneres. — §. 358. Exemplos. — §. 359. Conformidade desta doutrina com a de Aristoteles. — §. 360. Analyse da nossa definição de synonymos. — §. 361. Razão da synonymia. — §. 362.

Affinidade da nossa definição com a de Aristoteles. — §. 363. Differença originaria entre huma e outra. — §. 364. Que ambas são igualmente exactas. — §. 365. De duas definições igualmente exactas, qual se deve reputar preferivel? — §. 366. Applicação á nossa e á de Aristoteles. — §. 367. Explanação tirada em primeiro lugar da definição de linha recta por Euclides comparada á de José Anastacio da Cunha. — §. 368. Em segundo lugar da deste com a de varios Modernos. — §. 369. Fontes de demonstração em Geometria. — §. 370. Applicação á linha recta. — §. 371. Outro principio da Theorica das definições. — §. 372. Defeito essencial das Obras de Linneo e de Werner pela inobservancia deste principio. — §. 373. De outro defeito, que se nota nos mesmos Authores, analogo ao precedente. — §. 374. Que em todas as Linguas ha synonymos. — §. 375. Equivocação, em razão da qual alguns Philosophos tem sustentado o contrario. — §. 376. Outras equivocações a este mesmo respeito. — §. 377. Realidade dos factos em que ellas assentão: e ampliação do argumento que dahi se quer derivar. — §. 378. Dos synonymos provindos dos Idiotismos Provinciaes. — §. 379. Caracter particular dos Dialectos da Lingua Grega. Sua analogia com as Linguas Modernas. Valor da palavra *Romance*. — §. 380. Da apparente synonymia das differentes Artes. — §. 381. Da que parece nascer da Linguagem pratica. — §. 382. Da dos termos antiquados. — §. 383. Limitado uso e imperfeição dos Tratados que existem sobre os synonymos. Conclusão.

DECIMA PRELECÇÃO.

348. TENDO-SE Aristoteles servido das palavras *Hononymo* e *Synonymo*, para designar o que eu traduzo pelas de *Equivoco* e *Univoco*; não será inutil, que eu aponte aqui a razão porque preferi empregar estas duas ultimas expressões, deixando as outras, quando ellas não só são adoptaveis, mas até muito usadas na nossa Lingua.

Mas por isso mesmo que ellas são entre nós mui conhecidas e usadas, he que eu julguei dever abster-me de emprega-las neste lugar: E a razão he, porque sendo ellas hoje usadas em sentido algum tanto differente do de Aristoteles; induzirião muitas vezes em erro ao Leitor, que nesta Traducção as encontrasse, e a cada passo tivesse de reflectir, que ellas erão aqui empregadas em sentido differente do vulgar.

349. Por esta occasião cumpre, que eu vos faça notar huma regra tanto mais importante da Nomenclatura das Sciencias, quanto he frequente a negligencia dos Escriptores a este respeito, com grave prejuiso das mesmas Sciencias; como no estudo dellas tereis muitas vezes occasião de o observar.

Cumpre pois saber, que tratando nós qualquer Sciencia, vimos frequentemente a fazer descobrimentos, que sem serem inteiramente novos, amplificão e completão os conhecimentos que antes de nós se tinhão adquirido sobre o mesmo objecto.

Neste caso he natural, que procurando nós expressões para denotarmos as nossas idéas assim aperfeiçoadas, lancemos mão dos termos que achamos já em uso para designar semelhantes, ainda que menos apuradas idéas: contentando-nos, quando muito, com advertirmos o em que o novo sentido que lhes ajuntamos, differe daquelle em que precedentemente erão empregados.

350. Comtudo pouca reflexão he precisa para se conhecerem os graves inconvenientes desta pratica. Se as pessoas, com quem pretendemos communicar nossas idéas, nunca tivessem ouvido os discursos dos outros sobre a mesma materia: nem hovessem de cogitar sobre elles, contentes com o que de nós apprendessem; era certamente indifferente esta adopção da linguagem dos outros, para designarmos as nossas particulares idéas; pois que nenhuma confusão se podia seguir desta convenção entre nós.

Como porém esta hypothese nunca se verifique: antes aquelles com quem praticamos, ou já estão costumados a empregar taes expressões em outro sentido, ou para o futuro hão de encontra-las na conversação e nos livros; he forçosa consequencia, esquecerem-se frequentemente desta differença: e confundirem as idéas de huns com as dos outros, induzidos pela identidade da expressão.

351. Porém não he muito que isto aconteça aos outros Nós mesmos costumados a ajuntarmos a aquellas expressões o sentido que apprendemos de nossos Mestres, se depois de havermos aperfeiçoado as doutrinas destes, continuarmos a usar daquel-

las expressões, não já no primeiro sentido, mas conformemente á reforma, de que somos autores: humas vezes tendo esta em vista usamos daquellas expressões no sentido que lhes havemos fixado; mas tambem frequentemente, por effeito involuntario do antigo habito, as tomaremos no sentido de nossos Mestres: de modo, que esta vacillação de sentidos, produzirá huma confusão, talvez impossivel de desenvolver.

352. De ambos estes inconvenientes nos offerecem ameudados exemplos, não digo já os Escriptores vulgares, em quem semelhante abuso de linguagem he antes filho de ignorancia que de irreflexão; mas naquelles talentos superiores, que tendo aberto novas estradas no vasto campo dos humanos conhecimentos, não derão ao polimento da respectiva Nomenclatura todo o escrupuloso cuidado que a materia requeria. He assim que o grande Linneo, tendo de refazer toda a Linguagem da Botanica, e conservando nella antigas expressões debaixo de novas accepções, diffundio por todo o seu Systema hum numero indisivel de escolhos, aonde os mais habeis de seus Discipulos e até elle mesmo a cada passo, vem a naufragar.

353. Menos favorecidos da natureza, mas não menos possuidos de ambição de originalidade, os Kauts, os Fichtes, os Schellings, e hum sem numero de outros chefes de Seitas da moderna Philosophia assentarão que bastava dar a nomes antigos, novas e arbitrarias acepções, revestir de novos nomes idéas triviaes, humas verdadeiras, outras falsas; para conseguirem as honras da apothe-

ze, a par dos Aristoteles, dos Bácons, e dos Leibnitzs.

354. Ensinados por estes e muitos outros exemplos, deduzamos, como huma regra geral, de nunca jámais empregarmos, para designar alguma idéa nova, expressão anteriormente usada por alguem: preferindo em tal caso introdusir na Nomenclatura huma expressão inteiramente nova, por isso que não podendo suscitar outras idéas no ouvinte que as da definição que della lhe houvermos dado, não se corre nenhum risco de cahir na confusão que seria inevitavel adoptando expressões que se está costumado a tomar em differente accepção.

355. Mas voltemos a Aristoteles. Nos §§. 329, e 331. vos fiz notar as modificações que convinha fazer ao que este grande Mestre diz no primeiro Aphorismo das suas Categorias sobre os Equivocos. Vejamos agora em que a sua definição de Synonymo differe da que nós demos, conforme ao uso actual, no §. 206. Desta comparação, bem como da que fizemos a respeito de Homonymos, ou Equivocos, resultará huma observação para a qual vos tenho preparado com a advertencia que fiz no §. 264. e que agora poderei desenvolver mostrando-vos pela comparação da minha definição de Synonymo com a de Aristoteles, como se podem dar duas ou mais definições exactas de huma expressão; porém que não se devendo adoptar senão huma (§. 263.) não he indifferente a escolha (§. 264.).

356. Começando pela definição de Aristoteles, e attentando no exemplo, com que elle a aclara, observaremos, que elle vem a chamar *Synonymas*

as expressões que são especies de hum mesmo genero.

357. Mas de duas differentes maneiras podem ser congeneres duas expressões; primeira: quando ambas são especies de que outra terceira expressão he genero: segunda: quando das duas congeneres, huma he genero, e a outra he especie a ella subordinada. Porque tanto em hum, como no outro caso se verifica = não só terem nome commum; mas ser a razão desse nome identica =

358. Darei por exemplo as tres expressões: *Ira*, *Raiva*, e *Sanha*; das quaes as duas ultimas são univocas, no sentido de Aristoteles, porque são especies de hum mesmo genero, que he *Ira*: E qualquer dellas he univoca de *Ira*, a que cada huma dellas he subordinada, como especie a genero.

359. Sobre o que convem reflectir, como já fizemos a respeito do Equivocos, que o Philosopho Grego contente com ter dado huma exacta definição, dotada de toda a devida generalidade, apenas citou hum dos casos em que ella se verificava; mas citou-o como exemplo: e não porque fosse jámais a sua mente indicar, que não houvesse mais do que essa especie de univocos.

360. Se indagarmos a respeito da nossa definição de Synonymos (§. 206.) como acabamos de praticar com a de Aristoteles, quantos sejão os casos em que podemos indifferentemente usar de huma ou outra de duas expressões; veremos que são igualmente dois, e os mesmos em que tem lugar a definição de Aristoteles; a saber: quando as duas expressões são entre si congeneres e isto ou por-

que ambas são especies de huma terceira, que designa o genero que lhes he commum: ou porque huma dellas he especie da outra. Os exemplos que alleguei no §. precedente tem portanto applicação á nossa, bem como á definição de Aristoteles.

360. Com effeito se quando duas expressões são synonymas he indifferente *em alguns casos* servir-se de huma ou outra; segue se em primeiro lugar, que ha casos em que não he licito empregar esta em vez daquella: e logo segue-se em segundo lugar, que se não he licito em alguns casos empregar huma das duas expressões em vez da outra, he porque nesses casos cada qual dellas suscita idéas differentes das que a outra suscitaria: E que se em outros casos he indifferente qual dellas empregamos; isso deriva de que nesses casos qualquer dellas suscita unicamente idéas, que lhes são communs a ambas.

361. Estas idéas, communs a ambas as expressões, são, ou podem ser designadas por hum nome; e por isso póde-se dizer; que, quando duas expressões são synonymas, exprimem, além das idéas particulares a cada huma, certo numero de idéas communs a ambas: ou, o que val o mesmo, póde-se dizer com Aristoteles, que tem ambas hum mesmo nome, que lhes he commum: e como a razão de se applicar a qualquer dellas esse nome, he esse complexo de idéas que he identico para ambas; fica sendo identica para ambas a razão do nome.

362. Desta analyse comparativa das duas definições se conclue evidentemente, que he tão facil o deduzir a nossa da de Aristoteles, como a de

Aristoteles da nossa. De modo que a differença entre huma e outra consiste unicamente, em que os modernos, cuja mente a nossa definição devia exprimir (§. 35.), servindo se da palavra synonymo, fixão a vista na propriedade que a nossa definição (206.) exprime: entretanto que Aristoteles exprimio na sua definição a razão desta propriedade; talvez, porque essa fosse a idéa, que aquella palavra excitava no animo dos seus contemporanos, sempre que a ouvião repetir.

363. Seja o que for a este ultimo respeito, he certo, que sem disputar preferencias, tanto a nossa definição como a de Aristoteles satisfazem aos requisitos que em varios lugares destas Prelecções e nomeadamente nos §§. 35. 38. 260. 261. e 263. vos tenho feito observar, que se dizem verificar em qualquer definição, para merecer o nome de exacta: Porém como reflectindo-se sobre a observação do §. 264., se póde perguntar, qual das duas definições he preferivel: ou se he indifferente o adoptar qualquer dellas; será preciso, que antes de responder a esta questão, eu estabeleça em geral as considerações, porque nos devemos guiar, sempre que se trate de escolher entre duas definições, aliás boas e exactas, aquella, a que cumpre concedermos a preferencia.

364. Como o uso das definições consiste em servirem, pela sua substituição no lugar da expressão definida, a descobrir a verdade ou falsidade de quaesquer proposições onde entre essa expressão: (na maneira que tenho expendido sobre a demonstração e o discurso nos §§. 37. 255. 260.); segue-

se, que de duas definições, aliás boas e exactas, será preferivel aquella que com mais facilidade servir a mostrar a verdade ou falsidade de hum maior numero de proposições.

366. Fazendo applicação destes principios ás definições de que tratamos, vê-se, que á de Aristoteles falta já o requisito da facilidade; porque encerra expressões, que precisão de explicação; porquanto só por meio da transformação que della fizemos no §. 356. e da analyse desta transformação nos §§. seguintes, he que se póde chegar a entender, o que aquelle Autor queria dizer com as palavras = *ter hum nome commum* = Além disso he defeito naquella definição o dizer = *que os univocos tem hum nome commum*, = pois parece affirmar que sempre o tem: entretanto que como vimos no §. 361., este nome, de facto bem que sempre seja possivel, nem sempre existe. E emfim forão as considerações contidas neste mesmo §. 361. as que mostrando-nos como e qual era a razão daquelle nome commum aos univocos, deu á definição de Aristoteles a fórma de clareza indispensavel para della tirarmos inferencias que dilatem os nossos conhecimentos sobre a doutrina dos mesmos univocos ou synonymos.

367. He deste mesmo modo, que sendo igualmente exactas as definições de linha recta dadas por Euclides e José Anastacio da Cunha: a deste he comtudo preferivel á daquelle; porque quando o Geometra Grego diz ser = a que está *igualmente posta* entre dois extremos = ainda precisamos de saber o que seja estar *igualmente posta* en-

tre dois extremos. Quando porém o Geometra Portuguez nos diz serem linhas rectas = aquellas das quaes não póde haver duas que deixem entre si espaço, quando tem dois pontos communs = tudo he claro: nada ha que precise de ser definido.

368. Já se comparamos esta definição do nosso illustre compatriota com a da maior parte dos Modernos, que presumptuosamente julgárão ter melhor definido de Euclides, dizendo ser linha recta a mais curta que se póde tirar entre dois pontos; tornar-se-ha mais sensivel a verdade, de que estamos tratando; pois que apezar de esta definição ser tão exacta como a de Euclides ou a do nosso Geometra, he-lhes comtudo tão inferior em merecimento, quanto hum homem ordinario o he a hum homem de genio.

369. Com effeito em Geometria nada se póde demonstrar, senão mediante *supposição*, ou *superposição*; porque como sciencia Hypothetica, que he, (§. 259.) hum dos principios de demonstração, a saber: as suas definições, e quanto dellas se deriva, são supposições (§§. 277. 278.): E nella o outro principio de demonstração, que he a observação (§. 276.) não póde ser senão a superposição dos objectos, que se compárão. Por isso todos os bons Geometras tiverão sempre summo cuidado em não buscarem n'otra parte as suas demonstrações: E alguns que por hum mal entendido espirito de novidade, recorrerão a idéas de movimento para dalli deduzirem suas Definições, Axiomas, Hypotheses &c., longe de espalharem mais luz so-

bre os objectos, derramarão sobre ellas obscuridade e confusão.

370. Ocorrendo pois o caso de se dever demonstrar, que alguma linha he *recta*: se a idéa, que desta expressão nos houverem dado, for a definição hypothetica de ser ella a mais curta possivel entre os seus pontos extremos; como he que se ha de praticar a superposição? Assentando eu esses seus pontos extremos em cima de alguma outra linha; o que vejo, he que ellas coincidem em todo o seu comprimento, ou que não coincidem. Se coincidem; de nenhuma dellas posso affirmar, que he recta (ainda que o seja; porque de nenhuma dellas posso dizer, que ha menor possivel entre os seus extremos, sendo assim que ha outra não menor do que ella, que vem a ser essa outra, que com ella coincide. E se não coincidem; o que eu vejo he, que tendo dois pontos communs (isto he os dois extremos) comtudo deixão entre si espaço. Mas primeiramente, nem por isso venho dahi no conhecimento de qual dellas he a menor; e em segundo lugar, quando eu venha a conhecer que huma dellas he menor que a outra: nem por isso fico sabendo, que seja menor que qualquer outra.

371. A especie, que toquei no §. 367. notando o erro daquelles Mathematicos, que tem ido deduzir suas Definições, Axiomas, e Hypotheses Geometricas das idéas de movimento: esta especie; digo, constitue outro principio de discernimento na escolha da definição, que entre varias aliás verdadeiras e exactas, merece a preferencia no caso de que se tratar: E vem a ser que não obs-

tante poder-se determinar o objecto em questão, enumerando-se qualidades de differentes naturezas; he essencialmente necessario, que nós o determinemos sómente pela enumeração daquellas, que são analogas ao nosso proposito, *ao caso de que se trata* (§. 35.): deixando de parte todas as que lhe forem adiáphoras.

372. Por não reflectirem neste importante principio de Nomenclatura, cahirão em defeitos essenciaes os mesmos* Corypheos das Sciencias Naturaes em nossos dias. Limitar-me-hei a exemplos tirados dos dois principaes Reformadores, Werner, e Linneo. Ambos elles na confecção de seus philosophicos systemas partirão do luminoso principio, que alli se não tratava de dar pleno conhecimento dos objectos, mas só enumerar aquellas qualidades, que mais proprias fossem, para se distinguirem huns dos outros. Mas ambos elles se descuidárão de seguir este principio em todas as uteis consequencias, que delle se podião deduzir. Destas consequencias a mais obvia era certamente, que assim como para a diagnose das Variedades, das Especies, dos Generos, e das Ordens se tinhão escolhido caracteres exteriores faceis de observar, e independentes da destruição, analyse, ou dissecção do objecto; era necessario que tambem os caracteres das Classes fossem desta mesma natureza. Porém longe de ficarem fieis a este principio, ambos aquelles Philosophos forão demandar os caracteres das suas Classes entre as qualidades de que he impossivel haver conhecimento, sem se fazer a dissecção ou a analyse do objecto, que se quer classificar. Ou-

tras vezes, ainda que não seja necessario destruir aquelle objecto, são taes os caracteres escolhidos, que raras vezes póde o Observador achar-se em circunstancias de os verificar. Taes são por exemplo, alguns dos caracteres deduzidos do Nectario, da Fecundação, e da Fructificação, na Botanica: o jazigo, as direcções das Laminas, e mesmo a Gravidade especifica nos Mineraes.

373. Outro desmancho, analogo a este, e digno de se notar, desfeia frequentemente as obras daquelles grandes homens, e vem a ser, que tendo-se determinado hum certo numero de qualidades, para o seu complexo compor o Caracter de hum Genero, se incluem nesse Genero Especies que sim tem varias qualidades communs com todas, ou muitas das outras Especies, mas nenhuma dessas qualidades he do numero das que compunhão o Caracter generico. Porém deste defeito trataremos mais largamente em outra parte; porque demanda hum preliminar desenvolvimento de varios principios da Theorica dos systemas, em que mais abaixo entraremos; e que neste lugar nos afastaria demasiadamente da analyse em que estamos da definição de Synonymo. Baste por ora o tello apontado.

374. Depois de nós termos comparado a nossa definição de synonymos com a de Aristoteles, huma das reflexões que primeiro se offerece, como immediata consequencia de qualquer dellas, he: que em todas as Linguas ha, nem póde deixar de haver synonymos; pois que em nenhuma póde deixar de haver palavras, cuja affinidade de significação seja tal, que em *muitos casos*, *posto que*

nem sempre, seja indifferente o servirmo-nos desta ou daquella.

375. Mas apenas feita esta reflexão, logo occorre o perguntar, como he possivel que Grammaticos de mui sã Philosophia tenhão negado, não só a existencia, mas até a possibilidade de Synonymos?

A razão deste erro, que com effeito he commum ainda aos melhores Escriptores do nosso seculo, he porque aquelles Escriptores, para decidirem a questão da existencia ou possibilidade de synonymos, partião de huma má definição desta palavra. Elles supponhão que por synonymos se entendião palavras, que *sempre* se podião tomar indifferentemente, humas em vez das outras.

E na verdade taes expressões *sempre* equivalentes entre si, póde se dizer que não existem em nenhuma Lingua. Mas como a synonymia não consiste em serem *sempre* equivalentes; porém sim em *alguns* casos; era precipitada a conclusão, que não havia synonymos.

376. Mas não he muito que os antagonistas dos synonymos laborassem em erro sobre a significação desta palavra; pois que os proprios defensores delles estavão na mesma errada intelligencia: de modo que para sustentarem a existencia de synonymos, recorrião a argumentos não menos equivocos que os que os querião combater. Allegavão primeiramente, que em todas as Linguas ha expressões, que sendo particulares a tal ou tal Provincia, são exactamente equivalentes em todos os casos e sentidos a outras, que se usão em outras Provincias. Em se

gundo lugar citavão grande numero de objectos que tendo uso em differentes Artes ou Officios, são conhecidos em huns por hum nome, e em outros por outro: vindo assim estes nomes a serem synonymos no sentido contestado de serem *sempre* equivalentes huns aos outros: nem jámais haver caso em que este designe mais nem menos, nem differentes idéas do que aquelle.

377. Quanto ao facto dos termos technicos, que differem segundo as Profissões, ainda que os objectos por elles designados sejão os mesmos: bem como no que respeita aos idiotismos equivalentes das differentes Provincias, não póde haver duvida nenhuma: e até se poderia accrescentar a estas duas allegações a dos termos, que por quasi antiquados raras vezes he licito empregar: e daquelles cujo uso só he permittido aos Poetas; mas que tanto em hum, como em outro caso ha termos equivalentes aos que servem na pratica geral dos homens.

378. Tudo isto he verdade: mas de nenhuma destas cinco especies de expressões trata a questão que examinamos. Não trata dos idiotismos das Provincias; porque estes em nenhum Paiz são considerados como parte da Lingua geral: nem he licito empregallos; não digo já nos Escriptos, mas nem mesmo no trato commum das classes mais cultas e polidas da Nação.

379. Nem se objecte a esta minha observação o exemplo dos Dialectos da Lingua Grega; porque esses Dialectos erão entre si Linguas tão distinctas, como o são por exemplo entre as modernas todas

as que são filhas da Latina: que todas ellas se parecem muito humas com as outras: todas tem muitas expressões communs; mas nem por isso he licito a aquelle, que escreve em Portuguez o servir-se de expressões Hespanholas: e por isso ainda que todas estas Linguas e a Latina, sua commum origem, se poderião tomar collectivamente como huma só lingua: e se poderia designar, como com effeito se designou nos seculos passados com o nome de *Romance*; com tudo seria hum erro o dizer-se, que havia synonymos na Lingua denominada *Romance*; por quanto esta denominação não designa huma Lingua, mas sim hum certo numero dellas que pela sua reciproca affinidade constituem huma só familia; e por tanto os differentes nomes, que em cada huma dellas designão hum determinado objecto, não são synonymos, porque não podem jámais ser usados hum em vez do outro, porque isso produziria huma mistura burlesca de differentes idiomas. O mesmo he da Lingua Grega, que não denota huma certa Lingua, mas huma familia em que se comprehendem os seus quatro Dialectos principaes: sem que em nenhum dos seus Escriptores se encontre mistura dos differentes dialectos, a não ser por liberdade poetica: e mesmo nesse caso o fazem com mais parcimonia do que os Poetas Italianos, cuja arbitraria syllabisação de huma dada palavra, já mais se considerou nem póde considerar como augmento dos synonymos da Lingua Italiana.

380. Pelo que toca aos termos technicos, com que em differentes Artes se designa hum só e mes-

mo objecto: tanto não são synonymos, que até seria inintelligivel aos da sua Profissão aquelle Artista, que se servisse do nome que os de outra Profissão dão ao objecto que elle quer denotar, e que he commum a ambos os Officios. E em fim he applicavel ás Nomenclaturas technicas tudo quanto no §. precedente fica reflectido sobre os Dialectos.

381. Mais razão se deveria conceder aos que allegão com as expressões poeticas naquelles casos, em que ellas nada accrescentão de essencial ao que significaria a correspondente expressão prosaica. Mas sem entrarmos na discussão do que distingue as expressões poeticas daquellas que o não são, pois que essa analyse além de nos affastar demasiadamente de nosso actual proposito, seria prematura, não tendo nós ainda expendido nas precedentes Prelecçoes os principios que nella nos deverião guiar; bastará simplesmente reflectir que a palavra do Poeta deixaria de ser a mesma, não lhe equivaleria, não preencheria toda a extensão das concepções do Author, se este se servisse em vez de sua expressão poetica, de outra qualquer tambem poetica, ou tomada de entre as mais expressivas e analogas das prosaicas. E logo não era indifferente o servir-se desta ou daquella: e por conseguinte não se podem caracterizar de synonymos em nenhum dos sentidos que se costumão dar a esta palavra.

382. Das palavras cahidas em descuso, humas são absolutamente antiquadas: e jamais se devem empregar; outras só he licito empregallas em *certos* casos. Ora tudo quanto determina esses casos,

limita, circumscreve, e de tal modo fixa a escolha, que cessa de ser indifferente o usar da antiga ou da moderna: e por tanto mal se podem ellas chamar synonymas no sentido que erradamente se quer dar a esta palavra, isto he: sempre equivalentes.

383. Deslindada esta questão, que tanto tem dividido os Grammaticos em partidos; poderemos continuar a deduzir as mais consequencias que a analyse da definição de synonymos nos offerece, para adiantarmos a importante Theorica desta parte da sciencia, em que tão pouco se tem trabalhado debaixo de principios; por quanto os Authores, que tem tratado de synonymos, deixando de parte as considerações geraes, em que consiste a Theorica, só se tem applicado a compararem entre si os synonymos desta ou daquella Lingua, menos para mostrarem o que entre elles ha de commum, do que para fazerem ver em que differem: de modo que em lugar de darem ás suas obras o titulo de Tratados dos synonymos, os deverião intitular Tratados das differenças dos synonymos. Mas como o que nos resta a dizer sobre este objecto he materia de vasto assumpto; continuar-se-ha na seguinte Prelecção.

PRELECÇÕES PHILOSOPHICAS.

UNDECIMA PRELECÇÃO.

ASSUMPTO.

Categorias de Aristoteles. Segundo Aphorismo.

§. 384. APplicação da theorica dos synonymos. — §. 385. Entrelaçamento dos differentes generos e especies de synonymos. — §. 386. Uso dos synonymos co-especies. — §. 387. Erros provenientes da inobservancia do §. precedente. — §. 388. Outros erros contra a mesma doutrina. — §. 389. Do uso dos synonymos, sendo hum delles genero e o outro especie. — §. 390. Da divergencia dos synonymos. — §. 391. Excepções ás regras precedentes. — §. 392. O que seja *Synecdoque de genero.* — §. 393. O que seja *Litote.* — §. 394. O que seja *Antonomasia.* — §. 395. Outras excepções. — §. 396. O que seja *Synecdoque de especie.* — 397. Outra especie de Antonomasia. — §. 398. Especies de palavras que se poderião chamar *Variedades.* Dos

Tropos-hyperbolicos. — §. 399. Que ha Hyperbole e Litote em outros casos. — §. 400 Comparação dos dois methodos de definir. — §. 401. Precaução que deve haver no uso do segundo methodo. — §. 402. Applicação á palavra *Synecdoque*. Definição geral deste tropo. — §. 403. Requisitos de huma boa Synecdoque. — §. 404. Exposição do primeiro requisito. — §. 405. Exposição do segundo. — §. 406. Que a Synecdoque envolve huma synonymia. — §. 407. Caracter particular desta synonymia. O que sejão synonymos irreciprocos — §. 408. O que he *Metonymia*? — §. 409. Exemplo. — §. 410. O que he *Metalepse*? — §. 411. Significação da palavra *Euphemismo*. — §. 412. Comparação de Metonymia e da Synecdoque com a Metaphora. — §. 413. Da *transição*, como phenomeno geral da Natureza. — §. 414. Da transição de huns para outros Tropos. — §. 415. O que he *Catachrese*? — §. 416. O que he *Syllepse*? — 417. Notavel especie de Syllepse. — §. 418. A que chamão alguns *Allusão*. — §. 419. O que seja *Allegoria*. — §. 420. Abusos das Syllepses. Sua influencia sobre o genio das Linguas. — §. 421. O que seja *Antiphrase*. — §. 422. Distinção de Antiphrase em Euphemismo e Ironia. — §. 423. Significação da palavra *Euphemismo*. — §. 424. O que he *Ironia*? — §. 425. O que são *Tropos*: e o que *Figuras de conceito*: e *Figuras de dicção*. Conclusão.

UNDECIMA PRELECÇÃO.

384. A Reflexão que fizemos no §. 357. de que as palavras synonymas, o são por hum de dois modos; a saber: ou porque são ambas especies de hum mesmo genero: ou porque huma dellas he genero da outra — esta reflexão, digo, nos offerece importantes regras para distinguirmos os casos, em que he licito tomar hum dos dois synonymos em lugar do outro: e em quaes seria improprio, e talvez errado o fazello.

385. Mas antes de considerarmos separadamente cada huma destas duas classes de synonymos, cumpre observarmos, que o serem os dois synonymos especies de hum mesmo genero não obsta a que cada hum delles seja especie de outros generos, com os quaes o segundo synonymo pouco ou mesmo nada tem de commum: bem como qualquer desses mesmos dois synonymos póde ser genero de especies que pouca e talvez nenhuma relação tem com o outro synonymo.

Do primeiro destes dois casos nos pódem servir de exemplo as palavras *Coração* e *Animo*: synonymas entre si; e ambas especies do genero *Indole*. Coração he synonymo, e especie de *centro*; com a qual expressão *Animo* nada tem de commum: bem como sendo Animo synonymo e especie de *valor*, *coração* pouco tem de commum com esse genero (na Lingua Portugueza e em algumas outras.)

Do outro caso sirvão de exemplo *Regra* e *Modelo*: dos quaes a primeira ao mesmo tempo que exprime o genero a que pertence *Modelo*, exprime outro genero qual he o de huma linha de escripta: com o qual a palavra *Modelo* nada tem de commum.

386. Despois de estabelecida esta observação preliminar, notemos primeiramente que quando duas expressões são especies de hum mesmo genero, tão apta parece ser huma como a outra, para significar as idéas genericas, que lhe são communs a ambas ellas. Com tudo, isto não he tão geral como parece á primeira vista. Por quanto se daquellas duas especies ha huma, que conforme á observação do §. precedente, figura em varios outros generos; facilmente acontecerá que se o Escriptor faz uso dessa e não da outra, ella em vez de suscitar no nosso animo as idéas genericas, que lhe são communs com estas, vai suscitar as de algum genero alheio ao caso de que se trata: e por tanto he nestas occasiões preferivel aquelle dos dois synonymos, que entra em hum menor numero de generos differentes.

387. Não he raro, mesmo entre os melhores Escriptores o faltarem a esta importante regra: E por isso qualquer que seja aliás o seu merecimento, pasma o ver quão insensivelmente, partindo de principios luminosos, nos achamos envolvidos com elles em hum labirinto de absurdos, por effeito unicamente desta em a escolha de synonymos, que obrigando de algum modo o nosso espirito a passar de genero em genero, derrama na totali-

dade do discurso huma *ambiguidade de estilo*, de que nem sempre he facil remontar á sua origem, para desvanecer os effeitos de erro e seducção, que são quasi infalliveis nos animos incautos da maior parte dos Leitores.

388. Em não menores erros, posto que por caminho inteiramente opposto costumão cahir aquelles, que precisando de exprimir não sómente as idéas genericas communs a dois synonymos, mas tambem as que são particulares a hum delles, não advertem ser este justamente o caso em que elles deixão de ser synonymos, no sentido de equivalentes: e vão lançar mão do outro synonymo: como nos casos em que he indifferente usar deste ou daquelle. O resultado desta errada pratica he que o Leitor em vez de encontrar em a totalidade das idéas, que se lhe devião offerecer, apenas acha as genericas, communs a ambos os synonymos. E muitas vezes o Autor para variar, como se costuma dizer, o estilo, que deste modo já era assás *incorrecto* e *inexacto*, passa alternativamente de hum a outro synonymo: e então a sua maneira de escrever merece a censura de *indistincta*, *confusa*, e *escura*.

389. De modo que quando empregámos aquelle dos dois synonymos que he genero do outro, o discurso por isso que não apresenta, como era preciso, as idêas que a este outro são particulares, mas sómente as genericas, fica sendo *froxo*, *enervado*, *inepto*, *fraco*, e *falto de expressão*.

390. Porém quando os dois synonymos sendo especies de hum mesmo genero, pertence além

disso cada hum delles a outros generos differentes: e eu em vez do synonymo cujas particulares idéas cumpria suscitar, me vou servir do outro; o meu discurso não póde deixar de ser, além de incorrecto e confuso, *falso* e *absurdo*: em razão das idéas estranhas, que nelle venho a introduzir por aquelle modo.

391. Com tudo ha dois casos, em que o estilo, bem longe de enfraquecer, se torna mais *energico* e *valente* pelo uso do nome generico, em vez do especial e proprio, que pela regra geral seria o que convinha empregar.

392. O primeiro destes dois casos he quando por hum lado as circunstancias nos asseguráo de que o ouvinte nem por isso que nós usemos do nome generico, deixará de conhecer que se trata da especie, que nós temos em vista: e por outro lado são essas qualidades genericas as que ao nosso intento sobre tudo convem fazer sobresahir. A este modo de fallar tem dado os Rhetoricos o nome de *Synecdoque do genero*. Exemplo: *Que mal está aos mortaes o apego do mundo*! Onde se vê que *mortaes* só designa os *homens*.

393. Quando o motivo de usarmos desta Synecdoque não he sómente para fazermos sobresahir as qualidades genericas do objecto, mas até para offuscarmos, e de algum modo fazermos desapparecer as que lhe são particulares; chama-se á Synecdoque *Litote*: porque apresenta diminuta a idéa do objecto, e por assim nos convir, enfraquece o colorido, que o nome especifico realçaria em detrimento da causa que tratamos.

394. O segundo caso, em que cumpre usar-se do nome generico, he quando o objecto, que nós queremos designar, he mais conhecido pelo nome generico do que pelo seu particular: Exemplo: *El-Rei.* Ou quando nas circunstancias em que fallamos, elle he mais conhecido, do que todos os seus congeneres, por esse nome generico, seja qualquer que for a razão: Exemplos: *O Orador Romano*, em vez de *Cicero*: *O Senhor Conde*, entre os seus Domesticos. A ambas estas locuções chamão os Rhetoricos *Antonomasia.* E he certo que tanto em hum, como em outro caso, esta figura concilia ao discurso *elegancia* e *magestade* Já se á Antonomasia se reune a Synecdoque, adquire o estilo huma força de expressão que muitas vezes o torna *grandiloquo* e *sublime.*

395. Por outra parte dão-se alguns casos, em que o discurso ganha muito no emprego das expressões especificas em lugar das genericas. E tambem os Rhetoricos distinguirão estes casos em duas classes, debaixo dos mesmos nomes de Synecdoque e de Antonomasia.

396. Dá-se-lhe o nome de *Synecdoque de especie* todas as vezes que usando nós da expressão especifica fixamos melhor a attenção do ouvinte sobre as idéas genericas do que se empregassemos a expressão generica, sem que por isso corramos perigo de que o mesmo ouvinte se distraia na contemplação das idéas que são particulares á expressão especifica, e de que não vem ao noso proposito suscitarmos a lembrança: Exemplo: *He hum reptil*, em vez de: He hum homem vil.

397. E quando entre todas as expressões especificas escolhemos huma, na qual brilha, com grande vantagem sobre todas as outras especies, a qualidade, de que se trata; toma a Synecdoque o nome de *Antonomasia*: Exemplo: *Os Homeros não tem que recear dos Zoilos*, em vez de: Hum Escriptor eminente não tem que recear dos detractores; porque neste caso, bem como nos do §. 394, a especie de que se trata, se distingue entre todas as outras pela excellencia com que nella sobresahem as qualidades genericas, que nós temos em vista fixar particularmente.

398. O caracter especifico, que distingue huma expressão de todas as outras, que com ella se comprehendem debaixo de hum mesmo genero, consiste ordinariamente em elle suscitar, além das idéas genericas communs a todas as outras expressões suas congeneres, outras idéas que lhe são particulares a ella. Mas este, que he como digo o caso ordinario, admitte muitas excepções; porque frequentemente se observa, que as expressões especificas não envolvem nenhumas idéas particulares, mas sómente as genericas; porém estas elevadas a hum gráo, para mais ou para menos, de intensidade differente do que a expressão generica suppõe. Talvez conviria dar se-lhes o nome de *Variedades*. Quando pois em lugar de usarmos da expressão generica, empregamos a especifica attenuada, ou exaltada temos com effeito Synecdoque; mas com o nome de *Litote* no primeiro caso, segundo fica dito no §. 393: e no segundo *Hyperbole* ou Exaggeração. Já se vê que isto só he permittido quan-

do razões justificadas nos autorisão a modificar ou a engrandecer os objectos de que fallamos.

399. Ainda que talvez não seja preciso dizer-vos, que nem só ha Litote ou Hyperbole, quando se usa da Synecdoque na maneira que acabo de expôr-vos: com tudo he de minha obrigação fazer-vos essa advertencia; porque não he só neste caso que eu necessito de vos fazer entrar no espirito das definições, que no decurso destas Prelecções vos tenho dado, e hirei dando debaixo dos principios que o modo do trabalho, e não a minha escolha, me obriga a adoptar.

400. Trata-se de melhor vos fazer entrar no sentido do que no §. 262 vos adverti sobre o methodo de *definir por elementos*. Segundo o que então vos ponderei a este respeito, deveis ter notado, que por dois modos se póde chegar a dar huma definição geral de qualquer expressão; a saber: primeiro, e o melhor, quando a definição abrange todos os casos em que essa expressão se costuma empregar: segundo, quando discorrendo por cada hum dos casos de per si, definimos o sentido daquella expressão em cada hum delles. Pois he certo que supponde ter fixado o que elle significa em cada hum dos casos particulares, tenho prestado tanto, como se dicesse o que elle significa em todos elles em geral. Mas então mesmo vos ponderei que se bem o resultado seja o mesmo, na supposição de eu ter bem definido essa expressão para cada hum dos casos particulares; este methodo he sujeito a muitos e gravissimos inconvenientes, que alli vos fiz observar.

401. Quando porém he forçoso seguir este methodo, apezar dos defeitos que delle são inseparaveis; he da obrigação do Escriptor conceber a definição em termos taes, que se veja não ser a sua intenção o dar alli huma definição geral, mas tão sómente huma particular para aquelle caso, que elle especifica, ou que as circunstancias dão claramente a conhecer. Isto he o que a mim me cumpre fazer-vos notar na redacção destas Prelecções, a fim de evitar que tomando por genericas definições, que eu só vos offereço como particulares, as não censureis de defeituosas: ou illudidos pretendaes deduzir dellas mais vastas consequencias do que a sua limitada esphera vo-lo póde permittir. Quando pois advertirdes que eu nas minhas definições omitto dar-lhes hum caracter explicito de generalidade, guardai-vos de as considerar como geraes; pois que a minha mente, he de a fazer valer sómente para o caso de que se trata.

402. São pois Synecdoques na geral intelligencia dos Rhetoricos, aquellas de que fallamos nos §§. 392, 396.; mas nem só essas o são. Para os casos de que alli se trata está bem definida aquella palavra; mas não he nenhuma daquellas a definição geral de Synecdoque. Definilla assim por meio de huma serie de definições para cada caso particular, foi definilla por elementos; porque desses casos particulares he que se póde unicamente deduzir a definição geral da palavra, que consiste em ella designar qualquer daquelles casos em que hum Escriptor, em vez de nomear o objecto cuja affecção

elle nos quer referir, nomeia, pelas razões que abaixo exporei, huma parte delle: mas huma parte tal, que o Leitor sem hesitar applica ao todo a affecção de que se trata: e até mesmo reconhece, que a affecção do todo he que o Autor quiz significar naquelle caso. Bem se vê que como o Individuo he parte da Especie: e a Especie parte do Genero (§. 14.) merece o nome de Synecdoque a pratica de que fizemos menção no §. 396. E como por outra parte o complexo das idéas genericas faz parte da Especie, assim como o das qualidades genericas e especificas fazem parte do Individuo; fica igualmente clara a razão porque se diz haver Synecdoque nos casos em que se usa do nome do Genero em vez do da Especie: ou deste em vez do do Individuo (§. 392).

403. Mas para qualquer acto humano não ser absurdo, deve ser arresoado, ou, o que val o mesmo, deve ser fundado em huma razão, que de tal mereça o nome. Por isso seria desarresoada e absurda a Synecdoque, que pretendesse designar hum todo nomeando huma parte qualquer de entre aquellas que o compoem, sem huma razão especial, e sem reflectir, se nomeando-se essa parte, o Leitor entenderia sem hesitação, que não he propriamente della, mas sim do respectivo todo que se trata.

404. A primeira destas duas condições indispensaveis para huma boa Synecdoque, consiste em que a parte escolhida seja aquella que nas circunstancias, em que se acha o Escriptor, *devia absorver* a sua attenção, com preferencia a todas e a ca-

da huma das outras partes do todo, de que se trata.

405. A segunda, que não póde deixar de verificar se, sempre que se verifique a primeira (mas não pelo inverso), he muito relativa ás idéas e costumes do Leitor: e por isso he indispensavel obrigação de quem escreve adaptar a situação do seu espirito ao total da grande massa do Publico para quem escreve: situação que he sempre determinada pela Lingua em que se escreve e pela materia de que se trata; por quanto devem ser conhecidos, a quem emprehende escrever em qualquer Lingua, os habitos intellectuaes e moraes da Nação: e dado certo objecto sobre que versa o Escripto, não he difficultoso assignar quaes sejão, além das idéas geraes da Nação, as que se póde com razão suppôr, que sejão familiares a aquelles, que ou estão iniciados ou se querem iniciar (quando a obra seja didactica) na materia de que se trata.

406. Se he licito por tanto ao Poeta, que falla de huma armada de cem *náos* o designalla pelo nome de cem *vélas*; porque em huma embarcação á vela he esta parte a que absorve toda a attenção do espectador: Se fitando a vista em hum parque de Artilheria, que em torno de si espalha ao longe horror e estrago; diz que

O bronze atroador *mortes vomita* .

denominando sómente a materia, como aquella parte, a que, para assim dizer, se reduz todo o co-

nhecimento do vulgo, que não penetra na intelligencia desta formidavel arma: E assim ém outras mais Synecdoques; segue-se que *Vela* figura no primeiro exemplo, como synonymo de *Náo*: *Bronze atroador*, no segundo, como synonymo de *Peças de Artilheria.*

407. Mas se nos citados exemplos as expressões empregadas são equivalentes das subentendidas: e por tanto synonymas dellas: de modo que foi livre ao Escriptor o empregallas, em vez de estas, he de notar, que lhe não seria igualmente livre em *nenhum* caso usar destas em vez daquellas: reciprocidade que antes temos observado existir entre outros muitos synonymos. Donde se deve concluir, que ha duas classes de synonymos: Huns taes, que he indifferente usar de qualquer delles em vez do outro: E outros, de que sendo licito usar do segundo em vez do primeiro, nunca se póde praticar o inverso.

408. Esta classe de synonymos irreciprocos dá origem a outros modos de fallar, que os Rhetoricos designão com o nome geral de *Metonymia*, e que se parecem com as Synecdoques em quanto o nome, que se enuncia, não he o do objecto de que se trata; mas o de outro, que pelas circunstancias em que se falla, patenteia ao Leitor as idéas do que escreve, com igual perspicuidade e com maior energia e elegancia, do que se se empregasse o nome proprio. Mas na Synecdoque, nomea-se huma parte do objecto: e na Metonymia nomea-se hum correlato delle; porém hum correlato tal, que

preencha as indispensaveis condições da perspicuidade, da elegancia, e da energia.

409. He assim que dizendo hum Poeta a respeito do Sabio: que

A' virtude fiel, d'iniqua morte,
Por impios Juizes decretada,
Com sereno semblante a Tassa *bebe*:
Tributo de respeito ás Leis pagando,
De Socrates a exemplo.

Tassa he synonymo de *veneno*; porque o Poeta imaginando a Socrates no acto de beber a cicuta; só vê, e só nomeia, a *tassa*, em que esta se contém: e *Socrates* na attitude de *beber*. Mas o nome de *tassa*, pela especificação *de morte*, fica mostrando assás claramente o correlato (*veneno*), que he o nome do que Socrates bebeo: E por tanto he esta Metonymia conforme aos requisitos que a devem acompanhar. Assim tambem he que se nomeia o Autor ou Inventor pela cousa por elle feita ou inventada: o lugar donde se produz qualquer objecto, por esse mesmo objecto: o Instrumento, pelo que delle usa: o signal ou distinctivo de qualquer pratica, ou profissão, e tambem a mesma pratica ou profissão, pelo que a exercita.

410. Analoga á Metonymia, e só differente della, porque se verifica nas phrases, entretanto que a Metonymia só se diz de expressões desligadas, he a *Metalepse*; pois que em vez dizer que *he morto*, digo que *existio*: em vez dizer que Orpheo cantou e descreveu com as vivas côres de

Poesia a erecção da famosa Thebas: disse-se, que aos harmoniosos sons da sua Lyra *as pedras se collocarão sobre as pedras*, e *formarão* as sumptuosas muralhas da Cidade de cem portas.

411. Quando a Metonymia, ou a Metalepse, nos, offerece em lugar da expressão propria, que offenderia o respeito, a decencia, ou o melindre, outra com ella correlata, ou que pelas circunstancias nos faz entender o que se pretende, sem nenhum daquelles inconvenientes; chama-se a Metonymia nesse caso *Euphemismo.*

412. Se compararmos as definições tanto de Synecdoque, como da Metonymia, com a de Metaphora (§. 333.) veremos que ha entre ellas grande conformidade. E com effeito tem havido Philosophos, que tem tratado aquellas duas como especies desta ultima. Mas se bem reflectirmos, acharemos que á excepção das Synecdoques de genero e de especie, em nenhuma das outras, bem como em nenhuma Metonymia, o nome empregado designa qualidades communs ao seu respectivo objecto e a aquelle de que se trata. Mesmo na Synecdoque, tanto de genero, como de especie, não he com o fim de designar essas qualidades communs (como na Metaphora); mas sim pelas razões geraes de todas as Synecdoques expostas no §. 403., que dellas fazemos uso.

413. Entretanto acontece aqui o que se observa geralmente em toda a Natureza: que de cada hum dos generos existe para cada hum dos que lhe são visinhos, huma *transição* gradual, que consiste em certas especies, que além das qualidades

proprias desse mesmo genero, contém outras proprias, já deste, já daquelle outro genero: de modo que mediante essas especies communs ao genero de que se trata e a cada hum dos que o rodeião, jamais se encontra genero nenhum isolado: e mediante esta geral ligação, a *Natureza* vem a formar hum *systema* compacto, ainda debaixo de outro novo ponto de vista differente do que considerámos no §. 186.

414. Conformemente a esta Lei geral da Natureza existe huma transição da Synecdoque e da Metonymia (que são generos connexos, como vimos no §. 405.) para a Metaphora; a saber: da Synecdoque para a Metaphora synonyma (§. 335.) nas Synecdoques de genero e de especie (§§. 392. e 396.) e da Metonymia para a Metaphora homonyma (§. 336.): na Metonymia do signal ou insignia, em vez do objecto que por esse signal ou por essa insignia se distingue.

415. Do mesmo modo existe entre a Metaphora synonyma e a homonyma huma transição, que os Antigos designárão com o nome de *Catochrése*, e vem a ser em ultima analyse a mesma de que se tratou. e fica definida no §. 344.

416. Fallando de Catachrêse não posso deixar de mencionar-vos hum caso, em que ella se torna particularmente digna de nota, e que tambem não escapou ao gosto delicado dos Antigos, que o denominárão *Syllepse*: e vem a ser, quando em alguma phrase se acha huma palavra referida ao mesmo tempo a dois objectos; porém a hum no sentido proprio e ao outro como Catachrése. Tal he

na phrase: *Huma alma tão candida como a neve*, a palavra *candida*, que ao mesmo tempo se refere á neve no sentido proprio, e á alma como Catachrése.

417. Ha huma especie de Syllepse, que differe alguma cousa da precedente, e que por isso merece que della façamos particular menção; e vem a ser, quando na phrase apparecem duas expressões que tomadas no sentido proprio são correlatas entre si, mas alli se acha huma no sentido metaphorico, e a outra em sentido proprio. *Nesta Ilha* (escrevia hum Poeta neste estilo a El-Rei de França) *não crescem senão salgueiros: e vós não estimais, senão os loiros.* No qual exemplo a palavra *loiros*, que no sentido proprio de arvore he correlato de salgueiros, aqui está usada no sentido metaphorico para designar a gloria marcial: entretanto que a palavra salgueiros se acha no seu sentido proprio.

418. Os Rhetoricos modernos tem dado a esta especie de Syllepse o nome de *Allusão*; porém este nome he demasiadamente vago: e quando o não fosse, já esta com mais propriedade applicado ás Syllepses da primeira especie, todas as vezes que hum dos objectos, quer seja aquelle, relativamente ao qual a expressão se toma no sentido proprio, quer seja aquelle, a que se refere no sentido metaphorico, se não menciona na phrase; posto que por algum outro modo se póde conjecturar. Querendo por exemplo motejar a hum çapateiro arvorado em Poeta, e que acabava de repetir hum Poema alheio, como seu proprio; exclamou hum da companhia: *Essa he velha: Venha huma do trinque.*

419. Mais acertado parece ser o nome de *Allegoria*, que alguns Antigos derão a esta segunda especie de Syllepse; mas tambem esse he defeituoso, porque o uso geral o tinha já consagrado para significar a terceira especie de Syllepse, que consiste em se acharem empregados metaphoricamente ambos os correlatos, e não sómente hum delles, como na especie precedente. Este seria o caso, se no exemplo alli citado tomassemos a palavra salgueiros tambem no sentido metaphorico; pois que assim como os *loiros* são emblema da *gloria*: tambem os salgueiros o são da *tristeza*.

420. Os abusos da Syllepse das duas primeiras especies não só tem sido escolho em que grandes Escriptores tem naufragado; mas tem havido Nações inteiras, que por largo tempo se tem abandonado ao máo gosto de amontoarem Syllepses em seus discursos: e quanto mais affastada da commum intelligencia era a idéa em que assentava a phrase, tanto mais se applaudia ao talento genial do seu Autor. Todos os nossos Escriptores dos fins do decimo sexto até metade do decimo oitavo seculo abundão em semelhantes trocadilhos, que aprenderão de outras Nações, aonde he verdade que durou menos esta epidemia; mas deixando tão contagiados os Idiomas, que os seus melhores classicos dos seculos seguintes não tem podido evitar este jogo vão de palavras, quer seja como argumentos em serias discussões, quer seja como engraçado ornato de discursos. Disto offerece sobre tudo hum exemplo, unico na Historia das Linguas, a Franceza, que poderia ser assumpto de hum interessan-

tissimo Tratado se a isso se applicasse hum Nacional, que depois de consumado no uso e estudo da sua Lingua, se habituasse a fallar com perfeição alguma outra pelo tempo que bastasse a perder aquelle excesso de familiaridade, que nos impede de notarmos na Lingua materna infinitas singularidades, que raras vezes escapão aos Estrangeiros; mas que só podem ser colligidas e avaliadas pelos Nacionaes. Porém não me engolfando nesta materia, que seria alheia da presente Prelecção, cumpre ao proposito della fazer-vos reflectir, que das duas primeiras especies de Syllepse, a primeira he a que predomina na Lingua Hespanhola aliás abundantissima em Catachréses e Metaphoras homonymas: entretanto que a segunda he a que mais figura nos Escriptos, e conversação nos Italianos e Francezes.

421. Quanto a estes dois ultimos (porque a discussão sobre os primeiros não pertence a este lugar) tem tido grande influxo para esta particular tendencia dos respectivos Idiomas o uso de huma especie de Metaphoras, de que me resta a fazer menção para completar este Tratado, e que a Historia de todas as Nações nos mostra que são inseparaveis consequencias da civilisação dos Povos. A esta especie de Metaphora derão os Grammaticos o nome de *Antiphrase*; porque consiste em designar os objectos, não pelos seus proprios nomes, mas pelos dos seus contrarios. Pratica que á primeira vista parece não sómente singular e inverosimil; mas até impossivel e absurda. Porém façamos algumas reflexões, e facilmente entra-

remos no verdadeiro sentido desta curiosa doutrina.

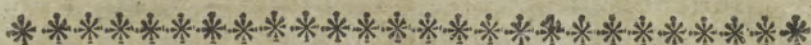
422. Continuando a servir me das expressões dos Grammaticos, notarei que a Antiphrase se divide em duas especies: á primeira das quaes chamarão *Euphemismo*: e á segunda *Ironia*.

423. Já no §. 408 fallamos do Euphemismo, como especie de Metonymia. Ora quando o simples uso de huma expressão arredada do nome proprio, que pelos motivos alli expostos queremos evitar, não basta a satisfazer as nossas vistas; lançamos mão de termos que significão inteiramente o contrario; preenchendo-se assim os dois fins: de se fugir o mais que he possivel de despertar as idéas connexas com o nome proprio: e de evitar mesmo pelo excesso da falsidade da expressão, que se interprete mal a nossa mente. He neste sentido que os Gregos chamárão ás Furias *Eumenides* que quer dizer *Benignas*. E os Francezes chamão *Sacré*, á imitação dos Latinos que chamavão *Sacrum*, que quer dizer *Sagrado*, a hum objecto abominavel.

424. A *Ironia* consiste em se dar a hum objecto que queremos abater o nome de outro que lhe seja o mais opposto, que possivel for, naquellas mesmas qualidades que o tornão digno de censura. Humas vezes as circunstancias do discurso e outras o tom de voz com que se exprimem, fazem sobresahir o contraste, e dão a conhecer aos ouvintes o sentido em que se falla.

425. Como a Metaphora, a Metonymia, e a Synecdoque, com todas as suas especies, são outros tantos modos de fallar, que se affastão do

usual, os Gregos entenderão deverem as designar com o nome commum de *Tropos*, que na sua Lingua queria dizer isso mesmo: e que depois delles se ficou usando em todas as outras. Os Latinos, e á sua imitação os Modernos, advertindo que os Tropos são maneiras, fórmas, ou figuras particulares de Linguagem; tambem lhe chamão algumas vezes *Figuras*. Porém como tambem se chamão com razão *Figuras* as maneiras ou fórmas particulares de locução, que não alterando o pensamento ou idéa principal da phrase, fazem variar a dicção; houve cuidado de chamar aos Tropos *Figuras de conceito*: e ás outras, *Figuras de dicção*. Mas como ha Figuras de conceito que não são Tropos, convem não confundir estas duas expressões. Tanto dessas Figuras, como das de dicção trataremos em outro lugar. Por ora o que fica expendido sobre os Tropos basta ao presente intento, que era de vos acabar de desenvolver os dois primeiros Aphorismos das Categorias de Aristoteles. Na seguinte Prelecção discorreremos sobre o terceiro, com o qual se completa a base fundamental das mesmas Categorias.

****

PRELECÇÕES PHILOSOPHICAS.

DUODECIMA PRELECÇÃO.

ASSUMPTO.

Categorias de Aristoteles. Terceiro, e quarto Aphorismo.

§. 426. DIvisão das palavras em *Raizes*, ou *Radicaes* e *Derivados*.—§. 427. Distincção em *Raizes*, *primarias* e *segundas*. §. 428. Espirito da *derivação*. — §. 429. O que são *Paronymos* ou *Cognominados* segundo Aristoteles? O que elle entende aqui por *terminação*? —§. 431. Que ha cinco *modos de derivação*. — §. 432. Enumeração delles. — §. 433. Do primeiro modo. O que he *Prósthese*? E *Epénthese*? E *Paragoge*? — §. 434. Do segundo modo. O que he *Aphérese*? E *Sincopé*? E *Apócope*? — §. 435. Do terceiro modo. O que he *Antíthese*? E *Dierese*? E *Synérese*? E *Crase*? — §. 436. Do quarto modo. O que he *Metáthese*? E *Tmese*? §. 437. Da composição das palavras. — §. 438. Luxo de derivações. — §. 439. Inteira correspondencia entre o modo da derivação, e o sentido especial do derivado. — §. 440. Utilidade desta observação. — §. 441. Razão physica daquella cor-

DUODECIMA PRELECÇÃO.

426. EM todas as Linguas existe hum certo numero de palavras, donde todas as outras derivão: ou que pelo menos não derivão de nenhuma outra da mesma Lingua. A's primeiras dá-se-lhes para distinção o nome de *radicaes*. Tanto a humas, como a outras, se lhes chama *raizes* da Lingua, de que fazem parte.

427. Porém como dos derivados immediatos dessas raizes se podem derivar, e se derivão com effeito outras palavras; vem elles a ser raizes relativamente a estas: e por isso assentou-se de lhes chamar *raizes segundas*, para as distinguir das outras, a que pela mesma razão se dá o epitheto de *primarias*. O mesmo se póde dizer destes segundos derivados, dos terceiros, &c., relativamente aos que delles se deduzem.

428. Mas entre todos estes derivados de differentes ordens ha huma significação, que lhes he commum com a raiz primaria, posto que modificada em cada hum delles, na maneira, que indica a fórma especial da sua derivação.

429. São estes derivados, os que Aristoteles no terceiro Aphorismo, que vamos a analysar, denomina *Paronymos*, e que eu traduzi pela palavra Latina *Cognominados*, usada já por outros Tradu-ctores, e que me pareceu com effeito ser a que soffria menos difficuldades.

430. Quando elle diz, que os Cognominados

conservão a significação fundamental da raiz, donde derivão; posto que a sua *terminação* seja differente; cumpre entender, que a sua mente usando da palavra *terminação*, foi designar o genero pela especie, como por Synecdoque (§. 396.); visto ser a variedade da terminação o modo mais notavel de derivação; mas não o unico: nem Aristoteles, que em outras partes falla magistralmente desta materia, servindo-se aqui da palavra terminação póde ter querido dizer que o fosse.

431. Com effeito nada menos do que quinze maneiras differentes de derivação me occorrem agora que tratamos deste objecto, as quaes definirei succintamente, por ser este o lugar: E póde bem ser que haja outras, de que me não recordo neste momento.

432. Em geral fazem-se as derivações por Augmento, Diminuição, Troca, ou Deslocação de letras: e tambem pela Composição de palavras. Em huns derivados verifica-se unicamente huma destas maneiras de derivação: porém em outros verificão-se duas ou mais ao mesmo tempo. Discorramos por cada huma dellas, segundo a sua ordem.

433. O augmento de letras, que deve distinguir o derivado da raiz, ou se faz no principio, ou no meio, ou no fim desta. Se no principio, chama-se *Prósthese*: Exemplo: *Fóro*, *Afóro*: se no meio, *Epénthese*: Exemplo: *Doer*, *Dorido*: se no fim *Paragoge*: Exemplo: *Clamor*, *Clamoroso*.

434. A diminuição igualmente, ou se faz no principio do radical, e se chama *Apherese*: Exem-

plo: *Em este*, *Neste*: ou no meio, ao que se chama *Syncope*: Exemplo: *Herdar*, *Herança*: ou no fim, e dá se-lhe o nome de *Apócope*. Exemplos: *Guardar*, *Guarda*: *Claramente e distinctamente*, *Clara e distinctamente*.

435. A troca ou he de huma letra por outra, e chama-se *Antíthese*: Exemplo: *Desdem*, *Desdenhar*: ou de huma vogal por duas: e chama-se *Diérese*: Exemplo: *Imperar*, *Imperio*: ou de duas vogaes por huma, e chama-se *Synérese*: Exemplo: *Alheio*, *Alhear*: ou de huma consoante por duas, e chama-se *Diplasiasmo*: Exemplo: *Achar*, *Achasse*: ou de duas consoantes por huma, a que chamo *Synisése*: Exemplo: *Herdar*, *Herança*: ou de huma vogal e algumas consoantes, por outras em menor numero, e chamo lhe *Crase*: Exemplo: *Articular*, *Artigo*.

436. A deslocação, ou he de letras, e chama-se *Metáthese*: Exemplo: *Cobrir*, *Coberto*: ou de syllabas, e chama-se *Tmèse*: Exemplo: *Lhe dará*, *Dar-lhe-ha*.

437. A composição consiste na união de duas ou mais palavras em huma só: Exemplos: *Guarda-Livros*: *Omnipotente*, *Proconsul*; *Antipathia*.

438. He preciso advertir-vos, que a minha mente não he dar-vos como outros tantos derivados, entre si differentes, todos os que pelo uso de alguma ou algumas destas figuras possão resultar de qualquer raiz: antes como em outra occasião vos disse (§. 379.) a respeito dos Dialectos da Lingua Grega, e da liberdade com que os Italianos alterão e varião quasi todas as palavras; todas as varieda-

des de expressão, que daqui resultão, são unicamente destinadas a lisongearem o ouvido: e de nenhum modo a enriquecerem o colorido das imagens; por quanto a este respeito são verdadeiros zeros, sem valor.

439. Posta e entendida esta limitação, deve-se ficar por outra parte na intelligencia de que em todos os demais cognominados, cada huma destas modificações indica e traz tambem comsigo huma correspondente modificação no sentido da raiz.

440. E he tão intimo este vinculo entre a especial significação de qualquer cegnominado e o modo da sua particular derivação, que não he licito ao Philosopho considera-las debaixo de nenhum destes pontos de vista separadamente do outro. Por tanto querendo nós proceder com methodo no estudo de qualquer Lingua, a este particular respeito, deveremos distribuir as raizes de huma mesma ordem (§. 427.) em differentes Secções, segundo as letras mediante cuja alteração, se deduzem os respectivos derivados. Feito o que, acharemos a correspondencia, de que acabo de fallar, entre os modos de derivação para cada huma das Secções, e a variação que os derivados vão apresentando em suas significações.

441. Esta uniforme correspondencia, que não só se observa nas palavras derivadas de outras da mesma Lingua, mas tambem nas deduzidas de Linguas Esrrangeiras, tem a sua invariavel razão na natureza dos orgãos da falla e do ouvido, os quaes sendo constantes nos mesmos homens (e ainda na mesma Nação, durante huma longa serie de tem-

pos; sendo quasi insensiveis as alterações que nella vão acontecendo); hão de necessariamente determinar-se do mesmo modo, sempre que occorrerem as mesmas circunstancias.

442. Havendo porém, como ha, na conversação e trato humano casos tão raros, que no intervallo de huns a outros facilmente acontece desvanecerem-se as impressões, que se experimentárão no primeiro encontro; não se póde afiançar, que no segundo se exprima a mesma idéa pelo mesmo modo com que se exprimio a vez primeira.

443. Desta raridade de recurrencia de certos casos, he que derivão quasi todas as anomalias, que não sem estranheza, encontramos nas Linguas, em maior ou menor numero, segundo o gráo de cultura da mesma Lingua, e de civilisação nos Povos, que a fallão.

444. Eu disse que aquella raridade de recurrencia de certos casos era a causa de quasi todas as anomalias das Linguas. Isto necessita de alguma explicação, para que não pareça contrario á observação trivial de que justamente os Verbos auxiliares e os Pronomes, que são palavras de hum uso o mais frequente, são as que encontramos irregulares e anomalas em todas as Linguas: Mas deve-se notar que quem diz, que tal nome ou tal verbo he anomalo, he porque o refere e compara a alguma lei ou regra já estabelecida: E por tanto só commette anomalia aquelle, que depois de assentadas as Declinações para certa classe de Nomes, declina algum Nome dessa classe por modo differente

daquella norma. O mesmo digo da Conjugação dos Verbos, &c.

Destas anomalias commettidas contra regras já estabelecidas pelo uso, he que eu dizia no §. precedente, que erão effeito da raridade dos casos.

Nesta Categoria porém não entrão os citados Pronomes e Verbos auxiliares; por quanto estes são anteriores á fixação de Conjugações e Declinações, como a razão facilmente o mostra, por pouco que sobre isso se queira reflectir: e a Historia das Linguas, cujos successivos progressos nos são conhecidos, o comprova.

445. De resto he preciso advertir, que huma grande parte das que passão entre os Grammaticos por anomalias e irregularidades das Linguas, nada mais são do que outras tantas provas da impericia ou da negligencia dos mesmos Grammaticos, dos quaes huns adoptárão as Divisões da Lingua Latina, por exemplo; e como nem todos os vocabulos do Idioma, sobre que escrevião, podessem entrar naquellas Divisões (o que era bem de prever, attendendo á diversidade das Linguas) chamárão irregular a tudo quanto se não podia reduzir a nenhuma daquellas Rubricas.

Outros menos escravos em seu pensar, assentárão Divisões que se lhes figurou abraçarem todos os vocabulos da Lingua. Mas como isto era simples supposição, aconteceu ficarem de fóra muitas expressões: E elles em vez de tirarem dahi hum motivo para suspeitarem, que aquellas suas Divisões precisavão de ser reformadas; preferirão

concluir que era irregular tudo quanto a ellas se não podia reduzir.

446. He muito de proposito que apontei (§. 443.), como causas distinctas da regularidade de qualquer Lingua, a sua cultura, e a civilasação nacional; porque ainda que estes dois elementos sempre andem unidos: e por tanto a regularidade, bem como geralmente todas as perfeições de qualquer Lingua, esteja neressariamente em huma razão directa dos progressos de cada hum delles: com tudo a razão entre a cultura da Lingua e a sua perfeição he muito mais forte, do que a que existe entre esta e a civilasação nacional. Assim de duas Nações igualmnte civilisadas possuirá indubitavelmente huma Lingua mais perfeita aquella em que mais se houver escripto: sobre tudo em assumptos, cujo principal merecimento consista na pureza e elegancia da Linguagem. Expôr a ordem destes progressos, e a influencia dos Costumes sobre as Linguas, e das Linguas sobre os Costumes, não he proprio deste lugar, por falta de hum grande numero de principios ainda não mencionados nestas Prelecções. Estabelecidos elles nas seguintes, será facil deduzir uteis consequencias a todos aquelles respeitos.

447. Por ora bastará para satisfazer ao nosso intento de penetrarmos no espirito e fertilidade de consequencias deste terceiro Aphorismo de Aristoteles a este respeito, o notarmos, que sendo hum dos elementos da riqueza de qualquer Lingua a abundancia de palavras; o que temos dito sobre os Radicaes, e os Paronymos, nos mostra

como por tres differentes modos póde huma Lingua competir com qualquer outra em riqueza de vocabulos; a saber: 1.º Por huma preponderancia em Radicaes da primeira ordem, posto que lhe seja inferior na facilidade de adquirir, por meio da derivação, Paronymos e Radicaes das seguintes ordens: 2.º Por huma superabundancia de derivações, differentes da Composição, ainda que menos rica em Raizes primarias: e em fim 3.º Pelo preciosissimo recurso da Composição das palavras. Já se vê que em tal ou tal Lingua póde haver o concurso de duas destas vantagens e ainda de todas tres ao mesmo tempo.

448. Destas considerações he facil deduzir, que supponde nós duas Linguas, em cada huma das quaes houvesse igual numero de vocabulos, mas em huma todos elles radicaes; e em outra, parte radicaes, e parte derivados; de nenhuma dellas se poderia dizer que he mais rica em palavras do que a outra. Mas como a massa dos humanos conhecimentos não póde deixar de hir crescendo cada dia mais e mais; e na Lingua toda composta de radicaes, não haveria outro recurso para denominarmos novos conhecimentos, senão inventar sempre novas palavras: entretanto que na outra cada novo descobrimento, ao passo que por si mesmo se colloca no respectivo Systema, na Classe, Ordem e Genero competentes, e entre as duas Especies desse Genero, com quem mais se parecem (§§. 14. 15. 16.); nos está mostrando o modo de lhe formarmos hum nome composto: ou em fim por algum outro modo derivado, debaixo dos mesmos

principios, por onde o houverem sido os nomes das mais especies que lhe são congeneres.

449. Não consistindo pois a riqueza sómente na abundancia presente, mas tambem nos recursos para as necessidades futuras; com razão se diz ser mais rica aquella de duas Linguas, que tendo hum certo numero de radicaes offerece na facilidade, com que delles se podem sempre deduzir nomes derivados, os meios de sempre podermos supprir ás precisões, que forem sobrevindo com o progresso dos nossos conhecimentos.

450. Esta facilidade das derivações não só grangêa a huma Lingua riqueza e opulencia, mas sobre tudo hum tanto maior gráo de formosura, quanto for mais conforme á distincção natural das Classes, Ordens e Familias dos objectos o numero dos radicaes: Ao mesmo tempo porém os modos de formar tantos derivados quantos se precisarem para exprimir os Generos, Secções, Especies e Variedades de que aquelles mesmos objectos forem susceptiveis, devem seguir huma norma constante e invariavel: sendo neste ponto a regra geral, e sem excepção: que para hum radical significar cada hum dos mencionados Generos, Secções, Especies, e Variedades, deve experimentar huma certa e determinada modificação: mas tambem cada modificação de hum destes derivados não deve significar, senão hum certo Genero, ou huma certa Secção, huma certa Especie, ou em fim huma Variedade. Aliás resultará na Lingua Vulgar, de que tratamos, a confusão que nos §§. 262. 349. observamos

que de iguaes descuidos tem resultado nas Nomenclaturas das Sciencias.

451. Felizmente, como muito bem observou o grande Condillac, o homem vulgar commetteu a este respeito tanto menos erros, cahio em tanto menos desvios do que o homem douto, quanto menos sabia o que fazia, quanto menos era nelle voluntaria a sua operação: não era elle que obrava; era a natureza por elle. O seu trabalho, producto immediato do mechanismo dos orgãos do ouvido e da falla (como deixamos ponderando no §. 441.) raras vezes se póde affastar do caminho marcado pela analogia (§§. 442. 443.): E mesmo nesses casos, como os objectos, sobre que versão seus disvelos, não são de mera curiosidade, mas de necessidade; se elle erra, a necessidade frustrada, em vez de satisfeita, o adverte bem depressa do seu erro, e, para assim dizer, o constrange com dobrada força a emenda-lo.

452. Não he porém este o caso das abstractas especulações do Theorico. Quanto estas se achão mais distantes da pratica, tanto he mais tardio o reconhecimento dos erros que no decurso dellas se possão ter commettido.

453. He logo tanto menos de admirar que as Linguas vulgares nos offereção mais regularidade, e menos desvios das Leis da Analogia, do que as Nomenclatnras das Sciencias, quanto os erros destas estão mais longe das necessidades physicas, ou primeiras, que mais prompta e immediatamente interessão a conservação do homem e da especie.

454. Os inconvenientes, que resultão das irre-

gularidade na formação quer seja das Nomenclaturas, quer das Linguas são: 1.º não nos entenderem os outros: 2.º interpretarem mal as nosssa expressões: 3.º confundirmo-nos nós mesmos, e cahirmos em hum labyrintho de contradicções, de que muitas vezes nos não sabemos desenvolver.

455. Discorrendo pelas Nomenclaturas das differentes Sciencias e comparando-as com a Linguagem vulgar das Linguas que me são conhecidas; ser-me-hia facil mostrar a grande superioridade das Linguas (ainda as menos perfeitas entre as das Nações civilisadas) sobre as mais bem e laboradas Nomenclaturas. Mas o que fica tratado nas Prelecções precedentes não basta para fixar o vosso juizo sobre a verdade da deducção em que eu seria obrigado a entrar. Com tudo os principios do grande Philosopho que vos citei nos dois §§. precedentes vos porão ao menos em estado de poderdes entrever a verdade da applicação que delles acabo de fazer para constatar a superioridade das Linguas sobre as Nomenclaturas, se tomardes o trabalho de as comparar entre si, quando não seja senão relativamente ao que em varias partes destas Prelecções, e dererminadamente nos §§. 262. 263. 349., e 448. vos tenho recommendado sobre os requisitos tanto de huma Lingua, como de huma Nomenclatura bem formada.

456. Tendo-vos pois exposto o que me parece cumprir quanto ao presente sobre o terceiro Aphorismo de Aristoteles; aqui deveria terminar esta Prelecção. Mas como o qnarto Aphorismo, em que aquelle Autor reflecte, que das Locuções hu-

mas se exprimem ligadas, outras desligadas, tem mais relação com os precedentes Aphorismos do que com os seguintes: e pouco tenho a observar-vos sobre elle neste lugar (porque o mesmo Aristoteles trata daquella materia mais largamente na sua Obra da Interpretação, que brevemente passaremos a analysar); direi sobre o dito Aphorismo, o que tem mais relação com o terceiro de que acabamos de tratar, deixando o mais para quando expozermos a citada Obra do nosso Autor.

457. *O homem vence*: *O homem corre*, são os exemplos que Aristoteles dá das Locuções ligadas: *Homem*, *Boi*, *corre*, *vence*, das desligadas. Sobre isto observarei que ha entre as Locuções ligadas a que se chama *Phrase*, e de que agora se falla pela primeira vez nestas Categorias, e as desligadas de que temos tratado nos tres precedentes Aphorismos, duas relações que vos devo fazer notar aqui porque ellas constituem a passagem de huma para outra materia: a 1.ª he quando palavras desligadas equivalem a huma phrase: e a 2.ª he quando huma phrase equival a palavras desligadas.

458. As palavras que equivalem a phrases são tantas, quantas são as partes da oração enumeradas no principio da setima Prelecção.

459. Dos verbos que equivalem a phrases, huns são neutros (§. 244.), como: *Chove*, *Troveja*; outros são activos da acção intranseunte, como: *Escreve-se*; *Canta-se*. Huns e outros se usão sómente nas terceiras pessoas do singular; e por isso se lhes chama *Impessoaes*.

460. Nomes equivalentes a phrases são geral-

mente todos aquelles de que se póde dar definição, porque esta he sempre huma phrase: e a ser boa, deve enumerar e suscitar todas as idéas que suscita em iguaes circunstancias o definido: ou, o que val o mesmo, deve-lhe ser equivalente. Mas não he nesta generalidade que eu aqui emprego aquella expressão.

Os nomes de que convem (e convem muito) termos sempre presente, que elles nada mais são, do que a expressão resumida de huma phrase, são aquelles que significão alguma *relação* entre dois ou mais objectos: isto he, os que denotão alguma daquellas concepções do nosso espirito pela qual nós consideramos a impressão simultanea de dois ou mais objectos sobre nós mesmos: ou a acção e reacção de hum delles sobre o outro (§. 90).

461. Se nisto tivessem advertido os Antagonistas de Newton, não terião perdido o tempo em combaterem com sophismas o uso que aquelle grande homem fez das palavras *Attracção* e *Repulsão* (§. 134. 135.) Nem tão pouco os Geometras terião pretendido definir o que seja *huma* linha recta. Nenhuma linha considerada em si só he recta. Nenhum Corpo considerado em si só, e independentemente de qualquer outro, attrahe nem repelle. Aquellas expressões pois não denotão senão relações entre os objectos, de que se trata: E não póde deixar de cahir em erros e absurdos todo aquelle que discorre sobre a direitura da linha, ou sobre a attracção ou a repulsão de hum corpo, como se fossem cousas a elle inherentes, ainda suppondo-o só e unico existente. Semelhantes exem-

plos dignos de serem aqui citados, offerecem as expressões de *quantidade positiva* ou *negativa* (§. 262.) não menos que a palavra *Nada* (§§. 84. 85.)

462. Como huma consequencia da doutrina que acabamos de expôr, entrão as *Conjuncçoes*, e as *Preposições* no numero das palavras equivalentes a phrases; pois que tanto humas como outras por si sós nada significão, e só servem a significar *relações*: como nas respectivas definições deixamos apontado (§§. 246. 247.) Mas a respeito de ambas he de notar, que não são equivalentes a toda a phrase, que se deve empregar no caso de as supprimir-mos, mas somente a parte della; por quanto algumas das palavras da phrase, em que ellas se achão, servem a completar as eqnivalentes das preposições: e muitas vezes tambem as das conjuncções.

463. Darei alguns exemplos que aclarem este modo de considerar ambas aquellas partes da oração. *As arrecadas de oiro*, isto he, cuja materia he oiro. *Da casa á praia são oitenta passos*: isto he o espaço, cujos extremos são a casa e a praia he igual a oitenta passos. *Devemo-nos contentar com o necessario*: isto he tendo o necessario. E assim nos demais casos.

464. Exemplos das conjuncções: *Eu e Pedro fomos a passeio*: isto he, Eu fui a passeio: Pedro foi a passeio. *A verdade he saudavel*: *mas deve ser dita a tempo*: i. h. A verdade he saudavel: quero dizer a verdade dita a tempo.

465. Quanto ás Interjecções, que eu disse serem equivalentes a phrases, já se vê que fallo

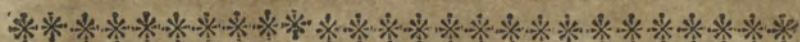
unicamente daquellas, que se cifrão em huma ou mais palavras que não constituem huma phrase; pois que da definição e divisão que expuz desta parte da oração nos §§. 248 e 249, se collige poder havellas que constem de mais palavras, e até por ventura que formem huma ou mais phrases.

466. Fallando pois das Interjecções, que sem serem phrases, são equivalentes a phrases, bastarão os seguintes exemplos: *Ai!* i. h. Quanto he grande a dôr que sinto! Ou: Quem me acode? *Sim!* i. h. He verdade! Ou *Assim he* ou sou de accordo. Que? i. h. Que dizeis? Ou: Que quereis? &c. &c.

467. Analogas a estas Interjecções são certas expressões usuaes na conversação; taes como: *Adeos*: *Saude*: *Obrigado*: &c. &c. &c., que são equivalentes ás seguintes phrases: A Deos vos encomendo: Dezejo-vos saude: Estou-vos obrigado: &c. &c. &c.

468. Temos pois visto os differentes casos, que neste momento me lembrão, nos quaes palavras desligadas equivalem a palavras ligadas, ou (o que vem a ser o mesmo) a huma phrase. Vejamos agora quando he que huma phrase equival a palavras desligadas. Os Rhetoricos antigos já prestárão particular attenção a este modo de fallar que denominárão *Periphrase*: posto que ella nada mais seja do que a definição, ou a descripção (§§. 35. 16.) em que expendemos as qualidades que nos cumpre fazer sobresahir, do objecto de que se trata E uza-se desta periphrase humas vezes, porque não ha, posto que a possa haver, palavra que lhe seja equivalente: outras vezes a pezar de a haver.

469. O primeiro destes dois casos não merece nenhuma particular reflexão: mas quanto ao segundo he preciso notar, que por esta substituição da periphrase em vez da correspondente palavra, he nosso intento carregarmos sobre certas idéas para as fazermos sobresahir, ou para escurecermos certas outras, que o decoro ou o interesse da nossa causa exigem que de algum modo encubramos. Para satisfazermos ao primeiro destes dois intentos usamos da Hyperbole (§. 378.): e para satisfazermos a segunda, usamos da Litote (§. 393) Assim ao *Prodigo* chamamos *Dissipador*: e ao *Avarento*, *Mesquinho*. Mas como nunca he licito carregar o colorido á custa da verdade; não chamaremos jámais *Prodigo* ao *Liberal*, nem *Mesquinho* ao que he *Parco*.

470. He sem duvida desnecessario applicar-me a mostrar-vos, como todas e cada huma das partes da oração enumeradas nos §§. 236 até 248 são susceptiveis de periphrase: bem como que as periphrases do Nome representão na oração todos os casos do mesmo Nome, segundo as circunstancias o exigem. Mas não posso criminar esta doutrina sem vos observar que o uso de periphrases, a não ser por extremo moderado torna o discurso não só *pezado*, e *prolixo*, mas até de *huma affectação pedantesca*, todas as vezes que a periphrase he huma enumeração de idéas, que sendo menos geralmente conhecidas, com tudo a aquelles a quem o discurso se destina, bastaria a suscitar-lhas, a palavra equivalente da periphrase.

PRELECÇÕES PHILOSOPHICAS.

DECIMA TERCEIRA PRELECÇÃO.

ASSUMPTO.

Categorias de Aristoteles. Aphorismos V.—VIII.

§. 471. OBjecto destes Aphorismos em geral. — §. 472. Todas as expressões se reduzem a quatro Classes, relativamente á sua significação. — §. 473. Base desta Classificação. — §. 474. Applicação aos Aphorismos, que se trata de explicar. — §. 475. Realidade e importancia desta doutrina. — §. 476. Sua applicação ao estudo, e descripção dos Entes da Natureza. — §. 477. Objecção. Resposta. §. 478. Advertencia motivada por aquella objecção, sobre a Arte de observar. — §. 479. Vasta comprehensão das Categorias. — §. 480. Como hum objecto póde entrar em differentes Generos ao mesmo tempo. — §. 481. O que seja *Systema Natural*. — §. 482. O que seja *Systema Artificial*: E quaes os seus fins. — §. 483. Enganosa esperança dos seus Autores. Primeiro defeito inhe-

rente a taes Systemas. — §. 484. Outro defeito. — §. 485. Terceiro defeito. — §. 486. Exemplos. — §. 487. Injusta censura dos Systemas Artificiaes, proveniente de se confundirem as duas classes que ha de Systemas relativamente aos seus fins. — §. 488. O que he *Systema Exegetico*? — §. 489. Defeito desta especie de Systemas. — §. 490. Origem dos Systemas Artificiaes. — §. 491. Seu principal uso. — §. 492. Até que ponto elles satisfazem a este uso como Systemas Diagnosticos. — §. 493. Desvios de seus Autores. — §. 494. Conclusão. Objecto da seguinte Prelecção.

DECIMA TERCEIRA PRELECÇÃO.

471. DAda nos precedentes Aphorismos a base fundamental da harmonia entre a Nomenclatura e o Systema (§§. 12. e 15.) em qualquer ramo dos humanos conhecimentos; a saber: *que a variedade dos nomes suppõe, e traz comsigo correspondente diversidade de objectos*; passa Aristoteles a classificar com effeito aquelles nomes; e portanto os objectos, que por elles designamos (§. 323.)

472. Todas as expressões applicaveis a qualquer individuo he forçoso que signifiquem huma de quatro cousas; a saber: 1.º as suas qualidades essenciaes (§. 72.): 2.º as suas qualidades accidentaes (§. 71.): 3.º as qualidades, que sendo-lhe accidentaes a elle, são essenciaes a algum dos seus accidentes: 4.º o mesmo individuo.

473. Nós temos advertido muitas vezes no decurso destas Prelecções (e nomeadamente nos §§. 36., e 260.), que aquellas qualidades essenciaes são as que servem a definir e classificar os objectos: entretanto que as accidentaes, posto que se achem no objecto, como podem falhar, não servem para os classificarmos por meio dellas.

474. He esta distincção a que Aristoteles tomou por base para designar as quatro grandes divisões em que se distribuem, como vimos no §. 472, todas quantas cousas existem ou podemos imaginar; de modo, que os seus Aphorismos

5.º, 6.º, 7.º, e 8.º contém exactamente a doutrina do citado §. 472.: com a só differença, que ao que nós chamamos *qualidades essenciaes*, elle as denomina: *cousas que se dizem do objecto*: ou, mais concisamente, *Categorias do objecto*: e aos que nós chamamos *accidentes*, elle chama *cousas que estão no objecto.*

475. Ora não podendo ninguem duvidar da realidade da doutrina do §. 472.: como nem tão pouco do quanto seja philosophico o golpe de vista que abraça em quatro grandes divisões todos os entes possiveis do Universo; serião os detractores de Aristoteles (§§. 317. e 319.) obrigados a confessar ou que o julgárão sem o lerem: ou que o lerão sem o entenderem.

476. Para tornar mais sensiveis as vantagens desta consideração nos usos immediatos da Sciencia disse eu muito de proposito no §. 472., que debaixo de este ponto de vista se podia considerar qualquer objecto: e não só a totalidade dos entes, como alguem erradamente poderia querer inferir das expressões de Aristoteles. A razão de eu assim me enunciar foi para vos fazer observar, que dado qualquer objecto para se descrever ou analysar, o de que se trata, he de contempla-lo successivamente debaixo de cada huma daquellas quatro rubricas: de modo que só depois de nós termos enumerado; 1.º as suas qualidades essenciaes; 2.º aquellas das suas qualidades accidentaes que fazêm ao nosso caso; e 3.º o que he essencial a cada hum destes accidentes; he que podemos di-

zer (4.º) que conhecemos individualmente o objecto de que se trata.

477. Talvez occorrerá a alguem, que assim como na 3.ª divisão se mencionão as qualidades essenciaes dos accidentes do objecto, tambem se deveráõ mencionar as accidentaes. o que parece, daria huma quinta divisão. Mas he facil de conhecer este engano; porque os accidentes de qualquer accidente de hum objecto, são sempre accidentes do mesmo objecto: e por tanto já se achão comprehendidos na segunda divisão.

478. Com tudo não deixa de ser digno de notar-se, que assim como na ordem da observação, primeiro se devem contemplar as qualidades essenciaes do objecto, e depois as accidentaes; do mesmo modo estes accidentes passando a ser objecto devem ser considerados primeiramente nas suas qualidades essenciaes: e depois nas accidentaes que nos interessarem. Mas de serem quatro realmente distinctos, e que muito importa distinguir, os passos do Observador, não se segue que sejão quatro os objectos da observação; visto que, como acabamos de notar, os accidentes de cada hum dos accidentes fazem parte dos accidentes do objecto, de que reza a terceira rubrica.

479. Mostrar a ordem e os objectos da observação, como acabamos de fazer, he sem duvida hum grande passo na Arte de observar. Mas, não he esta a unica vantagem, que da classificação de Aristoteles se deriva a esse mesmo respeito. Eu fiz-vos reflectir no §. 474. que este grande Philosopho chamava *Categorias de hum objecto* ao que

nós hoje chamamos *qualidades essenciaes*. Segue-se mostrar-vos, o quanto he bem escolhida aquella sua expressão.

Quando na terceira Prelecção fallamos das *qualidades essenciaes*, advertimos (§§. 72. e 73.) que humas erão communs a varios objectos, outras proprias de hum só.

Logo contemplando nós as qualidades essenciaes de qualquer objecto, necessariamente aquellas, que lhe são communs com alguns outros, nos hão de trazer estes á lembrança: de maneira, que discorrendo nós assim por cada huma dellas, vamos vendo figurar o nosso objecto em differentes Gruppos (§. 14.), a que, segundo a ordem da sua Composição, damos os nomes de Especie, Genero, Familia, &c. (§§. 15. e 16.) ou em geral, na linguagem de Aristoteles, o de *Categoria* (§. 326.) Iá daqui he manifesto quam bem escolhido he o nome de *Categoria* para designar as qualidades essenciaes; sendo assim que estas he que unicamente constituem o caracter de qualquer das *Divisões Categoricas* (Classe, Ordem, Genero, Especie, &c.)

480. Mas ainda he mais vasta a comprehensão daquelle termo. Por quanto se por huma de suas qualidades essenciaes o objecto, gruppando-se a certa especie, entra com ella em certo genero; ve-lo-hemos mediante outra sua qualidade igualmente essencial, gruppar-se com outra especie, e entrar com ella em outro genero absolutamente diverso do primeiro. Póde logo acontecer que hum objecto entre em tantos generos diffe-

rentes, quantas são as suas qualidades essenciaes. E nesse caso compete tanto melhor a cada huma dellas o nome de Categoria; pois que cada huma designa huma divisão Categorica, em que o objecto se acha agruppado.

481. Póde por conseguinte hum objecto figurar em tantos Systemas differentes quantas forem as Especies, Generos, &c., em que as suas differentes qualidades essenciaes o fizerem figurar. Mas os Philosophos assentárão em chamar *Systema Natural* de qualquer objecto ao complexo das Especies, Generos, Ordens, &c. a que elle se acha ligado pela totalidade das suas qualidades essenciaes.

482. Foi motivo de se distinguir este Systema com o epitheto de natural, a engenhosa, mas inexequivel idéa, que alguns tiverão de classificar todos os objectos da Natureza pela simples contemplação de algumas poucas qualidades essenciaes; e não pela consideração de todas ellas collectivamente: ao que chamárão *Systema artificial*; lisongeando-se, que com este artificio facilitavão o conhecimento dos objectos; e prehenchião os tres intentos que tornão recommendaveis os Systemas em qualquer Sciencia (§. 16.)

483. Mas bem depressa a experiencia veio desenganar aquelles Naturalistas; por quanto ao classificar dos objectos estavão a cada passo encontrando individuos que reluctavão a entrar nas suas hypotheticas divisões. Humas vezes tendo todas as suas qualidades communs com as Especies de hum determinado Genero, só lhe faltavão justamente

aquellas que constituião o caracter generico do Systema artificial: e era preciso arranca-lo de entre aquelles com quem tinha aliás toda a affinidade, para o hirem collocar em outro Genero, no meio de Especies, com as quaes apenas tinha de commum essas poucas e talvez huma unica qualidade, em que ao Autor do Systema aprouve fazer consistir o caracter do Genero.

484. Outras vezes huma Especie inteira lhes ficava na impossibilidade de entrar em nenhuma das Divisões do Systema, porque a pezar de terem qualidades communs com as Especies, já deste, já daquelle Genero, lhe faltavão todas as que se havião escolhido para serem os *caracteres genericos* do Systema.

485. Outras vezes em fim lhes acontecia acharem-se pelo contrario embaraçados sem saberem em que Genero o deverião collocar, por elle conter differentes qualidades, cada huma das quaes era caracter de hum differente Genero.

486. Para comprovar e acclarar estas observações sobre os inconvenientes annexos aos Systemas artificiaes bastaráõ alguns poucos exemplos. Seja o do primeiro inconveniente a estranheza com que vemos no Systema Zoologico de Linneo a Balêa, o Homem, e o Morcego formando huma mesma familia, só porque todos elles são Mammiferos: e aquelle Autor havia escolhido esta qualidade para ser o caracter distinctivo della. Do segundo inconveniente póde ser exemplo o Cavallo, que não sendo *mammifero* ao mesmo tempo que a Egua o he, punha a Linneo na impossibili-

dade, tanto de o incluir, como de o excluir dentre os *Mammaes*. Como exemplo do terceiro inconveniente se póde citar hum sem numero de plantas que offerecem, não digo já em differentes Individuos, mas no mesmo pé humas flores com mais, outras com menos Estames; humas com mais, outras com menos Pistillos, &c. &c.

487. A pezar destes defeitos he injusta e pouco propria de hum Buffon a animosidade com que ataca a Linneo: e com que em geral homens pouco instruidos no espirito dos Systemas artificiaes, os censurão e condemnão sem nenhuma restricção. Não obstante serem muitos delles consummados no estudo da Natureza, e na Arte de observar, não advertirão que são dois, entre si muito distinctos, os objectos que se póde propôr aquelle que emprehende fazer a descripção dos entes da Natureza.

488. O primeiro seria de os representar em ordem tal que cada hum delles se achasse no meio de todos aquelles com quem tem affinidade: e tanto mais junto de cada qual, quanto esta affinidade fosse maior, ou o que val o mesmo, quanto fosse maior o numero de qualidades essenciaes, que tivessem de commum. A solução deste problema dá origem aos que eu para distincção denominarei *Systemas Exegeticos*.

489. Mas concluido este importantissimo trabalho de hum bom Systema Exegetico de qualquer parte da Historia Natural; supponhamos que se me offerece huma producção qualquer da Natureza, e que eu quero hir ler na Historia que te-

nho diante dos olhos, a sua descripção. Onde, e como a hei de eu alli procurar? Para satisfazer a este quesito he que lembrou recorrer a Systemas artificiaes; por isso que dispostos os entes conforme ao Systema natural, que acabamos de descrever, seria muitas vezes preciso discorrer pela descripção de todos elles, antes de acharmos aquelle que procuramos: E mesmo frequentemente aconteceria, que não tendo sido esse objecto observado pelo Historiador, que consultamos, debalde leriamos e releriamos a sua Historia; porque jamais poderiamos alli encontrar, o que elle nunca vio, nem por conseguinte descreveu.

490. Empenhados pois os Naturalistas em acharem huma solução a este difficil problema advertirão, que entre as qualidades essenciaes communs a muitos entes havia algumas que erão constantemente acompanhadas de hum certo numero de outras: de modo que huma vez certos de que o objecto da nossa investigação tem alguma daquellas *qualidades capitaes*, podemos concluir que tem indubitavelmente essas outras, que constantemente a acompanhão; sem tomarmos o trabalho de discorrer por cada huma dellas. Guiados por este felicissimo raio da luz entreverão aquelles Sabios a possibilidade de reunirem dentro de suas competentes familias todas as producções da Natureza, sem entrarem na penosa combinação das transições de humas para outras; mas somente pelo simples acto de reunirem debaixo de huma só rubrica todos aquelles entes, em quem se verificasse huma daquellas *qualidades capitaes*.

491. Ora como o numero destas não só era infinitamente menor que o complexo de todas as qualidades essenciaes; seguia-se evidentemente, que distribuidos os Entes da Natureza no pequeno numero de rubricas indicadas por aquellas *qualidades capitaes*, ficava facil o acharmos a descripção de qualquer producto que se nos apresentasse; pois que não teriamos mais do que examinar, qual das ditas qualidades capitaes elle possue: que ella nos mostraria a rubrica, onde o deveriamos procurar.

492. Quando se vai porém a profundar esta idéa, reconhece-se, que em quanto á primeira parte exposta no §. 488., está muito longe de se prehencher por este modo. Mas nem por isso deixa de verificar se a grande vantagem de offerecer ao mesmo tempo hum repertorio, para se poder facilmente achar no corpo da Historia, que consultamos, a descripção de qualquer producto que se nos apresente, e alli estiver descrito: O que dá origem a huma segunda especie de *Systemas*, que para os distinguir dos primeiros, denominarei *diagnosticos*. E como este tenha sido o problema que na investigação de hum Systema artificial se propuzerão os Naturalistas; bem se vê quanto he injusta a irrestricta censura dos seus Adversarios (§. 485.)

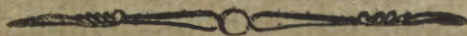
493. He certo que Linneo, e outros incontestavelmente grandes engenhos, derão motivo a esta confusão, em quanto elles mesmos não distinguirão estes dois problemas: antes reputando empenho inferior a seus talentos a confecção de hum Systema simplesmente diagnostico; sem o perde-

rem de vista, forcejárão, para que este, que abraçavão, fosse ao mesmo tempo exegetico. Mas como este projecto era inexequivel pelas razões expostas no §. 483. e seguintes; seguio-se que humas vezes sacrificárão o intento da diagnose á ambição de formarem hum Systema exegetico: commettendo as irregularidades indicadas no §. 484.: outras vezes reflectindo, que o de que principalmente se tratava, era de facilitar a diagnose; cahirão nas incongruencias apontadas nos §§. 483. e 485.

494. Mais teria eu a observar-vos sobre a Arte e a Historia dos Systemas. Porém o apontado basta por ora, para o fim de vos desenvolver a doutrina de Aristoteles, e mostrar-vos na applicação a este assumpto a grande comprehensão das suas utilidades. E por tanto reservando para mais opportuna occasião o voltar á doutrina dos Systemas; passarei a fallar de outra applicação por extremo interessante das quatro grandes Categorias, de que tratamos, bem como das tres mencionadas nos tres primeiros Aphorismos de Aristoteles; e vem a ser, a de estabelecer huma especie de Harmonia, entre os differentes Idiomas: facilitar o estudo das Linguas estrangeiras: e resolver de hum modo indirecto o grande problema de huma Lingua Universal: ou ao menos de hum modo de correspondencia geral entre todas as Nações; ao que os Modernos tem dado o nome de Pasigraphia. Na seguinte Prelecção tratarei destes differentes usos, a que os Philosophos não tem prestado toda a attenção, que a importancia das suas incalculaveis vantagens no trato social lhes devêra ter conciliado.

****

PRELECÇÕES PHILOSOPHICAS.

DECIMA QUARTA PRELECÇÃO.

ASSUMPTO.

§. 495. PRevenção em favor das Sciencias Physicas e Mathematicas comparadas ás Sciencias Moraes. — §. 496. Que taes comparações se devem fazer relativamente a cada hum dos cinco elementos das Sciencias, hum depois do outro. — §. 497. Prova deduzida do estado da Medicina. — §. 498. Outra deduzida do estado da Technologia. — §. 499. Inconvenientes do methodo contrario. — §. 500. Objecção contra semelhantes Parallelos. — §. 501. Influencia desta duvida sobre os Escriptores de Parallelos. — §. 502. Sem-razão daquelles Escriptores. — §. 503. Resposta á dita Objecção. — §. 504. Dilucidação do equivoco, em que ella se funda. — §. 505. Que os progressos de huma Sciencia são sempre relativos á extensão da sua esphera. — 506. §. Utilidade desta reflexão na composição de Parallelos. — §. 507. Distribuição geral das Sciencias em Physicas e Moraes. — §. 508. Limitação actual destas ultimas. §. 509. Divisão das Sciencias em Positivas, e Hypotheticas: His-

DECIMA QUARTA PRELECÇÃO.

495. DEpois das Sciencias Physicas e Mathematicas terem jazido por muitos seculos em huma especie de esquecimento e de desprezo: entre tanto que as *Sciencias Moraes* (denominação que comprehende todas as que não tem por objecto o que he particular a Physica, ou á Mathematica) fazião a occupação exclusiva de todos os homens de Letras; aconteceu que do meado do decimo setimo seculo por diante as *Sciencias Moraes* parecerão ficar estacionarias, ao mesmo tempo que as outras não tem cessado de fazer os mais rapidos e pasmosos progressos. Desta extraordinaria inversão resultou que os homens forão concebendo huma especie de desprezo para com as *Sciencias Moraes*: de modo que se consultarmos hoje a opinião geral dos homens, ainda os mais instruidos do nosso seculo, ouvillos-hemos decidir com o tom o mais dogmatico e peremptorio: " Que he
,, muito impropriamente que a esta parte dos co-
,, nhecimentos humanos se tem dado o nome de
,, *Sciencias*; pois que nellas não ha ligação, nem
,, ordem, nem Systema: que os seus denominados
,, principios são todos mal concebidos, confusos,
,, e vacillantes: e que em fim a sua Linguagem
,, he obra do acaso, frequentemente absurda, e
,, quasi sempre vaga e arbitraria. Que pelo con-
,, trario a Linguagem das *Mathematicas* he tão
,, admiravel pela sua simplicidade, quanto he fixa

„ e invariavel pela precisão de suas definições:
„ que nellas tudo está ligado com tão estreito ne-
„ xo: tudo se deduz debaixo de tão ordenado Sys-
„ tema, que nem hum só passo se dá na obscu-
„ ridade; tudo alli he claro, tudo he evidente.
„ E que quanto as *Sciencias Physicas* posto que
„ inferiores ás Mathematicas, tem com tudo che-
„ gado a hum gráo de perfeição na sua Lingua-
„ gem, e offerecem em seus Systemas huma liga-
„ ção de factos, e huma deducção de principios,
„ de que as *Sciencias Moraes*, não só não offere-
„ cem nenhum exemplo, mas nem mesmo parece
„ que sejão susceptiveis. „

496. Se qualquer ramo dos humanos conhecimentos para merecer o nome da Sciencia precisa de reunir adiantados até hum certo ponto de perfeição os cinco elementos de *Factos*, *Nomenclatura*, *Systema*, *Theoria* e *Methodo*, que mencionamos e definimos nos §. 10. e seguintes destas Prelecções; segue-se que seria vago todo o parallelo que se quizesse fazer entre duas Sciencias para se julgar do seu respectivo estado de perfeição, se não procedessemos neste parallelo fazendo comparação dos progressos feitos por ambas ellas primeiramente em *Factos*, depois em *Nomenclatura*, depois disso em *Systema*, e finalmente em *Theoria*, e em *Methodo*. Por quanto facilmente se concebe que cada hum destes cinco elementos he até certo ponto independente de todos os outros: de modo que póde huma Sciencia estar mais adiantada do que outra em abundancia de *Factos*: e com tudo achar-se mais atrazada do que ella em pon-

to de Nomenclatura de *Systema*, &c. como tambem póde haver outra, que tendo feito maiores progressos em *Theorica*, se acha muito mais atrazada em *Factos*, em *Nomenclatura*, em *Systema*, ou em *Methodo*.

497. He assim que a Medicina rica em *Factos*, he pobrissima em *Nomenclatura*: e os mesmos *Factos* achão-se alli até ao presente isolados, e sem *Systema*. Porém muito mais feliz do que outras Sciencias no que respeita á *Theorica*, póde apontar sobre as causas, razões, e effeitos da maior parte dos symptomas, senão tudo, ao menos o que mais nos importa conhecer. He evidente que estando tão atrazada em *Nomenclatura*, e tão distituida de *Systema*; nem mesmo podem estar lançadas as bases para o *Methodo*, ou, como alguns se explicão, para huma *Philosophia Medica*.

498. Se lançarmos os olhos para o vasto campo da Technologia (isto he, das Artes e Officios) veremos que dos mencionados cinco Elementos necessarios para poder ser elevada á qualidade de Sciencia, unicamente possue o primeiro, que são os *Factos*. Nada de *Systema*. De *Nomenclatura* ainda menos. Muito pouca *Theoria*; pois só se encontra, e essa imperfeita naquelles poucos casos em que tem huma applicação simples e não complicada a Physica e a Chymica. Em vez do *Methodo* não ha senão *Rotina*.

499. Estes dois exemplos bastarão para aclarar o principio, em favor de que os eu alleguei: principio que se não deve jámais perder de vista, sempre que se tratar de fazer o parallello de duas

Sciencias relativamente aos seus respectivos progressos; pois sem isso cahiremos na enthusiastica extravagancia, com que os Panegyristas de huma determinada Sciencia, em lugar de seguirem ordenadamente, hum depois do outro, cada hum dos cinco mencionados elementos, para mostrarem os progressos que em cada hum delles tem feito as Sciencias que se trata de comparar; se abandonão a huma vaga e confusa exposição dos progressos por ellas feitos, já n'hum, já n'outro elemento: com tal promiscuidade, que não he possivel chegar a liquidar hum resultado claro e preciso.

500. Eu sei que fallando-se de semelhantes parallelos se tem dito, que he de sua propria natureza o serem vagos e incertos. E criticos tem havido que até os tem caracterisado de impossiveis e absurdos. ,, Porque, dizem elles, não se po-
,, dem comparar, senão cousas homogeneas. Hu-
,, ma Sciencia não he a outra. Os progressos da-
,, quella são heterogeneos aos desta. Em que sen-
,, tido pois se póde dizer, que aquelles são maio-
,, res, ou menores do que estes, ou iguaes a el-
,, les? Qual he a medida commum a ambos? E
,, se não tem medida commum, não póde existir
,, entre elles a relação de igual, nem de desi-
,, gual. ,,

501. Esta importante questão, que tem lugar em hum grande numero de questões litterarias, (como, por exemplo, quando se trata de fazer o parallelo de duas obras de differentes generos) tem sido as mais das vezes olvidada pelos que tem emprehendido taes parallelos. Donde tem resultado,

que huns nada mais fizerão do que amontoar confusamente inuteis lugares communs: outros aterrados com aquelle argumento se applicarão a mostrar, que cada huma das duas obras era boa no seu genero; mas que o de huma não sendo o de outra, era impossivel estabelecer parallelo entre ellas.

502. Mas tanto huns como outros são dignos de censura. Os primeiros, porque não fixarão os objectos que se havião proposto comparar. Os outros, porque não reflectirão ao menos, que o que todos dizem, e todos entendem, não póde deixar de ter huma significação arresoada.

503. E na verdade taes parallelos não se podem tratar de absurdos, nem de insensatos. He tão licito dizer de huma Sciencia, que ella tem feito mais ou menos progressos do que outra, como he licito affirmar, que o Poema das Georgicas de Virgilio he mais perfeito do que o da Eneida.

504. A razão he, porque em taes parallelos, além dos dois termos da comparação, que se exprimem, ha outros dois, que se subentendem. Não se compara huma Sciencia com a outra. Compara-se a razão, que existe entre a extensão e os progressos de huma, com a razão igualmente existente entre a extensão e os progressos da outra.

505. Cada Sciencia tem seus limites. Cada huma tem seu principio, e seu termo. He por tanto relativamente ao intervallo, que em cada huma dellas existe entre estes dois extremos, que se póde dizer, e se diz, que huma tem feito mais progressos do que a outra. De dois viajantes reputa-

mos estar menos adiantado aquelle, que se acha mais distante do termo da sua jornada: ainda quando elle tenha andado mais caminho do que o outro.

506. Daqui se segue que antes de se entrar no parallelo de duas Sciencias he preciso determinar primeiramente os limites de cada huma dellas: a fim de que vindo nós a conhecer pela historia do que cada qual dellas tem adquirido, o que lhe falta a prehencher, em cada hum dos cinco mencionados elementos por sua ordem; possamos descobrir qual dellas está mais perto do seu termo; porque essa será a que se dirá mais adiantada, e se affirmará ter feito mais progressos: bem entendido, naquelle dos referidos cinco elementos, onde isso se verificar (§. 496.)

507. Assentados estes principios geraes sobre a comparação das Sciencias relativamente aos seus progressos; abordemos a proposta questão do parallelo das Sciencias Moraes com as Sciencias Physicas e Mathematicas, debaixo deste mesmo ponto de vista. E primeiro que tudo fixemos os limites de cada huma daquellas Sciencias.

Appellidão-se pois *Physicas* aquellas, que tratão das propriedades dos corpos. Todas as outras intitulão-se *Moraes*: como já acima notamos (§. 495.) O campo das primeiras abraça todos os *phenomenos não intellectuaes* da Natureza: o destas ultimas não se estende além de huma parte dos phenomenos do *Reino animal*: quero dizer aquelles cujo complexo constitue o que se chama *Intelligencia*.

508. E ainda he de advertir, que supposto a alçada das Sciencias denominadas Moraes comprehenda todos os phenomenos da Intelligencia; de facto póde-se dizer que até ao presente se acha unicamente limitada á *Psychologia do Homem.* Mas he certo, e convem fazer-vos notar, que cada huma das innumeraveis Familias do Reino Animal offerece á Sciencia *huma nova ordem de Intelligencias.* E sem duvida enriqueceria a Psychologia com a descoberta de novos entes o Philosopho que descrevesse com mais exactidão e miudeza, do que até agora se tem feito, algumas das immensas variedades de entes sensiveis, que o attento Observador contempla extasiado nas differentes classes de animaes, que povoão o Universo, desde o Homem até ao Polypo.

509. Tanto as *Sciencias Physicas* como as *Moraes* se dividem em *Positivas* e *Hypotheticas*: e tanto humas como outras são *Historicas* ou *Theoreticas.*

510. A' parte historica das Sciencias Physicas, affectou-se o nome de *Historia Natural.* E á theoretica, os de *Physica* e de *Chymica*, na maneira que expozemos nos §§. 156. e 160; advertindo, que, quando assim se contrapõe *physico* a *chymico*, significa o mesmo que mechanico (§. 133.)

511. Quanto ás Sciencias Moraes, distinguindo-as igualmente naquellas mesmas rubricas denominaremos humas *Sciencias Moraes Historicas* (ou *Historia Natural dos Entes Intelligentes*): e as outras Theoreticas: que vem a ser a *Logica*, a *Grammatica* (§. 578.), a *Esthetica* e a *Dyceosyna* (§. 24.)

512. Assim como as Sciencias Physicas, logo que sahem da esphera dos phenomenos, que nos offerecem os corpos da natureza; e simplificando os objectos e as expressões, se remontão á vasta região das Hypotheses, se appellidão Sciencias Mathematicas: do mesmo modo as Sciencias Moraes partindo dos phenomenos intellectuaes que a experiencia nos mostra, crião hum mundo hypothetico, e dão origem a huma nova ordem de Sciencias, que eu denominarei *Sciencias Moraes Hypotheticas*, e que se poderião chamar *as Mathematicas das Sciencias Moraes*; porque tambem aqui por meio da abstracção e simplificação dos objectos, se chega a deduzir daquellas Hypotheses, certas formulas, que supposto não representem os objectos Moraes, taes como elles são na Natureza, servem com tudo para os virmos a conhecer por approximação. E para isso não temos mais do que substituir ás expressões geraes, e indeterminadas daquellas formulas as expressões determinadas, que a Sciencia Moral Historica nos offerecer para o caso, de que se tratar. Quantas questões, por exemplo, não resolvemos nós cada dia com a citação de huma Sentença, de huma Maxima, de hum Proverbio? Pois estas nada mais são do que expressões geraes de que a questão que ventilamos he hum caso particular; bem como o são das formulas da Mathematica as questões que pela citação dellas se resolvem.

513. Depois de assim termos fixado os limites das Sciencias cujos progressos temos de comparar; he obvio que começando pelo primeiro de-

entre os cinco citados elementos das Sciencias, que são os *Factos*; devemos fazer primeiramente o parallelo com os progressos das Sciencias Physicas Positivas: e depois com os das Hypotheticas.

514 Em geral porém cumpre que vos traga á memoria, e vos faça notar, que quando no §. 12. destas Prelecções defini o que aqui se entende por *Factos*, especifiquei que erão tanto os *Objectos* como as *Modificações* ou *Estados* individuaes. E por tanto devendo nós agora avaliar a riqueza comparativa das Sciencias Physicas e das Moraes em quanto a *Factos*; trata se de comparar os progressos que cada huma dellas tem feito, primeiramente no descobrimento de *novas substancias*: e em segundo lugar no de *novas qualidades* dessas mesmas substancias. Distincção essencial ao nosso assumpto; por quanto he muito differente a esphera de qualquer Sciencia considerada no primeiro caso, do que considerada no segundo.

515. Com effeito pouca reflexão he precisa para se ver que o campo das Sciencias Moraes quanto a *substancias* he incomparavelmente mais circunscripto que o das Sciencias Physicas; pois bastará observar, que ainda quando nós as concebessemos elevadas ao maior grão de amplitude possivel, já mais poderia sahir dos limites do Reino Animal; e mesmo deste só comprehenderia aquella porção de phenomenos, que se designão com o nome geral de *Intelligencia*. De modo que todos os demais phenomenos do mesmo Reino Animal, e todos os dos Reinos *Vegetal* e *Inorganico* offerecem ao Naturalista os meios de fazer huma

colheita de novas substancias, incomparavelmente mais rica do que os limites do Reino Intellectual jámais pódem ministrar ao Philosopho Psychologista.

516. Mas embora seja menor o numero de objectos que este tem de conhecer no recincto da sua profissão; nós diremos que elle se acha mais adiantado do que o Naturalista, se *á proporção* elle houver descripto hum maior numero desses poucos *Entes Moraes*, do que este houver descuberto de *Especies na Historia Natural.*

517. Hum Botanico lançando os olhos sobre hum prado cuberto de immensa variedade de plantas, fixa a vista em huma dellas, que por hum não sei que, logo distingue de todas as que lhe são conhecidas. E depois que examinando-a reconhece nella todos os caracteres de Classe, Ordem, e Genero, que lhe mostrão o lugar que ella deve occupar no Systema, *descobre*, que ella envolve além destas, certas outras propriedades, que são *incompativeis* com as que constituem as Especies já conhecidas do Genero a que acaba de reconhecer, que ella pertence. *Logo*, conclue elle trasbordando de alegria, *achei* huma *nova Especie*? E todo o mundo o applaude, por haver enriquecido a Sciencia com o *descobrimento de huma nova substancia.*

518. Por outra parte hum Philosopho, attento observador do Homem, toma a penna para transmittir á posteridade a Historia de huma parte dos *phenomenos psychologicos*, que o proprio estudo ou a tradição lhe fizerão conhecer em certo *Individuo*, em certa *Nação*, em certos *Povos*. He

indubitavel, que *os Homens* de Thucidides não são *os Homens* de Tacito: que a *Nação* dos Romanos não he a *Nação* dos Gregos: que *os Povos* da Germania não são *os Povos* da Persia. Logo o Historiador enriqueceu a Psychologia de tantas *substancias* realmente differentes, quantos forão os *Homens*, que mencionou e caracterisou na sua Obra. E he preciso notar que as mais das vezes a Historia não nos offerece, como de ordinario pratica o Naturalista, *curtas descripções*, *simples caracteres artificiaes* (§. 490.) do Genero ou da Especie do Objecto, que se propôz fazer-nos conhecer: o que ella nos apresenta pela maior parte, seja-me permittido este termo, são *Monographias*: e Monographias mui circunstanciadas.

519. Todos os dias apparecem no Mundo Litterarios destas Monographias: E a pezar disso todos os dias ouvimos repetir, que as Sciencias Moraes não estão hoje mais adiantadas do que o estavão ha muitos seculos. Eu quizera que alguem emprehendesse colligir debaixo de Systema estas que eu denominarei *Monographias psychologicas*, espalhadas pelos numerosos volumes das *Historias dos Homens e das Nações*. Estou certo que o numero dos *Individuos*, *Especies*, *Generos*, &c. da *Historia Moral* se acharia ser muito superior (além de mais bem descriptos) do que os de qualquer ramo que se escolha da *Historia Natural*, cujo campo se possa comparar em extensão á Historia do Genero Humano, discorrendo pela successão dos tempos, pela diversidade dos Povos, e pela quasi

indisivel multiplicidade de Estados e Profissões, em que se distinguem os Homens.

520. Isto pelo que pertence ao parallelo das *Sciencias Moraes Historicas* com a *Historia Natural*. Na seguinte Prelecção, procederemos á comparação das *Sciencias Mathematicas* com as *Sciencias Moraes Hypotheticas*.

****

PRELECCÕES PHILOSOPHICAS.

DECIMA QUINTA PRELECCÃO.

ASSUMPTO.

§. 521. Comparação das Sciencias Moraes Hypotheticas com as Mathematicas. — §. 522. Exemplo tirado da Astronomia.— §. 523. E das outras partes das Mathematicas.— §. 524. Justa avaliação da riqueza destas Sciencias em quanto a *Factos*.— §. 525. Correspondente estimativa das Sciencias Moraes Hypotheticas. — §. 526. Recapitulação. — §. 527. Conclusão universal. — §. 528. Advertencia sobre os *Factos identicos*. — §. 529. Utilidade geral desta Advertencia. — §. 530. Applicação ás Sciencias Physicas consideradas na sua origem. — §. 531. E em tempos mais modernos. — §. 532. Applicação ás Sciencias Moraes. — §. 533. Parallelo entre humas e outras a este respeito. — §. 534. Theoria dos erros applicada aos *Factos identicos*. — §. 535. Dos meios de rectificação dos erros nas Sciencias Physicas. — §. 536. Vantagem das Sciencias Moraes a este respeito. — §. 537. Conclusão.

DECIMA QUINTA PRELECÇÃO.

521. SEndo assim, que tanto ás Mathematicas, como á aquella parte das Sciencias Moraes, que lhes he comparavel, compete em commum a qualificação de hypotheticas; tanto em humas, como em outras se podem augmentar ao infinito os *entes* que são objecto, quer destas, quer daquellas: pois que para isso não temos mais do que fazer novas supposições; e he certo que estas se podem sempre variar sem nenhum limite.

522. Com quantos novos Planetas, que nunca existirão, não póde o Astronomo povoar o immenso espaço do universo! Os Systemas dos Copernicos, dos Tichobrahes, dos Newtons, dos Laplaces &c. &c. nos apresentão outros tantos mundos absolutamente differentes huns dos outros, e daquelle que com effeito existe na Natureza. Os corpos, que os compoem; o Fluido, em que se fazem nadar estes corpos; o de suas Athmosphéras, não são os nossos Planetas, nem o nosso sol; nem os fluidos, que por experiencia conhecemos; nem nenhuma das Atmospheras, cujos phenomenos nos tem sido possivel observar.

523. O mesmo se pôde dizer dos objectos da Mechanica e da Hydrodynamica: bem como dos da Arithmetica e Geometria.

524. Mas ainda que seja infinita a variedade de *substancias*, com que o espirito humano póde enriquecer as Mathematicas; o numero das que elle

lhe tem grangeado até ao presente, he por isso mesmo extremamente insignificante. E com effeito quaes são as substancias que constituem actualmente o imperio das Mathematicas? São as differentes especies de Linhas, de Superficies, de Solidos, de Systemas de pontos ou de massas, que o Geometra, o Analysta, o Mechanico, o Astronomo tem calculado relativamente ao tempo, ou ao espaço, ou ao numero em geral. Ora todas quantas até ao presente se tem descuberto, quero dizer calculado, achão-se comprehendidas em humas seis Obras que da Antiguidade chegárão á nossos dias: e em hum pequeno numero de escriptos dos Geometras modernos: pequeno digo, não porque seja tão diminuta a Bibliotheca das Mathematicas; mas porque a maior e maxima parte daquelles escriptos nada mais contém do que inuteis, e frequentemente insulsàs repetições do que disserão os Autores mais distinctos.

525. Bem ao contrario nas *Sciencias Moraes Hypotheticas*; porque primeiramente sobre a Sciencia em geral, e sobre cada hum dos seus ramos em particular temos hum numero prodigioso de Escriptores originaes, taes como Platão, Aristoteles, Thophrasto, Epicteto, Arriano, Seneca, Bacon, Leibnitz, Montaigne, Labruyére, Rochefoucault, Montesquieu, Buffon, Locke, Condillac, Batteux, Bonnet, Hartley, Smith, Herder, Lessing, Stewart, Darwin, Laroche, Pinel, e outros muitos. Nós vemos em todos os tempos, e nas differentes Linguas, huma espantosa quantidade de Fabulas, de Contos, de Novellas, de Epopéas, de Tragedias,

de Comedias, &c.: de todas as quaes composições não ha nenhuma, por mais imperfeita, que não contenha a descripção de huma quantidade de *Entes moraes hypotheticos*. Que de Homens, que de Nações, que de Sociedades se não encontrão circunstanciadamente representadas naquelles immensos e riquissimos depositos! Ellas sim são producções da fantasia de seus Autores, mas estas producções da fantasia são, pela maior parte, representação de algum estado do Homem ou da Sociedade: por maneira que tudo quanto alli se nos ensina relativamente á aquelle estado do Ente hypothetico, podemos applicar no uso da vida, sempre que nos occorra esse mesmo estado em algum dos Entes reaes, com quem tratamos: salvo devermos modificar, segundo as parriculares circunstancias, aquella imagem geral, bem como os Mathematicos na applicação das formulas geraes deduzidas pelo calculo aos casos dados pela experiencia, as modificão, para se approximarem o mais que he possivel da realidade dos factos. Porém com esta grande differença em favor das Sciencias Moraes Hypotheticas, que não só excedem muito ás Mathematicas no numero de semelhantes formulas geraes; mas que as suas formulas são muito mais chegadas á observação, que as dos Mathematicos: de modo que querendo nós fazer applicação dellas a qualquer caso particular da vida commum, corremos muito menos perigo de nos enganar-mos, do que se quizessemos applicar qualquer das formulas da *Mechanica mathematica* á Astronomia, á Physiologia, ou às Artes: do que será

facil convencermo-nos, se reflectirmos, que não ha ninguem que não esteja calculando e predizendo todos os dias, mediante as formulas ou sentenças abstractas das Sciencias Moraes, acontecimentos mais ou menos complicados, e todos contingentes, tanto no trato particular dos homens, como na ordem politica das Nações: entre tanto que á vista da prodigiosa facilidade com que se podem variar ao infinito as formulas da Mathematica, são mui poucos os phenomenos da Natureza, que se predizem pela applicação daquellas formulas. Na seguinte Prelecção demonstraremos como a razão desta esterilidade das Mathematicas deriva do estado de atrazamento, e da insufficiencia da Nomenclatura, aliás tão bella e admiravel, de que ellas com razão se vanglorião.

526. Compare-se pois o numero das Linhas, das Superficies, dos Solidos, cuja natureza a Geometria, ainda ajudada pelo calculo, tem exposto, cujas propriedades tem desenvolvido: Os corpos, tanto solidos, como fluidos, creados pela Dynamica, e descriptos da maneira que se suppõe exercerem a sua acção na Mechanica, na Hydrodynamica, ou na Astronomia: compare-se, digo eu, o numero das *substancias* assim *creadas* pela Geometria, ou pela Dynamica, com o dos *Homens imaginados* na prodigiosa variedade de obras, de que eu apenas citei, ha pouco (§. 524.) e mui summariamente alguns exemplos; e conhecer-se-ha evidentemente, que se as Mathematicas tem feito mais progressos do que as *Sciencias Moraes Hypotheticas*, não he certamente na quantidade de

substancias, que lhes devem a existencia, e cujas propriedades se achão expostas e deduzidas nas Obras muito menos numerosas, e muito menos ricas nesta parte, do que as que Antigos e Modernos nos tem dado sobre a Politica, a Economia, a Legislação, e a Ethica paradigmatica: que todas constituem cumulativamenre as *Sciencias Moraes Hypotheticas*, debaixo das differentes fórmas, de que mencionamos as principaes no §. precedente.

527. De tudo o que fica dito se segue, que a *Psychologia Historica Positiva do Homem* he mais rica em Entes conhecidos, do que qualquer parte da *Historia Natural*, que lhe possa ser comparavel quanto á extensão da sua esphera: E muito mais ricas ainda, do que *as Mathematicas*, as *Sciencias Moraes Historicas Hypotheticas*. Das *Sciencias Moraes Theoreticas*, tanto Positivas como Hypotheticas, me reservo fallar, quando no decurso destas Prelecções, viermos a tratar da Theorica das Sciencias.

528. Mas antes de terminar esta materia he preciso advertir-vos, que quando eu vos engrandeço a riqueza das Sciencias Moraes, em ponto de *Factos*, não me deixo alucinar por certa riqueza apparente, que não poucas vezes se tem confundido com a verdadeira, e que comsiste na representação de hum mesmo *Facto*, debaixo de differentes expressões: ou tambem de *Factos*, que posto sejão com effeito entre si distinctos, o são unicamente por modificações accidentaes, de pouca ou nenhuma monta.

529. He certo, que como os primeiros passos

da Sciencia consistem em observações isoladas (§. 12.), estas á medida que se fossem accumulando, confundirião o espirito mais vasto e exercitado, se a *Theoria* ajudada pela *Nomenclatura*, e pelo *Systema* não acudisse em seu soccorro, fazendo entrar estes *Factos*, huns nos outros, e destruindo por meio desta reducção o cahos que daquella superfluidade de expressões diversas de *Factos* realmente *identicos* resultava á Sciencia Mas esta reducção tem sido em todas as Sciencias vagarosa: e por tanto, existe ainda hoje nas Sciencias Moraes, bem como em todas as outras, hum grande numero de semelhantes expressões inuteis de *Factos identicos*: E corre grande perigo de se enganar aquelle que propondo-se avaliar o estado de qualquer Sciencia relativamente ao primeiro dos seus cinco elementos, não começar por abater estas *duplicatas*, que formando huma apparente abundancia, são a mais decisiva prova da pobreza, e real atrazamento da Sciencia

530. Remontemos porém com a idéa aos tempos em que a *Historia Natural*, a *Physica Geral*, a *Electrologia*, a *Magnetologia*, a *Chymica* nada mais erão do que hum complexo de *Observações isoladas*, sem nenhum *Systema*, sem nenhuma *Theoria*: a Historia daquellas Sciencias nos ensina (e mais abaixo o farei ver quando fallar dos *Systemas*) que ellas estavão nessa epoca muito longe de possuir a abundancia e variedade de factos que já então possuião as Sciencias Moraes.

531. He verdade que a mesma reforma no *Methodo* de tratar as Sciencias Physicas, que do

fim do seculo decimo setimo, para cá não têm cessado de desobstruir aquellas Sciencias de huma immensidade de factos identicos, ou falsos, ou inexactos, empobrecendo as em apparencia, lhes facilitou grandemente os meios de adquirirem, como tem com effeito adquirido, grande copia de outros, tanto mais interessantes, quanto era mais illuminada a theorica, que dirigia em suas investigaçoes aos novos descobridores. Mas tambem dessa mesma epoca para cá, e sobre tudo a contar da ultima metade do seculo decimo oitavo, que prodigiosa abundancia de *Factos* inteiramente novos, e distinctos de tudo quanto encontramos na Historia dos seculos anteriores, não tem vindo engrossar, com grande custo da Especie humana, os thesouros das Sciencias Moraes! Por grandes, e numerosos que sejão os descobrimentos da Physiologia dos Corpos organisados, e da Chymica inorganica, durante a epoca que temos apontado: a massa total dessas descobertas está mui longe de poder competir nem na novidade, nem na importancia, nem no numero com as que nos offerece a Historia do Homem somente em nossos dias.

532. Dir-se-ha talvez, que assim como os progressos do *Systema*, e *Theoria* das Sciencias Physicas causárão tão notavel reducção na massa apparente de *Factos*, com que ellas se alardeavão na sua infancia; por ventura aconteceria outro tanto ás Sciencias Moraes, se a luz de hum bem entendido Systema viesse dissipar as trevas que as envolvem, e que augmentão consideravelmente o volume dos *Factos*, que enchem as paginas da

Historia: que por ventura toda essa apparatosa pompa de grandes acontecimentos politicos, façanhas de Generaes, Negociações de Homens de Estado, Leis, Tratados, Obras de Litteratura e bellas Artes: por ventura tudo isto se dissiparia como a nevoa na presença dos raios do sol: e não deixaria após de si mais do que hum pequeno numero de Factos, e observações, de que tudo o mais houvesse sido mera repetição embellezada pela penna dos Escriptores, que emprehenderão transmittillas á posteridade.

533. He indubitavel, e já eu acima vo-lo fiz observar, que se as Sciencias Moraes estivessem mais adiantadas que não estão em *Systema* e *Theoria*, hum grande numero de *Factos* que só differem em pontos accidentaes, ou que sendo absolutamente identicos, só parecem diversos pela diversidade com que são representados, entrarião huns nos outros: e nos facilitarião o fazermos huma mais justa avaliação das verdadeiras riquezas das Sciencias Moraes em *Factos* realmente distinctos huns dos outros, e em acontecimentos, que não devão a sua origem a observações, ou falsas, ou inexactas. Com tudo não he impossivel, mesmo no actual estado da Sciencia, determinar, se a reducção, que occasionaria nos *Factos Psychologicos* hum Systema, e huma Theoria, taes como as que possuem algumas das Sciencias Physicas mais adiantadas, seria tão consideravel, como a que experimentarão estas mesmas Sciencias ao passo que se forão aperfeiçoando.

534. E na verdade quando dois objectos ou dois

phenomenos *muito semelhantes* se offerecem á nossa contemplação, prova a experiencia, que nós naturalmente não costumamos forcejar para acharmos as differenças, que entre elles póde haver: excepto se a isso somos convidados por algum particular *interesse*. E do mesmo modo quando acontece observarmos dois phenomenos essencialmente identicos, mas casualmente differentes por algumas circunstancias que excitão notavelmente a nossa attenção; he sobre estas que fixamos a vista: e sem entrar em ulterior exame, concluimos que elles differem inteiramente hum do outro.

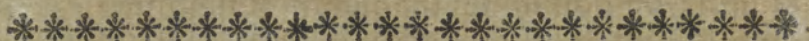
535. Para retractar estas precipitadas inferencias: para virmos no conhecimento da sua falsidade he preciso, que a experiencia nos faça sentir os *inconvenientes* que dahi se devem seguir: ou que, seja *curiosidade*, seja *acaso*, o Observador fite os olhos, sobre o que lhe póde fazer distinguir o que he essencial do que he puramente accidental em cada hum dos dois phenomenos. Mas taes *acasos* são raros: e a *curiosidade* em certo gráo, e sobre certos pontos, he hum dom que a Natureza não repartio senão com hum pequeno numero de homens.

Como a Natureza só nos casos que interessão muito de perto a existencia, he que ordenou que a sancção se fizesse sentir immediatamente ao erro commettido; acontece que os *inconvenientes* que comsigo trazem os erros nas Sciencias Physicas (que se não devem confundir com as primeiras necessidades physicas), só depois de se terem açumulado em grande numero, e ao cabo de largo

tempo, he que se fazem sentir. E frequentemente succede, que pela complicação dos acontecimentos se acha ser impossivel, ou pelo menos muito difficultoso o descobrir a origem daquelles erros.

Dependendo porém a felicidade do homem mais particularmente das Sciencias Moraes, que das Physicas; segue se que nellas devemos ser mais promptamente advertidos dos erros que possamos commetter: e vindo por este modo a ser nesta parte mais acautelados; andamos menos expostos a confundirmos o que he differente, ou a distinguirmos o que he identico.

536. Destas differentes considerações se segue, que quando a grande massa de *Factos psychologios* acumulados, e transmittidos de pais a filhos, *desde que ha homens*, devesse experimentar alguma reducção, jamais esta poderia ser tal como a que hum exame mais reflexo produzio na massa de *Factos physicos*, observados e transmittidos com tanto maior negligencia, quanto era menor o interesse que inspiravão á maior parte dos homens: e menos sensiveis os prejuizos que dos enganos commettidos nesta parte se tinhão de seguir.

537. Fica logo provado por tudo quanto nesta, e na precedente Prelecção havemos expendido: que as Sciencias Moraes excedem em numero de *Factos* ás Sciencias Physicas, e Mathematicas: resta examinar se tambem em ponto de Nomenclatura, e de Systema ellas lhes levão igual vantagem. Esta será a materia da seguinte Prelecção.

PRELECÇÕES PHILOSOPHICAS.

DECIMA SEXTA PRELECÇÃO.

ASSUMPTO.

538. QUe a abundancia de *Factos*, sem correspondente *Linguagem* fundada em principios, he antes confusão do que *Sciencia*. — §. 539. Reciproca dependencia entre os *Factos* e a *Nomenclatura*. — §. 540. Que he por esta ultima sobre tudo, que se podem avaliar os progressos de qualquer Sciencia. — §. 541. Fontes da *Nomenclatura* das *Sciencias Naturaes*. — §. 542. Do estado destas *Sciencias* entre os Antigos. — §. 543. Atrazamento de sua *Nomenclatura* em *Historia Natural*. — §. 544. E mais ainda da sua *Physica*, e da sua *Chymica*. — §. 545. Tardios progressos, tanto de humas, como de outras. — §. 546. Comparação destes progressos com os das *Sciencias Moraes*. — §. 547. Da Nomenclatura da Botanica. — §. 548. Da dos differentes ramos da Zoologia. — §. 549. Da Nomenclatura da Mineralogia. — §. 550. Da Nomenclatura Chymica. — §. 551. Parallelo do actual estado de riqueza destas differentes *Nomenclaturas* com a das *Sciencias Moraes*. — §. 552. Conclusão.

DECIMA SEXTA PRELECÇÃO.

538. TEmos visto como as *Sciencias Moraes* possuem actualmente hum maior numero de *Factos* bem descriptos e determinados, do que qualquer das *Sciencias Physicas*, ou *Mathematicas*, que lhes possa ser comparavel, quanto á extensão da sua esphera. Mas para huma Sciencia se julgar mais adiantada do que outra, não basta o ser mais rica em *Factos* do que ella. Porque tambem se póde ser pobre no seio da abundancia. Os *Factos* sim são *conhecimentos*, mas ainda não constituem *Sciencia*. Esta só parece começar do momento em que se lhes houver dado huma *Linguagem* fundada em principios.

539. He verdade que seria impossivel formar esta Linguagem para qualquer Sciencia, em quanto ella não possuisse hum numero consideravel de *Factos* bem caracterisados. Mas tambem por outra parte não he menos certo que em estes se accumulando, sem que a Linguagem adquirisse novos e proporcionaes recursos para os hir designando com clareza e distincção; cada nova observação, que accrescesse ás antigas, de nada mais serviria, que de confundir as especies, e fazer vacillar os conhecimentos, que se havião grangeado.

540. He logo pelo grão de perfeição da *Nomenclatura*, muito mais do que pela abundancia dos *Factos*, que poderemos e devemos avaliar o estado de adiantamento de qualquer Sciencia. Por

quanto póde e costuma acontecer, que huma grande parte daquelles numerosos *Factos* que a pobreza da Linguagem nos não deixa descrever com distincta precisão, nada mais são com effeito, do que meras *duplicatas*, *Factos* absolutamente *identicos* (§. 528.) com os que já havia, e que delles só parecem differentes por serem inexactamente enunciados. Outros, ainda que sejão na verdade novos e importantes, apresentão-se nos tão desfigurados pelos defeitos proprios da expressão, que parecem contradictorios com os que possuiamos: e derramando sobre estes as trevas da duvida em que elles mesmos se achão envoltos; empobrecem a Sciencia, em vez de enriquecella.

541. Devendo pois applicar-nos particularmente a comparar a Nomenclatura das Sciencias Moraes com as das Sciencias Physicas e Mathematicas; comecemos pelo exame do que nos offerecem em materia de *Linguagem* propria das *Sciencias Naturaes Positivas* as Obras que sobre ellas possuimos, tanto dos antigos, como dos modernos Escriptores.

542. Todo o mundo sabe, que nas Sagradas Lettras do novo e antigo Testamento, destinadas a ensinar aos homens doutrinas de mais relevante importancia, não se trata de revelar verdades em materias profanas, nem de se expressarem os phenomenos naturaes de outra maneira, que não fosse a vulgar, geralmente adoptada pelo Povo, a quem por meio destes seus conhecimentos grosseiros mas sensiveis, cumpria conduzir ao conhecimento das cousas insensiveis e eternas. Por tanto

ninguem ha, que possa pôr em duvida, que a Zoologia, a Botanica, e a Mineralogia da Biblia, bem como as dos Gregos e Latinos, nada encerrão, nada mais nos offerecem, do que hum confuso montão de expressões, sobre cuja significação a maior parte das vezes os mais sabios e eruditos Escriptores, longe de concordarem e atinarem com a verdade, vemos que desvairão, cada hum para sua parte: e dessas poucas de que conseguem dar-nos alguma explicação, o que podemos concluir he:

1.º Que o numero de objectos de Historia Natural distinctamente conhecidos pelos Antigos, era extremamente pequeno; de modo que se exceptuarmos aquelles que erão de uso ordinario, e dos quaes os Philosophos não parece que tivessem idéas mais claras que o vulgo; tudo o mais que se acha nos escriptos da antiguidade, ou he apenas mencionado de huma maneira vaga e indistincta, ou as mais das vezes desfigurado por fabulas grosseiras, e até mesmo pueris.

2.º Que por consequencia a sua *Nomenclatura* era, nem podia deixar de ser, extremamente acanhada, imperfeita e defeituosa, como aquella que assentava sobre observações inexactas, ou chimericas.

543. Este segundo corollario, que he huma consequencia rigorosa do primeiro, á vista da estreita ligação e dependencia que existe entre o *Discurso*, e a *Linguagem*, he huma asserção de facto; porquanto não precisamos de mais que de lançar os olhos para qualquer pagina de Theophrasto, d'Aristoteles, de Plinio, para reconhecermos não sem

grande admiração, que sendo elles os Corypheos das Sciencias Naturaes naquelles tempos, não tenhão mais idéas da maior parte dos objectos que descreviao, do que hoje tem entre nós as pessoas de mediocre instrucção; pois que sendo aquelles Escriptores escrupolusissimos na escolha das palavras em todas as demais occasiões: quando tratão dos phenomenos da Natureza, quasi não ha expressão, que não seja vaga ou equivoca; ainda mesmo na descripção dos acontecimentos mais simples e vulgares.

544. A sua Physica, e a sua Chymica ainda são mais defeituosas em ponto de *Nomenclatura*, do que a sua *Historia Natural*.

Assim tudo quanto se encontra anterior ao decimo sexto seculo deve ser considerado como inteiramente nullo para a Sciencia.

545. Mas ainda depois desta epoca devemos observar, que se discorrermos por cada hum dos ramos das *Sciencias Naturaes*, a Botanica não fez até ao tempo de Linneo, senão juntar sem ordem e sem systema hum grande numero de objectos colligidos sem discernimento, e descriptos sem nenhuma exactidão. Longe de cuidarem em crear huma Nomenclatura precisa e determinada, tomava-se ao acaso a primeira palavra que occorria, e se apresentava como propria para exprimir *pouco mais ou menos* a idéa que se queria enunciar. Mas logo depois esta mesma palavra hia designar outra idéa muito differente da primeira, tomando-se para significar esta huma nova expressão, tão pouco determinada como a precedente.

546. Considerando nós porém com mais particular attenção a Nomenclatura Botanica do mesmo Linneo, notaremos que a pezar de todos os esforços que aquelle grande homem empregou para a revestir de todas as qualidades de huma Linguagem perfeita, e a pezar das tentativas que depois delle se tem feito para a melhorar, ella ficou e he ainda hoje muito inferior ás Linguas vulgares, consideradas naquella parte que diz respeito ás *Sciencias Moraes*. Por quanto nestas não ha palavra de que se não possa dar huma boa definição, de que se não possa determinar com precisão o sentido que a ellas ajuntão em commum todos os que della se servem. Entre tanto que a Nomenclatura Botanica abunda em expressões de que os mesmos, que as creárão, e dellas se servem, não tem idéas claras, e que por consequencia se achão ainda hoje no estado que acabamos de mencionar da infancia da Sciencia. Nem se pense que este defeito se encontra sómente em algumas expressões de menos importancia, que Linneo transcurasse como pouca dignas da sua attenção. Ao contrario as palavras mais essenciaes do seu Systema são justamente aquellas que mostrão mais claramente o vago da sua Nomenclatura.

547. He preciso que eu prove com exemplos asserções que sei de certo, parecerão paradoxaes a muita gente. Mas attendendo á natureza destas Prelecções, limitar-me-hei a hum pequeno numero de exemplos; porque fazer a resenha de todos seria materia de huma Obra mais extensa, e sómente consagrada a esse fim. Quantas vezes se não vê

hum Botanico indeciso, quer seja na applicação, quer na intelligencia das palavras *Caudex*, *Caulis*, *Frons*, *Folium*, *Ramus*? Se consultamos o uso, observamos, que os Escriptores a cada passo vacillão, ora confundindo, ora distinguindo estas expressões, cuja significação em nenhuma parte encontramos determinada. He verdade que se tem proposto varias definições, mas sem entrar na sua analyse (posto que facil, estranha ao nosso objecto) para demonstrar quanto todas ellas são defeituosas; bastará dizer que nenhuma tem sido geralmente adoptada: e que por tanto a Sciencia se acha hoje a este respeito no mesmo estado, em que se achava antes de Linneo.

O mesmo acontece a respeito de *Corolla* e *Calyx*: cuja distincção he em certo modo mais indeterminada na Escola de Linneo, posto que destas duas partes se deduzão os principaes caracteres dos Generos, do que o era em Tournefort e outros antigos, que dahi tirarão caracteres de ordem.

Mas não he isto muito de admirar, quando as partes da fecundação, que como todos sabem, são a base fundamental do Systema Linneo, são justamente por huma inexplicavel inconsequencia do espirito humano, aquellas sobre cuja determinação reina a mais arbitraria confusão. Não fallo já das quatro qualificações de *Numero*, *Figura*, *Situação* e *Proporção*, sobre que Linneo assentou o edificio das suas Classes, base absolutamente vaga e impossivel de determinar; mas como este he antes defeito de *Methodo* que de *Nomenclatura*; por

evitar inuteis repetições, delle tratarei com mais propriedade, quando viermos a fallar daquelle quinto elemento das Sciencias. Para se ver quanto he vacillante a Terminologia Botanica nesta parte tão essencial, não temos mais do que reflectir, que por *Estame* ora se entende o *Filamento*, ora *Anthera*: Por *Pistillo* ora se entende o *Estilo*, ora o *Estigma*; ora o *Germe*! Daqui a perpetua incerteza que se observa na determinação dos Generos, das Ordens, e até das mesmas Classes. Por vezes se tem intentado reformar a Sciencia nesta parte; mas como se deixavão intactos os defeitos da *Nomenclatura*, que erão a origem do mal, foi sempre impossivel curar este radicalmente.

Que expressão tão vaga e por isso inintelligivel, qual a de *Nectario*! Nas Obras de Linneo e seus Discipulos esta palavra significa tantas e tão differentes cousas, que para a definirem foi preciso recorrer ao extravagante recurso de se dizer que Nectario era *tudo* o que não fosse alguma das partes da flor precedentemente nomeadas. Nem se diga que isto he defeito de *Methodo* e não de *Nomenclatura*, porque esta ficaria salva, logo que se desse huma boa definição da palavra de que se trata. Não, Senhores, a definição he ma; porêm não póde ser boa; porque sendo differentes os objectos a que aquella palavra se applica, a definição que conviesse a hum delles, por isso mesmo não podia convir a nenhum dos outros.

Todos os Botanicos, sem exceptuar mesmo os mais acerrimos Linneanos, estão de accordo que o mais perfeito Systema seria aquelle, que assentasse

sobre a distincção dos *Fructos*: e com tudo não ha parte nenhuma, cuja Nomenclatura seja tão pobre, como a da *Fructificação*. Dir-se-ha talvez que isso he porque não ha por ora bastante numero de observações para assentar as bases de huma bem calculada Terminologia. Mas o que isso quer dizer he que aquella parte donde a Sciencia podia esperar mais vantagens, he justamente aquella que se acha mais atrazada, tanto em *Nomenclatura*, como em *Factos*.

548. As observações que acabo de fazer sobre a Botanica antes e depois de Linneo, podem-se applicar com muita mais razão á Ichthyologia antes e depois de Artedi: e a Entomologia antes e depois de Fabricio. Quanto a Tetrapodologia, á Ornithologia, e á Erpetologia he ponto fora de toda a contestação que nenhuma dellas possue huma Nomenclatura que se possa comparar ás de que acabamos de fallar. O que Linneo, Brisson, Brockhausen, Lacepéde, Bonaterre, Olivier, Lacreteille, Illiger, e alguns outros tem feito nesta parte, não passão de meros ensaios: e mesmo estes não tem sido coroados de huma assás geral approvação.

549. Antes de Werner a *Mineralogia* era hum verdadeiro Cahos, tanto em *Nomenclatura*, como em *Systema*. Aquelle Sabio foi o primeiro que tentou enriquecella com huma *Nomenclatura*.

Depois daquella epoca, mas por differente vereda Hauy accrescentou ao trabalho de Werner, sobre a Oryctognosia, outro não menos curioso, posto que incomparavelmente menos genial e menos util, sobre a Crystallographia: he verdade que

seguindo os vestigios de Romé de l'Isle, mas avançando, muito além donde chegara este Sabio, os limites da Theorica de Crystallisação; e principalmente edificando sobre esta Theorica hum elegante Systema exegetico de Generos mineralogicos.

Reservando para quando tratarmos do *Systema*, considerado como elemento das Sciencias, a comparação que a natureza destas Prelecções me permitte fazer dos trabalhos daquelles dois grandes Mestres, quanto ao arranjo systematico; direi quanto a Nomenclatura, que assim como Werner todo applicado a organisar a Terminologia, de que precisava para huma philosophica descripção dos Mineraes, deixou as denominações destes no estado de barbarismo, em que os achára: ou antes o augmentou com os nomes que deu á aquelles que ainda estavão innominados: do mesmo modo Hauy, menospresando todos os caracteres, que não derivavão immediatamente da cristallisação, só cuidou em reformar, ou para melhor dizer em crear para esta parte da Sciencia, e para denominar os Generos do seu Systema, huma Nomenclatura toda fundada na mesma Theoria da Crystallisação.

Temos por tanto, que os serviços de Hauy, quanto a *Nomenclatura mineralogica*, não vão além dos estreitissimos limites da *Crystallographia*, que tratando dos *Systemas*, vos mostrarei ser de huma esphera muito mais acanhada, que a *Oryctognosia*. De modo que Werner com o seu *Methodo Oryctognostico* tinha-nos dado a chave para acharmos não só o Genero, mas tambem a Especie, e mesmo a Variedade de qualquer mineral que se nos

offereça: entre tanto que o *Methodo crystallographico* de Hauy apenas nos conduz até ao conhecimento do Genero: e não de qualquer mineral, mas daquelles cuja Crystallisação se póde capitular. Com tudo esta grande superioridade do Methodo de Werner sobre o de Hauy não obsta a que devemos reconhecer, e confessar que a sua *Nomenclatura* abunda em grandes e essencialissimos defeitos. Começando pelas expressões destinadas á descripção dos Mineraes, todas ellas apresentão ao espirito huma idéa extremamente vaga, e confusa: e até frequentemente huma *tautologia* tanto menos digna de desculpa, quanto era facil de evitar.

Para vos facilitar a justa avaliação que tendes de fazer a este respeito, peço-vos que remonteis com a consideração á aquelles tempos, em que na Thermologia, ou Sciencia do Calorico se designavão os differentes gráos de calor com as expressões: *calor de gallinha*: *calor do sangue*: *calor do estrume*: *muito quente*: *quente*: *medianamente quente*: &c. &c. He indubitavel que chegados hoje ao ponto de podermos denominar com precisão estes differentes casos pelos gráos do Thermometro, achamos naquellas expressoes a mais decisiva prova do estado de atrazamento da Sciencia na epoca de que fallamos.

Que diremos pois das expressões: *Duro*; *semiduro*; *pouco duro*; *muito duro*; *verde de maçã*; *verde d'asperges*; *amarello de vinho*, &c. &c.?

Entre as differentes especies de *Brilhante* huma he *Brilhante metallico*: E quando se falla dos metaes diz-se por consequencia com huma insup-

portavel tautologia, que o seu Brilhante he metallico. O mesmo acontece com as côres, pois tendo-se denominado certa Brancura *Branco de prata*, quando se falla deste metal he forçoso dizer-se que a *Brancura de prata he Branco de prata*. E assim em muitos outros casos.

Com tudo devo prevenir-vos que quando assim censuro a Escola de Freylerg estou muito longe de approvar os Mineralogistas Francezes que tratão até com huma especie de mofa o Methodo de Werner, sustentando que as qualidades externas, e sobre tudo as côres, donde elle tirou os caracteres para organisar o seu Systema, são inteiramente vagas e incertas, nem podem fornecer huma segura diagnose: o que em outro lugar terei occasião de mostrar-vos ser procedido de pouca reflexão sobre a profunda philosophia que guiou os passos do Mineralogista Allemão no admiravel trabalho da sua Oryctognosia.

Por tanto, se agora aqui censuro a Escola Werneriana, não he por ella ter escolhido aquellas qualidades; mas pelas ter mal denominado. Não censuro o *Methodo*: mas sim a *Nomenclatura*.

Porém se esta he tão defeituosa, como acabamos de ver, na parte diagnostica: muito mais o he na denominação dos Generos e Especies; porquanto humas nada significão; taes como: *Diamante*; *Topasio*; *Beril*; &c. &c.: Outras referem-se aos usos, que accidentalmente se faz de algumas das especies dos mesmos mineraes, ou o Naturalistas, cujo nome se pretende celebrar por esse modo, como: *Graphite*, *Pedra d'imagens*, &c.

&c. *Gadolinite* ; *Wernerite*, &c. &c. Defeitos estes que são incompativeis como huma Nomenclatura Philosophica, onde tudo deve ser expressivo dos caracteres proprios do Systema. Muito peiores porém são ainda as outras denominações, que envolvem falsidade, porque pertencendo ellas a todo o Genero, designão qualidades, que apenas se achão em algumas, e frequentemente em huma só especie, taes como *Leucite*, *Pedras de Cruz* ; *Escuma marinha* ; *Spatho Pardo* : *Aragonite* ; *Celestina*, &c. &c.

Além de defeituosa, he deficiente a Nomenclatura de Werner ; sobre tudo na parte crystallographica, onde por falta de termos para designar as differentes especies de truncatura, e de acuminação, se vê o Mineralogista obrigado a entrar em huma proli-xa, sempre escura, e as mais das vezes confusa descripção, para fazer conceber o mais simples crystal.

Se o Methodo de Hauy se acha nesta parte mais feliz, que o de Werner, não he porque seja mais oryctognostico (pois em seu competente lugar veremos, que o he incomparavelmente menos) porém sim porque elle, á medida que avançava na sua Theoria da crystallisação, hia creando huma Nomenclatura para cada hum dos casos que nella hia descobrindo.

Ora como Hauy fez da crystallisação a base do seu Systema de Generos, creou para os denominar expressões conformes á aquella mesma base. De modo que estas *denominações* junto á *Terminologia crystallographica* do mesmo Hauy são o que

na Mineralogia merece o nome de *Nomenclatura Philosophica.*

Não sendo pois a *crystallisação* mais do que huma de entre as muitas qualidades, donde se devem tirar os caracteres para a diagnose dos Mineraes, logo que para todas essas qualidades fallece huma adequada Terminologia; he evidente que a *Nomenclatura* na parte descriptiva apenas se acha na infancia, e está ainda muito longe de poder satisfazer ás precisões da Sciencia. E quanto a Nomenclatura dos Generos, e Especies não he menos evidente que se a de Werner he essencialmente defeituosa, por nao ter o seu Autor attendido aos principios donde se deve derivar huma Nomenclatura Philosophica: a de Hauy he essencialmente deficiente, pela ter o seu Autor derivado, posto que mui philosophicamente, de hum principio nimiamente esteril, qual he o da crystallisação, como acima indicamos, e mais abaixo demonstraremos, quando viermos a tratar do *Methodo* das Sciencias.

550. Para mais facilmente formarmos hum juizo sobre o estado de atrazamento, e os defeitos da *Nomenclatura Mineralogica* bastará que a comparemos com a *Nomenclatura Chymica* elevada ao ponto de perfeição em que hoje se acha pelo talento genial de Lavoisier, e Laplace, ajudados dos trabalhos reunidos dos primeiros Chymicos da Europa na ultima metade do seculo passado. Principios geraes e luminosos: termos significativos e adaptados ao estado da Sciencia: composições de nomes correspondentes ás das substancias, que por ellas se intenta representar: tudo isto dá á *No-*

menclatura Chymica em nossos dias hum merecimento, que attendendo á complicação dos objectos de que ella trata, parece constitui-la mesmo acima da bella, e até agora incomparavel Linguagem das Sciencias Mathematicas. Mas o campo da Chymica no actual estado dos nossos conhecimentos he por extremo acanhado; por quanto o numero das substancias simples (isto he ainda não decompostas até ao presente) não excede talvez a trinta. Das combinações binarias são mui poucas as conhecidas: E das triplas muito menos: menos perfeitamente: e ja ahi se começa a perceber o quanto esta Nomenclatura, posto que incomparavelmente superior a todas as outras, e incontestavelmente bella em si mesma, he inferior em artificio, quero dizer em riqueza e energia, ás Linguas vulgares, ou o que val o mesmo, como temos advertido varias vezes, á Nomenclatura das *Sciencias Moraes*. Compare-se por exemplo a palavra *Hydro-Carbono-sulphurite*, destinada a designar a tripla combinação de Hydrogeno, Carbone, e Enxofre, compare-se, digo, com a palavra *Saudade* que designa o triplo sentimento de *amor* a hum objecto ausente, *dezejo* de o ver: e tão forte *pezar* da auzencia, que estamos como insensiveis a tudo o que nos cerca, e nos julgamos sós no meio da sociedade, em que por ventura vivemos. Destas simplicissimas expressões que designão a combinação de tres e mais sentimentos, poderiamos citar infinitas, tomadas de qualquer das Linguas vulgares: expressões que todo o mundo entende distinctamente a maior parte das vezes: e a que por conseguinte se não pó-

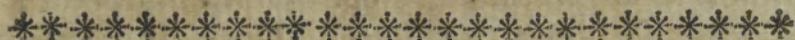
de fazer a inculpação de que perdem por escuras todo o merecimento, que se lhes queira attribuir por simples.

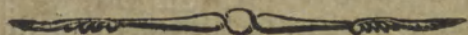
551. Mas como nem o plano destas Prelecções, nem a natureza do trabalho permittem que eu me alargue em exemplos; concluirei o intentado parallelo, fazendo-vos notar, como consequencia do que vos acabo de expender, que quando se trata de comparar, como actualmente nós comparamos, a Nomenclatura das Sciencias Moraes Positivas com as das Sciencias Physicas, he preciso pormos de huma parte todas as palavras, e todas as phrases relativas a objectos das *Sciencias Moraes*, e destinadas a exprimirem differentes sentidos, que os Philosophos, os Historiadores, os Oradores, e os Poetas de todos os seculos, e de todas as Naçoes nos fornecem nas suas Obras. Entre tanto que de outra parte no tocante ás *Sciencias Naturaes*, apenas temos de colligir o que Linneo, Artedi, Fabricio, Werner, Hauy, Lavroisier, e hum pequeno numero de seus Successores nos hão dado em materia de *Terminologia*: bem entendido, que assim mesmo se tem de fazer abatimento das expressões que só são differentes em apparencia, mas identicas na realidade, porque representão hum só e mesmissimo objecto.

Eu deixo á vossa decisão, bem como á de todos os que sem prevenção quizerem encarar o objecto de que tratamos, o determinar se o *Vocabulario das Sciencias Naturaes*, que apenas conta *hum seculo*, póde sustentar comparações, tanto de abundancia, como de variedade de expressões, com o *Vocabulario das Sciencias Moraes* enriquecido pe-

la analyse de tantos Philosophos, pela eloquencia de tantos Oradores, e pelo estro de tantos Poetas, no espaço de mais de vinte seculos, e n'hum tão grande numero de Linguas.

552. A ordem, que temos adoptado neste parallelo, nos conduziria agora a estabelecello entre a Nomenclatura das Sciencias Moraes, e a das Mathematicas. Mas como a pezar de toda a concisão, seria obrigado a exceder muito os limites desta Prelecção, he forçoso reservar para a seguinte a continuação deste assumpto.

****

PRELECÇÕES PHILOSOPHICAS.

DECIMA SEPTIMA PRELECÇÃO.

ASSUMPTO.

§. 553. INtroducção. — §. 554. Divisão da Linguagem da Geometria. — §. 555. Superioridade da dos Antigos. — 556. Seus defeitos essenciaes. — §. 557. Defeitos ainda mais graves da Analyse Moderna. — §. 558. O que se entende por *quantidades positivas*? E *negativas*? E *contrarias*? — 559. Como a expressão mathematica + tem oito significações. — §. 560. Como a expressão — tem seis significações. — §. 561. Evasiva de alguns Mathematicos. Outros defeitos do mesmo genero. — §. 562. Que ha tres differentes sortes de erros em geral. — §. 563. Dois modos porque se commettem os erros discursivos. — §. 564. Applicação ao presente parallelo. Piimeira vantagem das Linguas vulgares sobre a das Mathematicas. — §. 565. Segunda vantagem. — §. 566. Razão geral destes erros. — §. 567. Motivos particulares que a ellas conduzirão. — §. 568. Que entre as varias significações das ex-

DECIMA SEPTIMA PRELECÇÃO.

553. PRosigamos, Senhores, no parallelo da Nomenclatura das *Sciencias Moraes* com as das outras Sciencias: E depois de termos visto a grande superioridade, que ella leva em riqueza, e energia as das *Sciencias Physicas*, vejamos até que ponto podem sustentar a comparação com a das *Sciencias Mathematicas.*

554. Começando pela Geometria, cumpre ao nosso proposito observar que a sua Linguagem se divide na que recebemos dos Antigos, na que a esta accrescentarão, ou substituirão os Modernos; e na que adoptamos da Analyse.

555. Não fallando por ora desta ultima, pois que della trataremos mais abaixo, quando reflectirmos sobre a Analyse em geral; tomarei como hum axioma da segunda ordem (§. 257.) que quando se trata de rigor de discurso e da expressão em Geometria, he subentendido entre todos os que a professão, que se falla do Estilo e Linguagem dos Antigos, ou do pouco que os Modernos tem accrescentado debaixo da mesma norma: sendo não só muito inferior em merecimento, mas positivamente máo tudo quanto fóra della a maior parte dos mesmos Modernos se abalançárão a crear, ou a substituir.

556. Reduz-se logo nesta parte o objecto da nossa comparação unicamente á Linguagem dos antigos Geometras, sobre a qual já vos fiz observar

em outra occasião (§. 258. e seg.) que ella se acha maculada com hum vicio de constituição o mais grave, que se possa conceber, e de que se não encontrará exemplo em nenhuma das outras Sciencias; quero dizer que a huma mesma palavra se dem dois differentes sentidos, ao mesmo tempo, como se fossem identicos. Nós citámos unicamente o exemplo das parallelas; poderiamos citar varios outros; mas os limites e natureza desta Obra não no-lo permittem: além de que com este exemplo, e com os principios que vamos estabelecendo, será facil descobrir nas Obras dos Geometras os outros defeitos da mesma natureza, qualquer que seja o nome com que alli se achem disfarçados, quer seja o de Axioma, quer o de Hypothese, ou ainda mesmo, como succede muitas vezes, debaixo do especioso apparato de huma falsa demonstração.

557. Mas em vez de procurar corrigir este defeito dos Antigos, aconteceu pelo contrario, que os Analystas modernos ainda requintarão sobre aquella descomedida liberdade de hypotheses: de modo que ha na Linguagem por elles creada tal expressão que tem seis e oito significações ao mesmo tempo. E para que huma tão grave accusação, não corra perigo de passar por calumnia, á falta de provas; direi o que baste a legitima-la, sem me esquecer da parcimonia, com que devo proceder na exemplificação das doutrinas, que a ordem das materias me conduz a hir successivamente desenvolvendo.

558. Se consultarmos as Obras dos Analystas,

a fim de que comparando os differentes casos, em que elles usão das duas expressões: *Quantidade positiva*: *Quantidade negativa*, possamos deduzir quaes sejão as idéas que todos elles em commum ajuntão á aquellas mesmas expressões: e deste modo venhamos a colligir as suas verdadeiras definições (§. 35.); acharemos que todos elles entendem por *Quantidade positiva aquella, que se suppõe destinada para se accrescentar a outra*: E *negativa aquella que se suppõe destinada para ser tirada*. Por isso se diz que as positivas e as negativas são *contrarias* entre si.

559. Postas estas definições, pergunta-se, o que significa a expressão analytica $+$?

Para respondermos pertinentemente a esta pergunta, he preciso que discorramos pelos differentes casos com que os Analystas se servem da dita expressão (§. 38); pois só assim poderemos vir no conhecimento do que com ella querem significar.

Se assim o praticarmos, acharemos, que são oito os sentidos, em que ella he empregada; a saber:

1.° Que a quantidade precedida deste signal he positiva.

2.° Que ella he a somma de huma quantidade positiva, e de huma negativa menor do que esta.

3.° Que se ella havia sido considerada como negativa, se deve continuar a considerar como tal no caso de que se trata.

4.° Que ella he o producto da multiplicação de varias qualidades todas positivas; ou

5.° de duas quantidades negativas.

6.° Que ella he o quociente da divisão de duas quantidades positivas huma pela outra: ou

7.° de duas quantidades negativas.

8.° Que ella he huma quantidade geometrica, cuja situação cumpre distinguir da que tem as que estão em sentido opposto.

560. Igualmente se deprehende do uso, que os Analystas fazem da expressão —, que a tomão em nada menos do que seis differentes sentidos; a saber.

1.° Que a quantidade precedida deste signal he negativa.

2.° Que ella he a somma de huma quantidade positiva com outra negativa maior do que esta.

3.° Que no caso, de que se trata, a devemos suppôr contraria (§. 558.) do que antes se havia supposto.

4.° Que ella he o producto da multiplicação de duas quantidades contrarias, huma pela outra.

5.° Que ella he o quociente da divisão de duas quantidades contrarias huma pela outra.

6.° Que ella he huma quantidade geometrica, cuja situação he opposta á de outra, que se tem feito preceder do signal +

561. Eu sei que todos os Escriptores de Livros elementares, e ainda mesmo Autores da primeira ordem tem pretendido demonstrar a identidade destas differentes significações; mas tambem sei que todas essas denominadas demonstrações nada mais são do que paralogismos. E não são estes dois, que citámos como exemplos, os unicos defeitos des-

te genero, que desdoirão as Mathematicas. Mas seria sahir fóra do meu assumpto fazer huma resenha delles. Nos incomparaveis Principios Mathematicos do nosso José Anastacio da Cunha, a cuja lição devo as reflexões, que acabo de fazer-vos, achareis esta materia tratada, mais concisamente, he verdade; mas de huma maneira digna de tão grande Mestre

562. Quanto a nós, limitando-nos ao nosso presente objecto, observaremos em supplemento á Theorica dos erros exposta nos §§. 215. 236. 420. 451. 525, e seguintes, que o falso juizo a que chamamos tambem erro, ou acontece immediatamente depois da observação dos objectos mediante os sentidos, sobre que elles tem feito impressão: e he o que se chama *erros dos sentidos*; ou a sua falsidade consiste em concluirmos a identidade dos objectos da identidade do nome com que os designamos, ao que se chama *equivocação*. Ora a equivocação póde ser de dois modos; a saber por *synonymia*, ou *por homonymia*. Por synonymia; quando com effeito existe huma identidade entre os dois objectos, não de totalidade das suas qualidades (pois então não haveria erro) mas sim, e tão sómente de huma parte dellas. Por homonymia, quando os dois objectos não tem de commum senão o nome.

563. Não tratando por ora dos *erros objectivos*, por ser materia, que pertence a outro lugar; observarei quanto aos *discursivos* de ambas as especies que se lhes costuma dar tambem o nome de *Equivocação*; porque no que respeita aos *Sy-*

nonymos, não os ha em nenhuma Lingua que se possão tomar *sempre* indifferentemente hum ou o outro, mas só algumas vezes. E quanto aos *Homonymos* nunca he licito tomar hum pelo outro.

564. Esta observação, que á primeira vista vos deve parecer trivial, e de pouca monta, he, pelo contrario, de grande importancia, porque serve a marcar a distincção entre os erros discursivos das *Mathematicas* e os das *Sciencias Moraes*. Por quanto he verdade que tambem nestas se erra pelo abuso das metaphoras, tanto homonymas, como synonymas; mas com esta importantissima e total differença, que quando nas Linguas vulgares huma expressão, que assim se applica a dois objectos por metaphora de qualquer das duas especies, jamais se pretendeu que os dois objectos fossem inteiramente identicos: antes pelo contrario houve sempre cuidado em fazer notar que ou erão totalmente heterogeneos (no caso de homonymia): ou sómente identicos em parte, no caso da synonymia, que defacto não exprime senão isso que existe de commum entre aquelles, aliás differentes objectos.

565. Nas Linguas vulgares póde a metaphora induzir em erro aquelles que a ouvem ou a empregão; mas em Mathematica a metaphora mesma he já hum erro. Nas Linguas vulgares he regra não se servir da expressão metaphorica deixando subsistir o perigo de confundir os dois objectos e toma-los por identicos: em Mathematica estabelece-se por principio que todas aquellas seis ou oito significações (§. 559. 560.) são identicas entre si.

566. A razão porque os Mathematicos cahirão

em hum tão grosseiro torpeço, foi porque se deixárão cegar do principio especioso, mas perigosissimo, de que nas Sciencias Hypotheticas são licitas todas as Hypotheses, de que se não póde mostrar, que sejão contradictorias com as que precedentemente se houverem assentado. Quando tratarmos do *Methodo* considerado como quinto elemento das Sciencias (§. 10.), discutirei este principio. Por ora basta o te-lo apontado, como causa do erro de Nomenclatura, em que vemos terem incorrido os Mathematicos.

567. Mas a par disto devemos advertir, que o motivo porque elles assim se aventurarão a amontoar hypotheses sobre hypotheses, foi a necessidade e penuria de expressoes, em que se virão para hum grande numero de objectos da Sciencia, que até então se não havia conseguido, e talvez nem mesmo cogitado expressar. Para resolver este problema offerecião-se aos Analystas dois unicos meios; que vem a ser: Primeiro o de crearem novos termos para exprimirem estes novos objectos: Segundo o de tomarem por metaphora (§ 333.) expressões já conhecidas e usadas para designarem objectos analogos a estes que se pretendia denominar. Já se vê, que destes dois meios o segundo era o mais facil, e o que no uso commum se costuma praticar: e esse foi com effeito o que os Mathematicos preferirão as mais das vezes. Porém como o abuso não costuma andar mui longe do uso; a metaphora degenerou bem depressa em Catachrése (§§. 342. 415.) e este primeiro passo abrindo a porta a novas transformações, achou-se insensivelmente a expressão

primitiva com seis, e oito significações (§§. 559. 560.), todas ellas abrigadas debaixo da gratuita hypothese de serem entre si identicas.

568. Por tudo quanto temos dito se vê, que este procedimento dos Mathematicos seria reprehensivel, ainda quando não tivesse outro defeito mais, que o de haverem amontoado hypotheses, sem estarem certos de ellas não serem entre si incompativeis: quanto mais, acontecendo, como aqui acontece, que do uso de taes hypotheses se vem obter resultados absurdos. Tal he por exemplo o caso da expressão —, de que ha pouco fallavamos; pois que pela sua terceira significação, he $-a = (-c) \times (+d)$, e pela ultima póde ser hum quadrado, cuja situação he opposta á de outro quadrado $+b$. Porém esse quadrado opposto a $+b$ ou ha de ser $= (+d) \times (+d)$ ou $= (-m) \times (-m)$; logo $-a = +dd$, ou $-a = +mm$ duas conclusões igualmente absurdas. Por onde muito bem conclue o nosso citado Mathematico; ,, que a *experiencia* mostra serem aquellas hypo- ,, theses erradas. ,, Sobre a qual palavra *experiencia*, que alguns tem reprovado neste caso, observarei, que por experiencia se sabe, o que só se deprehende pelo que resulta do uso de qualquer cousa. De semelhantes resultados absurdos achareis assás exemplos na sua Obra, para a qual sou obrigado a remetter-vos, em razão da estreiteza do plano, a que me devo cingir nestas Preleções.

569. Comparando estes erros da Linguagem Mathematica com o que dissemos nos §§. 336. 345. e 363.; será facil reconhecer que elles nada mais

são do que abusos da Homonymia, e que consistem em se julgarem identicas cousas differentes, só porque são designadas por hum mesmo nome; por quanto (sem sahir do exemplo, que acabamos de citar) os Mathematicos tratão como cousas identicas hum quadrado cuja situação he opposta á de outro dado, e o producto da multiplicação de duas quantidades contrarias, só porque ambas estas cousas são designadas pela expressão —; posto que em differentes sentidos.

570. As Nomenclaturas Philosophicas da Historia Natural tambem offerecem frequentes exemplos de abusos da Homonymia; mas por differente modo que o praticado pelos Mathematicos. Nós já expozemos debaixo do outro ponto de vista os inconvenientes desta pratica (§§. 372. e seg); e por isso bastará fazermos applicação do que alli dissemos, ao assumpto que estamos tratando. Com effeito entenderão os modernos Naturalistas, que para denominarem com clareza e precisão qualquer objecto convinha dar-lhes hum nome complexo, a saber: como nome, o da Especie; e como prenome, o do Genero.

571. Esta lembrança era certamente mui feliz. Mas que aconteceu? Aconteceu que tirando os mesmos Naturalistas os Caracteres especificos de Categoria differente daquella, onde tinhão tomado os caracteres genericos; muitos objectos convinhão em Especie, que não convinhão em Genero. Entre tanto identificarão-os ambos em Genero e em Especie, pelo simples facto de lhes darem a ambos, não só o nome especifico, mas tambem o generico;

por quanto os Leitores (e até os mesmos Autores da equivocação) cahirão muito naturalmente no erro de concluirem que assim como o nome especifico denotava identidade de Especie; tambem o nome generico denotava identidade de Genero.

Igual erro se commetteu, concluindo se a identidade da Ordem ou da Classe, por se acharem no mesmo Genero, objectos que sim convinhão em Genero, mas não em Ordem; ou acharem-se na mesma Ordem e na mesma Classe objectos, que sim convinhão em Ordem, mas não em Classe.

Outro erro de Homonymia commetterão os Naturalistas, quando reunirão em huma mesma rubrica, por exemplo, em hum certo Genero do seu Systema objectos realmente identicos em Genero de outro Systema, mas não daquelle que elles terião adoptado (§. 479. e seg.) De modo que em consequencia desta violação de *Methodo*, induzem aos Leitores em erro, fazendo-lhes suppôr que aquelle nome generico he *univoco* ou *synonymo* (no sentido de Aristoteles) quando elle não he senão *equivoco*, ou *homonymo*.

572. Passando agora a examinar, até que ponto as Sciencias Moraes são susceptiveis de semelhantes abusos da homonymia, já em outro lugar observámos (§. 330. e seguintes) que com effeito na Historia dos Conhecimentos Moraes se encontra grande numero de erros que não devem a sua origem, senão a abuso da homonymia. Com tudo he preciso não perdermos nunca de vista, que huma cousa são *Conhecimentos*, e outra cousa he *Sciencia* (§. 538.) Por isso discorrendo nós pela

Historia dos desvarios do Espirito Humano, não encontramos esta especie de erros, senão na primeira infancia, ou na ultima decadencia, tanto das Sciencias como das Sociedades: duas epocas em que seria absurdo questionar qual das Sciencias, se as Physicas ou as Moraes, laboião em mais erros; pois que por supposição ou ainda não existem, ou ja tem perecido todas as Sciencias.

573. O vulgo, qualquer que seja a Nação, conserva-se sempre em hum destes dois estados. Em quanto o numero dos homens de Lettras e de educação he limitado, o vulgo permanece naquella infancia de conhecimentos a que se chama barbaridade. E depois que, espalhando-se a instrucção, se forma entre os homens de Lettras e o vulgo huma classe media composta de homens encyclopedicos, ou Charlatães; isto he: que de todas as palavras scientificas tem idéa, mas huma idéa informe e estropeada; então começa o imperio das *Homonymias* ou *Equivocos.*

574. Ora como semelhante Sciencia consista toda em hum jogo de palavras, coisa facil, e ao alcance de todo o mundo; cresce tanto mais rapidamente o numero dos Adeptos, quanto he agradavel a surpreza com que conduzidos pelo magico Charlatão de metaphora em metaphora, aprendem e se habituão a discorrer sobre qualquer materia que se offerece; por quanto dado hum thema, isto he huma proposição em que se affirma ou nega alguma cousa, vão o successivamente transformando pela substituição dos synonymos, e homonymos de cada huma das palavras do mesmo thema: de

modo, que cada nova fórma em que elle apparece, por virtude destas successivas substituiçoes, he huma nova conclusão (§. 255.): he para elles huma nova verdade, tanto mais notavel, e preciosa, quanto mais paradoxal, ou fóra da natural expectação. Por esta arte o Charlatão confunde-se aos olhos do vulgo com o Sabio, não só pelo estilo e linguagem de que se serve; mas ate pela deducção de novas e admiraveis conclusões que recebe como outras tantas verdades. Mas aos olhos do vulgo o Charlatão deve parecer tanto mais superior ao Sabio, quanto forem mais espantosas as conclusões que elle deduzir dos seus erroneos discursos.

575. Cresce pois com o numero dos Sabios o dos Charlatães: com a differença porém que a proporção cresce sempre, e com rapido progresso em favor destes; bem depressa a numerosa Cohorte dos falsos Sabios não podendo fazer triumphar seus erros pela persuasão, recorre á força: Guerras de opinião devastão os Estados: E o vulgo confundindo outra vez os verdadeiros com os falsos Sabios proscreve de envolta os bons e os maos conhecimentos: mas não podendo banir de huma vez todos os conhecimentos, capitula, e faz escolha. Ora a verdade he inflexivel; não sabe capitular; a verdade he huma só; não póde haver escolha. A verdade he pois banida: e dos erros voltão a dominar aquelles, que parecem menos compativeis com os erros, que acabão de fazer a desgraça dos Povos. Assim passão alternativamente as Nações das trevas da barbaridade as luzes de razão: e destas tornão a cahir sempre conduzidas, pela

mão do Charlatanismo, no cahos da ignorancia.

576. Mas se o abuso dos Synonymos concorre com o dos Homonymos para os erros do espirito humano, deve-se confessar que os primeiros não suppoem huma tão grande tendencia para a barbaridade: e pela mesma razão nem sempre he filho do Charlatanismo ou da Ignorancia. E com effeito só huma crassa Ignorancia, ou hum descarado Charlatanismo he que podem suppôr identicos os objectos, que nas Linguas vulgares acontece terem o mesmo nome por Homonymia (§. 332). Pelo contrario quanto aos Synonymos; pois frequentemente he necessario particular discernimento para distinguir qual dos dois Synonymos se deve empregar, nos casos, em que não he indifferente usar deste ou daquelle. Como porém a pezar desta difficuldade he sempre possivel determinar as differenças dos Synonymos; nos erros, que provém de os confundir hum com o outro, não he culpada a Lingua, mas o Escriptor: entre tanto que nas Sciencias Naturaes ha muitos casos, em que semelhantes erros são mais culpa da Lingua que do Escriptor.

577. Já nos §§. 535 e 536 tocamos esta materia, fazendo ver quanto maior risco se corre de cahir nelles nas Sciencias Physicas do que nas Moraes. Porém o que alli não tocamos, e que aqui vem mais a proposito dizer, he, que huma razão, e talvez a mais forte para haver esta differença, he que nas Linguas vulgares não ha expressão de que senão tenha dado, ou senão possa dar hu-

ma exacta definição: por conseguinte a frequencia do uso nos faz *sentir* distinctamente a sua especial significação. Nas Linguas vulgares a frequencia do uso trazendo comsigo frequencia de erros: e estas, frequentes reflexoes sobre o modo de os corrigir, tem nos feito mais perspicazes sobre o particular valor de cada expressão: e por isso tornado menos facil a reincidencia nas mesmas equivocações.

Pelo contrario nas Sciencias Naturaes: de humas expressões não existe definição alguma (§. 545.): de outras são por inexactas mais proprias a induzir nos em erro do que a encaminhar-nos no descobrimento da verdade (§. 547.): n' outras em fim não ha nem póde haver definição; porque os seus mesmos inventores não tinhão idéas claras do que se propuzerão significar com ellas.

Nas Linguas vulgares determina se o sentido das palavras susceptiveis de mais ou de menos pelas circunstancias em que se falla: e em estas nos conduzindo a hum certo gráo de approximação: ficão satisfeitas as precisões do trato social. Mas nas Nomenclaturas das Sciencias propuzerão se os seus Autores a distinguirem com escrupulosa exactidão miudissimos objectos: sem com tudo proporcionarem meios para isso. Poucos exemplos bastarão para aclarar esta asserção. *Gosto* e *Prazer* são duas palavras synonymas, porque he *muitas vezes* indifferente o servirmo nos de huma, ou de outra (§. 206); mas nem por isso significão *sempre* a mesma cousa: e logo verifica se nestas pa-

lavras o que ha pouco diziamos, que nas Sciencias Moraes podemos as mais das vezes usar de huma expressão menos propria, porque as circunstancias acabão de mostrar o nosso verdadeiro sentido, huma vez que a expressão de que nos servimos, se ache em hum certo grão de proximidade dessa que teria sido mais propria.

578. Mas nas Sciencias Naturaes, onde os Autores das Nomenclaturas puzerão por principio, que não houvesse Synonymos, longe de se evitar a confusão, que se receava, não se fez mais nem menos do que augmenta-la por isso mesmo. Se os Nomencladores tivessem inventado para cada cousa, que quizessem significar, palavras inteiramente desconhecidas: e de cada huma dellas dessem huma clara definição; parece com effeito que ficarião excluidos os Synonymos: e com elles prevenidos os erros, que derivão do seu abuso. Mas primeiramente as expressões, de que se compõem as Nomenclaturas, são tomadas das Linguas vulgares: e humas achão-se bem definidas, outras mal: e outras nem bem, nem mal. Logo he natural, que quando dellas se faz uso, aconteça o mesmo que nas Linguas vulgares: isto he, que em certos casos não occorra ao entendimento razão alguma, pela qual se deve antes usar de tal, que de tal expressão: e ei-las ahi synonymas. Em segundo lugar quando mesmo se tivessem inventado palavras desconhecidas: como a confusão, nos casos em que por confusão se toma hum dos synonymos pelo outro, não vem da semelhança dos nomes, mas da dos objectos, passarião a ser synonymas as novas expressões, que

significassem objectos muito parecidos. Como devo ser parco em exemplos; contentar-me-hei com trazer-vos á memoria os de *elliptico*, *ovado*, e *oval*: Nectario, Pistilo, Estame, &c. &c. expressões entre as quaes a cada passo o mais exercitado Botanico não sabe fazer escolha. O mesmo acontece aos ramos das Sciencias Naturaes, sempre que se chega á aquellas transições (§. 413.) em que pela miudeza das feições he quasi impossivel extremar com plena distincção cada hum dos objectos dos que lhe ficão proximos tanto a hum como a outro lado.

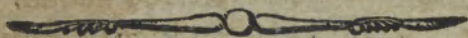
579. Por huma contradicção digna de ser notada na Historia das Sciencias, ao mesmo tempo que os Naturalistas fugião do perigoso luxo dos synonymos, os Mathematicos os crearão com tanta profusão na sua Nomenclatura, que como vimos no §. 559, ha entre elles expressão, que chega a ter oito synonymos: E ainda não contentes com este primeiro excesso commetterão o segundo de convencionarem que estes synonymos o fossem, não sómente porque *algumas vezes* se podesse empregar indifferentemente qualquer delles; mas porque serião (e são com effeito) *sempre* e em todos os casos reputados equivalentes entre si: e *sempre*, em todos os casos he licito o dar, por exemplo, á expressão $+$, aquella das oito significações que bem nos parecer. De alguns destes synonymos já vimos (§. 569.), que degenerão em abusivas, e absurdas homonymias, em razão da incompatibilidade das hypotheses. Os outros, cuja incompatibilidade se não tem demonstrado, ficão entre tanto na categoria de synonymos. Porém não deve esque-

cer que se convencionou que o fossem sempre, e em todos os casos, sem com tudo se demonstrar que erão licitas estas hypotheses, isto he, que não envolvião repugnancia humas com as outras: e por conseguinte o Mathematico não póde dar hum só passo na Sciencia, que não seja acompanhado de incerteza e de duvida; pois nada o assegura de que a substituição de hum daquelles synonymos, em lugar do que antes delle se achava na expressão, he na realidade licita, nem envolve incompatibilidade com as supposições antecedentes.

580. Concluamos pois, Senhores, de quanto nesta e na precedente Prelecção temos dito a respeito da Linguagem das Sciencias Moraes comparada ás das Sciencias Physicas e Mathematicas, que estas duas ultimas não podem de nenhum modo sustentar o parallelo com a primeira, nem quanto á riqueza de termos, nem quanto a variedade de expressões: accrescendo em favor das Linguas vulgares, que não constando senão de palavras e de phrases, cujo valor tem sido determinado, e fixado, pelo uso dos Povos, não póde já mais ser incerto, ainda que algumas vezes possa ser difficil de definir: entre tanto que nas Nomenclaturas das Sciencias compostas de palavras adoptadas das Linguas vulgares estas se achão mais, ou menos alteradas no seu primitivo valor: as alterações feitas por hum Sabio, são pela maior parte mal entendidas ou desapprovadas pelos outros: e ainda aquellas mesmas que tem sido geralmente approvadas, como não concordão com o valor primiti-

vo e corrente da palavra, esquecem quando se vai a usar desta: e daqui resultão innumeraveis equivocações e erros, cuja origem pelo decurso do tempo se torna frequentemente impossivel de descobrir. E em fim por hum defeito do Methodo os Naturalistas, e ainda mais os Mathematicos, cahirão no incomprehensivel absurdo de darem duas, e mais significações simultaneas a huma só e mesma expressão: defeito essencial de que se não poderá citar exemplo nas Linguas vulgares, a não ser dos seculos da infancia ou de decrepitude das Nações, no que se chama grosseiros prejuizos do vulgo, que nenhum homem sensato se lembrará já mais de confundir com nenhum dos differentes ramos de conhecimentos a que se tem dado o nome collectivo de *Sciencias Moraes* (§. 495.)

PRELECCÕES PHILOSOPHICAS.

DECIMA OITAVA PRELECÇÃO.

ASSUMPTO.

§. 581. INtroducção. — §. 582. Objecção contra o methodo destas Prelecções. — §. 583. Verdadeiro Objecto, e Plano desta Obra. — §. 584. Plano das Analyses, que se tem de fazer dos Autores. — §. 585. Outra objecção — §. 586. Sentido attendivel desta segunda objecção. — §. 587. Dois principios importantes da Didactica. Dos dois usos das definições. — §. 588. Pratica do primeiro uso. — §. 589. Pratica do segundo uso. — §. 590. Terceira objecção. — §. 591. Enganosa distincção dos modos de definir. — §. 592. Da nossa opinião sobre os Methodos Analytico, e Synthetico. — §. 593. Resposta á mencionada terceira objecção. — §. 594. Corollarios desta resposta, que conduzem a nossa Theoria das definições. — §. 595. Demonstração do primeiro Corollario. — §. 596. Deducção do segundo. — §. 597. Que em geral ninguem deve entender por huma expressão, senão

DECIMA OITAVA PRELECÇÃO.

581. DEpois de termos feito o parallelo das *Sciencias Moraes* com as *Sciencias Physicas* e *Mathematicas*, a respeito dos dois primeiros elementos scientificos, os *Factos* e a *Nomenclatura*; segue-se compararmo-las relativamente ao terceiro elemento, o *Systema*. Pedindo porém a razão e o bom methodo do ensino, que se não entre em nova materia, em quanto existirem duvidas sobre o que precede; he forçoso que suspendendo aquelle assumpto de que hiamos tratando consagre a Prelecção de hoje ao aclarar algumas difficuldades, que me consta, terem-se levantado, sobre o conteúdo das precedentes Prelecções.

582. A primeira destas duvidas he, que o parallelo em que temos entrado das Sciencias cortando o fio da analyse em que estavamos das Categorias de Aristoteles, parece destruir a ligação de idéas que era de esperar em huma Obra elementar: bem como parece incompativel com esta ultima qualificação a pratica que tenho seguido de tomar pela maior parte os meus exemplos em Sciencias que devo suppôr desconhecidas á mocidade em geral: sendo assim que frequentemente os poderia ter tomado de huma ordem mais chegada ao alcance de todos os Leitores.

583. Huma Obra, como a presente, composta ao correr de penna, e logo immediatamente publicada, não póde ter a correcção, nem a concisão de estilo, nem a ordem e escolha das materias, como se faz preciso a hum Livro elementar. Porque es-

te deve limitar-se a expôr os principios proprios da Sciencia, cujos elementos se trata de ensinar. E com effeito em huma Obra desta natureza concedo que os exemplos triviaes são preferiveis aos que se podessem tirar de Sciencias, em que só hum pequeno numero de pessoas são versadas. Mas eu nunca me propuz dar-vos aqui hum *Curso elementar de Philosophia*; mas hum *Curso de Prelecções Philosophicas* sobre as Sciencias em geral, e particularmente sobre aquellas que na Idéa Geral da Obra nomeei, e defini na primeira Prelecção. Por tanto este meu trabalho sim he destinado para a instrucção da mocidade, mas daquella parte da mocidade, que tendo feito o seu Curso de Estudos possue os principios, e entende a Linguagem das Sciencias cujo conhecimento elementar he indispensavel a todo o homem de educação. Mas em tanto se póde dar a estas Prelecções o epitheto de elementares, em quanto me proponho encerrar nellas os principios elementares da Philosophia, por ordem e maneira tal, que ja mais discuta em huma Prelecção materia para que não tenha lançado os fundamentos nas Prelecções anteriores, ou para cuja intelligencia o Leitor precise de hir mendigar principios em outro algum Autor. Porém esta subordinação de materias he a unica subjeição, a que o methodo, que fui obrigado a adoptar neste Escripto me permitte, que eu me adstrinja. De resto pede o Plano, que ao principio annunciei de reflectir sobre os Principios Elementares de cada hum dos ramos dos Humanos conhecimentos, eu lance mão da occasião, em que trato de cada huma das

doutrinas, para fazer applicação della, por modo de exemplo, ora a esta, ora a aquella Sciencia.

584. A analyse das Categorias de Aristoteles, bem como as que temos de fazer de outras Obras, he inteiramente subordinada ao Plano, que fica mencionado. Eu nellas não me proponho sómente explicar o que me parecer escuro nas Obras analysadas; mas deduzir cumulativamente dos principios que nellas encontrarmos, e dos principios expostos em outras Prelecções, as doutrinas, que pertinentemente se possão derivar.

585. A segunda censura, que me consta haver-se feito a estas Prelecções, he que abundando em definições apresentão muito menos interesse, do que se em lugar de muitas dellas se encontrassem asserções positivas, competentemente deduzidas e demonstradas.

586. Eu não me fizera cargo desta censura, se ella tivesse só por objecto o merito da Obra; pois que esse nem diminue por censurado, nem augmenta por defendido. Mas esta critica mostra-me que o que fica dito sobre as definições não basta para fazer entrar huma parte dos meus Leitores no espirito do plano que tenho adoptado. E por tanto he de meu dever o forcejar para que deste meu trabalho se tire toda a vantagem, de que elle for susceptivel.

587. Quando eu cedi á vocação de entrar nesta ardua e delicada empreza, desde logo assentei de me não poupar a trabalho para vos communicar a maior copia de verdades, que coubesse no possivel. Mas não he possivel dizer todas as verdades. " Se eu tivesse fechadas nesta mão todas ,, as verdades ,, dizia o grande Fontelle ;, o meu ,, principal cuidado seria, não a abrir, senão com

„ muito sentido. „ Além disso o thesouro das verdades he tão rico e copioso que seria temerario pretendello exhaurir.

Penetrado destes dois importantes principios da Arte de ensinar, era natural lembrar-me o expediente de vos confiar as chaves deste thesouro, que nem sempre he licito abrir, e já mais he possivel esgotar.

As chaves do thesouro das verdades são as definições. Se as que encontrardes nesta Obra forem boas [o que vos será sempre facil verificar (§. 38.)] ellas vos servirão não sómente de pedra de toque para vos assegurardes da verdade, ou reconhecerdes o erro de qualquer asserção; mas tambem de facil meio para o descobrimento de novas verdades.

588. Se tomadas varias phrases, cuja intelligencia seja clara, (quer ellas sejão verdadeiras, quer falsas): e nas quaes todas se ache huma determinada palavra empregada em hum mesmo sentido; puzermos nessas phrases, em vez da dita palavra, a sua definição: e isso não alterar o sentido daquellas phrases; deveremos concluir que a definição he exacta, (§. 38.). Ora depois de assim provada a bondade das definições, porque não alterão o sentido das phrases, em que se substituem á palavra definida; podemo-las empregar seguramente para reconhecermos a verdade, ou falsidade de qualquer phrase. Para isso não precisamos de outro artificio mais, do que substituirmos ás palavras dessa phrase as suas definições (§§. 255. 281.).

589. Para chegarmos porém ao conhecimento

de novas verdades, humas vezes se segue este mesmo methodo: outras vezes convem seguir a pratica inversa; quero dizer: a de substituir em vez das definições as suas respectivas palavras. Tanto em hum, como no outro caso, podemos substituir em vez da palavra definida os seus synonymos: já se entende, com aquella moderação e cautella que necessario for, para não cahirmos nos erros de que tratamos no §. 562.

590. Passemos á terceira censura, que merece tanto maior attenção da minha parte, quanto tem por Autor a hum distincto Critico (Correio Brasiliense: Outubro de 1814.) cujos elogios me causarião desvanecimento, se não fossem tão superiores á mesma estimativa, sempre exaggerada, do amor proprio. Não consentindo o plano do seu Jornal o insistir em cada hum dos pontos que lhe parecessem dignos de reparo nas oito Prelecções, que tinha diante dos olhos, fitou com singular discernimento o objecto mais importante, que he a definição da palavra *Definição*, contida no §. 35: E como alli se diga que as idéas *enumeradas na definição são as que a palavra definida suscita em commum a todos os que della se servem*; pergunta aquelle Critico, como póde haver *idéas communs* entre o Mestre, que ensina, e o Discipulo, que apenas começa a aprender? E desta duvida infere, que eu, rejeitando com Condillac o Methodo Synthetico, quero dar a entender, que não se devem começar as materias por definições; mas que estas devem resultar como consequencias do que sobre cada objecto se hou-

ver tratado. Confirma-o nesta conjectura o acaso de ter notado algumas definições, a que precede a analyse das operações do entendimento, pelas quaes se ha chegado ao conhecimento do objecto, a que as mesmas definições se referem.

591. Começando por esta sua observação, digo que foi meramente casual; porque com a mesma facilidade poderia citar outras definições que não estão precedidas de taes analyses. Mas por esta occasião advertirei, que he hum engano distinguir os dois modos de definir, como se hum fosse analytico, e o outro synthetico. He verdade que quando á definição eu faço preceder a analyse das idéas que a ella conduzirão, posso dizer que deduzi a definição pelo methodo analytico: mas dahi não se segue, que quando eu refiro a definição, omittindo a analyse, por cujo meio a deduzi, se possa dizer, que ella se acha exposta pelo methodo synthetico; pois que viria a ser o Methodo synthetico o acto de omissão, hum puro zero.

592. Que a distincção dos Methodos se não póde referir ao modo de apresentar as definições, he claro pelas que temos dado daquelles dois Methodos nos §§. 231. e 232. E por essas mesmas definições, bem como pela censura que na Oitava Prelecção (§. 303. e seguintes) faço da doutrina de Condillac a este respeito, era manifesto que bem longe de reprovar o Methodo synthetico, eu mostrava a sua indispensabilidade, depois de ter destruido a equivocação em que se funda a opinião contraria.

593. Não era pois a minha mente dizer, que

definir fosse enumerar as idéas communs ao Mestre, e ao Discipulo; por quanto a palavra que o Mestre define, humas vezes já he sabida e entendida pelo Discipulo, outras vezes não. Em ambos os casos o Mestre definindo não faz mais do que enumerar as idéas que a dita palavra costuma suscitar em todos os que della se servem em semelhantes casos (§. 35.). Ora como no primeiro caso o Discipulo he hum dos que se servem dessa palavra, tem della essas idéas; mas no segundo nenhuma idéa tem della: e então as idéas que o Mestre enumera, são as que a palavra costuma suscitar em commum a elle e a todas as outras pessoas, que della se servem em semelhante caso.

594. Desta consideração se seguem tres importantes corollarios: 1.° Que huma mesma palavra admitte em differentes casos differentes definições: 2.° Que a definição não enumera as idéas particulares, que a palavra suscita no animó de cada hum, que della se serve; mas 3.° tão sómente aquellas que ella suscita a todos em commum; ou, o que val o mesmo, as que são communs aos que della se servem, e se entendem, quando a empregão em semelhante caso.

595. O primeiro destes tres Corollarios he claro para quem reflectir, que quasi todas as palavras tem differentes significações: e logo differentes definições segundo os differentes casos (§§. 385.)

596. Quanto aos outros dois Corollarios he preciso notar, que tanto faz dizermos a alguem, que nos *defina* huma palavra, como dizermos lhe que nos refira *o que se entende*, ou *o que elle en-*

tende por essa palavra. Mas perguntar o *que se entende* por huma palavra, he perguntar quaes são as idéas que essa palavra deve suscitar em commum no animo do que a exprime, e do que a ouve, para se dizer que elles *se entendem* (§. 32. e seguintes). Logo neste caso definir he enumerar as idéas, que a palavra costuma suscitar em commum a todos os que della se servem.

597. O outro sentido, em que se pede a alguem a definição de huma palavra: (isto he, *o que elle entende* por essa palavra) já demanda mais explicação. Por quanto como as palavras não são destinadas, senão para se entenderem, huns com os outros, todos os que dellas se servem; seria extravagancia dizer alguem que elle entende tal ou tal palavra differentemente de todos os homens, porque isso seria o mesmo que dizer, que não entende a ninguem: e que ninguem o entende a elle (§. 32). Devendo pois as definições ser taes, que substituidas em qualquer phrase no lugar da palavra definida, se lhe não altere o sentido; segue-se que a definição não deve enumerar senão as idéas que a palavra suscita em commum no animo de todos os que della se servem, e se entendem: e não as que esta ou aquella pessoa em particular ajunta a essas, que todos em commum concebem, quando se faz uso de tal palavra.

598. Com tudo ha dois casos em que he licito a cada hum *postular que se entenda* dahi por diante mais ou menos, ou differentes idéas das que até então se entendião por huma dada expressão. O primeiro destes casos he quando a ex-

periencia tem feito conhecer algumas novas qualidades do objecto que a palavra designa: ou mostrou ser imaginaria alguma das antigas. O segundo caso he quando para huma mais rigorosa analyse das idéas se escolhe hum de entre dois synonymos até então empregados as mais das vezes indifferentemente, para designar o objecto, de que se trata: e postulamos, que dahi por diante seja essa expressão particularmente consagrada a significar aquelle objecto. Em hum destes dois sentidos he que se póde dizer arresoadamente do postulante: que *elle entende* a palavra differentemente de todos os que della se servem; isto he: *sub spe rati* do Uso, Soberano em quem exclusivamente reside o direito de legislar sobre as Linguas.

599. Mas figuradamente tambem se diz de huma pessoa, que ella *entende* de hum modo, que lhe he particular, huma dada expressão; querendo-se dizer, que elle a *define* de hum modo particular.

600. Com effeito posto que a ninguem seja licito, sob pena de delirio, *entender* huma palavra differentemente do que o uso tem fixado: he licito *defini-la* differentemente do que ella o tiver sido por todos os que houverem emprehendido defini-la, sem apresentarem os requisitos de huma boa definição. Nem todos, os que entendem bem huma palavra, conseguem defini-la bem. Para bem a entender basta o uso; para bem a definir he preciso primeiramente distinguir o caso de que se trata (§. 589.) de todos os outros, em que a mesma palavra, se emprega: operação sempre difficil, e frequentemente superior a talentos ordinarios.

Em segundo lugar he preciso analysar hum grande numero de phrases, em que entre aquella palavra, para depois inferir as idéas que ella significa em todas essas phrases. E em terceiro lugar he preciso verificar essa definição, que se houver deduzido, substituindo-a igualmente em hum grande numero de outras phrases, para ver se o sentido destas fica ou não o mesmo depois de tal substituição (§. 38.).

601. He logo errada a pratica ordinaria de recorrer a comparar, humas com as outras, as definições dadas por differentes Autores: esperando poder dahi colligir o verdadeiro sentido, o que se entende pela palavra, que se trata de definir melhor, do que se havia feito. E na verdade, se essas definições são más (pois que as rejeitamos, e fazemos tentativas para acharmos huma melhor); como he que nos podem ellas mostrar *o que se entende* pela palavra, cujo sentido ellas desfigurão? Bem longe de ellas poderem servir para por seu meio descobrirmos o sentido da palavra, he necessario ter muito cuidado, que entre as phrases, cuja analyse nos ha de dar (pelo methodo exposto no §. 600.) a desejada definição, evitemos aquellas em que soubermos que o Autor, de quem as havemos tomado, tinha nesse momento em vista alguma determinada definição; pois he claro, que se esta he viciosa, não póde ser acertado o uso que conformemente a ella se houver feito da palavra.

602. Mais errada porém he a opinião daquelles que julgão, deverem-se distinguir as *definições* em *historicas*, e *philosophicas*: e concedendo ser

verdadeira a nossa theorica, quanto ás *definições historicas*; negão que o seja quanto ás *philosophicas*; *porque nestas*, dizem elles, *não se trata de definir o que se entende*; *mas sim o que se deve entender*. Esta distincção de definições he inteiramente imaginaria. Toda a definição deve ser philosophica, porque todas devem conformar-se, tanto na sua investigação, como na sua exposição, com as regras geraes por onde o espirito humano se dirige nas suas differentes operações (§. 4.). Por isso que se affirma que á definição philosophica cumpre determinar *o que se deve entender* pela palavra que se define; he claro que toda a definição philosophica deve ser *historica*; pois deve enumerar as idéas que he preciso que a palavra suscite em commum no animo dos que fallão, e dos que escutão para ellas se entenderem, ou, o que val o mesmo, para a palavra ser entendida (§. 601.). Isto tem lugar ainda mesmo nas Sciencias Hypotheticas (§. 259.), onde pareceria, que as definições não só podem, mas até devem prescindir do que se entende, ou não entende por cada expressão, fixando lhe por supposição aquelle sentido que o Autor julgasse mais fertil em applicações proprias da Sciencia. Com tudo assim como huma Novella não deixa de ser huma historia, porque suppõe, e não affirma a existencia dos factos, que refere: do mesmo modo as definições hypotheticas não differem das positivas em não serem historicas, mas em prescindirem da realidade do que referem: E quanto as Hypotheses se approximão da realidade, tanto mais uteis são, pela facil e exacta applicação na pratica.

603. A distincção das definições em historicas, e philosophicas, que acabamos de combater como imaginaria, apparece nas Obras de alguns Philosophos como *definição do nome*, e *definição da cousa*.

Pouca reflexão he necessaria para se ver a futilidade desta distincção. Quem *define*, determina, ou descreve *huma cousa*, *define*, determina, descreve, e *enumera* o que conhece, *os conhecimentos*, *as ideas* que tem dessa cousa. Ora isso, e nada mais, he o que faz quem *define o nome* de qualquer cousa (§. 35.).

De todas as doutrinas, que vos tenho transmittido nestas Prelecções, talvez nenhuma seja tão digna de a fixardes na vossa memoria, como a refutação que acabo de expôr-vos; porque ha poucos erros que tenhão tido tantas e tão serias consequencias.

604. Terminarei estas elucubrações da theoria da definição, reflectindo sobre a que o douto Critico citado no §. 584 propõe da mesma palavra definição, que elle julga dever-se dizer, que he o *desenvolvimento das ideas simples contidas na idéa composta*.

No §. 365. e seguintes fica advertido, que póde haver duas definições igualmente exactas, sem com tudo serem igualmente boas para os usos da Sciencia: e hum destes casos he aquelle, em que huma das ditas duas definições contém palavras, que por metaphoricas, ou por outro algum motivo, precisão de explicação. Este era o caso em que vimos (§. 366.) se achava a definição que Aristoteles dera da palavra *synonymo*: e este he

tambem o em que se acha a do nosso Critico. Porquanto as expressões de *desenvolvimento*, *idéas simples*, *idéa composta*, precisão de explicação. Entre tanto que na nossa definição (§. 35.) a palavra *idéas* he a unica que poderia precisar de explicação, se não fosse do numero daquellas, cuja intelligencia se suppõe, porque como já reflectimos no §. 284. não se definindo palavras, se não por meio de palavras, he forçoso que paremos a final em huma definição; visto não restarem já palavras, por cujo meio possamos definir as que a compoem.

****

PRELECÇÕES PHILOSOPHICAS.

DECIMA NONA PRELECÇÃO.

ASSUMPTO.

§. 605. INtroducção. — §. 606. Cinco differentes especies de Systemas em qualquer Sciencia. — §. 607. I. Especie: Systema sem Nomenclatura. — §. 608. II. Systema com Nomenclatura para os gruppos, de que elle se compõe. — §. 609. III. Systema com Nomenclatura para os caracteres systematicos. — §. 610. IV. Systema Artificial completo. — §. 611. V. Systema Natural completo. — §. 612. Reflexões sobre os Systemas da primeira especie. — §. 613. Reflexões sobre os da segunda especie. — §. 614. Passagem dos Systemas da primeira especie para os da segunda. — §. 615. Notavel contradicção nesta passagem. — §. 616. Imperfeição dos Systemas da primeira especie. — §. 617. Operações que ella occasiona. — §. 618. Defeitos em que estas mesmas operações laborão. — §. 619. Degeneração do Systema Natural em Artificial. — §. 620. Differenças dos Systemas Artificiaes relativamente á No-

DECIMA NONA PRELECCÃO.

605. ELiminadas na precedente Prelecção as difficuldades que poderião estorvar-nos na marcha dos nossos estudos sobre a Philosophia das Sciencias, he tempo de tornarmos a tomar o fio do começado parallelo das denominadas Sciencias Moraes com as Physicas e Mathematicas, relativamente ao terceiro elemento scientifico, que vem a ser o *Systema* (§. 15.)

606. Para se dizer de qualquer Sciencia que ella está adiantada em ponto de Systema, em geral, he necessario, que os objectos della se achem com effeito gruppados em Classes, Ordens, Generos, &c. &c. (§. 13. e seg.)

Mas se attendendo á estreita relação que existe entre o Systema e a Nomenclatura, se reflecte sobre as combinações de que estes dois elementos são susceptiveis, hum com o outro, facilmente se reconhecem cinco distinctos casos, que muito convem especificar.

607. Por quanto primeiramente podem-se os objectos gruppar no espirito do observador, sem que este tenha expressões para denotar os Gruppos, em que elles, para assim dizer, por si mesmos se distribuem.

608. Em segundo lugar, póde ter denominações para os Gruppos, sem com tudo as ter para os Caracteres de cada hum delles.

609. Em terceiro lugar póde te-las para estes

caracteres, e a pezar disso não ter nunca reflectido sobre quaes sejão os nomes de cada huma das Classes, nem quaes os das Ordens, Generos, &c. de cada Classe: e ainda menos a que Classe, Ordem, Genero, &c. pertencem esses caracteres, que, por supposição, elle sabe distinguir, e nomear.

610. Em quarto lugar póde por ventura satisfazer a ambos os precedentes requisitos; mas daquella maneira parcial e imperfeita a que se costuma chamar *Systema artificial* (§. 482 e seg.).

611. Em quinto lugar emfim póde ter classificados e denominados os objectos segundo o *Systema natural*, que lhes he proprio (§. 481.)

612. A analyse, que acabamos de fazer da palavra *Systema*, ao mesmo tempo; que nos mostra a ordem dos progressos que cada huma das Sciencias tem feito ou póde fazer relativamente a este terceiro elemento (§. 10.) traça-nos o methodo que temos de seguir na comparação das *Sciencias Moraes* com as *Sciencias Physicas* e *Mathematicas* debaixo deste mesmo ponto de vista. Com tudo seria tedioso e absolutamente inutil empenho começar o nosso parallelo pela primeira especie de Systemas, em que, como diziamos, sem Nomenclatura, nem Reflexão os objectos se achão mechanicamente gruppados no animo do Observador. Taes Systemas são tão inseparaveis do simples conhecimento dos *Factos*, que não ha nenhuma Sciencia ainda as mais atrazadas, que não possua esta especie de Systema: E se algum parallelo póde estabelecer-se entre Sciencia e Sciencia neste

ponto, esse parallelo não differe do que se quizesse fazer da riqueza e variedade de Factos de cada huma dellas.

613. Se depois de termos visto grupparem-se, para assim dizer, mechanicamente os objectos no animo do observador, nos perguntarmos a nós mesmos, qual será o primeiro passo da Nomenclatura, relativamente aos objectos, que assim se achão gruppados: e qual será o segundo; Eu creio, que ninguem hesitaria em responder, que o primeiro passo será nomear cada hum desses Gruppos: e que o segundo será nomear as qualidades mais notaveis de cada Gruppo. Paremos, Senhores, a considerar esta marcha do Espirito Humano; porque a pezar de que á primeira vista não pareça digna de particular reflexão, com tudo encarada de mais perto dá materia a importantissimas reflexões sobre a Theoria dos Systemas.

614. Com effeito se comparamos a descripção, que acabo de fazer da primeira especie de Systemas, desse primeiro, e tosco passo da observação (§. 606.). se o comparamos com o que dissemos ser o *Systema Natural* (§. 481.), concluiremos, que o primeiro passo das Sciencias, em quanto a *Systema*, não he nada menos do que a distribuição dos objectos em Systema Natural: passo que por outra parte parece ser o mais agigantado, e só proprio da epoca de maior auge de toda e qualquer Sciencia (§. 605.)

615. Quem não esperaria, á vista de taes principios, que os seus progressos tenderião todos a aperfeiçoar esse primeiro esboço de *Systema na-*

tural, que já agora parecia gravado no animo do observador com caracteres tão indeleveis como o mesmo conhecimento dos *Factos*? Com tudo póde-se quasi dizer, que não ha huma só Sciencia, em que isso tenha acontecido, porque o segundo passo (§. 607.) [que o he indubitavelmente de avanço em ponto de *Nomenclatura* e de *Factos*] he hum verdadeiro passo retrogrado em ponto de *Systema*.

616. He verdade que as primeiras observações nos collocão os objectos no annel, que a cada hum delles compete na immensa cadêa dos entes. Mas se alguem nos preguntar, quaes são as qualidades de cada qual desses mesmos objectos: quaes são as que lhe servem de vinculo para o ligarem por hum lado com certa serie de outros objectos: e por outro lado, já de outro modo, com outra serie de entidades differentes das primeiras; a nada disto saberemos dar resposta, que satisfaça: Porque humas vezes diremos, que não reflectimos nessas qualidades: Outras vezes responderemos, que sem as analysarmos, as distinguimos; porém que sendo inteiramente novas, não temos expressões, com que as designemos.

617. Faz-se logo necessario que passemos essas mesmas qualidades em resenha: e que marquemos os caracteres, que distinguem cada huma das que concorrem a collocar o objecto, de que se trata, no lugar que elle occupa no nosso espirito, entre todos os outros objectos, com que elle se acha ligado.

618. Mas quem he que possue a delicadeza da analyse, e a riqueza de expressão, que para

melhante herculeo trabalho se fazem necessarias? O mais a que vemos aspirarem esses abalisados talentos, com que a Natureza só de seculos a seculos ennobrece a Especie Humana: o *non plus ultra* dos esforços da Humana Intelligencia reduzem-se a distinguir e marcar entre todas estas qualidades, aquellas que merecem o titulo de *capitaes* (§. 490.), deixando, para assim dizer, todas as outras na obscuridade do cahos, donde somente a tocha do Genio he que as póde fazer sahir á luz.

619. Por este simples facto de se extremarem essas unicas qualidades capitaes; o *Systema* dos objectos, até agora *natural*, se acha repentinamente convertido em hum *Systema artificial*, que varia em prestimo e elegancia, segundo houver sido feliz a escolha dessas qualidades capitaes, em que elle assenta.

620. Em tanto se póde dizer, que esta transformação do Systema natural em artificial he hum passo progressivo da Sciencia, em quanto se suppõe que ella se não executa sem a creação de huma Nomenclatura para denominar os Gruppos: e até mesmo para designar as qualidades, senão todas, ao menos as capitaes. Com tudo nem sempre acontece, que a formação de hum Systema artificial seja acompanhado de huma correspondente Nomenclatura para os caracteres: antes tem havido muitos Systemas taes, que mal e imperfeitamente denominão os Gruppos, posto que a distincção destes seja o que constitue a essencia de qualquer Systema (§. 606.) Disto nos offerecem frequentes exemplos quasi todos os Botanicos an-

teriores a Linneo; pois que a pezar de terem chegado a gruppar os objectos da Sciencia, era tal a vacillação de principios, que em vez de nomes especificos, a cada passo nos dão prolixas e indigestas descripções: em vez de nomes genericos distinctos de qualquer outro, encontramos nomes extravagantes e confusos, que serião máos até para nomes de Especies. Taes são: *Crocodiloides*, *Arundinastrum*, *Valerianella*: e outros semelhantes.

621. Com tudo só então podemos julgar que hum Systema, quer seja natural, quer artificial, se acha completo, quando levado ao auge de perfeição, de que for susceptivel, no que toca á distribuição e arranjo, possue adequadas denominações para cada hum dos Gruppos, de que se compõe, e para cada huma de aquellas qualidades, que servem a caracterisar cada Gruppo. No §. 361. deixamos marcada a razão, e a necessidade do nexo das expressões com as idéas, para que estas conservem a sua perspicuidade e distincção.

622. Mas he grande a differença que existe entre as necessidades dos Systemas Naturaes, e as dos Systemas Artificiaes em ponto de Nomenclatura. Por quanto no que respeita á aquella de que se precisa para denominar as qualidades que distinguem cada huma das especies, he manifesto, que como a singularidade dos Systemas Artificiaes consiste em se limitarem a hum pequeno numero destas qualidades, para servirem de caracteres, já de Classe, já de Ordem, já de Genero, &c.; a Nomenclatura de taes Systemas a nenhumas outras qualidades precisa extender-se, do que á aquellas

que fornecem os mencionados caracteres. Não he já assim nos Systemas Naturaes; porque como estes derivão a sua perfeição de apresentarem cada objecto no lugar que o complexo das suas qualidades mostrar que lhe compete; segue se, que he preciso levar a Nomenclatura a par dos conhecimentos, que se houverem adquirido de cada hum dos objectos da Sciencia. Bem se vê, que a grande difficuldade de crear huma tão copiosa Nomenclatura oppõe hum obstaculo quasi invencivel á formação de hum Systema Natural em qualquer Sciencia.

623. Huma observação, que muito póde facilitar a redacção de huma boa Nomenclatura das qualidades, he que estas são tão susceptiveis de se disporem em Systema por Classes, Ordens, Generos, &c., como as mesmas substancias. Por quanto assim como a existencia de bons rudimentos de Nomenclatura facilita a disposição de quaesquer objectos em Systema: assim tambem o acharmolos nós já arranjados em Systema, nos facilita o darmos-lhes boas e adequadas denominações.

624. E já que tocámos esta distincção de *Systemas de Substancias*, e *Systemas de Qualidades*, permitti-me que vos faça notar de passagem como a redacção de hum *Systema de Qualidades* he tanto mais facil, que a de hum *Systema de Substancias*, quanto vai do simples ao composto (§§. 44. e 80.). Esta observação nos será brevemente de grande utilidade no parallelo que vamos fazendo do estado das differentes Sciencias relativamente

ao arranjo systematico dos objectos proprios de cada huma dellas.

625. Cumpre porém advertir que o Systema, a que as *Qualidades* podem ser reduzidas, não he como nas *Substancias*, hum Systema Artificial arbitrario, e dependente dos caracteres que se houverem escolhido para designar as differentes rubricas (§. 482.).

Daqui vem o parecer mais difficultoso organisar hum Systema de Qualidades do que hum de Substancias. E na verdade, se nós prescindimos da insufficiencia, que no §. 483. exprobramos aos Systemas Artificiaes; não se póde duvidar, que sendo mais facil organisar hum tal Systema do que hum Natural, a reducção das *Substancias* sobre que versão as *Sciencias Physicas*, á fórma systematica, se acharia hoje mais perto da sua perfeição do que a daquellas Sciencias que versão sobre *Qualidades*, como são a maior parte das Sciencias Moraes. Por quanto para se reputar chegado ao maximo da sua possivel perfeição qualquer Systema Artificial, basta que todos os objectos da Sciencia entrem em alguma das rubricas delle: E que em nenhuma rubrica se ache objecto em que se não verifique a qualidade que constitue o caracter distinctivo della.

526. Ora se bem o cumprimento destes dois requisitos he impossivel, ou ao menos sem exemplo até agora, a pezar dos reiterados esforços dos mais abalisados talentos, como já ponderamos nos §§ 483. e seg.; com tudo he possivel assignar o que se requere para os Systemas Artificiaes che-

garem ao maximo da sua respectiva perfeição. Mas não acontece assim com os Systemas Naturaes; porque como esses assentão sobre as relações que a cada objecto competem, em razão do complexo de todas as suas qualidades, já se vê que quanto maior numero destas for conhecido: tanto será maior o numero das suas relações para com os outros objectos: e tanto mais perfeito o Systema que dahi resultar para o augmento da respectiva Sciencia.

627. Digo da respectiva Sciencia: porque nesta limitação vos dou a chave da confecção dos Systemas Naturaes que a alguem poderião parecer definidos muito vagamente, quando vos disse, que elles resultavão da totalidade das qualidades e relações do objecto; pois se deve entender da totalidade daquellas qualidades que fazem o objecto da Sciencia, de que se tratar. Sem esta limitação nada haveria com effeito de tão vago; porque como a totalidade absoluta das qualidades de qualquer objecto o poem em contacto com todos os objectos de natureza (§. 177.) seguir-se-hia que qualquer Systema Natural (§. 481.) seria o Systema geral da Natureza (§. 186.): Verdade esteril no nosso caso: e de que nenhuma utilidade se póde seguir na pratica. Entre tanto que com esta restricção, já se entra sem muito esforço de reflexão no espirito e theorica do arranjo dos Systemas Naturaes: e he claro que se deve proceder á sua confecção, começando por distinguir qual seja a Sciencia, para cujos usos se trata de organi-

ca-lo; porque segundo esse intuito he que se hão de considerar os objectos relativamente ao complexo de taes e taes qualidades, fazendo-se abstracção de todas as demais, que delle nos possão ser conhecidas. E do mesmo modo se vê, que, querendo nós organisar hum *Systema Artificial*, posto que prescindamos das qualidades, que são alheias do proposito, sobre que versa o nosso estudo, escolhemos da totalidade das qualidades restantes, sómente algumas: e conforme a ellas formalisamos as nossas Classes, Ordens, Generos, &c. deduzindo daquelle pequeno numero de qualidades escolhidas os caracteres succintos, que servem a distinguir cada hum daquelles Gruppos ou rubricas.

628. Estabelecidos sobre a theorica dos Systemas os principios que me parecem sufficientes para ajuizarmos do estado comparativo das Sciencias Moraes, e das Physicas, e Mathematicas relativamente a este terceiro elemento scientifico; podemos proseguir no começado parallelo. Mas antes de entrarmos no detalhe da comparação, devemos observar, que supposto não haja em todas as Sciencias Moraes Obras Systematicas em que se possa admirar, como nos differentes ramos de Historia Natural, o talento genial de seus Autores; com tudo aquelle mesmo invariavel regulador, que dirigia não só o Escriptor intelligente, mas até o homem vulgar, e rude, sem que elle mesmo os oubesse, no admiravel trabalho da formação da Linguagem (§§. 441. 451.), esse mesmo lhe hia grup-

pando os objectos em maior ou menor numero de divisões systematicas (§. 15) á medida que obrigado pela necessidade de os distinguir huns dos outros, elle hia dando a cada hum sua particular denominação, conduzido as mais das vezes quasi machinalmente, e por isso tanto mais seguramente, pelo fio da analogía; pois o mesmo era variar debaixo de certos e inalteraveis principios os nomes dos objectos, que classificar esses mesmos objectos (§§. 440. 447. e seg.)

629. Com effeito se hum habil Philosopho, versado nas Linguas antigas e modernas, se applicasse a colligir debaixo das Categorias ou rubricas mencionadas por Aristoteles, tanto na primaria da *Synonymia* (§. 355. e seguintes) como na secundaria da *Paronymia* (§. 429.), e subalternas apontadas no §. 472., a immensa riqueza de vocabulos, e de phrases, que naquellas differentes Linguas, denotão as differentes entidades sobre que versão as Sciencias Moraes (§. 495.); ver-se-hia, como por esse simples facto ficarião classificados de huma maneira admiravel os objectos daquellas Sciencias

630. Eu já vos preveni (§. 628.) que deste trabalho nada existe feito, em nenhum ramo das Sciencias Moraes, com tanto apparato scientifico, como nas Sciencias Physicas: E por isso no §. precedente me contentei com affirmar, que existem com effeito os materiaes para elle nas Linguas vulgares, antigas e modernas, tomadas collectivamente, como Nomenclatura propria que são das Sciencias Moraes. Entre tanto devo dizer

em abono destas Sciencias, que em algumas dellas a parte systematica de nada mais precisa, que de ser expressada com a concisão, que faz sobresahir á belleza dos Systemas em Historia Natural; por quanto os Gruppos de differentes ordens (que são o que constitue a essencia de qualquer Systema) existem já formados, descriptos e determinados: E se se não ostentão á vista tão perfeitos e regulares, tão travados entre si, como os das Sciencias Naturaes, não he certamente por falta de ordem ou distincção; mas porque os Escriptores guiados mais por huma especie de mechanico instincto, do que por hum reflexo e bem calculado methodo, não entrarão no espirito da *Arte de classificar*, e suffocarão em hum diluvio de inuteis phrases as bellezas do Systema que tinhão de expôr, e cuja nobre simplicidade despida daquelles estranhos adornos não escapa aos olhos do Philosopho, costumado a distinguir o que he essencial a qualquer materia, daquillo que lhe he puramente accidental.

631. He assim que lendo nós os principaes Escriptos, quer antigos, quer modernos sobre a Grammatica, a Rhetorica e a Poetica, não podemos deixar de admirar, a través da tenebrosa exposição de seus Autores, a delicadeza com que o escalpelo do Gosto dissecou, até ás mais miudas ramificações, os discursos, as idéas, as paixões, e mesmo os mais leves movimentos do coração humano, distinguindo os sexos, os estados, as idades: e sem lhe escapar as quasi imperceptiveis gradações de milhares de circunstancias que aos olhos do vulgo

poderião parecer indifferentes. Aquellas tres Sciencias (que formão reunidas por estreito e indissoluvel vinculo hum ramo particular das chamadas Sciencias Moraes) tudo isto especificão, tudo determinão: e não promiscua nem confusamente; mas por sua ordem: não por huma ordem arbitraria: não conforme a hum Systema artificial e de alvedrio (§. 482.) mas seguindo o natural, e invariavel nexo dos objectos, das situações, das paixões, e das idéas.

632. He verdade que o estilo declamatorio de alguns daquelles Mestres da Eloquencia: a prolixidade de outros, por tudo quererem explicar, e tudo exemplificarem: o methodo adoptado por quasi todos de fundarem em autoridade, o que só devia ser deduzido dos principios de huma luminosa theorica: e em fim as desvairadas definições, que sem philosophia nem critica se costumão dar naquelles Escriptos dos objectos, sobre que elles versão, encobrem as bellezas do Systema da Sciencia.

633. Mas tambem he verdade, que se prescindindo nós destes defeitos (que são proprios do Escriptor, e que com elle varião) olhamos para o fundo da materia, e para o encadeamento dos objectos, que elles se propuzerão tratar; não podemos deixar de reconhecer huma verdade da mais relevante importancia, tanto neste, como em muitos outros casos das Sciencias Moraes, e mesmo das Sciencias Physicas e Mathematicas; a saber: Que qualquer Sciencia, isto he a massa de doutrinas espalhadas por todos os Escriptos, que della tratão, he muito mais rica em Factos (§. 12.), muito mais

regular em Nomenclatura (§. 13.), e muito mais perfeita em Systema (§. 15.) do que se poderia julgar pela lição successiva de cada hum daquelles Escriptos: E que por tanto, para nós avaliarmos o verdadeiro estado de huma Sciencia, he preciso fazermos a lição comparativa de todos os que nella escreverão: separando os defeitos do Escriptor dos progressos da Sciencia, para assim colligirmos a final o liquido do que ella tem effectivamente adquirido em *Factos*, em *Nomenclatura*, e em *Systema*. Em confirmação de todas estas verdades vos posso citar, como exemplo, o breve Tratado dos Tropos, que na nona, decima, e undecima destas Prelecções vos tenho dado; por quanto alli tendes visto, como todos elles existião na Sciencia distinguidos e nomeados, posto que mal definidos: e que entre todos elles havia, e ha huma subordinação, e hum vinculo, que no-los apresenta arranjados em hum Systema, qual será difficil de encontrar nas *Sciencias Naturaes*.

634. A novidade, e a importancia da materia exigem, que accrescente mais alguma cousa sobre este objecto; e que chame ainda a vossa attenção a considerar mais alguns exemplos que illustrem a doutrina que acabo de estabelecer. Escolherei como muito principaes, e dignas de serem notadas pelo alto gráo de perfeição a que tem chegado tanto em Systema como em Nomenclatura, a Ethica, e a Jurisprudencia: outros dois vastissimos ramos das Sciencias Moraes (§. 495.) Homens superficiaes, e ate pela maior parte inteiramente hospedes nestas duas Sciencias,

se tem abalançado a trata-las de vagas, arbitrarias, e confusas: tal tem havido que chegou a negar-lhes o nome de Sciencias. Mas já em outra occasião vos fiz observar que nem todos os que fallão de Sciencia, sabem o que esta palavra significa (§. 325.) E quanto á Ethica, ou Sciencia das Paixões, da Virtude, e do Vicio moraes, quem ha que ignore, que a maior parte dos vocabulos, e phrases das Linguas, tanto antigas, como modernas, são destinados a significarem as differentes Paixões do coração humano: os Vicios, e as Virtudes? Quem ignora que destes vocabulos, e phrases, huns são mais genericos do que outros: não de huma maneira vaga, e confusa; mas com tal precisão e clareza, que homens de mediana, e mesmo inferior comprehensão estão no caso de determinarem o genero de que huma dada Paixão he especie: qual seja a denominação que lhe compete, quando Virtude: e qual, desde o momento que ella passa a ser vicio?

Estão logo tão bem marcadas as rubricas do Systema, em que se achão classificadas as Paixões, as Virtudes, e os Vicios, que póde hum homem do vulgo reduzir, e capitular com mais facilidade e acerto qualquer acção moral, do que hum Medico as affecções morbosas, o Physiologista os phenomenos dos corpos organicos: e em geral qualquer Naturalista os objectos da sua particular profissão.

635. Daqui vem, que consultando nós quaesquer Philosophos dos que escreverão sobre a parte dogmatica desta Sciencia, encontramos seguidas,

e ligadas por hum nexo inherente aos objectos mesmos, as differentes partes de seus Tratados. Acabando de fallar de huma Paixão, a ordem natural das materias os conduz a tratar de certa outra, que ou se acha connexa á precedente, como especie della, ou como genero da mesma ordem a que essa precedente pertençia.

636. Se o Historiador quer transmittir á posteridade o retrato de algum homem memoravel, póde a seu arbitrio lançar mão daquelle methodo que mais lhe agradar entre tres, que a *Sciencia Moral* não menos riça em meios do que as *Naturaes*, lhe offerece para isso.

637. I. Elle póde discorrer successivamente por cada huma das acções da sua vida; por maneira, que sem o classificar nem a elle, nem as suas virtudes, ou vicios, deixe ao Leitor, que possue a chave do Systema, o meio de reduzi-los á Classe, Ordem, Genero, e Especie, a que pertencem taes entidades moraes. Não de outro modo, que o Naturalista observador, mas pouco experto na arte de reduzir, ou demasiadamente apressado para procurar no Systema, a que lugar pertencem os objectos, que se offerecem á sua vista, os descreve com exactidão e meüdeza, deixando para outros, ou mais doutos, ou menos apressados, o fixarem-lhes o lugar, que a cada hum delles compete.

638. II. Abraçando, para assim dizer, como de hum golpe de vista o harmonico complexo das acções do seu Heroe, nada obsta a que seguindo o exemplo do Naturalista, que consagra os seus momentos a traçar a Monographia de huma Espe-

cie, elle comece por expender aquellas virtudes, que pela sua generalidade nos acautelão para que não confundamos o homem, de que se trata, com os outros das immensas Classes, que pouco, ou nada tem de commum com essa, em que elle se fez distincto. Mas por isso que elle se distinguio nessa mesma *Classe* (já por si distincta entre a multidão); são sem duvida acções de huma *ordem* particular que o distinguem: O nosso Historiador Monógrapho, referindo-nos essas acções, fixa e determina a *Ordem moral* do Ente, cuja vida se propôz escrever debaixo deste methodo. As acções, que o fazem sobresahir com hum certo numero de companheiros, no meio de todos aquelles, com quem atégora parecia confundir-se, nos mostrão que *Genero* de homem o systematico Biógrapho se propôz offerecer á imitação, e á admiração dos outros homens.

639. Com tudo a sua obra ficaria imperfeita, se tendo enumerado as qualidades, que supposto o distingão da multidão, o nivellão com hum numero ainda assás grande de homens memoraveis; passasse em silencio aquellas, que sendo-lhe pessoaes e privativas, ou pouco communs, são justamente as mais dignas de serem não sómente enumeradas, mas até miuda, e circunstanciadamente analysadas. Especificar estas qualidades pouco communs, he mostrar a *Especie já conhecida*, que na ordem moral pertence ao seu Heroe. Referir as outras, quando as ha, seria enriquecer a *Historia Natural dos Entes moraes* com a descoberta de huma *nova Especie*.

640. III. Mas se o Historiador philosopho certo de que falla a homens doutos se julga na obrigação de poupar-lhes o inutil trabalho de huma minuciosa descripção ; escolhe na Historia dos Homens illustres, os Corypheos da Classe a que pertence o Homem, cuja vida descreve : e designa esta *Classe* pelo nome daquelle que principalmente possue as qualidades que o mesmo Heroe tem de commum com todos elles: designa a *Ordem* pelo nome daquelle em quem do mesmo modo se achão eminentemente as qualidades, que ao Heroe são communs com huma parte sómente dos da mesma Classe: E assim por diante se vai servindo, por huma serie de Antonomasias (§. 394.), do nome de cada hum dos outros para significar a *Familia*, o *Genero*, a *Secção*, e a *Especie* na conformidade da formação destas idéas, cuja theorica expozemos nos §§. 12 e seguintes.

641. Passando agora a considerar, como segundo exemplo, o estado da *Jurisprudencia* relativamente á *Nomenclatura*, e ao *Systema* ; tenho de sentir, que a ordem das precedentes Prelecções me não haja permittido lançar as bases para aqui poder entrar em huma mais circunstanciada exposição da excellencia a que tem chegado esta Sciencia, que o prejuizo vulgar, tão insensata, quanto inutilmente tem pretendido abater. Obrigado pois a differir para mais opportuna occasião o fazer-vos entrar no espirito dos delicados trabalhos, dos Jurisconsultos antigos, e modernos, tanto em Direito Natural, como no Positivo ; farei sómente

neste lugar algumas reflexões, que vos deixem entrever relativamente a esta Sciencia a verdade que me hei proposto recommendar á vossa attenção; a saber: *Que as Sciencias Moraes* (§. 495.) *não cedem em nada ás Sciencias Naturaes em ponto de systema; bem como já observamos, que lhes não cedião em riqueza, nem em perfeição de Nomenclatura.*

642. E com effeito não ha relação nenhuma do homem, quer nós o consideremos isolado, quer o consideremos reunido aos outros homens, que a Jurisprudencia não tenha contemplado debaixo do ponto de vista dos deveres, que elle tem para com o Creador, para comsigo, e para com os seus semelhantes.

Reunido aos outros homens, ei-lo dando origem a varias especies de Sociedades. Todas ellas, não só as qne effectivamente existem, mas até mesmo todas as possiveis, se achão definidas, e classificadas nos emidentes Escriptos de hum sem numero de Politicos antigos, e modernos.

Deveres das Sociedades, humas para com as outras: Deveres de cada hum dos membros de cada huma dellas para com os outros, e para com o todo da mesma Sociedade — nada ficou, que os Jurisconsultos não denominassem, e não reduzissem debaixo de certas, e entre si subordinadas rubricas.

Os fins de cada huma das differentes Sociedades: as funções de cada hum daquelles que as compoem: achão se expostos, e analysados com huma miudeza, e com huma ordem, a que as mais

avançadas de entre as Sciencias Naturaes ainda não poderão chegar.

Com que distincção, e acerto se não achão tratados os deveres relativos á conservação, e á procreação da Especie! ao commercio, e industria: á conservação, ao augmento, á civilisação da Sociedade!

Crimes, e serviços de Cidadão a Cidadão, e do Cidadão para com a Sociedade, estão todos especificados com a mais rigorosa distincção: e pela maior parte denominados com clareza, e propriedade.

Os Governos, que provejão com *Leis* ao bem geral, e mantenhão com premios, e castigos a observancia dellas, podem ser organisados por differentes modos. Todos os conhecidos, e quasi todos os imaginaveis estão descriptos, e comparados.

Toda a ordem do Processo Judicial se acha circunstanciadamente analysada: de modo que para cada hum dos casos contenciosos (cujas Classes, Ordens, &c., até á Especie inclusivamente se achão determinadas) estão marcados quantos passos o réo póde imaginar em sua defeza: quantos o Autor póde desejar para a consecução de seu direito: e quantos em fim o Juiz póde haver mister para sua informação. Cada hum destes passos do Processo tem sua denominação particular: cada hum delles se acha, não direi exactamente definido, porque disso tratarei quando fallarmos do *Methodo* (§. 19.), mas clara e distinctamente extremado pelo uso.

643. Ora sendo os objectos, que neste rapido

quadro vos acabo de apontar, os unicos sobre que versa, e póde versar a Sciencia da Legislação, já podeis inferir com quanta ignorancia, ou má fé tem havido quem a trate de " falsa Sciencia firmada ,, sobre arbitrarios principios, e acabada de redu- ,, zir a hum tenebroso cahos pelas antilogicas con- ,, sequencias, e absurdas hypotheses, ou ficções de ,, Jurisconsultos, mais carregados de huma inutil eru- ,, dição, que esclarecidos por hum critico e philoso- ,, phico discernimento. ,, O que tenho summariamente indicado, e que no decurso destas Prelecções, conforme a ordem das materias o for pedindo, demonstrarei até á evidencia, vos deixa já advertidos de que esta Sciencia, e em geral todas as denominadas Moraes (§. 495.) senão chegarão ainda a toda a sua possivel perfeição em materia de Nomenclatura, excedem muito em riqueza, em regularidade, e em bom senso ás Nomenclaturas das Sciencias Physicas.

644. Quanto a systema já acima apontamos (§. 628.), como as Sciencias Moraes tem tido a felicidade, de nellas se não ter cuidado em classificar antes de denominar, como desgraçadamente aconteceu nas Sciencias Physicas. Combinando a doutrina daquelle §. 628. com a dos que nelle se achão citados, he facil de conhecer, que nas Sciencias Moraes a *Nomenclatura*, e o *Systema* marcharão e marchão necessariamente de frente: de modo que acabada de formar, e reformada a sua Nomenclatura, acharão-se por este simples facto classificados os objectos da Sciencia: e tanto melhor classificados, quanto a Nomenclatura, filha

da analogia, deixava ver as relações dos objectos com todos os que lhe erão analogos; ou o que val o mesmo: acharão-se os objectos das Sciencias Moraes classificados em virtude das suas Nomenclaturas, segundo o Systema Natural (§. 481.): entre tanto que os objectos das Sciencias Physicas, por falta de expressões adequadas, apenas se achão arranjados em Systemas Artificiaes, huns mais defeituosos do que os outros: e todos desfeados por muitas, e inevitaveis inconsequencias (§§. 483. e seg).

645. Não me he desconhecido, nem eu devo passar aqui em silencio, o argumento principal, que os detractores da Jurisprudencia costumão derivar da quasi infinita variedade, e da frequente contradicção de Leis, de usos, de opiniões, e de principios, que se encontrão, não sómente na Legislação das differentes Nações; mas ainda mesmo na de cada huma dellas em particular.

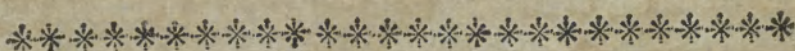
646. Eu já vos fiz em outra parte (§. 633.) a importante advertencia, que he preciso não confundir os erros, nem as disputas dos Sabios com o estado da Sciencia. A massa total de conhecimentos reaes dispersos nos differentes Autores he que fórma a Sciencia. Por isso eu não vos fallei do Corpo do Direito Romano, da Legislação Ingleza, ou de algum outro Codigo particular: eu tenho tratado atégora da Sciencia da Legislação, qual ella se acha tratada na totalidade dos Codigos de todas as Nações, e nas Obras dos Sabios, que escreverão sobre estas materias. Embora variem as Leis das Nações, ou as opiniões dos Sabios, em

quanto humas constituem dever o que as outras passão em silencio, ou caracterisão de crime: isso em nada altera o Systema das rubricas dos deveres, das virtudes, e dos crimes: Huns e outros reconhecem a existencia da Classe, Ordem, Genero, &c., em que se trata de incluir, ou de excluir essa acção, seja como virtude, seja como vicio. Ora a perfeição da Sciencia quanto á Nomenclatura, e ao Systema não diz respeito a verdade de tal ou tal Facto (§. 12.), mas á existencia de taes, ou taes expressões: de taes, ou taes rubricas. Eu não pretendo negar que nos Escriptos dos Sabios, como nos Codigos das Nações, existem *Factos* falsos, *Expressões* absurdas: e *Rubricas* imaginarias. Mas além de que isso tambem se verifica nas Sciencias Naturaes, não se segue que tirado esses Factos, essas Expressões, e essas Rubricas não fique immensa riqueza de outros Factos verdadeiros abundante Nomenclatura: e admiravel introito de Systema.

647. He certo, que se póde fazer sobre esta Sciencia a mesma reflexão que sobre a Ethica vos fiz no §. 497., de que nenhum dos que sobre esta materia escreverão, abraçou o plano de recapilar em hum só corpo, e tratar methodicamente da *Nomenclatura*, e *Systema* da Sciencia.

648. Isto se verá mais claramente na seguinte Prelecção em que espero concluir o começado parallelo das Sciencias, tratando dos dois ultimos elementos dellas a *Theoria*, e o *Methodo*. Mas isto he defeito de Methodo, e não deficiencia, nem da *Nomenclatura*, nem do *Systema*; pois que

bastaria tomar alguem o trabalho de recolher o que existe a ambos estes respeitos, para se ver desde logo esta Sciencia levantar-se do discredito, em que a tem posto a negligencia, e falta de methodo com que sobre ella se tem escripto.

****

PRELECÇÕES PHILOSOPHICAS.

VIGESSIMA PRELECÇÃO.

ASSUMPTO.

§. 649. EQuivocação frequente das palavras *Systema*, e *Theoria*. — §. 650. Razão desta equivocação. Influencia da *Theoria* sobre o *Systema*. — §. 651. Influencia do *Systema* sobre a *Theoria*. — §. 652. Utilidades dos dois §§. precedentes. — §. 653. Deducção daquellas doutrinas. — §. 654. Ordem das probabilidades em materia de Theoria. — §. 655. O que seja *Etiologia*. — §. 656. Se se podem comparar os progressos das Sciencias Theoreticas com os das Historicas. — §. 657. Relação entre os *Systemas de Qualidades*, e os *de Substancias*. — §. 658. Resposta affirmativa á duvida do §. 656. — §. 659. Vantagens das Sciencias Moraes sobre as Sciencias Physicas em ponto de *Methodo* relativamente á *Nomenclatura*. — §. 660. E mesmo relativamente a *Systema*, e á *Theorica*. — §. 661. Tres considerações em quanto á *Theorica*. — §. 662. Que em todas ellas se verificão aquel;

las vantagens. Exemplo. — §. 663. Peculiar excellencia das Mathematicas. — §. 664. Pobreza que dahi mesmo resulta necessariamente á aquellas Sciencias. — §. 665. Remedio em casos particulares. Dois objectos do *Methodo* applicado á *Nomenclatura*. — §. 667. Exemplos tirados da Analyse. — §. 668. Outro exemplo tirado da definição da *Arte da Guerra*. — §. 669. Vantagem das Sciencias Physicas, e Mathematicas sobre as Sciencias Moraes em quanto a definições. — §. 670. Razão desta vantagem. — §. 671. Razão do descuido dos Escriptores das Sciencias Moraes a este mesmo respeito. Exemplo tirado das palavras *Appellação* e *Aggravo*. — 672. Defeitos das definições destas palavras. — §. 673. Lugar que ellas occupão na Rubrica dos Recursos: Perfeição systematica desta Rubrica. — §. 674. Exposição deste systema: Dos *Embargos*, *Appellação*, *Aggravo*, e *Revista*. — §. 675. Conclusão.

VIGESSIMA PRELECÇÃO.

649. HA entre o *Systema*, e a *Theorica* tão estreita affinidade, que frequentemente acontece, não só no trato ordinario, mas até nos Escriptos dos Sabios, o confundirem-se entre si aquelles dois elementos das Sciencias, aliás tão distinctos hum do outro, como pela simples comparação das definições (§§. 15. e 17.) se manifesta.

650. Esta equivocação, de que não será inutil apontarmos a origem, resulta da facilidade com que conhecendo nós a *Theoria* de huma Sciencia, classificamos as qualidades sobre que ella versa, guiados pelas relações que a mesma Theoria nos mostra existirem entre aquellas qualidades, das quaes humas são *effeitos* de certas causas, outras são a *razão* desses effeitos.

651. Por outra parte, obtendo nós distribuidas em hum arrazoado *Systema* as qualidades que constituem huns objectos *agentes*, e outros *pacientes*; nada he tão facil como o conhecer a relação que aquellas mesmas qualidades podem ter entre si, consideradas humas dellas como *effeitos*, outras como *razões* desses effeitos: E por tanto neste caso o possuirmos o *Systema* da Sciencia, vem a ser o mesmo que possuirmos a sua *Theoria*.

652. Esta ultima consideração, ao mesmo tempo que nos mostra o meio de chegarmos com a maior facilidade possivel a formalisar a Theoria de qualquer Sciencia, nos indica o como poderemos me-

lhor comparar o estado de duas differentes Sciencias relativamente a Theoria: que he o ponto em que estamos do começado parallelo entre as denominadas Sciencias Moraes, e as Sciencias Physicas, e Mathematicas.

653. Com effeito como a Theoria em nada mais consiste, senão em assignar a causa, e a razão de hum dado effeito, ou o effeito de huma causa conhecida, e de huma razão dada; e como o concurso de huma mesma causa, e de huma mesma razão produz sempre hum mesmo effeito (§. 93.): hum dado effeito suppõe sempre ter se verificado huma certa, e determinada causa: E em fim razões, e causas semelhantes, tem effeitos semelhantes: e a effeitos semelhantes correspondem sempre razões e causas semelhantes segue-se, que se nos houvermos distribuido systematicamente, por Classes, Ordens, Generos, e Especies, as qualidades que fazem objecto do nosso estudo: e por experiencia soubermos, que huma das qualidades de qualquer destas rubricas costuma ter por effeito certa qualidade da mesma, ou de outra determinada rubrica; será facil o descobrirmos a razão, e a causa de qualquer acontecimento congenere a qualquer daquelles cuja razão, e causa conhecemos; pois he manifesto pelo que acabamos de dizer, que as razões, e causas de effeitos congeneres, são tambem congeneres entre si: e logo conhecendo nós a Classe, Ordem, Genero, &c., da razão, e da causa de hum dado effeito; facilmente acharemos a razão, e a causa de qualquer acontecimento congenere a esse effeito, procurando-a

successivamente naquella mesma Classe, Ordem, Genero, &c.

654. Desta deducção se patentêa, que se o effeito, cuja razão e causa procuramos, só concorda em Classe com aquelle cuja razão, e causa conhecemos; o mais que poderemos dizer he que a razão e causa, que buscamos, ha de ser *huma das muitas* que entrão na Classe daquellas que o são do effeito conhecido. Neste caso a nossa explicação, ou theorica se reputará ainda muito atrazada e imperfeita. Se-lo-ha menos, se conhecendo, além da Classe, a Ordem dos dois effeitos congeneres, podermos determinar do mesmo modo a Classe, e Ordem da razão e causa que buscamos, pela Classe e Ordem daquellas cujo effeito conhecemos com este mesmo grão de especificação. Isto que acabo de expender sobre as duas primeiras rubricas do Systema (a Classe, e a Ordem) se verifica de todas as outras (Secção, Genero, Especie, &c.): de modo que quantas mais de entre ellas conhecermos relativamente á razão e causa de hum de dois effeitos congeneres, tanto melhor determinaremos a razão e causa do outro, que constituem o objecto das nossas indagações.

655. A doutrina que acabamos de expender nos dois §§. precedentes combinada com a dos §§. 216. e seguintes: depois de fazermos applicação delles inversamente, isto he: das razões e causas para os effeitos, na maneira em que a deduzimos dos effeitos para as causas e razões; constitue a Sciencia de todas e quaesquer Theoricas, e tem sido designada por alguns Escriptores com

o nome de *Etiologia*, que quer dizer Exposição das razões, causas, e effeitos respectivos.

656. Estes mesmos principios são aquelles, que nos podem conduzir a hum resultado positivo sobre a questão que hiamos tratando do parallelo entre as Sciencias relativamente á Theoria. Mas da analyse, que acabamos de fazer das nossas idéas em ponto de Theoria, parece que o objecto das nossas indagações; isto he o parallelo das Sciencias só póde ter lugar entre as Sciencias Theoreticas (§. 509.), tanto Moraes, como Physicas, e de nenhum modo entre ellas, e as Sciencias Historicas.

657. Com tudo, se reflectirmos sobre o modo porque nos §§. 653. e seguintes observámos, que o nosso espirito procede na formação de qualquer Theorica; inferiremos, que de duas Sciencias será mais adiantada em Theoria, aquella, que possuir hum mais perfeito *Systema das Qualidades*, cujas relações constituem a *Etiologia* propria dessa mesma Sciencia: ou para sermos ainda mais exactos nas nossas expressões, reconhecermos, que as Sciencias Theoreticas, propriamente fallando, nada mais são do que *Systemas de Qualidades*: á differença das Sciencias Historicas, que ou sejão Physicas ou Moraes, se podem rigorosamente chamar *Systemas de Substancias*, (§. 623).

658. Logo fica reduzida a investigação a compararmos o gráo de perfeição dos Systemas proprios de cada huma das Sciencias, cujo parallelo havemos emprendido: E como sempre póde ter lugar o perguntar-se, se hum dado *Systema de Qua-*

lidades tem chegado a maior grão de perfeição do que outro dado *Systema de Substancias*; segue-se que a respeito deste quarto elemento das Sciencias, não menos que a respeito dos tres precedentes, póde, e deve proceder a comparação entre as Sciencias, tanto Historicas, como Theoreticas.

659. Mas desta mesma consideração se segue que este ponto já se acha discutido na XVI. e XIX Prelecções, quando no parallelo das Sciencias relativamente a Systema depois de havermos expendido nos §§. 545. e seg. o que nos occorreu sobre o estado actual dos Systemas em Sciencias Physicas, mostrámos nos §§. 629. e seg. o estado actual das Sciencias Moraes a este mesmo respeito: e nos §§. 643. e seg. deduzimos a grande vantagem que estas levavão á aquellas: tanto porque nas Sciencias Moraes os objectos se achão distribuidos em *Systemas Naturaes*, incontestavelmente superiores aos Artificiaes por mais imaginados que estes sejão (§. 619.): como porque nas Sciencias Physicas huma estreitissima e quasi sempre mal atilada Nomenclatura não permittia a seus Autores, por mais extraordinaria que fosse a sublimidade de suas concepções, o dar-lhes todo aquelle desenvolvimento de que ellas erão suceptiveis: entre tanto que nas Sciencias Moraes huma incomparavelmente mais vasta, e circunstanciada Nomenclatura, he hum certo e incontestavel argumento de que as correspondentes idéas se achão analysadas, e ordenadas com tão bom arranjo, que nem as expressões especificas se confundem com as genericas, nem com outras nenhumas igualmente especificas como ellas.

As expressões genericas são por sua natureza tão distinctas, entre si, e das especificas a ellas subordinadas, que só por negligencia de quem falla, ou de quem escuta, he que póde haver e ha equivocações, quer sejão casuaes, quer voluntarias (§§. 580. e 648.

660. Como pois seja o mesmo confessarmos, que ha ordem nas expressões idéas que consta qualquer Sciencia, ou dizermos que ellas se achão arranjadas conforme a natural relação de humas com as outras: e isso he o que dissemos ser Systema (§. 606,) segue-se que as Sciencias Moraes, onde aquella distincção, ordem, arranjo, ou se se prefere chamar-lhe *Systema* das idéas, e expressões proprias de cada huma, levão tanta vantagem á que neste mesmo ponto se observa nas Sciencias Naturaes, estão por isso mesmo muito mais adiantadas em ponto de *Theoria.*

661. Sendo porém tres os respeitos, debaixo dos quaes huma Theoria póde levar vantagem a outra, a saber: pelo numero de casos que ella resolve: pela facilidade: e pela certeza com que os resolve; com razão se nos póde perguntar, em qual destes tres sentidos he que a Theoria se acha mais adiantada nas Sciencias Moraes do que nas Physicas. Eu respondo que em todos tres: e creio que não he difficil o mostra-lo, tanto pela simples applicação dos principios expostos, como por via de incontestaveis exemplos. Eu seguirei este ultimo methodo, não só porque desse modo ficará mais clara a doutrina precedente, mas por-

que seria fastidiosa repetição o applicar aquelles principios á considerações individuaes.

662. Nós já tocamos nesta materia no §. 525. onde comparando os *principios* das Sciencias Moraes Hypotheticas ás *formulas* da Mathematica, observamos que não sómente são muito mais numerosos os usos que no trato de vida estamos quotidianamente fazendo daquelles principios; mas que até mesmo as consequencias, que delles inferimos, são muito mais faceis de deduzir, e deixão em nós hum assenso de persuasão, e de certeza, de que não são susceptiveis pela maior parte as conclusões praticas da applicação da Mathematica ás Sciencias Physicas, taes como a Astronomia, e a Mechanica.

663. Notai, Senhores, que eu não pretendo negar ás Mathematicas a preferencia sobre as Sciencias Moraes, naquelles casos em que he possivel exprimir em Linguagem geometrica ou algebrica os phenomenos, a que se trata de fazer applicação das formulas abstractas da Sciencia. Antes, como judiciosamente dizia hum grande Mathematico, nada demonstra tão convincentemente a excellencia da Analyse, como a admiravel justeza dos resultados da sua applicação á Mechanica, e particularmente á Astronomia. Assim muito de proposito me limitei a affirmar que as formulas das Sciencias Moraes são mais abundantes e não menos certas em applicações praticas, do que as das Mathematicas: o que, como he evidente, em nada se oppõe a que nos casos, em que as formulas Mathematicas são applicaveis á pratica,

esta applicação seja, como na verdade he, tanto mais simples e luminosa, quanto a Linguagem das Mathematicas he mais simples, e por tanto menos subjeita a equivocos, que a das Sciencias Moraes.

664. Mas quanto a Linguagem das Mathematicas he simples, tanto he pobre e limitada. He simples e admiravel quando se considera que huma letra, hum algarismo, huma linha, huma aspa, huma cruz, &c. &c., equivalem a longas phrases. Mas por isso mesmo he por extremo pobre e acanhada; porque apenas se trata de phenomenos hum pouco mais complicados, vê-se o Mathematico na alternativa de complicar as expressões; e destruir por esse modo toda a vantagem da Nomenclatura: ou de não attender no phenomeno que se trata de explicar, senão a hum pequeno numero de circunstancias; e então acontece que afinal o resultado dos seus calculos, posto que deduzido com todo o rigor da arte, não fica sendo de nenhuma utilidade nos usos praticos da applicação a phenomenos da Natureza.

665. O remedio a esta extrema falta de expressões em Mathematica, he tanto mais difficil, quanto he generalissima, e exclusiva de toda excepção a regra que a Linguagem daquellas Sciencias não póde ser enriquecida com outra nenhuma especie de expressões que não sejão analogas ás que actualmente existem.

665. Homens que presumião de Mathematicos, porque tinhão talvez adquirido a facilidade de calcular, entenderão que á falta de expressões

analyticas bastava usar de phrases, e de comparações tiradas das Linguas vulgares: mas com isso não fizerão mais do que tornar escura, e tenebrosa a Sciencia, que elles pertendião dilatar: como se dilatar as Sciencias podesse ser obra de talentos vulgares! José Anastacio da Cunha, Francisco Simões Margiochi, entre nós (por não fallar nos Estrangeiros, cujos nomes são sobejamente conhecidos): bem como todos, quantos de algum modo concorrerão aos verdadeiros progressos da Sciencia, começarão por inventar expressões analyticas para os casos, em que achavão a Nomenclatura em defeito: ou proscrevendo da Sciencia definições concebidas em Linguagem metaphysica, lhes substituirão outras exprimidas em termos puramente analyticos. Comparem-se as Obras de ambos aquelles nossos dois illustres compatriotas com o que sobre as mesmas materias escreverão outros, tanto Nacionaes, como Estrangeiros; e qualquer se achará em estado de julgar, que a grande superioridade que os eleva sobre todos, deriva unicamente do talento genial, com que souberão applicar hum ou outro, e muitas vezes ambos estes dois expedientes.

666. O segundo de entre elles já nós recommendámos em outra parte, como hum requisito para qualquer boa definição (§. 271.). Mas agora que de proposito tratamos do *Methodo*, como elemento geral das Sciencias; cumpre repetirmos, que de todos os preceitos em materia de *Methodo*, nenhum he tão importante, como o de bem definir: e sobre tudo, já que definir he enumerar as idéas, que em commum ajuntão á expressão, que se

define, aquelles que della se servem em caso semelhante ao de que se trata, he preciso; 1.º fixar qual seja o caso de que se trata (§§. 371. e seg.): 2.º escolher na enumeração das idéas, que essa expressão representa, a ordem e maneira que depois nos facilite o deduzirmos o maior numero possivel de consequencias scientificas (§§. 365. 604).

667. He em attenção ao primeiro destes dois corollarios, que o nosso insigne José Anastacio da Cunha, tendo de definir *Potencia*, não seguio o trilho dos seus Predecessores, dizendo ser a quantidade multiplicada por si, ou pelo seu igual, hum certo numero de vezes; mas em lugar desta insulsa, e em muitos casos absurda definição, deu outra toda analytica, e de magestosa elegancia, que podereis ver nos seus Elementos. Em vez da metaphysica, e esteril definição de *Differencial* por via dos incomprehensiveis infinitessimos da Escola Wolfiana: ou por via da estranha idéa dos incrementos da Escola Anglicana; o nosso grande Mestre dá de hum golpe as definiçoes de *Fluxão*, e de *Fluente* com a mais luminosa generalidade e com idéas todas filhas da Analyse.

668. Já da comparação, que fiz em outra parte (§. 367.) da Definição que o mesmo Mathematico nos dá da Linha recta, com a que nos dera Euclides, deduzimos nós a importante observação que acabo de repetir-vos, de que em ponto de Methodo não he indifferente enunciar por este, ou por aquelle modo as mesmas idéas, ao dar de huma definição. Mas para com hum exemplo mais trivial vos mostrar quanto esta escolha, e cri-

terio na factura das definições póde influir no modo de tratar as Sciencias; vos peço, que observeis comigo a grande differença que faz se definirmos a *Arte da Guerra*, como todos a definem, a *Arte de destruir as forças do Inimigo*: ou se a definirmos, como eu a defino, a *Arte de paralysar as forças do Inimigo*. Ambas as definições são iguaes: ambas enumerão as mesmas idéas. *Paralysar* he synonymo de *destruir*. Mas para destruir, nem sempre he precisa *Tactica*. Numero, e rapidez; são os elementos da *Arte de destruir*. Tactica e valor, são os da *Arte de paralysar*. Esta foi a que fez Grande a Frederico; por aquella Napoleão apenas pôde grangear o epitheto de extraordinario. Os recursos do Inimigo não são tão isolados, que a sua destruição não acarrete comsigo, cedo ou tarde, a ruina dos nossos proprios recursos. Nunca a paz he tão estavel, nem tão glorioso o triumpho, como quando he devido á superioridade da Tactica do vencedor: e não á absoluta prostração das forças do vencido. Já se vê pois quão differentes devem ser os preceitos, e o tratado da Arte da Guerra, partindo da nossa definição, ou partindo da definição vulgar. A mesma reflexão se poderia fazer discorrendo pela maior parte das Sciencias.

669. Isto mesmo apontamos nós de passagem no §. 547., em que fallando das Sciencias Naturaes, allegamos com varios exemplos tirados da Botanica, os quaes manifestavão o grande descuido que geralmente tem havido em se definirem exactamente as expressões mais importantes da Sciencia. Mas ha entre as Sciencias Physicas, e as

Moraes a notavel differença, que nestas ultimas as palavras são ainda menos bem definidas do que nas primeiras, mas são melhor entendidas. São melhor entendidas, e subjeitas a menos equivocações, porque, geralmente fallando, os homens no trato ordinario não poem nomes distinctos, senão a cousas entre si muito distinctas: entre tanto que os Autores das Nomenclaturas das Sciencias Naturaes a cada pequena e meúdissima differença de objectos quizerão assignar sua particular denominação; porém como na pratica as mais das vezes estas meúdas differenças passão a ser invisiveis, seguio-se confundirem-se as denominações e os objectos.

670. Os Naturalistas justamente receosos de taes equivocações, assentarão de preveni-las definindo com toda a exactidão, que lhes fosse possivel, aquellas expressões. Mas humas vezes descuidarão-se, e as suas definições sahirão tão defeituosas, que mais servem de torpeço que de auxilio na indagação da verdade. Outras vezes vacillando em principios forão deduzir aquellas definições de idéas absolutamente estranhas ao caso de que se tratava: E por isso o que talvez seria bom para outro caso, ficou sem utilidade naquelle que se pretendia aclarar. Outras vezes emfim, dando as expressões por muito claras, omittirão defini-las; não advertindo aquelles Sabios, que taes palavras sim são claras no sentido vulgar; mas que passando para a Sciencia não conservão a mesma significação, que tem no uso commum: e que por tanto a sua mesma

clareza lhes serve de confusão ; porque o ouvinte as toma naturalmente naquelle sentido que lhe he mais usual, isto he, no sentido vulgar, e não no da Sciencia, como era a mente do Sabio que a emprega (§. 577. e seg.).

671. Entre tanto deve-se confessar, que a pezar destes defeitos, as Sciencias Naturaes tem procedido com mais methodo do que as Moraes; por isso mesmo que não se desviando nestas as palavras do uso commum, senão pouco, e raras vezes, como que se julgou desnecessario definir o que todos entendião. Mas he certo que em materia de Sciencia, onde até se deve evitar o perigo de errar, he este hum grande defeito; pois embora tenhão as Sciencias Moraes sobre as Physicas a vantagem de serem menos subjeitas a equivocações, pelos motivos que no §. 669. ficão ponderados; basta que ellas o sejão algumas vezes, para se dever acautelar com boas definições. E para que os apaixonados das Sciencias Moraes (que em toda a parte ha homens parciaes, e exclusivos) se não queixem de que eu as argûo com menos fundamento, tomarei ao acaso duas expressões das mais usuaes do Foro, e das quaes os Escriptores, ou tem julgado inutil o dar definição, ou as tem dado indistinctas e defeituosas. Quero fallar das palavras *Appellação*, e *Aggravo ordinario*. O Autor que sobre estas materias entre nós tem escripto com mais erudição e methodo (o Doutor Joaquim José Caetano Pereira e Sousa) diz que = *Appellação he a provocação interposta pela Parte vencida, do Juiz Inferior, de menor graduação, para o Supe-*

rior legitimo. = E definindo o *Aggravo ordinario*, diz ser, *o Recurso pelo qual se provoca para Superior legitimo das sentenças definitivas dos Magistrados de maior graduação.*

672. Confrontando nós estas duas definições huma com a outra, parece que não ha entre *Appellação* e *Aggravo ordinario* outra distincção, senão a da graduação do Juiz, de cuja sentença se appella: chamando-se lhe Appellação quando elle he de certa graduação: e chamando-se-lhe *Aggravo*, logo que a graduação do Juiz he superior á de aquelloutros. Mas bem se vê que esta distincção seria de sua natureza tão insignificante, e destituida de toda a utilidade, que não valeria certamente a pena de se criarem expressões, para se distinguirem os dois casos hum do outro.

673. E na verdade, se consultarmos o uso que os Jurisconsultos fazem daquellas duas expressões, pouca reflexão nos he precisa para reconhecermos, que quando se servem da palavra *Aggravo*, evitando mui cuidadosamente servirem-se da de *Appellação*, o seu intento he de maior importancia do que o distinguirem a graduação particular do Juiz, de que se recorre. E fazendo mais serio reparo no uso de ambas aquellas expressões de *Appellação* e *Aggravo*, achamos, que ellas juntas com as outras duas de *Embargos* e *Revista*, classificão quatro distinctas especies de *Recursos*: que justificão o elogio que no §. 644. faziamos á Jurisprudencia, de que nella tem chegado a analyse a reduzir em systema os objectos da Sciencia, com huma exactidão, e miudeza de que

difficilmente se achará exemplo nas mais adiantadas das Sciencias Naturaes; porque nestas estão, quando muito, dispostos em hum systema artificial e arbitrario, sempre de sua natureza imperfeito, os objectos, que a experiencia tem feito conhecer aos Sabios, que professão essas Sciencias. Mas na da Legislação poucas são as rubricas que senão achem completas; quero dizer, em que se não achem arranjados em systema natural todos os objectos a ellas respectivos: e não só todos os conhecidos pela pratica do Foro, nesta ou naquella Nação, mas até mesmo quasi todos, quantos o humano entendimento póde descobrir como possiveis.

Desta verdade, digo, fazem fé na rubrica dos *Recursos* as quatro mencionadas expressões *Embargos*, *Aggravo*, *Appellação*, e *Revista*; pois que nellas se contém as principaes especies de Recursos.

674. Dada a sentença por qualquer Juiz, e julgando-se huma das Partes lesada por ella em seu direito, não póde recorrer, senão a melhor conselho do mesmo Juiz, ou ao exame e julgamento de outro: E este outro, ou he de franco, e livre accesso á Parte lesada: ou esta precisa de provar certos requisitos, para se lhe conceder esse Recurso.

A cada hum destes tres casos se tem dado seu nome particular; a saber, de *Embargos* ao primeiro: de *Revista* ao terceiro: e quanto ao segundo, ora se lhe dá o de *Appellação*, ora o de *Aggravo*. Dá-se-lhe o nome de *Appellação* quando aquelle Recurso produz tódo o effeito de inhibi-

ção que lhe he proprio, não sómente suspendendo toda á autoridade do Juiz, desde o momento da sua interposição, e por todo o tempo que possa durar a contestação na superior instancia; mas até autorisando o Juiz do recurso a tomar conhecimento da causa em todas as suas partes, como se nunca tivesse sido julgada.

Quando porém o Juiz pela preeminencia do cargo que occupa, tem a seu favor a bem fundada presumpção de que o seu julgado assenta sobre conhecimentos não vulgares, fructo de huma consummada experiencia; ou quando pela natureza dos negocios, he menor a necessidade do Recurso, do que o perigo das Partes abusarem delle; nestes casos julgou sabiamente o Legislador, que cumpria coarctar os effeitos da inhibição do Juizo, donde se recorre; já permittindo depois da interposição do recurso varios termos de processo alli mesmo, taes como a extracção da sentença: já difficultando com o pagamento de gabellas, e hypotheca, ou fiança ao julgado, a suspensão desta: já fixando hum termo maximo (seis mezes) á aquella mesma suspensão: já limitando (a dois mezes, quando muito) a atempação do recurso (que he de seis mezes na Appellação): já restringindo muito particularmente ao preciso objeto de lesão, apontado pela Parte recorrente, o conhecimento da superior instancia: e já em fim contemplando nesta superior instancia o voto do Juiz de quem se ha recorrido, logo que alli se achem dois conformes com elle.

Ora a este Recurso tão singularmenre coar-

ctado tem-se dado o nome de *Aggravo ordinario.*

675. Fica logo provado neste exemplo, como nas Sciencias Moraes, e determinadamente na Jurisprudencia, a analyse, e classificação natural dos objectos da Sciencia existe nos Escriptos dos Sabios: e que para lhes dar a fórma systematica, que ostentão as Sciencias Naturaes, não he preciso mais do que compulsar aquelles Escriptos, e dispor os objectos nelles especificados conforme as relações que se deduzirem da combinação das differentes phrases em que taes objectos figurão. Estas phrases dando-nos, pelo exposto nos §§. 35, e seguintes, as definições de cada huma das expressões da Sciencia: dando-nos huma bem definida, e bem determinada Nomenclatura, nos habilita para collocarmos em seus respectivos lugares os objectos com distincção: e os enunciarmos com clareza.

Mas o que fica dito bastará, por ora quanto ao *Methodo* em ponto de *Nomenclatura.* Na seguinte Prelecção trataremos do *Methodo* em ponto de *Systema.*

PRELECÇÕES PHILOSOPHICAS.

VIGESSIMA PRIMEIRA PRELECÇÃO.

ASSUMPTO.

Categorias de Aristoteles. Aphorismos IX. XIII.

§. 676. COmo nestes Aphorismos se contém a *Theoria dos Systemas.* — §. 677. Que o nono Aphorismo previne contra o *excesso de generalisar.* O que sejão *Variedades* — §. 678. Do decimo Aphorismo considerado como a chave de todos os Systemas. — §. 679. Obstaculos á sua observancia nos Systemas Artificiaes. — §. 680. Que ha com tudo remedios que os minorem. — §. 681. Summario daquelles obstaculos. — §. 682. Como se póde evitar o primeiro de entre elles. Defeito do Systema Linneano, e outros a este respeito. — §. 683. Gravidade do segundo defeito; posto que seja grande a utilidade dos *caracteres* tanto *raros* como *intrinsecos*: em que ella consista. — §. 684. Ideal de hum bom Systema. O que seja *Habito externo.* — §. 685. Em que consista a principal

utilidade dos Systemas Artificiaes. — §. 686. Necessidade de recorrer sempre ao Habito externo. — §. 687. O que constitua o *caracter natural*. Subordinação da *Diagnose* a *Exegese*. — §. 688. Que a impossibilidade de fazer os Systemas Artificiaes exegeticos, não mostra que seja impossivel fazer com que os Naturaes, e Exegeticos sejão diagnosticos. Exemplo tirado da Conchiologia de Adanson. — §. 689. Como este exemplo mostra a necessidade da doutrina contida no §. 627. sobre a limitação do objecto do Systema. — §. 690. Exposição desta pratica. Primeiro methodo. — §. 691. Segundo methodo. — §. 692. Vantagens deste segundo methodo. — §. 693. Modo de ser a execução. — §. 694. Exemplo tirado da Zoologia. — §. 695. Comparação com o primeiro methodo. — §. 696. Incoherencias dos Zoologistas, e mais Systematicos, na execução do mesmo primeiro methodo.

VIGESSIMA PRIMEIRA PRELECÇÃO.

676. PRopondo-me tratar nesta Prelecção do *Methodo* que cumpre observar na redacção de qualquer Systema, não posso deixar de tributar a Aristoteles a homenagem de reconhecer, que nos Aphorismos immediatos aos oito, que em outras Prelecções temos analysado das suas Categorias, se contém sobre a *Theoria dos Systemas*, de que vamos a tratar, tudo quanto as luzes da moderna Philosophia talvez presumirião ter descuberto, se as obras immortaes daquelle insigne Luminar da Grecia não estivessem, ha tantos seculos, abertas á meditação, e ensino do Universo.

677. Continuando pois na exposição do mencionado Tratado das Categorias, devo notar-vos que ainda que o nono Aphorismo não contenha doutrina muito profunda, não deixa com tudo de ser interessante; porque completa quanto sobre Systemas se póde desejar, pois acautela hum erro, em que não poucas vezes se cahe de se generalisarem as idéas, que sendo individuaes, não pódem de nenhum modo servir, nem mesmo para caracteres de Especie. Isto he o que substancialmente previne o nono Aphorismo, advertindo-nos, que quando huma expressão designa qualquer objecto individual, nunca se deve contar no numero das expressões categoricas; pois que ou designa alguma particular substancia, ou alguma qualidade individual. Da qual observação se segue, que quando nós

occupados em reduzir a Systema os objectos de qualquer Sciencia [trabalho que coincide com o de classificar as expressões, pelas quaes esses mesmos objectos se denominão (§. 325.)] encontrarmos destas expressões individuaes, as devemos desde logo capitular de *Nomes de Individuos*, ou de *Caracteres Individuaes* (§. 12.): pondo particular cuidado em as não confundirmos com os *Caracteres especificos* (§. 15.), e nem mesmo com os das *Variedades*; porque estas só differem das Especies em serem os seus *caracteres* qualidades *accidentaes*, e não *essenciaes*: entre tanto que o *caracter Individual*, sem ser essencial á *Especie*, he o ao *Individuo* (§. 398.).

678. O decimo Aphorismo contém a chave de todos os systemas: e he de tão essencial doutrina, que não se póde allegar razão alguma que dispense ao Systematico da sua rigorosa observancia. Por quanto dizer-se de qualquer objecto, que elle pertence a huma certa rubrica, ou categoria (quer seja Classe, Ordem, Genero, ou Especie, &c), he dizer que elle tem as qualidades que constituem o caracter dessa mesma rubrica, e que pelo nome della se designão. Seria logo absurda contradicção o asseverar isto de hum objecto que não contivesse todas aquellas qualidades. Huma só, que lhe faltasasse, tornaria falsa a asserção. Com tudo a pezar de este erro ser palpavel e grosseiro, temos visto nos §§. 484, e seg., que nelle tem cahido não poucas vezes engenhos da mais alta jerarchia: Mas isso não diminue o absurdo do erro,

nem serve de justificação á aquelles, que a seu exemplo o commetterem.

679. Não deve porém esquecer o que dissemos no §. 483. e seg. sobre a impossibilidade de organisar systemas artificiaes perfeitos, e exemptos do vicio que acabamos de ponderar; pois que, como alli mesmo observamos, he forçoso vir a cahir nelle por algum dos tres modos, que alli ficão mencionados. O erro consiste em se haver emprendido huma cousa impossivel, qual he a de fazer entrar todos os objectos de qualquer Sciencia dentro de hum certo, e mui limitado numero de rubricas: ao mesmo tempo que sendo geral na Natureza a lei das transições graduaes, de que fallamos no §. 413., he forçoso que entre rubrica e rubrica se achem objectos, que não tem mais razão de se incluirem em huma, do que em outra: objectos que em nenhuma dellas podem ser incluidos, e que por conseguinte vão fazendo apparecer sempre novas rubricas, além das que o Systematico se havia proposto fazer entrar no seu systema: de modo que a final he tal a multiplicidade das rubricas, que o systema se torna confuso, e perde a desejada qualidade de *diagnostico* (§. 492.), sem adquirir a de *exegetico* (§. 488.), que he incompativel com a de *artificial* (§. 483.).

680. Por tanto sem negar aos systemas artificiaes o merecimento, que lhes compete (e que nós mesmos temos propugnado no §. 487. e seg.) de facilitarem *muito* a *diagnose* dos objectos; não podemos deixar de reconhecer os defeitos, que delles são inseparaveis, e que ficão ponderados em

summa nos §§. 483. e seg. Por isso neste lugar em que tratamos do *Methodo das Sciencias* em ponto de *systema*, he de meu dever o apontar vos os remedios, com que no meu particular modo de pensar se póde occorrer a aquelles inconvenientes, e defeitos, que reputo inseparaveis dos systemas artificiaes.

681. São aquelles inconvenientes, quanto me póde agóra lembrar, os seguintes 1.º Tirarem-se os caracteres de qualidades, que se não podem conhecer as mais das vezes (§. 372.): ou 2.º para cujo conhecimento se faz preciso destruir, ou dissecar o objecto que se quer capitular (§. ibid.) — 3.º Metterem-se em huma rubrica objectos, que sim tem qualidades communs com todos, ou com a maior parte dos que entrão nessa rubrica, mas sem que essas qualidades sejão as escolhidas para caracter daquella mesma rubrica (§. 483.). — 4.º Multiplicarem-se as Especies, que não entrão em nenhum dos Generos estabelecidos (§. 484.): e em fim 5.º Generos que não entrão em nenhuma das Ordens, &c. (§. 485.).

682. O primeiro destes inconvenientes, posto que não seja o maior, que se encontre nos systemas, com tudo póde-se, e deve-se sempre evitar; porque além de não haver em nenhum dos tres reinos da Natureza objectos em que seja indispensavel recorrer-se a semelhantes caracteres, elles repugnão com o fim dos systemas diagnosticos; pois que nestes se não trata menos de conhecer facilmente, do que de conhecer os objectos que se apresentão á nossa observação. Assim de-

baixo deste ponto de vista são tão defeituosos os systemas de Botanica, que derivão os seus caracteres dos orgãos da fecundação, como os que os derivão dos fructos; pois que he preciso esperar por huma certa epoca da planta, para a podermos reduzir. Peiores porém são ainda os systemas, que fazem depender a diagnose de dois, ou mais caracteres, cada hum dos quaes se verifica em differente epoca.

683. Com mais razão são dignos de censura aquelles, que exigem a dissecação ou destruição do objecto, que se trata de classificar. He certo que este expediente he indispensavel em Chimica, como a simples enunciação da palavra está dizendo (§. 160.). Mas em todas as outras Sciencias (seja no estudo das substancias animaes, seja no dos Vegetaes, ou mesmo no dos Mineraes) este recurso he absolutamente escusado, além de ser pela maior parte inutil, pela impossibilidade que existe as mais das vezes de taes dissecções, ou analyses dos objectos, que queremos reduzir. Isto não he dizer que depois de assentados os caracteres distinctivos, e em todo tempo faceis de reconhecer, não seja mui conveniente accrescentar estoutros caractereres menos frequentes; pois muito pelo contrario os reputo de grande soccorro, sempre que for possivel observa-los. Mas ha grande differença entre serem uteis, e mesmo muito uteis, e o serem proprios para servirem de base aos caracteres do systema.

684. *Quaes serião pois*, me perguntará alguem, *os caracteres que vós escolherieis, por exemplo,*

em Botanica, e nos quaes se não verificasse esse mesmo defeito? Respondo: Quando hum Botanico experimentado lança os olhos sobre hum taboleiro matisado de grande variedade de plantas: e de notavel distancia, sem lhes examinar nem as flores, nem os fructos, nomeia, e especifica a cada huma dellas, foi certamente a vista de certos caracteres, que não são os do systema, quem o conduzio com segurança a reconhecer as plantas que nomeia. O mesmo acontece nos outros dois reinos da Historia Natural. Em tal caso costuma-se dizer, que o Naturalista reduzio o objecto, de que se trata, pela inspecção do *Habito externo.* Mas esse *Habito externo* não he nada mais do que o complexo de certos caracteres mais permanentes, posto que talvez mais difficeis de definir com palavras, do que os que se tem adoptado para base dos systemas artificiaes: e logo são esses mesmos caracteres, que os Naturalistas deverião esforçar-se por definir, e extremar, para sobre elles assentarem os seus systemas. Não he que eu não reconheça a difficuldade da empreza; porque quando por mim mesmo não tivesse entrado neste conhecimento, bastaria o saber quanto hão sido frustrados os esforços de grandes Homens, que tem feito algumas tentativas neste mesmo sentido, que eu proponho. Mas ninguem haverá que por ser difficil a empreza, negue dever-se ella tentar, quando aliás se reconheça, e confesse que he util. Alem de que na Conchiologia de Adanson posso offerecer hum exemplo, posto que em esboço, tanto da idéa, e methodo que recommendo, como

da possibilidade, e até quasi direi facilidade da sua execução.

685. Sendo porém a minha divisa em pontos de opinião a imparcialidade, devo reconhecer, e defender contra os exclusivos a utilidade, que já em out a parte (§§. 487. e seg.) confessei existir em maior ou menor gráo nos systemas artificiaes, que conhecemos. Alli vos fiz eu ver o como pela collecção de hum pequeno numero de *qualidades capitaes*, os Autores de systemas, nos conduzem pela mão a través da immensa multidão de objectos, em direitura á aquelle que nos cumpre conhecer, e capitular, deixando para assim dizer a hum, e outro lado todos os que só servirião de confundir-nos, se os tomassemos em consideração, para virmos a achar aquelle que procuramos. Porém esta utilidade (que não he certamente para desprezar) não he com tudo, na minha opinião, a que torna mais recommendaveis aquelles systemas; pois que he assás minorado pelos defeitos, que no §. 681. acabamos de mencionar. A verdadeira utilidade dos systemas artificiaes, Senhores, consiste em que ao passo que nos occupamos na investigação dos caracteres, sobre que elles se fundão, se imprimem necessariamente no nosso animo aquelles que a Sciencia não tem definido, nem denominado; posto que o seu complexo constitue o chamado *Habito externo*, que huma vez conhecido, nos faz distinguir seguramente o objecto entre os demais que o rodeião: sem depois precisarmos de recorrer a pesquisar, se elle tem ou não os caracteres artificiaes, que de facto nos servirão, como

de introductores, para virmos por intuição no conhecimento daquelles caracteres não descriptos.

686. Mas o que sobre tudo prova a importancia destes caracteres, cujo complexo dissemos, que constitue o Habito externo, he que nas mesmas descripções dos systemas artificiaes, he impossivel as mais das vezes o deixar de recorrer a elle para determinar as especies: entre tanto que o Naturalista huma vez senhor daquelle *Habito*, raramente precisa de se assegurar da existencia dos caracteres artificiaes, para com certeza poder reduzir, e classificar qualquer objecto.

687. A verdade porém he, que a reunião de esses *caracteres*, tanto *artificiaes*, como de *Habito externo*, são os que constituem o *caracter natural*: e que por tanto sendo sempre os do *Habito externo* em maior numero; quanto o systema se encostasse mais a este *Habito*, tanto se approxamaria mais de hum *systema natural* (§. 481.): Por onde o desejo, que no §. 683. temos enunciado, se reduz propriamente, a que qualquer Sciencia se approximará tanto mais da sua perfeição, em ponto de systema, quanto os objectos della dispostos naquella *ordem*, que se chama *natural*, offerecerem mediante algum artificio, faceis meios para a sua diagnose.

688. No §. 490. deixamos referido, como o meio de que lançárão mão os Autores dos *systemas artificiaes*, que nos são conhecidos, para facilitar a diagnose, foi de comporem os caracteres de classe, ordem, &c., de hum pequeno numero daquellas qualidades que denominámos *capitaes*:

porém já nos §§. 483. e seguintes tinhamos mostrado os graves, e inevitaveis inconvenientes que comsigo trazia aquelle artificio. Assim que está provado por huma reiterada experiencia ser inutil a tentativa de fazer com que os *systemas artificiaes diagnosticos* sejão ao mesmo tempo *naturaes*, e *exegeticos*. Mas nem por isso está demonstrado, que haja repugnancia em se organisar hum *systema natural*, e *exegetico* arranjado com tal artificio, que seja ao mesmo *diagnostico*. Tanto para exemplificar esta minha idéa, como para mostrar a possibilidade da sua execução, vos remetto novamente ao *Systema das Conchas do Senegal*, que Adanson ajuntou no fim da sua *Viagem do Senegal*. Este Sabio he verdade que não tomou, como eu aqui recommendo, para formar os seus caracteres o complexo de todas as qualidades, que constituem o *Habito externo*: mas tomou o complexo de todas as que principalmente se contemplão em semelhante estudo: e por meio da disposição engenhosa que adoptou, e de que só consultando a mesma Obra podereis ter idéa clara, conseguio fazer que hum *systema natural*, *e exegetico* reunisse em grão pouco ordinario a preciosa qualidade de ser ao mesmo tempo *diagnostico*. Devo repetir-vos que cito este exemplo, não como calcado sobre o plano, que vos tenho traçado de hum *systema* perfeitamente *natorul*, *exegetico*, e ao mesmo tempo *diagnostico* em supremo grão. Eu cito-o somente, como aquelle que a pezar de seus defeitos, cuja analyse seria aqui fóra de lugar,

mais se approxima do ideal que vos tenho dado de hum bom systema.

689. Mas huma reflexão que aquella Obra me suscita neste momento, e que a pezar do muito que nesta materia me tenho demorado, não devo passar em silencio, he que Adanson teve certamente em vista a regra que no §. 627. vos dei para a confecção dos *systemas naturaes*: ou para melhor dizer: sendo por sua natureza muito limitado, e extremado por linhas de separação muito visiveis o numero de objectos que tinha de classificar, achou-se collocado na posição vantajosa que eu no citado §. 627. vos recommendei, que procurasseis assentar antes de emprender classificar quaesquer objectos. Por quanto o que Adanson, para assim dizer, achava feito pelo limitado campo da materia sobre que trabalhava, he sempre possivel por mais vasta que seja aquella, que vos propuzerdes reduzir a systema. Por mais vasta que seja a materia que tendes de tratar, os objectos que nella se comprehendem, differem huns dos outros, tanto mais, quanto he maior a distancia que pela vastidão da materia existe entre elles: por maneira que aos olhos do homem vulgar, os objectos collocados nos extremos deste vasto campo tão longe estão de confundir-se, que até se lhe figurão absolutamente heterogeneos. Tomando por exemplo a Zoologia: quem haverá que confunda o *Homem* e o *Polypo*?

690. Dada pois qualquer materia, para se reduzir a systema; a primeira cousa, sobre que se deve fixar a nossa consideração, he a sua natural

vastidão; porque á medida que esta for mais consideravel, deve redobrar o nosso cuidado no acerto da divisão por Classes, ou por Ordens, ou por Secções, ou por Familias, &c., segundo o numero, e variedade dos objectos.

Quanto a esta porém, dois são os meios, que separada, ou cumulativamente se empregão para se chegar a determina-la. O primeiro, que ao mesmo tempo he o mais natural e ordinario, consiste em hum certo golpe de vista, que abrangendo os extremos, e progredindo delles para o centro, vai marcando os objectos mais distinctos entre si; posto que esta distincção vai ao mesmo tempo diminuindo progressivamente, á medida que nos approximamos do mesmo centro.

691. O outro modo he quando começamos por analysar as qualidades dos objectos da Sciencia de que se trata: e depois de as havermos disposto debaixo de huma certa, e determinada ordem, passamos a marcar as que cada hum dos mesmos objectos tem de commum com cada hum dos outros, e as em que differe de cada hum delles.

692. He por si mesmo evidente, que destes dois modos o segundo não só he mais methodico, mas até mesmo o mais proprio para com segurança distinguirmos o que he distincto, e identificarmos o que he realmente identico entre si. E por tanto he este o modo mais adequado para marcarmos os limites da Sciencia, cujos objectos devemos classificar. O como, he hum corollario do undecimo Aphorismo das Categorias de Aristoteles.

693. Com effeito, se na analyse das qualidades

de que trata o §. 691., nós formos separando aquellas que são heterogeneas entre si; ficarão por esse simples facto extremados os respectivos campos, a que pertencem os objectos, a quem essas qualidades servem de differença. E logo tratando nós de arranjar em systema os objectos, que se comprehendem por exemplo no primeiro daquelles marcados campos, achamos aplanada a difficuldade, que teriamos, se tal emprehendessemos, antes de fazer aquella separação: e em vez de perdermos o tempo em collocar os objectos das outras divisões no lugar, que lhes assignão as qualidades, que elles podem ter de commum com os da primeira; afastaremos delles muito de proposito a nossa vista, para a fixarmos nos objectos, *cujas differenças*, para me servir das expressões do nosso incomparavel Mestre, sendo homogeneas entre si, nos fazem ver que elles, ou são generos, ou especies, [*ou co-especies*] dos outros.

694. He desta maneira que os Naturalistas applicados, por exemplo, em Zoologia, a reduzirem os objectos desta Sciencia em sytema natural, não puzerão primeiramente os olhos naquellas qualidades, que sendo communs a hum grande numero, poderia servir a colloca los em huma certa ordem, segundo as variações, que essa qualidade apresentasse em cada hum delles. Eu me explico. Todos os Mammaes (se se exceptua a mal manejada Familia dos chamados *Edentulos*) são dotados de *dentes*. Pareceria pois á primeira vista, que se devia começar pelos arranjar todos debaixo da rubrica desta qualidade, que lhes he commum a to-

dos, para depois repartir esta grande Classe em differentes ordens, segundo fosse differente em cada hum delles a *dentição*. Não faltou com effeito quem cahisse neste, e em semelhantes erros cohonestados com o pomposo nome de *grande e extenso golpe de vista*.

Mas os mais habeis Zoologistas seguirão o caminho inteiramente opposto; quero dizer, procurarão qualidades exclusivas, como o ser *ungulado*, e o ser *unguiculado*. Distribuidos por esta observação todos os *Mammaes terrestres* em duas grandes Classes, fizerão outro tanto, para repartir as Classes em Ordens, as Ordens em Generos, e assim por diante.

694. Que confusão não seria, se em vez deste methodo, se houvesse seguido o primeiro? A Botanica de Linneo, que he certamente huma das mais bellas concepções do Espirito Humano, só porque assenta sobre o *methodo das qualidades communs*, em vez de assentar sobre *o das exclusivas*, offerece, além dos defeitos que em outras partes destas Prelecções ficão ponderados, o de apresentar não só Classes e Ordens, como na Pentandria, e na Syngenesia, mas até mesmo Generos tão numerosos, que a vantagem de facilitar a diagnose [vantagem que unicamente podia fazernos disfarçar os muitos defeitos daquelle Systema (§. 491.)] desapparece quasi de todo naquelles casos.

695. Eu não quero nesta especie de parallelo dar aos Zoologistas mais louvor, do que o que de facto lhes compete; e por isso devo accrescentar como supplemento ao que fica dito no §. 693.,

que elles não forão de nenhum modo fieis ao *methodo das qualidades exclusivas*, que lhes assegurava a superioridade que mencionamos, sobre o methodo Linneano, e todos os demais fundados no *methodo das qualidades communs*: e a cada passo estão recorrendo a modificações do caracter da Classe para caracterizarem as Ordens: a modificações dos caracteres das Ordens, para caracterizarem os Generos: e assim por diante.

696. Huma consequencia desta mal entendida pratica foi o embaraço apontado no §. 678.; porque como as modificações de qualquer dos caracteres (de Classe, por exemplo) constituem, de huns Individuos para outros, huma serie de transiçoes que são insensiveis entre os Individuos que se achão muito proximos; não se póde deixar de chegar finalmente a Individuos que tanto podem entrar em hum como em outro Genero; nesta, ou naquella Ordem: nesta, ou naquella Classe, &c. Daqui procede a continua variação que se observa nos systemas de todos os tres Reinos da Natureza, fazendo se passar as Especies, ora para huma, ora para outra Classe: com grande confusão dos Adeptos, e escandalosa vacillação nos principios diagnosticos da Sciencia.

697. Com tudo dos tres inconvenientes dos systemas artificiaes ponderados nos §§. 482. e seguintes; he este certamente o mais facil de remediar: como com effeito já se lembrarão de remediar varios Editores, e Addiccionadores de Linneo, que no fim das Taboas Synopticas dos Generos, que precedem a cada Classe, apontarão todas as Plan-

tas que sabião acharem-se em outras Classes, posto que se achassem dotadas dos caracteres desta: e isso não por engano, mas porque reunindo os caracteres de ambas as Classes, não tenha tido Linneo mais razão para as collocar nesta do que aquella Classe. Mas o trabalho que aos Continuadores de Linneo cumpria fazer, era intercalar cada huma daquellas Especies no lugar que nesta Classe lhe coubesse, quer fosse como Especies de algum dos Generos Linneanos, quer fosse como novos Generos, se a diversidade dos caracteres assim o exigisse. Este trabalho está ainda por fazer; e não só no Systema Botanico de Linneo, mas em todas as mais Obras, que me são conhecidas, tanto daquelle grande Homem, como de todos os Naturalistas, que por differentes veredas se propuzerão expor em systema artificial a immensidade de entes que se comprehendem em qualquer dos tres reinos da Natureza.

698. Ao pronunciar estas palavras = *os tres reinos da Natureza* = occorre-me que os modernos Philosophos evitão esta expressão, e até mesmo a censurão, como inexacta e mal soante. Ora tratando-se aqui de apurar a Nomenclatura das Sciencias, he de meu dever o dar-vos os motivos, porque a pezar daquella censura continúo a servir-me desta expressão.

699. Chamão-lhe os modernos Philosophos mal soante; porque a palavra *reino* he na sua opinião delles huma metaphora inepta, por não haver entre o complexo de animaes, que existem no universo, e o que em sentido proprio se chama hum

reino, relação de semelhança, nem que ao menos concilie a este tropo o merecimento de huma energia pitoresca: caso unico, em que, dizem elles, he licito ao Philosopho affastar-se hum pouco do sentido proprio, e rigoroso das palavras.

700. Sem desapprovar inteiramente este ultimo principio; devo com tudo assignar-lhe os seus verdadeiros limites, no meu particular modo de pensar. He certo que sendo o uso das metaphoras quem mais tem contribuido para a immensidade de erros, assim vulgares, como scientificos; he preciso acautelar-se muito cuidadosamente de taes abusos na Nomenclatura das Sciencias. Mas abster-se de toda expressão metaphorica he absolutamente impossivel; porque não ha nas Linguas assás expressões proprias de que nos possamos servir em todos, e cada hum dos casos occurrentes. He assim que (sem buscar exemplos mais longe) usamos das palavras *Classe*, *Ordem*, *Familia*, *Genero*, &c., em hum sentido que não he o seu proprio, e primitivo, mas secundario, e metaphorico. Ora a palavra *reino* está precisamente neste caso. Seria abusiva, e mal soante, se se tomasse aqui no sentido de *Dominios de hum Rei*; mas tomada no sentido de *Collecção de muitas Familias* já se vê que não he mais absona do que as expressões de *Genero*, *Familia*, *Ordem*, &c.

701. E se não he mais absurdo chamar *reino vegetal* á totalidade das Plantas, do que chamar *Familia das Liliaceas* a huma parte dellas; menos absurdo he distribuir em tres reinos a totalidade dos Entes da Natureza. Por quanto achando-se es-

tes divididos em *Organicos*, e *Inorganicos* (§. 164.): e os primeiros em *Animaes*, e *Vegetaes* (§. 174. 175.); segue-se que não he filha da imaginação, e muito menos da ignorancia aquella distribuição em tres grandes Divisões, a que, no sentido exposto no §. precedente, se tem dado o nome de reinos da Natureza.

702. Satisfeito o escrupulo, que sobre esta expressão poderião suscitar-vos os reparos dos superficiaes Innovadores do nosso seculo; continuemos na consideração dos meios com que poderemos, senão evitar inteiramente, ao menos diminuir os defeitos que no §. 680 enumeramos como inherentes aos systemas artificiaes estabelecidos sobre a base das *qualidades communs*: E esta será em parte a materia da seguinte Prelecção.

PRELECÇÕES PHILOSOPHICAS.

VIGESSIMA SECUNDA PRELECÇÃO.

ASSUMPTO.

§. 703. DO terceiro defeito dos Systemas Artificiaes. Como e porque he inevitavel.— §. 704. Até que ponto se póde esperar o corrigillo. — §. 705. Problema a resolver. — §. 706. Objecção á doutrina do §. 695. Resposta. — §. 707. Dos Systemas fundados em *qualidades communs*. Exemplo tirado da Botanica de Linneo. — §. 708. Dos Systemas fundados em *qualidades exclusivas*. Exemplo tirado da Zoologia. — §. 709. Vantagem desta segunda especie de Systemas sobre os primeiros. — §. 710. Seus defeitos. — §. 711. Meio de os prevenir. Regra geral sobre a Distribuição Systematica. — §. 712. Como Linneo peccou contra ella. — §. 713. Razão do seu erro: E como o poderia ter evitado. — §. 714. Engano em que estava aquelle grande Homem. — §. 715. Advertencia. — §. 716. Como Linneo reconhece estes

VIGESSIMA SEGUNDA PRELECÇÃO.

703. O Terceiro dos defeitos, que no §. 680. mostrámos serem inherentes aos *Systemas artificiaes fundados em qualidades communs*, e de cujos remedios devemos hoje tratar, consistia, como alli mesmo expuzemos, em se incluir n'huma rubrica objectos, que sim tem qualidades communs com os que a ella pertencem, mas sem que essas qualidades sejão as que constituem o caracter da tal rubrica no systema artificial de que se trata. Para obviar a este inconveniente parece que bastaria observar o decimo Aphorismo, que, ha pouco, expuzemos, das Categorias de Aristoteles: tirando para fóra da rubrica esses objectos, a que falta o caracter artificial della: e distribuindo-os por aquellas que forem indicadas pelas qualidades que os mesmos objectos possuem. Mas este remedio seria de mui pouca, ou talvez de nenhuma utilidade. Por quanto as mais das vezes aconteceria, que aquelles objectos, assim como são destituidos do caracter artificial da rubrica em que se achão inseridos, o são igualmente do carácter artificial de todas as outras rubricas do systema: De modo que tirados dalli, e não podendo pela mesma razão entrar em nenhuma outra parte, virião a formar outras tantas novas rubricas: e nós por consequencia incursos no quarto, ou no quinto dos enumerados defeitos.

704. He por tanto este o defeito essencial, e

intrinseco dos *Systemas Artificiaes*; pois que sempre que se queira fugir de qualquer dos outros, se vem inevitavelmente a cahir nelle. Seria logo inutil toda a tentativa tendente a expurgar deste defeito qualquer systema artificial por mais bem calculado, que elle fosse. Mas nem por isso será baldado o trabalho com que nos applicarmos a diminuir, quanto for possivel, o numero das rubricas, sem incorrermos nos dois primeiros defeitos da vacillação, ou da difficil verificação dos caracteres.

705. He verdade que para isto se não podem dar regras geraes; pois que todas se cifrão em recommendar, que na escolha das qualidades que devem servir de caracteres, se prefirão aquelles que sem envolverem nenhum dos dois primeiros defeitos, nos dem hum moderado numero de rubricas: e cada rubrica composta de hum numero igualmente moderado de outras rubricas subalternas, até chegarmos ás ultimas rubricas, a que se chama *Especie*. Mas em que consiste este gráo de moderada divisão, he o que se não póde determinar em geral: e só á vista da materia, que se tem de manejar, he licito a talentos não ordinarios o fixar pelo methodo expendido no §. 690. os limites de cada huma das rubricas de que ha de constar o systema.

706. Neste sentido he que eu no §. 695. distingui os systemas fundados nas *qualidades communs*, dos fundados nas *qualidades exclusivas*: distincção, que a não ser bem entendida, passaria por huma futil subtileza escholastica. Não ha du-

vida que todas e quaesquer *qualidades*, que em hum systema servem de caracter a alguma das rubricas de que elle se compõe, são ao mesmo tempo *communs* e *exclusivas*; *communs* a todos os Individuos que nessa rubrica podem entrar, e *exclusivas* relativamente a todos os demais. Outro he porém o sentido em que eu distingo os *systemas fundados nas qualidades communs* dos que chamo *fundados nas qualidades exclusivas*: E posto que da deducção de idéas que nos conduzio a esta distincção, e se contém nos §§. 690. e seguintes, se possa facilmente deprehender a mente da mesma distincção, reconheço que ella precisa de ser melhor explicada, para não vir a ser por alguem capitulada, como acabo de reflectir que o póde ser.

707. Chamo pois systema fundado nas qualidades *communs* aquelle em que o caracter que distingue cada rubrica das que com elle pertencem a huma mesma classe, consiste em alguma determinada modificação do caracter dessa classe. Tal he por exemplo o principio que guiou a Linneo, quando depois de assignar como caracter de huma das grandes divisões do reino vegetal, o ter seis estames, repartio esta divisão em oito secções, dando a cada huma dellas por caracter huma particular modificação daquelles seis estames, a saber: 1.ª a Tetradynamia: 2.ª a Diadelphia: 3.ª a Gynandria: 4.ª a Monecia: 5.ª a Diecia: 6.ª Polygamia Monecia: 7.ª Polygamia Diecia: 8.ª a Hexandria simplesmente dita.

708. Por contraposição chamo systema funda-

do nas qualidades *exclusivas* aquelle, em que se assigna a cada rubrica hum caracter independente dos das outras, e por isso consistindo humas vezes em qualidades que de nenhum modo se encontrão nas outras rubricas: e outras vezes não differindo dellas senão em huma simples, mas constante, decisiva, e essencial modificação. Tal vemos praticado, como ha pouco vos mencionei (§. 694.), pelos Zoologistas, que em vez de classificarem os Mammiferos pelas differentes modificações da dentição (o que seria hum systema fundado em qualidades communs) lançarão mão de varias outras qualidades, e com ellas, ora separadas, ora reunidas, formarão caracteres de Ordens, de Familias, &c.

709. Depois de assim termos mostrado como aquella distincção das duas especies de systemas não he destituida de sentido, mas antes fundada na theoria e pratica dos mesmos systemas; vejamos pela comparação de hum e outro, qual delles he mais vantajoso: quaes os particulares defeitos de cada hum: e quaes os remedios de que esses defeitos me parecem susceptiveis.

Quanto ao primeiro ponto, quem ha que não veja que o segundo destes dois methodos, por isso que se aproveita de todas, e quaesquer qualidades, que melhor e mais seguramente nos podem conduzir ao conhecimento dos objectos, he sem duvida muito mais vantajoso do que aquelle que com inutil empenho se obstina a querer tirar de huma só consideração sufficientes caracteres para todas as rubricas?

710. Com tudo este mesmo methodo não he exempto de defeitos: e aos que lhe são, para assim dizer, connaturaes, tem accrescido na sua execução muitos outros pela incuria dos que se propuzerão pô-lo em pratica, levados mais de instincto que de reflexão. Pelo que em varias partes destas Prelecções temos exposto sobre os systemas artificiaes em geral, já podeis concluir, que entrando, como entrão estes de que tratamos, naquella Categoria, não podem deixar de participar dos defeitos que são communs a todos elles. Mas sem fallarmos, destes sobre que julgo que bastará o que precedentemenle fica dito; são proprios dos systemas fundados nas qualidades exclusivas os numerosos erros que podem provir da natural tendencia do nosso espirito a generalisar as observações singulares. Por quanto as qualidades exclusivas podem pertencer a hum só Individuo, ou podem pertencer a hum maior ou menor numero de Individuos. No primeiro caso seria inutil o aponta-la; porque o Systema não cura de Individuos: seria perigoso o aponta-la, porque he natural que se passasse a considera-la como differença especifica.

Já se ella pertence a hum certo numero de Individuos, occorre a difficuldade de se determinar, se lhe compete a qualificação de caracter especifico, se a de caracter generico, se a de caracter de Classe, &c. Por quanto he evidente, que escolhidas certas qualidades para caracter da Classe, fica facil o determinar quaes devem cons-

tituir o caracter da Ordem, quaes o do Genero; e quaes o da Especie. Mas que requisitos deva ter o caracter da Classe, he ponto que ainda me não consta ter-se determinado.

711. Para indicarmos pois o como se póde obviar a este risco, convem que nos lembremos do que no §. 691. deixamos dito sobre o methodo de começarmos por classificar as Qualidades, antes de pensarmos em classificar os objectos, em que ellas se verificão. A razão deste necessario preceito he, que dispostas por sua ordem as qualidades que nos devem fornecer os caracteres para o Systema que nos propomos formar; teremos vencido a principal difficuldade, que se costuma encontrar ná escolha do mais apto caracter de Classe entre todos os que se offerecem á nossa consideração. E com effeito, depois de concluido este trabalho preparatório, podemos discernir de hum simples golpe de vista a proporção em que cada hum dos caracteres resultantes divide a massa de objectos que queremos classificar; pois que como acima deixamos recommendado (§. 705.) os caracteres de Classes, Ordens, Generos, &c., devem ser taes, que o numero de Especies contidas em cada Genero, não seja excessivo; e que o numero de Generos de cada Ordem, bem como o das Ordens de cada Classe, se contenhão dentro de certos limites, e não offereção a monstruosa desigualdade que se observa nos Systemas actuaes, tanto em Botanica como em Zoologia.

712. E na verdade basta considerarmos nós a

prodigiosa quantidade de Especies do Reino Vegetal, para vermos que vinte e quatro Classes (que tantas são as que compoem o systema de Linneo) he hum numero demasiadamente acanhado para com promptidão e segurança nos conduzir á reducção de qualquer planta que se possa offerecer á nossa vista. He certo que a contemplação dos Estames relativamente ás quatro considerações de Numero, Fórma, Situação, e Proporção que aquelle grande Homem adoptára para base do seu Systema, não só lhe não permittia fazer hum maior numero de Classes; mas até lhe prendia de tal modo os elevados vôos do seu genio, que para as levar ao numero de vinte e quatro foi preciso recorrer ao violento artificio de converter em Classes rubricas, que deverião ser Ordens como vimos nos exemplos citados no §. 707., que deverião ter entrado na Classe Hexandria como Ordens as oito rubricas que alli mencionamos, mas no Systema das quaes só huma que he a oitava, figura como Classe no seu competente lugar. As outras concorrem a formar cada huma dellas sua differente Classe, taes como a Tetradynamia, a Diadelphia, a Gynandria, &c.

713. Linneo teria certamente evitado este grande inconveniente, se em vez do vacillante caracter dos Estames, houvesse recorrido a outra propriedade, ou á combinação de varias outras, cujo complexo formasse para assim dizer hum Habito externo artificial, e as variedades deste offerecessem outras tantas Classes, que sem duvida serião em numero mais proporcionado á immensi-

dade de plantas, que já lhe erão conhecidas, e que era de prever que com o andar dos tempos se hirião descobrindo.

714. Mas bem longe de pensar em lançar mão deste expediente, aquelle Autor, sem duvida illudido pela apparente belleza da simplicidade do caracter que escolhera, quando tratou de formar os caracteres dos Generos, recorreu a propriedades tão mesquinhas, que humas vezes o Genero apenas contém huma só Especie: outras vezes contém cincoenta, cem, e mais Especies.

715. Eu não digo que o expediente apontado no §. 713. bastasse para se conseguir esta tão desejada destribuição proporcional das Especies. Mas he certo, que esse seria o meio de ella se conseguir o mais possivel.

716. A' penetrante sagacidade de Linneo não escapou a grande vantagem das *qualidades exclusivas*: E bem que não fundasse sobre ellas o seu Systema; vê-se pelas Taboas dos Generos que precedem a cada huma das Classes, quanto elle soube apreciar a necessidade daquellas qualidades, para apresentar em caracteres concisos huma facil diagnose dos Generos do seu Systema.

717. Mas no modo defeituoso, com que elle pôz em pratica este methodo, se vê que nem penetrou no seu verdadeiro espirito, nem mesmo lhe prestou aquella attenção de que o mesmo methodo parece digno.

718. A prova desta minha asserção será facil de conseguir a quem quizer tentar o reduzír a Taboas Synopticas os caracteres resumidos dos Ge-

neros que como acabo de mencionar, precedem a cada huma das Classes, tanto no *Systèma dos Vegetaes*, como nas *Especies das Plantas* do mesmo Linneo. Se se emprender este trabalho, ver-se-ha, que he absolutamente impossivel dar a aquellas Taboas huma fórma regular; porque humas vezes he da Corolla, outras he do Calis; humas he dos Estames, outras do Pistillo: humas he do Fructo, outras do Nectario, que elle deduz o caracter synoptico do Genero. Donde resulta huma irregularidade, que torna impossivel qualquer Systema.

719. He pois necessario, que as *qualidades exclusivas*, sobre que temos de fundar o nosso Systema, sejão derivadas de certas e constantes rubricas, a fim de podermos dispo-las em hum certo Systema: ficando por esse simples facto classificados os objectos, em que as mesmas qualidades se encontrarem. Hum exemplo acabará de aclarar esta doutrina. Nós vimos no §. 694., como os mais distinctos Zoologistas no Plano geral, ou Taboa Synoptica, que traçárão dos Mammaes, não tomarão por base a *qualidade commum da Dentição*; mas sim as *qualidades exclusivas* de ser *ungulado*, ou *unguiculado*. Entre os daquella primeira Classe apparece a Familia dos *Bisulcos*, e a dos *Pedimanos*. Os Zoologistas podião caracterisar, e distinguir de huma maneira muito clara, e terminante estas Familias pela singularidade da conformação do estomago da primeira; e pela não menos notavel singularidade do bolço que a segunda tem pela parte inferior do Corpo, onde recolhem as suas crias: Bem

como Linneo caracterisa, por exemplo, a salva pela singularidade dos filamentos serem transversalmente pedicellados: e a Monarda pelo capacete que envolve as partes da fecundação. Mas os Zoòlogistas sentirão a irregularidade que havia em hir buscar qualidades distinctivas a rubricas tão differentes: e preferirão com razão differençarem os Bisulcos dos Pedimanos pelas qualidades analogas da ungulação, e da unguiculação.

720. He logo falsa a idéa que Linneo nos dá, no §. 134. da sua Philosophia Botanica, da natureza destas Classificações Synopticas, quando diz " que ellas offerecem divisoes arbitrarias, mais ou ,, menos circunstanciadas. ,, Como se o terem sido arbitrarias, e irregulares as Taboas Synopticas de Bauhino provasse que a Classificação Synoptica não póde deixar de ser viciosa. Bem longe disso o mesmo Linneo accrescenta na Nota á aquelle Canon 154. " que a Clave das Classes, que he ,, Synoptica, deve ser formada conforme ás regras ,, da Arte, a fim de que senão confundão obje- ,, ctos que convem distinguir. ,, O que elle aqui diz da Synopse das Classes, he applicavel ao das Ordens, Generos, Familias, &c.

721. Mas não era possivel que Linneo se não visse envolvido em taes contradicções, huma vez que sobre as idéas elementares da Arte de classificar tinha admittido principios os mais vagos, e vacillantes. Taes são as idéas que nos §§. 157. 158., e 159. daquella mesma Obra nos dá de *Especie*, de *Variedade*, e de *Genero*. " Nós contamos, diz ,, elle, tantas differentes especies, quantas são

„ as fórmas creadas no principio [*da existencia* „ *das plantas*]. „ Que responderia Linneo, se se lhe perguntasse pelas notas que devem designar para huma dada planta a sua *Especie*, *ou a fórma respectiva no principio da creação*? Bem se vê que isto he definir em termos mais escuros, do que o que por meio da definição se pertendia aclarar.

722. Por conseguinte não póde haver clareza, nem verdade quando no §. 158. diz que " são „ tantas as variedades quantas as differentes plan- „ tas, que nascem da semente de huma mesma „ Especie. „ Por quanto se nem a Razão, nem a Historia nos dão idéa das Especies [isto he das *fórmas do principio da creação*, que he o que Linneo aqui chama *Especies*], como poderemos saber, ou fazer idéa do que sejão as sementes dessas fórmas primitivas, que não conhecemos? E por conseguinte que póde significar para nós a designação de serem *Variedades* as fôrmas derivadas daquillo que nos he desconhecido?

723. Mas como he possivel, dirá alguem, que hum homem de tão agudo engenho, como Linneo, não percebesse as incongruencias que acabamos de exprobrar á aquelles seus Aphorismos? O que elle diz no §. 159., fallando dos Generos, nos põe nas circunstancias de respondermos a esta mui bem fundada pergunta. " Os Generos, diz „ elle, são tantos quantas são as fructificações se- „ melhantemente construidas, que offerecem as „ Especies naturaes. „

Logo as Especies de que Linneo fallava nos

§§. 157., e 158. erão as Especies naturaes, ou (o que val o mesmo) erão as Especies do Systema Natural: e por conseguinte com razão as determinou elle pela semelhança da totalidade da fórma, que he o que nós em outra parte dissemos que se chama o Habito das plantas. Posto isto, não he absurdo, ainda que tambem não he muito exacto o dizer que são Especies differentes *sómente* as differentes fórmas que houve *no principio da creação*; por quanto das Especies, no sentido geral dos homens, que he o da nossa definição (§. 15.), humas são de data mais antiga do que as outras; e estas mais modernas consta, já por observação, já por conjectura, que derivarando da semente daquellas mais antigas, apresentão huma fórma alterada, ora pela acção combinada das plantas fecundante, e fecundada, ora pelo terreno, ora pelo clima, e ora em fim pela cultura. Estas differenças que por se verificarem em muitos Individuos com razão se terião denominado Especies, chamarão se Variedades em quanto a experiencia parecia mostrar aos Botanicos, que ellas se não reproduzião nas plantas nascidas daquellas em que se observavão. Porém logo que com o andar dos tempos se achou, que estas differenças antes accidentaes, e inconstantes, quer fosse em apparencia, quer fosse em realidade, se reproduzião constantemente nos Individuos, que nascião de aquelloutros, não se duvidou chamar-lhes *Especies*, mas accrescentou-se-lhes o epitheto de *secundarias*, para as distinguir das primeiras a que se chamou *primitivas*. São logo primitivas em realida-

de as primeiras da creação, como diz Linneo; e para nós são primeiras todas aquellas de que não conhecemos nenhuma anterior. E por isso logo que a observação nos mostre alguma de data mais antiga a qualquer que antes repugnavamos por primitiva, passemos a dar a esta o nome de secundaria, ou, como Linneo se exprime, o de *Variedade*, não no rigoroso sentido desta palavra, mas para significarmos, que tendo começado por ser considerada como *Variedade* propriamente dita, acabou por entrar no numero das Especies, na maneira que acima deixamos explicado.

724. Depois de Linneo assim ter considerado as Especies, e Variedades de hum modo verdadeiramente genial, mas pouco castigado, passa a fallar dos Generos: e com a inconsequencia que no §. 719. deixamos censurada, vai caracteriza-los pela semelhança das partes da fecundação (a que impropriamente chama fructificação): quando os devia caracterisar pela totalidade das qualidades, de que se tinha servido para caracterisar as Especies, e as Variedades.

725. Eu não ignoro, nem devo dissimular, que aquelle grande homem teve para assim proceder razões dignas da vasta comprehensão com que de hum golpe de vista abraçava a immensidade das obras da Natureza. Os orgãos da fecundação devião ter huma tão estreita relação com as differentes Especies naturaes, que tomando nós aquelles orgãos para servirem de *qualidades capitaes* que nos facillitassem a classificação dos Vegetaes (§. 490.), parecia dever ficar resolvido o interessan-

tissimo problema da reunião dos dois Systemas, Natural e Artificial (§. 483.).

726. Esta concepção era certamente conforme aos grandes fins da Natureza, e ao golpe de vista perspicaz de hum Observador tal como Linneo. Mas a consequencia de que aquelles orgãos, ainda que demonstrada fosse corresponder sempre exactamente a sua variedade á variedade das Especies, erão adequados para servirem de caracteres de Genero, Ordem, ou Classe, era, e foi na realidade precipitada.

727. He facto geralmente conhecido, que a cada differença marcavel nos orgãos da fecundação corresponde hum certo numero de Especies, em que esta particular organisação daquelles orgãos se verifica: e seria sem duvida muito natural o Systema que classificasse os Vegetaes conformemente a essa diversidade de organisação. Mas não se segue que elles ficassem por isso classificados em hum Systema diagnostico, cujos dois requisitos são: facilidade na verificação dos caracteres; e arresoada distribuição por todas as rubricas para que não fiquem tão numerosas em Especies, ou tão desiguaes, que se frustre o intento de facilitar a reducção dos Individuos que se offerecem á nossa observação. E com effeito a experiencia mostrou ao pôr-se em pratica a grande concepção de Linneo, que a pezar do resultado corresponder em muita parte ás esperanças; este Systema artificial participava dos defeitos que nos §§. 483. e seguintes havemos mostrado serem inherentes a semelhante especie de Systemas.

728. He com tudo desta confusão das duas especies de Systemas: e por se não distinguirem os fins a que cada hum delles he destinado, que entre os Philosophos tem sido objecto de disputa, se as Especies, se os Generos, se as Classes, &c. são obra da Natureza, se da Arte. E não deixa de ser digno de notar-se, que esta disputa remonta até aos seculos da mais florente época da Philosophia entre os Gregos, como veremos na analyse das Obras de Aristoteles.

729. Cumpre pois que vos faça entrar no espirito do §. 162. da citada Obra, em que elle diz que " as *Especies*, e os *Generos* são sempre „ Obra da Natureza: as Variedades são-o muitas „ vezes da Cultura: as *Classes*, e as *Ordens* são-o „ da Natureza, e da Arte. „

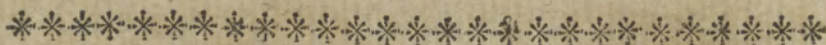
Isto quer dizer que lançando nós a vista pelo Reino Vegetal, encontramos reiteradamente Individuos absolutamente semelhantes entre si, e formando por isso hum Gruppo differente de todos os mais, e a este complexo de Indiuiduos chama-se-lhe *Especie* (§. 16.). Mas destas Especies, humas tem entre si certas qualidades communs, que se não verificão nas outras: bem como estas se dividem em muitos outros Gruppos igualmente caracterisados por qualidades que se não achão reunidas em nenhum dos outros: E he a estes complexos de Gruppos que se tem dado o nome de *Generos* (§. 15.).

730. Mas he essencialmente necessario distinguir os Generos dos Systemas Naturaes dos Generos dos Systemas Artificiaes. Os primeiros existem na Natu-

reza, os outros são obra da Arte, creados como fica exposto no §. 490., por via de abstracção.

Com isto está porém que os Generos do Systema Sexual de Linneo sendo Generos Artificiaes, são ao mesmo tempo Naturaes, em grande parte.

731. Não succede já tanto assim com as Classes, nem com as Ordens. Porque quanto a estas sim existem Ordens Naturaes, ou Gruppos compostos de Generos, conforme ao Systema Natural; mas não he facil achar em todos os Generos destas Ordens Naturaes hum complexo de *qualidades capitaes* (§. 490.) que constitua hum caracter artificial daquellas mesmas Ordens.

732. Outro tanto acontece com as Classes, mas em ponto muito maior quanto á difficuldade de se formarem Gruppos de Ordens, que tendo identidade de *Habito*, possuão o caracter de Classe de hum Systema Artificial, qualquer que elle seja, e particularmente do Sexual de Linneo: E tão inseparavel achou este Regenerador de Botanica a difficuldade de que tratamos, que foi muitas vezes obrigado a violar os principios do seu Systema de Classes, a fim de não despedaçar as Classes Naturaes. Por quanto, a pezar de ter escolhido o numero dos Estames para caracter das primeiras treze Classes, já nas outras recorreu a outros desvairados principios, como vimos no §. 712. com grande vacillação, e torpeço, tanto para a exegese, como para a diagnose (§§. 488. e 492.).

PRELECCÕES PHILOSOPHICAS.

VIGESSIMA TERCEIRA PRELECÇÃO.

ASSUMPTO.

Categorias de Aristoteles. Aphorismos XIV. -- XXXV.

§. 733. INtroducção -- §. 734. Conformidade do 14.º Aphorismo com a nossa setima Prelecção. — §. 735. Objecção — §. 736. Motivo de equivocação — §. 737. Delucidação dos §§. 235 e seguintes — §. 738. Resposta á obecção do §. 735 — §. 739. Exposição deste 14.º Aphorismo — §. 740. Reflexão sobre as differentes traducções delle — §. 741. Dois erros vulgares sobre a doutrina deste Aphorismo. Differença de linguagem entre os Antigos e os Modernos — §. 742. Erros, a que a linguagem destes ultimos conduz — §. 743. Ponto da questão — §. 744. Em que consistão propriamente aquelles dois erros -- §. 745. Sentido em que aquellas asserções podem ser

VIGESSIMA TERCEIRA PRELECÇÃO.

733. TErmínámos a precedente Prelecção com algumas observações sobre a inexactidão das idéas do grande Linneo a respeito da theorica das divisões systematicas de Classes, Ordens, Generos, Especies, etc. A analyse que tinhamos feito dos treze primeiros Aphorismos de Aristoteles, nos conduzio a reconhecermos aquella inexactidão. O decimo quarto, e seguintes, que lhe servem de desenvolvimento, vão fornecernos sobre a mesma materia novos conhecimentos: e deste modo completaremos o começado parallelo das Sciencias Moraes com as Physicas e Mathematicas: fixaremos as regras das Artes de observar, e de classificar; e seguindo ao Philosopho Grego na sua sublime distribuição de todos os nossos conhecimentos primordiaes em dez rubrícas, ou Categorias, veremos diffundir-se por todos elles huma luz, que não só nos facilitará a intelligencia dos descobrimentos daquelles que nos precedêrão no estudo das Sciencias; mas nos habilitárão a fazermos nós mesmos outros novos.

734. A doutrina contida neste decimo quarto Aphorismo, he huma individuação, da que

expuzemos na nossa septima Prelecção: e por isso convirá que tracemos brevemente hum parallelo entre a divisão que Aristoteles aqui faz dos conhecimentos humanos, com a que nós estabelecemos no §. 235., e seguintes.

735. A primeira reflexão, que se deve offerecer ao vosso espirito, he que nós reduzimos todos os objectos dos nossos conhecimentos a tres Categorías, entre tanto que Aristoteles os distribue em dez. Por onde, em vez de existir entre a nossa divisão, e a de Aristoteles a annunciada conformidade, parece haver entre ellas huma evidente contradicção.

736. Mas esta difficuldade desapparecerá facilmente, quando advertirdes, que as rubrícas do §. 235 são como classes em que as dez Categorías de Aristoteles se comprehendem, como outros tantos generos.

737. E reflectindo melhor no citado §. 235, conhecereis, que as rubrícas nelle mencionadas são propriamente quatro, e não tres; a saber: 1.º a *cousa* (que observamos) --- 2.º o seu *estado* --- 3.º a sua *acção* --- 4.º a sua *paixão*.

738. A primeira destas quatro rubrícas, que corresponde aos *nomes substantivos*, coincide com a primeira Categoría de Aristoteles, a *essencia*; por quanto, qualquer substan-

tivo ou designa algum *individuo*, (isto he: algum objecto individual), ou algum *gruppo* de individuos. Ha porém esta differença entre hum e o outro caso: que os segundos significão sómente o complexo das qualidades essenciaes, que constituem o caracter do gruppo (§§. 14., e 72.): entre tanto que os primeiros, além das qualidades essenciaes do individuo, tambem designão cumulativamente as accidentaes. Mas por isso mesmo, tanto em hum, como em outro caso, designão sempre o *complexo das qualidades essenciaes*, ou, o que val o mesmo, designão *essencias*.

730. Eis-aqui a razão, porque Aristoteles reunio ambos estes casos em huma Categoria, distinguindo-os porém em quanto dos nomes dos individuos disse que significavão *essencias primarias*: e os dos gruppos, *essencias secundarias*: e para caracterizar as essencias primarias, accrescentou = *que nem se dizem de nenhum objecto, nem estão em nenhum objecto*. Este modo de se expressar he tão alheio da linguagem da moderna Philosophia que precisa de explicação: e por isso na traducção que tendes diante dos olhos, puz a este lugar a nota (b), em que adverti, que na linguagem de Aristoteles diz-se *estar em algum objecto*, o que na linguagem vulgar se diz *ser accidente*: e ao que

hoje chamamos *qualidade essencial*, Aristoteles chamava *o que se diz de algum objecto*. O amor da verdade, e da exactidão exigem de mim que vos advirta de hum erro, que na dita nota committi dizendo que na phrase de Aristoteles *o que se diz de algum objecto*, era o *complexo das qualidades essenciaes*, devendo dizer, *que he qualquer complexo de qualidades essenciaes*, ou mesmo *qualquer destas qualidades*, huma vez que constitue o caracter de alguma Classe, Ordem, Genero, etc. Esta era a minha mente: e isto era o que eu tinha annunciado nos §§. 72., e 75. da terceira Prelecção.

740. Das pessoas que me precederão na traducção desta Obra de Aristoteles, humas servirão-se da palavra *Substancia*, e outras da palavra *Cousa* para significarem esta primeira Categoria. Porém a palavra *Cousa* he nimiamente geral; pois se applica tambem aos accidentes, que Aristoteles no decimo sexto Aphorismo exclue expressamente desta primeira Categoria. Por outra parte a palavra *Substancia* he demasiadamente particular; pois que só designa individuos (§§. 44., e 80.)

741. Existem sobre esta primeira Categoria dois erros contra os quaes vos devo acautelar, porque ainda que sejão sobre maneira grosseiros, acontece por huma fatalidade inherente ás

cousas humanas, serem erros acreditados pelos primeiros Philosophos, sobre tudo do nosso seculo. Mas antes de entrar a discutir cada hum delles, cumpre fazer algumas observações preliminares tendentes a descubrir a origem de ambos, e a facilitar a sua refutação.

Eu tenho-vos intimado por varias vezes no decurso destas Prelecções: que hum dos maiores passos da moderna Philosophia consiste em identificar a Arte de pensar com a Arte de fallar, o Discurso com a Linguagem. Com tudo nem este era hum descobrimento moderno, nem os Modernos entrárão tanto como os Antigos no intimo sentido daquella importantissima verdade. Por isso se observa entre os Modernos huma distincção desconhecida aos Antigos. Estes nunca conhecêrão, senão huma só especie de definições; a saber: aquellas que explicão o que se entende por tal, ou tal palavra: e a definição não era entre elles outra cousa mais do que a enumeração das idéas, que essa palavra suscita a todos os que della se servem em casos semelhantes a aquelle, em que se falla. Daqui vem que entre elles tanto fazia dizer de qualquer cousa *que ella era*, como *que ella se chamava*, como *que o seu respectivo nome significava*. Já nos §§. 602., e 603. demonstrei quanto era conforme á razão este senti-

mento dos Antigos: e contraria a ella a arbitraria distincção dos Modernos. Assim no exame a que procedo dos dois mencionados erros vulgares, sobre as palavras *essencia*, *substancia*, e *natureza*, tomarei como hum principio demonstrado, que he o mesmo dizer de alguma cousa, *que ella he*, ou dizer, *que o seu respectivo nome significa.* Verificar, se significa, ou não, o que na definição se assevera, he materia por extremo facil, e ao alcance de todo o mundo, pelo methodo, que vos expuz, como infallivel pedra de toque, pela qual podesseis avaliar a verdade, ou falsidade das doutrinas, que no decurso de vossos estudos, e particularmente no destas Prelecções quizesseis examinar, (§. 38.)

742. Isto posto, será facil reconhecermos a sem razão daquelles Philosophos, que a titulo de fugirem ao fastuoso thrasonismo da omnisciencia dos seculos semi-barbaros, que mediárão entre o nosso, e o de Aristoteles, vão cahir no excesso contrario: e com affectada modestia nos dão como resultado das suas laboriosas meditações, que da *substancia*, da *natureza*, e da *essencia* das cousas, não só nada sabemos; mas até nem he dado ao homem o conhece las: que o mais a que podemos aspirar he a conhecermos aquellas qualidades, que entrão no curto alcance dos nossos poucos, e mal apurados sentidos;

que nos devemos contentar com o que se nos apresenta, para assim dizer, á superficie; mas que nos não devemos lisongear de poder jámais penetrar no amago das cousas.

743. Desassombremos esta doutrina do inutil palavreado em que se acha envolvida. *Não sabemos*, dizem elles, *o que seja a substancia, nem a natureza, nem a essencia de cousa nenhuma*; nada mais conhecemos do que qualidades, *humas essenciaes, outras accidentaes*.

744. Esta asserção comprehende os dois graves erros, que nos temos proposto examinar: 1.º Que além das qualidades, unica cousa que nós conhecemos, existem nos objectos, outras cousas, que nem conhecemos, nem podemos conhecer: 2.º Que a estas cousas que nos são e serão sempre desconhecidas se chama, *substancia*, *natureza*, e *essencia*.

745. Haver nos objectos, além das qualidades que nós conhecemos, muitas outras que ignoramos, he huma verdade incontestavel; posto que seja como he huma das mais estereis verdades, que a Philosophia nos póde ensinar: e por tanto não he de presumir que seja este o sentido em que os corypheos do moderno scepticismo nos inculcão esta doutrina, como hum Aphorismo da mais relevente importancia.

746. O sentido em que elles tomão esta

sua asserção, he que além das qualidades, tanto conhecidas, como desconhecidas, ha em todo e qualquer objecto cousas, que nem são qualidades, nem podem ser por nós conhecidas.

747. Pratiquemos com esta asserção a transformação, que no §. 255. chamamos discurso, ou demonstração: e vamos convertendo, ou traduzindo esta phrase em outras equivalentes, até chegarmos a huma equação final de termos identicos, que nos manifeste a verdade, ou a falsidade della.

748. Ninguem poderá duvidar que aquella phrase he equivalente das seguintes. = Que em todo e qualquer objecto de nosso conhecimento ha as qualidades que nós conhecemos, ou podemos conhecer, e tres cousas que não conhecemos, nem podemos conhecer, e a que chamamos *substancia*, *natureza*, e *essencia*, = Isto he: que de qualquer dos objectos que nós conhecermos se póde dizer: que he igual ás qualidades que nós conhecemos, ou podemos conhecer, mais tres cousas que não conhecemos, e cujos nomes são *substancia*, *natureza*, e *essencia* = Isto he: que o nome de qualquer dos objectos que conhecemos, equival aos nomes das qualidades que conhecemos, ou podemos conhecer, mais aos nomes de *substancia*, *natureza*, e *essencia*, cuja significação ignoramos = Isto he:

que o nome que em nós suscita certo complexo de idéas que temos recebido por algum dos nossos sentidos, equival aos nomes dessas idéas, mais aos de outras idéas que não temos, posto que as podemos ter, e mais aos de outras que nem temos, nem podemos ter: e que estas tem por nome *substancia*, *natureza*, e *essencia*.

749. Paremos, Senhores, nesta fórma a que temos reduzido a phrase dos nossos Philosophos. A cada complexo de idéas recebidas pelos nossos sentidos, chamamos nós com effeito hum objecto: e por tanto he evidente, que o nome de cada objecto, ou de cada hum daquelles complexos de idéas, equival aos nomes dessas idéas; porém aos das idéas que não temos; isso he absurdo: porque nomes que significão idéas que não temos, são nomes que para nós nada significão: e por tanto não são nomes.

750. He verdade que o nome de hum objecto de que hoje conhecemos mais qualidades do que hontem, equival aos nomes dessas qualidades, que hontem conheciamos mais aos das que hontem não conheciamos, posto que os podiamos conhecer, pois que de facto as conhecemos hoje. Mas porque equival hoje tambem a estas depois de as conhecermos, não se segue, nem he verdade que equivalesse a ellas hontem, que ainda as não conheciamos.

751. Logo as palavras *substancia*, *natureza*, e *essencia*, de que todos usamos, e nos entendemos, signifição taes e taes idéas que temos: e não idéas, que não temos: como hão de pois significar cousa de que não tenhamos idéa? (§§. 32. 33.) Mas nós não temos outras idéas, senão as das qualidades que pelos nossos sentidos percebemos; logo qualquer daquellas tres palavras significa qualidades, e nada mais do que qualidades: não esta ou aquella, mas varios complexos dellas, na maneira, que fica definida nos §§. 44. 75. 76., e 80. para cada huma dellas. E com effeito, praticando nós a prova insinuada no §. 38., observaremos constantemente, que as phrases em que substituirmos aquellas definições ás ditas palavras, ficão conservando o mesmo valor que antes tinhão: sinal infallivel da exacta equipollencia das mesmas definições, e dos termos definidos.

752. Ora se he absurdo dizer, que as palavras *substancia*, *natureza*, *essencia*, ou quaesquer outras, signifição idéas que não temos: muito mais absurdo he dizer-se, que signifição idéas que não podemos ter. Porque a primeira destas asserções reduz-se (como acabamos de ver) a dizer: que aquellas palavras, a pezar de usarmos dellas, e nos entendermos, nada signifição. A outra asserção quer dizer: que nada podem

significar. O que nada significa, nem póde significar, he o que não tem, nem póde ter sentido algum: e deste modo vem a affirmar os nossos Philosophos: que ha palavras que não tem nenhum sentido, em que a pezar disso todos entendemos.

753. Deste exame analytico do Scepticismo moderno sobre o que seja *substancia*, *natureza*, e *essencias*, devemos concluir que hum dos passos mais gigantescos do charlatanismo do seculo passado (§. 575.), foi o introduzir nas Escólas como hum Apophthegma da mais relevante importancia: *que nós não conhecemos a natureza, nem a essencia, nem o que constitue a substancia das cousas.* E por isso não posso assás recommendar-vos quanto nos §§. precedentes, e nos que nelles vão citados, tenho expendido em sentido contrario daquelle tão acreditado, quanto pernicioso erro.

754. Neste lugar pareceria ser da minha obrigação primeiramente responder a todas as objecções de certa ordem que eu podesse prever que esta minha doutrina suscitaria nos vossos animos. E em segundo lugar deduzir della as consequencias mais importantes que me occorressem, quer fosse para estabelecer verdades da alçada destas Prelecções, quer fosse para destruir os erros principaes que da opposta doutri-

na houvessem derivado os Escriptores, cuja autoridade mais que o pezo de suas razões os tem para assim dizer consagrado, como outras tantas verdades.

755. Mas em quanto ás objecções que se vos podem suscitar, he escuzado que eu abuse da vossa paciencia fazendo-as passar huma apoz outra, por huma minuciosa resenha; pois basta que eu vos habilite para as resolverdes por vós mesmos, apontando-vos o methodo seguro de demonstrardes a sua insubsistencia, (§. 587.) Para isto he preciso que noteis, como dois são os modos, porque se demonstra a verdade, ou falsidade de qualquer asserção; a saber: hum chamado pelos Philosophos *a priori*: e outro *a posteriori*.

756. Chamão demonstração *a priori* aquella que procede pelo methodo Synthetico (§. 272.): e demonstração *a posteriori* a aquella que procede pelo methodo analytico (§. 231.) Na primeira pomos certos principios geraes, e delles derivamos a asserção, que pertendemos demonstrar. Na segunda tomamos huma ou mais asserções, de cuja verdade não duvida aquelle, a quem a demonstração se dirige, e nas quaes implicitamente se contenha a asserção, que pertendemos demonstrar ser verdadeira ou falsa: e vamo-las fazendo passar successivamente pelo

numero, que preciso for, de transformações ensinadas nos §§. 255. 281. 588., até que nellas appareção explicitamente, e palavra por palavra a asserção que se quer provar, ou refutar. Se depois desta ultima transformação, aquellas asserções ficarem verdadeiras, como no principio erão; concluimos ser tambem verdadeira aquella, que nos haviamos proposto examinar. Mas se ellas ficão falsas e absurdas; inferimos que estoutra he que he falsa e absurda; porque só pondo em vez della a sua contraria nas asserções primitivas, he que estas continuão a ser verdadeiras.

757. Destes dois modos de provar ou refutar, já se vê que o mais facil he este segundo, *a posteriori*: e por isso he o mais usado. Mas tambem facilmente se reconhece que elle he o mais fallivel; pois que depende de serem com effeito verdadeiras aquellas asserções que tomamos, como taes, para verificarmos por meio dellas, a que se controverte. Nada mais frequente do que serem ellas falsas, e por tanto paralogistica a demonstração que sobre ellas se ha edificado.

758. Dado pois o caso, que alguem se proponha demonstrar-vos serem falsas as doutrinas que sobre as palavras *substancia*, *natureza*, e *essencia* vos acabo de expor (e o mesmo se pó-

de dizer de quaesquer outras), ou ha de recorrer ao methodo *a priori*, ou ao methodo *a posteriori*. Se recorre ao primeiro, cumpre-vos não deixar passar como verdadeiro nenhum dos principios da pretendida demonstração do vosso Adversario, sem maduro e analytico exame. Porém muito mais escrupulosos deveis ser em admittir, como certas as asserções, que elle avançar como verdadeiras, a fim de mostrar *a posteriori* que estas nossas doutrinas são falsas. Embora tomem as phrases ou asserções que quizerem; e nas quaes se encontre qualquer daquellas expressões, cuja definição se propoem combater. Essa he a segura pedra de toque que eu tanto vos recommendei no §. 38, e em varias outras partes destas Prelecções. Mas antes de applicardes ás phrases e asserções assim escolhidas o methodo alli expendido, que he este mesmo chamado *a posteriori*, não vos deixeis surprender, admittindo-as como verdadeiras, antes de bem examinadas, e provadas. Ha erros acreditados entre os Charlatães, e o vulgo: erros que tem passado nestas duas Classes, como em morgado, de geração em geração, através dos seculos: erros entre elles respeitados (se me he licito exprimir assim) mais por suas cans, que por seus merecimentos, com tão supersticiosa veneração, que seria temeridade em vós o atacallos corpo

a corpo. Se forem pois destes erros que os vossos Adversarios tomarem como phrases indubitaveis, para nellas, como em infalliveis pedras de toque, provarem a falsidade das doutrinas, que vos tenho ensinado, não vos abalanceis a contrariallos. Isso seria imitar aquelles Gigantes que loucamente arremetterão a escalar o Ceo. Não affirmeis nem negueis taes asserções; mas transformai-as todas inteiramente, não deixando ficar nellas nem huma só das palavras componentes, mas antes pondo em vez de cada huma destas mesmas palavras a sua respectiva definição. Feito isto, estai certos, que o fastuoso edificio do mais habil Charlatão, cahirá por si mesmo em ruina, para servir de eterno opprobrio aos seus adoradores, e de monumento de gloria, mais perenne do que o bronze, para os amantes da verdade.

759. Quanto ás applicações que talvez desejarieis, que eu fizesse dos principios expostos, a fim de melhor vos mostrar a sua utilidade na maneira de derivar dellas as consequencias mais importantes que me occorressem; devo prevenir-vos, que tendo sempre em vista, o que sobre isso já protestei nos §§. 285, e seguintes, não hei de certamente deixar de fazer applicação da exposta doutrina, todas as vezes que no decurso destas Prelecções o possa fazer com uti-

lidade; mas como tambem já observei nos §§. 583. e 584., não deveis esperar que eu diga seguidamente, e de huma vez tudo o que tenho a dizer sobre qualquer assumpto; mas interpoladamente, segundo me occorrerem, e possão vir a proposito, as doutrinas aliás connexas: pelo pedir assim o melindre da materia, e o modo da publicação desta Obra.

760. Passando pois ao decimo oitavo Aphorismo, tres são as verdades que delle aprendemos, e que são capitaes, tanto na Arte de observar, como na de classificar: 1.ª Que as qualidades essenciaes de qualquer substancia se dividem em hum certo numero de complexos, dos quaes cada hum he huma Categoria, em que a mesma substancia se comprehende: 2.ª Que qualquer substancia pertence, e deve entrar em tantas Categorias, quantos são os mencionados complexos das suas qualidades essenciaes: 3.º Que cada huma destas (ao mesmo tempo que he genero, a que a respectiva substancia pertence, como especie) he comprehendido com a mesma substancia debaixo de huma terceira rubrica (a que chamaremos Ordem) que he commum as ambas: e ambas lhe são subordinadas.

761. Porém bastará fazer-vos observar o espirito deste Aphorismo; porque quanto ao seu conteúdo, já fica sufficientemente expendido na

13.ª, e na 21.ª Prelecção: e mesmo neste Tratado de Aristoteles já se acha esta doutrina no decimo Aphorismo. Porém o que aqui merece particular reflexão, he que a ultima das tres asserções contidas neste decimo oitavo Aphorismo, e nos dois seguintes constitue a caracteristica entre os complexos das qualidades essenciaes (que servem de rubríca ás substancias) e cada huma das mesmas qualidades componentes daquelles complexos. Tanto estas como as qualidades accidentaes, quer seja individual, quer collectivamente tomadas, sim podem ser rubrícas (constantes, ou accidentaes) em que a substancia se comprehende como especie; mas não podem ser com ella comprehendidas debaixo de huma rubríca, ou ordem commum: que he o que Aristoteles chama *a razão do nome*.

762. Tambem no Aphorismo trigessimo primeiro encontramos huma doutrina que a analyse dos systemas modernos da Historia Natural nos tinha conduzido a expender, como temos expendido nos §§. 707 e seguintes, sobre a classificação por *qualidades communs*, ou por *qualidades particulares*: ás primeiras chama Aristoteles *essencias secundarias*: e ás outras chama-lhes *differenças*.

763. Porém no Aphorismo 34.º he que este grande Philosopho ao mesmo tempo que apon-

ta a definição de essencia, em quanto distinctivo categorico, nos mostra todos os objectos classificados pelos seus nomes, segundo hum de dois grandes systemas; a saber: huns segundo o systema das qualidades communs, ou de suas *essencias*: e outros segundo o de *qualidades exclusivas*, ou das respectivas *differenças*.

764. Como o nosso Philosopho tinha dividido todos os conhecimentos primordiaes em dez Categorias, ou Rubrícas: e tinha subdividido a primeira de entre ellas (a essencia) em *essencias primarias* e *secundarias*, não pôde escapar á sua perspicacia que nestas ultimas devia haver alguma singularidade, que sem as excluir desta primeira Categoria, as fizesse pertencer menos a ella, do que ás essencias primarias: e por tanto reflecte no trigessimo quinto Aphorismo, que por ellas se designa antes *qual* seja, do que *o que* seja algum objecto: sem que com tudo por isso deva antes pertencer á terceira, do que a esta primeira Categoria. He este hum daquelles casos sobre que eu invoquei a vossa particular attenção nos §§. 413. 672., e 696.: e que depois, quando tratei das differentes especies de systemas, vos ponderei (§. 585.) que constituia huma das principaes dfficuldades para se disporem em systema artificial (§§. 482., e 679., e seg.) tanto os objectos da Historia Na-

tural, como os da Psychologia. Isto he o que nos conduzio a fazermos a distincção dos *systemas* em *diagnosticos*, e *exegeticos* (§§. 488. e 492.): e a reflectirmos que os primeiros nunca podem deixar de ser imperfeitissimos (§. 616., e seg.) entre tanto que os segundos, à medida que os cultivarmos, se approximarão cada vez mais e mais da sua perfeição (§. 626.)

765. Aqui se offerece naturalmente huma duvida, que he de presumir suscitem no vosso animo estas palavras de Aristoteles, que parecem contradizer a doutrina, que fica exposta no §. 741.; pois parece que o nosso Philosopho distingue expressamente o *que* qualquer cousa *he*, de *qual ella he*; *isto he*: que distingue as *cousas* das suas *qualidades*.

766. Porém se attentamente lermos este Aphorismo 35.º, veremos que o que Aristoteles distingue, vem a ser: as *Essencias primarias*: as *Essencias secundarias*: e as *Qualidades*. Ora esta distincção reduz se á que por varias vezes vos tenho repetido nestas Prelecções: de simples *Qualidades* (§. 34. 71. 77.): de *Rubricas geraes*, taes como Classes, Ordens, Generos, Especies, etc. (§. 13. e seg., 51. e seg., 75. 80.:) e de *Individuos* (12.) Tanto ao que nós chamamos *Individuos*, como ao que chamamos *Substancias* (§§. 44. e 80.) chama

Aristoteles *Essèncias primarias*. Ao que nós chamamos *Essencia* (§§. 75. e 80.), chama elle *Essencias secundarias*. Quanto porém ás *Qualidades*, está conforme a sua com a nossa phraseologia.

767. Entendida a Linguagem de Aristoteles, e combinada com a moderna, de que usamos; fica facil o mostrar, que aquella objectada contradicção entre as suas, e nossas doutrinas era só apparente: e para isso bastará traduzirmos na Linguagem corrente o 35.º Aphorismo, sobre que póde ter lugar a duvida (§. 255.) " As *Essencias primarias*, „ diz elle, " significão *o que* a cousa he „ Quer dizer: Os nomes dos *Individuos*, bem como os das *substancias* (§. 766.) significão o mesmo que os nomes dessas mesmas cousas (§. 741.) Esta asserção he evidente: nem ha nestas Prelecções doutrina em contrario.

768. Continua Aristoteles: " As *Essencias* „ *secundarias*, não significão *o que* a cousa he; „ mas *qual* ella seja. „ Traduzamos: O nome que significa qualquer *Essencia* (§. 766.), não significa o complexo de *todas* as qualidades que o nome do *Individuo*, ou de *substancia* a que essa essencia pertence, significa (§§. 81. 741.); mas sómente *huma parte* dessas qualidades.

Tambem isto he evidente (§. 80. ;) mas tam-

bem em nada encontra a doutrina do §. 741., ou alguma outra da que temos ensinado: antes pode servir como hum exemplo da conformidade das nossas idéas com as de Aristoteles nos pontos, de que se trata.

769. Connexa com esta objecção que acabamos de desfazer, está a que o mesmo Aristoteles se faz a si proprio no Aphorismo 33.º, que na verdade está concebido escuramente; mas que agora será facil de comprehender. *As essencias secundarias (por exemplo)*, objecta-se elle assim mesmo, *estão nos todos* (isto he: nas essencias primarias), *a que pertencem*; *logo ou as essencias secundarias não são essencias, ou são do numero das cousas, que estão em algum objecto: contra o que se acaba de dizer.*

Porem não he assim, prosegue o mesmo Aristoteles respondendo a esta objecção, *porque as essencias secundarias fazem parte das essencias primarias, a que pertencem: ora as cousas que se dizem estarem em algum objecto, não devem ser parte delle; logo não se póde dizer das essencias secundarias: que ellas estão nos todos, a que pertencem. E o mesmo hè de todos os outros cazos semelhantes.*

770. Em fim conclue este Philosopho, para nada deixar a dezejar: *ainda que todas as essencias sejão qualidades; nem todas as qualidades*

são essencias. Quaes são pois as que merecem este nome? O complexo daquellas que são communs a varios Individuos.

771. Chamo-lhe *complexo*, porque as mais das vezes se compõe de mais de huma qualidade. Porém se só huma qualidade for commum a varios Individuos; essa será essencia.

772. Esta ultima observação: de haver cazos, em que a essencia consta de huma só qualidade, he que deu occasião a que alguns Philosophos precipitadamente inferissem: que sempre e em todos os entes do Universo ha huma qualidade que por si só, e mais particularmente do que quaesquer outras de hum mesmo Individuo, a que possa competir o epitheto de essenciaes, constitue a essencia desse Individuo. Asserção falsa, e que tem sido causa de grandes, e perniciosos erros.

773. Como aquelle complexo de qualidades, ou aquella qualidade commum a varios Individuos que constitue a essencia, he tambem que constitue o caracter categorico, digamos da Classe, Ordem, Genero, etc.: e he o que designamos pelo nome commum de todos os Individuos comprehendidos em qualquer daquellas Categorias, ou rubrícas; daqui vem ser identico dizer-se, que a essencia he o complexo das qualidades *que constituem o caracter Categorico* (§§. 314. 325. 398.), ou das que se verificão em todos

os Individuos do mesmo nome (§§. 325. 361. 398. 763.), ou em fim daquelles que não podem variar, *sem que o Individuo deixe de ser o que era* (§§. 72. 75.), pois isso val o mesmo que dizer: *sem que ao Individuo fique desde logo competindo outro nome* (§. 741.).

774. Conformemente a esta doutrina diz Aristoteles nos Aphorismos 36º, e 37.º, e já o tinha dito nos Aphorismos 23.º até o 28.º: que das essencias secundarias humas são mais essencias do que as outras; segundo o maior ou menor numero de qualidades essenciaes, que em si encerrão. Ora como os caracteres especificos abração mais qualidades essenciaes do que os genericos; com razão diz o nosso Philosopho que as especies são mais essencia do que os generos. Tudo isto he por extremo claro; e por tanto quizera eu perguntar aos nossos scepticos modernos, se a palavra *essencia* he tão escura, e incomprehensivel, como elles a querem suppôr (§. 742.).

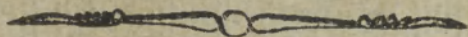
775. Com tudo, acode o mesmo Aristoteles a prevenir nos Aphorismos 25.º, e 26.º que quando diz, que de dois complexos de qualidades essenciaes he mais essencia aquelle que contém hum maior numero dellas; não se deve entender de dois complexos quaesquer de qualidades essenciaes; mas de dois complexos compos-

tos unicamente das qualidades essenciaes de algum determinado *Individuo*: destes he que se póde dizer e se diz, que he mais essencia (secundaria) aquella que comprehende hum maior numero de qualidades essenciaes do *Individuo* ou, ou o que val o mesmo, da *essencia primaria* (§. 766.).

776. Como os limites de cada huma destas Prelecções me não permittem entrar hoje na demonstração das vantagens que podereis tirar desta classificação das essencias, por isso sou obrigado a reservar para a seguinte o que tenho a dizer vos sobre esse objecto; para então difiro a exposição dos Aphorismos 23.º até ao 28.º, e do 36.º até ao 42.º que completão a doutrina das *Essencias*, na Linguagem de Aristoteles.

****

PRELECCÕES PHILOSOPHICAS.

VIGESSIMA QUARTA PRELECÇÃO.

ASSUMPTO.

§. 777. INtroducção: Sentido dos Aphorismos 19.º e 20º d'Aristoteles — §. 778. Applicações delles — §. 779. Como elles facilitão o methodo de classificar — §. 780. Futilidade das questões, em que se ventila, se huma cousa he substancia ou qualidade — §. 781. Exemplo tirado dos erros do Gentilismo, por haverem transcurado a doutrina destes Aphorismos — §. 782. Divisão da Theogonia dos Gregos e Romanos — §. 783. Regularidade do Universo — §. 784. Como elle se dividio em *Creatura* e *Creador* — §. 785. Dois tempos, que os Antigos distinguião relativamente á *Creação* — §. 786. Nomes dados a estes dois tempos. O que seja *Eternidade*, *Infinito* — §. 787. O que se entendia ao

VIGESSIMA QUARTA PRELECÇÃO.

777. VImos na precedente Prelecção a sagacidade, com que Aristoteles distinguio duas differentes *Essencias*, chamando a huma dellas *primaria*, e a outra *secundaria*. Não he menos delicada a analogia com que nos Aphorismos 19.º e 20º distingue duas especies de *Qualidades*. *Em geral*, observa o nosso Philosopho, *de nenhuma Qualidade se póde dizer que seja coespecie de alguma substancia. Comtudo ha Qualidades que são Generos, em que varias substancias se comprehendem, como especies* (§. 761.)

778. Bastava ser esta distincção verdadeira, e pouco conhecida, para a devermos apreciar, como huma importante doutrina philosophica (§. 9.). Porém como o valor das cousas só se determina propriamente pelo numero das suas uteis applicações; cumpre que fazendo uso destes Aphorismos, para acrescentar mais algumas reflexões ás que até aqui tenhamos feito sobre a *Nomenclatura* e o *Methodo* das Sciencias, vos dê alguma idéa da sua importancia.

799. No decurso da 19.ª e da 20.ª Prelecção, e determinadamente dos §§. 624, e 657 por diante vos fiz notar a grande dependencia,

que o progresso de qualquer Sciencia em ponto de Nomenclatura, de Systema, de Theoria e de Methodo, tem do gráo de perfeição, em que se acha o *Systema das Qualidades*, que fizerem o particular objecto dessa mesma Sciencia. Ora hum grande passo para a classificação das Qualidades he evidentemente a distincção, que Aristoteles aqui nos aponta de Qualidades que a pezar de não poderem ser co-especies de nenhumas substancias, *por isso que são meras Qualidades*, podem comtudo ser generos em que varias substancias se comprehendão.

780. Nos differentes ramos de Physica, e de Chymica, que por ventura forem objecto de vossos estudos, encontrareis frequentemente posto em questão, se tal e tal palavra designa huma *Substancia*, ou se simplesmente huma *Qualidade*. Semelhantes questões ha muito estarião resolvidas, se os Philosophos, que as ventilão, conhecessem a doutrina contida nestes dois Aphorismos de Aristoteles; por quanto nada de tão facil como verificar se o objecto da questão póde, ou não ser co-especie de alguma substancia: se o póde, he *Substancia*: se o não pode, he mera *Qualidade*. De resto pela simples comparação das Definições dos §§. 43 e 44 destas Prelecções teria sido facil eliminar semelhantes ques-

tões que desfeião as Sciencias, e deslustrão o Espirito Humano.

781. E afim de que possaes fazer conceito da funesta influencia do erro de assim tratarmos como *Substancias* as meras *Qualidades*, vos citarei o exemplo de huma das mais notaveis cegueiras que desdoirão a Historia do Homem, e a qual não teve outra origem, nem consistio em cousa alguma outra, senão em huma semelhante confusão de idéas: o caso de que vos fallo, he a absurda doutrina do Paganismo, que por tantos seculos grassou, mesmo entre Nações, aliás tão cultas e instruidas; por não fallarmos das barbaras e incultas, que então e ainda hoje acreditão como dogmas infalliveis os desvairados erros do Gentilismo.

782. A Theogonia dos Gregos e Romanos (porque o tratarmos das de outros povos nos afastaria muito do principal assumpto destas Prelecções, alem de que só differem daquella na denominação das Divindades) divide se em cinco classes; a saber: 1.ª a crença de *huma* e *unica Causa Primeira do mundo*, hum só Deos, ou o *Monotheismo*: 2.ª a crença de *duas Causas Primeiras*, huma de todo o *Bem*, e a outra de todo o *Mal*, dois Deozes, ou o *Ditheismo*: 3.ª *a crença de tres Causas Primeiras*, tres Deozes, ou o *Tritheismo*: 4.ª a crença de hum

grande numero de Deozes, ou o *Polytheismo*: 5ª a crença de huma Potencia superior á mesma Divindade, ou o *Fatalismo*.

783. O Universo, (*Universum. To Pan.*) que hoje contemplamos, dizião os antigos Philosophos, consta de elementos admiravelmente combinados com ordem e symmetria, seja qual for o momento e o estado, em que o observemos.

784. Mas este *Mundo* tão symetrico e regular (*Cosmos. Mundus*) nada he mais do que hum mechanismo, no qual, como em qualquer outro, he forçoso distinguirmos primeiramente as peças ou elementos, de que elle consta, e que outrora se achavão desunidas: e em segundo lugar o Artista, cuja intelligencia concebeo o plano da machina, e conformemente a elle talhou e reunio as peças de que ella hoje se compõe.

785. Do mesmo modo he forçoso distinguir nesta, como em toda e qualquer machina, dois tempos, continuão aquelles Philosophos; a saber: hum desde a opoca da reunião das peças, que he o primeiro momento de existencia da mesma machina: e outro antes de ella existir.

786. Ao primeiro chamárão os Gregos *Kronos*, e os Latinos *Tempus* (Tempo). Ao se gundo chamárão os Gregos *Aiôn*, e os Latinos *Aevum*, *Aeternitas* (*Eternidade*). O primei-

ro he determinavel, pois que tem por medida a serie de estados por onde tem passado o mesmo systema do mundo, desde o primeiro momento da sua existencia. O outro não offerecendo nehuma successão de estados, exclue toda a idéa de medida; o que não admitte medida, não tem fim, ou, o que val o mesmo, he *infinito*, *eterno.* (Apeiros, Aiôn, Aei ôn, Aiônios, Aidios: *Infinitus*: *Aeternus.*)

787. Sendo porém impossivel conceber a existencia de corpos, sem cogitar de *Espaço*, em que elles existão; os Antigos não se esquecerão de mencionar e nomear o Espaço em que elles affirmavão terem existido as partes de que o mundo se compõe, antes de se combinarem e unirem na fórma regular donde começou a chamar-se Mundo (*Cosmos*): e a aquelle espaço chamárão *Chaos.*

788 Bem depressa este nome do *Espaço* (onde os elementos, cuja futura e regular união se havia de chamar mundo, se suppunhão existir sem regularidade nem ordem) se applicou para designar o complexo desses mesmos elementos, assim naquelle estado de confusão, e desordem: E esta ficou sendo geralmente a significação da palavra *Chaos.*

789. Pois que o *Espaço* (*Chaos*,) e o *Tempo* (*Aiôn*, *Chronos*) erão duas entidades, cuja con-

cepção não só era independente e anterior á existencia do mundo, mas até era impossivel conceber *Mundo* sem *Tempo* e *Espaço*, e por *Espaço* se entendia o complexo de elementos que vierão a compor o Mundo (§. 788.) foi facil o concluir-se, que assim como o *Chaos* era a *Materia*, de que se fizera o Mundo, o *Tempo*, *Chronos* era a *Causa intelligente* (§. 785.) do mesmo Mundo.

790. Como porém o natural instincto achasse grande dureza em designar *o Ente*, *que formou o Mundo*, com o mesmo nome do *Tempo*; modificou-se hum pouco este nome pondo hum K em vez de CH: e continuando se a chamar ao Tempo *Chronos*, chamou-se ao Ente que formára o Mundo *Kronos*.

791. Mas não parou aqui o abuso que fez da Prosopopeia (§. 781.) a poetica Philosophia dos Antigos. Eu disse, ha pouco (§§. 785, e 786.), que elles distinguião dois tempos; a saber: primeiramente o que de toda a eternidade decorreu até á formação do Mundo (*Aiôn. Aevum*). E em segundo lugar o que decorreo desde esta epoca (*Chronos. Tempus*).

792. Tambem vos fiz observar que ao primeiro destes dois Tempos nenhuma medida se podia applicar: e por isso se lhe chamava infinito: entretanto que o outro (*Chronos*) he sus-

ceptivel de ser medido. Ora a medida geral do tempo he o movimento dos corpos celestes, cujo complexo, nós chamamos Ceo, e os Gregos Urano, de modo que sem elle, considerado como medida, não pode haver tempo commensuravel (*Chronos*), disserão que *Chronos* era filho de *Uranos*. Os Latinos não só adoptárão esta expressão metaphorica, mas até a designarão com hum determinado nome que formarão dizendo *Satus Urano*, e por huma figura entre elles usual, *Sat'ur'nus*, ou *Saturnus*.

793. Designava pois este nome de Saturno entre os Latinos, e o de *Chronos* entre os Gregos o Ente Intelligente que creou o Mundo. Mas elles não tinhão outra idéa de *creação* mais do que de *formação*. Saturno, ou Chrono nada mais tinha feito do que unir, e combinar em hum systema regular, e ordenado a que se chama Mundo (*Cosmos*) os elementos, que, como elle, existião de toda a eternidade (*ap'aiônos*) postoque *em confusão e desordem na immensidade do espaço* (*Chaos*). Vindo a ser estes elementos do Mundo, e o Author delle o que os Antigos chamavão Universo (*To Pan. Universum*).

794. A analogia como vimos no §. 784, os levára a concluir, que o Mundo devia ter hum Autor intelligente, por isso que não ha ma-

china regular sem hum Artista, que a tenha feito: esta analogia, digo, tão longe estava de ser absurda, que he transcendente a todas as Nações bem caracterizadas pela Historia. Mas seria evidentemente absurdo proseguir na mesma analogia concluindo, que assim como o Artista faz, ajunta e combina as peças da sua machina, servindo se das proprias mãos, e de instrumentos, assim o Creador do Mundo o devia ter formado com as mãos, e ferramenta. Excluido porém este meio, não resta ao Creador comparado com o Artista, senão a *intelligencia* (*Nous*) como instrumento e meio para executar a creação.

795. Porém a intelligencia do Creador tomada em geral não abraça só esta ordem do Mundo: nada ha que limite a ella só todas as suas possiveis concepçoes. Foi logo huma e determinada de entre todas estas suas concepções possiveis (Nous. *Mens*, *Intellectus*, *Sapientia*) a que servio de conceito (*Logismos*, *Logos*. *Intellectus*, *Idea*, *Sermo*, *Verbum*), de plano ou de exemplar (*Paradigma*, *Exemplar*, *Idea*), para a formação do Mundo.

796. Ora entre todos os homens, como em todas as Linguas, os conceitos do Espirito se chamão *producções*, *partos*, *filhos* do espirito que as concebe; e por tanto não nos deve admirar, que os Antigos ao conceito (*Nous*, *Lo-*

gos) de Krono, ou Saturno formando o Mundo, lhe chamassem *Filho de Krono ou de Saturno*, e lhe apropriassem hum nome, qual foi o de *Zên*, *Zeus*, *Deus*, *Dis* entre os Gregos: e *Jupiter* (*Jeus*, *Jouis*, *Jovis Pater*: *Jupiter*, *Dispiter*, *Diespiter*) entre os Latinos.

797. Huma vez desacostumados os homens de dizerem que Saturno fizera o Mundo: antes costumados a dizerem que fora o *Entendimento de Saturno*, já personnificado como seu Filho Primogenito, denominado Jupiter, Zeus, ou Deus; claro está que desde esse momento o epitheto de *Creador*, *Pae* e *Governador* do Mundo, de *Deos* por excellencia, ficava competindo quasi exclusivamente a Jupiter: e tinha lugar a metaphora, de que aquelle Gentilismo se servia, dizendo que *Jupiter* prendêra, e condemnára á *inacção* a seu Pae *Saturno*.

798. De huma semelhante metaphora fazião uso a respeito do mesmo Saturno, pois que em vez de dizerem que de todos os planos, concepções, ou idéas que elle tivera para a formação do Mundo, só se verificou a personnificada com o nome de Jupiter (§. 797.); disserão que Saturno devorára todos os seus Filhos, Irmãos de Jupiter: e para explicarem porque este não teve a mesma sorte, accrescentavão, que para o subtrahirem a ella havião enganado a Saturno

dando-lhe em seu lugar huma pedra envolta em huma pelle ou em pannos. Talvez tem esta circunstancia alguma significação metaphorica, mas nem a tenho encontrado nos Escriptores, nem me occorre qual possa ser.

799. Tambem para designarem, que Saturno não tornaria a formar outro Mundo, se servirão da metaphora de dizerem, que Jupiter castrára seu Pae Saturno.

800. Passando agora do Creador ao creado, e voltando a comparar a Machina do Mundo com as que são obras da Intelligencia Humana, observamos que estas desde o primeiro instante da sua existencia se vão continuamente deteriorando, até por fim cahirem n' huma total dissolução e ruina. A Machina do Mundo pelo contrario desde as mais remotas idades, a que alcança a Historia, se offerece á nossa observação constantemente regular e ordenado, sem vestigio algum de deterioração. As partes de que elle se compõe, nascem, crescem, deperecem, morrem, e dissolvem-se ao ponto de até desapparecerem aos nossos olhos; mas outros novos entes se formão, e apparecem em seu lugar, para correrem os mesmos termos dos primeiros, ficando a Machina do Mundo sempre differente, mas nem por isso menos regular em

qualquer momento, ou tracto de tempo, em que a consideremos.

801. Aquella ordem, e regularidade que se admira no Universo, bem como este nunca interrompido movimento em que consiste a sua vida, e conservação (§§. 167. 193.) he o effeito da attracção, de que são dotadas todas as suas partes, humas para com as outras (§. 140.).

802. Os Philosophos, cuja doutrina estamos analysando, em vez da palavra attracção, ou affinidade, que hoje empregamos, servirão-se da de *Amor* (*Erôs*: *Amor*) como mais conforme ao genio poetico, de que estavão animados.

803. Se se chamão animaes, dizião os mesmos Philosophos, aquelles corpos vivos em quem se reconhecem movimentos mechanicos, que não são effeito de nenhuma causa externa (§. 174.) quem poderá negar ao Mundo o epitheto de *animal*? A sua duração deriva de huma serie de acções chymicas das suas partes entre si. Logo, continuavão os mesmos Philosophos, elle he hum corpo vivo, (§. 165.). Pelo acto da creação a Intelligencia creadora reunindo os elementos do Mundo, e sujeitando-os a certas Leis, he da acção, e reacção das partes do mesmo Mundo entre si, e conforme a aquellas Leis, sem intervenção de nenhuma outra cousa externa, que resultão os movimentos, que constituem a *Me-*

chanica do Mundo. Logo, concluião elles, o *Mundo he animado*, he hum *Animal.* Em virtude deste seu discurso forão conduzidos os mesmos Philosophos a darem o emphatico nome de *Alma*, ou de *Espirito vivificante do Mundo* (*Psyche*, *Pneuma*: *Anima*; *Spiritus*), ao que nós hoje chamamos *Forças motrizes* do Mundo.

804. Mas não bastava o terem personnificado mais esta Divindade; era preciso para satisfazer o gosto do seculo, traçar-lhe a genealogia: e eis-aqui o como se discorreo a este respeito. A harmonia, que reina entre as differentes partes do Universo, deriva, procede, e emana da harmonia, ou conformidade, que ha entre a concepção da creação, e a mente do Creador. Mas o Creador havia sido denominado *Saturno*: a concepção da creação havia sido persmnalisada na pessoa de *Filho de Saturno*: a harmonia das partes componentes do Mundo humas com as outras chamava-se *Amor*; logo concluião os nossos Philosophos, o *Amor* que conserva o Universo unindo entre si as differentes partes de que elle se compõe, o *Espirito* vivificante, a *Alma* que anima este Mundo (*Pneuma*, *Psyche*: *Spiritus*, *Anima*) deriva, procede, e emana do *Amor* de Saturno para com seu *Filho* Jupiter.

805. Aqui tendes, Senhores, como por hum abuso de imaginação, que nos pareceria incri-

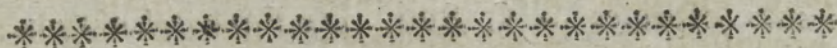
vel, se o não achassemos tão circunstanciadamente expendido nos Escriptos, que nos restão dos Antigos, os vemos considerar os *Attributos* de *Creador*, e de *Conservador*, que pertencem ao *Ente Supremo*, como se fossem dois *Entes*, ou *Substancias* coeternas ao mesmo *Deos*, e *Deozes* como elle: E sobre este absurdo erro edificárão a monstruosa fabrica do Paganismo, que por tantos seculos trouxe illudidos os Povos mais cultos da Terra.

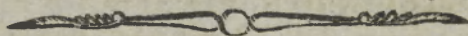
806. Comtudo a justiça pede, que eu vos não deixe ignorar, que no meio destas trevas não faltarão alguns bons espiritos, que souberão apreciar estes delirios no seu justo valor, pois que, sem fallar de outros menos distinctos, Aristoteles, e Platão entre os Gregos; Lucrecio, Cicero, e Seneca entre os Latinos, reconhecem expressamente, que todas aquellas suppostas Divindades nada mais erão do que *outras tantas personnificações de hum unico Deos, quantos erão os Attributos que se queria enumerar.*

807. Estes Attributos, ou se fazem conhecer nos grandes phenomenos do Mundo, tanto physico como moral: ou nos acontecimentos ordinarios assim de cada individuo, como da Sociedade. Desta differença de objectos, mais ou menos notaveis, mais ou menos importantes, teve origem a classificação dos Deozes da Gentili-

dade em doze grandes Deozes, ou de primeira ordem, e outros de segunda, e terceira ordem: além dos Genios particularmente encarregados de funcções ainda mais circunscriptas, e individuaes.

808. He assim que Jupiter, posto que encarregado do governo do Mundo em geral, se dizia especialmente Autor dos meteoros, que pela sua grandeza causão o terror, e o espanto entre todos os viventes. Neptuno exercia o seu imperio nos Mares: Plutão nos Infernos: sim, nos Infernos, porque o Paganismo não era, cõmo muitos se tem persuadido, hum mero *corpo de Moral symbolica*: mas tambem *Religiosa*. Mas esta materia, que he demasiadamente importante para que eu deixe passar esta occasião de vo-la desenvolver, me obrigaria a dar á presente Prelecção maior extensão do que ella deve ter; e por isso fará objecto da seguinte.

****

PRELECC,OES PHILOSOPHICAS.

VIGESSIMA QUINTA PRELECÇÃO.

ASSUMPTO.

§. 809. REcordação dos principios geraes da Moral — §. 810. O que seja *Moral Philosophica* — §. 811. O que seja *Moral Religiosa* — §. 812. Divisão da Ethica, segundo os differentes Methodos, porque he tratada. O que seja *Ethica Dogmatica* — §. 813. E *Ethica Characteristica* — §. 814. E a *Paradigmatica* — §. 815. A *historica*, e a *romanesca* — §. 816. O que seja *Fabula*, ou *Apologo* — §. 817. E *Mythologia* — §. 818. Da *Ethica Dramatica*, ou *Drama* — §. 819. Differentes especies de Dramas — §. 820. Definição do *Genero comico vulgar* — §. 821. E do *comico burlesco* — §. 822. E do *comico elevado* — §. 823. Do *Genero tragico* — §. 824. Da *Moral Parenetica*, e suas subdivisões — §. 825. Da *Parenetica rhetorica*:

VIGESSIMA QUINTA PRELECÇÃO.

809. SE trouxerdes á memoria a definição, que no §. 297 vos dei de *Virtude*; as que vos dei de *Lei* no §. 103, e a de *Sancção* no §. 268; servos-ha mui facil concluir: 1.º que se chama viciosa aquella acção, de que se costumão seguir mais males do que bens: 2.º que sendo estes males hum effeito, cuja razão he aquella acção, a que por isso chamamos *viciosa*, vem a ser isto huma *Lei natural*, cuja sancção (natural) consiste naquelles mesmos males, com que a *experiencia*, ou nossa ou alheia, nos ensina, que costuma ser castigado aquelle, que se afasta das praticas da *virtude*.

810. O Corpo de doutrinas, que, fazendonos conduzir pela mão da experiencia, nos mostra quaes sejão as acções virtuosas, e quaes as viciosas, segundo os bens, ou os os males, que dellas se costumão seguir, constitue o que chamamos *Moral Philosophica*.

811. Porém, além dos males, que a experiencia nos mostra, como consequencias das acções viciosas, póde haver outros desconhecidos á razão humana; e por tanto o Moralista, que nos ensinasse, serem aquellas acções más: não já pe-

la *sancção natural* (§. 809.), mas por outra, com que a Divindade aliás tem decretado não deixar impunes nossos crimes; este Moralista, digo, sim nos ensinaria principios de Ethica (§. 26.), mas não de *Ethica Natural* (§. 810.): e por isso se lhe chamou *Ethica*, ou *Moral Religiosa*.

812. Tanto a Ethica Natural, como a Religiosa, podem-se ensinar, e inculcar por differentes modos: o que dá lugar a outras tantas divisões daquellas Sciencias. Deduz o Moralista huma serie de asserções, que determinão em geral, quaes sejão as acções virtuosas, e quaes as viciosas? Chama-se a este Tratado *Ethica Dogmatica*.

813. Analysa elle com mais cuidado as Paixões Humanas, distribuindo-as por Classes, Ordens, Generos, etc.? O seu trabalho toma o nome de *Ethica Characteristica*.

814. Mas se em vez de huma Analyse demonstrativa, ou de hum Discurso synthetico, para provar quaes sejão as boas, quaes as más acções, o Moralista offerece aos nossos olhos a historia dos Homens, e nella nos retrata ao natural o Vicio, ou a Virtude; temos hum Tratado de *Ethica Paradigmatica*.

815. Sobre esta divisão porém ha a notar, que se a existencia dos homens, cuja historia se

expõe, he real e verdadeira, esta especie de Ethica Paradigmatica chama-se *historica*: se ficticia, chama-se *romanesca*.

816. Se em vez de homens se tomão animaes em quem a observação nos tem feito descobrir procedimentos, ou propriedades analogas aos actos moraes dos homens; chama-se a esta exemplificação da Moral, *Fabula* ou *Apologo*.

817. Se ao contrario se poem no lugar de homens, Entes dotados sim de faculdades humanas., mas em hum gráo superior a nós, toma neste cazo o nome de *Mythologia*.

818. Além de todas estas differenças porém da Ethica Paradigmatica, que são meramente narrativas, ha outra a que chamão *Dramatica*, e que tem lugar todas as vezes que se figurão differentes Pessoas tratando entre si, e offerecendo em seus discursos, e narrações outros tantos quadros do que se observa em varios lances da humana vida.

819. Divide-se este genero em *Comico*, e em *Tragico*: bem como o Comico se subdivide em *vulgar*, tanto *serio*, como *burlesco*: e em *elevado*.

820. O *Comico vulgar* tem por objecto os costumes domesticos e civís, representados ao natural, segundo o estado ordinario do commum dos homens.

821. O *Comico burlesco* applica-se a representar os costumes, que sendo dignos de censura, admittem o serem ridiculisados: e a fim de melhor fazer sobresahir os defeitos, traça-os em ponto maior que o natural, mas com certa moderação, para que o retrato não perca a semelhança com o original. Este Drama he ao Comico serio, o que a Caricatura he ao Retrato.

822. O *Comico elevado* versa sobre as paixões de que he susceptivel o commum dos homens: e que posto que sejão mais ou menos violentas, não suppoem no subjeito mais energia de alma do que a tempera ordinaria.

823. Não assim o *Tragico* que só representa aquellas paixões para as quaes he preciso ter huma grandeza de alma, huma elevação de sentimento tal, como raras vezes a experiencia nos mostra na totalidade dos homens.

824. Outro methodo de ensinar, e inculcar a Moral, he o *Parenetico* que se divide em *Rhetorico*, e *Symbolico*. Pelo primeiro destes dois methodos o Moralista tirando todo o partido, que lhe he possivel do dom da palavra, ou como Orador, ou como Poeta, defende, exalta, e persuade os encantos da virtude a par dos horrores do vicio.

825. Humas vezes porém o discurso com que o Moralista procura persuadir, segue as regras

geraes do estilo oratorio, ou poetico; outras vezes, para mais conciliar a attenção, e melhor imprimir a doutrina no animo dos Leitores, ou Ouvintes, o Autor toma o expediente de expôr as verdades que tem de ensinar, debaixo de Comparações e Allegorias (§. 419.). Este methodo figurado denomina-se *Estilo Symbolico*, e vem a ser a passagem do Methodo Rhetorico para o Symbolico, que apontei no §. precedente.

826. Por quanto o *Methodo Symbolico* propriamente dito consiste em representações, que só affectão á vista, offerecendo-nos imagens de cousas physicas, e visiveis, que despertem em nós as idéas moraes, que o Autor nos pertende inculcar.

827. Ora estas imagens podem ser de *pintura*, ou de *acção*. As primeiras constituem os Methodos *Emblematico*, e *Hieroglyphico*: As segundas o *Mimico*, e o *Mystico*.

828. As figuras que o *Methodo Emblematico* emprega, devem ser taes, que traduzindo-se na linguagem vulgar, e no que ellas representão, sim offereção huma phrase figurada e metaphorica; mas tal e tão connexa com a moralidade que se pretende inculcar, que não haja a menor demora em se perceber o sentido, daquella *Allegoria intuitiva*.

829. Já com os *Hieroglyphicos* ha muito

maior liberdade na escolha ; por isso que são figuras escolhidas por convenção entre hum pequeno numero de pessoas para se enunciarem doutrinas, que lhes interessa conservarem occultas aos *profanos* (que assim chamão aos que ignorão, ou desprezão-os seus principios). Mas nem por isso he illimitada aquella liberdade ; pois que he forçoso que tenhão o requisito da perspicuidade: para o que he indispensavel, que o Hieroglyphico tenha ao menos em sua origem alguma relação metaphorica com a moralidade, que se pretende inculcar.

830. O terceiro Methodo de imprimir no animo dos Espectadores as verdades da Moral, he por meio da representação, que o corpo humano, e todas differentes partes costumão tomar nas occasiões, em que se praticão as virtudes, que se querem recommendar, ou os vicios que se intenta censurar. As Danças, que se executão sobre os nossos Theatros, nada mais são do que huma serie de semelhantes situações, entre si ligadas, de maneira que constituem hum Drama mudo (§. 818.); porém tal que os gestos produzem effeitos ás vezes ainda mais energicos do que as palavras nos Dramas propriamente ditos.

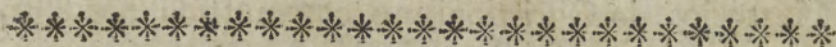
831. Ao uso da Mimica anda quasi sempre annexo o da *Scenica*, que consiste no complexo de accessorios, que compoem o Actor, e o Lu-

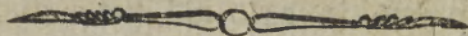
gar da representação. Destes *accessorios* huns são *proprios*, outros *symbolicos*. Os primeiros dão muita energia á representação, offerecendo-nos o Actor, e o Lugar, taes quaes he provavel, que elles fossem, quando se passou o que assim se representa: os segundos servem a gravar melhor no nosso animo os dictames, que a acção inculca, servindo aquelles symbolos não sómente de dar ao espirito o necessario recreio, sem se afastar do objecto principal; mas tambem de nos fornecer em cada hum dos objectos, que assim affectarão agradavelmente os nossos olhos e ouvidos, outros tantos pontos de apoio a que se liguem as idéas moraes, que por abstractas facilmente se desvanecerião, sem o soccorro de semelhantes artificios.

832. Em fim para que em tudo os Methodos de ensinar a Ethica correspondessem ás Secções da mesma Ethica, ha entre elles huma que tem lugar unicamente na Ethica Religiosa, e ao qual se chama *Mystico* ou *Liturgico*. Consiste elle no complexo de certos actos e praticas, humas symbolicas e expressivas: outras arbitrarias, e convencionaes: todas tendentes a dispertarem, e fortificarem em nós as idéas, e o amor da virtude em vista dos Premios, que a Divindade nos prepara, se formos virtuosos, e dos castigos que infallivelmente nos esperão, se preferirmos os desatinos do vicio.

823. Como estas Praticas Mysticas, ou Liturgicas, envolvem hum reconhecimento mais ou menos expresso da nossa filial submissão ao Creador, e huma prestação de homenagem aos seus ineffaveis Attributos, cifrados no seu paternal amor para comnosco; tem-se chamado *Culto externo* aos differentes systemas de praticas religiosas que os homens em differentes tempos, e nas differentes Nações tem adoptado para conservarem entre si, e transmittirem facilmente á sua posteridade as verdades moraes, que á sociedade muito importa ver radicadas nos animos de todas as pessoas, de que ella se compõe; verdades que poucos homens são capazes de comprehender por meio de huma rigorosa deducção de raciocinios; mas que he facil imprimir, sobre tudo nos tenros animos da Infancia, da Mocidade, e do Sexo feminil, por meio de acções, e de symbolos, que affectando fortemente o sentido da vista, ficão profundamente gravados na phantasia: e nella se reproduzem com tanto maior calor, e valentia, quanto o estado das nossas faculdades se approxima daquelle, em que da educação recebemos semelhantes impressões.

834. Está ultima observação me desperta a lembrança de outra, que por me parecer de grande utilidade, não posso deixar em silencio; mas como a sua exposição demanda maior detalhe, sou obrigado a deferi-la para a seguinte Prelecção.

****

PRELECCÕES PHILOSOPHICAS.

VIGESSIMA SEXTA PRELECÇÃO.

ASSUMPTO.

§. 835. DE dois termos que se deixão observar nas tribulações, e molestias — §. 836. Dos actos mentaes no primeiro destes estados — §. 837. E no segundo — §. 838. Voz da Consciencia nestes momentos — §. 839. E a da Religião — §. 840. Vantagens deste despertador — §. 841. Harmonia que daqui se deduz entre as Leis da Natureza, e as Leis da Graça — §. 842. Notaveis observações de Platão — §. 843. Definição de *Religião* — §. 844. Necessidade da *Revelação* — §. 845. Como deriva immediatamente de Deos — §. 846. O em que consista — §. 847. Que he absurda a expressão de *Religião Natural* — §. 848. Definição da palavra *Mysterio* — §. 849. Que quem diz Religião diz Revelação — §. 850. Profanação dos

VIGESSIMA SEXTA PRELECÇÃO.

835. VO'S tereis sem duvida observado não sómente em vós mesmos, mas na generalidade dos homens com quem tendes tratado, que as tribulações, e molestias tem de ordinario dois termos: hum de exaltação, e outro de abatimento das forças vitaes. Em huns casos esta alternativa só se deixa observar huma unica vez: em outros podem-se assignar huma, ou mais repetições: depois do que se segue voltar-se ao estado ordinario das funcções animaes, ou morrer-se.

836. Durante o primeiro daquelles dois termos, ou cessa o exercicio das faculdades mentaes, ou se algumas apparecem, como hum relampago no meio da escuridade, são aquellas que nos tempos mais chegados á nossa tribulação, ou molestia constituião os nossos habitos.

837. Não assim durante o segundo termo; porque então, se o abatimento não he tal que prohiba todo o uso da razão, as idéas que em nós se despertão são as das affecções moraes as mais brandas, e suaves, que o nosso individual caracter nos consente.

838. Entre estas sobresahem as idéas consoladoras, no homem cuja consciencia o não accusa

de ter feito mal aos outros homens: e no homem criminoso os remorsos, com que se lhe pintão os seus crimes: e vendo-se por elles aborrecido de Deos e dos homens, até se horroriza de si mesmo.

839. He nestes momentos por conseguinte, que o premio promettido pela Religião á virtude, e os castigos por ella comminados ao vicio, se nos representão com toda a vivacidade das côres com que a Liturgica mais ou menos magestosa, e a Mystica mais ou menos sentimental e expressiva, no-los tiver insculpido nos nossos primeiros annos.

840. E eis aqui, Senhores o phenomeno moral sobre que eu invoquei a vossa attenção (§. 833.), vós não deixareis de reconhecer nelle o dedo da Providencia, cuja sabia economia de tal modo organisou o physico, e o moral do homem, que a serie necessaria do primeiro desperta no segundo os sentimentos mais proprios a chama-lo á virtude, a fazer-lhe detestar o vicio, e implorar em seu soccorro a Bondade, ou a Clemencia do Altissimo.

841. Mas de que meios se serve o Autor de todo o creado para tão sublime effeito? Admirai, Senhores, a simplicidade das Leis do Creador. A tribulação, a molestia declinando do paroxysmo a que a podião levar as forças da consti-

tuição, e do estimulo, vai conduzindo o enfermo, no periodo do abatimento, por huma gradual successão de estados até hum que differindo pouco daquelle, em que nos seus tenros annos recebeu as impressões da primeira educação, estas se lhe despertão vivamente por effeito de huma natural associação: e collocando o homem entre Deos, e sua passada conduta, lhe faz experimentar, ou as doçuras de huma consciencia pura, ou os remorsos, com que na presença de hum Juiz inexoravel não póde deixar de atormentallo a consciencia do crime. Feliz ainda, se educado nos principios de huma Religião digna de hum Deos não menos clemente que justo, elle espera achar em hum sincero arrependimento a taboa da salvação, que seus crimes parecia teremlhe roubado para sempre. Tal he Senhores, huma das vantagens da Santa Religião, que todos professamos.

842. Já Platão reflectio sobre este maravilhoso effeito da *Moral Religiosa* em hum dos seus Dialogos, cujo titulo me não póde lembrar, e no qual elle descreve com as mais vivas cores „ o „ terror do Usurario, que chegado ás portas da „ morte vê abrir se-lhe o Averno: se figura já „ diante de Rhadamento para ser julgado, e por „ elle sem recurso condemnado aos tormentos da „ Stygie, e do Cocyto, entre os Sisyphos, os Te-

„ lephos, e os Peleos se lançando mão desse ul-
„ timo momento não restitue os furtos commet-
„ tidos em sua vida. O mesmo Impio, " diz Pla-
„ tão, „ que nunca creo nos Deozes, e que mo-
„ fava dos dogmas, que no nome delles nos ensinão
„ os seus Sacerdotes, tratando-os de fabulas, e de
„ imposturas, não só teme e treme na presença
„ da morte, abjurando os principios da sua incre-
„ dulidade; mas dirige votos, e promessas aos
„ mesmos Deozes se lhe concederem a vida. „

He assim que todos os dias vemos homens facinorosos, que durante a sua vida desprezarão o odio dos homens, bem como o rigor das Leis, no momento em que menos o podem temer, porque vão a sahir do alcance da sua força, então he que aterrados pela vista das futuras, e inevitaveis penas do Inferno, humilhados, e contritos diante do Supremo e Inexoravel Juiz, lhe pedem com sincero arrependimento o perdão de seus delictos. He assim que denodados Incredulos, por irrisão chamados Espiritos Fortes em nossos dias, não tem podido resistir ao pavoroso espectaculo da Divina Justiça, que a seus olhos se apresenta despida de todas as humanas paixões naquelle momento fatal em que o mundo começa a não ser nada para elles, e á eternidade tudo: convertem-se ao gremio da Igreja, abnigão e desdizem-se formalmente das suas passadas doutrinas:

e bem como Saulo lançado por hum raio de luz abai-
xo do cavallo em que corria a perseguir os Fieis,
ouve em fim a voz da Divindade, que lhe brada:
„ *Saulo*, *Saulo*, *porque me persegues*? „ E des-
de esse momento se alista entre os Crentes: e
como testemunho de sincera conversão, abnega o
antigo nome: já não he mais Saulo Perseguidor
da Fé; he Apostolo, he Paulo.

843. Taes são, Senhores, os effeitos da Ethi-
ca Religiosa, isto he, (como acima fica dito):
da Ethica, cuja sancção he outra, além da natu-
ral, ou daquella que pela observação, e experien-
cia podemos conhecer. A esta Ethica tanto a dog-
matica, como a mystica e liturgica, se tem dado
o nome de *Religião*.

844. Desta definição cumpre que eu vos faça
deduzir desde já duas consequencias, reservando
para outro lugar o muito que sobre esta impor-
tantissima materia teria a dizer-vos. Pois que a
sancção, que caracteriza a Ethica Religiosa, não
he a que pelo uso da experiencia, e da razão po-
demos conhecer, segue-se que ella nos deve ser
revelada por quem possa ter conhecimentos, que
lhe não venhão, nem por factos de humana ex-
periencia, nem por inferencias desses factos: que
he o que chamamos razão.

845. Ora, assim como a faculdade que todos
os homens temos de adquirir conhecimentos pela

experiencia, como pelo uso da razão faz parte do que somos, e por tanto he obra immediata da Divindade, que nos creou: do mesmo modo os conhecimentos que nem pela razão, nem pela experiencia he dado aos homens adquirir, são obra immediata da Divindade na alma daquelle que ao Ente Supremo assim aprouve privilegiar de entre todos os mortaes.

846. Para distinguir estes conhecimentos dados pela Divindade immediatamente, e não adquiridos nem pelo uso da razão, nem pela experiencia, deo-se-lhes o epitheto de *revelados*; e ao complexo de taes conhecimentos chamou-se *Revelação*.

847. Taes são os motivos porque me não sirvo da expressão de *Religião Natural*, que muitas vezes tereis ouvido; porque se lhe applicarmos o methodo das transformações, que tantas vezes vos tenho recommendado como unica pedra de toque para se provar a verdade, ou a falsidade de qualquer expressão, teremos o seguinte resultado: *Religião Natural* quer dizer = Religião ensinada pela natural razão = isto he = Moral, cujos deveres nos são ensinados pela nossa experiencia e razão, posto que nem a razão, nem a experiencia nos possão fazer vir no conhecimento da sancção, que ella nos ensina de cada hum dos mesmos deveres = isto he: que a razão nos

mostra serem deveres; posto que nos não possa mostrar a sancção, em virtude da qual elles são deveres = isto he em fim = Deveres que a razão nos ensina serem deveres, posto que esteja fóra do seu alcance conhecer a razão, porque são deveres. = Como póde a razão ensinar-nos huma doutrina, de que ella não póde conhecer a razão?

848. As doutrinas que nós acreditamos, posto que a razão dellas esteja fóra do alcance da nossa experiencia, e por conseguinte da nossa razão, chamão-se *Mysterios*.

849. Os Mysterios não nos podem logo ser conhecidos, senão pela Revelação (§. 844.). Logo quem diz Religião, diz Revelação.

850. E logo tambem he impio abuso das palavras o que fez em sua obra o affectado Defensor, ou Interprete do *Espirito do Christianismo*, quando chamou *Mysterios* aos factos que por experiencia sabemos, mas cuja theoria nos he desconhecida: e concluio, que se a ignorancia da theoria nos não faz duvidar dos factos que sabemos por experiencia, tambem a ignorancia da razão de doutrinas, que não são, nem podem ser objecto da nossa experiencia, nos não deve fazer duvidar da sua verdade. O mesmo Author chamou *Mysterios* a certas ceremonias do Paganismo: e concluio, que se o Paganismo tinha *Mysterios*, não podia o Christianismo deixar de ter

Mysterios: e que se os Pagãos veneravão aquelles, tambem nós devemos a estes veneração, e crença.

851. Se aquelle Escriptor fosse tão exacto em comparar idéas, como o he em arredondar periodos, teria advertido, que *não duvidar* não he o mesmo que *crer*: e que *Factos da experiencia* são cousa mui diversa de *Doutrina da Revelação*.

852. *Crer*, *acreditar*, *prestar Fé* (que todas estas expressões são synonymas) só se diz de asserções de factos, que nós mesmos não experimentámos, mas outrem nos refere.

853. *Não duvidar* porém tambem se diz do estado do nosso animo quando sentimos, experimentamos ou observamos qualquer facto.

854. Cremos, ou acreditamos a quem nos merece *Credito* e *Fe*: e merece-nos *Credito* e *Fè* aquelle que a experiencia, ou a razão (que em ultima analyse se funda em experiencia) nos mostra ser veridico.

855. Por tanto quem diz *Fè*, ou *Crença*, nega a *experiencia* do *Facto*, e só suppõe a *experiencia* da *veracidade* daquelle que o refere.

856. He verdade que como os *Mysterios* (da Religião) são asserções, cuja razão não podemos penetrar, acontece, que por metaphora se chamão tambem mysterios quaesquer outras asserções cuja razão não penetramos. Mas ha en-

tre hum e outro caso a grande differença, que no primeiro asseveramos ser impossivel ao entendimento humano conhecer a razão daquellas asserções: e no outro limitamos esta falta de conhecimento a certo tempo, ou a determinadas pessoas.

857. Tambem he verdade, que os Gregos, creadores da palavra *Mysterio*, chamavão assim a certas *Liturgicas secretas*: e que os Padres do Christianismo por metaphora he que chamárão *Mysterios* ás doutrinas da Revelação, entre tanto secretas, em quanto superiores á comprehensão humana: não porque elles quizessem estabelecer hum parallelo entre as Liturgicas secretas do Gentilismo, e as Doutrinas incomprehensiveis da nossa Religião; mas porque se lhes não offerecia outra expressão mais adequada.

858. Por não reflectirem nisto, e deixando-se levar unicamente da identidade das expressões, que os Santos Padres da Igreja Catholica empregarão fallando do Mysterio da Santissima Trindade, e daquellas com que vimos na 24.ª Prelecção, que os Philosophos Gregos expozerão a sua Theogonia, he que alguns Hereges dos primeiros seculos da Igreja, e os Incredulos dos nossos dias tem pretendido, que aquelle Mysterio nada he mais do que o Tritheismo de Platão.

859. Eu não me demorarei em expor-vos as

eruditas razões com que os nossos Theologos tem rebatido este attaque da Incredulidade. Esta discussão toda Theologica seria muito impropria deste lugar. Mas como tenho a honra de fallar a hum Auditorio nascido e creado no gremio da Igreja, não me he licito tocar esta materia sem ao menos apontar as forças dos argumentos, cuja deducção podereis ver nos Autores, que tratão a questão *ex professo*, e entre os quaes se distinguem os dois Jesuitas Petavio, e Baltus; o primeiro nos *Dogmas Theologicos*: e o segundo na sua *Defeza dos SS. PP. accuzados de Platonismo.*

860. Se quando se nos objecta, dizem estes doutos Theologos, que o Mysterio da Trindade he o mesmo que o Tritheismo de Platão, se quer dizer, que a Igreja não recebeo aquelle Dogma pela Revelação, mas que os SS. PP. o apprenderão nas Escolas dos Philosophos da Grecia; he facil refutar esta asserção pelos principios geraes da Theologia Christã, pelos quaes se tem provado que tudo quanto a Igreja nos ensina em ponto de Religião, quer sejão verdades novas, quer sejão já antes conhecidas, tudo lhe foi immediatamente revelado. E logo embora se achasse nos Escriptos, ou na Tradição das Gentes a doutrina de *Deos Trino*, isso não provaria contra a revelação do Mysterio da Trindade; pois

que ninguem se lembraria de negar a revelação do Dogma de *Deos Uno* pela razão de que essa doutrina se encontra nos Escriptos, e Tradição de todas as Nações.

861. Em segundo lugar, continuão os mesmos Theologos, porque razão se ha-de avançar, que huma doutrina, cuja origem divina he provada pelos Livros Santos, e Tradição constante da Igreja, he copiada das Escolas da Grecia: e não se ha-de antes dizer, que os Philosophos Gregos, tendo hido grangear pelas suas viagens em todo o Oriente os conhecimentos com que enriquecerão a sua Patria, trouxerão de mistura com as doutrinas da razão muitos Dogmas da Revelação, que elles ignorantes desta origem divina, que caracteriza os ultimos, se esforçárão em os deduzir, cada hum segundo os principios do seu particular systema de Philosophia?

862. Em terceiro lugar, dizem finalmente os mesmos Theologos, he falso que o Dogma de *Deos Uno* e *Trino*, que a Igreja nos ensina, *Hum em substancia*, *e Trino em pessoas* seja o mesmo, que a doutrina contradictoria dos Philosophos, que humas vezes asseveravão a *Unidade de Deos* distinguindo só os seus differentes *Attributos*: outras vezes negavão aquella *Unidade*, e reconhecião tantos Deozes, tantos Individuos,

tantas substancias, todas divinas, todas differentes, quantos erão aquelles Attributos.

863. Aqui teria eu concluido a tarefa, que me propuz de vos mostrar a importancia da doutrina dos Aphorismos 19.º e 20º das Categorias de Aristoteles, e suas applicações, pelos absurdos a que a ignorancia, ou o esquecimento daquella doutrina arrastrou as Nações mais cultas da Gentilidade em suas Theogonias. Mas como na divisão, que fiz destas mesmas Theogonias no §. 782, mencionei o *Ditheismo*, e o *Fatalismo*, cuja theoria ainda não deduzi, como pratiquei com o *Monotheismo*, o *Tritheismo* na 24.ª Prelecção; terminarei a Prelecção de hoje com a exposição summaria daquelles dois systemas, começando pelo do *Fatalismo*, que me parece ter precedido ao do *Ditheismo*, ou *Dualismo*, como outros lhe chamão.

864. Nós vimos no §. 784, que as idéas dos Philosophos da antiguidade a respeito da creação do Mundo se reduzião a distinguir hum tempo em que desde toda a eternidade existião em confusão os elementos, de que se compõe o Mundo, e a Intelligencia Divina, que os *reunio* de maneira a formarem este todo regular, e ordenado, a que chamamos *Mundo*.

865. Consistindo pois, segundo elles, o Uni-

verso, desde toda a eternidade, do *Ente Creador*, e da *Materia* do Mundo, era facil observarem, como observárão, que ao mesmo tempo que o *Creador he intelligente* e *livre*, a *Materia he bruta e necessaria*. E que por consequencia o Universo se achava *dividido* em duas distinctissimas partes com huma linha de demarcação tão fixa, e invariavel, que nem á mesma Divindade era licito fazer passar a Materia á esphera da Intelligencia: nem combinar os elementos della de outra maneira, que não fosse conforme ás qualidades de que a mesma Materia por sua natureza era dotada anterior, e independentemente da formação do Mundo.

866. Esta Lei immudavel da separação entre as duas partes de que se compunha o Universo, em quanto *separação*, foi por isso chamada pelos Gregos *Moira*, *Horos* (que querem dizer: *Divisão*, *Limite*) e pelos Latinos *Sors*, ou *Fors Fortuna* (*Sorte*, *Fortuna*) nomes derivados daquelle segundo pelo costume de mudarem em *S*, ou em F o H dos Gregos. E em quanto separação inalteravel, chamarão-lhe os Gregos *Ananke*, e os Latinos *Necessitas* (*Necessidade*).

867. Porém, como ha pouco reflectimos (§. 800.), todos os corpos subjeitos á nossa observação nascem, e crescem, para depois se deteriorarem, e morrerem, sem que o espirito vivifican-

te, ou a alma, que anima a alguns delles, os possa preservar da acção destruidora do tempo: entretanto que, dizião os antigos Philosophos, he tal e tão sublime a virtude tanto do Espirito que anima o Mundo, como dos que animão as grandes massas de que elle se compõe, que a morte de huns dos corpos menores, componentes daquellas grandes massas, he a ressurreição de outros: o Mundo sim toma a cada instante nova face, mas sem jámais decrescer, ou se deteriorar: sem jámais nos dar lugar a lhe applicarmos, nem mesmo por analogia, a Lei da morte, só observada, e por tanto só applicavel a aquelles minimos corpos de que elle se compõe. Logo aquella *separação* da Intelligencia, e da *Materia* he-o do *Immortal* e do *Mortal*; e por conseguinte os Gregos designárão com o nome de *Moros*, tanto aquella *separação*, como a dura marca de destruição a que nós como parte da *Materia* estamos sugeitos.

868. Costumados, por tudo quanto ouvistes na 24.ª Prelecção, á natural tendencia, que os Gregos tinhão de tudo personnalisarem, já vos não admirareis se os virdes elevando a *Sorte* á Categoria da Divindade: e pois que os seus decretos, nem pelos *Grandes Deozes* (§. 807.) podião ser infringidos (§. 864.), não podião aquelles Povos deixar de a contemplar como superior a todos os Deozes.

869. Eu disse, ha pouco (§. 865.), que os Gregos não só derão o nome de *Moros* á *separação* do *Mortal* e do *Immortal*, do *Indestructivel*, e do *Destructivel*, mas tambem, por huma usual Synecdoque, á mesma *Destruição*. Daqui veio que os Latinos derivárão daquelle nome *Moros* o de *Mors*, para designarem a *Destruição*, e a *Morte*.

870. Mas quem diz *Morte*, e *Destruição*, diz violencia, soffrimento, dores, males. Assim a supposta Divindade, a quem se dera o nome de *Moira* (*Sors*, Sorte) em quanto se considerava como separando o Mortal do Immortal: *Moros* em quanto por aquella separação parecia condemnar a Materia á destruição, e á morte; foi chamada *Ata*, ou *Hata* pelos Gregos, considerada como causa dos males que acompanhão, ou preparão a destruição, e a morte.

871. Os Latinos derivárão deste nome o de *Fata* (Fados) com que designárão a mesma Divindade: e com o tempo formárão o singular *Fatum* (*Fado*) que do mesmo modo corresponde não só aos nomes de *Ata*, e *Moros* dos Gregos, mas aos de *Moira*, e *Ananke* (§. 865.)

872. Tal foi, Senhores a marcha das idéas, que conduzio os homens ao Fatalismo: E este erro chegado a altura, em que o acabamos de considerar, coincide com o absurdo systema do

KKK

Ditheismo, que na Historia dos desvarios do Entendimento Humano he mais geralmente conhecido pelo nome de *Manicheismo*; porque os *Manicheos*, Hereges dos primeiros seculos da Igreja, o fizerão reviver, e lhe derão entre os Christãos huma particular celebridade.

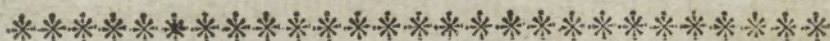
873. Consistia este erro em admittir duas supremas, e entre si independentes Divindades: huma Creadora do Mundo, e Autora de todo o bem: e a outra Autora de toda a destruição, e de todos os males que acontecem no Mundo.

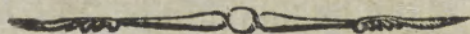
874. Já vedes, sem que seja precisa huma grande demonstração da minha parte, que esta doutrina coincide inteiramente com o que vos acabo de dizer a respeito do Fatalismo. Naquelle systema vos fiz ver, como ao mesmo passo que os Philosophos reconhecião huma Divindade a que chamárão *Zeus*, *Jupiter*, Autor e Creador deste Mundo admiravelmente regular, e ordenado (§§. 783. 796.): admittião outra, invencivel padrasto da perfectibilidade da Materia, ou de quanto não he divino: autora e causa de quanto he deterioração e mal, a que chamárão *Ata*.

875. A differença que existe entre o Fatalismo, e o Dualismo, he que naquelle se estabelecia huma inteira subordinação do mesmo Creador ao Fado, ou Sorte: e neste se assenta por base, que huma Divindade não tem mais depen-

dencia da outra, do que o equilibrio, para assim dizer, que resulta de duas forças, que obrão em sentido contrario.

876. Eu quizera poder seguir este tratado dos bens e dos males da vida humana, que acabo de mencionar; pois que he sem duvida hum dos mais interessantes objectos da Philosophia. Mas nem hoje o permitte o tempo, nem a ordem das materias consente, que nos alarguemos tanto da generalidade das Categorias, que vamos analysando. Além de que já vos he conhecido, que por mui pensados motivos faz parte essencial do plano destas Prelecções não exhaurir de huma vez quanto me possa occorrer sobre qualquer dos objectos dellas; mas antes reservar de humas para outras occasiões doutrinas aliás connexas, para as fazer entrar, ou como applicações, ou como exemplos, onde a prudencia, ou a ligação das idéas me dictar, que ellas vem mais a proposito (§. 583. 587.).

****

PRELECC,ÕES PHILOSOPHICAS.

VIGESSIMA SEPTIMA PRELECÇÃO.

ASSUMPTO.

Categorias de Aristoteles. Aphorismos XXI. XXII.

§. 877. ESposição do XXI. Aphorismo — §. 878. E do XXII. Como da ignorancia deste Aphorismo nascerão varias Seitas — §. 879. Ponto de reunião de todas ellas — §. 890. Da denominação de *Idealismo*, que lhes he commum — §. 881. Classificação geral dos *Idealistas* — §. 882. Hypothese que lhes serve de fundamento — §. 883. Arbitraria distincção, que elles fazem de duas sortes de idéas abstractas — §. 884. Enumeração das principaes *Formas intellectuaes* do Idealismo — §. 885. Origem deste genero de Philosophia — §. 886. Da falta de fundamento em que se estribão as primeiras rubricas della — §. 887. O mesmo quanto ás

VIGESSIMA SEPTIMA PRELECÇÃO.

§. 877. PRoseguindo na exposição das Categorias de Aristoteles, offerece-se-nos o 21.º Aphorismo como resumo dos precedentes, em que aquelle Philosopho nos observa, que tudo quanto faz objecto dos nossos discursos, ou he algum *Individuo*, ou he alguma *Qualidade essencial*, ou algum *Accidente*. Não preciso insistir sobre o acerto desta distincção; tendo já tratado della largamente em outras partes destas Prelecções.

878. Mas não será ocioso o fazer-vos notar, que esta doutrina he tanto mais digna de andar sempre presente ao vosso animo, que nella he que assenta a conclusão que immediatamente se deduz no Aphorismo 22.º, de que não existindo *Individuos*, não poderião existir *Qualidades essenciaes*, nem *accidentaes*: Asserção que tem sido em todos os tempos contrariada por homens que caprichavão de ser, e mesmo por alguns que tinhão direito a reputarem-se aliás grandes Philosophos: ao ponto de se formarem a este respeito Seitas ou Escolas, que fazem grande vulto na Historia da Philosophia. Taes forão por exemplo os Peripateticos (falsos Discipulos de Aristo-

teles) que sustentarão a doutrina contraria ao que acabamos de expor, debaixo do nome de *Idéas innatas*: A Escola Escoceza (Hutchinson, Reid, Stewart, Smith, etc.) debaixo dos nomes de *Sensos intimos*, *Potencias*, ou *Faculdades*, *Principios* de *prioridade*, de *causalidade*, etc. E emfim, por vos não cançar com a enumeração de tão desvairadas Seitas, a Escola Kanciana (Kant, Fichte, Schelling, etc.) debaixo dos pomposos nomes de *Idéas transcendentaes*, *Formas Intellectuaes*, *Razão Pura*, *Principio do Eu*, etc. etc.

879. Todos estes Philosophos concordão em que o conhecimento dos Individuos só nos vem da *experiencia*; isto he: da acção dos differentes objectos sobre os orgãos externos dos nossos cinco sentidos; mas além disso pretendem, que muitas das nossas idéas nos não vem certamente daquella impressão: e sem saberem assignar a sua origem, as classificão em huma rubrica differente daquella, que comprehende as idéas, que nos vem dos *sentidos*: bem como das que comprendem as que por *abstracção*, ou por *composição* derivamos daquellas primeiras.

880. Na Historia da Philosophia todas aquellas Escolas são designadas pelo nome de *Idealistas*: em razão do singular empenho, com que pretendem affirmar a existencia de idéas, a que

não correspondem nenhumas qualidades, que tenhão sido objecto das nossas sensações.

881. Ha porém entre elles huns, que affirmão isto de todas as nossas idéas: outros sómente de algumas dellas. Por tanto estes ultimos dividem-se em tantas Seitas, quanta he a variedade de idéas a que assim attribuem outra origem, que não seja a dos nossos cinco sentidos externos. Entre tanto todas estas differentes Seitas se conformão em não admittirem naquelle numero senão idéas das que chamamos geraes, abstractas, e intellectuaes (§§. 47. 51. 52.)

882. Eu não quero dizer com isto, que aquelles Philosophos convem em que taes idéas sejão idéas geraes, no sentido que nós demos a esta palavra nos §§. que acabo de citar. Elles sim convem em que aquellas idéas são communs a muitos casos particulares; mas negão, que ellas provenhão da observação de casos particulares.

883. Com tudo não podendo negar sem evidente absurdo, que hum grande numero d'entre as *idéas abstractas*, e *geraes* taes como as de *Homem Animal*, *Arvore* etc., provem da observação e experiencia de casos particulares; tomárão o partido de distinguir as idéas *abstractas* em duas grandes classes; a saber: humas geraes e communs a varios Iudividuos: outras,

que nem são idéas individuaes, e por isso se podem chamar *abstractas*: nem são geraes ou communs a varios Individuos, e por isso se não póde dizer, que tenhão sido derivadas da nossa experiencia, mediante a observação deste, ou daquelle objecto individual. Citarei as principaes idéas, que os mencionados Philosophos enumerão nesta rubrica.

884. As idéas de *Tempo*, e de *Espaço*, de *Causa*, e de *Effeito*, de *Numero*, de *Personalidade* ou do *Eu*, as do *Bello*, e as do *Justo*, são idéas, dizem aquelles Philosophos, que não indicão qualidades de nenhum dos objectos dos nossos sentidos: e que por tanto não nos podem ter provindo das nossas sensações, nem da nossa experiencia.

885. A primeira reflexão, que se offerece sobre esta asserção he o ser ella huma negação absoluta, sem prova, nem deducção de discursos, que formem probabilidade. O mais que isto pode significar, he huma confissão de ignorancia. E como se póde contradizer a quem diz = Eu não sei = ? E com effeito se aquelles Philosophos se limitassem a esta simples confissão, ninguem haveria que lha estranhasse; mas elles vão muito mais adiante; porque como aquelle = Eu não sei = não he acto de modestia; mas forçada confissão da philaucia, concluem = E logo nin-

guem sabe. = Ora o que ninguem sabe derivar das sensações individuaès, deve ser contado em rubrica differente, tanto daquella em que estas figurão, como da que comprehende as idéas abstractas e geraes, communs aos differentes individuos, que são objectos das mesmas sensações. Basta pois negar a aquelles Philosophos, que a sua Sciencia deve ser a medida da universal Sciencia. Concedamos lhes que elles ignorão, como as idéas designadas pelas palavras, que referimos no §. precedente são as mesmas, que todo o mundo designa com differentes nomes de qualidades sensiveis: e por tanto concedamos-lhes, que supposta a ignorancia que professão, fazem bem em assignar a aquellas idéas huma rubrica differente. Mas pelo que nos toca, procuremos, se ha ou não entre aquellas idéas, e as que todos reconhecem como derivadas da sensação, a mesma relação que existe entre as idéas geraes, e as particulares.

886. Pelo que respeita ás expressões de *Tempo* e *Espaço*, *Causa* e *Effeito* já eu vos tenho assás dito (§§. 123. 111. 86. e seguintes) para vos convencer desta verdade. Quanto as idéas do *Bello*, ás de *Numero*, e ás da Personnalidade ou do *Eu* brevemente terei occasião de vo-las desenvolver.

887. Quando nos §§. 268. 297. 809. e se-

guintes, tratei das idéas de *Virtude* e de *Vicio*, vos mostrei o como ellas se identificão com as de *Gosto*, e de *Dór*. Ora a Virtude, e o Vicio são o mesmo, que o *Justo*, e o *Injusto*.

888. Não vos devo dissimular, que os *Idealistas*, de que tratamos, respondem a isto: que a nossa definição de *Justo*, e de *Injusto* em tanto se comprehende na esfera dos sentidos, em quanto contemplamos sómente os *Gostos*, ou as *Dores*; mas que se reflectirmos, não serem quaesquer *Gostos*, nem quaesquer *Dores*, e sómente os que derivão das *nossas acções livres*; esta idéa de *Liberdade*, dizem aquelles Philosophos, que nos não pode ter entrado pelos sentidos, (e por tanto he transcendente) faz desde logo com que tambem o sejão as idéas de *Justo*, e *Injusto*, de que ella he hum dos elementos essenciaes.

889. Aqui temos, Senhores, outra asserção de negativa absoluta, e que como ha pouco vimos se reduz a asseverarem os nossos Philosophos, que não sabendo elles derivar da *sensação* a idéa de *Liberdade*: este assumpto não pode deixar de ser superior á humana capacidade: e dahi concluem, que o que nem elles nem ninguem pode derivar da sensação, não deve entrar nem na rubrica das sensações, nem na das idéas abstrahidas das sensações: e por conseguin-

te deve entrar em huma terceira rubrica, que he a por elles denominada das *Idéas transcendentes.* He pois necessario mostrarmos, que a idéa de *Liberdade*, nos vem tanto com as sensações, como a de *Gosto* e a de *Dôr*; o que provado, ficará evidente, que na idéa de *Justo*, e de *Injusto* nada ha do chamado *Transcendente*, nada além da esfera da *abstracção*, que definimos no §. 47. e seguintes.

890. Com effeito se attentamente consideramos as nossas sensações, não podemos deixar de as distinguir em duas grandes classes: de *Paixões*, e de *Acções* (§§. 87. e 88.).

891. Por quanto ha em nós sensações, que por experiencia reconhecemos serem constante effeito (§. 88.) de certa e determinada mudança acontecida no nosso corpo, e em outros fóra delle: bem como as ha, de que só reconhecemos como constante razão (§. 87.) certa e determinada mudança do nosso corpo, sem que conheçamos mudança de outros, a que possamos chamar razão, nem da mudança acontecida no nosso corpo, nem da sensação, que em consequencia desta mudança havemos experimentado. Donde se segue haver em nós *duas especies de* sensações Passivas ou *Paixões*, que muito convem distinguir: humas, de que reconhecemos, como razão, mudanças do nosso, e de extra-

nhos corpos: outras de que só conhecemos, como razão, mudanças acontecidas no nosso corpo.

892. Com cada huma destas duas especies de *sensações* succede, que humas vezes reconhecemos mudanças acontecidas no nosso corpo sómente, ou nelle e em outros: outras vezes porém não reconhecemos, que aconteça mudança alguma no nosso corpo, nem fóra delle.

893. Porém quer aconteça, quer não, alguma destas mudanças, observamos, que a aquella primeira sensação passiva se seguem humas vezes outras idéas: mas outras vezes não.

894. Além disso observamos, que destas idéas subsequentes a aquella primeira *sensação passiva*, humas são effeito de mudanças, que vão acontecendo no nosso corpo, e que reconhecemos, como razão das taes idéas, que successivamente vamos tendo; outras vezes porém não notamos chanenhuma destas mudanças, a que possamos chamar razão daquellas successivas idéas.

895. Finalmente observamos frequentemente despertarem-se em nós idéas, de que não podemos reconhecer qual tenha sido a *razão* (§. 87.) pois que nem podemos assignar outra idéa ou sensação nem mudança no nosso corpo, que lhes tenha precedido no momento immediatamente antecedente.

896. Para todos estes differentes casos distin-

ctamente marcados pela observação, que cada qual pode verificar dentro em si mesmo, tem os homens convencionado differentes expressões. Em geral assentou-se em chamar *Acção* a aquella primeira *sensação passiva* todas as vezes, que ella he *Razão* de outras sensações, ou idéas (§§. 893. 894.) ou de mudanças, quer seja no nosso corpo sómente, quer em outros fóra delle (§§. 891, e seguintes). Tambem se lhe chama *Reacção.* As quaes ambas denominações são em tudo conformes á doutrina, que sobre esta materia expendemos em geral nos §§. 87., e seguintes.

897. Voltando porém a contemplar cada hum dos mencionados casos em particular, vê-se 1.º que ha movimentos no nosso corpo, cuja razão são idéas, que sempre lhes precedem: idéas sem as quaes nunca elles acontecem. Vê-se 2.º que do mesmo modo se excitão frequentemente em nós idéas, cuja razão são outras idéas. A ambas estas especies de *razões* se tem dado o nome de *Acções mentaes*; porque á Substancia em que ellas tem lugar, se chama *Mente* (§. 92.): assim como tambem se lhe chama *Entendimento*, *Animo*, *Alma*, *Espirito.*

898. A mesma observação nos mostra entre esta especie de acções, e as de que fallamos nos §§. 87. e seguintes, huma notabilissima differença, e he: que naquellas nunca se observa o *ef-*

feito, sem se ter observado a *razão*: mas tambem dada a *razão*, nunca deixa de se observar o *effeito*. Já nas *acções mentaes* não he assim. He verdade, que nellas se verifica o não observarmos nunca em nós taes e taes movimentos, taes, ou taes idéas, sem que tenhão precedido taes e taes outras idéas: e por isso se chamão estas mesmas idéas *razão* daquelles movimentos, ou daquellas idéas. Mas temos muitas vezes essas mesmas idéas, sem que por isso se sigão aquelles movimentos, nem aquellas idéas, que aliás se costumão seguir após ellas.

899. He verdade, que tambem na observação dos corpos acontece muitas vezes, que achando-se hum delles naquelle mesmissimo estado, que costuma produzir em outro corpo certo effeito, este se não produz: o que pareceria destruir a differença, que acabamos de notar entre as *acções mentaes* do §. 897., e as *acções corporeas* dos §§. 87., e seguintes.

900. Pouca reflexão porém he precisa para se reconhecer a insubsistencia desta objecção. Pelo que nos §§. 87. e seguintes, vos expuz da Theorica das Causas e Effeitos, he evidente, que assim como para o Agente produzir hum dado effeito, precisa achar-se naquelle estado, a que compete o nome de razão do tal effeito: assim tambem he preciso, que o Paciente se ache em

certo estado, a que se chama *disposição* para receber a acção, ou, como tambem se diz, *influencia*, ou o *influxo* do Agente. Quanto pois soubermos, que o estado do Paciente se affasta mais daquella *disposição*, tanto menos nos deve admirar, que verificando-se no Agente a mudança, a que se costuma chamar razão de tal, ou tal effeito, senão siga no Paciente esse effeito.

901. He logo commum a toda e qualquer especie de acções, tanto mentaes, como corporeas, haver casos em que verificando-se no Agente aquelle estado, que costuma ser razão de tal, ou tal effeito, esse effeito se não segue no Paciente, porque neste não existe a *Disposição*, que se exige para se verificar a *relação* de Agente, e de Paciente, de *Razão*, de *Effeito* (§. 90.). Mas o que he particular ás *Acções mentaes* (e o de que fallavamos no §. 898.), he que verificando-se, tanto a razão no Agente, como a Disposição no Paciente, muitas vezes acontece não se seguir neste o correspondente Effeito. Para se designar esta singularidade das *Acções mentaes*, he que se emprega a palavra *Liberdade*: e diz-se o Animo *livre*, querendo-se dizer, que considerado elle como *activo* (§§. 90. 91.), e suppondo-o a elle no estado, que costuma ser razão tal, ou tal *Effeito*: bem como ao Paciente na *Disposição*, sem a qual aquelle Effeito se não ve-

rifica nunca; nem por isso se segue, que tal Effeito acontecerá; pois nos mostra a experiencia, que de facto muitas vezes não acontece: bem ao contrario das *Acções Corporeas*, nas quaes, assim como o *Effeito* nunca acontece, senão dada a *Razão* no Agente, e a *Disposição* no Paciente: do mesmo modo dada aquella *Razão*, e esta *Disposição*, jámais deixa de se seguir o *Effeito*: que he o que se designa pela palavra *Necessidade*: dando-se, tanto ao Agente, como ao Effeito, o epitheto de *necessarios* (§. 93.).

902. Mas, como se ha de provar, dirá alguem, que nos casos, em que o *Effeito* não acontece, verificando se no Agente a *Razão*, isso não seja por faltar a *Disposição* no Paciente? Prova-se, porque immediatamente antes, e immediatamente depois, sem que se conheça a menor mudança no Paciente, o Agente produz nelle toda a casta de effeitos: o que não succede nas *Acções corporeas*, nas quaes sempre, que o Paciente alternativamente recebe, e deixa de receber a *Influencia* do Agente (§. 900.), aliás revestido da correspondente *Razão*, sempre, ou quasi sempre se descobre, que quando aquella *Influencia* não produz esse *Effeito*, he porque no Paciente faltava a precisa *Disposição*: e só recobrada ella, he que vemos poder o Agente exercer á sua *Influencia*.

903. Eu não quero dizer com isto, que não haja differença nenhuma entre os casos, em que o Agente produz, e aquelles em que não produz o seu Effeito. Sim, Senhores, ha entre elles huma grande differença; e vem a ser: que o animo produz o *Effeito*, de que costuma ser *Razão* esse estado em que elle se acha, quando ensinado pela experiencia se lembra, de que desse *Effeito* se lhe ha de seguir *Prazer*. Para se designarem pois estes actos da nossa alma, chamou-se-lhes *Voluntarios*: e diz-se em tal caso, que a alma *quer*: e á *Faculdade de querer* (§§. 89. 91.) chama-se *Vontade*.

904. Em quanto a *lembrança* de hum bem de tal modo concorre com a de outro bem, que a alma não emitte a acção precisa para a consecução de nenhum delles; diz-se que *está deliberando*: E quando em fim ella emitte a acção, a que costuma seguir-se a consecução de hum daquelles bens; diz-se que *escolheu* esse bem.

905. Tanto esta *escolha*, como qualquer acto da nossa *vontade* (§. 903.), se podem considerar como *effeitos*, cuja *razão* existe na alma: ou como *effeitos*, cuja *razão* existe nos corpos. Dos primeiros não ha duvida, que são *acções livres* (§. 901.). Mas qaanto aos segundos he preciso distinguir dois casos; porque, ou esse estado dos corpos, que he razão dessa *esco-*

lha, ou dessa *vontade*, se sabe ser elle mesmo hum *effeito*, de que a *alma* foi *agente*; e então tambem estão no caso de se chamarem *acções livres* (§. 901.): ou aquelle estado dos corpos, a que essa vontade, ou essa escolha se seguio, he *effeito* cuja *razão* não existio na alma, mas no nosso, ou em estranhos corpos; e então diz se, que essa *vontade*, essa *escolha*, forão *constrangidas*, *forçadas*, *violentadas*, ou *necessarias*.

906. Por esta occasião convirá fazer-vos reflectir no *jogo de acções*, *e reacções mentaes*, *e corporeas*, que cada hum de nós pode facilmente observar dentro em si mesmo. Hum Corpo qualquer affecta hum dos nossos sentidos: e esta mudança de estado do nosso corpo, a que se chama *effeito* relativamente á *causa*, que o produzio (§. 87.), chama se *razão*, relativamente á *sensação*, que se segue na nossa alma, a quem então se dá o epitheto de *passiva*: e diz-se, que *os corpos obrarão sobre ella*. Mas aquella sensação humas vezes produz no corpo movimentos, que nos causão novas sensações; outras vezes, ou não produz nenhuns movimentos: ou se os produz, são taes, que nos não causão nenhuma sensação. Nestes dois ultimos casos diz-se que a alma *nada obrou*, que *ficou passiva*. Mas no primeiro caso chama-se-lhe *activa*: e diz-se, que

ella *obrou sobre os corpos*. A esta serie de differentes estados da alma, que são alternativamente *razão*, e *effeito* de huma correspondente serie de estados do nosso corpo, he que se tem dado o nome de *União da alma com o corpo*.

907. Em que consiste a união da alma com o corpo! Como he, que a alma obra sobre o corpo: e este sobre ella? Eis-aqui, Senhores, duas questões, que tem dado grande tortura aos Philosophos modernos. Mas não vos assusteis; no nosso modo de philosophar (§§. 318. 325. 585. 741., e seg.) não ha questões mais faceis de resolver. Porque quanto á primeira, tanto faz perguntar, em que consiste a *União da alma com o corpo*, como perguntar o que quer dizer, o que significa esta phrase. Ora a tal pergunta he facil responder: " significa, como vimos no „ §. precedente, que cada hum de nós pela sua „ propria experiencia sabe, que os differentes „ estados da nossa alma formão huma serie a que „ corresponde outra de differentes estados do „ nosso corpo: de maneira, que estes são al- „ ternativamente *razão*, e *effeito* daquelles. „

908. Para responder á outra questão de *como obra o corpo sobre a alma, e a alma sobre o corpo*, he preciso, que fixemos as nossas idéas a respeito da palavra *Como*. Eu já no §. 90. vos

observei, que esta palavra designa a totalidade das mudanças, tanto do agente, como do paciente, que constituem a razão total do phenomeno de que se tratar. Ora nós podemos tratar de hum simples phenomeno, que acontece depois de muitos outros, e he effeito delles: ou podemos tratar collectivamente desse ultimo, e de todos os mais phenomenos, que lhe precederão, considerando esse total complexo, como hum só phenomeno; designando-o por hum unico nome collectivo. Isto posto, supponhamos, que se nos pergunta no primeiro caso: *como* aconteceu aquelle ultimo phenomeno; respondemos adequada, e completamente, referindo a serie de todos os phenomenos, que lhe precederão, tanto no agente, como no paciente. Mas se o phenomeno, de que se trata, não he hum phenomeno parcial, e ultimo de huma serie, mas sim o complexo mesmo, que constitue essa serie, a palavra *Como* [e o mesmo digo das suas synonymas (§. 90.)] nada significa neste caso, pois que se elle equival á enumeração da totalidade das mudanças do agente, e do paciente, que precederão ao phenomeno de que se trata (§. 90.): huma vez, que este phenomeno comprehende a totalidade daquellas mudanças tanto do agente, como do paciente, não restão a enumerar nenhumas, que lhe precedessem.

909. Fazendo agora applicação desta doutrina ao caso de que estamos tratando, digo, que se se nos perguntar „ como a nossa alma obrou, ou „ produzio hum determinado, e parcial effeito, „ ou mudança no nosso corpo „ responderemos adequada, e completamente enumerando as mudanças, que tanto na alma como no corpo precederão a essa, de que se nos pede o *como*. Porém, se se nos perguntar pelo *como* da totalidade das acções da alma sobre o corpo, e do corpo sobre a alma: he pergunta, que não tem resposta; porque se nos pergunta o que significa a palavra *como* em hum caso, em que ella nada significa (§. 908.): he como se se nos perguntasse qual he a côr do som de huma trombeta, ou (mais adequadamente) quem estava em hum lugar antes de todos os que lá estiverão.

910. Depois de assim termos reduzido ambas as propostas questões ao seu justo valor, fica facil assentar hum juizo sobre a resolução, que della derão os Philosophos de differentes tempos: a primeira, e ainda hoje a mais geral explicação, he a que temos expendido desde o §. 889. por diante: ordinariamente exposta pelos Peripateticos em termos os mais barbaros, e confusos; mas a través dos quaes he facil distinguir a primitiva doutrina de Aristoteles, posto que adulterada com os delirios do seculo.

911. Como hum destes delirios era o de se suppor que a palavra *acção* (de huma substancia sobre outra) significava alguma cousa mais do que o simples facto da constante apparição do *effeito* no *paciente* depois da da *razão* no *agente* (§§. 87., e seg.); levantou-se a questão do *Como* podião duas substancias heterogeneas (quaes são o corpo, e a alma), obrar huma sobre a outra: isto he: *como* podia resultar de duas substancias heterogeneas cousa, a que se podesse dar o nome de *acção*. Em huma palavra, davão ás expressões sentidos arbitrarios, e falsos: e depois não podendo deduzir consequencias intelligiveis, concluião, que tudo quanto se affirmou de taes expressões era absurdo: do seu proprio erro, e ignorancia concluião, que todo o mundo andava illudido.

912. Dado este passo, em vez de corrigirem as falsas idéas, que formavão da palavra *acção*, entrárão no empenho de explicar a *União da alma com o corpo*, sem que nella entrasse a idéa da acção reciproca daquellas duas substancias huma sobre a outra. Leibnitz (hum dos mais abalisados Philosophos) cortou a supposta difficuldade, estabelecendo: que assim como nada obsta a que hum Relojoeiro faça dois relogios, dos quaes hum dê os Quartos, e o outro as Horas: sem dependencia hum do outro; mas de tal

modo arranjados, que jámais hum dê as Horas, sem que o outro tenha dado os Quartos: e sempre que este dá os Quartos, o outro infallivelmente dê as Horas: do mesmo modo nada obsta a suppormos, que o corpo, e a alma de cada hum de nós forão de tal maneira creados, que sendo realmente independentes hum do outro, se achão em tal harmonia, que jámais acontece huma sensação na alma, sem que seja precedida de certos movimentos no corpo: e estes movimentos são sempre seguidos daquellas sensações. Quem he que á vista desta tão perfeita harmonia, não diria destas duas substancias, bem como daquelles dois relogios, que hum he causa dos phenomenos, que acontecem no outro? E com tudo elles são independentes hum do outro. A esta hypothese deu Leibnitz o nome de *Harmonia prestabilita.*

913. Isto quer dizer = Que quem soubesse, que o relogio das Horas daria Horas, ainda que parasse o dos Quartos, não chamaria a este causa dos movimentos daquelle; mas que qualquer, que isso ignorasse lho continuaria a chamar: e com razão = Pergunto pois: qual destes dois he o nosso caso a respeito desta correspondencia dos phenomenos da alma, e dos do corpo? Sabemos por ventura, que ainda que tivesse parado a successão dos actos da alma, nem por isso teria

deixado de verificar-se a mesma serie dos movimentos do corpo? Certamente não. Logo não estamos no primeiro caso, que he o da hypothese de Leibnitz, e logo estamos no segundo caso, que he aquelle, em que não só nos he licito, mas devemos chamar ao primeiro relogio causa do andamento do outro; pois que a palavra *Causa* nada mais designa do que essa correspondencia; a saber: se temos certeza de que o andamento do segundo cessaria, se cessasse o do primeiro: chamariamos a este *Causa certa*, ou *indubitavel*: se em vez de certeza, só tivermos probabilidade, chamar-lhe-hemos *Causa provavel*: bem como do momento em que nos constar, que podia alterar se a marcha primeiro, sem que isso alterasse a do segundo; lhe chamariamos *Causa falsa*: e isto *certa*, ou *provavelmente*, segundo daquella independencia tivessemos certeza, ou probabilidade.

914. Percebendo pois alguns Philosophos, que esta hypothese de Leibnitz propriamente em nada differia da primeira explicação, tomarão o partido de dizerem; que Deos he quem produz no corpo os movimentos a que vulgarmente chamamos effeitos da acção da alma: e nesta, o que se chama influencia do corpo sobre ella.

915. Sendo Deos a Causa primaria de todos, e de cada hum dos phenomenos do Universo (§§.

29. 187.) he claro, que tambem o he de cada hum dos que acontecem no nosso corpo correspondentemente aos da nossa alma, e *vice versa*. Mas aqui não se trata da Causa primaria, ou geral; mas das immediatas (§. 99.). E por tanto esta explicação, sem envolver erro, (bem como a de Leibnitz o não envolvia) em nada altera o estado dos nossos conhecimentos no ponto de que se trata. Felizmente elle he tal, que não precisa de explicação: e sabendo o que até o vulgo não ignora, sabiamos quanto na materia ha que saber (§. 908.).

916. Depois de toda esta discussão sobre a natureza das operações do nosso Espirito, he facil reconhecer com quanta razão nós diziamos no §. 889., que a asserção de absoluta negativa, com que varios Philosophos pretendem, que as idéas de *Liberdade*, *Moralidade*, *Justo*, e *Injusto* se não podem derivar de nenhuma das nossas sensações: tal asserção, digo, depois da exposição, que acabamos de fazer do sentido destas palavras, nada he mais do que hum rasgo da presumptuosa philaucia, com que aquelles Philosophos assentão como ultima barreira do Entendimento Humano os acanhados limites da sua particular comprehensão. Mas deixemo-los gozar dentro em si mesmos do prazer de assim se remontarem a huma superior esphera de *idéas trans-*

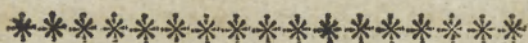
cendentes, a huma sublime Philosophia de *Razão Pura*, que ao vulgar dos homens não he dado perceber: e que cada hum destes *Homens privilegiados* nos affirma, que *só elle* conseguio profundar. Quanto a nós contentemo-nos com a *Philosophia da Linguagem*: não malbaratemos o nosso tempo em *fallar sobre idéas*, *para que não ha palavras*: e assim limitados a aquellas para que os homens tem convencionado certas expressões, seja o nosso unico empenho entrar no sentido, entender, definir essas expressões (§§. 35. 37.) ou nós as consideremos cada huma de per si, e desligadas: ou as contemplemos unidas em differentes phrases, e formando differentes discursos.

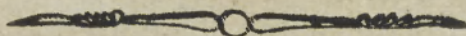
Embora se diga que o ensino de qualquer Sciencia consta de duas partes; a saber: huma da exposição das palavras e phrases da Sciencia: outra não de palavras nem de phrases; mas (como elles dizem) de sensações, e idéas. Por quanto ensinar, isto he, dar conhecimento de sensações e idéas, ou he por impressão, ou por palavras: se por impressão, temos *Factos* (§. 11.): se por palavras, reduz-se o ensino a explicar que sensações, ou idéas correspondem a taes e taes palavras, a taes e taes phrases: e como nós não podemos explicar, que idéas ou sensações correspondem a huma expressão, senão

servindo-nos de outras expressões; vem a ser este *segundo modo de dar idéas* asseverar, ou demonstrar a equipollencia destas expressões com aquella, ou o ensino da Nomenclatura: que he a Philosophia de que exclusivamente se trata nestas Prelecções.

Consta pois qualquer ramo dos nossos conhecimentos de *Factos*, e de *Nomenclatura*. Mas os *Factos*, ou são isolados: e temos o primeiro elemento de qualquer Sciencia (§. 11.): ou formão *Systema*: e temos o segundo elemento (§. 14.): ou se nos presentão huns como *Razão*, e outros como *Effeito*: e temos a *Theoria* [terceiro elemento] (§. 16.). Pelo que toca ao quinto elemento [o Methodo] pela sua mesma definição (§. 18.) se vê, que abraçando em parte certa observação de *Factos*, se occupa principalmente da *Nomenclatura*. Ora a *observação dos Factos*, ou seja isoladamente, ou seja conformemente o *Systema*, ou a *Theoria*: em quanto essa observação se faz pela sensação, ou pela imaginação não passa de *meras impressões*: são conhecimentos, mas não Sciencia (§. 538.) Esta só existe, quando ha discurso: e discursos sem palavras (pronunciadas ou escriptas) ou sem o equivalente das palavras [os Hieroglyphicos, Gestos etc. pintados, ou imaginados, (§. 316.)] he cousa de que não tenho idéa (§§. 255. 316.)

Se os *Factos*, se o *Systema*, se a *Theoria*, se o *Methodo* querem passar de meros *conhecimentos* de *impressão* a *Sciencia*, he preciso que admittão *discurso*, isto he: *Linguagem*: Expor esta *Linguagem* he *ensinar* a *Sciencia*: fornecer aquelles *Factos* he causar sensações: he dar idéas; mas *não he ensinar a Sciencia.*

****

PRELECCÕES PHILOSOPHICAS.

VIGESSIMA OITAVA PRELECÇÃO.

ASSUMPTO.*

§. 917. ESpirito do 24.º Aphorismo d'Aristoteles—§. 918. Connexão deste Aphorismo com o 34.º, e sua applicação aos Problemas da *Grammatica Universal*, e da *Pasigraphia*—§. 919. De tres differentes especies de Diccionarios—§. 920. Como os puramente *alphabeticos* correspondem aos Systemas diagnosticos, e gozão das mesmas vantagens—§. 921. Que os distribuidos pelos Radicaes, correspondem aos Systemas Exegeticos, e são susceptiveis da mesma perfectibilidade—§. 922. Até que ponto tem chegado os Diccionaristas que adoptárão este methodo—§. 923. Principios a que deverião ter attendido—§. 924. Utilidade das Categorias de Aristoteles para a confecção de huma semelhante Obra—§. 925. Como por este meio se poderião aproveitar

os trabalhos dos Antigos, a quem não escapou esta luminosa idéa — §. 926. Applicação ao Problema da *Pasigraphia* — §. 927. Insufficiencia e defeitos da resolução deste Problema por P** Official Allemão no serviço de França — §. 928. E da que propôs posteriormente o nosso douto Escriptor José Maria Dantas Pereira — §. 929. Defeitos desta tentativa — §. 930. Como estes defeitos são communs a outros trabalhos do mesmo genero já existentes — §. 931. Verdadeiro ponto da questão — §. 932. Que o problema da *Pasigraphia* he dependente do da *Grammatica Universal* — §. 933. Methodo que unicamente póde conduzir a solução do primeiro, e por conseguinte á de ambos — §. 934. Principios que mostrão a possibilidade deste methodo — §. 935. Copia de materiaes para a formação de huma *Gramatica Universal* — §. 936. Execução deste importante trabalho traçada por Aristoteles nas Obras de que se compõe o seu *Organon* — §. 939. Errado conceito dos Peripateticos sobre estas Obras d' Aristoteles — §. 988. Rectificação deste conceito — §. 939. Primeira vantagem deste trabalho para a comparação das Linguas relativamente á sua riqueza — §. 940. Não menor vantagem para facilitar o estudo das mesmas Linguas — §. 941. Reflexões sobre a prevenção predominante contra o estudo das Linguas.

VIGESSIMA OITAVA PRELECÇÃO.

917. NA Introducção á analyse, que vamos fazendo do Tratado de Aristoteles sobre as Categorias, dissemos, que elle assentava sobre o principio, de que a Linguagem he, para assim me expressar, o fio de Ariadna, que unicamente nos póde conduzir no inextricavel labyrintho de tantas observações isoladas, as quaes indo-se accumulando pela successão dos tempos, já mais poderiamos reduzir a ordem e systema, senão pelo meio de dispormos em ordem e systema as expressões com que representamos os mesmos conhecimentos (§. 19. 316. 323. 324. 325.). Devia pois Aristoteles indicar-nos a subordinação, que existe entre as expressões em geral, para por meio della acharmos a que por conseguinte se deve verificar entre os objectos. Tal he o sentido do 24.º Aphorismo, em que elle nos faz observar: *Que os generos são ás especies, o que as especies são ás essencias primarias.*

918. Se a este 24.º Aphorismo compararmos a doutrina do 34.º, sobre que já fizemos algumas observações nos §§. 763. e seguintes (doutrina que propriamente nada he mais de que hum corollario daquelle mesmo Aphorismo 24.º); ve-

remos resolverem-se mui facilmente dois interessantes problemas, de que vos fiz menção no §. 494, promettendo vos desenvolve-los com mais individuação, logo qne para a sua cabal iutelligencia tivesse assentado os necessarios principios. Já sabeis que eu quero fallar das duas grandes emprezas da Grammatica Universal, e da Pasigraphia, sobre que tem trabalhado com grande empenho Philosophos da primeira ordem; posto que com mui pouco proveito até agora, á proporção do que se deveria esperar de tão abalisados talentos. Outro teria sido o resultado, se penetrados da doutrina que se contém neste 34.º Aphorismo, se tivessem applicado a formalisár huma bem calculada classificação das palavras e expressões elementares de huma ou mais Linguas.

919. Com effeito assim como a maior parte dos Lexicographos tem disposto em seus Diccionarios as palavras pela ordem alphabetica, curando mui pouco de todas as outras relações, que as mesmas palavras podião ter humas com as outras; houve alguns, que observando esta ordem alphabetica sómente na disposição das palavras radicaes, colligirão debaixo de cada hum destes radicaes todos os seus derivados. Tal he por exemplo o Diccionario da Lingua Grega de Henrique Estevão. Outros porém deixando de parte a semelhança ou differença orthographica das palavras,

attenderão unicamente as analogias dos seus significados: e conforme a estes as distribuirão em differentes rubricas. Tal he o Onomasticon de Pollux.

920. Destas tres especies de Diccionarios, a primeira he sem duvida a mais propria para com facilidade se acharem as palavras, sobre que se precisa consultar os Diccionarios: e por tanto verifica-se nelles o que nos §§. 489. 490. e 685. observamos da vantagem, que a este respeito os Systemas Artificiaes, na qualidade de *diagnosticos*, levão sobre os Systemas Naturaes.

921. O que distribue as palavras pelos seus radicaes, como já he fundado no principio natural de que as analogias da significação estão sempre em huma dada relação com as da derivação em todas as Linguas vulgares, (§. 430); seguese, que delles se podem tirar as utilidades que nos §§. 488. e 651. havemos ponderado estarem connexas com os Systemas Naturaes, á proporção que se approximão do gráo de perfeição, a que a Sciencia, de que se trata, póde aspirar.

922. Qualquer porém que seja o cuidado com que se co-ordene hum semelhante Diccionario, disposto pelos radicaes, já mais será perfeito, se aquelles radicaes seguirem unicamente a ordem alphabetica, como acontece no Diccionario de

Henrique Estevão, que ha pouco citei por exemplo.

923. Para huma obra destas conseguir toda a perfeição, de que he susceptivel, seria preciso que os radicaes fossem distribuidos conformemente a hum systema natural, segundo suas significações, e sem consideração nenhuma á sua constituição orthographica. Dado este primeiro passo, bastaria observar-se na distribuição dos derivados huma ordem constante, segundo as suas differentes maneiras de derivação, para logo ficar o todo arranjado debaixo de hum assás rigoroso systema de classificação natural. Sobre isto porém he de advertir, que cumpriria observar o que no decurso destas Prelecções, e particularmente na vigesima segunda fica recommendado relativamente á formação das Classes por meio de qualidades exclusivas.

924. Nem pareça envolver difficuldade invencivel esta classificação de hum tão grande numero de palavras, como as de que se compõe qualquer Lingua; por quanto bastará considerar cada huma daquellas palavras relativamente a cada huma das dez Categorias de Aristoteles, para ellas hirem ficando como por si mesmas distribuidas e classificadas em hum systema rigorosamente natural.

925. Este trabalho assim executado viria a

ser o que nós temos designado como terceira especie de Diccionarios; porém de huma maneira muito mais perfeita do que a que se observa no exemplo que alli citei do Onomasticon de Pollux, cujas divisões são por extremo vagas, e destituidas de philosophia, e de systema.

926. Executada huma semelhante Obra para cada huma das Linguas conhecidas; seria facil achar hum signal que ficasse sendo commum a todas as expressões synonymas daquellas differentes Linguas: de maneira que escrevendo qualquer pessoa de huma Nação esse signal, fosse entendida pelas de todas as outras: bem como a pezar de os Inglezes chamarem *four* ao que Allemães chamão, *vier*, e nós os Portuguezes *quatro*; basta que qualquer pessoa de huma destas Nações escreva o algarismo 4, para ser entendida de todos os outros, ainda que ella ignore aquellas linguas, nem os outros saibão a della.

927. Guiado desta ultima idéa, de signaes de convenção, que para o caso he a menos importante; e com idéas muito confusas sobre a base essencial da distribuição das palavras, intentou resolver o problema de huma *Lingua universal escripta*, a que deu o nome de *Pasigraphia*, hum Escriptor Francez no fim do seculo passado. Mas como lhe faltassem os principios elementares da Arte de Classificar, ligou-se arbitra-

riamente ao numero de seis: pretendendo sujeitar a natureza das cousas a entrar em seis Classes, dividida em seis Ordens, e estas em seis Familias, etc. etc.: Pretenção que basta enunciar para se conhecer que repugnando com a immensidade dos objectos, e sobre tudo com a infinita gradação das transições por onde aquelles mesmos objectos passão de huns a outros; não póde deixar de envolver em continuas e inextricaveis difficuldades a quem daquella Pasigraphia se quizesse servir: e por tanto torna absolutamente impraticavel a sua execução.

928. Ainda menos se approximou da resolução do Problema hum douto, e a muitos titulos respeitavel Escriptor nosso, que propôs como *Methodo Pasigraphico*, convencionarem-se as Nações em designar por hum algarismo commum todas as expressões das differentes Linguas, que fossem identicas em significação; porque feito este trabalho (assim discorreu aquelle sabio), e ordenados dois Indices para cada Lingua; a saber: Hum das palavras por ordem alphabetica com os correspondentes algarismos em frente: Outro dos algarismos por sua ordem numeral com as palavras correspondentes em frente: hum Portuguez, por exemplo, que escrevesse em taes algarismos seria facilmente entendido nas outras Nações; porque cada qual procurando no seu Indice

de algarismos, as que tinha de interpretar, acharia em frente as respectivas significações na sua Lingua.

929. Dois são os defeitos que em geral se podem exprobrar a este methodo. O primeiro he o resolver elle hum problema differente daquelle, de que se trata: O segundo he resolver de hum modo complicado hum problema que se acha resolvido em quasi todas as Nações de huma maneira mais simples.

930. Pelo methodo que acabo de mencionar, se elle fosse sufficiente, qualquer Portuguez abrindo hum Dicionario dos que existem denominados de duas Linguas (Portuguez Francez, por exemplo) e escrevendo em vez da expressão Portugueza, a correspondente Franceza, seria entendido em Francez muito mais facilmente do que com a proposta, e desnecessaria intervenção dos algarismos. Mas pouca reflexão e qualquer tentativa bastarão para desenganar, que por este meio as mais das vezes nada se escreveria de intelligivel, porque ainda quando os Indices ou Dicionarios comprehendessem todas as palavras da respectiva lingua, com todos os casos dos nomes, e variedades da conjugação dos verbos; as mais das vezes, quando mesmo fosse exacta a traducção de palavra por palavra, a phrase sahiria absurda, ou sem sentido.

931. Não he pois o *Problema da Pasigraphia* achar simplesmente hum signal graphico e convencional, commum ás palávras de significação identica em as differentes Linguas; mas sim hum systema tal de signaes, que exprimindo nelles cada hum a phrase que quizer da sua respectiva lingua, resultem sempre phrases igualmente perfeitas, e intelligiveis para as pessoas de outras linguagens.

932. O que fica dito nos §§. 929. e 930., mostra bastantemente que simples vocabularios já mais poderão servir para se resolver, nem mesmo por approximação, hum tão complicado problema: e que a sua resolução depende do outro Problema que a par delle mencionei (no §. 918.), da Grammatica Universal.

933. Como todos os homens, qualquer que seja a sua Lingua, ou tem as mesmas idéas especificas, ou ao menos algumas das genericas de cada objecto, de cuja especie, ou de algum dos generos, a que elle pertence, (§. 480. 481.) haja individuos, que caião debaixo da commum observação (§. 276.); segue-se que classificadas as expressões das idéas que existem em cada Nação (ou essas expressões sejão palavras soltas ou phrases): convencionado para cada especie hum nome graphico, que mostre não só essa especie, mas tambem o genero, ordem e classe, a que ella pretencer: e convencionando-se entre differentes

Nações a adopção de hum mesmo nome graphico para cada huma destas rubricas; resolvidos estarião de huma vez ambos os Problemas em questão; porque a classificação das *Expressões* nos daria a *Grammatica Universal*. E os *convencionados signaes*, a *Pasigraphia*. Mas quanta não he a difficuldade de classificar não só as *Palavras*, mas tambem as *Phrases* de huma Lingua?

934. Ser a empreza difficultosa he fóra de toda a duvida; mas nem he impossivel, nem faltão principios pelos quaes se possa dirigir quem se achasse aliás habilitado para esta sorte de trabalho. Parte destes principios forão expostos nos §§. 919. e seguintes, pelo que respeita aos primeiros elementos das *phrases*: quero dizer, as *palavras* soltas.

935. Pelo que toca á *Classificação das phrases*, devo advertir, que supposto ao ler os informes trabalhos dos Grammaticos das antigas e modernas Linguas pareça ser esta talvez a Sciencia que está mais longe de se lhe poder dar huma fórma methodica, e de se lhe assignarem os seus principios philosophicos; isto he mais apparencia, que realidade. A *Nomenclatura Grammatical* he extensissima: E qualquer pessoa que tenha estudado as principaes Linguas, poderá facilmente verificar, que serão poucos os casos para os quaes já por este, já por aquelle modo,

não esteja apontada, e mesmo classificada até certo ponto, pelos Grammaticos desta ou daquella Nação, phrase que lhe corresponda: senão he n' huma he em outra Lingua. Huma Sciencia pois que se acha tão rica em *Factos* bem caracterisados: tão abundante em *Nomenclatura* (mesmo quando esta seja menos castigada e philosophica do que se poderia desejar) não precisa senão de huma mão habil e industriosa, não já para crear e descobrir; mas para colligir e rubricar. Tal era por exemplo o estado em que vos fiz ver na 19.ª Prelecção, que se achavão geralmente todas as chamadas Sciencias Moraes (§. 495.). Tudo quanto naquella Prelecção, e particularmente nos §§. 629. e seguintes, vos observei sobre a possibilidade (e quasi dissera facilidade) de redu-duzir hoje a Systema aquellas Sciencias, se entende com particularissima razão da Grammatica Universal; como aquella, sobre que existe hum maior e mais variado numero de trabalhos emprehendidos por diversos Autores, nas differentes Linguas, e debaixo de huma grande variedade de pontos de vista.

936. Porém o que sobre tudo facilitará a execução deste tão importante trabalho, será o precioso *Systema das Phrases communs a todas as Linguas*, que Aristoteles deixou nos livros, de que passamos a extrahir os Aphorismos, e que

juntos ao das Categorias constituem hum corpo da doutrina, a que os primeiros Editores derão o nome de *Organon*, ou *Chave geral de todas as Sciencias*.

937. He verdade que Antigos e Modernos não reconhecerão nesta Obra mais merecimento do que o de huma simples *Arte de disputar*: e á proporção do valor que cada hum dava a esta Arte, assim exaltava ou abatia aquellas obras de Aristoteles. Huns julgavão que o Erro valendo-se de mil astutos subterfugios, precisa de ser perseguido e atacado com summa delicadeza e Arte, a qual só he dado conhecer a aquelles que forem versados nos preceitos da Dialectica. Pelo contrario outros persuadidos de que já mais a Arte póde enumerar todas as astucias e cavillações do Erro; tratarão como futil Charlatanismo todas as referidas Obras, em que nada mais descobrião do que huma fastidiosa enumeração de alguns dos infinitos modos de discorrer acertada ou erradamente.

938. Mas outra he, Senhores, a idéa que brevemente fareis por vós mesmos dos trabalhos de Aristoteles, tanto na sua Obra vulgarmente chamada *Da Interpretação*, como nos *Analyticos*, nos *Topicos*, e nos *Sophisticos*. Vereis, como nestes differentes Tratados, não sómente se expõe os requisitos que *qualquer asserção possivel* deve reunir para ser verdadeira [o que já

seria de grande valor para o Philosopho indagador da verdade] mas (que he o que faz hoje ao caso) vereis como ao mesmo passo se vão dispondo debaixo de certas e bem caracterisadas rubricas todas as phrases, e asserções, de toda e qualquer Lingua: Ora o complexo destas phrases constitue a base fundamental de todas as Linguas, ou como hoje se lhe costuma chamar, a *Grammatica Philosophica Universal*, sobre que tanto se tem escripto depois de Aristoteles: sem advertirem Autores aliás de grande merito e talento, que o que elles procuravão com tanto empenho, como pouca fortuna, se achava, quando não perfeito e acabado, ao menos delineado com os toques principaes de mão de Mestre nas obras que acabamos de citar: de maneira que partindo daquelle ponto, os grandes Homens, que trabalharão sobre este assumpto, terião indubitavelmente completado a Classificação, não só das palavras e phrases que constituem a Grammatica Universal; mas até mesmo as palavras e phrases de todas as Linguas; pois bastaria dispor em systema as de huma, para com muita facilidade se poderem por ella classificar as de qualquer outra.

939. He evidente, que distribuidas debaixo de hum mesmo Systema as expressões de cada huma das Linguas; a primeira vantagem, que

dahi se seguia, era a de se poderem facilmente comparar, relativamente a sua riqueza, duas Linguas quaesquer, cujos Diccionarios assim estivessem coordenados. Já se entende, que eu neste lugar trato unicamente da riqueza de expressões simples, e não da de phrases mais complexas, cujo assumpto pertence a outro lugar.

940. Outra vantagem de não pequena monta, que se seguiria desta classificação das palavras de differentes Linguas, seria facilitar-se extraordinariamente o estudo dellas. Por quanto tres são as classes mais geraes em que cumpre distinguir as palavras de qualquer Lingua, que nos propomos estudar; a saber: 1.ª Palavras proprias de certas profissões: 2.ª Palavras de certas ordens da sociedade: 3.ª Palavras communs a todas as profissões, e a todas as ordens ou estados de pessoas. Propondo-nos nós por tanto aprender huma lingua estrangeira; já se vê, que devemos começar indispensavelmente por saber todas as expressões desta terceira classe: depois seguem-se aquellas das ordens sociaes, com que, segundo o nosso estado, temos de tratar: e quanto a primeira classe, sómente aquellas das profissões que cultivamos. Esta escolha, que a razão, e a experiencia mostrão simplificar singularmente o estudo das Linguas, he quasi impossivel, e de certo será muito imperfeita por qualquer outro mo-

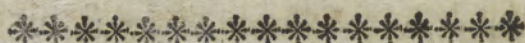
do que não seja o da composição de Diccionarios, como os que acabamos de descrever: entre tanto que, formalisados estes, nada seria tão facil ainda a pessoas de mediocre instrucção, e de ordinarios talentos, como o aprender em pouco tempo qualquer Lingua estrangeira.

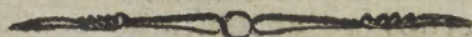
941. Seja-me licito prevenir neste lugar que eu na economia que aqui inculco sobre a applicação ao estudo das Linguas, não sou de nenhum modo guiado pelo prejuizo, que illudio grandes Philosophos de nosso seculo, levando os a formarem longas diatribes, lamentando a extraordinaria perda de tempo que no estudo de tantas Linguas diversas experimenta a mocidade, que se quer habilitar para ir beber nas proprias fontes as riquezas que os Autores das differentes Nações tem publicado, cada hum no seu respectivo idioma. Esta lamentação, Senhores, he fundada em hum erro que já tenho combatido varias vezes no decurso destas Prelecções: erro por extremo pernicioso que a cada passo se apresenta, qual fabuloso Protheo, disfarçado debaixo de variadas fórmas, tanto mais capazes de illudir aos mais atentos, quanto he frequente o ser enunciado e defendido por Escriptores da mais distincta e merecida reputação. Vem elle a ser aquelle mesmo que no §. 320, apontamos nos Autores da *Arte de Pensar* de Port-Royal que exprobravão a Aris-

toteles o *dar conhecimento* de *palavras por conhecimento de cousas*: ao que respondemos largamente nos §§. 322. e seguintes.

Isto pelo que pertence ao estudo das linguas em geral. Por quanto se examinarmos esta questão relativamente a cada huma em particular, ainda ficará mais patente a indispensabilidade de se consagrar ao estudo das Linguas os primeiros annos, em que a natureza fazendo sobresahir em nós a memoria sobre todas as outras faculdades mentaes, nos indica a especie de applicação, que melhor condiz com a fraqueza desta primeira idade. Das Linguas modernas he fóra de toda a duvida, que nenhum homem de letras, e mesmo os de huma certa educação nas outras Classes, podem prescindir do conhecimento das quatro principaes linguas da Europa [o Italiano, o Francez, o Inglez, e o Alemão] pois que em cada huma dellas ha para todas as profissões Obras Classicas que não existem, nem he de esperar que se transportem para as outras: porque as que versão sobre as Sciencias são em muito grande numero: e as de gosto, quer sejão de Eloquencia, quer de Poezia, apenas se podem imitar, mas de nenhum modo traduzir. E se he indispensavel a todo homem que quer formar o Gosto sobre os differentes generos de Poezia ler o Ariosto, o Tasso, Corneille, Racine, Lafon-

taine, Shakspear, Milton, Klopstock, etc. etc. nos seus originaes; como poderá supprir o que só em Homero, em Sophocles, em Demosthenes, em Horacio, em Terencio, em Cicero, se póde encontrar, nem se pôde traduzir em nenhuma outra Lingua?

****

PRELECÇÕES PHILOSOPHICAS.

VIGESSIMA NONA PRELECÇÃO.

ASSUMPTO.

§. 942. COmbinação do Aphorismo 24.º com o 28.º — §. 943. Da pratica usual de se empregarem os nomes das qualidades, como se fossem de substancias — §. 944. Razão desta pratica — §. 945. Abusos a que ella tem dado lugar — §. 946. Exemplos tirados da Physica — §. 947. Como a simples definição de substancia dos §§. 44. e 80. previne aquelles abusos — §. 948. Como a doutrina de Aristoteles nestas Categorias os houvera igualmente prevenido, se fossem mais bem entendidas — §. 949. Meio que elle adoptou para distinguir humas das outras as dez Categorias, sendo ellas aliás os distinctivos de todos os nossos Conhecimentos — §. 950. Caracter distinctivo das *Essencias* — §. 951. Conformidade desta doutrina com a nossa — §. 952.

O que seja definir *Substancia* — §. 953. Analyse das idéas que conduzem a aquella definição, e á de outras expressões com ella connexas: tal como a de *Essencia* — §. 954. E a de *Individuo* — §. 955. E a de *Natureza* — §. 956. E a de *Substancia* — §. 957. Applicação destas definições á doutrina d'Aristoteles — §. 958. Até que ponto os Modernos se encontrarão com elle a este respeito — §. 959. Consideração dos contrarios como meio de distinguir os respectivos objectos — §. 960. Utilidade desta Consideração — §. 961. Casos em que he mesmo indispensavel — §. 962. Enganos a que está sujeita — §. 963. Como por seu meio nos poupamos muitas vezes ao aperto de achar de repente definições adequadas — §. 964. Grande uso que tirava deste methodo a Escóla Socratica — §. 965. Espirito do *Methodo de argumentar* assim denominado *Socratico* — §. 966. Exposição da materia — §. 967. Ponto cardial de todas as discussões — §. 968. Consequencia para todo e qualquer argumento — §. 969. Correspondente preceito da *Arte de discutir* — §. 970. Segundo preceito — §. 971. Conformidade destas doutrinas com a pratica daquella Escóla — §. 972. Estrategica que particularmente a caracterisa — §. 973. De dois methodos como punhão esta sua Tactica em execução. Primeiro methodo — §. 974. Segundo methodo — §. 975. Conclusão.

VIGESSIMA NONA PRELECÇÃO.

942. NA precedente Prelecção, combinando o Aphorismo 24.º de Aristoteles com o 34.º vos mostrei a grande vantagem que daquella doutrina se podía deduzir para a resolução dos dois grandes problemas da *Grammatica Universal*, e da *Pasigraphia*. Hoje me occuparei com algumas outras consequencias não menos importantes do mesmo Aphorismo 24.º combinado com o 38.º, de cuja doutrina se não encontra o menor vestigio entre os Modernos.

943. Seja pois a primeira destas observações, que neste Aphorismo 24.º he que se funda a pratica geral de todas as Linguas de empregarem os nomes substantivos não só para se designarem *Substancias*, mas tambem complexos das qualidades, tanto *essenciaes*, como *accidentaes*, e mesmo em geral *qualquer qualidade* de per si: não porque se intente confundir as *simples qualidades*, com as *essencias*, (§. 75): nem tão pouco as essencias com as *substancias* (§. 80.); mas porque assim como as substancias se comprehendem nas *essencias*, assim as *essencias* se comprehendem nos *generos*; ou (o que vem a ser o mesmo) assim como asseveramos das *substancias* o complexo das *qualidades* a que se chama *essencia*: do mesmo modo se assevera

das essencias o complexo das qualidades, a que se chama *genero*, ou (fallando mais correctamente) *Caracter generico*.

944. Desta analyse se deduz, que os nomes das *essencias*, e por conseguinte os de *simples qualidades* podem figurar no discurso, como se fossem nomes de *substancias*, todas as vezes que se tratar de asseverar dessas *essencias*, ou dessas simples *qualidades*, (relativamente aos generos em que entrão) o que das *substancias* se affirma relativamente ás *essencias*, (que nada mais são do que generos [V. §. 260.] em que as mesmas substancias se comprehendem).

945. Porém a pezar desta phrase ser arrezoada, e de hum uso indispensavel em todas as Linguas, são innumeraveis os abusos a que tem dado lugar em todas ellas. De varios destes abusos já nós tratámos fallando dos abusos dos Tropos na IX. X. XI., e XII. Prelecção: de outros trataremos para o futuro, segundo se offerecer occasião. Hoje procurarei aclarar huma equivocação que por falta de intelligencia da doutrina, que acabamos de expôr, tem sido e ainda he motivo de grande discussão entre os Philosophos.

946. Com effeito ha em Physica certos nomes sobre os quaes ainda hoje se controverte se significão *Substancias sui generis*; ou se sómente designão *certas qualidades* de alguma substan-

cia aliás conhecida, e já designada por outro determinado nome. Taes são as expressões de *Calorico*, *Electricidade*, *Magnetismo*, sobre as quaes encontrareis nos Autores de Physica interminaveis questões, sustentando huns que são substancias *sui generis*, distinctas de todas as outras conhecidas: e outros, que são meramente modificações de substancias aliás conhecidas, e já designadas por certos e determinados nomes.

947. Pelo methodo que em varias partes, e determinadamente nos §§. 38. e 588. destas Prelecções vos tenho recommendado, parece que seria facil decidir esta questão; pois bastaria substituir á palavra *substancia* a sua definição. Mas esta he que justamente não havia; por quanto as que se tinhão dado, erão tão escuras e indistinctas, que não podião ser de nenhuma utilidade.

948. Com tudo se as Obras de Aristoteles, e particularmente esta sobre as Categorias, fossem melhor conhecidas, nellas terião encontrado os Philosophos com que suprirem á falta de huma boa definição de substancia. Por quanto o Philosopho Grego sem dar huma definição geral desta palavra, tentou nos Aphorismos, que vamos expendendo, dar huma definição *por elementos* (como eu lhe costumo chamar, e deixo explicado no §. 261.): e com a qual se terião facilmente reduzido aquellas questões ao seu verda-

deiro ponto de vista, como vos passo a mostrar.

949. Como as dez Rubricas ou Categorias, em que Aristoteles dividio todos os objectos dos Conhecimentos, são destinadas para por meio dellas distinguirmos todos esses objectos huns dos outros; era preciso recorrer a outros caracteres para distinguirmos humas das outras as mesmas Categorias. Isto he o que conduzio o nosso Philosopho a observar: que humas d'entre ellas são susceptiveis de contrario; outras não o são: humas admittem mais e menos, outras não são susceptiveis disso. Mas estas são *qualidades communs* a varias Categorias, e por tanto convinha achar para cada huma dellas a qualidade que lhe serve de caracteristica, ou como em outra parte dissemos (§. 479. *e seg.*) constitue sua *Propriedade*, ou o seu exclusivo *Attributo*. Nesta tarefa nos mostra aquelle insigne Mestre a pratica que nos convem seguir: e os caracteres de que podemos lançar mão para distinguirmos e classificarmos os differentes objectos sobre que versarem as nossas indagações.

950. Assim *o caracter proprio das Essencias*, diz elle, *he o admittirem estados contrarios, vindo ellas a mudar.* Aqui he preciso, que noteis, como huma cousa he *ter hum contrario*, outra o *ser susceptivel de Estados Contrarios.*

Cada huma das qualidades (§. 43.) he susceptivel de contrario; mas não de passar a estado contrario, entre tanto que *os complexos de qualidades* denominados *Essencias* ou *Substancias* (§§. 75. 80.) não tendo nada que lhes seja contrario, são susceptiveis de estados contrarios.

951. Esta doutrina de Aristoteles, achandose em harmonia com a que sobre este mesmo assumpto ensinámos no principio da segunda Prelecção, nos offerece occasião de melhor explicarmos o que alli deixamos dito, talvez com demasiada concisão; pois que pessoas doutas e benevolas nos tem observado que os citados §§. 75. e 80. carecem de illustração. A esse fim porém he necessario que eu vos traga á memoria o que já em outras occasiões vos tenho feito advertir sobre a especial natureza destas Prelecções.

O meu unico intuito he definir as expressões de que se compõe a *Nomenclatura da Philosophia* (§§. 322. e seg.) sem querer por isso disputar a outros Escriptores a gloria que se attribuem de huma Philosophia transcendental, e dedignando-se de encerrar os seus vôos na acanhada esphera das Linguas, remontão á analyse de idéas a que nenhuma Linguagem alcança. Eu como com palavras he que vou analysando idéas nos meus Escriptos; digo que a minha Analyse se limita á exposição das idéas que essas palavras

designão, ou (o que val o mesmo) á explicação dessas mesmas palavras. Elles dirão o que seja expor com palavras a analyse de idéas, que estão fóra do acanhado alcance das Linguas, e para cuja exposição por conseguinte ellas não tem palavras

952. Isto posto, reduz-se toda a minha Philosophia a definir expressões (§. 916.): e a deduzir por meio de transformações (§. 255.) a equipolencia de huma expressão com outra, desta com huma terceira: e assim por diante. Por tanto quando trato de vos dizer o que seja *Essencia*, e *Substancia*, não póde ser outro o meu objecto, se não enunciar-vos outras expressões equivalentes a cada huma destas duas.

953. Nós não conhecemos, senão qualidades, dizia eu em huma das precedentes Prelecções (§§. 751. 765.), e por tanto as expressões de que nos servimos, não exprimem senão as idéas que temos dessas mesmas qualidades. Logo se as idéas que temos de exprimir são as de hum complexo de qualidades essenciaes (§§. 12.) chama-se-lhe *Essencia* (§. 75. 80.). Se porém esse complexo abraça, além das qualidades essenciaes, outras accidentaes, então dá-se lhe o nome de *Individuo*, de *Natureza*, ou de *Substancia*.

954. Dá-se o nome de *Individuo* a cada hum

daquelles complexos relativamente á cada momento em que se considera (§§. 43. 44.).

955. Mas se em vez de enunciar o que elle he em tal ou tal momento, enunciamos qual elle seja em todos os que foi objecto da nossa observação; a essa serie de estados daquelle complexo: sempre o mesmo em todos os momentos: ou com successiva mudança das qualidades que o compõe; chama-se a *Natureza* daquelle Individuo. (§§. 76. 80.).

956. Ora como a pezar da successiva mudança de qualidades, existe em cada momento hum certo numero das que formavão o Individuo em momentos precedentes; ao complexo das que assim são communs a hum dado momento, e a momentos a este precedentes, chama se a *Substancia* do Individuo, de que se trata (§§. 44. 80.).

957. Do simples enunciado destas Definições se manifesta, que só as Essencias (secundarias), ou as Substancias (isto he as Essencias primarias na phrase de Aristoteles) he que pela accessão, ou sabtracção de alguma ou algumas Qualidades, são susceptiveis de estados contrarios; pois que he a essa ou ao complexo dessas Qualidades que ora accrescem ora faltão, que se tem dado o nome de *Estado*.

958. Os Modernos, posto que não dessem a esta consideração dos *contrarios* o valor, que lhe

dá Aristoteles, não deixárão de fazer menção della em seus Escriptos; com esta differença porém que a estes que Aristoteles chama estados contrarios, porque não podem co-existir no mesmo individuo em hum dado momento, os Philosophos Modernos tem dado o nome de *modos*, *modificações* ou *estados accidentaes*: chamão lhes além disso *Accidentes da Substancia*, quando se verificão nas essencias primarias (§. 71.): e chamão lhes *Variedades*, quando se verificão nas essencias secundarias (§§. 677. 722.).

959. Porém o que he particular a Aristoteles, e que até parece não ter merecido a menor consideração aos Philosophos modernos, he que o Philosopho Grego no uso que faz deste Aphorismo 38.º para caracterisar as essencias, nos mostra hnma pratica methodica que nos póde ser de grande utilidade em muitos outros casos.

960. Com effeito nós vemos, que Aristoteles para nos ensinar a distinguir as *Essencias*, nos observa: *que ellas nada tem que lhes seja contrario*. Sim, Senhores, hum dos meios que nós temos para conhecer, distinguir e caracterisar os objectos, he o conhecimento dos seus contrarios. Não que pelo simples conhecimento destes nós possamos dizer que conhecemos aquelles; mas porque he grande passo para não confundirmos hum objecto, aliás pouco observado por

nós, com outros que conhecemos, o sabermos que os seus contrarios não são os destes outros.

961. He certo que se nós podessemos sempre contemplar e analysar os objectos, que nos cumpre conhecer, e distinguir; de nada nos serviria a este respeito o conhecimento dos contrarios desses objectos; pois que conhecidos estes em si mesmos, nada mais seria preciso para os distinguir de quaesquer outros. Mas esta observação e analyse dos objectos em si mesmos não he sempre possivel: e nesses casos he de grande vantagem o podermos recorrer ao conhecimento dos seus contrarios para os podermos distinguir de quaesquer outros objectos, cujos contrarios aliás sabemos serem differentes de estoutros.

962. Com tudo este methodo de caracterisar os objectos por via dos seus contrarios não deixa de ser sujeito a enganos e abusos, como qualquer outro, e por isso Aristoteles nos observa no seguinte Aphorismo (39.º) que *o não ter contrario* ainda que seja hum caracter das essencias, não he hum caracter tão exclusivo, que não pertença tambem ás *Quantidades determinadas.* A pezar porém da delicadeza que se faz precisa no uso deste methodo, fica lhe sempre incontestavel o só intrinseco merecimento nos casos em que elle ter póde applicação.

963. Onde particularmente se póde appreciar a vantagem desta pratica he nos differentes ramos das Sciencias Psychologicas, e sobre tudo nas que se comprehendem debaixo da denominação de *Sciencias Moraes* (§. 495.) Por quanto sendo incomparavelmente mais facil designar qual seja o contrario de qualquer expressão, do que dar della huma boa e exacta definição; não he raro recorrer-se aos contrarios, para distinguir e determinar idéas, cujas definições se nos pedem: entre tanto que não he facil, nem as mais das vezes possivel o dallas de repente.

964. Quando no decurso destas Prelecções chegarmos a analysar alguns Dialogos da Escóla Socratica, como por exemplo os de Platão ou Xenephonte, não deixarei de vos fazer notar o admiravel partido que o grande Socrates e seus Discipulos soberão tirar deste methodo de definir as cousas pelos contrarios, na Arte de disputar. Mas como pela natureza do Plano destas Prelecções não posso prever quando chegaremos a analysar aquelles Escriptos: e o conhecimento desta Arte vos he por extremo preciso; adiantar-mehei aqui em dar-vos as noções que constituem a sua theoria, e que vos demonstrarão a excellencia do *Methodo Socratico*.

965. Em geral póde-se dizer que elle se reduz ao que no §. 758. destas Prelecções vos re-

commendei, que praticasseis para destruirdes os Sophismas com que alguem pretendesse attacar quaesquer verdades que vos propuzesseis defender ou discutir. Eu me explico.

966. Se dois homens que disputão sobre a verdade ou falsidade de huma phrase se conformassem em dar as mesmas idéas a cada huma das expressões dessa phrase: cessaria desde logo a disputa; pois que se se conformassem em tudo, não restaria nada sobre que discordassem.

967. Mas nem por isso que elles discordão na intelligencia de algumas das expressões componentes da phrase, se segue que discordem sobre todas; antes as mais das vezes he apenas huma ou outra palavra que constitue o verdadeiro e unico ponto da questão; achando-se elles de accordo sobre todo o resto da phrase.

968. Consiste pois a delicadeza de quem disputa em saber distinguir quaes são as expressões donde deriva o equivoco em que se labora, a fim de nellas se concentrar toda a discussão. Esta delicadeza era o que Socrates principalmente procurava desenvolver nos seus Discipulos.

969. Depois de assim ter dado este importantissimo passo para o descobrimento da verdade, he preciso pôr em pratica dois grandes preceitos que aquelle Philosopho já mais perdia de vista, e que á sua semelhança não posso omittir de vos

inculcar neste lugar. O primeiro he de bem determinardes o sentido dessa ou dessas expressões que assim houverdes reconhecido que constituem o verdadeiro objecto da disputa.

970. O segundo he de vos haverdes a este respeito de maneira, que nem vos arrisqueis inconsideramente a dardes huma definição, para a qual não estivesseis preparado: nem vos exponhaes a offender o amor proprio do vosso Adversario exigindo delle huma definição, cuja difficuldade não póde deixar de o pôr as mais das vezes em hum penoso e humiliante enleio, que só serve de mais lhe offuscar a razão, e indispor o animo para o descobrimento da verdade.

971. Eu não quero dizer que Socrates, ou algum dos seus Discipulos nos dêm em seus Escriptos estes dois preceitos. O que eu quero dizer, he que ao ler os Dialogos dos Philosophos daquella insigne Escóla, não se póde deixar de conhecer claramente, que nestes dois principios he que elles fazião principalmente consistir o merecimento do que Socrates com engraçada energia denominava a sua *Arte Obstetricia dos animos para fazer vir a verdade á luz do dia.*

972. Lendo se pois attentamente os citados Dialogos, observa se que Socrates tendo em vista fixar perfeitamente o sentido da expressão equivoca em que elle persentia que se concentrava

todo o ponto da questão; nem por isso arremettia a aclara-la de pancada, dando ou pedindo ao Adversario huma definição categorica. Vê-se que elle estava penetrado dos inconvenientes, que ha pouco vos ponderei a este respeito. E para de hum traço acabar de vos delinear todo o artificio do seu Methodo, dir-vos-hei que sabendo por experiencia aquelle grande Philosopho, que a maior parte dos homens reconhecendo o seu erro no meio da disputa, mais receosos de serem convencidos, do que desejosos de virem no conhecimento da verdade, só procurão subterfugios para que senão elucide a expressão, cujo equivoco constitue em ultima analyse o ponto da questão: Socrates, digo, conhecendo quanto excesso do amor proprio se oppõe ao descobrimento da verdade, raras vezes arremette cara á cara com a expressão que se trata de aclarar. De ordinario encobre, para assim dizer, o seu plano de attaque; propõe ao seu Adversario phrases apparentemente alheias da questão, além disso tão evidentes que parece puerilidade o ar de duvida com que elle as propõe: e como por outra parte nenhuma relação parecem ter com a actual controversia, o Adversario as concede sem hesitação nem receio. Concedidas ellas, o astuto Arguente converte as em outras claramente equivalentes a ellas pelo methodo que fica exposto nos §§. 232. 233. 254.

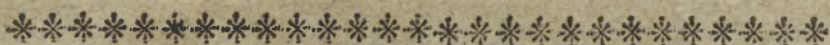
255. 261. 262. 292. etc. 585.—589. destas Prelecções, e assim de transformação em transformação vai conduzindo o Adversario a prestar successivamente o seu assenso a cada huma daquellas equivalentes expressões, que jámais teria talvez admittido, se de antemão soubesse que o havião de conduzir a reconhecer a verdade da asserção sobre que começára a disputa.

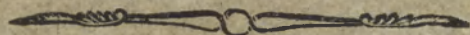
973. Ora para pôr em execução esta tactica de attaque simulado costumão os Socraticos servir-se de hum de dois methodos: O primeiro consiste em caminhar directamente á definição da expressão que se trata de aclarar; mas definindo-a por elementos na maneira que eu em outras partes destas Prelecções vos tenho ponderado (§. 261.) Por quanto como a disputa versa sobre alguma applicação mais geral daquella expressão, o Adversario presume poder convir nos usos particulares della, que reconhece serem acertados, sem receio de que da accumulação desses casos particulares se virá a deduzir a conclusão geral sobre que se controverte.

974. O segundo expediente, de que aquella Escóla se serve para conseguir o mesmo fim, consiste em definir, não a propria expressão que pretende, mas as que lhe são contrarias. Por este modo o Adversario menos receoso ainda do verdadeiro ponto do attaque, se acha repentina-

mente, e como por surpreza, obrigado a concordar no sentido da expressão controversa, por força de quanto havia concedido de boa fé a respeito das suas contrarias.

975. Eis-aqui, Senhores, exposto em breve quadro o tão celebrado *Methodo Socratico*, incomparavelmente superior a quanto nas outras Escólas se pratica em ponto de disputa: e que por isso muito vos recommendo procureis familiarisar-vos com elle, lendo attentamente os Dialogos que acima vos citei (§. 964.) e de que não conheço exemplo entre os Modernos, senão he o interessante Opusculo do engenhoso Philosopho Inglez Berckley intitulado = *The minute Philosophers* = cuja lição, bem como a de todas as Obras deste agudo Analysta igualmente vos recomendo, como muito propria a desenvolver varias idéas, que no decurso destas Prelecções apenas vos tenho podido indicar; posto que deveis hir prevenidos de que não poucas vezes arrebatado da subtileza do seu engenho se perde n'hum enleio de chimeras, que contrastão singularmente com a sua habitual solidez.

* *

PRELECÇÕES PHILOSOPHICAS.

TOMO I. PARTE I.

INDICE.

Este Indice não só he destinado a indicar os lugares destas vinte e duas primeiras Prelecções em que se trata das differentes materias; mas a dar huma idéa resumida dellas: e mesmo a corrigir e supprir alguns descuidos, em que se advertio ulteriormente.

como *effeito* da causa, que ou se exprime, ou se subentende. (§. 87.).

Adanson (Miguel) Offerece na sua Exposição Systematica das Conchas do Senegal huma tentativa assás feliz de hum Systema Natural. (§§. 84. 689.). V. *Systema Natural*.

Adjectivos são as palavras, que servem a especialisar os Substantivos. (§. 237.).

Adverbios se chamão as palavras, que se empregão para especialisar a significação de algum Verbo, ou de algum Adjectivo. (§. 245.).

Affectação de saber, a que se chama Pedantismo, se caracteriza pelo demasiado uso de Periphrases. V. *Periphrase*. (§. 470.).

Affinidade. Chama-se assim a Attracção chimica. (§. 161.)

Aggravo ordinario: He huma das muitas expressões, que se podem citar em abono, senão da Nomenclatura da Jurisprudencia, ao menos da miudeza com que a analyse tem classificado os objectos d'quella Sciencia. (§. 671.). Mas tambem por esta expressão se vê estar a Jurisprudencia mais atrazada em definições, do que as Sciencias Physicas e Mathematicas. Veja-se no §. 671. a que dá o melhor dos nossos Didacticos. Por isso depois de se mostrar como ella he defeituosa (§§. 672. 673.), se dá huma nova definição no §. 674.

Aggregado. Composto de partes mais ou menos heterogeneas. (§. 673.).

Algebra. A sua Linguagem he de huma simplicidade admiravel; mas faltão-lhe expressões para a maior e maxima parte dos casos que naquella Linguagem se querem enunciar. (§§. 654. 655.).

Huns tem cahido no desacerto de supprir a esta falta, introduzindo expressões e phrases da Linguagem vulgar. Os melhores, posto que em mui pequeno numero, tem inventado expressões puramente algebricas. (§§. 371. 665. 667.).

Mas além de limitada, he esta Linguagem manchada de hum defeito, que em nenhuma outra se encontra, e he o de se darem de proposito muitas significações a huma só expressão: não em differentes casos, como nas Linguas vulgares acontece com as Metaphoras e Synonymos, mas em hum só e mesmo caso. (§§. 252. 555. 558 — 561. 568.). V. *Mathematica*.

Alimentar-se. Se a transformação de hum systema se faz de maneira, que accrescendo novos elementos aos antigos, as leis do novo systema resultante, são sempre identicas com as do precedente; diz-se que este *se alimentou* daquelles novos elementos. (§. 200.).

Allegoria: Syllepse, na qual ambos os correlatos se achão empregados metaphoricamente. V. *Syllepse*. (§. 419.).

Allusão: Syllepse, na qual hum dos dois objectos se ommitte na phrase, posto que por outro algum modo se póde conjecturar qual elle seja. (§. 418.).

Alteração: Mudança de qualidades, essenciaes ou accidentaes. (§§. 86. 196.).

Analyse: Dá-se quando prestamos successivamente attenção a todas as qualidades tanto individuaes, como genericas, que nos importa conhecer em algum objecto. (§. 231.). V. *Inducção. Condillac. Methodo. Synthese.*

Animal se chama o corpo organico, em quem reconhecemos movimentos mechanicos, que não são effeito de nenhuma causa externa. (§. 174.). V. *Mechanicos movimentos.*

Aniquilar-se. Dizer de alguma cousa — *que se aniquilou* — val o mesmo que dizer, que em quaesquer circunstancias que nos supponhamos, teremos sensações differentes das das qualidades, que o seu nome designa. (§. 84. 190. 197.).

Antigos. Das Sciencias Physicas e Mathematicas a maior parte erão desconhecidas aos Antigos, pois que nenhum vestigio achamos dellas em seus Escriptos: d'outras apenas conhecião muito imperfeitamente factos desligados. O em que se distinguirão, e pelo que merecem ainda hoje a nossa admiração, he nas *Bellas Artes*: pois que em muitas dellas ainda os não podemos igualar: E mesmo ha *Artes Mechanicas* em que parecem ter-nos excedido. Mas nem humas nem outras se devem confundir com as Sciencias. (§§. 542. *e seguintes*). V. *Sciencias.*

Antiphrase: Consiste em designar os objectos, não pelos seus proprios nomes, mas pelos dos seus contrarios; sendo o tom da expressão e mais circunstancias, o que faz conhecer o nosso verdadeiro sentido. (§. 421.).

Antithese orthographica: Consiste na troca de huma letra por outra; como *nh* por *m* nas palavras *Desdem*, *Desdenhar*. (§. 435.).

Antonomasia : Consiste em se designar hum objecto, não pelo seu nome proprio, mas pelo nome de algum dos generos a que ella pertence : ou pelo de alguma das especies, que nelle se comprehendem : todas as vezes que elle he mais conhecido por esse nome, ou generico, ou especifico, do que pelo seu proprio : ou que pelo nome generico he mais conhecido do que todos os seus congeneres. (§§. 394. 397.). Seria melhor ter distinguido estas duas Antonomasias por dois differentes nomes.

Aphérese : Chama-se assim a subtracção d'alguma letra no principio do Radical ; Exemplo : *Em este* : *Neste*. (§. 434.).

Apócope : Subtracção de alguma, ou algumas letras no fim da palavra ; Exemplo : Em vez de se dizer — *claramente e distinctamente* — diz-se : *clara e distinctamente*. (§. 434.).

Appellação. Esta expressão assim como prova o gráo de perfeição da Juri prudencia em ponto de *Nomenclatura*, e de *Systema*, nos faz conhecer o quanto está atrazada em materia de *Methodo*. (§§. 670. 674.). V. *Aggravo*.

Appercepção : Reminiscencia de cada hum dos passos, que temos dado em algum estudo. (§. 227.).

Applicação : Reiterada contemplação de algum objecto. (§. 223.).

Apposiçao. Chama-se crescimento por *apposição*, ou por *extus-suscepção* aquelle, que se faz pela adherencia de novos elementos ás superficies externas do Systema. (§. 201.). V. *extus-suscepção*.

Apprender : Reiterar a contemplação de algum objecto (§. 223.).

Appropriação de alimentos (§. 200.). V. *Alimentar-se*.

Arabescos : São em Poesia, como em Pintura, extravagantes compostos de partes heterogeneas, cada huma fielmente copiada, em hum todo montruoso, mas não sem huma agradavel proporção e harmonia. (§. 345.).

Arte da Guerra. Arte de paralysar as forças do Inimigo. Vantagens desta definição sobre a que se costuma dar. (§. 668.).

Aristoteles. As Obras que correm com o nome deste Philosopho, são o mais precioso thesouro de doutrina, que nos deixou a Antiguidade. Mas a sua exposição he prolixa, e por tanto a sua lição cançada. Daqui vem que poucos tem tido a coragem de as lerem, e muito menos de as estudarem. Não he logo para admirar, que muitos as tenhão censurado, sem as lerem : e outros as tenhão lido, sem as enten-

derem. Não precisava mais para ser alternativamente objecto da adoração, e do desprezo das Escolas. He digna de se ler a este respeito a *Historia da fortuna de Aristoteles* escripta por Launoy. O certo he que dos Interpretes daquelle Philosopho huns traduzirão-o tão litteralmente, que as mais das vezes ficou inintelligivel em máo Latim, o que era escuro em Grego: outros derão-lhe sentidos tão futeis, que o fizerão objecto de escarneo dos que só por semelhante canal se podião instruir, por ignorarem o Grego, ou não terem a constancia de seguirem a través de tão prolixos exemplos, como Aristoteles emprega, o fio das doutrinas, que elle muito de proposito, como consta de sua Carta a Alexandre, envolveo em hum estilo, que nem a todos fosse facil penetrar. (§§. 318. 320.). O principal merecimento deste Philosopho, e o que mais o distingue de todos no methodo de tratar as materias abstractas, he o reduzir tudo á simples explicação das palavras e phrases em que se comprehende a doutrina, que faz objecto do seu Tratado: reduzindo assim toda e qualquer Sciencia á Nomenclatura propria de cada huma. Entretanto os Congregados de Port Royal na sua *Arte de Pensar*, e modernamente Destutt-Tracy, não duvidárão capitular este admiravel plano de futil, e perigosa doutrina. (§§. 319. até 325., e 475.).

Arte de observar. Consiste em analysar: 1.° as qualidades essenciaes do objecto: 2.° as accidentaes, que fazem ao nosso caso: 3.° o que he essencial a cada hum dos Accidentes. (§. 476. e seg.)

Associação das idéas: Tem-se empregado esta expressão de duas maneiras: huns denotão por ella a reunião, que no nosso animo se faz muitas vezes de idéas, que a observação só nos mostrou separadas. Outros chamando a isto *Composição de idéas*, chamão *Assosiação* ao phenomeno de que em se offerecendo huma dellas ao nosso espirito desperta logo em nós a lembrança da outra, ainda que o objecto della esteja ausente. Mas a isto chamão os primeiros *Ligação de idéas*. (§§. 52. 59., e seguintes.).

Assimilação de alimentos. V. *Alimentar-se*. (§. 200.).

Atomo: Substancia simples, que faz parte de algum corpo. (§. 115.).

Attenção a hum objecto: Exclusão voluntaria de todas as idéas, que não são as daquelle objecto. (§. 221.).

Attracção: A relação que se observa entre dois systemas, que postos em certa distancia começão a mover-se hum para o outro. (§. 135.). Por illação dá-se o mesmo nome á força, que se equilibra com a que repelliria hum dos dois systemas, se não fosse a acção do outro sobre elle. (§. 140.).

He pois a palavra Attracção do numero daquellas que correspondem a huma phrase, ou asserção; pois que não denota nenhuma propriedade inherente a este, ou a aquelle corpo considerado só por si; mas sim huma relação entre dois corpos, ou systemas. (§. 461.)

Quando a Attracção he chimica; chama-se-lhe *Affinidade.* (§. 161.).

Attributo: Propriedade essencial. (§. 74.).

Augmento de letras: Na derivação das palavras faz-se por *Prósthese*, *Epenthese*, e *Paragoge*. V. estas tres expressões. (§. 433.).

Ausente. Dizemos de hum corpo: que nos he *presente*, ou *ausente*; e por tanto cumpre ao Philosopho definir ambos estes termos, se he possivel: ou hum delles pelo outro. Sendo pois a palavra = *Presente* = huma daquellas que não admittem definição por serem as ultimas, que servirão a definir todas as outras; segue-se que a palavra = *Ausente* = só pela palavra = *Presente* = se pode definir.

Assim depois de dizermos que os objectos, cujas qualidades sentimos em hum dado momento, são A, B, C, e por isso lhes chamamos *Presentes*; chamamos *Ausentes* aos que tem qualidades differentes das delles. (§. 69.).

Axiomas: Chama-se assim aquellas proposições geraes, de cuja verdade estamos certos, sem ser por demonstração. (§. 255.). Huns são de *simples intuição*: outros de *geral opinião*: e outros *de hypothese*. (§. 257.). Esta terceira especie só se encontra nas Sciencias Hypotheticas, taes como as Mathematicas: e consistem em se dar a huma palavra hum sentido differente do que pela sua respectiva definição se lhe tinha fixado, debaixo da *supposição* de que estes dois sentidos não são incompativeis: supposição que depois a experiencia tem muitas vezes desmentido; e por tanto he muito arriscado o uso de semelhantes axiomas. Tal he comtudo em grande parte a

base das Mathematicas, que tanto se vanglorião de serem exclusivamente Sciencias por excellencia. (§§. 258. 269.).

Barbaridade: Este estado marca duas epocas da existencia das Nações; a saber: a sua infancia, e a sua decrepita velhice. Da primeira destas duas epocas pouco se sabe de factos bem averiguados; e por tanto não he de admirar, que o que se tem escripto de hypotheses seja vago e absurdo. Entretanto são dignas de ler-se as viagens entre Povos Selvagens: e mesmo as Obras hypotheticas de Ferguson e Rousseau.

Quanto porém á segunda epoca, mostra-nos constantemente a Historia de todas as Nações, que todas ellas ao passo que as luzes dos verdadeiros Sabios, que hião apparecendo, trabalhavão pelas civilisar e instruir, hum sem numero de Charlatães, ao principio com argucias, e depois que a geral civilisação tornou estas inertes e ridiculas, com as armas excitárão toda a casta de guerras de opinião, que devastárão os Povos: fizerão suspender o curso da educação publica, durante huma ou mais gerações, e quando depostas por cansaço as armas parecia ser tempo de curar tantas feridas, não se conhecia ja o preço das Sciencias: faltavão muitos meios de cultivallas: e foi facil ao astuto Charlatão o persuadir, que as Sciencias havião sido a causa da desordem. Banirão-se os Sabios, e proscrevêrão-se as Sciencias: o Povo destituido de toda a instrucção achou-se sepultado nas trevas da ignorancia, e de barbaridade. (§. 573. e seguintes.).

Bellas Artes: São aquellas, que por meio do Desenho, da Pintura, da Gravação, da Escultura, da Mimica, da Musica, e da Eloquencia excitão no nosso animo as sensações e idéas, que excitarião os proprios objectos, se presentes fosem: que he o que se chama *imitação da Natureza*. (§. 65.).

Bem: Causa ou razão de que se costuma seguir huma maior somma de gostos, que de dores — *Bem moral*: Acção moral, de que se costuma seguir huma maior somma de gostos, que de dores. (§. 297.).

Botanica: Esta Sciencia entre os Antigos não parece ter excedido o gráo de perfeição em que hoje se acha entre o commum dos Hervanarios, Medicos, e Artistas, que se servem de plantas em seus mistéres. Depois do renascimento das Letras até Linneo, he que huma serie de observado-

res dotados de hum espirito mais ou menos philosophico, começou a ajuntar *Factos*, a crear *Nomenclaturas*, e a construir *Systemas*. Linneo foi o primeiro que reduzio a *Methodo* a Sciencia. (§. 516.). Sobre este Methodo assentou huma Nomenclatura, postoque defeituosa, superior á dos seus predecessores (§. 352.): organisou hum Systema Artificial em que a critica acha muito a censurar, mas com tudo o mais feliz e engenhoso de quantos tem até agora apparecido. (§. 372. 485. 682. 707. 725.): e lançou para o Systema Natural alicerces, de que não parece ter se bastantemente appreciado o valor; mas de que a posteridade sem duvida tirará grande partido. (§. 697.).

Brando: Chama-se assim ao que não he duro, nem rijo. (§. 146.).

Bruto: Val o mesmo que dizer: sem forma regular. (§. 172.).

Buffon: Este Philosopho penetrado dos defeitos dos *Systemas Artificiaes*, não só os combatteo com toda a energia da razão, e da eloquencia; mas até cahio no erro de lhes escurecer todo o merecimento: excesso de que se verá a semrazão no artigo *Systema*. (§§. 487. 492.).

Cadêa dos Entes Intelligentes: Se contemplamos os differentes animaes, que se offerecem á nossa observação, não podemos deixar de reconhecer, que á medida que nelles se mostra hum maior, e mais variado numero de phenomenos de vida e de animalidade, tanto he maior a esphera da sua comprehensão e intelligencia: de modo que assim como desde o Homem até ao Polypo existe huma serie de Animaes, cujos phenomenos de vida e animalidade constituem huma ligação de identidade de cada hum delles já com os que lhe precedem, já com os que se lhe seguem naquella mesma serie (§. 413.); do mesmo modo os phenomenos intellectuaes formão hum correspondente entrelaçamento de huns com outros: e isto he ao que os Philosophos tem dado o nome de *Cadêa dos Entes intelligentes*. (§. 508.).

Capacidade: Dizer se de alguma cousa, que tem *capacidade* para algum estado, acção ou paixão, he dizer-se, que por experiencia se sabe haver ella constantemente exercitado essa acção, ou passado a esse estado, ou paixão nas circunstancias que tacita, ou expressamente se designão. (§§. 225. 226.).

Caracter de cada huma das rubricas de hum Systema he a propriedade, ou o complexo de propriedades communs a todos os Individuos, que entrão nessa rubrica. (§. 14.).

Tendo os Philosophos advertido que entre as qualidades essenciaes communs a varios Individuos havia algumas, que merecião o epitheto de *capitaes*, por isso que reconhecida a sua existencia em qualquer dos ditos Individuos se podia inferir seguramente a existencia das outras; escolherão aquellas *qualidades capitaes* para caracteres das rubricas de seus Systemas: e chamarão-lhe *Caracter Artificial* (§. 490.).

Aquellas *qualidades capitaes* juntas ás do *Habito Externo* constituem o *caracter Natural* (§. 687.). V. *Habito. Systema.*

Catachrése: He o mesmo que *Metaphora homonyma*, ou seja totalmente homonyma: ou parte homonyma: e parte synonyma (§. 415.). V. *Metaphora.*

Categoria: A aquelles Gruppos de Individuos, a que nós oirdinariamente chamamos Classe, Ordem, Genero, Especie, Familia, Secção, etc. etc. chama-se em geral *Categoria*, (§. 314.) ou Rubrica. Mas tambem aos caracteres das mesmas *Rubricas* se chama Categoria (§. 474.).

Causa: Mostrando-nos a experiencia, que jámais hum ente B se acha no estado D, sem que antes outro ente A se ache no estado C; chamamos a A *causa* do *Effeito* D. Chamamos a C *Razão* do mesmo effeito D, e *Acção* de A sobre B. Chamamos mais a A *Agente*: a B *Paciente*, e a D *Paixão* de B, e tambem *Reacção* de B sobre A. (§§. 87. até 91.).

Mas se o estado de A no ultimo momento immediato antes do effeito D era C; não era C mas F (por exemplo) no penultimo antes do effeito: nem no primeiro depois foi já tão pouco C, mas sim H (por exemplo): e a H chama-se *Effeito da Reacção de B sobre A.* (§. 89.).

Consiste logo a Theorica das Causas e Effeitos em marcar a constante successão de *dois* phenomenos C e D em *duas* Substancias A e B: advertindo porém que além daquelles dois phenomenos, a que sempre attendemos, ha sempre *outros dois* F e H; isto he: *duas substancias* (o Agente e o Paciente): *tres mudanças* (a do agente, razão do effeito: a do paciente, effeito da acção: e outra

que se segue no agente, effeito da reacção); e *quatro distinctos momentos* (o que precede á acção: o da acção: o da reacção: e o que se segue a esta). (§. 92.). V. *Como*.

Causa immediata: Dado hum certo numero de Substancias, das quaes huma seja causa de alguma mudança de outra: esta de huma terceira: esta de huma quarta: e assim por diante: chama-se *Causa immediata* de qualquer dos effeitos, aquella, cuja mudança he mais proxima em tempo a esse effeito. (§. 99.).

Causa occasional: He aquella, que he remota e secundaria. (§. 100.).

Causa parcial: Qualquer das causas componentes de hum complexo de causas. (§. 101.).

Causa pequena. Por dois modos se diz a Causa *pequena* relativamente ao Effeito. Primeiro, quando o numero de mudanças de outras Causas, que com as della constituem a *razão total* do mesmo effeito, faz huma pequena parte dessa razão total. O segundo modo he quando só pela assiduidade da sua acção he que elle produz ao cabo de muito tempo aquelle grande effeito. (§§. 182. 184.).

Causa principal: Causa de mudanças essenciaes. (§§. 72. 98.).

Causa proxima: He aquella, cuja mudança he posterior ás das outras causas, que com ella concorrem para a existencia de hum dado effeito. (§. 99.).

Causa remota: He aquella, cuja mudança precede ás das outras Concausas [V. *Causa proxima*] (§. 99.).

Causa secundaria: He aquella que só produz effeitos accidentaes. (§§. 71. 98.).

Causa subalterna: V. *Causa secundaria*.

Causa total: He o complexo de todas as substancias, cujas mudanças são precisas para a existencia de hum dado effeito. (§. 101.).

Celeridade. Designa-se por este nome, ou pelo de *velocidade*, a razão em que o espaço corrido por hum movel (por mais pequeno que seja esse espaço) está para o tempo em que elle o correu. (§. 130.).

Centro *das forças de hum Systema*. Chama-se assim aquelle ponto, no qual o systema fica dividido, em duas partes igualmente fortes, por qualquer plano, que por alli passar (§. 158.).

Certeza: Dizemos *ter certeza* querendo dizer; que a identidade observada entre dois objectos he de *qualidades essenciaes*, ou de *propriedades*. (§§. 72. 73. 218. 253. 254.). A's vezes para se dizer que ha muito grande probabilidade, se dá a esta, por hyperbole, o nome de certeza. (V. *Probabilidade*.).

Certo. Chama-se assim todo aquelle phenomeno sobre que ha certeza. (V. *Certeza*.) E por conseguinte considerado como *Effeito* de alguma *Causa*, chama-se assim quando, observada ella, sempre elle se segue: e só se observa quando nella precede a *Razão* que a constitue causa. (§. 93.).

Charada: Equivoco homonymico, logogripho, jogo, brinco de palavras, que consiste em se affirmar do objecto o que só compete ao seu nome escrito, ou pronunciado. (§. 330.).

Charlatães. Chamão-se assim aquelles homens, que de todas as palavras da Sciencia, de que se tratar, tem idea; mas huma idéa informe e estropeada. (§. 573.).

Charlatanismo. Consiste em discorrer sobre qualquer Sciencia, tomando as palavras no sentido methaphorico, como se fosse o proprio; por ignorancia da sua verdadeira significação.

Chimica. A' reciproca acção entre as partes de dois corpos, quando della resultão corpos differentes tanto do agente, como do paciente, deu-se-lhe o epitheto de *chimica*. (§. 160.).

Choque. He o contacto a que chegão dois corpos antes distantes. (157.) *Choque central*. Chama-se-lhe assim, quando as rectas tiradas do ponto do contacto aos centros das forças dois Systemas (ou corpos) ficão em direitura. (§. 158.) V. *Centro das forças*.

Circunstancias: O complexo dos estados das differentes Substancias, a que nos cumpre attender em hum tempo dado, relativamenre a hum phenomeno dado, chama-se circunstancias desse phenomeno. (§. 78.).

Classe. Gruppo de Individuos dotados de hum certo numero de qualidades communs: o qual se compõe de outros gruppos menores, a que communmente se chama *Ordens*. (§. 13.).

Classificar. Dois são os sentidos deste verbo: hum delles he de reduzir a systema hum certo numero de objectos: o

outro he de achar o lugar que a hum dado objecto compete em tal, ou tal systema. V. *Systema.*

Cognominados: Chamamos assim aquellas palavras, que tendo hum radical commum, só differem em accidentes etymologicos. Differença-se de *Derivados*, porque este nome abraça mesmo as palavras em que apenas ha vestigio da Raiz. Tambem se lhes chama *Paronymos.* (§§. 237. 429.).

Coherencia ou Cohesão. He a attracção que entre si exercitão dois corpos em contacto. (§. 141.).

Collisão. V. Choque. (§§. 157. 158.).

Commutação do alimento. Accessão, ou substituição tal de novos elementos aos antigos de hum sysrema, que as leis do que assim resulta de novo são identicas com as do precedente. (§. 200.).

Como. Esta palavra denota o complexo de todas as mudanças acontecidas, tanto no agente, como no paciente: e a cujo complexo compete o nome de *Razão* do phenomeno de que se procura o *como.* (§§. 87. 89.) V. *Razão*, *Causa*, *Maneira*, *Modo.* Difficilmente se achará huma palavra de que tanto se precise ter sempre dianre dos olhos a verdadeira significação: não perder nunca de visra que ella nada significa, senão o que acabamos de expender. Basta dizer que faz huma parte esseucial da *Theorica das Causas e Effeitos*: Theorica escuramente tratada pelos Antigos: e absurdamente por todos os Modernos.

Comparar. Ter ao mesmo tempo duas idéas. (§. 42.) Como não he possivel ter ao mesmo tempo duas idéas, sem ver a sua identidade, ou a sua differença, e a isto se chama *julgar*; tem sido objecto de grandes disputas, se *comparar* e *julgar* são ou não, huma e a mesma cousa. Entre tanto a questão he mui facil de decidir. Se se trata do *juizo* que reconhece a identidade, ou a differença de duas unicas idéas simultaneamente presentes ao nosso espirito, nesse cazo o *juizo* e a *comparação* vem a ser huma e a mesma cousa. Mas se o *juizo*, de que se trata, affirma a dentidade, ou a differença de dois compostos, cujas respectivas idéas parciaes de hum temos successivamente comparado com as correspondentes e homogeneas do outro; então chama-se comparação dos dois objectos á serie daquellas comparações parciaes: o que já se vê ser differente da asserção de identidade, ou de differença dos dois

todos entre si; pois que dois complexos de muitas e varias idéas, não se achão simultaneamente presentes ao espirito: e logo o juizo de identidade, ou de differença he já discursivo, ou de illação; quero dizer que se reduz á asserção de identidade, ou differença dos nomes, ou signaes. (§. 316.) daquelles dois complexos. Por exemplo: o primeiro objecto supponhamos que se compõe das idéas *a*, *b*, *c*, *d*: o segundo das idéas *e*, *f*, *g*, *h*: que L he o nome do primeiro: e M o do segundo. He L equivalente a $a + b + c + d$: e M equivalente a $e + f + g + h$. Em quanto eu comparo *a* e *e*, *b* e *f*, *c* e *g*, *d* e *h*; cada huma destas *comparações* he hum *juizo*: *julgar* e comparar, são huma e a mesma cousa; porque então o mesmo he ter simultaneamente presente as idéas *a* e *e*, *b*, e *f* etc., que ver a sua identidade, ou differença. Mas quando infiro, discorro, traduzo, transformo, ou substituo (§. 255.) em vez de $a + b + c + d$, L; e em vez de $e + f + g + h$, M, dizendo ser L identico com M: ou L differente de M; isto já não he comparação em que eu veja a identidade de L com M, e com tudo he hum juizo. Donde se segue que os *juizos da intuição* são *comparações*: mas não assim *os de illação*. (§. 254.).

Composto. Serve esta palavra a designar, que o objecto de que se trata produzio em nós duas ou mais idéas entre si differentes. Quando expressamente, ou pelas circunstancias senão declara o contrario, entende-se serem estas differentes idéas as de differentes lugares em qualquer momento dado, ou, o que val o mesmo, que o lugar desse objecro, he sempre multiplice da unidade. (§§. 46. 112.) V. Lugar.

Compressivel. Chamão-se assim os corpos, cujas partes são susceptiveis de se fazerem chegar humas para as outras, posto que com alguma difficuldade. (§. 143.).

Condillac. Este grande Philosopho contente da sublimidade das suas idéas, não sabia abaixar-se a estudar quaes fossem as dos outros. Daqui vem que toda a sua Historia da Philosophia he huma das mais infieis exposições das opiniões dos Philosophos dos differentes tempos: tanto antigos, como modernos. Propondo-se analysar o Systema de Spinosa, por exemplo, no seu *Tratado dos Systemas*, attribue a aquelle profundo, mas não raras vezes extrava-

gante Pensador, o que elle nunca disse : e fallando, no seu curso da Historia, da Philosophia de Aristoteles, mostra, ou que nunca o leo (e isto tenho por mais provavel) ou que não tomou nunca o trabalho de o meditar. Por esta razão cedendo a prejuizos vulgares, faz huma diatribe absolutamente contradictoria contra o uso dos Syllogismos (V. *Syllogismo*): em vez de definir a Analyse no verdadeiro sentido de Methodo distincto do Synthetico, dá-lhe a cada passo huma significação restricta; e por isso affasta o Leitor da legitima idéa do Methodo Synthetico; pois que elle mesmo por aquelle modo se envolvera nas idéas as mais confusas sobre este ponto cardial da sua Philosophia. (V. *Analyse. Synthese*) E emfim, por não amontoar exemplos, depois de commetter o incrivel descuido de não profundar a Theorica das Definições (por prevenção contra as antigas Escolas) cahe no erro não menos censuravel de lhes negar a qualidade de *principios de Conhecimentos*, confundindo (por aversão a moderna Escola Escoceza) duas expressões entre si tão distinctas como são *Principios de conhecimentos*, e *Principio dos humanos conhecimentos*. (V. *Principios*). A pezar de tudo isto, ninguem lhe poderá negar sem a maior injustiça o louvor de ser hum dos maiores Philosophos do nosso Seculo. (§. 286. 305.).

Condição necessaria ou essencial: *Conditio sine qua non*. São expressões synonymas de *Razão parcial* do *Effeito*, ou acontecimento, o de que se trata. (§. 94.).

Confusão de idéas. Esta expressão significa, que recordando-nos de idéas pertencentes a diversos objectos, nos não recordamos de quaes pertencem a huns, e quaes a outros. (§. 210.).

Conhecer. Dizemos *conhecer* hum objecto quando podemos enumerar das suas qualidades essenciaes, das accidentaes, e do que a estes accidentes he essencial, o que faz ao nosso caso. (§§. 54. 55. 476.).

Conhecimentos. Os conhecimentos humanos podem-se utilmente dividir em cinco classes, a que eu chamo aliás *Elementos da Sciencia em geral*; a saber: *Factos*, *Nomenclatura*, *Systema*, *Theoria*, e *Methodo* (*Veja-se cada huma destas palavras*). Quanto mais distar o complexo dos nossos conhecimentos neste, ou naquelle ramo, da reunião

e perfeição destes elementos, tanto mais longe estarão os nossos *Conhecimentos* de serem *Sciencia*: e posto que independentes entre si, até certo ponto aquelles elementos; o que jamais deixa de ser huma infallivel bitola do estado de adiantamento de todos os outros, he a *Nomenclatura*. Por isso o estudo desta he que constitue o objecto das presentes Prelecções. Della he que tratarão os bons Philosophos da Antiguidade taes como Platão, e sobre tudo Aristoteles, que a ella restringio, como hoje faço a seu exemplo, toda a sua Philosophia. Assim he relativamente á *Linguagem* que elle dividio todos os humanos conhecimentos em dez *Categorias*. (*Veja-se esta palavra*)

Sobre a origem, os principios, e a certeza dos nossos conhecimentos, tem-se levantado questões as mais estranhas e paradoxaes, com que nos não demoraremos aqui; mas nos differentes artigos que tem relação com estes assumptos tocaremos o essencial, tanto para se conhecerem, como para se avaliarem tão desvairados delirios. (§§. 10. 54. 55. 271. 314. 445. 474. 476.).

Conjuncções. Chamão-se assim as palavras unicamente destinadas a estabelecer a relação de differentes phrases, ou tambem ás vezes as de differentes partes de huma mesma phrase entre si (§. 246.). Cada conjuncção he logo equivalente a huma phrase, que designa huma certa relação. (§§. 462. 464.).

Conjunctura. Complexo das circunstancias em hum dado momento. (§. 78,). V. *Circunstancias*.

Consciencia *das idéas, das sensações*, ou *das percepções*: Lembrança da ordem e successão de cada huma destas affecções acontecidas do nosso animo. (§. 227.).

Conservação. Continuação do mesmo estado, ou do mesmo systema de leis, durante hum tempo notavel. (§. 193.).

Contacto: Distancia tal, que de se não attender a ella não resulta erro notavel. (§. 114.).

Contemplação: Attenção a hum objecto, e a cada huma das partes que nelle nos interessão, durante hum tempo notavel. (§§. 222. 228.).

Contiguo a outro: Que está em contacto com outro.

Contingente: Diz-se de hum phenomeno, quando queremos declarar que *nos não consta* que o actual estado da causa delle seja differente do que costuma ser *razão* desse phe-

nomeno. Tambem he synonymo de *Possivel*, e de *Duvidoso*. (§. 96.). V. *Razão*.

Contradictorio *com outro*: cuja razão he differente da do outro, que havemos affirmado ser a unica existente. (§. 95.). V. *Razão*.

Contrario *a outro*: Cuja razão he differente da do outro. (§. 95.) V. *Contradictorio*.

Convicção: Certeza adquirida por demonstração. (§. 254.).

Corpo: Causa de certas sensações. (§. 44. 80.) V. *Substancia*.

Corrupção de hum systema: Mudança de estado do systema, com diminuição de attributos, qualquer que seja o estado em que fica cada hum dos seus componentes. (§. 196.).

Cortar. Dividir [com instrumento affiado.]. (§. 159.).

Cosmologia: Leis geraes do Systema do Mundo, comprehendendo as propriedades geraes das partes de que elle se compõe.

Creação. Chama-se assim ao primeiro de todos os estados de qualquer cousa. (§. 189.)

Creador. Chama-se assim ao ente que he causa do primeiro de todos os estados de qualquer cousa. (§. 190.).

Creatura de alguem: Quer dizer que todos os estados da cousa, a que se dá este nome de creatura, tem por causa ao ente de quem se diz creatura. (§. 191.).

Crescimento *de qualquer corpo*: Augmento em numero das partes similares, que o compoem. Dois são os modos, porque elle se faz: o primeiro (de *extus-suscepção*) opera-se pela simples apposição de novas moleculas a qualquer das faces externas do corpo, O segundo he por *intus-suscepção*, e opera-se pela introducção dos novos elementos por toda a massa do corpo, com o qual se combinão em todas as direcções. (§§. 200. — 202.).

Degenerar. Diz-se de hum systema, cuja actividade, ou numero de attributos diminue, qualquer que seja o estado de cada huma das suas partes componentes, considerada cada huma dellas separadamente. (196.),

Delirio: Imaginação de objectos ausentes acompanhada da persuasão de serem presentes; mas durante hum curto espaço de tempo: porque sendo por muito tempo chama-se *Loucura*. (§. 68.).

Demonstração: Enunciada huma asserção em termos taes, que ouvindo-a fiquemos sem saber se he verdadeira, se

falsa; costumamos substituir successivamente ás differentes palavras, de que ella se compõe, as suas definições, até resultar huma proposição concebida em termos identicos, cuja presença mostra a verdade, ou falsidade da asserção. A esta successiva tranformação da proposição primitiva em outra e outras, pela substituição das definições em lugar das respectivas palavras, até chegar a huma concebida em termos identicos: chama-se *Demonstração*. (§§. 254. 255. 281.).

Como ha palavras, cujo sentido (ou definição) se nos offerece logo, apenas as ouvimos; acontece que na *Demonstração* não he necessario substituir a todas as palavras as suas Definições; mas somente a aquellas, cujo sentido não he assim obvio.

Por esta mesma razão muitas vezes em vez da definição de huma expressão substituimos outra expressão sua synonyma, cuja equipolencia porém á definição commum a ambas, he mais obvia. (§§. 292. 297.).

Deos: Creador do Universo. (§. 190.).

Derivação das palavras: Faz-se por *Augmento*, *Diminuição*, *Troca*, ou *Deslocação* de letras: e tambem por *Composição de palavras*: os primeiros quatro methodos se subdividem em quatorze differentes maneiras, como se póde ver em cada hum dos respectivos artigos. (§. 432.).

Se dispozermos os Derivados de cada *Raiz* em tantas classes, quantos são os modos de derivação que elles nos apresentão; acharemos por esse simples facto classificada segundo todas as suas moficações a idéa que lhes serve de base. (§§. 430. 440.).

Donde se segue que quanto mais facilidade e regularidade tiver huma Lingnagem em formar Derivados, tanto mais perfeita (ceteris paribus) se deve reputar. (§§. 194. 446. e seg.).

Estes methodos não são arbitrarios; antes tem seu fundamento nos orgãos da falla: e por isso varião de huma maneira constante em cada huma das Nações. (§. 441.). Ha comtudo algumas anomalias que provem da raridade dos casos (§§. 442 — 444.). Mas estas não são tantas, como de ordinario pretendem os Grammaticos. (§. 445.).

Descripção: V. *Definição*. (§§. 36. 260.).

Deslocação das letras na derivação das palavras: faz-se por *Metathese*, e por *Tmese*. (§. 436.).

Destreza. Facilidade de qualquer operação, adquirida pela reiteração dos actos. (§. 225.).

Destruição: Diz-se de hum systema, para se denotar que as relações das partes, que o compunhão, são differentes das que o seu nome delle designava. (§. 90. 196. 197.)

Destutt-Tracy. Este Escriptor, cujo trabalho consiste em ter diluido n' hum grande numero de volumes as idéas de varios Philosophos, so re tudo de Condillac, comprehendidas a seu modo (e que por isso com algum direito reputa por suas) approva com huma especie de extase a censura qne os Autores da *Arte de Pensar* fazem das *Categorias de Aristoteles*, que elle ou não leu, ou as não entendeu. (§§. 320. 321.).

Diminuir: Fazer com que as partes componentes de hum systema deixem de o ser, passando humas a formar huns, e outras outros systemas differentes do primeiro. (§. 169. *generalisado*).

Deterioração. V. *Degeneração*. (§. 196.).

Dexteridade: V. *Destreza*. (§. 225.).

Dialectos: Chamão-se assim as Linguas de huma mesma familia, quando as differenças de humas a outras são extremamente pequenas. (§. 379.).

Diagnose } V. *Systema*.
Diagnostico }

Dicção: V. *Estilo*, *Figuras*.

Dicæósyna: Tratado do justo, e do injusto. Costuma-se limitar á *Ethica* e *Direito Natural*. (*Idéa geral*. V. II.).

Diérese: Troca de huma vogal por duas na derivação das palavras, Exemplo: de *Imperar*, *Imperio*. (§. 435.).

Differencial. A definição analytica, que o nosso incomparavel José Anastacio da Cunha dá desta palavra, he hum magistral exemplo de hum dos principaes preceitos da Arte de definir; a saber: Que se não devem fazer entrar na definição idéas, nem expressões de outra Sciencia, ou Profissão. (§. 667.).

Dilatibilidade: Força repulsiva das partes de hum fluido entre si. (§. 154.).

Diminuição de letras na derivação das palavras: Faz-se por *Apherese*, *Syncope*, ou *Apocope*. (§. 434.).

Diplasiasmo : Troca de huma consoante por duas, na derivação das palavras ; Exemplo : De *Achar*, *Achasse*, §. 435.).

Direcção *de hum movel* : Linha dada de posição, e de cada huma de cujas partes se diz haver sido lugar desse movel. (§§. 121. 122.).

Direito Natural : Tratado dos deveres geraes do Cidadão, e das Sociedades. (§. 25.).

Discurso : Nada he mais do que a successiva transformação de huma phrase primaria em outras equivalentes, pela substituição das definições em vez das palavras que lhes correspondem, até chegarmos finalmente a huma phrase concebida em termos identicos. (§§. 233. 254. 255.). V. *Demonstração*.

Disposição. V. *Faculdade*.

Dissolução. V. *Desunir*.

Distancia *de hum ponto* a outro : chama-se a linha que se pode tirar entre elles : mas como de ordinario se falla da menor distancia ; entenda-se a recta, tirada de hum ao outro : bem como a distancia de hum ponto, ou de hum plano a outro plano he a perpendicular tirada daquelle ponto ou daquelle plano sobre este. (§§. 108. 109.).

Dividir *dois objectos* he pô-los fora da esphera da acção hum do outro. (§. 159.).

Dobrar-se : Diz-se do corpo cujas partes de huma banda facilmente se afastão humas das outras, entretanto que os da banda opposta se approximão, sem que nem humas nem outras saião da esphera da coherencia. (§. 148.).

Ductil : Chama se o corpo, cujas partes por meio de huma pressão continua se afastão humas das outras : e cessando a pressão conserva a posição qne ella lhes fizera tomar. (§. 143.).

Duração *de hum phenomeno* chama-se ao tempo que lhe lhe corresponde. (§. 123.).

Duro : Serve esta palavra para denotar, que as partes do corpo, a que se applica, se não podem approximar mais humas das outras : e que se intentamos afasta-las, se quebra, posto que com difficuldade. (§. 145.).

Duvida : Esta palavra serve a denotar que as qualidades, que vemos do objecto, de que se trata, sim lhe são communs com os de certa classe ; porém não só com esses, mas tambem com os de alguma outra. (§§. 219. 96.).

Effeito: Dá-se este nome a toda e qualquer mudança D que huma substancia B experimenta, quando se quer dizer, que ella acontece sempre depois de outra mudança C de outra substancia A, á qual se chama *Causa*, e á sua mudança C *Razão* daquelle *Effeito* D. (§. 88. 89.).

Muitas vezes fallando nós de hum todo chamamos a qualquer dos seus estados ou mudanças *Effeitos* de todos e de cada hum dos estados, que no mesmo todo precederão. (§. 187. e seg.).

Quando hum effeito, que se nos faz notavel pela sua magnitude derivou de huma serie de acções, cada huma dellas apenas perceptivel aos nossos sentidos; costuma-se designar este caso, dizendo-se ser *hum grande effeito produzido por pequenas causas*: enunciado que espanta pela apparente contradicção que apresenta; mas que nada envolve de extraordinario, quando se reflecte, que cada huma das pequenas e quasi imperceptiveis *acções* (a que por metaphora se chama *causas*) tambem unicamente produz hum quasi insensivel *effeito*: e que he só huma grande serie de taes *acções*, que produz hum grande numero daquelles *effeitos*. (§§. 182. 183.) Daqui vem que qualquer pequena opposição, com tanto que ella seja permanente, ou se repita sempre que se repete aquella mesma pequena acção, destruindo cada hum dos pequenos effeitos dellas, he sufficiente a impedir a formação do espantoso effeito, que sem isso resultaria a final. (§§. 180. 181. 184.).

Elastico: Chama-se assim ao corpo cujas partes, depois de se deixarem facilmente approximar humas das outras, abandonadas depois a si mesmas voltão ao mesmo estado. (§§. 142. 144.).

Elegancia de estilo: Consiste em se fazerem sobre-sahir aquellas qualidades do objecto, que mais fazem ao nosso proposito: e isto servindo-nos de termos proprios, ou de metaphoras muito chegadas a elles. (§§. 310. 304.).

Elemento: Qualquer das partes componentes de hum Systema. Se se considera como simples; choma-se-lhe *primitivo*. (§. 115.) V. Simples.

Eloquencia: Dá-se este nome á facilidade de exprimir com clareza e persuasão as idéas, que se querem enunciar. (§. 67.).

Embargos: Esta palavra he hum dos exemplos do gráo de

perfeição a que a Jurisprudencia tem chegado em ponto de Systema. (§. 674.).

Ente : Nome, que humas vezes denota o mesmo que *corpo* : outras vezes o mesmo que *substancia* : segundo as circunstancias. (§. 81.).

Entender : Significa que naquelle, que ouve, tem correspondido ás palavras do que falla as mesmas idéas que esta tinha presentes. Por analogia se affirma, que hum entende o que diz : querendo-se dizer : que se elle enumerasse as idéas que lhe correspondem ás palavras, que exprime, ellas serião as mesmas que em commum tem todos os que em semelhante caso se servem daquellas mesmas palavras. (§§. 32. 33. 34. 599. 600.).

Enthusiasmo Poetico : Consiste em representar por meio de palavras os objectos com tanta vivacidade, que os corpos ausentes se nos representão como se fossem presentes : e em vez de idéas abstractas se despertão em nós as sensações individuaes, em que mais sobresahe o caracter generico, donde aquellas idéas abstractas derivão suas denominações. (§. 66.).

Enthymema : Syllogismo em que só se substitue huma definição : em vez das duas que se costumão substituir no Syllogismo completo. (§. 298.) V. *Syllogismo*.

Entidade : Nome que significando humas vezes *Substancia*, outras vezes *Corpo*, tambem ás vezes significa *Qualidades* · e he quando estas se tratão como substancia, relativamente ás suas *modificações*. As circunstancias he que mostrão em qual destes tres sentidos temos empregado aquella palavra. (§. 81.).

Entomologia : Os Escriptores desta Sciencia tem-se esmerado mais na parte systematica, do que na Nomenclatura e no Methodo. Fabricio (que se propôs seguir os vestigios de Linneo nos seus trabalhos sobre a Botanica) nestes dois ultimos respeitos ficou muito a quem daquelle grande homem. (§. 548.).

Epenthese : Modo de derivação das palavras por meio de augmento de letras no meio da radical ; Exemplo : de *Doer*, *Dorido*. (§. 433.).

Equilibrio : Palavra equivalente a phrase, com que se affirmaria existirem forças iguaes e contrarias. (§§. 105. 106.).

Equivocação : Erro que consiste em se dar a huma expres-

são o sentido que só compete a outra. [V. *Erro*.] Isto acontece por dois modos: 1.º *por Synonymia*: quando com effeito existe huma identidade entre os dois objectos, a que pertencem aquelles dois nomes; não da totalidade de suas qualidades (pois que então não haveria erro), mas sim e tão sómente de huma parte dellas. 2.º *Por homonymia*, quando os dois objectos não tem de commum senão o nome [V. *Homonymia*] (§. 562. 569. 570.).

Equivocos: Chamão-se assim duas expressões, quando ellas são synonymas ou homonymas; porque em ambos estes casos acontece concluirmos da identidade dos nomes realmente identicos a identidade de objectos realmente differentes (§§. 327. 328.). Disto offerecem abundantes exemplos as Sciencias Physicas e Moraes. Mas nellas deriva o erro de inadvertencia; pois que he sempre possivel evitar a applicação de hum nome nos casos em que seria difficil que o ouvinte conhecesse pelas circunstancias qual dos objectos, a que he commum o nome que empregamos, nós queremos designar. Porém a Mathematica assenta sobre o erro de se suppor que he *sempre* indifferente tomar-se este ou aquelle dos dois objectos significados: além de que tendo hum só e unico modo de os exprimir a ambos: a cada passo acontece cometterem-se equivocos inevitaveis. (§§. 569. 570.).

Erpetologia: Assás adiantada em ponto de *Systema*: tem-se cuidado muito pouco na sua *Nomenclatura*. Se os Naturalistas se applicarem a aperfeiçoar esta, tambem aquelle fará desde logo consideraveis progressos. (§. 548.).

Erro: Consiste em concluirmos pela identidade das qualidades, que contemplamos no objecto, a daquellas que não contemplamos: sendo assim que se as contemplassemos, achariamos serem differentes (§§. 214. 215.) Quando esta conclusão deriva da identidade dos nomes, chama-se ao Erro *Equivocação*. E porque he resultado de discurso mais ou menos composto, [V. *Discurso*] occasionou o dar-se a estes erros o epithe o de *discursivos*: deixando aos outros o de *objectivos*. (§§. 562. e seg.).

Escriptura Sagrada: Sendo o seu fim ensinar aos homens verdades de huma ordem superior: e conduzi-los por meio de seus conhecimentos sensiveis, posto que grosseiros e erroneos, ao conhecimento das doutrinas da sua santificação; a-

maneira com que alli se expoem os phenomenos da Physica, e da Historia Natural he conforme aos vulgares conhecimentos do Seculo e da Nação. Por onde se vê, que todas aquellas Sciencias se achavão entre os Hebreos tanto ou mais atrazadas, que entre as demais Nações daquelles tempos. (§. 542.).

Espaço. Chama-se assim a qualquer numero de distancias. (§. 111.) V. *Distancia.*

Especie: Gruppo de Individuos que tendo huma ou mais qualidades essenciaes communs a todos, não tem nenhumas que o sejão só a alguns delles. (§. 14.) — Chamão-se *Especies secundarias* aquellas que tendo começado por ser *Variedades* (*Veja-se esta palavra*), passarão a ser *Especies*: e para distincção denominarão-se primitivas as *Especies*, que precedêrão a aquellas *Variedades*. (§§. 722. 723.) — Deixando de parte mil absurdas doutrinas que sobre esta materia se tem expendido: e reservando para a analyse dos varios Philosophos o que cada hum tem aventurado a este mesmo respeito, faz-se nos §§. 721. e seguintes hum exame critico do que sobre isto nos deixou o grande Linneo — *Indignor ego, bonus quandoque dormitat Homerus* — Entre os prejuizos da Escola, que o Creador da Botanica não pôde sacudir, foi hum delles o de tratar seriamente, se as Especies, Generos etc. existem na Natureza, ou se são obra da Arte. Nos §§. 728. e seguintes expõe-se esta doutrina de Linneo, e depois de se mostrar a equivocação donde deriva, dá-se huma solução geral, que parece satisfatoria.

Esperteza: Chama-se assim a hum gráo pouco ordinario de promptidão, adquirida pelo habito, de analysar qualquer objecto, ou de deduzir hum certo numero de consequencias de huma serie mais ou menos consideravel de discursos. (§. 224.).

Essencia. Dá-se este nome a todo o complexo de qualidades essenciaes designadas por hum certo nome. (§§. 75. 80.).

Estado: Chama-se assim ao complexo das Qualidades de huma substancia em hum momento dado. (§. 77.).

Estame: Esta palavra, que ora significa a Anthera, ora o Filamento, e de que contra todos os principios de *Methodo* só se tem dado huma definição physiologica (em hum Systema puramente diagnostico), prova o estado de atra-

zamento da Nomenclatura Linnéana, que comtudo he a mais methodica de todos os ramos de Historia Natural. (§. 547.)

Esthetica: Theoria do Bello: que comprehende a Eloquencia, a Poesia, e as Bellas Artes. (*Idéa geral da Obra* II.)

Estilo: A natureza das expressões constitue o estilo, ou dicção. Se ellas são metaphoricas, chama-se-lhe *figurado*: se são proprias, chama-se-lhe *simples*. Se as metaphoras degenerão em Catachréses: e o discurso abunda nellas; chama-se o *Estilo extravagante*. Se as analogias das metaphoras são muito remotas, o *Estilo* he *alambicado*. Se as imagens são *hyperbolicas*: chama-se ao *Estilo inchado*. Pelo contrario chama-se-lhe *fraco*, se as imagens pouco ou nada representão das qualidades esseneiaes do objecto: *froxo languido*, *insulso*, *enervado*, e *falto de expressão*, se apenas representa as qualidades, mas não os attributos: *escuro e confuso*, se faz sobresahir as qualidades geraes do objecto á custa das que lhe são especificamente proprias: *incorrecto* e *inexacto*, se omitte grande parte destas: *falso e absurdo* se admitte as que o objecto não possue. Mas se sêm admittir nada de estranho nem de inutil, apresenta por sua ordem, sós e destacadas, as qualidades proprias do objecto o Estilo, he designado pelo epitheto de *claro*: ou de *elegante*. Já se expondo com clareza todas aquellas qualidades em geral, faz sobresahir com particularidade as que mais particularmente cumpre que se notem; o *Estilo* se se diz *energico*. Se o gráo de energia he tal que exclue toda a possibilidade de o ouvinte attender a outro nenhum objecto, que não seja o preciso ponto, a que se quer que elle se consagre, o Estilo he *valente*, *robusto*, *vehemente*: com a differença porém, que se as imagens empregadas aturdem o espirito sem o deleitarem, chama-se o *Estilo impetuoso*, *enfurecido*, *arrebatado*; pelo contrario chama-se-lhe *ameno*, e *suave* quando a alma com prazer se fixa, e se concentra no objecto que he chamada a contemplar. Se este prazer deriva de imagens uniformes entre si, e todas ellas uniformemente agradaveis, o Estilo he meramente *ameno*, e *suave*: mas se de quando em quando a alma he despertada deste doce enleio por imagens variadas, o *Estilo* recebe o epitheto de *brilhante*: assim como se lhe dá o de *sublime* se as imagens são no seu genero de tão

desmedida grandeza, que o animo enleado do ouvinte não sabe o que ha de mais admirar, se a desconhecida magnitude, em que, não sem grande surpreza se lhe apresenta o objecto: se a rapidez do vôo com que assim se vê remontado a huma esphera, além da qual lhe parece impossivel o subir. Mas se o Escriptor receoso de dizer pouco, se esmera dizer em tudo; o seu *Estilo* torna-se *cançado*, *pezado*, e *prolixo*: se se nota além disso nimio e penoso cuidado em tudo expender com escrupulosa ordem, methodo, e exactidão; o Estilo he, além de cançado, *pedantesco*, e *affectado*. Tambem he, e particularmente se lhe chama *affectado*, quando na escolha das imagens se escolhem as que no primeiro momento o Escriptor julga que farão mais impressão, posto que as suas analogias com o objecto não sejão justamente aquellas que cumpre fazer sobresahir, no caso de que se trata. (§§. 339. 340. 341. 387. 388. 389. 390. 391. 392. 470.).

Esrro. V. *Enthusiasmo.* (§. *66.*).

Estudo: Chama-se assim á attenção que voluntariamente se presta a analysar hum objecto, todo o tempo que he preciso para bem e facilmente o reconhecermos: e mesmo, se he possivel, nos retraçarmos a sua imagem durante a sua ausencia. (§§. 223. 228.).

Etiologia: Quer dizer: Exposição das razões, causas, e effeitos de huma determinada ordem de cousas. Para bem organisar esta importantissima parte de qualquer Sciencia, cumpre reflectir que a sua Etiologia consiste em se disporem em hum bem ordenado *Systema* as *Qualidades*, que fazem objecto dessa mesma Sciencia. (§§. 655. 657.).

Eternidade: Duração infinita, tanto pelo passado, como pelo futuro. (§. 126.) V. *Infinito.*

Euphemismo: Cousiste em se substituir á expressão propria, qne offenderia a decencia, o respeito, ou o melindre, outra que não tenha nenhum destes inconvenientes, e que pelas circunstancias faz entender o que se quer. Pratica-se por *Metonymia*, ou *Metalepse*, ou *Antiphrase*. (§§. 411. 422. 423.).

Ethica: Tratado das virtudes, e dos vicios independentemente das considerações sociaes (§. *26.*) V. *Direito Natural.* Nos §§. 634. e *635.* se procurou estabelecer no ponto de vista o mais luminoso, que foi possivel o alto gráo de perfeição a que esta Sciencia se acha elevada.

Evidente : Este epitheto se applica ás proposições concebidas em termos identicos : Por exemplo = O *animal* que vi he *animal* = Esta mesma proposição cessaria de ser *evidente*, posto que ficaria igualmente certa, se em vez de = *animal que vi* = puzessemos = *homem* = dizendo = O homem he animal = (§. 254.).
Exclamações : Chamão-se assim aquellas interjecções que não suppõem resposta. (§. 249.) V. *Interjecção*.
Executar : Serve a significar que a causa de que se trata produzio tal ou tal effeito conforme a hum plano, que se tinha concebido. (§. 87.).
Exercicio : Frequente reiteração de certo acto. (§. 225.).
Existir : Dizermos que alguma cousa *existe* val o mesmo que dizer : que estando nós nas circunstancias, que ou se declarão, ou se subentendem, sentimos as qualidades que o seu nome designa. (§. 82.).
Expansibilidade : Significa a força de repulsão, que exercitão as partes dos fluidos humas sobre as outras, quando excede a força de gravidade (dentro de certos limites) (§. 154.).
Experiencia : Serie de actos, pelos quaes cada vez reconhecemos com maior promptidão os objectos. Por metaphora dá-se o nome de experiencia a esta promptidão assim adquirida. (§. 225.).
Extensivel : Quer dizer do corpo a que se applica, que as partes que o compoem se deixão facilmente afastar humas das outras : sobre tudo ao comprido. (§. 147.).
Extus suscepção. V. *Crescimento*. (§. 201.).
Fabricar : Diz-se da substancia que produzio hum effeito grande e permanente conforme a hum plano, e de ordinario com apparato de machinas. (§. 87.).
Factos : Denominão-se assim todas e quaesquer observações de per si. Este he o primeiro dos cinco elementos de qualquer Sciencia. (§. 11.).
Faculdade : Serve a exprimir que nos casos, que ou se expressão, ou se subentendem, a substancia, de quem se diz ter tal ou tal *faculdade*, produzio como causa, ou experimentou como paciente o effeito de que se trata. (§. 91.) Se he como causa, tambem se chama *Força* á Faculdade : e chama-se-lhe *Disposição* ou *Susceptibilidade*, se he como paciente.

Familia. Gruppo de muitas especies, generos, ou secções, que tem huma ou mais qualidades communs. (§. 14.).

Fazer: Ser causa. (§. 87.).

Fichte: A doutrina deste Philosopho, Chefe de huma das muitas Seitas da Escola de Kant, tem de commum com a de este seu Mestre o dar nomes novos a cousas antigas: e aos nomes antigos novas accepções. Tem de particular, que não podendo derivar a idéa do *Eu* das idéas de *Tempo*, e de *Espaço*, como pretendia Kant, assentou por base, ou *Fórma transcendental* de tudo a idéa do *Eu*. (§. 253.).

Figuras *do Discurso*: Distinguem se, por convenção entre os Rhetoricos, em *Figuras de conceito*, e *Figuras de Dicção*. As primeiras são mais geralmente denominadas *Tropos* [*Veja se esta palavra*] As outras chamão-se assim por serem maneiras menos ordinarias de fallar, com intento de variar a dicção sem alterar o pensamento. (§. 425.).

Fixo. Este epitheto serve só a denotar, que o corpo a que elle se applica foi escolhido para se considerarem as variações das distancias de todos os outros a elle. (§. 119.). V. *Estilo*.

Flexivel: Facil de se dobrar, e em mais de hum sentido. (§. 140.). V. *Dobrar-se*.

Fluido: Dá-se este nome a aquelle corpo, cujas partes, sem perderem o contacto, se repellem dentro de certos limites particulares a cada hum. (§. 153.) — Subdivide-se em *Liquidos*, *Vapores* e *Gazes*. A estes ultimos tambem se chama *Fluidos aeriformes*. — Como dos *Liquidos* negarão muitos Physicos que fossem elasticos; quando se encontrar a expressão de *Fluidos elasticos*, deve-se entender dos *Vapores*, e ainda mais particularmente dos *Gazes*. (§. 155.).

Força: Faculdade, fallando-se da Causa. (§§. 87. 89.) V. *Faculdade*.

Fragil: Este epitheto denota a observação de que o corpo a que elle se applica he tal, que as suas moleculas não admittem approximarem-se mais humas das outras, sendo facil o faze-las sahir dos limites da reciproca cohesão. (§. 145.).

Fructificação, Sendo a parte, que de accordo de todos os Botanicos poderia fornecer melhores caracteres para hum *Systema Natural* das Plantas, he justamente aquella, cuja *Nomenclatura* se acha mais atrazada. (§. 547.).

Gazes: Fluidos expansiveis e invisiveis, a não ser em grandes massas. (§. 152.).

Generalisar huma idéa: He affirmar, que ella se encontra em varios individuos. (§. 52.).

Genero: Gruppo de varias especies, que tem huma ou mais qualidades essenciaes communs. (§. 14.) Veja-se nos §§. 721. e seguintes a analyse critica da doutrina do grande Linneo a este respeito: E nos §§. 728. e seguintes o que se deve pensar da questão tão futil quanto acerrimamente ventilada entre os Escolasticos, da existencia, ou não existencia dos Generos na Natureza.

Geometria: Qualquer que seja a proposição da Geometria, que se queira demonstrar, he forçoso recorrer a hum dos dois seguintes principios, ou a ambos elles; a saber *Superposição*, e *Supposição*. Pela primeira pomos, imaginamos ou suppomos (o que para o caso val o mesmo) postas humas sobre outras as linhas, ou superficies, cuja igualdade ou desigualdade cumpre conhecer. Pela segunda suppomos, que taes e taes expressões, tem tal ou sentido: e chamando a estas supposições *Hypotheses*, *Definições*, ou *Axiomas* segundo os differentes casos [*Vejão se estas palavras*] dellas deduzimos nossos raciocinios até chegarmos a final demonstração (§. 369.). Destas supposições acontecem serem humas incompativeis com as outras: donde resultou que no desenvolvimento dos raciocinios se chegou a conclusoes, que depois a experiencia demonstrou falsas.

Este vicio radical de huma Sciencia assentar sobre *Supposições contradictorias* he particular ás *Mathematicas*. (§§. 257. 258. 259. 557. e seguintes).

Gosto: Esta palavra denota a promptidão em sentir prazer na presença do *Bello*. (Idéa geral da Obra II.) O Tratado do Bello deve fazer objecto de huma ou mais Prelecções ulteriores.

Gravidade: Dá-se este nome a Attracção das grandes massas que compoem o Mundo, humas para as outras: e de cada huma dellas para os corpos, que della fazem parte. Tambem se lhe chama *Gravitação*, ou *Força de gravitação Universal*. (§§. 137. 138.) — A expressão de *Gravidade especifica* he impropria; e por isso preferivel a sua equivalente de *Pezo especifico*. (§. 139.)

Gravitação: V. *Gravidade*.

Guerra (Arte da) He definida pelos melhores Escriptores da Profissão: *A Arte de destruir as forças do Inimigo.*
Seria melhor te-la definido: A Arte de paralysar as forças do *Inimigo.* Por quanto para destruir nem sempre he preciso *Tactica.* Numero e rapidez são os elementos da *Arte de destruir.* Tactica são os da Arte de paralysar. (§. 668.).

Habilidade: Significa ter-se notado na pessoa a quem se applica, grande promptidão em perceber e executar quaesquer concepções, ou ao menos aquellas de que se trata. (§§. 224. 226.).

Habito: Denota tanto as *Faculdades*, como as *Disposições* adquiridas pela frequencia dos estados de que se trata (§§. 220. 225.) — Os Naturalistas chamão *Habito Externo* ao complexo de certas qualidades [*pela maior parte não definidas*] que dão nos olhos apenas se encara o objecto. — Neste assim mesmo mal determinado, he que se se fundão os melhores ensaios, que possuimos de *Systemas Naturaes Diagnosticos* quaes os que nos deixou o grande Linneo: trabalho precioso que os Botanicos mal tem appreciado até agora; mas de que a Posteridade tirará grande partido — Adanson na sua *Historia das Conchas do Senegal* mostrou já assás em grande o como se poderião aproveitar aquelles trabalhos do Creador da Botanica: e a seu exemplo formalisar mais bem ordenados systemas para os demais ramos dos humanos conhecimentos. (§§. 684. — 689. 713. 718. 720.).

Harmonia do Universo: Consiste no seguinte constante resultado das duas forças de attracção e repulsão, de que as suas partes são dotadas; a saber: *Formação*, *Perfeição*, *Regeneração* de cada huma das *Partes* do mesmo *Universo*: e *Conservação* do *Todo.* Cada hum dos Phenomenos que acontecem no Universo, por mais pequeno e insignificante que pareça, he razão de outro e outros, que successivamente se lhe seguem na vasta extensão da Natureza. Estes effeitos de huma certa razão de hum certo e determinado phenomeno, são certos e constantes. Em razão pois e neste sentido dizia o grande Leibnitz: *Que tudo estava ligado no Universo — Que o presente estava prenhe do futuro — Que qualquer corpo, qualquer dos monades, de que o Universo se compõe era representativo do mesmo Universo*: por maneira, que se nos fosse

dado o contemplarmo-lo nella como em hum espelho, leriamos a historia do presente, do passado, e do futuro estado de toda a Natureza: não de outra maneira, que o experto mareante muitas vezes pela inspecção da superficie do mar, em apparencia tranquilla para olhos menos exercitados, prediz muitas horas antes a futura tempestade. (§§. 177. — 192.).

Hauy (R. J.) Este insigne Naturalista levou a hum grande ponto de perfeição a Crystallographia: e concebendo que pelas dadas desta Sciencia se podião arranjar em huma ordem rigorosamente systematica todas as substancias do Reino Mineral; ordenou com effeito hum admiravel *Systema de Mineraes* fundado nas differenças da crystallisação. Mas este *Systema* não he *diagnostico*; e por isso tudo quanto se tem escripto com o fim de o comparar ao do grande Werner, he fóra de proposito; pois que este he que he *diagnostico*, entretanto que aquelle he puramente *exegetico* [V. Systema]. Hauy não mostra ter sentido á necessidade de insistir nos vestigios de Lineo. [V. Crystallisação (§. 549.)

Herder: Finissimo juizo que este Philosopho fazia das Presias de Wieland. (§. 346.) .

Heterogeneo: He expressão de comparação, que se applica a huma cousa para se dizer que as suas qualidades essenciaes são differentes das de outra, que se menciona, ou ou se subentende. (§. 163.) .

Historia: Tres são os methodos que se podem adoptar para escrever a Historia, quer seja a dos Homens, ou as de qualquer objecto da Historia Natural. Primeiro, passando os factos em resenha destacadamente, e sem classificar os objectos — Segundo, fazendo huma descripção methodica em que depois de summariamente ter mostrado a Classe, Ordem e Genero, a que pertence o que faz objecto da Historia, nos applicamos a expor circunstanciadamente as qualidades que o distinguem de todos os outros objectos, que com elle são comprehendidos no mesmo Genero: isto he: mostramos summariamente as qualidades de Classe, Ordem e Genero a que pertence, e descrevemos circunstanciadamente as suas qualidades especificas. — O terceiro methodo em fim consiste em prescindir absolutamente da descripção das qualidades de Classe, Ordem, e Genero limi-

tando-nos unicamente aos factos ou qualidades, que caracterizão a Especie. (§§. 636 — 640.).

Historia Natural: Depois de tantos esforços combinados, e mesmo de trabalhos assás bem dirigidos de Genios da primeira ordem, he digno de observar-se o estado de atrazamento da Historia Natural, tanto no que respeita a *Nomenclatura*, como a *Systema*: e, o que he ainda mais de admirar, quanto ao *Methodo*. Vejão-se a este respeito os §§. 349 — 352. 372. 373. 451. 452. 486. 492. 497 — 529 — 531. 541 — 551. 578. 612 — 627. 659. 707. 708. 712 — 732.

Homonymos: V. *Equivocação*, *Equivocos*, *Charada*, *Metaphora*. *Erro*.

Hyperbole: Dá-se todas as vezes, que em vez da expressão propria empregamos huma sua synonyma, porém tal, que a qualidade de que se trata he representada em ponto maior do que o seria se empregassemos a que he propria. (§§. 398. 469.).

Hypotheses: Chamão-se assim a todas aquellas asserções, que não he possivel demonstrar serem verdadeiras nem falsas [V. *Demonstração*]. — A' medida que a probabilidade de serem verdadeiras se lhes dão os epithetos de *arresoadas*, *provaveis*, e outros a ellas synonymos — E quando este gráo de probabilidade se approxima da certeza; chamão-se taes Hypotheses *Axiomas*. Note-se porém que assim como nem todas as *Hypotheses* são *Axiomas*: assim tambem nem todos os *Axiomas* são *Hypotheses*. O contrario seria hum absurdo Scepticismo. (§§. 217. 220. 253. 256. — 259. 267.).

Idéa: Se dizemos de alguem que *teve a sensação* de hum certo objecto, tambem dizemos que *teve idéa delle*. Mas esta sensação he quasi sempre composta de muitas sensações entre si differentes humas das outras. Se estando ausente o objecto experimentamos alguma destas componentes, ou todas juntas chamamos-lhes *Idéas*: e não *Sensações*. Por tanto a differença das hypotheses de estar o objecto presente ou ausente he que determina o chamarmos-lhes *sensações ou idéas* (§§. 39. 40. 69.) V. *Ausente* — Cada huma das idéas parciaes, que assim separadamente contemplamos, chamão-se *abstractas*. (§. 47.) e se são communs a varios individuos; chamamos-lhes *geraes*. (§. 51. 52.) — Se pertencendo a hum individuo presente nos trazem á lembran-

ça idéas de individuos ausentes, diz-se que estas são *associadas* com aquellas (§. 54.) — Quando, separadas daquellas a que se achavão unidas na occasião em que as sentimos, se nos offerecem unidas a outras igualmente abstrahidas de outros individuos; chamão-se a taes complexos *Idéas compostas* (§. 53.) — Se a pezar dos objectos estarem ausentes, as idéas se nos offerecem na mesma ordem em que houvemos estando elles presentes; chamão-se *claras*: se em differente ordem; chamão *obscuras* — Se recordando-nos das idéas pertencentes a varios objectos reconhecemos quaes são as que pertencem a huns: e quaes a outros; chamamos-lhes *idéas distinctas*: se o não reconhecemos, chamamos-lhes *confusas* — Se querendo-nos recordar de todas as que pertencem a hum objecto, só nos lembramos de parte; chamamos-lhe *idéa imperfeita*, *incompleta*, ou *inadequada*: e no caso opposto, *perfeita*, *completa*, e *adequada*. (§§. 210. e segnintes.).

Impossivel: Chamar a hum phenomeno impossivel he o mesmo que dizer = Que o estado da respectiva causa he differente da *razão*, sem a qual semelhante phenomeno jamais acontece = E quando a differença entre o estado da causa, e a conhecida *razão* do phenomeno não he sensivel para nós: e comtudo chamamos ao phenomeno impossivel; queremos dizer = Que a *disposição* do paciente he diversa da que unicamente tem lugar quando elle acontece. Com tudo estes dois sentidos entre si differentes em apparencia são identicos na realidade; porque em razão da harmonia do Universo a differença de estado de huma das suas partes suppõe sempre correspondentes differenças no estado respectivo de todas e de cada huma das outras partes: e por tanto se alcançamos acontecer que o estado do paciente he diverso da *disposição* para o phenomeno de que se trata; tambem o estado do agente he de ser diverso do que constitue a peculiar razão do mesmo phenomeno: ainda que nos não possamos apontar, nem mesmo conhecer a differença. (§. 95.) V. *Harmonia do Universo.*

Incerto: Este epitheto serve só a denotar a nossa ignorancia relativamente á razão do phenomeno a que ella se applica: pois que unicamente designa que não vemos se o *estado* da causa, ou o do paciente são ou não diversos

da *razão* e *disposição* que correspondem ao mesmo phenomeno. (§. *96.*) V. *Impossivel.*

Indagação : Dá-se este nome á reiterada contemplação de qualquer objecto : principalmente quando se emprega o methodo analytico. (§. 223.).

Inducção : Chama-se assim aquelle acto da Analyse em que pela observação, e comparação de hum certo numero de casos particulares chegamos a deduzir conseqnencias geraes. (§§. 301. e 302.).

Inercia : Dizermos de hum systema ser dotado da *força da inercia* ou *sómente* de *inercia*, he, em menos palavras, dizermos que se a elle não accrescerem novos agentes, continuará a apresentar os mesmos phenomenos. (§. 104.).

Inevitavel : Applica-se este epitheto a todo o acontecimento, que se desejaria não ver verificado, quando se quer dizer, que a sua respectiva *razão* já existe (§. *93.*) V. *Causa* : *Razão.*

Infallivel : O mesmo que inevitavel ; mas sem idéa de envolver necessariamente malignidade. (§. *93.*).

Infinitissimo : Serve para dizermos resumidamente, que o objecto a que este epitheto se applica póde ser supposto menor que qualquer outro, sem que as suas qualidades se alterem. Tambem se lhe chama *infinitamente pequeno.* (§. 129.).

Infinito, ou *infinitamente grande* : São epithetos equivalentes á asserção de que a quantidade de que se trata póde sempre ser supposta maior que qualquer outra, sem que deixe de ser verdade, ou mesmo para o ser, isso que a seu respeito affirmamos. (§. 128.).

Inflexivel : Quer dizer que o objecto de que se trata, por ser duro ou rijo, se não pode dobrar (§. 149.) V. *Dobrar.*

Innato : Este epitheto designa, que não podemos affirmar, que o primeiro momento em que a qualidade, a que elle se applica, começou a competir ao objecto de que se trata, seja differente do primeiro momento da existencia do mesmo objecto. (§. *226.*).

Inorganico : Destituido de orgãos (§§. 170., 202. 204.) V. *orgãos.*

Instante : Porção de tempo, cuja grandeza he tal, que de se não attender a ella não resulta erro notavel. (§. 124.). V. *Tempo.*

Instincto: Habilidade innata (§. 226.). *Vejão-se estas duas palavras.*

Interjecções: Chamão-se assim expressões, que não significando nada, ou além da sua significação, denotão, só pelo tom em que se pronuncião, o sentimento de quem dellas se serve. (§§. 248. 465. 466. 467.). Dividem-se em *Interrogações*, e em *Exclamações* [V. *estas palavras*] (§. 249.). He esta huma das partes em que a Orthographia de todas as Nações se acha prodigiosamente atrazada; por quanto sendo muito consideravel o numero de sentimentos diversos, que se exprimem pela simples variação das inflexões da voz, faltão na Escrita notações correspondentes a ellas.

Interrogação: Interjecção que parece suppór huma resposta. (§. 249.). V. *Interjecção.* Digo que *parece*; porque nem sempre a suppõe: isso depende da natureza da Interrogação, pois que as ha de differentes especies: das quaes humas se distinguem simplesmente pelo contexto do discurso; outras pela simples inflexão da voz: outras por ambos estes meios. Nas seguintes Prelecções virá a proposito circunstanciar esta curiosissima parte de Grammatica das Linguas.

Intus-suscepção: Modo de crescimento, que consiste na combinação dos novos elementos com a massa dos antigos, penetrando por toda ella, e unindo-se-lhes posto que debaixo de certas leis, em todas as direcções. (§. 201.).

Ironía: Especie de Antiphrase, que consiste em dar a hum objecto, que queremos abater, o nome de outro que lhe seja o mais opposto, que possivel for, naquellas mesmas qualidades, por onde elle se faz digno de censura. Humas vezes o contexto do discurso: outras vezes o tom da voz, com que se exprimem, fazem sobresahir o contraste, e dão a conhecer aos ouvintes o sentido em que se falla. (§§. 422. 424.).

Jeroglyphicos: Quasi Coeva com a *Linguagem dos Gestos*, e com *a das Palavras*, he hum facto provado pela Historia, que a *Linguagem dos Jeroglyphicos* precedeu de muitos seculos em todas as Nações Primitivas á *Linguagem da Escripta.* Em todas ellas começou por hum tosco desenho dos proprios objectos: a pouco e pouco foi desapparecendo esta mesma remota semelhança: até que finalmen-

te só por convenção tradicional, he que certos riscos ficarão representando certas idéas. Isto o que basta por ora não se havendo propriamente tratado deste objecto nas Prelecções a que este Indice se refere. Ma respondendo a huma objecção, que se me fez contra a minha asserção de que não podia haver Discurso sem Linguagem (§. 315. e seg. ao que se me allegou com o caso dos mudos e surdos de nascimento [Correio Brasiliense Tom. XVII. N.º 99. p. 188.] observarei que nelles he a Linguagem dos Jeroglyphicos (na qual se comprehende tambem a dos Gestos) a que figura em seus Discursos: que por isso são circunscriptos dentro de acanhados limites, porque tambem aquella Linguagem he inevitavelmente morosa, e complicada [V. *Linguagem*]. Não quero com isto dizer, que os mudos se correspondão por meio de Jeroglyphicos, como os Egypcios: o que quero dizer he que assim como quando nós discorremos são idéas de *Palavras* as que se succedem no nosso animo: assim no delles são imagens succintas, como as dos Jeroglyficos, que bem como as Palavras representão idéas mais complexas.

Jogo de palavras: Consiste todo em hum encadeamento de Metaphoras, principalmente das homonymas. He o grande instrumento do Charlatanismo; porque a cada hum dos Adeptos he facil demonstrar o absurdo das interpretações, que os seus Collegas dão ás symbolicas doutrinas do grande Mestre: assim como lhe he facillimo achar hum novo sentido, que por ser fructo do seu proprio talento não pode deixar de ser idolo dos seus cultos, cujas primicias competem, como de razão, ao sublime Descubridor de tão transcendentes verdades, que só a este feliz entre tantos mil Discipulos coube em sorte o entender. V. *Homonymos. Charlatães.*

José Anastacio da Cunha. V. *Cunha.*

Juizo: V. *Comparar.* (§§. 214. 215.) V. *Erro.*

Julgar: V. *Comparar.*

Jurisprudencia: Homens superficiaes, e até pela maior parte inteiramente hospedes nesta Sciencia se tem abalançado a tratalla de vaga, arbitraria, e confusa. Nos §§. 634. 635. 641. e seguintes, e 673. e seguintes se mostra quanto estas asserções são contrarias á verdade: e como a pezar daquella Sciencia estar muito atrazada a respeito da Nomenclatura

e de Methodo, se acha muito mais adiantada do que as Sciencias Physicas e Mathematicas, tanto em abundancia de Linguagem, como em analytica distincção dos numerosissimos objectos da Sciencia.

Kant: Dar a antigas palavras novas e arbitrarias accepções: e revestir de nomes novos idéas triviaes: humas verdadeiras, outras falsas; são, se bem se examinar, os dois pontos cardiaes da Escola Kanciana. (§. 353.).

Lei: Qualquer dos phenomenos de hum Systema considerado como effeito da totalidade dos que no mesmo Systema lhe precedêrão, se chama *Lei* desse Systema. (§. 103.). Por conseguinte chamão-se *Leis da Natureza* aos phenomenos que resultão como effeitos da natureza deste Systema do Universo. (§. 186.) V. *Systema*, *Natureza*, *Universo*.

Lembrar-se: Em geral he ter a idéa dos objectos ausentes: mas como tambem *imaginar* seja isso mesmo; tem-se convindo em especialisar esta ultima expressão para os casos em que as idéas do objecto se nos representão tão vivas, como quando elle foi presente; bastando que nos occorra o nome da Classe, Ordem, Genero, ou Especie a que elle pertence para dizermos que *nos lembramos*. (§§. 57. 64.). V. *Recordar-se*, *Reminiscencia*.

Letras: Dois são os modos porque tem aconteeido a sua decadencia entre as Nações cultas. O primeiro pela irrupção de Nações barbaras que suffocão todos os germes de instrucção, cujo valor lhes he desconhecido: e o segundo pelas Guerras de opinião, que acabando de ordinario pela inanição de todos os partidos, pouco deixão subsistir, tanto de homens como de meios para o restabelecimento da publica instrucção: e esse mesmo pouco o vulgo de todas as Classes deixa acabar de perecer; tendo em horror tudo o que he Sciencia: como se a Sciencia e os Sabios he que fossem a causa das guerras movidas pelo Erro contra a Verdade. (§. 575.).

Ligação *das ideas* V. *Idéas associadas* (§. 59. 60. 61.).

Diz-se haver *Ligação*, *Nexo*, ou *Relação* entre dois objectos, querendo-se significar que hum delles he *Agente*, e o outro *Paciente* entre si, hum *Razão*, e o outro *Effeito*: ou ambos *Co-agentes*, ou em fim ambos *Co-pacientes* de algum *Effeito*, que ou se exprime, ou se subentende. (§. 90.).

He neste mesmo sentido, que se diz existir huma rigorosa e estreita *Ligação*, *Vinculo*, *Nexo*, *Relação*, e *Harmonia* entre todas as partes, de que o Universo se compõe. (§. 105.).

Linguagem: Propriamente entende-se por este nome o complexo de todos os sons dos orgãos da falla tendentes a exprimirem os nossos sentimentos. Desta primeira significação foi facil o passar-se a designar pelo mesmo nome a representação daquelles sons mediante a *Escripta*. Mas como ou pronunciados ou escriptos aquelles sons, entretanto se chamão *Linguagem* em quanto representão as nossas idéas e conceitos, de maneira que pela sua simples enunciação fazemos nascer em nós, e nos outros as mesmas idéas que a presença do objecto, ou a sua descripção poderia suscitar; generalisou-se o nome da Linguagem para tudo o que tem isto mesmo de commum com as *Palavras*: taes como os *Gestos*, e os *Jeroglyphicos*. (§. 316.).

A *Linguagem dos Gestos* [que além da Mimica comprehende a Esculptura, o Desenho, e a Pintura] he sem duvida a mais prompta e energica: porem como pela organisação dos nossos membros o numero de attitudes differentes he muito inferior ao dos sinaes de que temos precisão; a *Linguagem dos Jeroglyphicos* [que começa sempre por ser hum Desenho muito imperfeito, e por tanto muito livre, dos objectos] posto que mais prompta, tanto para a comprehensão, como para a expressão he a que encontramos em todas as Nações primitivas, antes da invenção da Escripta.

Com tudo a pezar do pouco rigor com que se exigia a semelhança do Jeroglyphico com o objecto representado; por mais que usando-se e abusando-se d'esta liberdade se variárão os signaes, ficou sempre a Linguagem jeroglyphica muito a quem das precisões das Sciencias ainda as mais atrazadas e circunscriptas.

Mais abundante em recursos se apresentou a *Linguagem da Escripta*, que sem ter semelhança com os objectos, e nem ainda com os sons que se propôz representar, tem a respeito destes mesmos algumas vantagens, sobre tudo de simplicidade, posto que por outra parte se não tenha atégora encontrado nenhuma *Linguagem escripta*, que iguale em comprehensão, nem em expressão, a

correspondente *Linguagem fallada* : sem exceptuar a das Mathematicas. (V. *Algebra*, *Geometria*, *Mathematicas.*).

Como sem Linguagem não ha Discurso (V. *Discurso*, *Discorrer*, *Demonstração*) segue-se que qualquer Nação, bem como qualquer Sciencia, se achará tanto mais adiantada, quanto mais perfeita for a sua *Linguagem.*

Não tendo feito mais do que indicar muito de longe nestas primeiras Prelecções algumas poucas idéas sobre a Theorica da Linguagem, seria incompetente o tratar no presente artigo deste Indice com maior individuação esta tão vasta, quanto importante, e até, o que mais digno he de admiração, tão nova materia, a pezar do muito que sobre ella se tem escripto. Reservando pois para lugar mais proprio a deducção deste assumpto, contentarme-hei por agora com observar que no exame critico da Linguagem Mathematica nos §§. 254. e seguintes, 662. e seguintes, ficão demonstradas varias infracções, ás principaes regras de toda a boa Linguagem: assim como pela consideração da observancia destes e de outros principios se fez ver nos §§. 451. e seguintes., e 539. e seguintes a superioridade das Linguas vulgares sobre a das Sciencias Physicas, e nos §§. 654. e seguintes o quanto são mais perfeitas (menos na simplicidade) do que a das mesmas Sciencias Mathematicas.

Nos §§. 445. achar-se-hão algumas idéas sobre a riqueza das Linguas. Além disso nos §§. 235 — 240., 318. 332., e 426 — 470. se estabelecerão varios rudimentos de Grammatica Geral — Nos §§. 206. 356 — 362., e 374. 391. se expende a doutrina dos *Synonymos*: E em fim nos §§. 332 — 346., e 392—425. se desenvolve a theorica dos Tropos, ou principios de Rhetorica, sobre o seu uso: e sobre as variedades de estilos, que da boa ou má escolha delles costuma resultar.

Linha: Este nome he hum dos melhores exemplos, que se podem dar, tanto de *idéas abstractas*, como do modo porque se executão em nós as *abstracções*. (§. 48.).

Linha recta: Esta expressão, que se define no §. 10[illegible]., assim como offerece occasião para se fazerem nos §§. 269. e 270. algumas uteis reflexoes sobre o estranho uso de se admittirem em Mathematica differentes definições de huma mesma expressão ao mesmo tempo, disfarçando-as com o especioso nome de *Axiomas*: assim tambem dá occasião pa-

ra se reflectir no §. 367. sobre os principios que nos devem dirigir na escolha entre differentes definições, que com igual exactidão se poderião dar de qualquer expressão. Mas não he talvez menos importante o gráo de clareza em que nos §§. 460. 461. nos apresenta o que seja *relação*: e nos põe no caso de evitarmos os desvios, em que tantos Mathematicos e Philosophos tem cahido, por não haverem sabido distinguir as expressões, que unicamente significão *relações*, das que significão *substancias* ou *qualidades*.

Linneo: Este grande homem he com razão considerado como o Creador da Botanica. Não que antes de elle não fossem conhecidos pela maior e maxima parte os *Factos* da Sciencia por elle expendidos: não que estes Factos se achassem isolados, nem se houvesse até então tentado reuni-los em *Systema*: não que faltasse emfim huma extensissima *Nomenclatura*: a todos estes respeitos achou Linneo grandemente adiantada a Sciencia. O que elle teve de crear quasi inteiramente foi o *Methodo* da Sciencia (§§. 10. e *seguintes*), sobre o qual apenas existião algumas boas idéas desligadas nos Escriptos dos que na mesma carreira o havião precedido. Esta tarefa desempenhou elle com tanto primor, que não só deo á Botanica o inteiro caracter de Sciencia; mas abrio com o exemplo, e pelos grandes principios geraes que para isso estabeleceu, o verdadeiro caminho para todos os outros ramos das Sciencias Naturaes, que se alguns passos tem dado para a sua perfeição, he somente em quanto se tem escrupulosamente encostado ao typo, que pelo dedo genial daquelle grande Mestre lhes fora sinalado.

Com tudo são ainda muitos e muito essenciaes os defeitos, que deslustrão seus trabalhos immortaes. (§§. 669. 670.). As idéas que mostra ter tido de Classe, Ordem, Genero, Especie, e Variedade são por extremo vagas e equivocas. (§§. 677. 721. *e seguintes*). Da theoria dos Systemas em geral vê-se que não tinha formado hum conceito fixo e assente sobre principios de huma verdadeira analyse philosophica (§§. 717—720.) Mas o que a este mesmo respeito constitue o seu erro capital foi o elle não distinguir os *Systemas diagnosticos* dos *Systemas exegeticos*: de modo que querendo humas vezes satisfazer a ambos ao mesmo tempo: outras vezes applicando a hum

o que só podia ter lugar no outro, se vê a cada passo envolvido em confusões e inconsequencias (§§. 480. *e seguintes*, 677. *e seg.* 703. *e seg.* 707. *e seg.*). Não tendo conduzido a analyse até ao ponto de distinguir o que era proprio de cada huma destas duas especies de Systemas, ignorou a maior parte das vantagens de cada hum delles: bem como não entrou no conhecimento dos defeitos, que lhes são essencialmente inherentes (§§. 679 — 686.) e por conseguinte não acertou com os verdadeiros meios de os corrigir ou evitar; posto que por varias tentativas excentricas ao plano que adoptara em geral, se vê claramente, que elle entrevio confusamente os defeitos em que os seus principios laboravão. (§§. 716. *e seguintes*). V. *Botanica*: *Sciencias Naturaes*: *Systema*.

Liquido: Quer dizer que o corpo a que se refere he tal, que as suas partes componentes, de pequenhez indeterminada, sem perderem o contacto, se repellem com força não superior á da Gravidade. (§. 151.).

Litóte: Synécdoque em que designamos o objecto, não pelo seu nome proprio, mas pelo generico, não sómente com o fim de fazermos sobresahir essas qualidades essenciaes genericas, mas tambem de offuscarmos as individuaes e especificas. (§§. 393. 398. 469.).

Logica: Tem-se dado este nome á Sciencia, que comprehende as nossas observações sobre as operações do espirito a que se chama *pensar*, *discorrer*, *raciozinar*. (§. 30.).

Logogryphos: Homonymias, em que se attribue aos objectos o que só compete aos seus nomes escriptos, ou pronunciados. (§. 330.).

Loucura: Estado permanente de se imaginarem objectos ausentes com a persuasão de que estão presentes. (§. 68.).

Lugar: Chama-se assim a qualquer ponto da Distancia entre dois objectos. (§. 110.). V. *Distancia*.

Malleavel: Que se estende á força de golpes successivos. (§. 143.).

Maneira: Este nome serve a designar o complexo de todas as mudanças que nos importa notar entre as que precedêrão a aquelle phenomeno, e sendo, pela sua ordem, razão humas das outras vem a ser a razão total do phenomeno, de que se trata. (§§. 87. 89. 90.).

Marés tanto dos mares e golfos, como da atmosféra cita-

das por exemplo da ligação geral de todas as partes do Universo entre si. (§§. 178. *e seguintes.*).

Margiochi (Francisco Simões) Citado como exemplo de sagacidade em augmentar a Linguagem Mathematica sem recorrer a idéas e Linguagens a ella estranhas. (§. *665.*).

Massa: Dá se este nome a toda e qualquer collecção de mónades reunidas em systema. (§. 116.).

Materia: Chama-se assim a qualquer collecção de mónades, ou se considerem reunidas, ou separadas. (§. 117.).

Material: Que em todas ou em algumas circunstancias póde offerecer qualidades de *Materia* [V. *esta palavra*] (§. 117.).

Mathematicas: Todas as vezes que sahindo da esphera dos phenomenos que nos offerecem os corpos de Natureza: e simplificando por meio de abstracções os objectos e as expressões, nos remontamos á vasta região das Hypotheses; chamamos ao complexo das doutrinas, a que assim damos existencia, a *Mathematica da Sciencia de que se trata.* A' Mathematica das Grandezas em geral deu-se-lhe o nome de *Algebra*: á dos Numeros *Arithmetica*: á da Extensão, *Geometria*: á do Movimento *Mechanica*, &c. &c.

Pela mesma razão ás *Sciencias Moraes Hypotheticas* se poderia muito bem chamar a *Mathematica das Sciencias Moraes* [V. *Sciencias Moraes*] (§§. 512. 521. e seguintes.).

Convertem-se pois as Sciencias Physicas em Mathematicas por meio de abstracções (§. 47.): mas como não ha Sciencia sem discurso, nem discurso sem linguagem; a linguagem das Sciencias Mathematicas, ou continua a ser a das correspondentes Sciencias Physicas, ou para ellas se convenciona huma de novo: em ambos os casos acontece, envolverem estas convenções, *supposições*, que fizerão dar ás *Sciencias Mathematicas* em geral o appellido de *Hypotheticas.*

As supposições de que fallo são de duas especies; porque humas podem-se evitar: mas as outras são absolutamente inherentes a aquellas abstracções. Eu me explico:

Dando-se aos objectos da Mathematica os mesmos nomes que antes se davão aos correspondentes objectos da Physica, he natural o applicarmos a estes as conclusões que tirarmos dos nossos discursos sobre aquelles; posto que em rigor tal se não deve praticar; pois que basta dizer que

os objectos da Mathematica são os da Physica alterados pela abstracção, para se ver que por conseguinte não são os mesmos objectos: e logo, que se não podem applicar a estes as conclusões que houvermos deduzido para aquelles. Com tudo tendo provado a experiencia (pelas razões que em outro lugar exporemos) poderem-se muitas vezes applicar debaixo de certas cautelas aos objectos da Natureza as conclusões deduzidas para os correspondentes objectos da Mathematica; prevaleceu o costume de se *suppôr*, que conservada na Mathematica a Linguagem da Physica, se podem applicar nesta os resultados que se houverem deduzido naquella. Mas bem se vê que esta supposição se pode ommittir: e comtudo continuar-se a fazer uso da antiga Linguagem, ou crear outra nova para discorrer sobre os objectos da Mathematica, prescindindo-se absolutamente de toda e qualquer applicação aos casos effectivos da Natureza.

Mas se se póde evitar esta *supposição*, não acontece assim com outra que igualmente costuma ter lugar em todos os ramos das Sciencias Mathematicas: e vem a ser a de se to[illegible] por certo que assim como a experiencia mos[illegible] não haver contradicção em designar os objectos da Physica pelos nomes recebidos entre os homens; tambem nenhum inconveniente haverá em se conservar o mesmo complexo de Nomenclatura para os correspondentes objectos da Mathematica. Na Physica a experiencia nos assegura que não ha incompatibilidade de termos. Mas quem he que nos pode assegurar o mesmo em Mathematica? Quem he que nos affiança que as alterações produzidas nos objectos pela abstracção consentem que se conserve o mesmo systema de Nomenclatura sem receio de incompatibilidade de termos e expressões?

De facto esta supposição das Mathematicas, bem longe de ser confirmada pela experiencia, tem sido por ella rejeitada: e em consequencia della as Mathematicas apresentão o absurdo sem exemplo em nenhuma outra Sciencia de assentar sobre huma Nomenclatura que começando por hypothetica, se acha ser palpavelmente contradictoria. (§. 258. 556 — 568. 579.).

Estas considerações parecem contrastar com a especie de jactancia dos que chamão á Mathematica *Sciencia por antonomasia*: e em cuja presença todas as outras

dizem elles, quasi que nem merecem o nome de Sciencias.

Esquecerão-se de que a Mathematica não só assenta toda sobre Hypotheses, mas até sobre Hypotheses de que não ha meio de provar que não envolvem incompatibilidade de humas com as outras: esquecerão-se (ou ignorão) que de facto envolvem taes incompatibilidades: e só fitárão os olhos na admiravel simplicidade da sua Linguagem, que deixando-se manejar muito mais facilmente do que a complicada Linguagem de todas as outras Sciencias, tem além disso a vantagem de não encubrir com tanta facilidade como ellas os erros, que pela confusão das expressões a cada passo se commettem em todos os outros ramos dos humanos conhecimentos.

Mas esta simplicidade que tanto se recommenda pelas duas inappreciaveis vantagens, que acabamos de ponderar: assim como não salva as Mathematicas do labeo de assentarem sobre Hypotheses contradictorias; tambem contribue a estreitar a esphera das suas operações; pois que por falta de meios de expressão se vêm já os Mathematicos a cada passo na impossibilidade, não digo já de resolverem problemas conduzidos com grande arte e trabalho ás immediações da sua resolução; mas a maior parte das vezes nem mesmo achão na Linguagem da Sciencia expressões com que enunciem a questão, e a preparem segundo as regras da Arte, para de transformação em transformação o conduzirem a huma equação final de valores appreciaveis. (§§. *663* — *665*.).

Esta esterilidade da Mathematica faz com que a massa dos conhecimentos que ella pode apresentar em parallelo com os das Sciencias Moraes seja incomparavelmente menor: e por isso na comparação que nos §§. *521* — *537*. *553* — *580*. e *669*. fizemos do estado actual de adiantamento das *Scieucias Moraes* comparativamente ás *Sciencias Mathematicas* nos parece haver demonstrado, que tanto em abundancia de *Factos*, como em riqueza de *Nomenclatura*, e em fertilidade de *Theoria*, a superioridade he toda da parte das *Sciencias Moraes*: ficando-lhes porém estas muito inferiores, tanto em *simplicidade de Linguagem*: como em *concisão e clareza de Discurso*: *exactidão e justeza de Definições*.

Mechanica (Acção) : Chama-se assim aquella que entre si exercitão dois systemas sem que dahi se siga em nenhum delles outra mudança que não seja (quando muito) a de lugar : conservando hum e outro os mesmos attributos que antes tinhão. (§. 133. 156.).

Medicina : Esta Sciencia (fallo da Nosologia e Therapeutica, cuja reunião constitue a Medicina propriamente dita) fornece hum notavel exemplo de como huma Sciencia póde estar consideravelmente adiantada relativamente a huns dos seus cinco elementos, sem o estar tanto relativamente a outros; por quanto esta, a Medicina digo, rica em *Factos*, he pobrissima em *Nomenclatura* : e os mesmos Factos se achão alli até ao presente isolados e sem *Systema* ; porém muito mais feliz do que outras Sciencias no que respeita á *Theoria*, póde apontar sobre as causas e effeitos da maior parte dos symptomas, senão tudo, ao menos o que mais nos importa conhecer. He evidente que estando tão atrazada em Nomenclatura, e tão destituida de Systema, nem mesmo as bases podem estar lançadas para o *Methodo*, ou como al[illegible] se explicão, para huma *Philosophia Medica*. (§. 497.).

Meditação : Consiste em fixarmos successivamente a nossa attenção sobre cada huma das partes do objecto que nos cumpre conhecer, quer seja pelo simples uso dos sentidos, quer seja mediante o raciocinio. (§. 228.).

Metalepse : Dá-se este Tropo quando em vez de huma phrase que enuncie aquillo que queremos dizer, nos servimos de outra que lhe seja equivalente ; mas tal que ainda que diga cousa differente, o ouvinte por si mesmo deduz que a nossa mente não foi tanto dizer o que a phrase indica, como o que della se infere — (§§. 410 — 413.).

Metamorphose : Diz-se para se designar, que o complexo das qualidades essenciaes de huma dada substancia não he o mesmo que antes. (§§. 66. 198. 199.)

Metaphora : Consiste na applicação que se faz a hum objecto do nome de outro, com quem elle tem qualidades communs : quando he por essas qualidades que nós o queremos fazer conhecido : e as circunstancias mostrão que he delle, e nesse sentido que se trata : e não daquelle, cujo nome tomamos emprestado, só porque nelle sobresahem aquellas qualidades. (§. 334.).

As *Metaphoras* dividem-se em *homonymas* e *synonymas*: synonymas quando com effeito existem entre os dois objectos as qualidades communs que os seus nomes designão: *homonymas* quando entre os dois objectos não ha outra cousa de commum, senão o competir a ambos o mesmo nome; posto que as qualidades de hum sejão inteiramente differentes das do outro [V. Homonymo] (§. 335.).

De qualquer destas duas especies, que seja a metaphora, he susceptivel dos mesmos epithetos que a palavra *Estilo*. Mas o que no seu uso se deve inviolavelmente observar, he primeiramente que as qualidades communs ao objecto de que se trata, e a aquelle cujo nome tomamos emprestado, sejão as que com effeito se querem especialisar. Em segundo lugar: que essas qualidades não sómente sejão as que sobresahem no objecto, cujo nome empregamos; mas tambem que nelle sobresaião, mais do que em qualquer outro. Terceiro, que pelas circunstancias seja facil de perceber quaes são de entre as qualidades communs aos dois objectos, as que pelo nome de hum delles queremos designar no outro. Destas tres condições a primeira e terceira são absolutas: mas a segunda he subordinada ao gráo de expressão que queremos dar ao nosso assumpto; e por isso se deve entender que o objecto, cujo nome empregamos seja tal, que as qualidades que queremos especialisar sobresaião nelle, no gráo, que intentamos dar á expressão do nosso colorido. Nos §§. 338. 339. 340. 344. 394. 412. 413. e 571. e seguintes se expendem varios epithetos, com que se costumão designar as Metaphoras, e seus abusos. V. *Catachrése*, *Charlatães*.

Metáthese: Dá-se quando a derivação das palavras se faz pela deslocação de alguma letra. Exemplo: de *cobrir*, *coberto*.

Methodo. Não basta contemplar os objectos que queremos conhecer. He preciso seguir nesta contemplação huma certa e bem dirigida successão e ordem: e isto he o que se chama *Methodo* — Dois são os que em geral nos podem conduzir ao conhecimento de novas verdades; hum he o *Analytico*, e outro o *Synthetico*. (§. 276.) Esta doutrina não he nova; mas a sua exposição era confusa, quando o immortal Condillac se propôs desenvolve-la. O gráo de perspicuidade em que elle concebeu o seu objecto, lhe fez suppôr que lhe competia o merecimento de inventor. Daqui seguio-

se o não querer adoptar nada do que os seus predecessores havião dito. Imparciaes nesta disputa deixamos expendido nos §§. 230 — 232. 300 — 308. 591. e 592. o que cumpre entender sobre a natureza, distincção e usos de ambos aquelles dois *Methodos*: indicando em que consiste a equivocação de Condillac. Neste lugar só me he licito dizer em resumo, que o *Methodo Analytico* consiste em se considerarem huns após outros differentes casos particulares deduzindo-se delles conclusões universaes: entretanto que o *Methodo Synthetico* consiste em se deduzirem conclusões particulares de principios universaes. Por methaphora tambem ás vezes se dá o nome de *Methodo Analytico*, ou de *Analyse* a aquella successiva contemplação das partes de hum objecto, mesmo quando senão deduz nenhuma conclusão. Neste caso entrão a Arte e Preceitos de Observar (§§. 476. 478.). Outro sentido particular da palavra *Methodo*, sobre que muito nos importa reflectir, he quando considerado, como hum dos cinco *Elementos* de qualquer *Sciencia*; por quanto póde huma Sciencia ser abundante em *Factos*, rica em *Nomenclatura*: póde mesmo (posto que mais difficilmente) possuir hum *Systema* de Factos e Expressões: póde emfim ter chegado a merecer a nossa admiração por huma vasta e luminosa *Theoria*: e comtudo ainda não se acharem satisfeitas todas as precisões da Sciencia. Se lhe falta o *Methodo*, póde-se affirmar que ella está ainda muito longe da sua perfeição. Não basta ter edificado: he preciso saber *como* se edificou: e depois de advertidos os acertos e os erros; he preciso conhecer *como* se podem emendar estes, e aperfeiçoar aquelles. O complexo destas doutrinas constitue o *Methodo* da Sciencia. (§§. 11 — 18.). A vigessima Prelecção desde o §. 666., e as duas seguintes contém hum bom numero de observações sobre os Methodos das Sciencias: tanto pela parte do que se tem feito, como do que cumpre fazer-se. Este parallelo, e o mais que se deduzirá nas futuras Prelecções fará hum corpo de doutrina sobre esta importantissima materia: que he o que se chama *Methodologia*.

Metonymia: Chama-se assim a pratica de designar hum objecto, não pelo seu proprio nome, mas pelo de hum seu correlato: não para designar as qualidades que lhes são communs, como especies de hum mesmo genero [isso seria *Me-*

taphora (§. 334.)] não para fazer sobresahir as idéas genericas, ou do todo servindo-se do nome do genero, ou do todo quando se trata da especie, ou da parte: ou se tratando-se do todo ou do genero, se usa do nome da parte ou especie, que mais faz sobresahir as qualidades do todo ou do genero [isso seria *Synecdoque* (§. 402.)]; mas porque o nome proprio do nosso objecto suscitaria idéas mais ou menos vivas, e por ventura ideas ligadas ás do mesmo objecto (§. 59.) que nos não convem despertar. (§§. 408 — 414. 423.).

Mineralogia: Como este nome he de huma tal generalidade, que abraça tudo quanto diz respeito aos Mineraes; o grande Werner dividio esta Sciencia em varias Secções: designando com o nome de *Oryctognosia* aquella que ensina o modo e caracteres mais appropriados para distinguir as differentes especies de Mineraes.

Para isto estabeleceu hum *Methodo* (§. 18.) Creou huma *Nomenclatura*: distribuio os *Factos* da Sciencia, isto he, os *Individuos* que lhe erão conhecidos conforme ao *Systema*, de que havia traçado o plano [illegible] do seu *Methodo*.

Nos §§. 372. 373. 549. 550. 570. 571. 578. 579. 580. 669. 670. se apontão varios defeitos do trabalho de Werner relativamente a todos estes quatro elementos da Oryctognosia.

Hauy, cujos estudos se tinhão particularmente dirigido a adiantar a Sciencia da Crystallographia, começando do ponto em que a deixára Romé-Delisle, á medida que avançava nas suas investigações, via destribuirem-se os Mineraes em outras tantas Familias, quantas erão as rubricas capitaes de Crystallisação, que hia assentando.

Em consequencia desta bella simplicidade de principio, Hauy publicou hum *Tratado de Mineralogia* fundado sobre a Sciencia da Crystallisação, e no qual todos os outros caracteres figurão de huma maneira muito secundaria.

Nos §§. acima citados sobre a doutrina de Werner se fazem ao mesmo tempo observações comparativas sobre os trabalhos de Hauy: donde se collige que o systema deste engenhoso Crystallographo he certamente hum bello syste-Exegetico dos Mineraes fundado em caracteres naturaes: e ri-

gorosamente infalliveis: mas que já mais póde ser considerado, como hum Systema Diagnostico.

Pelo pouco apreço, e modo superficial com que Hauy tratou a doútrina de Werner se deprehende que elle jámais entrou no espirito das sublimes concepções do Mineralogista de Freyberg, que tendo estudado os Mineraes nas Minas, e Montanhas, traçou o grande quadro da Oryctognosia com o compasso genial de hum Linneo: entretanto que Hauy, que só os conhecia pelas pequenas amostras de Gabinete, parece querer acanhar a immensidade da Natureza dentro dos estreitos limites da Crystallographia (§. 549.) He verdade, que este espirito de simplicidade o conduzio a melhorar a Nomenclatura; mas como os grandes principios da Philosophia não presidião a este trabalho, aconteceu que não só ficou por extremo imperfeito, mas até se acha desfigurado com expressões contradictorias com o methodico instincto que havia dictado hum trabalho, que, se não excita a nossa admiração pelas suas formas colossaes, tem os mais bem fundados direitos ao nosso reconhecimento pela miudeza dos traços, e pela correcção do desenho. V. *Crystallisação*, *Hauy*.

He de admirar que tão distinctos Naturalistas, a quem os principios philosophicos de Linneo não podião ser desconhecidos, entrando na mesma carreira ficassem tanto a quem daquelle tão digno modélo. Entretanto se se compararem as suas Obras com a do Naturalista Sueco, e com o que nos §§. 481 — 494. 538 — 549. 605 — 627. 676 — 696. 703 —732 fica expendido sobre esta materia; ver-se-ha quão longe estavão aquelles dois corypheos da Mineralogia dos principios que unicamente os podião conduzir a resolver completamente o grande problema, que deixárão ainda como hum desiderato para seus successores, o da *Philosophia da Sciencia*.

Modificação: Chamão-se assim as qualidades, cuja mudança não traz comsigo a de nome da substancia a que pertence. (§. 71.).

Modo, como: V. *Como*.

Moleculas: Chamão-se assim aquellas partes de hum corpo, de que se quer dizer, que por pequenas nenhum dos nossos sentidos pode sentir distincta e separadamente das outras. (§. 117.).

Molle : Diz-se assim o corpo, cujas partes mudando facilmente de lugar, sem perderem a sua cohesão, conservão a posição, que adquirem por esta mudança. (§§. 142. 143.). V. *Elastico.*
Momento de tempo : V. *Instante.* (§. 124.).
Monade : Chama-se assim cada huma das substancias simples que tocando-se formão hum systema. (§. 115.). Sendo as *Monades* simples não são extensas : e por tanto costuma ser objecto de grande duvida (até entre Philosophos !) *como de Monades não extensas se póde formar hum corpo extenso.* Isto he duvidar de que : hum, mais hum possa ser igual a dois : hum, mais hum, e mais hum possa ser igual a tres : hum, mais hum, mais hum, e mais hum possa ser igual a quatro : e assim por diante : porquanto *Monade não extensa* quer dizer *substancia, cuja distancia a hum ponto dado he huma só* : E *Corpo extenso* quer dizer : Substancia cujas distancias ao ponto dado são duas, ou tres, ou quatro, e assim por diante.
Morrer : Diz-se de hum corpo = *que morreu* = quando se quer dizer = que da acção chimica das suas partes entre si, e com os outros corpos, resulta a sua destruição : quando antes resultava a sua conservação = (§§. 166. 196. 197.).
Morte : Morto : V. *Morrer* — Chama-se *morta* (no sentido metaphorico do §. 196.) huma *força*, quando se quer dizer que a causa, de que se trata, produzirá o seu effeito, logo que cessar a acção de outras causas, que se expressão, ou se subentendem. (§. 91.).
Motivo : Razão de huma acção livre. Metaphoricamente chama-se tambem *Motivo* a qualquer razão remota. (§. 100.).
Motor : Chama-se assim propriamente a toda e qualquer causa de movimento; mas metaphoricamente he tambem synonymo de *Motivo* [V. esta palavra] (§. 100.).
Movel : Escolhidos alguns pontos para se considerarem as distancias de todos os outros a elles ; chamão-se *moveis* aquelles, cujas distancias a algum dos ditos pontos são variaveis. (§§. 119. 120.) V. *Fixo*, *Quieto.*
Movimento : Variação das distancias de hum Movel [V. esta palavra] — Chama-se-lhe *uniforme* se a velocidade do movel for constante — Se porém esta for variavel ; então ou cada termo he maior do que o seu precedente, e chama-se o *movimento accelerado* : ou he menor ; e chama-se-lhe *retardado.* (§§. 131. 132.) V. *Velocidade.*

Mudança: Quando observamos em huma substancia hum complexo de qualidades differente do que nos lembramos ter nelle observado; dizemos que ella *mudou*. (§. 85.).

Nada, Não: Estas duas palavras servem para se designar, que a cousa de que se trata he differente do que significa o verbo a que qualquer daquellas duas palavras se ajunta. (§. 85. 461.).

Natureza: Por este nome designa-se o complexo de todas as qualidades actuaes, passadas ou futuras, tanto essenciaes, como accidentaes, que denotamos com hum dado nome. (§§. 76. 80.) — Como o Universo comprehende o complexo das qualidades que constituem a natureza de cada huma das substancias existentes, deu-se-lhe por isso em sentido collectivo o nome de *Natureza*. (186.) — Querendo-se muitas vezes nomear a causa de varios phenomenos, diz-se ser a *Natureza*. O sentido desta expressão he: que como aquelle phenomeno *D* não aconteceria á Substancia *B* neste momento *F*, se no momento precedente *E*, o Universo *A* não tivesse experimentado a mudança *C* [V. *Causa*, *Effeito*, *Razão*]; a Causa total (§. 101.) do mencionado phenomeno he o Universo, ou, como se acaba de explicar, a *Natureza*. (§. 187.).

Os Philosophos antigos tinhão dividido os phenomenos da Natureza em tres *Reinos*: *Animal*, *Vegetal* e *Mineral*. Varios modernos não negando a verdade da divisão, censurárão a propriedade do nome de *Reinos*. Nos §§. 698 — 701. se satisfaz a este escrupulo.

Necessario: Cuja razão existe, [se este epitheto se applica ao effeito] (§. 93.): ou cujo effeito he o que se nomeia ou subentende [se se applica á causa] (§. 94.).

Nectario: Esta expressão offerece hum notavel exemplo da imperfeição, tanto do *Methodo*, como da *Nomenclatura* da Botanica. (§. 547.).

Eu não ignoro que alguns Philosophos taes como Jussieu, Necker, Linch, Illiger, tem procurado remediar a este defeito; mas como nenhuma destas tentativas tem sido geralmente admittida; não se podem ainda considerar como fazendo parte da Sciencia.

Noção: Conhecimento reflexo. (§. 70.).

Nomes: Chamão-se assim as palavras que significão alguma qualidade, ou algum complexo de qualidades, sem affirmar nem negar a existencia dellas em tempo algum, quer seja

determinado, quer indeterminado. (§§. 235 — 238.). Aquelles destes nomes, que servem a especialisar outros, chamão-se *adjectivos*. (§. 257.). Todos os outros se chamão *substantivos*. (§. 236.): E dos substantivos chamão-se *appellativos* aquelles que denotão qualidades communs a varios individuos: todos os outros se chamão *proprios*. (§. 238.). — Ha certos nomes de que muito convem termos sempre diante dos olhos, que elles nada mais são do que a expressão resumida de huma phrase: e são todos os que significão alguma relação entre dois ou mais objectos (§. 90.): taes como *Attracção*, *Repulsão*, e outros semelhantes. (§. 460. 461.). V. *Relação*.

Nomenclatura: Assim como cada Sciencia tem differentes objectos: assim tambem cada huma tem sua Nomenclatura; isto he: hum correspondente numero de palavras e de phrases: de modo que quanto maior for a variedade dos conhecimentos, que constituem a Sciencia, tanto maior será a variedade de expressões, que comporão a sua Nomenclatura: E esta he o segundo de entre os cinco Elementos, que no meu entender formão todas as Sciencias. (§§. 10. 12. 271. 274. 540.).

Naturalmente a Nomenclatura de todas as Sciencias começando com hum pequeno numero de palavras, vai satisfazendo aos novos descobrimentos: já empregando essas palavras em sentido tropologico: já usando de descripções e periphrases. (§§. 545., 549. n.º 6. e 7., 564 — 567. 570. 574.). Mas isto não podia deixar de ter hum termo; porqne em fim não podião ficar os Sabios insensiveis aos enganos, erros e absurdos, que de huma tão ambigua Linguagem infallivelmente havia de resultar. Com effeito os Philosophos, e particularmente os Mathematicos e Naturalistas, assentárão em formarem Nomenclaturas especiaes, e de proposito para as Sciencias de suas respectivas profissões: partindo estes ultimos do principio, que cada differente objecto devia ter huma differente, e unica denominação [quer ella fosse concebida em huma ou em mais palavras] (§. 578.): os Mathematicos porém admittindo de commum accordo, que lhes era licito darem a dois e mais objectos differentes o mesmo nome (§§. 558. e seguintes.): e tambem dois differentes nomes a hum só e mesmo objecto (§§. 257. e seguintes: 367.) em quanto

pela pratica se não viesse no conhecimento de serem erradas estas supposições.

Nos citados §§. 257 — 263. 553 — 561. 564. 568. 569. 578. em que se expõe este singular accôrdo dos Mathematicos, se mostra quanto seja desacertado: e quão absurdas consequencias delle se tenhão seguido: além do grande inconveniente que por simples, e acanhada a Linguagem Mathematica no seu actual estado, poucos são os phenomenos da Natureza que pode enunciar, e pouquissimos os problemas que pode resolver, ainda que concebidos na grande, e as mais das vezes esteril, generalidade em que ella os pode expender. (§§. 522 — 526.). V. *Algebra, Geometria, Mathematica.*

Quanto á Nomenclatura das Sciencias Physicas, nos §§. 546 — 551. 659. 670. 671. se expendem os trabalhos, que nos ultimos tempos se tem feito a este respeito: com que vantagem; e com que defeitos: bem como nos §§. 349 — 354. se apontão algumas regras que cumpre ter em vista na confecção de semelhantes Nomenclaturas. V. *Botanica, Mineralogia.*

Tanto as das *Sciencias Physicas*, como as das *Mathematicas* se comparão nos citados paragraphos com as das *Sciencias Moraes*: e se mostra serem-lhes estas muito superiores, tanto na riqueza e variedade das expressões, como na admiravel regularidade da inflexão, derivação e syntaxe, a que nunca poderão alcançar as Nomenclaturas artificiaes, ou como as costumão denominar, philosophicas.

Objecto: Damos este nome ás cousas, de que queremos dizer havermos sentido, ou estarmos contemplando, em si ou nos seus nomes. (§§. 45. 271.).

Obrar: Ser Causa (§. 87.) V. *Causa.*

Observar: Denota a successiva e circunstanciada applicação da nossa attenção ás differentes partes de hum objecto. (§. 233. 271.). Consiste huma grande parte da Arte de observar no conhecimento da ordem, com que se devem succeder os objectos da nossa contemplação; por onde cumpre advertir, que primeiramente devemos contemplar as *qualidades essenciaes* do objecto: depois as suas *qualidades accidentaes*: E como cada hum destes Accidentes vem a ser por si mesmo hum objecto separado; tambem a respeito

delle devemos seguir a prescripta ordem de primeiramente considerarmos o que he essencial a cada hum daquelles *accidentes* : e depois o que lhe he accidental. (§§. 276. 278.).

Occasião : Razão accidental das acções livres. (§. 100.).

Organico : Chama-se assim ao corpo composto de *orgãos* ; isto he : de partes dotadas, cada huma de sua particular vitalidade. (§. 169.). Ainda que se verifica em todo o corpo organico o ser *vivo*, e crescer por *intus-uscepção*, nem por isso se deve definir organico *o que he vivo* : nem *o que cresce por intus-suscepção*. (§. 202. *e seguintes.*).

Paciente : Epitheto destinado a designar, que a substancia B a que se applica, experimentou huma mudança D que sempre acontece depois que outra substancia A tem experimentado a mudança C, e só então. (§. 88.) V. *Agente*, *Causa*, *Effeito* : *Razão*.

Paixão : Chama-se assim a todo e qualquer *Effeito* (V. *Effeito*, *Paciente*). Mas particularmente dá-se este nome ás grandes impressões que sobre nós fazem os objectos capazes de nos cauzarem *Dôr*, ou *Prazer*. Estes, de qualquer natureza que elles sejão, offerecem-se sempre debaixo da idéa de regularidade e de *Ordem* : aquelles só apresentão *Confusão* e *Desordem*. Por isso constituem huns as duas Secções do *Bom* e do *Bello* : e os outros as do *Mal*, e do *Monstruoso*. As regras da *Esthética* ou do *Bom Gosto*, sempre conformes á sensação do *maximo Prazer presente*, distinguem o *Monstruoso* do *Bello*. As regras da *Diceósina*, sempre conformes á maxima somma de Prazeres na *totalidade de sensações presentes* e *futuras*, distinguem o *Mal* do *Bem Moral*. (Idéa geral V. II. §§. 23. 24. 25. 91. 193 — 197. 397. 298.).

Palavras : Todos os sons, que emittimos com os orgãos da falla para exprimir as nossas idéas, se denominão assim. Substantivos, Adjectivos, Verbos, Adverbios, Pronomes, Conjuncções, Artigos, Interjecções : são as Classes em que se dividem as Palavras. (§§. 3. 225. e seguintes.).

Mas as Palavras ou são pronunciadas ou escriptas. Daqui vem que generalisando-se, quanto dellas se affirma como signaes das nossas idéas, se póde applicar a todos e quaesquer signaes dellas. (V. Linguagem, Yeroglyphico).

As palavras podem-se considerar pelo que cada huma dellas significa de per si : ou pelo que significão reunidas.

(§§. 4[illegible]. *e seguintes*). A estas reuniões de palavras chama-se-lhes *Phrases*: sobre o que se deve reflectir que há Palavras, que não significão objecto nenhum; quero dizer nenhuma *Substancia*, nem *Qualidade*; mas somente *Relações*: e por tanto são equivalentes a *Phrases*. Isto acontece com as Palavras de todas as especies acima mencionadas: e he no meu entender de grande importancia o fazer esta distincção: porque de não haverem nella reflectido Philosophos aliás da primeira ordem, he que procedeu cahirem em graves erros. (§. 461.).

Pedantismo: Consiste na affectada ostentação de conhecimentos, cuja desnecessaria exposição vem fóra de tempo, e de lugar. (§. 470.).

Pena de morte: A questão tão renhida entre os Criminalistas sobre a *Pena de morte* serve no §. 268. de exemplo de huma proposição affirmativa. Mas de passagem advertirei que da maneira em que aquella questão alli fica enunciada, depois de corrigida a definição de *Sancção* (que não seguimos as dos Jurisconsultos) fica facil o decidi-la. Trata-se só de averiguar se ha algum caso em que se não possa assegurar a observancia da Lei, senão com a pena de Morte. Tudo quanto Becearia, e os mais Criminalistas, tanto da sua, como da opposta opinião, dizem pro ou contra esta *necessidade*, vem a proposito, e merece ser meditado. Todos os outros argumentos são versateis, e adiaphoros. Infelizmente o que dizem sobre aquella *necessidade* (ponto unico da questão) he pouco e por extremo vago.

Perceber. Sempre que sobre algum objecto temos idéas claras, dizemos que *percebemos*, ainda que não seja em toda a sua extensão; porque para esse caso se usa da palavra *Comprehender*.

Percepção: V. *Perceber*. (§§. 70. 277.).

Perecer: V. *Acabar*. *Morrer*. (§§. 79. 83. 196. 197.).

Perfeição: Denomina-se assim o maximo total dos attributos possiveis do objecto que se diz *perfeito*. (§. 194.). Daqui se segue primeiramente que a *perfeição* he sempre relativa á possibilidade de augmento dos attributos de cada objecto: E em segundo lugar: que a comparação, que muitas vezes fazemos de dois objectos para vermos *qual delles está mais perto da perfeição*, seria vaga, e mesmo correria perigo de ser absurda, se se não advertir que em

taes casos não se compara o estado de hum objecto com o do outro (isso seria comparar cousas heterogeneas) o que se compara he a razão que á epoca do parallelo existe entre a extensão da perfectibilidade, e os progressos de hum, com a razão existente entre a extensão da perfectibilidade, e os progressos do outro. (§§. 503. 504.).

Periphrase: Miuda Descripção de hum objecto que parece bastaria nomear. Se o motivo porque entramos naquelles detalhes, he arresoado: e se os não estendemos além dos termos da necessidade; he acertada a *Periphrase*. Qualquer destas duas circunstancias que lhe falte, degenera em *Pedantismo*. (§§. 468. 470.).

Perspicacia: Promptidão não ordinaria em deduzir hum numero consideravel de consequencias successivas e mesmo remotas, dados certos principios. (§. 224.).

Persuasão: Certeza adquirida por demonstração. (§. 254.). Metaphoricamente dá-se tambem este nome á certeza de intuição. (§. 206.). V. *Synonymos*.

Pezo: Chama-se assim ao effeito, que hum corpo em razão da sua gravidade produz sobre outro corpo. (§. 138.). A' razão entre dois Pezos chama-se-lhe *Pezo especifico*. (§. 139.).

Phenomeno: Chama-se assim a todo e qualquer facto que he objecto da nossa observação. (§. 103.).

Philosophia: Chama-se Philosophia em geral á reunião das doutrinas que constituem o *Methodo* geral e commum a todas as Sciencias. E chama-se Philosophia de cada Sciencia em particular o complexo das doutrinas, que constituem o Methodo dessa mesma Sciencia. (§§. 4. 9. 18. 19. 497.).

Phrase: Dá-se este nome a qualquer complexo de palavras, que exprimem hum facto acontecido em hum tempo que se designa, como certo ou hypothetico. (§. 457.). Mas ha muitas palavras das quaes cada huma de per si he equivalente a huma phrase, como se pode ver na exposição, que, discorrendo pelas varias classes de palavras, se deduz nos §§. 458. e seguintes: bem como nos §§. 468. e seguintes, se mostra haver *Phrases* equivalentes a simples palavras.

Physica: Em geral denota esta expressão os conhecimentos, cujos objectos affirmamos existirem: á distincção daquelles, que damos unicamente como hypotheticos. (§§. 23. 495. 507.).

Mas está particularmente usada esta expressão para distinguir da *acção chimica* aquella donde ao agente e paciente nenhuma outra mudança resulta depois da acção, senão, quando muito, a dos lugares. (§. 156.).

Physica Sagrada: Tem-se dado este nome ao que na Sagrada Escriptura se contém sobre assumptos de Physica, de Chimica, e de Historia Natural. Hoje he doutrina constante entre todos os Doutores da Igreja, não serem aquelles Livros destinados a ensinar aos homens o conhecimento deste Mundo material; mas sim e tão sómente verdades da Moral Religiosa, superiores á simples razão humana. (§. 542.).

Poder: Dizermos de alguma substancia que ella tem *poder* para produzir algum effeito, he dizer que por observações sabemos ter ella sido causa daquelle effeito. (§§. 87. 89.). V. *Faculdade*.

Poesia: Da-se este nome ás composições, em que o estilo tropologico, e figurado he transcendente: não servindo as expressões empregadas aqui e alli em sentido proprio, e em dicção ordinaria, senão como claro-escuro para mais realçar o figurado. (§§. 66. 425.).

Ponto: No §. 48. se citou esta palavra como hum dos mais notaveis exemplos do que se chama *Abstracção*. E pela definição que alli se deu tomada do nosso incomparavel Mathematico José Anastacio da Cunha se vê (e cumpre muito notar) que esta he do numero daquellas palavras, que não denotão nenhuma substancia, ou qualidade, mas são equivalentes a phrases; por quanto a palavra *Ponto* não designa nenhuma substancia, sendo absurdo o dizer com a maior parte das Mathematicas, que he o corpo que não tem extensão; pois que a idéa de extensão faz huma parte essencial da idéa de corpo, nem tão pouco denota qualidade alguma; pois que se a este ou áquelle objecto damos o nome de *Ponto*, não queremos designar tal ou tal qualidade que elle agora tenha, e não tivesse quando lhe não davamos este nome.

Denota pois este nome o facto que poderiamos referir servindo-nos da seguinte phrase, a saber: Que a grandeza daquelle corpo, de que se trata, he tal que de não attendermos a ella não resulta erro notavel. (§. 48.).

Possivel: Dá-se este epitheto a hum phenomeno para se dizer que não vemos, que o estado da respectiva Causa seja

differente do que costuma ser razão do mesmo phenomeno (§. 96.). Tambem se toma ás vezes por *potencial.*

Potencia: V. *Faculdade.* Tambem ás vezes significa a substancia, de quem se quer dizer, que possue a faculdade de que se trata. (§§. 87. 89.).

Potencial: Chama-se assim a qualquer força ou faculdade, quando se quer dizer, que ella sim he nulla no caso de que se trata; mas que produz o respectivo effeito em outros casos, que ou se expressão ou se subentendem. (§. 91.).

Predicamento: Synonymo de Categoria.

Preposição: Dá-se este nome a aquellas palavras que só servem de mostrar a relação de algumas das partes de huma simples phrase entre si. (§. 247.).

Primario: Chama-se *Causa primaria* a mais remota que tomamos em consideração. V. *Causa.*

Principios: Reina entre os Philosophos a grande disputa sobre *quaes sejão os Principios dos nossos conhecimentos.* Para assentar idéas sobre esta controversia, convem reflectir, que são tantos os nossos conhecimentos, quantas as proposições que podermos enunciar. (§§. 316. 322. *e seguintes.*). Ora as Proposições, ou são asserções geraes, ou individuaes: e estas ou affirmão factos dados immediatamente pela observação, ou são conclusões de alguma asserção geral. (§§. 270. 271. 276.). Logo *os Principios de todos os nossos conhecimentos* são a *observação*, a *experiencia*, a *analyse.* (V. *estas palavras*). Mas além deste principio commum a todos os nossos conhecimentos, tanto geraes, como individuaes, he evidente que as *Proposições geraes* donde por meio do discurso deduzimos alguma conclusão individual, ou mesmo geral, com razão se chamão tambem *Principios* desta asserção, deste conhecimento individual, ou menos geral que delles derivámos por via do *methodo synthetico.* (§§. 277. e *seguintes*). Por onde fica manifesto o erro em que cahirão alguns Philosophos, e entre elles o grande Condillac, negando que as Definições podessem jámais ser Principios de Conhecimento, erro que se refuta circunstanciadamente nos §§. 290. e seguintes.

Principal: V. *Causa.*

Prolixo: V. *Estilo.*

Proposição: Quer dizer: Palavra ou complexo de palavras que não só designão algum estado, acção ou paixão; mas tam-

bem o tempo, e entidades em que esse estado, acção ou paixão se dá por acontecido. (§. 251.). Nos §§. 252. 265. e seguintes, se demonstra como he errada a definição vulgar em que se diz ser a *Proposição hum juizo enunciado por palavras*; pois que ha, e se apontão naquelles §§. muitos casos em que as proposições não envolvem nenhum juizo. V. *Juizo.*

Propriedade: Qualidade que só se verifica no individuo, especie, ou genero etc. que se designa. (§. 73.).

Proprio: O que só se verifica em hum individuo, ou em huma especie, ou em hum genero etc., chama se proprio desse individuo, dessa especie, desse genero etc. He pois neste sentido que hum *Nome* se diz *Proprio* em contraposição a *Appellativo*, ou a *Metaphorico* e *Figurado*. [V. *Nome*].

Prova: V. *Demonstração.*

Proximo: V. *Causa.*

Qualidade: Este nome designa todo e qualquer objecto das nossas idéas. (§. 43.): Com a differença porém que aos complexos de qualidades designadas cada huma por hum certo nome chamamos, *Corpo*, *Espirito*, *Substancia*, *Essencia*, ou *Natureza*, segundo o caso o pede: como se póde ver na definição de cada huma destas expressões. A aquellas qualidades que faltando a hum destes complexos fazem com que lhe não demos mais o mesmo nome; chama se-lhes *Qualidades essenciaes* desse complexo. (§§. 72. 472. e seguintes). A aquellas porém que podem faltar sem que por isso mudemos o nome do objecto, chama-se-lhes *accidentaes.* (§. 71.). A aquellas que temos observado as mais das vezes em tal ou taes individuos, chama se *Qualidades habituaes* destes. (§. 220.). E quando acontece serem ellas taes que observadas em qualquer individuo podemos concluir a existencia de algumas outras, posto que as não observemos, dá-se-lhes o epitheto de *capitaes*: e he sobre estas que assentão os mais engenhosos *Systemas artificiaes.* (§. 490.) V. *Systema*, *Propriedade*, *Attributo.*

Nos §§. 623. e segintes se comprehendem varias observações sobre a Classificação das *Qualidades*: e se apontão algumas das muitas vantagens que deste trabalho se podem esperar.

Quantidade: A distincção feita pelos Mathematicos de *Quan-*

tidades Positivas e *Negativas* (cujas definições se podem ver nos §§. 262. 558.) foi pelos mesmos Mathematicos designada pelos signaes + e —; mas cahindo em hum absurdo de que nenhuma outra Sciencia offerece exemplo: e vem a ser o de dar ao sinal + oito significações, que sem prova alguma convencionárão de reputar identicas: e do mesmo modo seis ao signal — (§§. 262. 559. e seguintes 567 — 569.). Este exemplo entre outros demonstra a grande superioridade que as Sciencias Moraes levão ás Sciencias Mathematicas em ponto de Nomenclatura. (§. 572. 578. 580. convertendo-se em detrimento destas ultimas a simplicidade que constitue a belleza da sua particular Linguagem. (§. 663.).

Quieto: Escolhidos alguns pontos para se considerarem as distancias de todos os outros a elles; chamão-se *quietos* ou *fixos* aquelles, cujas distancias a aquelles pontos são constantes. (§. 119.).

Raciocinio: Sendo *evidente* aquella proposição, que he concebida em termos identicos (§. 254.): e acontecendo a maior parte das vezes serem as proposições concebidas em termos, cuja identidade se não conhece á primeira vista; o meio que temos para as reduzirmos á desejada fórma de termos identicos, sem lhes alterarmos o sentido, he o de substituirmos ás expressões, que queremos identificar, as suas definições: e a esta substituição das definições em lugar das respectivas expressões para reduzir a proposição á fórma de termos identicos, chama-se *Raciocinio* ou *Discurso*. (§§. 232. 255.).

Para se fazer desta theoria do Raciocinio huma justa idéa, he preciso advertir primeiramente que nem sempre se faz necessario substituir ás expressões as suas definições completas, mas sómente aquella parte que diz respeito ao caso de que se trata. Ora como a estas partes, ou elementos da definição completa de qualquer palavra se tem dado o nome de *Theses*; por isso convem observar que a mencionada substituição, em que consiste o Raciocinio, ou he de *Definições* ou de *Theses*: o que val o mesmo que dizer, que ou he de *Definições geraes*, ou de *Definições particulares*: de *Definições completas*, ou de *Elementos de Definições*. (§§. 261. 292. *e seguintes*) Por onde se vê, que fica sempre em seu vigor a exposta Theoria do *Raciocinio*.

Em segundo lugar he necessario reflectir que ha certas expressões, que a pezar de serem differentes entre si, nós estamos tão famaliarizados com ellas, que apenas as encontramos em certas proposiçoes, vemos, que no caso de que se trata, ellas tem absolutamente huma mesma e identica significação. Quando pois no nosso *Raciocinio* temos conduzido a transformação da primitiva proposição a ponto de ella se achar enunciada com palavras que a pezar de serem differentes entre si, pelo uso sabemos que no caso de que se trata são identicas em significação; essas palavras, cuja equipollencia he tão obvia, são *Definições abreviadas*, pois que o seu effeito he de nos suscitarem, apenas as ouvimos, as idéas que a *Definição* nos teria de enumerar. (§. 35.). Logo tambem nestes casos (que poderião parecer exceptivos da exposta Theoria do *Discurso*) se verifica não ser este mais nada do que a substituição das *Definições* em vez das respectivas expressões em huma proposição, que se quer reduzir á fórma de termos identicos, que he o que se chama *evidenciar* ou *demonstrar*; por quanto se se contemplar qualquer *Raciocinio*, ver-se-ha ter consistido em se substituir a expressões da primitiva proposição *Definições geraes* ou *particulares* [Theses] ou *abreviadas* [outras expressões synonymas das primitivas] (§§. 292. *e seguintes*).

Desta ultima observação, de haver *proposições evidentes*, posto que concebidas em termos não identicos, por ser obvia a identidade da significação dos mesmos termos, se deduz, que pode haver, e com effeito ha humas proposições nas quaes he preciso substituir definições em ambos os termos: e outras em que basta substituirem-se definições só em hum dos termos. Daqui derivão duas differentes especies de Raciocinios: ao primeiro chamou-se-lhe *Syllogismo*, e ao segundo *Enthymema*. (§. 298.).

Radicaes: Chamão-se assim as palavras de huma Lingua donde derivão todas as outras. (§. 426.).

Raizes *de huma Lingua* são aquellas palavras que não derivão de nenhuma outra da mesma Lingua: antes talvez dellas he que outras se derivão. (§. 426.).

Razão: He a mudança da *Causa*. (§§. 87. 89. 93.) V. *Causa*. Applicão-se-lhe os mesmos epithetos que á palavra *Causa*: e além desses e de *sufficiente*, que de ordinario he syno-

nymo da *total*; mas ás vezes Leibnitz, e os da sua Escola entendem pelo nome de *Razão sufficiente* não só o *Estado do Agente* que costuma ser *Razão* do effeito de que se trata; mas tambem o concurso deste estado do Agente com a *Disposição do Paciente*, que para a existencia do mesmo effeito se requere. (§§. 87. 89. 177.).

Tambem he muito impoitante o reflecir que frequentemente se toma *Razão* por *Causa*: e esta por aquella. Mas isto he por huma Synecdoque: e não porque *Causa* e *Razão* signifiquem sempre o mesmo. (§§. 206. 360.). Digo ser esta observação de grande importancia, porque a confusão daquellas duas expressões tem sido huma das mais abundantes fontes de erros tanto nas Sciencias Physicas como nas Moraes.

Reacção: Dá-se este nome ao *Effeito* para se dizer que elle he *Razão* de huma mudança que em consequencia delle sempre sobrevem a substancia que foi *Causa* desse *Effeito*. (§. 89.). V. *Causa*.

Reconhecer *algum objecto* val o mesmo que ver a identidade delle com outro observado em outro tempo, e talvez em outro lugar. (§. 56.). V. *Recordar-se*.

Recordar-se *de algum objecto* quer dizer, que nos lembramos de outros que anteriormente observámos no mesmo tempo e lugar que a elle. (§. 58.).

Refazer-se *de forças*: Diz-se de hum systema para denotar, que pela *assimilação* de novos elementos o mesmo systema recuperou forças que nelle se havia cessado de observar depois da perda de outros elementos que antes entravão em sua composição. (§. 200. .

Reflexão: Attenção mais particular prestada a qualquer objecto. (§. 223.).

Regeneração: Este nome está destinado a significar hum acontecimento que frequentemente se observa na Natureza e consiste em que, depois de se ter *destruido* (§. 197.) em todo ou em parte hum systema, torna a apparecer identico em qualidades com o precedente: e isto ou pela reunião dos antigos componentes do systema, ou pela accessão de novos aos que tinhão ficado unidos, em lugar daquelles cuja separação fizera com que o systema deixasse de ser o mesmo que era dantes. He porém de notar que ao primeiro destes dois phenomenos he que propriamente se c ama

Regeneração: ao segundo (nos casos em que se quer distinguir hum do outro) chama-se-lhe *Renovação*. (§§. 207. 208.).

Reinos da Natureza: Expressão, que denota os tres ou quatro complexos bem distinctos, que comprehendem as substancias por nós conhecidas; a saber: *Animaes*, *Vegetaes*, *Mineraes* e (como Werner julgou dever accrescentar) *Atmosphericos*. O nome de *Reinos* desagradou a alguns Philosophos; por não haver em nenhum daquelles complexos, dizião elles, cousa, que corresponda á idéa moral de *Governo*, ou *Regencia*, particular a cada hum delles. Nos §§. 698. e seguintes que se podem consultar, se mostra que aquella expressão nada tem de absurda. Aqui accrescentaremos no que toca á addicção do quarto Reino (dos Atmosphericos) que esta lembrança do grande Werner teve origem na impropriedade do nome de *Mineraes* dado ao terceiro Reino; pois que, o que lhe convinha, era o de *Inorganicos* que comprehende não só os *Mineraes*, e os *Atmosphericos*, como tambem todas e quaesquer substancias da Natureza, mesmo fóra do nosso Planeta, que não forem *entes organisados*.

Pelo que toca ao *Reino Animal* cumpre ter em vista que elle offerece ao estudo do Philosopho duas ordens de phenomenos: huns que entrão debaixo da rubrica das qualidades designadas pela palavra *Corpo*: outros que figurão debaixo da rubrica *Intelligencia*, subdividindo-se em hum grande numero de Secções, desde o Homem até ao Polypo: Cadeia immensa de que apenas se tem estudado, e isso mesmo com grande negligencia, o primeiro annel, a *Psychologia do Homem*. (§§. 507. 508. 511.).

Relação: Esta palavra serve só para denotar o *facto* de serem varios objectos Causas parciaes, ou Razões parciaes de hum dado Effeito: ou Effeitos ou Pacientes de huma dada Causa: ou emfim huns Causa ou Razão, de que os outros são Effeitos ou Pacientes. (§§. co. 460. *e seguintes*).

Reminiscencia. V. *Record r se*. (§. 58.).

Reparação *de forças*. V. *Refa er-se*. (§. 200.).

Repugnante: V. *Contra ictorio*. (§. [illegible]).

Repulsão: Significa o *facto* de que dois ou mais corpos achando se reciprocamente em certa distancia, se afastão hum do outro. (§§. 134. 461.). Conseguintemente *Força de re-*

pulsão ou *repulsiva* nada mais denota do que o ter-se constantemente observado aquelle facto de se afastarem os corpos de que se trata, postas as circunstancias, que ou se exprimem, ou se subentendem. (§. 134.).

Resistencia: V. *Reacção*. (§. 89.).

Resolução *de hum corpo*, ou *das suas partes*: Chama-se assim ao facto de estas partes separando-se irem formar em lugar do antigo corpo ou systema em que se achavão reunidas, hum certo numero de outros entre si isolados. (§. 198.). V. *Destruição*.

Revista *de hum Processo*: Citada como exemplo do grão de perfeição em que se acha a Jurisprudencia em ponto de *Systema*. (§. 674.).

Rhetorica: He a Arte de excitar por meio do discurso as Paixões que nos cumpre pôr em movimento. Donde se vê que esta Sciencia faz necessariamente parte daquelle ramo da Philosophia a que chamamos *Psychologia*: e que a Arte de bem discorrer [a Rhetorica] he inseparavel da Arte de pensar com acerto [a Logica]: e daquella que nos expõe a natureza, e a theorica das Paixões [a Esthetica] (§§. 1—8.).

Rijo: Este epitheto serve para denotar que o corpo a que se applica he tal que as suas moleculas não se podem approximar mais: nem se pode tentar o affasta-las, sem perderem facilmente a sua cohesão. (§. 145.).

Sancção: Define-se no §. 268. a comminação da pena *necessaria para assegurar a observancia da Lei*; onde he de notar que as palavras aqui escriptas em italico, posto que senão encontrem nas definições que desta palavra dão os Jurisconsultos, são comtudo essenciaes; por quanto a pena que não basta para assegurar a observancia da Lei, não a sancciona, antes facilita a sua infracção. A pena que excede a medida que bastaria para fazer observar a Lei, destroe-a, porque passando a ser pelo supposto excesso inutilmente barbara, traz comsigo hum tão revoltante odioso, que os Juizes que a devem infligir, se horrorizão, ou se envergonhão; e por este só facto fica sanccionada, não a Lei, mas a impunidade a infracção da Lei.

Além destas considerações, tem aquella addicção a vantagem de se poderem facilmente decidir pela simples definição as questões que a cada passo se suscitão sobre a legitimidade de certas penas applicadas a certos delictos;

pois que o que em taes casos se ventila he em ultima analyse, se a tal pena he ou não acertada Sancção para a Lei de que se trata: E por conseguinte toda a questão se reduz a saber se ella he, sem falta nem excesso, a necessaria para assegurar a observancia da Lei. Se Beccaria e outros, aliás mui distinctos Criminalistas tivessem considerado esta materia debaixo do ponto de vista, que acabamos de expor, não terião perdido o tempo com argumentos inconcludentes, ambiguos, e até muitas vezes futeis, querendo provar, por exemplo, ser ou não ser a pena de morte conforme aos principios solidos do Direito Criminal. Tudo quanto em grossos volumes se encontra além da necessidade, inutilidade, ou excesso de semelhante pena para assegurar a observancia das Leis, nada conclue, de nada serve: e por tanto confunde mais do que aclara o verdadeiro ponto da questão. (§. 268.).

Schelling: Não sendo por ora tempo de analysarmos o que a Doutrina deste Philosopho tem de particular, póde-se ver nos artigos Fichte e Kant, o que no §. 353. veio a proposito observar sobre os principios que o caracterisão em commum com o Chefe e mais Adeptos da Escola Kanciana.

Sciencia: Custa a comprehender como tendo se achado os Sabios de todos os seculos na necessidade de definirem o que seja *Sciencia*, tudo quanto encontramos nos seus Escriptos a este respeito he absolutamente vago e indeterminado.

Nesta falta de huma definição geral da *Sciencia*, vendo-me na precisão de a investigar por mim mesmo, lancei mão do methodo que para esse fim apontei em varios lugares destas Prelecções, e que consiste em tomar ao acaso hum grande numero de questões, em que se convertesse, se tal ou tal massa de conhecimentos era ou não *Sciencia*: examinar as qualidades que os contendores enumerarião como requisitos necessarios para aquelle complexo de conhecimentos se poder chamar Sciencia: e desses requisitos os que fossem communs a todas as questões, constituirião a definição geral de *Sciencia*.

Por este methodo achei serem aquelles requisitos em numero de cinco; a saber: *Factos*, *Nomenclatura*, *Systema*, *Theoria*, e *Methodo* [*Vejão-se estas palavras*] Quanto mais rico e mais perfeito em cada hum destes cinco

elementos he qualquer ramo dos nossos conhecimentos, tanto mais lhe compete o nome de *Sciencia.* (§§. 10—19.). E posto que cada hum delles seja até certo ponto independente dos outros, de modo que póde huma Sciencia achar-se consideravelmente adiantada em huns, e muito atrazada em outros [V. *Medicina*, *Technologia*] (§§. 496. *e seguintes*) com tudo o que está em mais exacta proporção com os progressos da Seiencia he a *Nomenclatura*: de maneira que á medida que observarmos achar-se mais chegada á perfeição a Nomenclatura de qualquer Sciencia, poderemos concluir com segurança achar-se esta mais chegada ao seu maximo de perfeição em todos os outros quatro elementos. [V. *Nomenclatura*] (§§. 538. e seguintes).

Huma conseqnencia, a meu ver da mais relevante importancia, que desta observação sobre os cinco elementos essenciaes de toda e qualquer Sciencia se segue immediatamente, he que pretendendo-se comparar entre si differentes Sciencias com o fim de se averiguar qual dellas se acha mais adiantada, senão deve fazer hum parallelo vago e indistincto de todos aquelles cinco elementos ao mesmo tempo; mas de cada hum delles separadamente. (§§. 495.— 507.).

Seguindo estes principios, se estabeleceu nos §§. 514 — 580: e 628 — 675. huma comparação das *Sciencias Moraes* com as *Sciencias Physicas* e *Mathematicas* [Vejão-se estas palavras] Do qual parallelo resulta: 1.° Que em quanto a *Factos* as *Sciencias Moraes Positivas* [posto que o seu campo seja muito menor que o das *Sciencias Physicas Positivas* (§. 515.)] se achão á proporção muito mais ricas sem *Factos* do que ellas (§§. 517 — 519. 530 — 536. 570 — 572. 577 — 580.): e por tanto muito mais perto do seu maximo de perfeição (§§. 505. 516.). O mesmo se convence comparando-se as *Sciencias Mathematicas* (§§. 521 — 527.). 2.° Que no que diz respeito a *Nomenclatura* as das *Sciencias Physicas* não supportão debaixo de nenhum ponto de vista comparação com a das *Sciencias Moraes*, nem quanto á elegancia de phrase, nem quanto á riqueza de termos, nem quanto á variedade de expressões. (§§. 538 — 552.). Quanto porém á *Nomenclatura* ou *Linguagem* das *Sciencias Mathematicas* demonstra-se nos §§. 258 — 262. e 553 — 569. que não sómente ella he incom-

paravelmente mais limitada que a de *qualquer dos ramos das Sciencias Moraes*, mas que se acha desfeada com hum monstruoso vicio de constituição, qual senão encontra em nenhuma outra Sciencia, e que não consiste em nada menos do que em dar ao mesmo tempo, sem variar de caso nem de circunstancias, seis, e mesmo oito significações a huma só e unica expressão. O que dá ás *Sciencias Mathematicas* a grande excellencia sobre todas as outras, e que lhe grangeou com preferencia a todas ellas o titulo de Sciencia por antonomasia, foi a admiravel simplicidade da sua Linguagem. (§. 663.). Porém esta mesma simplicidade acanhando necessariamente os limites da Linguagem das Mathematicas a constitue por isso mesmo muito inferior á das Sciencias Moraes em variedade e riqueza. (§. 664.). 3.º Que em quanto a *Systema*, as *Sciencias Physicas* offerecem na realidade mais tentativas do que as *Sciencias Moraes*: e deve-se dizer, que tendo-se trabalhado muito a este respeito em favor daquellas, parece não se ter feito nada em favor destas. Entre tanto seria grande erro asseverar que os *Factos* das *Sciencias Moraes* se achão desligados e sem *Systema*. Por pouco que se contemplem os Tratados escriptos sobre objectos da competencia destas Sciencias se observaria que os conhecimentos se achão subordinados huns aos outros debaixo das rubricas de Classes, Ordens, Secções, Generos, e Especies entre si subordinadas sem coufusão nem desordem (§. 628.): de modo que o que falta ás *Sciencias Moraes* para rivalisarem com as *Sciencias Physicas* em ponto de *Systema*, não he já o distinguir os objectos de que ellas tratão, com huma serie de nomes ou expressões que designem as successivas rubricas systematicas de que acabamos de fallas: o que lhes falta he dispor essas rubricas pela forma methodica e synoptica que os Naturalistas praticarão na Zoologia, na Mineralogia, e sobre tudo na Botanica. Mas por não estar ainda feito este trabalho, que he, para assim dizer, mechanico, não se segue que a classificação dos objectos não exista muito clara e distinctamente caracterisada nos numerosissimos Escriptos dos Philosophos que tem tratado dos differentes ramos das *Sciencias Moraes*. (§§. 629 — 633.). Por forma de exemplo se dá nos §§. 634 — 647. e 671 — 674. hum ligeiro esboço do estado das Sciencias Juridicas rela-

tivamente a este terceiro elemento. De todas as quaes considerações se deduz, que os conhecimentos constituintes das Sciencias Moraes não só se achão já real e effectivamente distribuidos em huma regular e mui circunstanciada classificação; mas que esta Classificação sendo em tudo conforme aos principios dos Systemas Naturaes, leva grande vantagem ás differentes Classificações ideadas pelos Naturalistas nas suas respectivas profissões; pois que todas são fundadas em caracteres artificiaes, cujos intrinsecos defeitos miudamente se achão expendidos nos §§. *605 — 627*. 4.º Que em ponto de *Theoria* he certo dever-se achar mais adiantada aquella Sciencia onde as *Qualidades* dos objectos respectivos se acharem mais bem classificadas. (§§. *623*. *624*. *649 — 658*.). Ora sendo certo, que nas *Sciencias Moraes* a Classificação das Qualidades sobre que ellas versão, se acha incomparavelmente mais adiantada do que a das *Qualidades* physicas como o prova a sua Linguagem muito mais rica e variada; já se vê que tambem os seus progressos em ponto de *Theoria* devem ser muito mais consideraveis do que os das *Sciencias Naturaes*. (§§. *659*. *660*.). V. *Theoria*. Mas além desta inducção *a priori*, a experiencia nos prova cada dia ser incomparavelmente maior o numero de casos da ordem moral que da ordem physica, em que nós com plena certeza e acerto, dada a razão ou a causa, predizemos o effeito: ou observando algum effeito assignamos sem hesitar qual seja a razão e causa delle: que he como se sabe o a que os homens chamão Theoria. (§§. *512*. *525*. *662*. *664*.). *5*.º Que finalmente comparadas as *Scieucias Moraes* ás *Sciencias Physicas* relativamente ao quinto elemento (o Methodo) he fora de toda a duvida que os Escriptores das primeiras se tem descuidado tanto desta importantissima parte da Sciencia, quanto os Naturalistas tem mostrado pelo facto estarem convencidos de que em quanto não assentassem sobre o *Methodo* da respectiva Sciencia certos e invariaveis principios já mais esta poderia fazer progressivos passos para a sua real e effectiva perfeição em nenhum dos outros elementos acima ponderados. (§. *671*.). Com tudo he preciso não perder de vista, que tudo quanto os Corypheos das *Sciencias Naturaes* tem escripto em materia de *Methodo* se deve antes considerar como progressos das *Sciencias Moraes* do que das *Sciencias Physicas*; pois

que quem diz *Philosophia Botanica*, *Philosophia Entomologica*, *Philosophia Chimica* &c. &c. diz hum complexo de principios geraes sobre a Arte de observar os *Factos*: de denominar os objectos conforme a huma bem combinada *Nomenclatura*: de dispor os mesmos Objectos em hum arranjado *Sys ema*: e em fim de subordinar de tal modo as observações, que nos differentes phenomenos sobre que ellas versão, fiquem manifestas as relações de Agente e Paciente, de Razão e de Effeito, em que consiste o conhecimento da *Theorica* da Sciencia. Ora o complexo destes principios constituintes do Methodo (deixando de parte a applicação delles á particular Sciencia de que se trata) por isso mesmo que não são Zoologia, nem Botanica, nem Mineralogia, fazem parte da Philosophia em geral. (§§. 4. 9.); e por conseguinte são outras tantas acquisições das *Sciencias Moraes*. (§§. 507 — 512.). Por onde em ultima conclusão póde-se affirmar, que em ponto de *Methodo* tem sido communs para as *Sciencias Moraes*, e para as *Physicas* os progressos que os Philosophos cultivadores destas ultimas lhes tem feito fazer nestes dois ultimos seculos.

Sciencias Historicas: São aquellas que comprehendem unicamente a exposição dos *Factos* de qualquer dos ramos dos nossos Conhecimentos, ou destacados, ou em *Systema*: com deducção da *Nomenclatura* e do *Methodo*, ou sem ella. A' parte historica das Sciencias Physicas affectou-se o nome da *Historia Natural*. A' das Sciencias Moraes não se tem dado epitheto particular, mas varia-se de nome, segundo os objectos. (§§. 510. 511.).

Sciencias Hypotheticas: Denominão-se assim todas aquellas Sciencias, cujos objectos senão affirma serem dados pela observação: e por conseguinte das Definições e Axiomas que lhes tem de servir de bases e de principios (§§. 280 — 282.), senão affirma serem a enumeração do que os homens entendem pela expressão definida; mas sómente servem a convencionar que no decurso daquelle Tratado se tomarão taes expressões no sentido que por aquellas definições ou Axiomas se lhes assigna. (§§. 598. 602.). Com tudo he de advertir que quanto estas Definições e Axiomas se approximarem mais do que os homens em commum entendem no caso de que se trata, pela expressão definida;

tanto serão mais uteis; porque nessa proporção he que os resultados dos discursos que assentarem sobre taes bases se approximarão da realidade da Natureza. (§§. 512. 525. 662 — 664.). De senão attender a esta consideração tem resultado que a maior parte dos trabalhos, e determinadamente os mais delicados e engenhosos da Mathematica são absolutamente inuteis, e até mesmo ás vezes perigosos quando delles se quer fazer uso para conjecturar os phenomenos da Natureza: e deverião ser considerados como meros passatempos, senão envolvessem necessariamente a grande vantagem de exercitar os espiritos no manejo da respectiva Linguagem: e faze-los por conseguinte descobrir novos recursos de Nomenclatura que mais cedo, ou mais tarde vem sempre a conduzir a grandes descubertas, tanto em *Systema* como em *Factos*. (§§. 10. 315. 323. 664.). O que digo da *Mathematica* das *Sciencias Physicas* se verifica da *Mathematica das Sciencias Moraes*. (§. 512.); porque tambem nestas são de mui pouca utilidade para se applicarem aos usos da vida, a maior parte das Obras aliás engenhosissimas, em que se desenvolvem as propriedades de Homens, e de Sociedades absolutamente hypotheticas, tão differentes das que na realidade existem, que os resultados daquellas suas sublimes concepções nenhuma applicação podem ter aos usos da vida: e, o que he origem das mais lamentaveis desgraças, cahindo em mãos inhabeis, e incapazes de conhecer a total differença que existe entre o real e o hypothetico, dá lugar a quererem-se pôr em pratica no trato civil e politico principios rigorosamente deduzidos das Hypotheses; mas por isso mesmo só e exclusivamente praticaveis no Mundo imaginario de que tão abstractas Hypotheses fazem parte. (§§. 573. *e seguintes*).

Nos §§. 573. e seguintes se tentou hum rapido esboço da maneira como as Sciencias depois de terem chegado a hum certo gráo de perfeição, costumão decahir, e as Nações, como arrastradas por huma inevitavel fatalidade, se vêm precipitadas do zenith da mais culta civilisação nas trevas de huma torpe barbaridade. V. *Charlatanismo.*

Sciencias Mathematicas. V. *Mathematicas.*

Sciencias Intellectuaes. V. *Sciencias Moraes.*

Sciencias Moraes: Denominão-se assim propriamente aquellas Sciencias que dizem respeito a objectos da Moral do Ho-

mem, do Cidadão, ou das Sociedades. Mas figuradamente tem-se dado este nome a todos aquelles conhecimentos, que não são particulares ás Sciencias, que tem por objecto alguma propriedade corporea, e as quaes tambem se denominão *Sciencias Intellectuaes.* (§§. 4.5. 507.). Estas Sciencias, se dividem como todas as outras, em Sciencias *Historicas*, e *Theoreticas*, *Positivas*, e *Hypotheticas.* [*Vejão-se estas palavras*] (§§. 509. 511. 525.). V. *Mathematicas.*

Sciencias Naturaes ou Physicas: Chamão-se assim em commum todas aquellas Sciencias, que versão sobre as propriedades dos Corpos, taes como nos são conhecidas pela experiencia. (§. 507.).

Sciencias Positivas: São assim denominadas aquellas Sciencias de cujos objectos se affirma, existirem na realidade, taes como nós os descrevemos. (§. 509.).

Sciencias Theoreticas: Este epitheto serve a designar que não se trata de descrever os objectos da Sciencia em questão, mas sim de expor debaixo de tal ou de tal ordem as qualidades delles, que se veja claramente a ordem das relações de Causa, ou Agente e Paciente, de Razão, e de Effeito em que consiste a respectiva *Theoria.* (§. 657.).

Secção: Ordinariamente basta dividir os objectos da Sciencia em Classes, Ordens, Generos, e Especies. Mas acontece ás vezes apparecerem entre estas quatro rubricas algumas (por exemplo entre os Generos) tão abundantes, que he possivel e conveniente o subdividi-las em varios Gruppos de Especies: e como era preciso dar a estes Gruppos hum nome, chama-se-lhes *Secção.* (§. 14.).

Sempiterno: Este epitheto significa; que a duração (tanto a preterita, como a futura) do objecto, a que ella se applica, são infinitas. (§. 127.) V. *Infinito.*

Sensação: Idéa dos objectos presentes. Como nada obsta, antes a experiencia mostra, que muitas vezes estando ausentes os objectos temos exactamente as mesmas idéas, como quando elles erão presentes; a maior parte dos Philosophos antigos, e com mais clareza ainda hum grande numero dos modernos, entre os quaes se distingue Condillac, observarão que considerada a *sensação* em nós mesmos: e fazendo-se abstracção da circunstancia externa de estarem ou não presentes os objectos; ella he o mesmo que o que chamamos *idea*: e se bem por outra parte nós damos o nome de

idéa ao que em nós observamos na ausencia dos objectos, não o tendo sentido, presentes elles: com tudo essa differença não existe entre as *idea componentes*, mas só entre os *compostos*: de modo que se, ausentes os objectos temos algumas idéas, essas são identicas com outras, que tivemos, presentes elles: poderá haver novo *complexo de ideas parciaes* por *composição* (§. 46.) ou por *abstracção* (§. 47.) mas não ha nenhuma *idea parcial* nova. E logo não só *toda a sensação he idéa*; mas tambem *toda a idéa he sensação*; isto he: toda a idéa ou he absolutamente identica com alguma sensação antes experimentada: ou se compõe de idéas parciaes de huma ou de varias sensações; ou, o que vem a ser o mesmo: toda e qualquer idéa que tenhamos, ausentes os objectos, a temos tido quando nos forão presentes alguns, ou algum delles. (§§. 38. *e seg.* 70.).

Sentir. V. *Sensação.*

Simples: Este adjectivo serve a designar, que ao objecto, a que elle se applica, e relativamente a qualidade, de que se trata, só compete hum unico nome. (§§. 46. 113.).

Soffrer: Ser paciente. (§§. 89. 90.) V. *Paciente.*

Solido: Chama-se assim ao Corpo, cujas partes todas se attrahem, e se seguem, sempre em cohesão. (§. 150.).

Sonho: Operações mentaes durante o somno. (§. 68.).

Substancia: Esta palavra denota o complexo das qualidades do Individuo, de que se trata, que são communs a hum dado momento, e a momentos a este precedentes e seguintes. (§§. 44. 79. 80.) V. *Essencia*, *Natureza.*

Superficial: Dá-se este epitheto ás pessoas que se contentão com idéas inadequadas dos objectos do seu estudo. (§. 229.).

Superficie: No §. 50. se cita esta palavra como huma das que só denotão actos de abstracção do nosso espirito, que não são destinadas a nomear nenhuma substancia, nem qualidades de alguma substancia, mas sómente a designar concepções mentaes, que aliás se poderião e costumão enunciar por meio de phrases. (§§. 460. 461.).

Supposições: V. *Hypotheses*, *Sciencias Hypotheticas.*

Syllabisação: Denomino assim huma pratica algumas vezes usada entre os Gregos: mas singularmente vulgarisada entre os Italianos, de alterar as palavras mu[illegible]ndo-lhes as syllaba[illegible] de que ellas se compoem, sem qu[illegible]

nada a sua significação, ou força de expressão, mas sómente para tornar as phrases mais variadas em prosodia: e por isso mais gratas ao ouvido. (§. 379.).

Syllepse: Consiste este tropo em que huma mesma palavra se acha em huma phrase referida a dois objectos ao mesmo tempo; porém a hum no sentido proprio, e ao outro como Catachrése. Nos §§. 416 — 420. se expendem e exemplificão as varias especies de Syllepses.

Syllogismo: Qualquer simples phrase que se queira demonstrar encerra dois termos, cuja identidade ou differença entre si a phrase affirma. De dois modos pois se pode ella demonstrar: 1.º Substituindo a ambos e a cada hum daquelles dois termos a sua definição: 2.º Substituindo-a sómente a hum delles; por ficar desde logo clara a identidade ou differença que existe entre ambos. (§§. 254. 255.). No primeiro caso chama-se ao raciocinio *Syllogismo*: no segundo chama-se-lhe *Enthymema*. (§§. *298. e seguintes* 304.).

Syncope: Dá-se este modo de *Derivação* das palavras quando no derivado se omitte alguma letra da raiz, Exemplo: de *Herdar*: *Herança*, em vez de *Herdança*. (§. 434.).

Synecdoque: Tem lugar este tropo todas as vezes que querendo designar hum todo nos servimos do nome de huma das suas partes. Nos §§. 392. 393. 396. 397. 402 — 406. e 414. se expõe miudamente a theoria da Synecdoque: e se expendem e exemplificão as suas differentes especies: E no §. 408. se faz notar o em que difira da Metonymia.

Synérese: Modo de derivação das palavras, que consiste em substituir no derivado huma só vogal em vez de duas que existião na raiz. Exemplo: Em vez do *ei* de *Alheio* vê-se sómente *e* em *Alhear*. (§. 435.).

Synisése: Troca de huma só consoante por duas na derivação das palavras. Exemplo: *rz* em *Gozar* em vez de *st* da raiz *Gostar*. (§. 435.).

Synonymos: Denominão-se assim duas expressões, quando ha casos em que he indifferente usar de huma ou da outra. Haver expressões em quem isto se verifique, he ponto que não podia já mais entrar em questão. Entre tanto questionou-se, e ainda se questiona se ha ou póde haver Synonymos em alguma Lingua. A razão desta disputa foi a negligencia com que se definia a palavra Synonymos dizendo-se

serem aquellas expressões de que se pode empregar indifferentemente huma ou a outra.

Os que assim definião não querião dizer que fosse *sempre* indifferente empregar huma ou a outra das duas expressões; mas como não declaravão tão pouco que bastava o sê-lo *algumas vezes* para se lhes chamar synonymos; os adversarios tomavão a definição na generalidade em que era concebida: e negavão com razão haver expressões que estivessem *sempre* nesse caso. Os defensores dos synonymos em vez de advertirem no motivo da equivocação, e reformarem a sua definição, entrarão a quere la sustentar em toda a sua erronea generalidade: e para isso recorrerão á absoluta identidade de diversas expressões tomadas em differentes Artes, em differentes Provincias, ou em differentes tempos. Nos §§. 374 — 382. se mostra a incongruencia destas allegações.

Os Escriptores que se occupárão com este assumpto, estavão tão alheios do seu verdadeiro espirito, que em vez de huma regular e methodica Theoria dos Synonymos nada disserão sobre a materia em geral, e mesmo limitando-se a tratarem dos Synonymos desta ou daquella Lingua em particular, applicarão-se unicamente a marcar as differenças dos mesmos Synonymos: e mesmo isso com tanta negligencia, e por meio de tão vagas e destacadas confrontações, que o Leitor fica mais confuso sobre a extensão e limites da Synonymia do que antes. (§. 383.).

Em geral derivão da definição de Synonymos. (§§. 206. 207.) os seguintes principios; a saber: 1.° Que se ha caso em que seja indifferente tomar huma ou a outra das duas expressões, isto só póde acontecer, porque as circunstancias deixão ver claramente que o de que se trata he de idéas, que são communs a ambas as expressões: 2.° Que de dois modos podem aquellas expressões ter ambas hum certo numero de idéas communs: primeiro quando huma denota hum genero, de que a outra denota huma especie: segundo, quando ambas denotão especies de hum mesmo genero: E por conseguinte duas são tambem as classes em que cumpre distinguir os Synonymos: huma em que ambos os Synonymos são co-especies de hum mesmo genero: e a outra em que hum he genero, e o outro he especie desse mesmo genero. (§§. 356 — 362.): 3.° Que supposto te-

rem sempre idéas communs as duas expressões synonymas, póde acontecer que sendo indifferente em alguns casos usar da primeira em vez da segunda, não seja reciprocamente licito usar desta em vez daquella: e isto porque as idèas que sobresahem na primeira são as genericas que se querem exprimir: e na segunda são as individuaes, que antes cumpre suffocar. (§. 407.).

Ha logo entre os Synonymos huns que são absolutamente reciprocos entre si, de modo que nos casos em que tem lugar a sua Synonymia he tão indifferente empregar o primeiro em vez do segundo como este em vez daquelle. Ha outros porém a que se póde dar o nome de irreciprocos; porque se bem tenha entre elles lugar a Synonymia podendo-se usar hum em vez do outro, nunca he licito usar deste em vez daquelle.

Se compararmos a definição de *Synonymos* com a de *Tropos* veremos que esta ultima expressão abraça todos os casos da *Synonymia*: havendo além disso varios Tropos em que ella não tem lugar.

Ora do mesmo modo que os Tropos são origem de muitos erros, asssm tambem o costumão ser os Synonymos: todas as vezes, que sem mais razão do que o poder-se indifferentemente empregar qualquer das duas expressões em casos, onde só se trata de designar as idéas que lhes são communs a ambas; cahimos na imprudencia de julgarmos que nos he licito usar indifferentemente de huma ou de outra em casos, onde se trata de designar, não já as idéas que lhes são communs a ambas, mas as que são particulares a alguma dellas. (§§. 337. *e seguintes*: 562. 563. 567. 577. 578.).

Entre tanto merece observar-se que os erros assim resultantes do abuso da Synonymia que costumão ter lugar nas Sciencias Moraes e Trato humano (§§. 564. *e seg.*) são menos prejudiciaes, e até menos perigosos, do que os que nas *Sciencias Physicas* e *Mathematicas* se costumão commetter pelas falsas idéas que os Autores das Nomenclaturas daquellas duas ordens de Sciencias havião concebido a respeito da influencia dos Synonymos sobre a Linguagem: idéas tão erroneas que conduzirão os Naturalistas a exterminar de suas Nomenclaturas todos os Synonymos. (§. 578.) e aos Mathematicos a introduzirem na bella Linguagem da Sciencia que professavão certas expressões que fossem

sempre que se quizesse Synonymos entre si. (§§. 579. 580.).

Synthese : Assim como pela *Analyse*, ou *Methodo analytico* deduzimos Principios geraes de Observações particulares : assim tambem de Principios geraes deduzimos conclusões particulares : e isto he o que se chama *Synthese* ou *Methodo Synthetico*. (§§. 230. 232.).

As extravagantes idéas dos Escholasticos sobre o Methodo Synthetico derão occasião ao grande Condillac para se perder em hum Labyrintho de discussões adiaphoras contra este methodo. Nos §§. 270 — 297. 303 — 307, e 590 — 593. se rectificão as idéas que cumpre ter a respeito do que se entende por *Synthese* : e se põe o Leitor em estado de avaliar a equivocação donde procedem as inexactas asserções de Condillac.

Systema : A disposição dos objectos em varios Gruppos de maneira que começando por hum Gruppo, que comprehende a todos os ditos objectos se nota subdividir-se elle em outros menores Gruppos ; e cada hum destes ainda em outros : e assim por diante até se chegar a Gruppos simplices que já senão dividem em outros, e só comprehendem hum certo numero de Individuos ; eis-aqui o que se chama *Systema* : chamando-se *caracter systematico* a cada hum dos complexos de qualidades communs a todos os Individuos de hum mesmo Gruppo. He de saber que aos Gruppos mais compostos em que se divide o Systema se lhes chama *Classes*, a aquellas em que se subdividem as *Classes*, *Ordens*, aos seguintes *Secçoes*, aos de que as Secções se compoem, *Familias*, aos das Familias *Generos* : e aos dos Generos *Especies*, que vem a ser os ultimos Gruppos que senão subdividem em nenhuns outros, e só comprehendem Individuos que tem unicamente de commum os caracteres especificos além dos de Genero, Familia &c. até aos de *Classe* e *Systema*.

Quando se tratou dos progressos das Sciencias observou-se que cumpria considera-las debaixo de cinco differentes respeitos a que dei o nome de Elementos de toda e qualquer Sciencia em geral ; a saber : *Factos*, *Nomenclatura*, *Systema*, *Theoria*, e *Methodo*. (§§. 10. *e seq.*) Esta ordem em que fiz preceder a *Nomen*[illegible] ao *Systema* : a asserção de que aquelles cinco elementos são ate-

hum certo ponto independentes huns dos outros (§§. 476. *e seg.*) : e emfim a prerogativa de entre todos elles ser a *Nomenclatura* quem melhor póde servir de medida para se ajuisar dos progressos de qualquer Sciencia a todos os mais respeitos (§. 540. V. *Nomenclatura*) : tudo isto poderia conduzir a concluir-se erradamente que não póde haver Systema sem Nomenclatura. Tanto para evitar este engano, como para assentar principios sobre a theorica dos Systemas, de que tão pouco se encontra nos Escriptos dos melhores Philosophos, se expendem nos §§. 606—611. cinco differentes especies de *Systemas* insistindo-se particularmente na dependencia que este terceiro elemento das Sciencias tem do segundo, que he, como acabamos de ver, a *Nomenclatura*. Mas a *Nomenclatura* de qualquer Sciencia está subordinada aos objectos da mesma Sciencia : e assim como estes se dividem em *Entes* e *Qualidades* (§§. 81. 235.) assim tambem a Nomenclatura, ou versa sobre os primeiros, ou sobre as segundas (§§. 623. 624.) : E por tanto póde o *Systema* ser assistido de huma destas duas Nomenclaturas sómente (§§. 608.) ou de ambas (§. 609.) assim como póde ser destituido de sufficiente Nomenclatura tanto a hum como a outro destes dois respeitos (§. 607.).

Depois de assim considerados os Systemas relativamente aos seus objectos nos citados §§. 657. 663. 664. 623 — 625. : e nos §§. 606 — 622. relativamente ás suas possiveis dependencias com a Nomenclatura de que já mais lhes he licito prescindir ; seguia-se tratar da sua confecção : e por isso depois de se mostrar nos §§. 481. 482. e 490. a distincção entre os *Systemas Naturaes* fundados no *Principio natural das Transições* (§§. 413. 480. 481.) e os *Artificiaes* fundados no *Principio artificial das Qualidades Capitaes* (§§. 490. 491.) : se deduz nos §§. 610 — 619. o como estes ultimos vierão depois daquelles fazendo o espirito huma especie de passo retrogrado na Sciencia e se ponderão nos §§. 483 — 486. os gravissimos e inevitaveis inconvenientes que são intrinsecos aos Systemas Artificiaes : e designado no §. 625. o maximo de perfeição a que elles podem aspirar ; se evidenceia nos §§. 621. e 626. pela comparação deste maximo com a indefinida perfectibilidade dos Systemas Naturaes o quanto estes são supe-

riores a aquelles. Entre tanto conduzidos pela definição mesma de Systema (§§. 13. e 15.), facilmente nos podemos convencer no §. 487. da injusta precipitação com Buffon, e outros alguns insignes Philosophos condemnão sem restricção os *Systemas Artificiaes* sem reflectirem ao menos que o talento genial de hum Linneo (para quem era impossivel que aquelles seus Adversarios não olhassem senão com admiração e respeito) não teria contrahido seus sublimes vôos aos acanhados limites de hum *Systema Artificial*, se no estado da Sciencia existissem sufficientes dadas para satisfazer ao problema que tinha de resolver, mediante hum *Systema Natural*. Esta consideração suscita immediatamente a distincção que nos §§. 488 — 492. se faz dos Systemas em *Exegeticos* e *Diagnosticos*: distincção capital nesta discussão; porque ella nos mostra, cómo Linneo, e os que antes ou depois delle imaginarão *Systemas Artificiaes*, o que tiverão principalmente em vista foi o crearem *Systemas Diagnosticos* (§§. 489 — 491.); posto que por lhes faltarem noções assás precisas desta distincção: ou por julgarem que era possivel resolverem ao mesmo tempo ambos os problemas, se vê que forcejarão por combinar em hum só os dois Systemas *Natural* e *Artificial*: *Exegetico* e *Diagnostico*: Tentativas que a pezar de muito engenhosas e fundadas no principio por extremo luminoso das qualidades Capitaes, como se expõe nos §§. 490. 491. 697. se demonstra nos citados §§. 483—486. e nos §§. 462. 493. 618. 619. 622. 626. 679 — 682. 696., que todas tem sido mallogradas: Concorrendo grandemente para isso em varios ramos da Historia Natural o não terem seus Autores reflectido na distincção (que nos §§. 690 — 697. e 703 — 708. se expende com a miudeza que exigia a importancia da materia) entre *Systemas fundados em Qualidades communs*: e *Systemas fundados em Qualidades exclusivas*. Entre tanto não se deve por isso perder a esperança de huma tão vantajosa reunião: antes as reflexões que sobre este assumpto se encontrarão nos §§. 612 — 617. 624 — 627. 657. 677 — 695. deixão entrever que as Sciencias manejadas por huma mão habil e conforme aos principios de huma solida Methodologia, chegarão a hum gráo superior de perfeição em ponto de *Sy[illegible]* que sendo ao mesmo tempo *Exegetico* e *[illegible]co*, sa-

tisfaça de huma vez ás differentes precisões da Sciencia.

Por ultimo convem advertir que frequentemente se confunde o *Systema* com a *Theoria*: confusão muitas vezes acertada, pois que toda a *Theoria* he hum *Systema de Qualidades* (§§. 649. e seg.); mas que seria erronea sempre que se tratasse de *Systema de Substancias* (§§. 623. 624.).

Tacto: Além de significar o sentido commum a toda a superficie interna e externa do nosso corpo, designa esta palavra a grande facilidade com que em virtude de repetidos actos deduzimos de principios dados consequencias assás remotas. Sobre tudo se usa desta denominação quando nos não lembra como pela repetição daquelles actos viemos a adquirir esta facilidade que antes não tinhamos. (§§. 224. 226.).

Talento: Chama-se assim á capacidade de vir com pouco estudo a adquirir a facilidade de comprehender, e de conceber, ou de imaginar. (§. 226.).

Technologia: Esta Sciencia que comprehende o conhecimento theorico, pratico e historico de todas as Artes e Officios offerece no §. 498. hum convincente exemplo de como podem alguns dos que alli se denominão elementos de qualquer Sciencia em geral, estar muito adiantados, entre tanto que todos os outros até quasi não existem; pois que esta Sciencia sendo riquissima em *Factos*, quasi não tem *Systema*: em vez de *Nomenclatura* he hum monstruoso composto de expressões ineptas ou absurdas: salvo nesse pouco que toma emprestado á Physica, e á Chymica, que são tambem as unicas de quem recebe aqui ou alli alguns vislumbres de *Theoria*: de modo, que reduzida a huma mera *Rotina*, nem possue, nem he por ora admissivel de *Methodo*. (§. 498.).

Tempo: Dá se este nome a hum espaço qualquer T corrido por hum movel M, quando queremos dizer que o consideramos como huma serie de termos dados todos iguaes entre si: e o escolhemos para delle affirmarmos que se tambem considerarmos os espaços N, P, R, S, &c. corridos por outros moveis D, C, B, A, &c., como series de termos, iguaes ou desiguaes, mas conforme a huma lei dada para cada huma das mesmas series; o numero dos termos

de cada huma destas series N, P, R, S etc. he sempre igual ao dos daquelloutra T. (§. 123.).

Terminologia : V. *Linguagem*, *Nomenclatura*.

Theologia : Tratado de Attributos de Deos : das relações das Creaturas com o Creador (Idéa Geral V. — §. 30.).

Theoria : Entende-se por esta palavra a exposição das relações de *Agente*, e *Paciente*: *Razão* e *Effeito*, que existem entre os objectos da Sciencia, de que se trata (§. 17.). Como os differentes estados do *Agente* e do *Paciente*, em que consistem as relações da *Razão* e de *Effeito* constituem o que chamamos *Qualidades*, tanto de hum, como de outro (§§. 43. 71.) ; segue se que se nós houvermos chegado a formar hum bem ordenado *Systema das Qualidades* dos entes sobre que versar a Sciencia, que estudamos, seremos senhores de huma exacta Theoria da mesma Sciencia (§. 657.). Esta observação nos offerece a facilidade de procedermos rigorosamente na indagação e confecção da *Theoria* de qualquer Sciencia com mais segurança e methodo do que nisso se costuma trabalhar ; pois que se discorrermos pela historia das especulações theoricas, tanto nas Sciencias Moraes, como nas Sciencias Physicas e Mathematicas acharemos que em vez deste simplicissimo methodo, se começou quasi sempre por assentar Hypotheses : das quaes humas adquirindo certa plausibilidade, só servião de deslumbrar os animos menos acautelados : outras depois de terem por muito tempo exercitado em inuteis provas e tentativas aos seus Autores, bem longe de os illustrar, os conduzião a novas e novas Hypotheses, humas mais absurdas do que as outras. Todos os quaes desvarios se terião evitado, se se houvesse reflectido que na *classificação das Qualidades* dos objectos da Sciencia, á medida que as fossemos descobrindo conduzidos pelo infallivel fio da Analyse, he que unicamente podia consistir a verdadeira Theoria fundada em principios certos deduzidos sem esforço pela luz da razão da immediata experiencia, e não laboriosamente excogitados a través hum tenebroso labyrintho de hypotheses, pela desenvoltura de huma desreglada phanthasia.

A primeira e por ventura a mais funesta consequencia deste errado methodo de deduzir a *Theoria das* Sciencias foi o desacreditar de hum só golpe todas as *Theorias* : de

modo que esta expressão passa hoje como hum synonymo de chimeras.

Felizmente o natural bom senso manteve nos casos mais importantes, taes como a Medicina, os seus direitos, e ao mesmo tempo que a desvairada imaginação *amontoava hypotheses* sobre hypotheses, ella *gruppava factos*. As hypotheses de huns cederão o lugar ás hypotheses dos outros. Mas os *factos* gruppados pela razão e pela experiencia chegarão inconcussos até nós, e chegarão até á mais remota posteridade a través dos estragos dos seculos. Os Philosophos, que assim pretenderão enriquecer a Sciencia com as luzes de theorias por elles imaginadas, ignoravão que aquelles *Gruppos de factos* classificados pela simples reiteração das observações, he que erão a *Theorica* da Sciencia: não perceberão que o nexo Systematico que os unia em hum todo lhes dava a huns o caracter de *Razão*, e a outros o de *Effeito*: relação que huma vez estabelecida nada mais deixava a desejar para se ficar na plena certeza de se ter a verdadeira Theoria da Sciencia. Conhecião que na realidade taes phenomenos erão a *Razão* de taes outros phenomenos: não podião duvidar que estes erão *Effeitos* daquelles, e só daquelles; mas entenderão que lhes faltava ainda achar o *Como* desta relação, entre elles existente, de *Razão* e *Effeito*: e foi para mostrar esse *Como*, que ás dadas da experiencia e da razão accrescentarão (e o que peior he até não poucas vezes substituirão) as chimeras da phantasia. Nos artigos *Como* e *Modo* se póde ver a funesta influencia que a falta de huma justa idéa da significação destas palavras tem tido nas Sciencias. Eu não pretendo com isto que a Theoria Medica (e o mesmo digo das das outras Sciencias) esteja tão perfeita que entre *Gruppo* e *Gruppo*, e mesmo entre os *Factos* de cada Gruppo não faltem ainda muitos que por negligencia dos Observadores não tem sido apontados, e que a serem conhecidos terião tornado a Theoria muito mais miuda e completa. A positiva asserção que no §. 497. se encontra do grande atrazamento da Medicina por exemplo em *Nomenclatura*, e em *Systema*, bem como da absoluta falta de *Methodo*, basta para fazer ver que a *Theoria*, posto que muito mais adiantada, do que á vista disso seria de esperar, necessariamente se ha de achar muito atrazada e defeituosa. (§§.

538 — 540.). O que eu neste artigo tenho querido incul-car, he que se a Medicina ou alguma outra Sciencia possuem huma *Theoria*, nella se devem distinguir duas partes absolutamente heterogeneas; a saber: 1.º Hum *Systema* regular *das Qualidades* dos objectos da Sciencia, formado no decurso dos seculos pela *Observação* e *Experiencia*: no qual Systema consiste a verdadeira *Theoria* da Sciencia: 2.º Hum certo numero de principios geraes accrescentados por este ou por aquelle Philosopho com o destino de encher os vacuos que de facto podem e devem existir entre as partes componentes do systema, pela falta de huma assás miuda observação dos *Factos*: esta parte addiccional he a que constitue a Theoria dos differentes Escriptores. A alguns destes he certo que se lhes deve fazer a justiça de se reconhecer que não só adiantárão a Sciencia com a apparente riqueza de huma *Theoria toda especulativa*: antes accrescentárão novos e importantissimos *Factos*; mas o que disse da sciencia em geral, tem applicação ao trabalho destes Philosophos em particular: deve se distinguir nella cuidadosamente o que he *Observação*, ou immediato resultado della, do que he pura *Especulação* ou *Phantasia*. V. *Sciencias Theoreticas*.

Tmese: Modo de derivação das palavras por meio de transposição de Syllabas. Exemplo: *Dar-lhe ha* em vez de *Lhe dará*. (§. 436.).

Tocar-se: Estar em *contacto* (§. 114.).

Transformação: Usa-se desta palavra para significar que o Systema de que se trata mudou de attributos (§. 47.): o que acontece por tres modos; a saber: ou pela perda de alguns dos antigos componentes, ou pela addicção de alguns de novo: ou por ambos estes modos ao mesmo tempo. A alguns Philosophos, entre os quaes se distingue particularmente Boscowich, tem parecido existir hum quarto modo de transformação, que a ser a sua opinião verdadeira, consistiria em mudarem os componentes do systema meramente de esphera de actividade, sem perda dos antigos, nem addicção de novos componentes. Esta asserção tomada ao pé da letra não he admissivel; porque estando intimamente ligadas entre si as differentes partes de que este Universo se compõe (§§. 177 — 187.) he impossivel que se alterem as relações entre os componentes de qual-

quer dos systemas parciaes do mesmo Universo, ainda que seja pela simples mudança da esphera de actividade daquelles componentes, sem que passe simultaneamente a ser outra e mui diversa do que antes era, a sua acção sobre os demais systemas parciaes do Mundo começando pelos que mais perto estão de seu alcance: e logo he impossivel o suppôr semelhante alteração entre os componentes de hum Systema sem que haja augmento ou diminuição delles. Com tudo como póde acontecer e acontece que os componentes perdidos, ou os adquiridos de novo sejão taes, que de senão attender a elles não resulta erro notavel; dir-se-ha muito bem que a transformação tem lugar além dos tres casos mencionados, tambem quando o augmento, ou diminuição dos componentes do Systema he tal que de senão attender a elles não resulta erro notavel. (§§. 86. 198. 199.).

Transições: Se nós reflectirmos, que cada huma das *Qualidades* que fazem objecto dos nossos conhecimentos póde ser hum particular ponto de vista, huma particular rubrica debaixo da qual podemos contemplar e dispor os differentes objectos da nossa Observação; facilmente concluiremos que qualquer dado objecto se ha de forçosamente achar comprehendido ao mesmo tempo em outras tantas ordens de systemas, quantas forem as differentes qualidades, que elle possuir (§§. 480. 481.) Huma immediata consequencia desta verdade he que dado hum Systema, cujos objectos nós suppomos distribuidos em diversos Gruppos (Classes, Ordens, Generos, ou qualquer outra que seja a sua denominação) ha-de haver hum grande numero de objectos que se achem, para assim dizer, no meio de dois ou mais Gruppos, possuindo de tal modo qualidades que caracterisão a cada hum delles, que nem se póde dizer decididamente que pertencem antes ao primeiro que ao segundo, antes ao segundo que ao terceiro, e assim por diante. Ora a estes entes que por não pertencerem mais a hum do que a outro Gruppo ficão assim collocados entre elles, e servindo como de passagem do primeiro para o segundo (e talvez entre muitos ao mesmo tempo), conveio-se em se lhes chamar *Transições* do Systema (§§. 413. 679. 696.): ponto este que deve merecer a mais seria contemplação do Philosopho sempre que se tratar de dispor em ordem systemas

tematica quaesquer objectos: sob pena de se incorrer em erros imperdoaveis, como vimos nos §§. 483. e seguintes: sendo certo que por senão ter prestado assás attenção a esta importante materia das *Transições* senão entrou no verdadeiro espirito, e particular caracteristica dos Systemas Natural e Artificial, cuja distincção assenta propriamente na doutrina das *Transições* como se póde ver pela Analyse que se contém nos §§. 480 — 494. e 606 — 639. de que se achará huma rapida exposição no artigo *Systema.*

Transmutação: V. *Transformação.*

Troca de letras. Modo de derivação das palavras, que comprehende a Antithese, a Diérese, a Synerese, o Diplasiasmo, a Synisése, e a Crase (§§. 432. 435.) V. *estes artigos.*

Tropo: Por este nome se designão todas aquellas expressões que tomadas no sentido em que ordinariamente se empregão significarião cousa diversa daquella que pelas circunstancias se conhece ter sido a mente do Autor o designar: Aos Tropos tambem se lhes chama *Figuras de conceito* (§. 425.). Comprehende a Metaphora, a Synecdoque, a Metonymia, a Catachrése, a Syllepse, a Metalepse, a Allusão, o Euphemismo, a Antomasia, a Litote, a Hyperbole, a Allegoria, e a Antiphrase (§. 425.) V. *este artigos.*

Universo: Esta palavra denota o complexo de todas as cousas, que existem. Se nós reflectirmos que nenhuma das partes B do Universo experimenta huma mudança D sem que no momento precedente o Universo A tenha experimentado outra mudança C; concluiremos que a *Causa total* de cada huma das mudanças de qualquer ente he o Universo, sendo *Causas parciaes* cada hum dos outros entes de que elle se compõe: relação esta que constitue a ligação, harmonia, e systema geral da Natureza. (§§. 177 — 188.).

Vapor: Fluido expansivel, mas visivel. (§. 152.).

Variedade: Quando huma Especie conhecida se offerece *ás vezes* acompanhada de caracteres accidentaes que faltão á maior parte dos Individuos da mesma especie, aquelles em quem esses caracteres accidentaes se observão, vem a formar huma nova Secção, a que se dá o nome de *Variedade* (§§. 398. 723.) Já se vê que não havendo entre huma *Variedade* e huma *nova Especie* outra differença, senão o

serem os caracteres addiccionaes meros accidentes na *Variedade*, entre tanto que para constituirem huma nova Especie deverião ser differentes Qualidades essenciaes: e não sendo sempre facil determinar, se essas differenças que estamos observando no Individuo, que temos diante dos olhos, são essenciaes ou accidentaes; he facil haver enganos tomando-se por Variedades o que são Especies, ou (o que he mui frequente) tomando-se por novas Especies, o que são meras Variedades. Observarei de passagem que a maior ou menor frequencia com que hum Naturalista cahe em cada hum destes dois erros he huma das melhores pedras de toque para avaliarmos o gráo de força a que elle tem chegado na Sciencia. Para hum Gmelin qualquer Variedade he huma nova Especie. Hum Willdenow, hum Hauy facilmente tratarão á cautela como simples variedade a huma nova Especie. Mas o golpe de vista genial de hum Linneo, ou de hum Werner raras vezes confunde huma cousa com a outra: sim póde passar em alto esses accidentes sem marcar Variedades; mas as que elle designou por taes tarde ou nunca se poderão qualificar de Especies (§. 723.) Quasi se póde afiançar sem excepção, que as Especies de qualquer destes dois incomparaveis Antesignanos da Sciencia já mais se verão retrogradar á Categoria de simples Variedades. Na analyse Critica, que desde o §. 720. até ao §. 732. se faz da doutrina de Linneo sobre as Rubricas Systematicas se assentão alguns principios fundamentaes de *Methodo* a este mesmo respeito.

Vegetal: Corpo organico, em quem não reconhecemos movimentos mechanicos espontaneos. (§. 175.).

Velocidade: V. *Celeridade*. (§. 130.).

Verbo: Chama-se assim ás palavras, que affirmão ou negão a existencia real, ou hypothetica de alguma cousa em tempo determinado, ou indeterminado (§. 239.). Divide-se em activo (§. 240), de acção transeunte (§. 241.): ou de acção intranseunte (§. 242.): passivo (243.): e neutro (§. 244.). Merecem particular consideração aquelles Verbos que são equivalentes a Phrases, e de que se trata no §. 459.

Verdade: Esta expressão quando se lhe não accrescenta, nem subentende o epitheto de *moral* significa conformidade do juizo de que se trata com a realidade do objecto

na Natureza (§. 216.). Se a verdade do juizo se conhece pelo simples enunciado, em razão de ser este concebido em termos identicos; chama-se-lhe *Verdade de simples intuição* (§. 254.) á differença das que só por meio de raciocinio se podem reconhecer, e a que por isso se lhes chama *Verdades de demonstração* (§§. 254. 255.). Tratando-se de qualquer objecto debaixo de hum só respeito, huma só asserção póde ser verdadeira; mas o numero das falsas, que se podem enumerar, não tem limites. Ha porém entre estas ultimas grandes differenças, quanto á sua influencia nos usos da vida social: influencia que nem sempre está em razão directa do absurdo que aquelles erros em si envolvem. Póde haver erros muito menos afastados da verdade do que outros: e entre tanto muito mais influentes sobre a publica e privada felicidade: huns em razão do grande mal que nella causão: outros pelo que causaria a sua repentina extirpação. Toda a Sociedade, ou seja domestica ou civil, assenta sobre certos principios e praticas, que com o andar dos tempos se tem identificado com a natureza das Familias, e dos Povos por maneira, que mesmo no caso de elles serem máos, repugna á natureza dos seres em geral, e em particular a natureza humana o perde-los de repente, e de repente adoptar e praticar os que lhe são oppostos ainda que por hypothese sejão os unicos que cumpra adoptar e praticar (§§. 104. 182. 183.). Não sendo pois possivel na ordem da natureza a repentina passagem do mal para o bem; o que póde resultar dos esforços para a repentina extirpação de hum erro intimamente ligado em principios e praticas arreigadas por antigo habito, he a degeneração do antigo erro para outro talvez ainda peior: bem como o mais que a humana prudencia se póde prometter de hum bem calculado plano de guerra contra taes erros (a que pela sua estreita união com os principios e pratica da educação de tal ou tal Familia, de tal ou tal Nação, se tem dado o nome a *Prejuizos nacionaes* ou *de Familia*) he de os fazer passar successivamente de mais a menos graves, de mais a menos absurdos, mediante o ensino de verdades *remotas* da que mais opposta he ao Prejuizo estabelecido; porém de tal modo escolhidas que a pouco e pouco se costumem os animos a deduzir successivamente, humas de outras, verda-

des cada vez mais approximadas a aquella, a que por fim intentamos chegar. Porém como o principal obstaculo á extirpação daquelles erros he segundo fica observado o acharem-se elles travados com os habitos e praticas radicadas por largo uso; cumpre sobre tudo (a aquelles que tem a seu cargo o governo, e a reforma dos Povos) modificar preçedentemente aquellas praticas e habitos, a fim de que affastando-se successivamente do erro se approximem cada vez mais da boa doutrina que se pretende inculcar. He neste sentido que no §. 587. se cita hum judicioso rifão do grande Fontenelle que jámais deve perder de vista quem entra na difficil empreza de desarraigar antigos Prejuizos, e ensinar verdades não só novas, mas até estranhas para aquelles a quem se ensina. Pelo que no citado §. fica advertido se conhecera que das *verdades remotas* de que ha pouco fallei, como necessarios preparativos para seguramente se atacar o erro em suas trincheiras sem o perigoso rebate de hum assalto, são as mais exactas *Definições* possiveis daquellas expressões, que pelo estudo da materia se conhecer, que por mal entendidas costumão ser os principiaes motivos do erro; pois que he evidente que rectificadas as suas idéas, passarão a ser por esse simples facto o mais seguro caminho para o descubrimento da Verdade.

Verosemelhança: Usa-se desta expressão para se affirmar, que a par das *qualidades* igualmente communs ao objecto de que se trata e aos outros seus congeneres, descobrimos outras que pela experiencia sabemos serem-lhe mais *habituaes* a elle, do que aos outros. Quanto maior for o numero que descobrirmos destas Qualidades *habituaes*, tanto maior diremos ser a *Verosemelhança* (§. 220.). V. *Probabilidade*.

Viciar-se: Este verbo serve para se enunciar o facto de que o Systema de que se trata perde de seus attributos, e se acha diminuto em sua actividade: qualquer que seja o estado dos seus antigos componentes considerados separadamente. (§. 196.).

Vida: Chama-se assim ao complexo de acções chimicas das partes de hum Systema, entre si, e com outros Systemas das quaes resulta a conservação do mesmo Systema, a que por isso se dá o nome de *vivo* (§. 167.): e a aquellas acções chama-se-lhes *vitaes*.

Virtual : Este epitheto se applica a aquelle effeito de que se quer affirmar que se bem não existira caso actual, com tudo se verificará em outra hypothese, que ou se exprime, ou se subentende. (§. 91.).

Virtude : Na sua mais geral significação val esta palavra o mesmo que *Faculdade* (§. 91.); mas em sentido menos geral designa o complexo dos attributos conservadores de qualquer Systema : e distinguem-se tantas *Virtudes*, quantos são os distinctos complexos de semelhantes attributos. (§. 195.). Após esta vem outra ainda mais particular significação, que ás vezes se especialisa com o epitheto de *moral*, e denota a *Acção moral de que se costuma seguir huma maior somma de gostos, que de dores.* (§. 297.).

Vitalidade : Chama-se assim ao complexo das forças vitaes que são essenciaes ao corpo de que se trata. (§. 168.).

Viveza : Esta expressão serve para denotar huma promptidão não ordinaria de perceber, de tirar inferencias, ou de imaginar. (§. 224.).

Vivo : V. *Vida* (§. 165.) — Quando este epitheto se applica á palavra *Força* serve a denotar que o caso de que se trata he aquelle em que se affirma que ella costuma produzir o seu effeito. (§. 91.).

Werner : No artigo *Mineralogia*, bem como nos de *Crystallisação* e *Hauy* se tem já dito em summa quanto em huma Obra como estas Prelecções he licito discorrer sobre os principios de *Methodo* adoptados por este immortal Creador da Mineralogia. Se ao extraordinario talento com que a Natureza dotou a Werner tivesse accrescido hum estudo reflexo dos principios philosophicos das Sciencias : se possuido da necessidade de reformar a Mineralogia elle tivesse começado por assentar como o grande Linneo praticára na reforma da Botanica as solidas bases do *Methodo* pelo qual se propunha fazer aquella reforma, passando em resenha as riquezas da Sciencia, tanto em *Factos*, como em *Nomenclatura* : não teria acontecido achar-se a cada passo no largo decurso da sua vida litteraria incerto e vacillante sobre os expedientes que o seu vasto genio, lhe inspirava : de que hum raro instincto lhe fazia entrever os defeitos ; mas de que lhe era impossivel por falta de principios acertar com o topico da radical emenda. Daqui veio que apenas nos deixou alguns fragmentos dos seus preciosissimos

trabalhos. Se estes fragmentos, junto á Descripção feita debaixo da sua direcção pelos seus melhores Discipulos Karsten, e Hoffmann) do Gabinete de Pabst d'Oheim forem comparados por algum outro seu distincto Discipulo com o proprio Gabinete de que por ordem de Sua Magestade fiz a inapreciavel acquisição em Freyberg, no anno de 1803., e que actualmente existe nesta Côrte do Rio de Janeiro; e com o Gabinete não menos precioso do mesmo Werner, com que ouço que S. M. El-Rei de Saxonia enriqueceu, por morte daquelle grande homem, o Museu Mineralogico de Freyberg; póde-se esperar de ver sahir á luz hum Corpo de doutrina verdadeiramente Werneriana: por quanto o que Emmerling, e Reuss, unicos Systemas que me consta existirem daquella Escola, nada mais são do que infieis copias das Postillas que de mão em mão corrião entre os Estudantes de Freyberg, de que seria difficil achar duas conformes: e nem huma que o fosse com as effectivas Prelecções de Werner. Isto foi o que tendo a incomparavel fortuna de assistir a ellas no curso de 1804. e 1805. depois de ter assistido ás do citado Karsten em Berlin no Curso de 1802. a 1803., tive occasião de conhecer por mim mesmo: e devo ao grande Creador da Mineralogia, e particularmente da Oryctognosia a justiça de protestar que as duas citadas Obras de Reuss, e Emmerling, bem como tudo quanto precedentemente se publicára como exposição da doutrina de Werner não tem comparação com a Deducção, e o Methodo deste insigne Mestre. A genealogia das *Côres*: a fórma e transições da *Fractura*: as series e cruzamento das *Laminas*: a determinação comparativa da dureza, e do *Peso especifico*: e até mesmo a successão das *Fórmas Crystalinas*: tudo se acha confundido e estropeado nas Obras que acabo de mencionar. Por ventura terão apparecido neste longo intervallo de dez annos, que tantos ha vivo cortado de toda communicação com o Mundo Litterario, por ventura terão apparecido mais felizes tentativas que eu ignoro: mas das mencionadas nenhuma he capaz senão de dar a mais falsa idéa das sublimes concepções do Fundador da Escola de Freyberg. Esta infiel tradicção, que ao longe levarão os seus Discipulos, junta aos effectivos defeitos de *Nomenclatura* e de *Methodo* (de que apontei alguns exemplos nos §§. 372. 373. 549. 550. 570. 571. 578. 579. 580. 669. 670.), foi motivo de se lhe não dar

n'aquellas mesmas partes onde lhe prestarão attenção, o apreço que aquella doutrina devêra ter encontrado: n'outras partes, como o foi especialmente na França, os Mineralogistas tratarão o *Systema dos caractéres exteriores* da Escola Allemã como huma empteza futil e aeria: e até digna de maior desprezo do que o que a leviandade de alguns Naturalistas de Gabinete havia projectado em semelhante genero na mesma França, e em outras partes do Meio-Dia da Europa.

Wieland: Não se póde dar mais exacta idéa deste Poeta, do que o fez em poucas palavras o celebre Herder, cuja delicada critica he geralmente conhecida; perguntando-lhe eu o que elle pensava das Obras daquelle seu Compatriota: *No meu conceito*, me respondeu elle, *são á Poesia, o que os Arabescos são á Pintura.* Quão differente era o conceito que elle fazia do seu divino Klopstock!

Zoologia: A pezar dos muitos defeitos com que ainda labora este vastissimo ramo dos humanos conhecimentos, em ponto de *Nomenclatura*, e de *Methodo* (como por forma de exemplo se aponta nos §§. 486. 490 — 494. 541 — 545. 578. 605 — 627. 670. 679 — 683. 711.): com tudo he citada nos §§. 694. 708. como modelo, ao menos em quanto dá idéa de hum *Systema fundado em qualidades exclusivas*, por contraposição aos que são *fundados em qualidades communs*: distincção importantissima na theorica dos Systemas, e que por isso se acha largamente expendida, e exemplificada nos §§. 690 — 697., e 703 — 708.

SUPPLEMENTO.

CRase: Troca de hum menor numero de letras por outro maior na derivação das palavras; por exemplo: *Artigo* de *Articulo.* (§. 435.).

Crystallisado: Configurado conforme a certas e determinadas leis. (§. 173.).

Crystallographia. *Theoria* de crystallisação, ou (na accepção d'alguns Autores) *Systema* dos Corpos crystallisados. Romé de Lisle tinha reunido em hum só corpo todas as observações dispersas de varios Mineralogistas, ás quaes elle accrescentou hum estupendo numero das proprias.

Hauy não só aperfeiçoou muito o trabalho de Romé de Lisle; mas creou a *Theoria* da Sciencia, e tentou crear-lhe huma adequada *Nomenclatura*. Porém quanto foi feliz no primeiro destes dois intentos, tanto deslisou no desempenho do segundo. Além de proceder sem *Methodo*, os nomes que inventou são a cada passo vagos, sem significação a proposito, e até não poucas vezes pueris, e falsos. Darei alguns exemplos: Telesia (corpo perfeito) — Cymóphano (ondeado) — Actinoto (Radiante) — Pyroxéno (Estranho aos Volcões) Staurótide (Cruciforme) — Sphéno (Cuneiforme) Stilbita (Que tem *certo* brilho) Chabasia (Nome que os antigos davão a huma pedra que se ignora qual ella seja) Analcima (Que deo poucas mostras d'electrecidade) etc. etc.

Mas o que acaba de demonstrar que aos trabalhos de Hauy presidio mais sagacidade que philosophia, he o projecto de assentar sobre a *Crystallisação* hum *Systema* de Mineraes, não advertindo na grande differença que existe entre classificar em Systema os Mineraes Crystallisados: e classificar segundo as differenças da Crystallisação todos os Mineraes. O primeiro destes dois projectos he de mui circunscripta utilidade: O segundo até seria absurdo, porque poucos são os Mineraes, que se encontrão crystallisa-

dos, em comparação dos que se achão em massa. Já se consideramos que para se determinar, a que elle chama *Molecula integrante*, he preciso as mais das vezes anatomisar o Mineral que se pretende reduzir; perde ainda mais de seu apparente merecimento aquella mechanica descoberta, que as mais das vezes senão póde applicar ao objecto, porque, ou nos naó he licito, ou nos não convem despedaçallo.

Quanto seja superior a estas acanhadas vistas o *Methodo oryctognostico* de Werner, se verá nos respectivos Artigos. (§. 549.).

Cuidadoso: Diz-se do animo que assidua, e reiteradamente applica a sua exclusiva attenção a hum determinado objecto. (§. 224.).

Cunha [José Anastacio da Cunha] Por dois modos temos tido occasião de o citar como superior a tudo quanto se conhecia em *Methodo e Nomenclatura* das Mathematicas. Quanto ao primeiro são magistraes as suas *Definições* em que se verão rigorosamente observadas todas as considerações que sobre esta importante doutrina expendemos em differentes partes destas Prelecções.

Quanto á *Nomenclatura* he admiravel o criterio com que evitou introduzir na Sciencia a Linguagem da Metaphysica; não só não se servindo nunca senão da simplicissima Linguagem da Analyse. (§§. 50. 665.).

Definir *huma expressão*: He enumerar as ideas que essa expressão suscita *em commum* a todos os que della se servem em caso semelhante a aquelle de que se trata. (§. 35.).

Como toda a expressão designa huma de tres cousas; a saber: ou o complexo das qualidades que constituem hum individuo: ou as que constituem o caracter da especie: ou em fim as que constituem o caracter do genero; segue-se, que tambem ha tres differentes sortes de Definição: I. de Individuo, que além das qualidades essenciaes abraça as accidentaes, e he o que se chama *Descripção* (§§. 36. 260.): II. de Genero que abraça sómente as qualidades essenciaes, cujo complexo se chama *caracter generico*; a que se chama Definição geral, ou completa (§. 259.): III. Definição de Especie, que do mesmo modo abraça sómente qualidades essenciaes (daquellas, cujo complexo constitue o *caracter especifico*) e a que se chama de

ordinario Definição particular, e eu lhe dei o nome de Elemento da Definição [geral, que he a que só merece este nome (§. 205.) (§§. 258. 260 — 262. 399. 401.].

Desta distincção se deduz, que se o que se nos pede he o que significa tal ou tal expressão em hum caso particular; a nossa resposta deve ser com a *Definição especifica* desse caso; porque nelle essa he a mais geral possivel. Porém se se nos pergunta qual he o sentido da expressão em todo e qualquer caso; então he forçoso dar a *Definição geral*: nem podemos bem satisfazer de outro nenhum modo.

He verdade que se podermos mostrar que os casos, em que aquella expressão se emprega, são poucos em numero; e depois de os determinarmos com effeito, dermos as definições para cada hum desses casos; poderemos dizer em rigor que temos completamente definido a expressão, e he este o methodo que eu chamo *Definir por elementos.* (§§. 259. 261. 400.).

Com tudo he grande o risco, e por tanto grandes os inconvenientes deste methodo de definir: primeiramente, porque não he facil o demonstrar que os casos apontados são com effeito todos os em que a expressão se pode empregar. Em segundo lugar he mui facil o esquecer que esta ou aquella das Definições especificas não respeita senão a hum caso particuar, e tomarmo-la como geral (§. 262.) Em terceiro lugar em fim he evidente que o problema proposto de darmos *huma* definição da expressão, só fica satisfeito quando em *hum só* enunciado abrangermos o que he commum a todos os casos particulares do seu uso. (§§. 205. 263.).

Os casos, em que qualquer expressão se póde empregar, ou são dados pela *experiencia*, ou se tomão por *hypothese.* Esta distincção dá origem a duas sortes de *Sciencias*: *Positivas* e *Hypotheticas* (§§. 259. 267. 512. Nas primeiras affirma-se que os homens entendem pela expressão, de que se trata, isso que nós enumerarmos na respectiva Definição. Nas outras, não affirmamos que seja esse o sentido que lhes dão os que dellas se servem, mas suppomos e postulamos que o seja.

Tres são os modos porque se póde recorrer ao uso destas Definições Hypotheticas: 1.º Não entrando nenhuma

Positiva: 2.º Sendo as de humas, expressões Hypotheticas: e as de outras, Positivas: 3.º Admittindo-se duas ou mais Definições de huma só expressão · das quaes Definições só huma póde ser Positiva; as outras só por hypothese he que se póde admittir que não envolvem contradicção com a primeira; porque a não ser por hypothese, havia de ser por demonstração: e então era huma Proposição demonstrada, e não huma Definição. A estas Definições accessorias chama-se-lhes *Axiomas* (§§. 256. e seg.) E tanto ellas como as demais Hypotheticas são verdadeiros Postulados. (§. 258.).

Talvez poderá parecer que além das Definições Positivas e Hypotheticas, ha huma terceira especie, ás quaes ainda convem melhor a qualificação de *Postulados*: quero fallar daquelles casos em que tendo novas analyses rectificado as idéas, que se tinhão de hum objecto, alteramos em consequencia aquella parte da Linguagem, que lhe diz respeito: tiramos das Definições, ou accrescentamos-lhes segundo as novas descobertas indicarem; mas sempre *sub spe rati* do Soberano Uso, em quem reside exclusivamente o direito de legislar sobre as Linguas. Mas tambem estas Definições em quanto não são ratificadas pelo Uso, que as constitue *Positivas*, ficão sendo meras *Hypotheses*. (§§. 598. e seguintes.).

Outra distincção de Definições se menciona nos Livros de Philosophia, e que tem dado origem a grandes erros; vem a ser: *Definições Historicas* e *Philosophicas*, (ou como outros se explicão) *Definição de Nome*, e *Definição da cousa em si mesma.* Ha poucos erros que tenhão sido tão nocivos como este.

Definir o que a cousa he em si mesma não pode ser senão *enumerar as suas qualidades*: e já se vê que ha de ser aquellas qualidades que nós lhe conhecemos: e por conseguinte aquellas que nos traz á lembrança o nome della, quando o ouvimos; e logo, as que igualmente se suscitão ás pessoas que nos entendem, quando nos ouvem pronunciar esse nome: e logo em fim *Definir o que a cousa he em si mesma he enumerar as idéas que tem em commum os que se servem* (fallando e ouvindo) *desse nome.* [illegible] isso he o que se chama *Definir o nome.* Logo he [illegible]ginaria tal distincção. ([illegible]. 602. 603.).

Philosophos da primeira ordem, taes como Condillac, inferirão daqui *que as Definições nada nos ensinão, a não serem entidades imaginarias e chimericas*: e que andavão muito errados aquelles Philosophos que lhes davão o honroso appellido de *Principios dos nossos conhecimentos*. Condillac e os mais que assim pensão, não advertirão que nem só se chamão conhecimentos os de factos, que unicamente nos podem vir pela *Observação*. Tambem são conhecimentos as conclusões que deduzimos por *demonstração* em nossos *Raciocinios*. Ora o Raciocinio em nada mais consiste que na successiva transformação da asserção primitiva em outras e outras, pela substituição das definições em vez das palavras que lhes erão equivalentes: e logo as Definições que assim substituidas formão o Raciocinio, vem a ser os principios do mesmo Raciocinio donde se deduzem as consequencias delle. (§§. 270. 277. e seg.).

Serem as Definições principios donde deduzimos por via de raciocinio varias conclusões, quer dizer: que começando nós por enumerar certas qualidades de hum objecto, chegamos por meio de raciocinios a conhecer a existencia de outras qualidades do mesmo objecto. Ora acontece muitas vezes que se começassemos por enumerar estas ultimas, poderiamos vir igualmente por meio de raciocinios no conhecimento das primeiras.

Donde se segue que ha muitos casos em que fica ao arbitrio do Escriptor tomar huma dada asserção como Definição, para della deduzir outra asserção: ou tomar esta por Definição, para dahi deduzir aquella como conclusão.

Nestes casos deve-se observar como regra geral o tomar-se para Definição aquella das duas asserções donde se póde deduzir com mais facilidade hum maior numero de outras asserções. (§§. 360. 364. e seg.).

Seja porém qual for a natureza das Definições sempre devem ser concebidas nos termos e Linguagem propria da Sciencia, Arte ou Profissão em que tem de figurar. Assim por exemplo he erro grave que commettem os Botanicos, e Zoologistas quando introduzem nas suas Definições ideas Physiologicas, ou Anatomicas: ou os Mineralogistas que recorrem a qualidades chimicas; pois que taes caracteres suppoem observações e dissecções incompativeis com os principios de diagnose (§. 372.) Do mesmo modo pecão

gravemente os Mathematicos contra a sublime pureza da Sciencia que ufanos appellidão Sciencia por Antonomasia, quando em suas Definições fazem entrar idéas a ella estranhas, taes como as de movimento em pontos de Geometria, ou mesmo (o que ainda he menos desculpavel) nos da Analyse (§§. 369. 371. 663. e seg.).

Farei ainda duas advertencias sobre a Arte de Definir: e com isso terminarei o que a este respeito cumpre dizer por agora. A primeira he, que se bem na Definição senão devem enumerar senão qualidades essenciaes, nem por isso se devem enumerar todas as qualidades essenciaes. Por quanto havendo casos em que conhecida a existencia de algumas dellas no objecto se infere a existencia das outras por meio de raciocinios, como acima fica observado; he evidente que enumeradas na Definição as primeiras seria inutil repetição enumerar as outras, que por meio de raciocinios podemos deduzir (e he este o caso de se escolher a Definição, que for mais fertil em consequencias: como tambem, ha pouco observavamos). (§. 36.).

A segunda advertencia he, que devemos evitar a pratica de alguns que julgão poderem colligir o verdadeiro sentido de huma expressão combinando as Definições dos differentes Escriptores que tratarão da materia, como aquelles que parece deverem ser os que melhor nos podem attestar o que por tal expressão se costuma entender. Sem duvida que quando entrarmos na Analyse que nos tem de descobrir o que por qualquer dada expressão entendem, os que della se servem em semelhante caso, não devemos deixar de parte os que sobre a materia tem escripto; mas he essencial o reflectir que huma cousa he o sentido que esses Escriptores praticamente dão á expressão em commum com todos os mais que della se servem: e outra cousa he o sentido que lhe dão quando se esforção por defini-la. Quando usão da expressão, sem cogitarem da sua definição, estão na ordem geral de todos os homens, que della se servem. Mas quando se esforção por defini-la podem acertar ou errar. A experiencia prova, que errão as mais das vezes; pois que ninguem ha que ignore quanto são raras as boas Definições: E por tanto que vantagem [illegible]mos tirar de más Definições? (§. 601.).

Cumpre por tanto qu[illegible] sobre tudo tenhamos sempre

em vista o unico verdadeiro methodo de definir. Consiste elle em se tomar ao acaso hum grande numero de differentes phrases em que entre a expressão que se quer definir, e das quaes se costuma usar em casos identicos, a aquelle de que tratamos. Comparadas entre si estas differentes phrases, não será difficil colligirmos quaes sejão as idéas que em todas ellas suscita em nós aquella expressão: e essas he que devem constituir a sua Definição. O meio que mais facilita o conhecimento daquellas idéas, he de suppormos, que se controverte a verdade de cada huma daquellas phrases; porque para ella se demonstrar he preciso substituir a aquella expressão outras, que sendo mais conhecidas, lhe sejão equivalentes. Ora o complexo dessas he que constitue a Definição.

Supponhamos pois havermos assim formalisado huma Definição; teremos probabilidade de ella ser exacta: mas nem por isso se deve dar por certa sem primeiro a experimentar.

O methodo de pôr em prova huma Definição consiste em tomar igualmente ao acaso hum certo numero de phrases em que entre a expressão definida, e que se costuma usar em casos identicos a aquelle, de que se trata: substituir-se em cada huma dellas a tal Definição á expressão definida: e ver se o sentido da phrase fica o mesmo que era d'antes. Ficando o mesmo, teremos tanto maior probabilidade de ser boa a Definição, quanto maior for o numero de phrases em que isso verificarmos: até que pelo grande numero de provas adquiriremos plena certeza. (§. 38. 588.).

A reunião destas duas praticas de achar e verificar as Definições he quem unicamente nos póde conduzir a conseguirmo-las exactas. Todo outro methodo só nos póde envolver em hum inextricavel labyrintho de erros e enganos.

Não devo terminar este artigo sem observar, que a doutrina nelle contida he a par da dos Systemas a parte mais importante da Philosophia: porque em Definir e Classificar as expressões de qualquer Sciencia he que se encerra toda a Philosophia da mesma Sciencia. (§§. 4. 7. 9. 315. 317. e seg.) Ha porém esta grande differença que não he possivel Classificar ordenadamente as expressões antes de as ter bem definido: entre tanto que huma vez bem defi-

nidas, póde-se dizer que de si mesmas se arranjão e classificão sem ulterior esforço; pois que as definições estão explicitamente mostrando as analogias conforme ás quaes as mesmas expressões se devem distribuir em Systema. (§§. 13. 14.).

Prelecções Philosophicas: Posto que seja livre a cada hum a escolha do assumpto sobre que vai a escrever, e o ponto de vista debaixo de que se propõe tratá-lo; incumbe-lhe a rigorosa obrigação de pôr os seus Leitores ao facto, tanto de huma como de outra cousa; porque sem isso lhes he impossivel entrarem no verdadeiro espirito da Obra: principalmente quando esta deve ter por primeiro requisito hum certo gráo de generalidade, concisão, e laconismo. Foi nesta mente, que antes de começar as presentes Prelecções dei huma *Idéa Geral* dos objectos sobre que deverião versar, sem com tudo indicar ordem alguma em que elles se houvessem de succeder huns aos outros: antes na *Advertencia* que precede á mesma *Idéa Geral*, preveni aos meus Ouvintes e Leitores, não ser esta huma Obra escripta de antemão, e com a necessaria antecedencia para se lhe dar a fórma methodica que compete a hum Livro Elementar, antes de o entregar á Impressão. A pezar desta prevenção acontece que huns qualificárão estas Prelecções como se fosse hum *Curso elementar de Philosophia*: outros as tem considerado como hum *Extracto das doutrinas dos melhores Philosophos antigos e modernos*. Ambos estes juizos são errados. Estas Prelecções estão tão longe de ser hum Curso elementar de Philosophia, como de serem hum Archivo das doutrinas dos Philosophos. Hum Curso elementar de qualquer Sciencia não deve conter senão os Principios da mesma Sciencia dispostos em tal ordem que habituando o animo dos ouvintes a desenvolverem, já analytica, já syntheticamente as idéas que vão successivamente adquirindo, o todo se comprehenda em hum curto espaço; pois que dados os Principios, he depois obra do tempo, e do estudo fazer applicação delles aos differentes casos em que isso póde ter lugar. Bem pelo contrario deste plano, que he geral para quaesquer Elementos, o que eu me propuz nestas Prelecções foi communicar aos meus Ouvintes quanto successivamente me fosse occorrendo sobre os cinco objectos mencionados, e

definidos na *Idéa Geral* desta Obra: e mesmo exemplificando as doutrinas com applicações aos principios das differentes Sciencias, de que se deve presumir instruida huma Mocidade que houver acabado a sua educação. Por quanto he para pessoas que sem serem consumadas em nenhuma Sciencia, tem as noções elementares de todas as chamadas Academicas, e não para ensinar os primeiros rudimentos que eu me propuz abrir este Curso de Prelecções. (§§. 581 — 584).

Tão pouco foi minha tenção offerecer nesta minha Obra á Mocidade já educada hum Extracto do que se encontra de melhor nos principaes Autores que escreverão sobre estas mesmas materias: antes pelo contrario cuidadosamente fujo de repetir o que me lembra ter lido em alguma parte: excepto huma ou outra simples asserção necessaria para a successão das idéas, e para a ligação do discurso. Nada seria tão inutil, como repetir o que anda escrito em livros que ninguem se deve dispensar de ler por inteiro.

Assim o que eu me propuz nestas Prelecções, foi accrescentar aos trabalhos precedentes, as observações, que, na pequena proporção que me permittião meus talentos, me occorressem sobre as differentes materias que se fossem offerecendo sobre o Discurso e a Linguagem, a Esthetica, a Diceosyna, e a Cosmologia, seguida ou interpoladamente: quer fossem doutrinas novas, quer fosse correcção ou modificação das de outros.

Com effeito se se correrem os olhos pelas Prelecções que até ao presente tem apparecido, poucas serão as doutrinas, e ainda menos as definições, que se possão apontar em algum outro Escriptor: não porque seja meu intento abater o merecimento que a cada hum delles póde competir; mas porque onde me persuadi terem elles acertado, nem eu tinha que emendar, nem era do meu plano o copia-los. (§. 584.).

Não fallando pois das Definições (que segundo o plano que adoptei, e que expuz nos §§. 585 — 589., devem fazer a parte caracteristica destas Prelecções) e das quaes definições não haverá talvez huma duzia, que se pareção com as de tal ou tal Autor celebre; o Critico a quem esta Obra se antolhou como hum Extracto dos Philosophos

antigos e modernos, não poderá certamente apontar onde vio a Divisão das Sciencias Philosophicas (*Idéa Geral*, e §§. 1 — 8, e 20 — 30.): onde a Theoria das Sciencias em geral, e seus cinco elementos (§§. 9 — 19. e XIV. Prelecção): onde encontrou a Theorica dos Generos e Especies (§§. 13 — 15.): donde he tirada a Theoria das Causas e Effeitos (§§. 87 — 92., e a V. Prelecção): onde achou a Theorica do Tempo e do Espaço (§§. 107 — 129.): onde as idéas elementares de Physica expostas na IV. Prelecção: onde os Principios Grammaticaes da VI. e XII. Prelecção: onde vio a distincção entre Juizos e Juizos (§§. 265. *e seguintes*) onde a Theorica do Syllogismo (§§. 268. *e seguintes*): donde extrahi a Theoria dos Tropos (§§. 392 — 425.): [compare-se este curto Tratado com o de Du Marsois]: onde se encontra a Theoria dos Synonymos (§§. 206. 207. 337. &c. 356 — 362. 374 — 383. 562 — 580): donde he copiado o Parallelo das Sciencias Moraes com as Sciencias Physicas e Mathematicas (Prelecção XIV. e seguintes). Se aquelle Critico leu o Tratado dos Systemas de Condillac, deve dizer se he dalli, ou donde he extrahido o corpo de doutrinas sobre os *Systemas* (§§. 13 — 15. 481 — 780) Pois que he de Condillac que o mesmo Critico affirma ser extrahida a maior parte das Prelecções, cumprelhe mostrar como isto seja compativel com a refutação de toda a theoria dos Methodos Analytico e Synthetico daquelle Philosopho que se acha nos §§. 230. etc. 276. 300. — 308. 476. 478. 591. 591. 592.: a refutação das suas idéas sobre os Principios dos nossos conhecimentos (§§. 270 — 290): e sobre a inutilidade das Definições que elle se empenha em demonstrar (ibid.). Em fim, pois que parece tão instruido, não deixará de ter lido o famoso Tratado de Bichat sobre a Vida: e por tanto deve dizer se he dalli, ou de outro algum Autor que são tiradas as Definições da *Vida*, *Vitalidade*, etc. (§§. 168 — 169.) cuja falta se faz sentir em toda a Physiologia. Compare finalmente aquelle Critico as observações que da IX. Prelecção por diante se encontrão sobre as Obras d'Aristoteles com qualquer dos innumeraveis Commentadores daquelle Philosopho; e mostre de qual delles são extrahidas. E já que fallamos d'Aristoteles, de quem o mesmo Critico diz que eu devêra saber que as *Categorias* lhe forão falsamente attribuidas; res-

pondo: que sendo para o meu intento questão muito ociosa, como se chamava o Autor daquella Obra, pois que isso nada tira nem accrescenta ao seu merecimento; me não devo demorar em mostrar que ella he com effeito de Aristoteles: e limito-me a remeter o nosso Critico para a Prefação que o celebre Buhle fez preceder ás mesmas *Categorias* na edição que deu das Obras d'Aristoteles em Duas-Pontes no anno 1791. e seguintes.

Universo: Os Antigos não davão a esta palavra o mesmo sentido que os Modernos. Entre elles denotava o complexo de todos os Entes passados, presentes, e futuros, sem excepção alguma. Os Modernos porém tem limitado esta expressão á serie de Individuos que por huma successiva transformação tem existido, existem, ou hão de ainda vir a existir para o futuro.

Por ignorarem, ou não reflectirem nesta distincção tem prestado aos Antigos opiniões as mais alheias do seu modo de pensar, os Autores que escreverão a Historia da Philosophia.

Vivo: Se pela definição do §. 165. se chamão *Vivos* aquelles corpos, cuja duração deriva de huma serie de acções chimicas das suas partes entre si e com os outros corpos; não se deverá dizer que vive hum Cadaver, cujas partes continuando a estar em reciproca acção chimica entre si, logo que a esta accresce a de hum balsamo, resulta como effeito a continuação da sua existencia? Tal he a objecção que me fazia hum dos mais illustres ornamentos da nossa Litteratura, digno emulo dos Fontenelles, e dos Condorcets, e de quem respeito tanto as luzes, quanto prezo a amizade.

Mas bem longe da duração de huma Mumia derivar de *huma serie de acções chimicas* das suas partes entre si e com outros corpos, he pela quasi cessação de toda acção chimica, cessação devida á interposição do balsamo, que ella consegue continuar a existir sem mudança, ou alteração sensivel, nem no todo, nem n'algumas das suas partes. Bem pelo contrario quem diz *vida*, segundo a definição do §. 165. diz *huma serie de acções chimicas* entre as partes do corpo de que se trata humas com as outras, e com outros corpos; isto he: diz huma serie de productos resultantes da combinação das partes desse cor-

po entre si, e com outros corpos: productos, que sendo differentes tanto dos corpos externos como das partes internas daquelle de que se trata, são com tudo os que fazem que este em cada momento dado he sensivelmente o mesmo que era no momento precedente: que he o que constitue a duração do Systema.

Ora na Mumia não se verifica esta serie de productos: não se verifica a *serie de acções chimicas* exigida na definição (§. 165.): e por conseguinte não lhe compete pela mesma definição o epitheto de *viva*, mas sim de *morta*, pois só deve a sua duração á nenhuma acção chimica das suas partes entre si, e com os outros corpos: Ja se vê que quem diz *nenhuma*, quer dizer tão vagarosa e lenta, que só póde ser appreciavel ao cabo de hum largo espaço de tempo. Mas logo que nós supposermos huma serie appreciavel de acções chimicas na Mumia, como em qualquer outro dos corpos que chamamos *mortos* (ou mais propriamente *inorganicos*) não podemos deixar de admittir que bem longe de se seguir dessa *serie de acções chimicas* a sua *duração*, só se póde seguir a sua *destruição*. (§§. 196. 197.)

ERRATAS.

Pag.	Linh.	*Erros.*	*Emendas.*
2	11	§. 27. O que	O que
	12	e o que	§. 27. E o que
4	13*	a outras	as outras
6	6	12	11

N. B. *A numeração dos* §§. *desde aqui até ao fim desta I. Prelecção deve-se emendar nesta mesma conformidade.*

Pag.	Linh.	Erros.	Emendas.
9	1	comprehendem	comprehende
	3	no	nome
15	15	palavra expressão	expressão
	9*	sua	huma
	8*	della	ella
	2*	quando	querendo
16	10*	mais	meu
17	6	unidas	usadas
	6*	as petalas	os petalos
	4*	huma	hum
	3*	petala	petalo
		das outras	dos outros
18	2	duas	dois
	3	petalas	petalos
	4	as petalas	a dos petalos
		e da	e a
	11	vamos	hiamos
28	10*	partes	parte
30	13*	do momento	do do momento
46	6*	passe)	passe) ficão em direitura
61	11*	Consta	Consiste
63	15	§. 189.	§. 192.
	18	§. 194.	§. 197.
71	8*	§. 221.	§. 222.
77	12	chamão-se proprios	chamão-se *appellativos*. Todos os outros se chamão proprios.
79	4	*evidencia*	de *evidencia*
82	2	*duas*	*cortadas por huma terceira duas*
	4	*menores*	*maiores*

ERRATAS.

Pag.	Linh.	Erros.	Emendas.
83	3	271.	861.
84	7	§. 244.	§. 261.
	8	§. 253.	§. 260.
86	10	dados	dadas
	11	esses	essas
88	16 e 17	transcrevem os	transcrevemos
92	5*	Hypothese	Synthese
118	3*	caractes	caracteres
124	17	§. 298.	§. 334.
127	16	309. Ainda	Ainda
134	4*	outros Nós	outros; nós
135	14	naquelles	aquelles
	6*	Kauts	Kants
148	4*	desouso	desuso
157	16	grandeloquo	grandiloquo
162	8*	*velas*	*velas*; he
169	16	nos Italianos	dos Italianos
176	13	definiria	definirei
177	1	Em este	En este
179	5	402.	442.
190	10	§. 378.	§. 398.
	9*	criminar	terminar
200	8*	da luz	de luz
202	5*	Na seguinte Prelecção	Nas seguintes Prelecções
211	1*	§. 578.	§§. 5, 7. 8.
245	13*	Lavroisier	Lavoisier
254	14	expressão, que assim	expressão assim
270	2*	eu	que eu
315	14*	imaginados	bem imaginados
318	3*	*665.* Homens	Homens
339	19	methodo	methodo §. *697.*—Tentativas feitas para se remediar a estes defeitos — §. *698.* Duvida sobre a expressão *Reinos da Natureza* — §. *699.* Razões desta duvida — §. 700. Exame destas razões — §. 701. Resposta á mencionada duvida — §. 702. Conclusão.